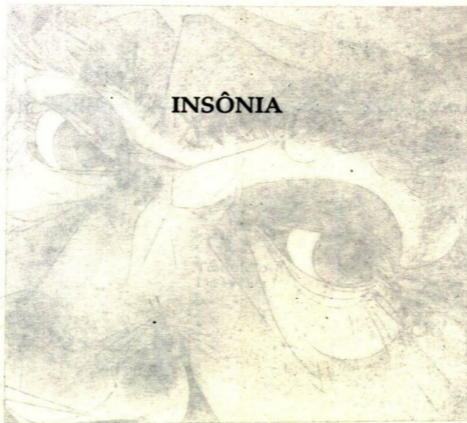
STEPHEN KING

INSÔNIA

STEPHEN KING

EDITORA OBJETIVA

STEPHEN KING

INSÔNIA

EDITORA OBJETIVA

STEPHEN KING

INSÔNIA

Tradução

Lia Wyller

Título original: Insomnia

Direitos em língua portuguesa para o Brasil, adquiridos

à RALPH VICINANZA, LTD., por

EDITORA OBJETIVA LTDA., Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — CEP 22241-090

lei.: (021) 205-7824 — Fax: (021) 225-8150

Capa: Tira Linhas Studio

Revisão: Sônia Maria Oliveira Lima

Gislene Monteiro Coimbra

Henrique Tarnapoisky

1995

10 9 8 7 6 5 4 3 2

Para Tabby... e para Al Kooper,

que conhece o campo de jogo. Não porque eu quisesse.

PRÓLOGO

DANDO CORDA NO RELÓGIO-DA-MORTE (I)

A velhice é uma ilha cercada de morte.

Juan Montalvo

Sobre a Beleza

1

NINGUÉM — e muito menos o Dr. Litchfield — disse francamente a Ralph Roberts que sua mulher ia morrer, mas chegou um momento em que Ralph compreendeu isso sem precisar que lhe dissessem. Nos meses de março a junho, sua cabeça passou por um período barulhento e atordoante

— um período de reuniões com médicos, corridas noturnas ao hospital com Carolyn, viagens a outros hospitais em outros estados para fazer testes especiais (Ralph gastava boa parte do tempo da viagem agradecendo a Deus pelo seguro médico de Carolyn, que tinha cobertura total), pesquisas pessoais na biblioteca pública de Derry, primeiro à procura de respostas que os especia-listas pudessem ter deixado escapar, depois à procura de esperança e de alguma coisa a que se apegar.

Naqueles quatro meses lhe pareceu que o arrastavam, bêbado, por um parque de diversões maligno, em que as pessoas que se perdiam no labirinto de espelhos estavam realmente perdidas, as que andavam nos brinquedos estavam realmente aos berros, e os habitantes do Castelo das Bruxas o olhavam com sorrisos falsos nos lábios e terror nos olhos. Ralph se apercebeu disso aí pelo meio de maio, e quando junho chegou, ele começou a compreender que, nesta feira dos horrores, os mascates da medicina só tinham remédios inócuos para vender e que o ritmo alegre e rápido da música que saía dos alto-falantes já não escondia muito bem que se tocava ―A marcha fúnebre‖. Era um parque de diversões, sim, mas de almas perdidas.

Ralph continuou a negar essas imagens terríveis — e a idéia ainda mais terrível que o espreitava por trás delas — durante todo o início do verão de 1992 mas, quando junho cedeu a vez a julho, isto se tornou finalmente impossível. A pior onda de calor desde 1971 atravessou o Maine central, e Derry cozinhou num caldo de mormaço, umidade e temperaturas diárias em torno dos 32 graus. A cidade — que não era uma metrópole movimentada nem nos seus melhores dias — mergulhou num completo estupor, e foi nesse silêncio abafado que Ralph Roberts ouviu pela primeira vez o tiquetaque do relógio-da-morte e compreendeu que, na passagem do verdor frio e úmido de junho para a imobilidade ressecada de julho, as chances mínimas de Carolyn se eclipsaram. Ela ia morrer. Não neste verão, provavelmente —os médicos diziam que ainda contavam com alguns coringas escondidos nas mangas e Ralph tinha certeza que sim — mas no outono ou no inverno. A companheira de uma vida, a única mulher que amara, ia morrer. Ele tentava negar a idéia, censurava-se por ser um velho mórbido, mas nos silêncios ofegantes daqueles longos dias de calor, Ralph ouvia o tique-taque em toda parte — chegava a lhe parecer que vinha de dentro das paredes.

Contudo era mais forte quando vinha da própria Carolyn e, quando ela virava o rosto calmo e pálido para ele — talvez para pedir que ligasse o rádio enquanto ela descascava vagens para o jantar, ou lhe pedir para correr ao mercadinho e lhe comprar um sorvete — Ralph percebia que Carolyn também ouvia o tique-taque. Lia isto nos seus olhos escuros, a princípio, somente quando ela se encontrava lúcida, porém, mais tarde, mesmo quando seus olhos se embaçavam com os analgésicos que tomava. Por aquela altura o volume do tique-taque aumentara muito e, quando Ralph se deitava ao lado da mulher naquelas noites quentes de verão, quando um simples lençol parecia pesar cinco quilos e todos os cachorros de Derry pareciam estar uivando para a lua, ele escutava o relógio-da-morte tiquetaquear dentro de Carolyn e tinha a impressão de que o próprio coração ia se partir de tristeza e terror. Quanto ela teria que sofrer até chegar ao fim? Quanto ele teria que sofrer? E como seria possível viver sem ela?

Foi durante esse período estranho e sobrecarregado que Ralph come-

çou a fazer longas caminhadas, cada vez mais longas, nas tardes quentes de verão e nos lentos crepúsculos, voltando muitas vezes demasiado exausto para comer. Ficava à espera de que Carolyn o censurasse por tais saídas, que dissesse *Por que não pára com isso seu velho tolo? Você vai se matar se continuar a caminhar neste calor!* Mas nunca disse nada e ele gradualmente percebeu que ela nem sequer sabia. Que ele saía, sim — isto ela sabia. Mas não quantos quilômetros caminhava, ou que muitas vezes retornava a casa trêmulo, exausto, prestes a ter uma insolação. No passado, parecera a Ralph que ela via tudo, até mesmo uma alteraçãozinha mínima na risca que repartia seus cabelos. Agora não; o tumor no cérebro lhe roubara o poder de observação da mesma maneira que em breve lhe roubaria a vida.

Então ele caminhava, saboreando o calor ainda que, por vezes, sua cabeça girasse e seus ouvidos zumbissem, saboreando-o principalmente porque fazia seus ouvidos zumbirem; havia mesmo vezes em que, por horas inteiras, os ouvidos zumbiam tão alto e a cabeça latejava tão forte, que ele não conseguia ouvir o tique-taque do relógio-da-morte de Carolyn.

Caminhou por grande parte de Derry naquele julho calorento, um velho de ombros estreitos e cabelos brancos que começavam a ralear e grandes mãos que ainda pareciam capazes de trabalho pesado. Ele caminhava da rua Witcham até Barrens, da rua Kansas até a Neibolt, da rua Central à ponte Kissing, mas seus pés o levavam com mais freqüência para oeste pela Avenida Harris, onde Carolyn Roberts, ainda bela e muito amada, vivia seu último ano numa névoa de dores de cabeça e morfina, até o prolongamento da Avenida Harris, conhecida como Extensão da Harris, e o aeroporto municipal de Derry. Ele fazia todo esse

percurso — que não tinha árvores e ficava inteiramente exposto ao sol inclemente — até sentir as pernas amea-

çarem bambear e ceder sob o peso do corpo, ponto em que iniciava a volta.

Muitas vezes parava para recuperar o fôlego na sombra de uma área de piqueniques, próxima à entrada de serviço do aeroporto. À noite o lugar era ponto de namoro e biritagem para adolescentes e vibrava ao som do rap vindo dos possantes rádios, mas durante o dia era o domínio mais ou menos exclusivo de um grupo que o amigo de Ralph, Bill McGovern, chamava Os Coroas da Avenida Harris. Os Coroas se reuniam para jogar xadrez e cartas ou apenas para uma conversa fiada. Ralph conhecia muitos deles há anos (chegara a freqüentar o primário com Stan Eberly), e se sentia à vontade com todos. . desde que não se intrometessem muito em sua vida. A maior parte não se intrometia mesmo. Eram na maioria ianques da velha guarda, condicionados a acreditar que assunto que homem não comenta é assunto que só interessa a ele e a mais ninguém.

Foi numa dessas caminhadas que ele percebeu que havia algum problema muito sério com Ed Deepneau, seu vizinho de rua.

2

NAQUELE DIA, Ralph caminhara muito mais longe pela Extensão da Harris do que de costume, possivelmente porque nuvens de tempestade tinham escondido o sol e começara a soprar uma brisa fresca, ainda que in-constante. Ele mergulhara numa espécie de transe, sem pensar em nada, sem olhar para nada exceto as pontas empoeiradas dos seus tênis, quando o vôo 445 da United Airlines, procedente de Boston, passou rasante, trazendo-o de volta ao presente com o silvo aterrador de suas turbinas.

Ele observou o avião, ainda alto, cruzar os trilhos da velha estrada de ferro GS&WM e a cerca de arame que demarcava o terreno do aeroporto, observou-o baixar em direção à pista, reparou nos rolos de fumaça azulada que escaparam quando as rodas tocaram o chão. Então consultou o relógio, viu que estava ficando tarde e ergueu os olhos arregalados para o teto cor de laranja da lanchonete Howard Johnson's mais além. Estivera em transe sim; caminhara mais de oito quilômetros sem a menor noção da passagem do tempo.

Tempo de Carolyn, murmurou uma voz lá no fundo de sua mente.

Isso mesmo; tempo de Carolyn. Ela estaria lá no apartamento contando os minutos que faltavam para lhe darem outro Darvon Complex, e ele na rua do outro lado do aeroporto. . de fato, a meio caminho de Newport.

Ralph olhou para o céu e pela primeira vez realmente viu as nuvens de tempestade roxo-hematoma que se empilhavam sobre o aeroporto. Não significavam chuva certa, por ora, mas se chovesse, ele quase certamente seria apanhado na rua; não havia nenhum abrigo entre o lugar em que se encontrava e a areazinha de piquenique próxima à pista, e não havia nada ali a não ser um pequeno mirante desconjuntado que exalava sempre um leve odor de cerveja.

Deu outra olhada no teto cor de laranja, então meteu a mão no bolso direito e apalpou o macinho de notas preso por um clipe de prata, presente de Carolyn no seu sexagésimo quinto aniversário. Não havia nada que o impedisse de esticar até o Howard Johnson‘s e chamar um táxi.. a não ser talvez a cara que o motorista poderia fazer. Velho idiota, talvez dissessem seus olhos no retrovisor. Velho idiota, andou muito mais do que devia num dia quente desses. Se estivesse nadando, teria se afogado.

Paranóia, Ralph, disse a voz em sua mente, e agora seu tom zombeteiro e ligeiramente condescendente lembrou-lhe o Bill McGovern.

Bem, talvez fosse, talvez não. Mas, de qualquer jeito, pensou, arriscaria apanhar chuva e voltaria a pé.

E se não cair apenas chuva? No verão passado as chuvas de pedras foram tão fortes que no mês de agosto uma delas quebrou todas as janelas no setor oeste da cidade.

— Que chova pedra então — falou. — Não sou de me machucar à toa.

Ralph começou a caminhar lentamente de volta à cidade pelo acostamento da Extensão da Harris, seus velhos tênis aeróbicos levantando nuvenzinhas de poeira pela rua. Já ouvia os primeiros roncos do trovão a oeste, onde as nuvens se empilhavam. O sol, embora escondido, recusava-se a desaparecer sem oferecer resistência; contornava as bordas das nuvens com fitas faiscantes de ouro e ressurgia por entre as cristas das nuvens como um raio fragmentado de um enorme projetor de cinema. Ralph sentiu-se satisfeito com a decisão de caminhar, apesar do incômodo nas pernas e da dorzinha insistente na altura dos rins.

Pelo menos urna coisa é certa, pensou. *Vou dormir hoje à noite. Vou dormir como uma pedra.*

A periferia do aeroporto — hectares de capim seco que escondiam os trilhos enferrujados da ferrovia como os destroços de um antigo naufrágio

— ficara agora à sua esquerda. Lá longe, além da cerca de tela, ele via o 747

da United, do tamanho de um avião de brinquedo, taxiando em direção ao pequeno terminal que a United e a Delta dividiam.

O olhar de Ralph foi atraído por outro veículo, um carro, que deixava o terminal da Aviação Geral, do lado de cá do aeroporto. Atravessava o estacionamento em direção ao portão de serviço que abria para a Extensão da Harris. Ultimamente Ralph observara uma porção de veículos entrarem e saírem por aquele portão; ficava a apenas uns sessenta metros da área de piquenique onde os Coroas da Avenida Harris se reuniam. Quando o carro se aproximou do portão, Ralph reconheceu o Datsun de Ed e Helen Deepneau. . e o carro vinha embalado.

Ralph parou no acostamento, sem notar que cerrara as mãos de ansiedade ao ver o carrinho castanho apontar para o portão. Era preciso um cartão magnético para abrir o portão pelo lado de fora; pelo lado de dentro, uma célula foto-elétrica se encarregava da manobra. Mas a célula ficava perto do portão, muito perto, e à velocidade que o Datsun vinha. .

No último instante (ou assim pareceu a Ralph), o carrinho parou com uma freada brusca, arrancando uma fumaça azulada dos pneus o que fez Ralph pensar no pouso do 747, e o portão começou a deslizar pesada e lentamente no trilho. As mãos de Ralph se descontraíram.

Pela janela do motorista do Datsun saiu um braço que começou a sacudir, aparentemente descompondo o portão, instando-o a abrir depressa.

Havia algo tão absurdo na cena que Ralph começou a sorrir. O sorriso, porém, morreu antes de revelar sequer um vislumbre de dentes. O vento continuava a soprar fresco do oeste, onde se acumulavam as nuvens escuras, e carregava os berros do motorista do Datsun:

— *Sacana! Filho da mãe! Veado! Anda logo! Anda logo e abre essa merda, porra de portão idiota! Puto! Traste imprestável!*

— *Não pode ser o Ed Deepneau* — murmurou Ralph. Recomeçou a caminhar sem se dar conta disso. — *Não pode ser*.

Ed era um pesquisador em química no setor de pesquisas dos laboratórios Hawking em Fresh Harbor, um dos rapazes mais gentis, mais educados que Ralph já conhecera. Ele e Carolyn gostavam muito da mulher de Ed, Helen, e da nenenzinha, Natalie. A visita de Natalie era uma das poucas coisas que tinha o poder de fazer Carolyn se abstrair de sua vida atual e, percebendo isso, Helen

trazia a menina com freqüência. Ed nunca reclamara. Havia homens, ele sabia, que não teriam gostado de ver a mulher correr para um casal de velhos da vizinhança todas as vezes em que a neném fazia alguma gracinha, principalmente quando a avó adotiva no caso estava doente. Ralph imaginava que Ed não seria capaz de mandar alguém para o inferno sem passar uma noite em claro cheio de remorsos, mas. .

— *Portão idiota! Abre essa merda logo! Bundão!*

Mas pela *voz* era Ed. Mesmo a duzentos, trezentos metros de distância, não havia dúvida de que era a *voz* de Ed.

Agora o motorista do Datsun acelerava o motor como um garoto num carrão à espera do sinal abrir. Nuvens de fumaça malcheirosas escapavam pelo cano de descarga. Assim que o portão se afastou o suficiente para deixar passar o Datsun, o carro saltou para a frente, espirrando pelo vão com o motor a toda e, quando isso aconteceu, Ralph pôde ver claramente o motorista. Agora estava suficientemente próximo para não ter dúvidas: era mesmo o Ed.

O Datsun sacolejou pelo trecho sem asfalto entre o portão e a Extensão da Harris. Uma buzina tocou inesperadamente, e Ralph viu um Ford Ranger azul, que se dirigia para oeste na Extensão, desviar-se para evitar o Datsun que avançava em sentido oposto. O motorista do furgão percebeu o perigo demasiado tarde, e Ed aparentemente não o percebeu (somente mais tarde é que Ralph veio a considerar a possibilidade de Ed ter colidido com o Ranger de propósito). Ouviu-se o ruído estridente de pneus freando, seguido da pancada oca do pára-choques do Datsun entrando pela lateral do Ford. O furgão foi empurrado e parou atravessado na divisória amarela. O

capô do Datsun enrugou, destrancou, e se entreabriu; o vidro dos faróis ti-lintou pela estrada. Um instante depois, os dois veículos se encontravam imóveis no meio da estrada, trançados como numa escultura grotesca.

Ralph continuou parado onde estava, observando o óleo se espalhar por baixo da frente do Datsun. Vira muitos acidentes em seus quase setenta anos, a maioria sem importância, um ou dois sérios, e sempre se espantava com a rapidez com que aconteciam e a falta de teatralidade da cena. Não era como no cinema, onde a coisa era filmada em câmara lenta, ou em um vide-oteipe, em que se podia rever o carro rolar de um penhasco quantas vezes se quisesse; em geral, aparecia uma sucessão de manchas convergentes, seguida de uma rápida e inexpressiva combinação de sons: o guincho dos pneus, a batida oca do metal contra o metal, o tilintar do vidro. Então, *voilà — tout fini.*

Havia até uma espécie de protocolo para esse tipo de cena: Como Se Deve Proceder Numa Batida À Baixa Velocidade. Claro que havia, refletiu Ralph. Ocorria provavelmente uma dúzia de pequenas batidas em Derry todos os dias, e talvez o dobro no inverno, quando nevava e as estradas se tornavam escorregadias. A pessoa descia do carro, ia ao encontro do oponente no ponto em que os dois veículos tinham batido (e onde, em geral, permaneciam enredados), olhava, balançava a cabeça. Às vezes — na verdade, com freqüência — essa fase do confronto era marcada por palavras iradas: atribuía-se irrefletidamente a culpa (com rispidez), impugnava-se a capacidade de dirigir do outro, ameaçava-se tomar medidas legais. Ralph supunha que o que os motoristas tentavam realmente dizer sem querer dizê-lo abertamente era *Olhe aqui, seu idiota, você me deu um puta susto!*

O passo final dessa dança infeliz era A Troca dos Sagrados Pergami-nhos do Seguro, e era nessa altura que os motoristas começavam a controlar suas emoções galopantes. . sempre no pressuposto de que ninguém se machucara, como parecia ser o presente caso. Às vezes os motoristas envolvi-dos até terminavam com um aperto de mãos.

Ralph preparou-se para observar tudo isso de um ponto privilegiado a menos de cento e cinqüenta metros de distância, mas, assim que a porta do motorista do Datsun se abriu, ele percebeu que as coisas iam ser diferentes

— que o acidente talvez não tivesse terminado, continuava a acontecer. Certamente não parecia que alguém fosse apertar mãos no fim *dessa* festa.

A porta não abriu *devagar;* abriu *bruscamente*. Ed Deepneau projetou-se para fora, e postou-se imóvel do lado do carro, os ombros estreitos recortados contra o fundo de nuvens cada vez mais volumosas. Usava um jeans desbotado e uma camiseta, e Ralph percebeu que até aquele dia jamais vira Ed usar uma camisa sem botões na frente. E trazia alguma coisa pendurada no pescoço: uma coisa branca e comprida. Um cachecol? *Parecia* um cache-

col, mas por que alguém usaria um cachecol num dia tão quente como aquele?

Ed ficou parado um instante do lado do carro ferido, parecendo olhar em todas as direções exceto a esperada. Os movimentos breves e bruscos de sua cabeça estreita lembravam a Ralph a maneira com que os galos estuda-vam o terreiro à procura de invasores ou bisbilhoteiros. Alguma coisa nessa semelhança deixou Ralph inquieto. Nunca vira Ed olhar daquele jeito antes, e supunha que isto fazia parte da cena, mas não era *toda* a cena. A verdade era muito simples: nunca vira *ninguém* agir daquele modo.

O trovão ressoava a oeste, mais forte agora. E mais próximo.

O homem que saiu do Ranger dava dois Ed Deepneau, possivelmente três. Sua vasta e gorda barriga saltava por cima do cós enrolado das calças em sarja de algodão verde; havia manchas de suor do tamanho de pratos de jantar sob as mangas de sua camisa branca aberta no colarinho. Ele levantou a aba do boné para ver melhor o homem que o abalroara. Seu rosto de queixo largo estava mortalmente pálido, exceto por duas manchas rosadas como se usasse *blush* nas maçãs altas do rosto, e Ralph pensou: *Aí está o can-didato perfeito a um ataque cardíaco. Se eu estivesse mais perto aposto que veria os vincos nos lóbulos de suas orelhas.*

— Ei! — o grandalhão berrou para Ed. A voz que saía daquele peito largo e profundas entranhas era absurdamente fina, quase esganiçada. —

Onde foi que você comprou sua carteira? Na porra da Sears?

A cabeça de Ed, que se movimentava vigilante e errática, virou-se imediatamente em direção à voz do grandalhão — quase parecia se orientar para a voz como um avião por um radar — e Ralph então reparou pela primeira vez no olhar de Ed. Sentiu no peito um lampejo de alarme e imediatamente correu para o local do acidente. Entrementes, Ed começara a se dirigir para o homem de boné e camisa branca empapada de suor. Era um andar de pernas e ombros retesados que não lembravam nada a sua descontração habitual.

— Ed! — Ralph gritou, mas a brisa fresca — fria agora com a promessa de chuva — parecia arrebatar as palavras antes que pudessem sequer sair de sua boca. É claro que Ed não se virou.

Ralph se esforçou para correr mais rápido, esquecendo-se da dor nas pernas, dos rins que latejavam. Vira uma mortal fúria nos olhos arregalados e fixos de Ed Deepneau. Não tinha absolutamente nenhuma experiência anterior em que basear sua avaliação, mas achava que ninguém poderia se enganar com um olhar tão óbvio; era o olhar que os galos de briga deviam exibir quando se lançavam contra o oponente, os esporões em riste prontos para golpear.

— Ed! Ei, Ed, espere aí! É o Ralph!

Nem sequer uma olhada para os lados, embora Ralph estivesse agora tão próximo que Ed deveria ter ouvido, com ou sem vento. E claro que o grandalhão olhou para os lados, e Ralph observou ao mesmo tempo medo e incerteza em seus olhos. O Grandalhão virou-se para Ed e ergueu as mãos conciliador.

— Olhe — falou. — Podemos conversar. .

Não chegou a dizer mais nada. Ed deu mais um passo rápido à frente, ergueu a mão magra — estava muito branca na tarde que escurecia rapidamente — e deu uma bofetada no queixo nada desprezível do Grandalhão.

O som foi o de um tiro de espingardinha de ar comprimido.

— Quantos você já matou? — Ed perguntou.

Grandalhão recuou encostando-se na lateral do furgão, a boca aberta, os olhos arregalados. O andar esquisito e empertigado de Ed não se alterou.

Avançou para o homem e parou barriga contra barriga, parecendo esquecer que o motorista do furgão era dez centímetros mais alto e pesava no míni-

mo quarenta e cinco quilos mais do que ele. Ed ergueu a mão e esbofeteou-o de novo.

— Vamos! Confesse, valentão — *quantos você já matou?* — Sua voz se esganiçou num grito que se perdeu no primeiro trovão realmente imperioso do temporal que se avizinhava. Grandalhão empurrou-o — um gesto que não implicava agressão mas simples medo — e Ed recuou cambaleando contra a frente amassada do Datsun. Tornou a avançar logo, os punhos cerrados, aprontando-se para saltar no Grandalhão, que se encolhia contra a lateral do furgão, o boné agora torto e a camisa saindo das calças pelos lados e nas costas. Ocorreu a Ralph uma lembrança — um curta-metragem de *Os Três Patetas,* que vira há anos, com Larry, Curly e Moe bancando os pintores trapalhões — e sentiu um repentino assomo de simpatia pelo Grandalhão, que parecia ridículo e, ao mesmo tempo, morto de medo.

Ed Deepneau não parecia ridículo. Com os lábios repuxados para trás e os olhos arregalados e fixos, Ed parecia mais que nunca um galo-de-briga.

— Sei o que anda fazendo — murmurou para Grandalhão. — Que tipo de palhaçada você achou que isso era? Achou que você e seus amigos açougueiros podiam escapar para sem. .

Nesse momento Ralph chegou, bufando e ofegando como um velho burro puxador de carroça, e passou o braço pelos ombros de Ed. O calor sob a fina camiseta do rapaz assustava; era como passar o braço em torno de um forno e, quando Ed se virou para olhá-lo, Ralph teve a impressão momentânea (mas inesquecível) de que era exatamente isto que via. Nunca vira uma fúria tão

absurda e desarrazoada num par de olhos humanos; sequer suspeitara que tal fúria pudesse existir.

O impulso imediato de Ralph foi recuar, mas ele se controlou e agüentou firme. Pensou que, se retirasse o braço, Ed cairia sobre ele como um cachorro feroz, às mordidas e patadas. Era absurdo, naturalmente; Ed era pesquisador em química, Ed era sócio do Clube do Livro do Mês (do tipo que comprava histórias de dez quilos sobre a guerra da Criméia que o clube sempre oferecia como alternativa à seleção do mês), Ed era marido de Helen e pai de Natalie. Bolas, Ed era um amigo.

. .só que esse não era aquele Ed, e Ralph sabia disso.

Ao invés de tirar o braço, Ralph se inclinou para a frente, apertou os ombros de Ed (tão quentes sob a camiseta, tão incrivelmente quentes que latejavam), e avançou o rosto até defender o Grandalhão do olhar aterrador e fixo de Ed.

— Ed, pare com isso! — disse Ralph. Ele usou o tom alto mas firme que presumia ser o que se usa com uma pessoa histérica. — Você está inteiro! Pare com isso!

Por um momento, o olhar fixo de Ed não se alterou, em seguida seus olhos se voltaram para o rosto de Ralph. Não era muita coisa, mas Ralph sentiu um ligeiro alívio assim mesmo.

— Que foi que deu nele? — Grandalhão perguntou às costas de Ralph. — Acha que ele é maluco?

— Ele está bem, tenho certeza — Ralph respondeu, embora não tivesse certeza alguma disso. Falou pelo canto da boca, sem tirar os olhos de Ed.

Não se *atrevia* a tirar os olhos de Ed: aquele contato parecia ser o único poder que tinha sobre o homem, e um poder precário, na melhor das hipóteses. — Só está abalado com a batida. Precisa de um tempinho para se acal...

— Pergunte a ele o que carrega debaixo daquela lona! — Ed berrou inesperadamente, e apontou por cima do ombro de Ralph. Relampejou, e por um instante as marcas da acne adolescente de Ed ganharam um relevo nítido, como se formassem um estranho mapa do tesouro orgânico. Um trovão retumbou.

— Ei, ei, Susan Day! — ele cantarolou numa voz infantil que fez os braços de Ralph se arrepiarem. — Assassina de bebês!

— Ele não está abalado — falou Grandalhão. — Ele é maluco mesmo.

E quando os tiras chegarem aqui, vou fazer tudo para que prendam ele.

Ralph olhou em volta e viu uma lona azul esticada sobre a caçamba do furgão. Fora presa com pedaços de corda amarelo-vivo. Formas arredonda-das avolumavam-se sob o pano.

— Ralph — uma voz tímida chamou.

Ele olhou para a esquerda e viu Dorrance Marstellar — com seus noventa e tantos anos, era sem favor algum o mais velho dos Coroas da Avenida Harris — parado um pouco adiante do furgão do Grandalhão. Trazia um livro nas mãos cerosas cobertas de pintas marroms, e Dorrance o dobrava ansiosamente para diante e para trás, forçando repetidamente a lom-bada. Ralph supôs que fosse um livro de poemas, porque até então fora só o que vira Dorrance ler. Ou, quem sabe, ele sequer os lesse; quem sabe apenas gostasse de segurar os livros e contemplar as palavras artisticamente ordenadas?

— Ralph, qual é o problema? O que está acontecendo?

Mais relâmpagos riscaram o céu, um esgar branco-arroxeado de eletricidade. Dorrance ergueu os olhos para o relâmpago como se não tivesse certeza de onde estava, nem de quem era, nem do que via. Ralph gemeu por dentro.

— Dorrance — começou a falar, mas Ed se arremessou por debaixo dele, como um animal selvagem que tivesse se aquietado apenas para recuperar as forças. Ralph cambaleou, e, então, empurrou Ed contra o capô amassado do Datsun. Estava em pânico — inseguro do que fazer em seguida ou como fazê-lo. Havia coisas demais acontecendo ao mesmo tempo. Sentia os músculos dos braços de Ed vibrarem violentamente sob suas mãos; era como se o sujeito tivesse engolido um pedaço do relâmpago que se espalhava pelo céu.

— Ralph? — Dorrance chamou na mesma voz calma mas preocupada.

— Eu não tocaria mais nele, se fosse você. Não consigo ver suas mãos.

Ótimo. Mais um maluco para enfrentar. Era só o que faltava.

Ralph olhou para as mãos e em seguida para o velho.

— Do que é que você está falando, Dorrance?

— Suas mãos — Dorrance repetiu pacientemente. — Não estou vendo suas. .

— Aqui não é lugar para você, Dor, por que não se manda?

O velho animou-se um pouco ao ouvir isso.

— Claro! — exclamou num tom de quem acaba de tropeçar numa grande verdade. — É isso mesmo que eu devia fazer! — Começou a recuar, e quando o trovão reboou de novo, ele se encolheu e pôs o livro em cima da cabeça. Ralph pôde ler as letras vermelho-vivas do título: *Buckdancer's Choice*. — É o que *você* devia fazer também, Ralph. Você não vai querer se meter em histórias antigas. É uma boa maneira de se aborrecer.

— De que é que você. .

Mas antes que Ralph pudesse terminar, Dorrance virou as costas e saiu andando pesadamente em direção à área de piqueniques com sua franja de cabelos brancos — fininhos como os de um bebê recém-nascido — a se agitar à brisa do temporal iminente.

Um problema resolvido, mas o alívio de Ralph não durou muito. Ed se distraíra temporariamente com Dorrance, mas agora seus olhos voltavam a fuzilar o Grandalhão.

— Chupão! — xingou. — Fodeu a mãe e ainda lambeu a buceta dela!

A enorme cara de Grandalhão se fechou.

— O quê?

Ed voltou o olhar para Ralph, a quem ele agora parecia reconhecer.

— Pergunte a ele o que está levando debaixo da lona — gritou. —

Melhor ainda, faça esse veado assassino lhe mostrar!

Ralph olhou para o homem.

— Que é que tem ali debaixo?

— É da sua conta? — Grandalhão perguntou, talvez tentando parecer truculento. Avaliou a expressão dos olhos de Ed Deepneau e deu mais dois passos enviesados, recuando.

— Da minha não, mas parece que é da dele — Ralph respondeu, erguendo o queixo na direção de Ed. — Vê se me ajuda a acalmar ele, tá bem?

— É seu conhecido?

— Assassino! — Ed repetiu, e desta vez avançou com força suficiente para fazer Ralph recuar um passo. Contudo alguma coisa começava a mudar. Ralph achou que a expressão vazia e aterradora desaparecia lentamente dos olhos de Ed. Parecia haver um pouco mais de *Ed* na expressão do que antes. . ou talvez isso fosse apenas fantasia de sua parte. — Assassino, assassino de criança!

— Meu Deus, que piração — falou Grandalhão, mas foi até a traseira da caçamba, deu um safanão em uma das cordas para soltá-la, e levantou uma ponta da lona. Debaixo, havia quatro barris de aglomerado, cada um com o rótulo de MATA-MATO.

— Fertilizante orgânico — explicou Grandalhão, os olhos correndo de Ed para Ralph e de volta a Ed. Tocou a aba do boné com a marca Jardineiros do West Side. — Passei o dia trabalhando nuns canteiros de flores na ala psiquiátrica do Hospital de Derry.. onde o *senhor* poderia passar umas feriazinhas, meu amigo.

— Fertilizante? — Ed perguntou. Parecia dirigir a pergunta a si mesmo. Levou a mão esquerda lentamente à têmpora e começou a massageá-la.

— *Fertilizante?* — Falava como alguém que questionasse uma descoberta científica simples, porém espantosa.

— Fertilizante — Grandalhão confirmou. Olhou de volta para Ralph e disse: — Esse cara não bate bem da bola. Sabia?

— Ele está confuso, só isso — respondeu Ralph sem graça. Debru-

çou-se sobre a lateral do furgão e bateu na tampa de um barril. Então virou-se novamente para Ed e falou: — Barris de fertilizante. Satisfeito?

Não recebeu resposta. Ed ergueu a mão direita e começou a massagear a outra têmpora. Parecia uma pessoa acometida de uma terrível enxaqueca.

— Satisfeito? — Ralph repetiu mansamente.

Ed fechou os olhos por um instante, e, quando os reabriu, Ralph reparou que brilhavam, e imaginou serem lágrimas. Ed passou a língua delicadamente por um canto da boca, depois pelo outro. Pegou a ponta do cachecol de seda, enxugou a testa, e, ao fazê-lo, Ralph reparou que havia caracteres chineses bordados em vermelho, acima da franja.

— Acho que talvez — Ed começou, e em seguida parou. Seus olhos se

arregalaram outra vez com aquela expressão que desagradava a Ralph. —

Bebês! — disse rouco. — Está me ouvindo? *Bebês!*

Ralph empurrou-o contra o carro pela terceira ou quarta vez — já perdera a conta.

— Do que está falando, Ed? — Ocorreu-lhe subitamente uma idéia.

— De Natalie? Você está preocupado com Natalie?

Um sorrisinho maroto passou pelos lábios de Ed. Olhou para o homem como se não visse Ralph.

— Fertilizante, é? Então se é só isso que é, você não vai se importar de abrir um barril, não é mesmo?

Grandalhão lançou a Ralph um olhar inquieto.

— O cara precisa de um médico — falou.

— Talvez precise. Mas achei que estava se acalmando. . Será que podia abrir um desses barris? Quem sabe ele se sentiria melhor.

— Claro, que diferença faz. Perdido por um, perdido por mil.

Mais um relâmpago clareou o céu, mais um trovão explodiu — pareceu reboar pelo céu inteiro desta vez — e um pingo gelado de chuva bateu na nuca suada de Ralph. Ele olhou para a esquerda e viu Dorrance Marstellar parado na entrada da área de piqueniques, o livro na mão, observando os três, ansioso.

— Parece que vai chover pra caramba — disse Grandalhão — e o material não pode molhar. Provoca uma reação química. Por isso dê uma olhada rápida. — Tateou um instante o espaço entre os barris e a lateral do furgão e retirou um pé-de-cabra. — Devo ser tão maluco quanto ele para estar fazendo isso — falou para Ralph. — Quero dizer, eu estava indo pra casa, cuidando da minha vida. *Ele* bateu em *mim*.

— Por favor — Ralph pediu. — Só vai levar um segundo.

— Claro — Grandalhão respondeu com azedume, virando-se e encai-xando o lado plano do pé-de-cabra sob a tampa do barril mais próximo —mas as lembranças vão durar uma vida inteira.

Mais uma trovoada sacudiu o dia naquele momento, por isso Grandalhão não ouviu o que Ed Deepneau disse em seguida. Ralph, porém, ouviu e sentiu um frio na boca do estômago.

— Os barris estão cheios de bebês mortos — falou Ed. — Você vai ver.

Grandalhão soltou a tampa do barril da ponta e foi tal a convicção na voz de Ed, que Ralph quase esperou ver um emaranhado de braços, pernas e cabecinhas peladas. Ao invés disso, viu uma mistura de cristaizinhos azuis e uma substância parda. O barril exalava um forte cheiro de adubo, com um leve toque de substância química.

— Viu? Está satisfeito? — Grandalhão perguntou, dirigindo-se diretamente a Ed de novo. — Afinal não sou nenhum criminoso, nenhum tarado. E agora?

A expressão de atordoamento voltou ao rosto de Ed, e quando o trovão ribombou novamente no céu, ele se contraiu um pouco. Debruçou-se, esticou a mão para o barril, então, com os olhos, fez uma pergunta ao Grandalhão.

O homem concordou com a cabeça, quase com pena, pensou Ralph.

— Claro, pode pegar, por mim tudo bem. Mas se chover enquanto estiver com a mão cheia, você vai dançar mais que o John Travolta. Isso queima.

Ed meteu a mão no barril, pegou um pouco da mistura e deixou-a escorrer por entre os dedos. Lançou a Ralph um olhar perplexo (havia um quê de constrangimento naquele olhar também, pensou Ralph) e em seguida afundou o braço no barril até o cotovelo.

— Ei! — Grandalhão exclamou, espantado. — Isso não é uma caixa de estalinhos!

Por um instante, aquela expressão marota reapareceu no rosto de Ed

— uma expressão que dizia *Pensou que ia me passar a perna* — e então se amenizou, transformando-se novamente em espanto ao constatar que não havia no fundo nada além de fertilizante. Quando retirou o braço do barril, estava empoeirado e rescendia à mistura. Outro relâmpago explodiu sobre o aeroporto. O trovão que se seguiu foi quase ensurdecedor.

— Limpe o fertilizante da pele antes que chova, estou lhe avisando —disse Grandalhão. Meteu a mão pela janela aberta do furgão, do lado do passageiro, e voltou com um saco do McDonald‘s. Apalpou o interior, tirou uns guardanapos e

entregou-os a Ed, que começou a limpar o fertilizante do braço parecendo alguém num sonho. Enquanto fazia isso, Grandalhão repôs a tampa no barril e deu umas pancadinhas, com o punho grande e sar-dento, para encaixá-la, lançando olhares rápidos para o céu que escurecia.

Quando Ed tocou o ombro da camisa branca, o homem se enrijeceu e se afastou, espiando Ed preocupado.

— Acho que devo lhe pedir desculpas — disse Ed, e para Ralph sua voz soou completamente clara e sensata, pela primeira vez.

— Você é muito metido — disse Grandalhão, mas havia alívio em sua voz. Ele voltou a esticar a lona plastificada e prendeu-a no lugar com uma série de gestos rápidos e eficientes. Observando-o, Ralph percebeu que ladrão sorrateiro é o tempo. Já fora capaz de atar aqueles mesmos nós com a mesma destreza. Hoje ainda seria capaz de atá-los, mas levaria pelo menos dois minutos e talvez três bons palavrões.

Grandalhão deu umas palmadinhas na lona e voltou-se para os dois, cruzando os braços no seu respeitável peito.

— O senhor viu o acidente? — perguntou a Ralph.

— Não — Ralph respondeu prontamente. Não sabia por que estava mentindo, mas a decisão fora instantânea. — Estava olhando o avião pousar. O da United.

Para sua total surpresa, as manchas vermelhas no rosto de Grandalhão começaram a se espalhar. *Você também estava olhando o avião!* Ralph pensou de repente. *E não foi só enquanto pousava, ou você não estaria corando desse jeito. . você estava olhando o avião taxiar!*

O pensamento foi seguido de uma revelação: Grandalhão pensava que o acidente fora sua culpa, ou que talvez o tira ou os tiras que aparecessem para investigar o ocorrido entendessem assim. Estivera observando o avião e não percebera Ed sair desembestado pelo portão de serviço e entrar na Extensão da Harris.

— Olhe aqui, eu realmente lamento o que aconteceu — Ed dizia com sinceridade, mas parecia mais do que penalizado; parecia desalentado. Inesperadamente Ralph se viu refletindo até que ponto poderia confiar naquela expressão, e se teria realmente a menor idéia do

(*Ei, Ei, Susan Day*)

que acabara de acontecer ali.., e diabos, afinal quem *era* Susan Day?

— Bati com a cabeça no volante — Ed estava dizendo — e acho que..

você sabe, a pancada me deixou meio atrapalhado.

— É, acho que deixou mesmo — Grandalhão concordou. Coçou a cabeça, ergueu os olhos para o céu de nuvens escuras e pesadas, depois tornou a olhar para Ed. — Vou-lhe fazer uma proposta, companheiro.

— Que proposta?

— A gente troca nome e número de telefone em vez de passar por toda aquela confusão do seguro. Então você segue o seu caminho e eu o meu.

Ed olhou indeciso para Ralph — que sacudiu os ombros — e em seguida para o homem com o boné dos Jardineiros do West Side.

— Se os tiras se meterem na história — continuou Grandalhão — vou entrar bem. A primeira coisa que vão descobrir quando pedirem a minha ficha é que levei uma multa porque estava dirigindo embriagado no inverno passado e que agora estou com uma carteira provisória. Iam criar problemas para mim até mesmo se eu estivesse na rua principal e a preferencial fosse minha. Está me acompanhando?

— Estou — respondeu Ed — acho que estou, mas o acidente foi por minha culpa. Eu vinha em alta velocidade...

— Talvez o acidente mesmo não seja lá tão importante — falou Grandalhão, e em seguida olhou desconfiado para os lados e para um furgão fechado que ia parando no acostamento. Virou-se de novo para Ed e falou mais depressa. — Você perdeu um pouco de óleo, mas já parou de pingar.

Acho que pode voltar para casa dirigindo o carro. . se é que mora na cidade.

Você mora na cidade?

— Moro — informou Ed.

— E eu pagaria os consertos, até uns cinqüenta dólares.

Ocorreu a Ralph outra revelação: era só o que poderia explicar a repentina mudança no homem, de truculência para algo que beirava a adula-

ção. Uma multa por dirigir embriagado no inverno passado? Provavelmente.

Mas Ralph nunca ouvira falar de carteiras provisórias e achou que, com certeza, aquilo era mentira. Então o tal do Jardineiro do West Side andava diri-

gindo sem carteira. O que complicava a situação era o seguinte: Ed estava dizendo a verdade — o acidente *fora* inteiramente sua culpa.

— Se formos embora e dermos o caso por encerrado — Grandalhão prosseguiu — não vou precisar explicar outra vez por que minha carteira foi retida e você não vai ter que explicar por que saltou do carro e começou a meter a mão na minha cara e a gritar que eu levava uma carga de cadáveres.

— Eu falei mesmo isso? — Ed perguntou, parecendo espantado.

— Você sabe que sim — Grandalhão respondeu mal-humorado.

Uma voz com um leve sotaque franco-canadense perguntou:

— Tudo bem por aqui, rapazes? Ninguém se machucou? Eiii, Ralph! É

você?

O furgão que parara trazia os dizeres TINTURARIA DERRY na lateral e Ralph reconheceu no motorista um dos irmãos Vachon, de Old Cape.

Provavelmente Trigger, o mais novo.

— Sou eu — respondeu Ralph, e sem saber ou se perguntar por quê

— agia por puro instinto a essa altura — aproximou-se de Trigger, passou um braço pelos seus ombros, e reconduziu-o ao furgão da tinturaria.

— Os caras estão bem?

— Ótimos — disse Ralph. Olhou para trás e viu que Ed e Grandalhão estavam parados ao lado da caçamba do furgão com as cabeças quase unidas. Caiu mais uma rajada de chuva fria, tamborilando na lona azul como dedos impacientes.

— Foi só um amassãozinho. Eles já estão resolvendo tudo.

— Beleza, beleza — comentou Trigger Vachon satisfeito. — Como vai aquela sua mulherzinha bonita, Ralph?

Ralph contraiu-se, sentindo-se de repente como um homem que se lembra, à

hora do almoço, que esqueceu de desligar o fogão antes de sair para trabalhar.

— Nossa! — exclamou e consultou o relógio, torcendo para ainda serem cinco e quinze, cinco e meia, na pior das hipóteses. Em vez disso, constatou que faltavam dez para as seis. Já passavam vinte minutos da hora em que Carolyn esperava que lhe trouxesse um prato de sopa e meio sanduíche.

Estaria preocupada. Na verdade, com os relâmpagos e os trovões ecoando pelo apartamento vazio, devia estar apavorada. E se chovesse, não conseguiria fechar as janelas; quase não lhe restavam forças nas mãos.

— Ralph? — Trigger chamou. — Algum problema?

— Nenhum — respondeu. — Só que saí caminhando e perdi completamente a noção das horas. Então aconteceu esse acidente, e.. será que você me levaria até em casa, Trig? Eu pago a corrida.

— Não precisa pagar nada — falou Trigger. — Fica no caminho. Entre, Ralph. Você acha que aqueles caras vão ficar bem? Não vão querer des-contar um no outro, nem nada do gênero?

— Não — respondeu Ralph — Acho que não. Espere um segundo.

Ralph foi até Ed.

— Tudo bem aí? Vocês estão conseguindo acertar tudo?

— Estamos — respondeu Ed. — Vamos resolver as coisas entre nós.

Por que não? No duro foram só uns vidros partidos.

Falava agora como o Ed de sempre, e o grandalhão de camisa branca o observava com uma expressão quase respeitosa. Ralph continuava perplexo e inquieto com o que ocorrera ali, mas resolvera que ia deixar rolar. Gostava um bocado de Ed Deepneau, mas Ed não era uma prioridade agora em julho; Carolyn, era. Carolyn e a coisa que começara a tiquetaquear nas paredes do quarto do casal — e dentro dela — tarde da noite.

— Ótimo — disse a Ed. — Estou indo para casa. Ultimamente sou eu que preparo o jantar de Carolyn e estou meio atrasado.

E começou a se virar para ir embora. O grandalhão parou-o e estendeu a mão.

— John Tandy — apresentou-se. Ele apertou a mão estendida.

— Ralph Roberts. Prazer em conhecê-lo.

Tandy sorriu.

— Nas circunstâncias, duvido um pouco que.. mas fico realmente contente que tenha aparecido na hora que apareceu. Por alguns segundos ali, pensei que a gente ia se atracar.

— *Eu também pensei,* Ralph respondeu mentalmente. Observou Ed, seu olhar preocupado reparou na insólita camiseta colada na cintura magra do rapaz e no cachecol de seda branca com caracteres bordados em vermelho.

Não lhe agradou muito a expressão nos olhos de Ed quando se entreolharam; Ed talvez não tivesse retornado de todo.

— Tem certeza de que está bem? — Ralph perguntou. Queria ir embora, queria voltar para Carolyn, mas por alguma razão relutava. A sensação de que aquela situação continuava pouco normal persistia.

— Estou ótimo — Ed respondeu rápido, e lhe deu um grande sorriso que não chegou a alcançar seus olhos verde-escuros. Eles estudaram Ralph atentamente, como se perguntassem quanto teria visto. . e de quanto (*Ei, Ei Susan Day*)

se lembraria mais tarde.

3

O INTERIOR do furgão de Trigger Vachon cheirava a roupas limpas e recém-passadas, um aroma que, por alguma razão, sempre lembrava a Ralph pão fresco. Não havia assento de passageiro, de modo que se agachou, passou uma mão na maçaneta e se agarrou com a outra na borda de uma cesta de lavanderia.

— Cara, aquela história lá atrás me pareceu bem esquisita — Trigger comentou, espiando pelo espelho retrovisor.

— E você não sabe nem a metade — retrucou Ralph.

— Conheço o cara que estava dirigindo o carrão — o nome dele é Deepneau. Tem uma mulherzinha bonita, que às vezes manda roupa pra lavar. Parece um cara legal, normalmente.

— Mas não estava normal hoje — falou Ralph.

— Será que sentou em cima de um marimbondo?

— Acho que sentou foi em cima de um enxame inteiro.

Trigger riu de chorar, dando socos no grande volante gasto de plástico preto.

— Um enxame inteiro! Beleza! Beleza! Vou guardar essa para mim! —

Trigger enxugou os olhos com um lenço quase do tamanho de uma toalha de mesa. — Me pareceu que o Sr. Deepneau saiu pelo portão de serviço daquele aeroporto.

— Isso mesmo.

— A pessoa precisa de um passe para usar aquela saída — comentou Trigger. Como será que o Sr. D. arranjou um passe?

Ralph refletiu, franzindo a testa, depois sacudiu a cabeça.

— Não sei. Nunca pensei nisso. Vou perguntar a ele da próxima vez em que o encontrar.

— Faça isso. E pergunte como andam os marimbondos.

Isso provocou um novo acesso de riso, que, por sua vez, ocasionou mais floreios com o lenço de ópera bufa.

Quando saíram da Extensão da Harris para entrar na Avenida Harris propriamente dita, o temporal finalmente desabou. Não choveu pedra, mas a chuva caiu como um extravagante dilúvio de verão, tão pesada a princípio que Trigger precisou reduzir a marcha do furgão ao mínimo.

— Nossa! — exclamou cheio de assombro. — Parece até aquele baita temporal de 85, quando metade do centro da cidade desabou dentro do Canal! Tá lembrado, Ralph?

— Estou. Vamos rezar para que isso não aconteça de novo.

— Não — Trigger respondeu com um sorriso espiando por entre os extravagantes limpadores de pára-brisa — agora os caras já consertaram as galerias pluviais. Beleza!

A combinação da chuva fria com a cabine quente fizeram a metade inferior do pára-brisa embaçar-se. Sem pensar, Ralph esticou o dedo e dese-nhou uma figura no vidro embaçado:

— Que é isso? — perguntou Trigger.

— Para falar a verdade, não sei. Parece chinês, não é? Vi no cachecol que Ed Deepneau estava usando.

— Parece que já vi isso antes — disse Trigger, dando outra olhada.

Então soltou uma risadinha e gesticulou. — Quer saber uma coisa? A única coisa que sei dizer em chinês é mu-gu-gueipen!

Ralph sorriu, mas parecia contrafeito. Era Carolyn. Agora que se lembrara dela, não conseguia parar de pensar — não conseguia parar de imaginar as janelas abertas, as cortinas esvoaçando como os braços fantasmagóricos do tarado de Sexta-feira, 13, enquanto a chuva entrava.

— Você ainda mora naquele sobrado em frente ao mercadinho?

— Moro.

Trigger parou junto ao meio-fio, e os pneus do furgão levantaram grandes leques

de água. A chuva continuava a cair torrencialmente. Os relâmpagos cortavam o céu; o trovão estrondeava.

— É melhor você esperar aqui comigo mais um pouco — Trigger falou. — Essa chuva vai passar já, já.

— Não se preocupe. — Ralph achou que nada o seguraria naquele furgão nem mais um segundo, nem mesmo algemas. — Obrigado, Trig.

— Espera um instantinho! Vou te dar um pedaço de plástico pra você cobrir a cabeça que nem um chapéu!

— Não, estou bem assim, não tem problema, obrigado, vou. .

Não parecia haver jeito de terminar o que estava querendo dizer, e agora a sensação que o invadia beirava o pânico. Empurrou a porta de passageiro do furgão e saltou, mergulhando até os tornozelos na água fria que descia veloz pelo bueiro. Ele deu a Trigger um último aceno sem virar a cabeça, e saiu apressado pela calçada até a casa que ele e Carolyn dividiam com Bill McGovern, procurando a chave nos bolsos enquanto andava.

Quando chegou aos degraus da varanda, viu que não precisaria de chave —a porta estava entreaberta. Bill, que morava no andar de baixo, muitas vezes se esquecia de trancá-la e Ralph preferia pensar que fora Bill do que pensar que Carolyn saíra para procurá-lo e fora apanhada pelo temporal. Essa era uma possibilidade que Ralph não queria sequer considerar.

Correu pelo vestíbulo cheio de sombras, fazendo uma careta ao ouvir o trovão ribombar no céu, ensurdecendo-o, e seguiu até a escada. Parou ali um momento, com a mão no pilar do corrimão, escutando a água da chuva pingar das calças e camisa encharcadas no chão de madeira de lei. Então começou a subir, querendo correr, mas incapaz de engrenar uma marcha mais veloz do que um andar apressado. Seu coração batia forte e rápido no peito, os tênis empapados pareciam âncoras pegajosas a puxar seus pés, e, por alguma razão, não parava de lembrar o jeito com que Ed Deepneau mexia a cabeça ao descer do Datsun — aqueles movimentos bruscos e breves que o faziam parecer um galo procurando briga.

O terceiro degrau rangeu alto, como sempre fazia, e o som provocou um tropel de passos no primeiro andar. Não trouxeram nenhum alívio porque não eram de Carolyn, isso ele percebeu logo, e quando Bill McGovern se debruçou sobre o balaústre, o rosto pálido e preocupado sob o chapéu-panamá, Ralph realmente não se surpreendeu. Desde a hora em que estava na Extensão da Harris, tivera a

sensação de que tinha havido algum problema, não foi? Foi. Mas, nas circunstâncias, não se podia chamar isso de premonição. Estava descobrindo que, quando as coisas atingiam um certo ponto no caminho do erro, não podiam ser salvas nem revertidas; tornavam-se cada vez mais erradas. Supunha que, em algum nível de sua consciência, sempre soubera disso, O que jamais suspeitara eram as proporções que assumiria esse erro.

— Ralph! — Bill chamou. — Graças a Deus! Carolyn está tendo. .

bem, acho que é uma espécie de ataque. Acabei de chamar uma ambulância.

Ralph descobriu que afinal era capaz de subir correndo os degraus restantes.

4

ELA ESTAVA deitada com metade do corpo dentro da cozinha e metade fora, os cabelos espalhados no rosto. Ralph achou que havia alguma coisa particularmente horrível na cena; parecia desleixo, e se havia uma coisa que Carolyn não admitia era desleixo. Ajoelhou-se ao lado da mulher e afastou os cabelos de seus olhos e testa. Sentiu a pele sob os seus dedos tão gelada quanto os seus próprios pés metidos em tênis encharcados.

— Eu quis deitá-la no sofá, mas ela é pesada demais para mim — Bill falou agitado. Tirara o chapéu-panamá e torcia nervosamente a aba. — Minha coluna, você sabe..

— Eu sei, Bill, tudo bem — respondeu Ralph. Passou os braços por debaixo de Carolyn e ergueu-a. Não lhe parecia nada pesada, mas leve —quase tão leve quanto uma fava prestes a se romper e lançar os filamentos ao vento. — Graças a Deus você estava aqui.

— Por pouco não estava — Bill replicou, seguindo Ralph à saia de estar e ainda torcendo o chapéu nas mãos. Fez Ralph lembrar o velho Dorrance Marstellar e seu livro de poemas. *Eu não tocaria mais nele, se fosse você,* o velho Dorrance dissera. *Não estou vendo suas mãos.* — Eu ia saindo quando ouvi uma barulheira dos diabos. . deve ter sido quando ela caiu. . — Bill correu os olhos pela sala de estar escurecida pelo temporal, o rosto ao mesmo tempo perturbado e ávido, os olhos parecendo procurar alguma coisa que não estava ali. Então se iluminaram. — A porta! — exclamou. — Aposto que ficou aberta! Deve estar entrando chuva dentro de casa! Eu volto num instante, Ralph.

Saiu apressado. Ralph mal se deu conta; o dia tinha assumido aspectos surreais de um pesadelo. O tique-taque era o pior. Ouvia-o nas paredes, tão alto agora que

nem mesmo o trovão conseguia abafá-lo.

Acomodou Carolyn no sofá e ajoelhou-se ao seu lado. A respiração da mulher estava rápida e superficial, e o hálito horrível. Ralph, porém, não se afastou.

— Agüente firme, meu amor — falou. Segurou a mão dela — estava tão pegajosa quanto a testa — e beijou-a com ternura. — Agüente firme.

Está tudo bem, tudo bem.

Mas não estava bem, o tiquetaquear significava que *nada* estava bem. E

não vinha das paredes, tampouco — nunca viera das paredes, unicamente de sua mulher. Vinha de sua querida, que estava se distanciando, e o que faria sem ela?

— Só precisa agüentar firme — disse. — Aguente firme, está me ouvindo? — Beijou-lhe a mão outra vez, e ergueu-a junto ao rosto, e, quando ouviu o ruído da ambulância que se aproximava, começou a chorar.

5

ELA VOLTOU a si na ambulância que atravessava Derry em alta velocidade (o sol reaparecera, as ruas molhadas fumegavam), e a princípio ela falara tão incoerentemente que Ralph teve certeza de que sofrera um derra-me. Assim que começou a melhorar e a dizer algo com sentido, sofreu uma segunda convulsão, e foram precisos Ralph e um dos enfermeiros que aten-dera o chamado para segurá-la na maca.

Não foi o Dr. Litchfield que veio ver Ralph na sala de espera do terceiro andar no início da noite, mas o Dr. Jamal, o neurologista. Jamal conversou com ele em voz baixa e tranqüilizadora, e lhe disse que o estado de Carolyn agora se estabilizara e que iam mantê-la internada aquela noite, por precaução, mas que poderia voltar para casa pela manhã. Receitariam novos remédios — drogas caras, mas também maravilhosas.

— Não devemos abrir mão da esperança, Sr. Roberts — disse o Dr.

Jamal.

— Não — concordou Ralph — suponho que não. Ela terá outros ataques como esses, Dr. Jamal?

Dr. Jamal sorriu. Falou com uma voz calma que se tornava ainda mais reconfortante graças ao ligeiro sotaque indiano. E embora o Dr. Jamal não

afirmasse com franqueza que Carolyn ia morrer, foi quem chegou mais próximo da verdade durante aquele longo ano em que ela lutou para se manter viva. A nova medicação, disse Jamal, provavelmente impediria novos ataques, mas as coisas tinham chegado a tal ponto que todas as previsões devi-

am ser encaradas ―com uma certa descrença‖. O tumor continuava a se espalhar apesar de tudo que fora tentado, infelizmente.

— Talvez os problemas de controle motor apareçam em seguida —disse o Dr. Jamal com sua voz reconfortante. — E, receio dizer, observei que a visão piorou.

— Posso passar a noite com ela? — Ralph perguntou baixinho. — Ela dormirá melhor com a minha presença. — Fez uma pausa e acrescentou: —

E eu também.

— Claro! — disse o Dr. Jamal, se animando. — É uma ótima idéia!

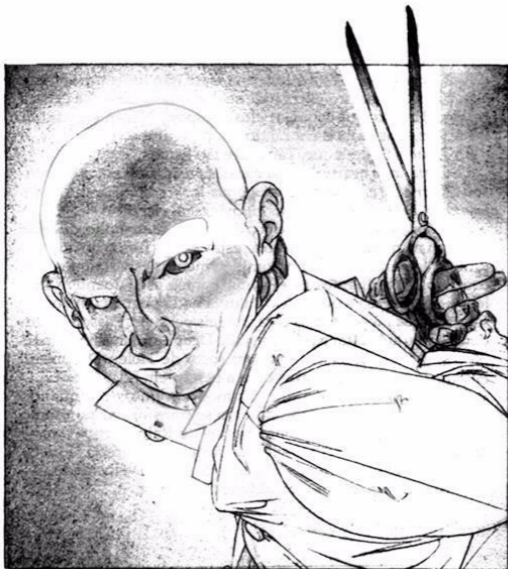
— É — concordou Ralph com um peso na voz. — Eu também acho.

Então ele se sentou ao lado da mulher adormecida, prestou atenção ao tique-taque que não estava nas paredes e pensou: Um dia desses — talvez neste outono, talvez neste inverno — estarei de volta a esse quarto com Carolyn. A frase não tinha um sentido especulativo mas profético, e ele se curvou e encostou a cabeça no lençol branco que cobria o peito da esposa. Não queria chorar outra vez, mas acabou chorando um pouquinho.

Aquele tique-taque. Tão alto e tão firme.

Gostaria de agarrar a coisa que está produzindo este som, pensou. Pu-laria em cima dela até transformá-la em caquinhos espalhados pelo chão.

Deus é testemunha de que não estou mentindo.

Adormeceu sentado pouco depois da meia-noite; quando acordou na manhã seguinte, o ar estava mais fresco do que nas últimas semanas, e Carolyn, completamente desperta, coerente, com os olhos brilhantes. De fato, mal parecia estar doente. Ralph levou-a para casa e deu início à tarefa nada pequena de tornar seus últimos meses o mais confortáveis possível. Passou-se um bom tempo até voltar a pensar em Ed Deepneau; mesmo depois de começar a ver hematomas no rosto de Helen Deepneau, passou-se muito tempo até voltar a pensar em Ed.

Quando o verão se transformou em outono, e quando aquele outono foi escurecendo para se transformar no último inverno de Carolyn, os pensamentos de Ralph ocupavam-se cada vez mais com o relógio-da-morte, que parecia tiquetaquear sempre mais alto mesmo ao ir perdendo velocidade.

Mas ele não sentia dificuldade em dormir.

Isto veio depois.

PARTE I

DOUTOREZINHOS CARECAS

Existe um abismo entre aqueles que conseguem dormir e os que não o conseguem. É uma das grandes

divisões da raça humana.

Iris Murdoch

Nuns and Soldiers

CAPÍTULO 1

1

MAIS OU MENOS um mês após a morte de sua mulher, Ralph Roberts começou a sofrer de insônia pela primeira vez na vida.

O problema, de início brando, foi gradualmente piorando. Seis meses após as primeiras interrupções do seu ciclo de sono, até então sem incidentes, Ralph atingira um estado de infelicidade em que mal podia acreditar e, menos ainda, aceitar. Pelos fins do verão de 1993, ele começou a imaginar como seriam seus anos restantes na terra em meio a um aturdimento de olhos insones e arregalados. *Claro que não chegaria a tanto,* disse a si mesmo, *nunca chega.*

Mas seria verdade? Ele não sabia ao certo, e isso era o diabo, porque os livros sobre o assunto que Mike Hanlon lhe indicara na biblioteca pública de Derry não o ajudaram muito. Havia vários sobre distúrbios do sono, mas pareciam se contradizer. Alguns chamavam insônia de sintoma, outros, de doença, e pelo menos um a chamara de mito. O problema não parava por aí, tampouco; pelo que Ralph entendera da leitura dos livros, ninguém parecia saber com exatidão o que era o sono em si, como funcionava e o que fazia.

Ele sabia que devia parar de bancar o pesquisador amador e consultar um médico, mas encontrava surpreendente dificuldade em fazer isto. Supunha que ainda estava aborrecido com o Dr. Litchfield. Afinal, fora Litchfield que no início diagnosticara o tumor no cérebro de Carolyn como dores de cabeça provocadas por tensão (só que Ralph tinha a impressão de que Litchfield, um solteirão convicto, realmente acreditara que Carolyn sofria de um simples caso de depressão), e fora Litchfield que se mantivera clinica-mente tão ausente quanto possível, após o verdadeiro diagnóstico de Carolyn. Ralph tinha certeza de que se

lhe tivesse feito a pergunta à queima-roupa, Litchfield teria respondido que entregara o caso a Jamal, o especialis-ta, tudo muito correto e às claras. É. Só que Ralph fizera questão de dar uma boa espiada nos olhos de Litchfield nas poucas ocasiões em que se encontraram, entre as primeiras convulsões de Carolyn em julho do ano anterior e sua morte agora em março, e Ralph achava que o que vira naqueles olhos fora uma mistura de constrangimento e culpa. Era a expressão de um homem que fazia um grande esforço para esquecer que errara. Ralph acreditava que a única razão pela qual ainda conseguia olhar para Litchfield, sem ter vontade de lhe partir a cara, era que o Dr. Jamal lhe dissera que um diagnóstico precoce provavelmente não teria feito diferença alguma; na altura em que as dores de cabeça de Carolyn se manifestaram, o tumor já se enrai-zara e, com certeza, já estava disparando células cancerosas para outras áreas do cérebro como um pacote maligno.

Em fins de abril, Dr. Jamal deixara o hospital para abrir uma clínica no sul de Connecticut e Ralph sentiu sua falta. Achava que poderia ter discuti-do sua insônia com ele, e tinha a impressão de que Dr. Jamal o teria escuta-do de uma forma que Litchfield não faria. . ou não saberia fazer.

Pelo final do verão, Ralph lera o suficiente a respeito da insônia para saber que o tipo que o afligia, embora não fosse raro, era bem menos comum do que a insônia dos que custam a dormir. As pessoas que não sofrem de insônia, em geral, mergulham no primeiro estágio do sono de sete a vinte minutos após se deitar. Os que custam a dormir, por outro lado, por vezes chegam a levar três horas para entrar em sono profundo, e enquanto as pessoas normais começam a entrar no terceiro estágio do sono (o que alguns livros antigos chamam de sono theta, assim descobrira) mais ou menos quarenta e cinco minutos após adormecer, os que custam a dormir levam, em geral, mais uma ou duas horas para chegar lá. . e, muitas noites, não chegam a dormir profundamente. Acordavam estremunhados, por vezes guardando lembranças desfocadas de sonhos desagradáveis e confusos, freqüentemente com a impressão errônea de que passaram a noite inteira acordados.

Em seguida à morte de Carolyn, Ralph começou a acordar prematuramente. Continuava a se recolher quase sempre depois do telejornal das onze horas, e adormecia quase imediatamente, mas ao invés de acordar às seis e cinqüenta e cinco em ponto cinco minutos antes do rádio-despertador tocar, começou a acordar às seis. A princípio não ligou muito, debitou isso ao fato de conviver com uma próstata ligeiramente aumentada e um par de rins de setenta anos, mas não se lembrava de ter que ir ao banheiro com tanta urgência quando acordava, e não conseguia voltar a dormir mesmo depois de esvaziar o que acumulara. Simplesmente ficava deitado na cama que dividira com Carolyn tantos anos,

esperando dar cinco para as sete (quinze para as sete, no máximo) para se levantar. Com o tempo desistiu até de tentar adormecer outra vez; simplesmente ficava deitado com os dedos longos das mãos ligeiramente inchadas, entrelaçados sobre o peito a contemplar o teto malhado de sombras, sentindo os olhos do tamanho de maçanetas. Por vezes pensava no Dr. Jamal lá em Westport, com aquele leve e reconfortante sotaque indiano, a construir o seu pedacinho do sonho americano. Outras, pensava nos lugares que ele e Carolyn visitaram no passados e a lembrança que lhe ocorria com mais freqüência era uma calorenta tarde na praia de Bar Harbor, os dois sentados com roupas de banho a uma mesa de piquenique, sob um enorme guarda-sol comendo mexilhões fritos e bebendo cerveja Budweiser diretamente dos longos gargalos, enquanto observavam os barcos à vela deslizarem velozes pelo azul do mar. Quando fora isso? 1964?

1967? Fazia diferença? Provavelmente não.

As alterações no seu horário de sono tampouco teriam feito diferença, se a coisa parasse por aí; Ralph teria se adaptado às mudanças, não apenas com facilidade mas com gratidão. Todos os livros que pesquisara naquele verão pareciam confirmar uma máxima da sabedoria popular que ouvira a vida inteira — as pessoas dormiam menos à medida que envelheciam. Se perder uma hora ou pouco mais de sono por noite fosse o único preço a pagar pelo prazer duvidoso de ter setenta primaveras ele o faria e se daria por feliz.

Mas a coisa *não* parou aí. Por volta da primeira semana de maio, Ralph estava acordando com o canto dos pássaros às 5hl5min. Tentou usar tampões nos ouvidos durante algumas noites, embora desde o início duvidasse que adiantariam. Nã eram os passarinhos recém-chegados que o acordavam, nem escape de um raro caminhão passando pela Avenida Harris. Sempre fora o tipo de sujeito que conseguia dormir durante un desfile de banda militar e não achava que isso tivesse mudado. Mudara alguma coisa dentro de sua cabeça. Havia um interruptor lá dentro, que andavam ligando um pouquinho mais cedo todo dia, e não ocorria a Ralph como impedir que isso acontecesse.

Por volta de junho, ele estava despertando bruscamente como um bo-neco de mola, às 4h30, 4h45 o mais tardar. E pelos meados de julho — que não fora tão quente quanto o julho de 92, mas bem quentinho, obrigado —passara a acordar por volta das quatro horas da manhã. Foi durante essas noites quentes e longas, em que ocupava um pedaço demasiado pequeno da cama em que ele e Carolyn tinham feito amor em tantas noite de verão (e de inverno), que ele começou a refletir no inferno que seria sua vida se o sono desaparecesse por completo. À luz do dia, ele ainda era capaz de zombar da idéia, mas estava descobrindo certas

verdades melancólicas sobre as noites escuras da alma de que falava F. Scott Fitzgerald, e a vencedora da noite era a seguinte: às 4hl5min, qualquer coisa parece possível. *Qualquer coisa.*

Durante o dia ele ainda conseguia se convencer de que estava apenas passando por uma readaptação no ciclo de sono, que seu corpo estava respondendo de maneira perfeitamente normal a várias mudanças da vida, em que se destacavam aposentadoria e a perda da mulher. Por vezes usava a palavra *solidão* quando pensava em sua nova vida, mas evitava A Temida Palavra Com D, empurrando-a de volta ao armário fundo do subconsciente sempre que lampejava por um instante em seus pensamentos. Solidão era suportável. Já a Depressão, não.

Talvez você precise fazer mais exercício, pensou. *Caminhe* um *pouco como costumava fazer no verão passado. Afinal, você anda levando uma vida bem sedentdria —*

levanta, come torrada, lê um livro, assiste um pouco de TV, compra no mercadinho em frente um sanduíche para o almoço, mexe um pouco no jardim, talvez vá à biblioteca ou visite Helen e a neném, se por acaso estiverem do lado de fora, talvez sente na varanda e passe uma tem pinho com McGovern ou Lois Chasse. E depois? Lê mais um pouco, assiste mais um pouco à TV, lava a louça, vai para a cama. Sedentária. Monótona.

Não admira que acorde cedo.

Só que isso era besteira. Sua vida parecia sedentária, sem dúvida, mas, na realidade, não era. O jardim era um bom exemplo. O que ele fazia ali não daria para ganhar nenhum prêmio, mas era muito mais que ―brincar de jar-dineiro‖. Na maioria das tardes ele arrancava mato até o suor desenhar uma árvore escura nas costas de sua camisa e espalhar círculos sob as axilas, e muitas vezes se via trêmulo de exaustão quando se dispunha a reentrar em casa. A palavra ―castigo‖ provavelmente definiria melhor a situação do que

―brincadeira‖, mas castigo por quê? Por acordar antes do amanhecer?

Ralph não sabia nem se importava. O trabalho no jardim ocupava uma grande parte da tarde, afastava seus pensamentos das coisas que realmente não lhe interessava lembrar, e isso era suficiente para justificar os músculos doloridos e a revoada ocasional de pontos negros diante dos olhos. Come-

çara a alongar suas visitas ao jardim pouco depois do dia da independência e continuara assim durante todo o mês de agosto, muito depois de ter colhido as

primeiras safras e as segundas, infelizmente, terem gorado por falta de chuva.

— Você devia parar com isso — Bill McGovern lhe aconselhara uma noite quando estavam sentados na varanda, bebendo limonada. Isso foi em meados de agosto e Ralph começara a acordar por volta das três e meia da manhã. — Não pode fazer bem à sua saúde. E pior, você está com cara de maluco.

— Talvez eu seja maluco — Ralph respondera bruscamente, e seu tom ou a expressão de seus olhos devem ter sido convincentes, porque McGovern mudou de assunto.

2

RALPH RETOMOU as caminhadas — nada parecidas com as Mara-

tonas de 92, mas conseguia cobrir uns três quilômetros por dia quando não chovia. Em seu percurso habitual, descia a ladeira perversamente chamada de Morro-Acima até a biblioteca pública de Derry, e depois até a Back Pages, uma combinação de sebo e banca de revistas e jornais na esquina das ruas Witcham e Main.

A Back Pages ficava ao lado de um brechó bem sortido chamado Secondhand Rose, Secondhand Clothes e, num dia do agosto do seu descon-tentamento, ele passava por essa loja quando viu um cartaz novo entre velhos anúncios de trailer-restaurantes e avisos de atividades sociais da igreja, colado de modo a cobrir quase metade de um poster amarelado de PAT

BUCHANAN PARA PRESIDENTE.

A mulher nas duas fotografias no alto do cartaz era uma loura bonita com seus trinta ou quarenta anos, mas a disposição das fotos — à esquerda, o rosto sério, visto de frente; à direita, de perfil, contra um fundo branco —

era suficientemente perturbador para fazer Ralph estacar. As fotos pareciam indicar que o lugar daquela mulher era numa galeria de criminosos procurados ou num documentário de TV. . e isso, os dizeres do cartaz deixavam claro, e não era por acaso.

PROCURADA POR ASSASSINATO

SUSAN EDWINA DAY

As fotos o fizeram parar, mas foi o nome da mulher que o reteve. A chamada

estava impressa no alto em letras negras garrafais. E abaixo da montagem de fotos, em vermelho:

FIQUE FORA DA NOSSA CIDADE!

Havia uma linhazinha de texto no pé do cartaz. A visão de perto de Ralph piorara bastante desde a morte de Carolyn — fora para o espaço talvez descrevesse melhor o ocorrido — e ele teve que se curvar até encostar a testa na vitrine suja da Secondhand Rose, Secondhand Clothes, para poder decifrar o que dizia:

PAGO PELO COMITÊ PELA VIDA DO MAINE

Lá bem no fundo de sua mente uma voz sussurrou: *Ei, Ei, Susan Day!*

Assassina de bebês!

Susan Day, Ralph lembrou-se, era uma ativista política de Nova Iorque ou de Washington, o tipo de mulher de fala rápida que leva motoristas de táxi, barbeiros e operários de construção à loucura. Porque o refrão lhe ocorrera, porém, ele não sabia dizer; estava vinculado a alguma lembrança que não chegava a se manifestar. Talvez seu velho cérebro cansado estivesse apenas cruzando dados com aquele refrão de protesto contra a guerra do Vietnã na década de sessenta, aquele que dizia *Ei, Ei, L.B.Jota! quantos garotos matou hoje, seu idiota. Não, não é esse,* pensou.

Estd esquentando, mas ainda não é esse. Foi..

Antes que sua mente pudesse atinar com o nome e a cara de Ed Deepneau, uma voz falou quase junto dele.

— Terra chamando Ralph, Terra chamando Ralph, responda Ralphi-nho!

Despertado dos seus devaneios, Ralph voltou-se para a voz. Sentiu-se ao mesmo tempo chocado e divertido ao descobrir que quase dormira em pé. *Nossa,* pensou, *ninguém sabe a importância do sono até passar por umas horinhas de insônia. Aí o chão começa a se inclinar e os cantos das coisas começam a se arredondar.*

Era Hamilton Davenport, o dono da Back Pages, quem lhe falara. Enchia o carrinho de biblioteca que costumava deixar na entrada da loja com brochuras de cores vivas. Seu velho cachimbo de espiga de milho — para Ralph sempre lembrava a chaminé de um navio miniatura — projetava-se do canto da boca, soltando pequenas baforadas de fumaça azulada no ar quente e claro. Winston Smith, seu velho gato cinzento, sentava-se à porta aberta da loja com o rabo enroscado nas patas. Olhou para Ralph com indiferentes olhos amarelos, como se

dissesse, *Você acha que sabe o que é ser velho, meu amigo? Eu sou testemunha de que você não entende* lhufas *de velhice*.

— Puxa, Ralph — Davenport falou. — Devo ter-lhe chamado no mínimo três vezes.

— Acho que estava dormindo — respondeu Ralph. Passando pelo carrinho de biblioteca, encostou-se no portal (Winston Smith manteve sua posição com aristocrático desinteresse), e apanhou os dois jornais que comprava todos os dias: o *Globe* de Boston e o *USA Today*. O *News* de Derry era entregue em casa, cortesia de Pete, o jornaleiro. Ralph por vezes comentava com as pessoas que tinha certeza de que um dos três jornais era para dar risadas, mas nunca conseguira decidir qual. — Não. .

Interrompeu-se quando a cara de Ed Deepneau lhe veio à lembrança.

Fora de Ed que ouvira aquele refrão maldoso, no verão anterior, lá no aeroporto, e realmente não admirava que levasse algum tempo para resgatar essa imagem da memória. Ed Deepneau era a última pessoa no mundo de quem esperaria ouvir uma coisa daquelas.

— Ralphie? — Davenport disse. — Você me deixou falando sozinho.

Ralph piscou.

— Ah, desculpe. Não ando dormindo bem ultimamente, era isso que eu ia começando a dizer.

— Que chato. . mas há problemas piores. Beba um copo de leite morno e ouça um pouco de música suave meia hora antes de deitar.

Ralph começara a descobrir neste verão que aparentemente todo mundo na América tinha um remédio infalível para insônia, pequenas mágicas para a hora de dormir que passaram de uma geração a outra como a Bíblia da família.

— Bach é bom, Beethoven também, William Ackerman não é mau.

Mas o que funciona mesmo — Davenport ergueu um dedo solenemente para enfatizar o que ia dizer — é *não se levantar da cadeira* durante aquela meia hora. Para nada. Não atenda o telefone, não dê corda no cachorro nem ponha o despertador para fora, não resolva escovar os dentes. . *nada!* Então, quando você *for* para a cama. . pimba! Apaga direto!

— E se a pessoa estiver sentada na poltrona favorita e de repente receber um

―chamado da natureza‖? — Ralph perguntou. — Essas coisas podem acontecer de repente quando se chega à minha idade.

— Faça nas calças — Davenport respondeu prontamente e caiu na gargalhada. Ralph sorriu, mas sentiu que o fizera por obrigação. Sua insônia estava perdendo rapidamente qualquer graça que pudesse ter tido.

— Nas *calças!* — Ham riu. Deu uma palmada no carrinho de biblioteca e sacudiu a cabeça para a frente e para trás.

Por acaso Ralph olhou para o gato. Winston Smith retribuiu o olhar, sem graça, e para Ralph aqueles olhos amarelos e tranqüilos pareciam dizer, *Você está certo, ele é um bobo, mas é o* meu bobo.

— Nada mau, hein? Hamilton Davenport, mestre em respostas rápidas e espirituosas. Faça nas. . — E deu risadas, balançou a cabeça, depois apanhou as duas notas de um dólar que Ralph lhe estendia. Meteu-as no bolso do aventalzinho vermelho e tirou dali o troco. — Confere?

— Confere. Obrigado, Ham.

— Hum-hum. E fora de brincadeira, experimente ouvir música. Realmente funciona. Tranqüiliza as ondas cerebrais, ou coisa parecida.

— Vou experimentar. — E o pior é que provavelmente o faria, como já experimentara a receita de limão com água quente da Sra. Rapaport, e o conselho de Shawna McClure de esvaziar a mente, retardar a respiração e concentrar-se na palavra *calma* (só que, na boca de Shawna, a palavra se transformava em *caall l l lllma*) . Quando se procurava resolver uma lenta mas contínua erosão das horas de sono, qualquer remédio caseiro começava a parecer bom.

Ralph ia se virando para voltar à caminhada, mas retrocedeu.

— Que significa aquele cartaz na loja vizinha?

Ham Davenport torceu o nariz.

— A loja de Dan Dalton? Nem olho para lá se puder evitar. Estraga meu apetite. Ele pôs outro cartaz repugnante na vitrine?

— *Acho* que é novo, não está desbotado como os outros, e chama atenção pela ausência de cocô de mosca. Parece um desses cartazes de *Procura-se,* só que traz Susan Day nas fotos.

— Susan Day num.. que filho da mãe! — Lançou um olhar indignado para a loja vizinha.

— Quem é ela, presidente da Organização Nacional das Mulheres, ou o quê?

— Ex-presidente e co-fundadora das Irmãs em Armas. Autora de *A sombra de minha mãe* e *Lírios do Vale,* o primeiro é um estudo sobre mulheres espancadas e as razões por que tantas se recusam a denunciar os homens que as agridem. Ganhou um prêmio Pulitzer com o livro. Susie Day é uma das três ou quatro mulheres politicamente mais influentes nos Estados Unidos de hoje, e realmente escreve tão bem quanto pensa. Aquele palhaço *sabe* que tenho um abaixo-assinado endereçado a ela ao lado da caixa registradora.

— Que abaixo-assinado é esse?

— Estamos tentando trazê-la à cidade para uma palestra — explicou Davenport. — Você sabe que o grupo ―Pela Vida‖ tentou explodir uma bomba no WomanCare no Natal passado, não sabe?

Ralph recuou cautelosamente a lembrança até o buraco negro em que vivera em fins de 1992.

— Bem, me lembro que os tiras apanharam um cara no estacionamento do hospital com um latão de gasolina, mas não sabia. .

— Era o Charlie Pickering. Faz parte do Pão-de-Cada-Dia, um dos grupos ―Pela Vida‖ que fazem constantes manifestações lá — explicou Davenport. — Foram eles que instigaram o rapaz, pode crer. Este ano deixaram de lado a gasolina; vão tentar fazer a câmara de vereadores mudar a legislação do distrito e riscar a WomanCare do mapa. E é bem possível que consigam. Você conhece Derry, Ralph, não é bem um viveiro de liberalis-mo.

— Não — disse Ralph com um sorriso descorado. — Nunca foi. E a WomanCare é uma clínica de abortos, não é?

Davenport lançou-lhe um olhar de quem está perdendo a paciência e indicou com a cabeça a Secondhand Rose.

— É como gente idiota que nem *ele* chama a instituição, só que gostam de usar a palavra *usina* ao invés de *clínica*. Desprezam todo o resto que a WomanCare faz. — Para Ralph, Davenport começara a parecer o cara da TV que anuncia meias-calças indesfiáveis nos intervalos do filme de domingo à tarde.

— Eles fazem terapia familiar, cuidam dos casos de abuso de mulheres e crianças, e mantêm um abrigo para essas mulheres lá para os lados de Newport. Têm um centro para atendimento de estupros na cidade, junto ao hospital, e uma linha direta de 24 horas para mulheres vítimas de estupro ou espancamento. Em resumo, eles defendem idéias que levam os homens de Malboro como Dalton a apelarem para essas baixarias.

— Mas eles *fazem* abortos — retrucou Ralph. — É contra isso que o pessoal se manifesta, certo?

Ralph tinha a impressão de ter visto manifestantes com cartazes diante do edifício de tijolos à vista, baixo e discreto, que sediava o WomanCare há anos. Eles sempre lhe pareciam demasiado pálidos, demasiado fanáticos, demasiado magros ou demasiado gordos, demasiado convictos de que Deus estava do seu lado. Os cartazes que carregavam diziam O FETO TEM DIREITOS, TAMBÉM e A VIDA É UMA BELA OPÇÃO e o já conhecido ABORTO É CRIME! Em diversas ocasiões, mulheres que usavam a clínica

— que para Ralph era próxima mas desvinculada do hospital Derry Home

— tinham levado cusparadas.

— É eles fazem abortos — Ham confirmou. — Você é contra?

Ralph pensou no número de anos em que Carolyn e ele tinham tentado ter um filho — anos que não produziram nada além de falsos alarmes e um único e sangrento aborto espontâneo aos cinco meses de gravidez — e sacudiu os ombros. De repente o dia lhe pareceu demasiado quente e as pernas demasiado cansadas. A lembrança da viagem de volta — prin-

cipalmente do trecho da ladeira Morro-Acima — pendia no fundo de sua mente como um peixe preso numa fieira de anzóis.

— Sei lá — respondeu. Só gostaria que as pessoas não fizessem.. tanto estardalhaço.

Davenport deu um grunhido, foi até a vitrine do vizinho e espiou o falso cartaz de *Procura-se*. Enquanto o contemplava, um homem alto e pálido com uma barbicha — a absoluta antítese do Homem de Malboro, na opini-

ão de Ralph — materializou-se, vindo das sombras profundas da Secondhand Rose, como um fantasma de teatro de variedades, um tanto embolo-rado nos contornos. Viu o que Davenport olhava, e um sorrisinho desdenhoso marcou os

cantos de sua boca. Ralph achou que era o tipo de sorriso que podia custar a um homem alguns dentes ou uma fratura no nariz. Espe-cialmente num dia abafado como aquele.

Davenport apontou para o cartaz e sacudiu a cabeça enfaticamente.

O sorriso de Dalton se alargou. Abanou as mãos para Davenport —

Quem liga para o que você pensa? dizia o gesto — e em seguida desapareceu novamente nas profundezas de sua loja.

Davenport voltou-se para Ralph, manchas vermelho-vivas ardendo no rosto.

— A foto desse homem devia estar junto da palavra *pentelho* no dicionário.

Aposto que é *exatamente isso que ele acha de você,* pensou Ralph, mas naturalmente calou-se.

Davenport parou diante do carrinho cheio de brochuras, as mãos enfiadas nos bolsos sob o avental vermelho com os trocados, refletindo sobre o cartaz de

(*ei ei*)

Susan Day.

— Bem — disse Ralph — acho que é melhor eu. .

Davenport despertou de suas reflexões:

— Não vá ainda não — falou. — Assine primeiro meu abaixo-assinado, está bem? Devolva um pouco de alegria à minha manhã.

Ralph remexeu os pés constrangido.

— Em geral não me envolvo em confrontos desse..

— Vamos, Ralph — Davenport emendou num tom de vamos-ser-razoáveis. — Não estamos falando de confronto; estamos falando de garantir que gente excêntrica e maluca como a que dirige o Pão-de-Cada Dia — e brucutus políticos como Dalton — não fechem um centro de assistência às mulheres. Isto não é o mesmo que pedir o seu apoio para os testes de guerra química com golfinhos.

— Não — respondeu Ralph. — Acho que não.

— Nossa expectativa é mandar cinco mil assinaturas a Susan Day até o dia 12 de setembro. Provalmente não vai adiantar nada — Derry não passa de um buraco no meio da estrada e ela provavelmente já deve ter compromissos agendados até o próximo século — mas não custa tentar.

Ralph pensou em responder a Ham que o único abaixo-assinado que gostaria de assinar era aos deuses do sono para que lhe devolvessem as três horas de bom descanso noturno que tinham-lhe roubado, mas outra espiada na cara do amigo o fez decidir em contrário.

Carolyn teria assinado essa porcaria, pensou. *Ela não era fã do aborto, mas também não era fã de homens que chegam em casa depois dos bares fecharem e confundem mulheres e crianças com sacos de pancadas.*

Verdade, mas essa não teria sido sua principal razão para assinar: teria assinado pela possibilidade de ouvir uma autêntica agitadora como Susan Day de viva voz, a poucos metros de distância. Teria feito isso pela curiosidade inata que provavelmente fora sua característica dominante — uma coisa tão forte que nem mesmo o tumor cerebral conseguira anular. Dois dias antes de morrer, ela puxara a entrada de cinema com que ele marcara o ro-

mance que tinha deixado em cima da mesa-de-cabeceira do lado dela porque queria saber que filme fora ver. Na verdade vira *A Few Good Men,* e ficou ao mesmo tempo surpreso e desanimado ao descobrir o quanto doía lembrar do incidente. Ainda agora doía para danar.

— Claro — disse a Ham. — Terei prazer em assinar.

— Você é dos meus! — Davenport exclamou, dando-lhe uma palmadinha no ombro. O ar anuviado foi substituído por um sorriso, mas Ralph não achou que a mudança melhorasse alguma coisa. O sorriso era duro e pouco agradável. — Entre no meu antro de iniqüidade!

Ralph acompanhou-o pelo interior da loja que rescendia a fumo e que não parecia particularmente iníqua às nove e meia da manhã. Winston Smith correu adiante dos dois, parando apenas uma vez para olhá-los com aqueles vetustos olhos amarelos. *Ele é um bobo e você, outro,* poderia ter dito aquele último olhar. Nas circunstâncias, não era uma conclusão que Ralph fizesse muita questão de discutir. Meteu seu jornal debaixo do braço, curvou-se para a folha de papel pautado sobre o balcão ao lado da caixa registradora, e assinou o abaixo-assinado para Susan Day vir a Derry falar em defesa do WomanCare.

3

SAIU-SE MELHOR subindo a ladeira Morro-Acima do que esperara, e atravessou o cruzamento em X da Witcham com a Jackson pensando *E aí, não foi tão ruim assim, foi..*

De repente percebeu que seus ouvidos estavam zumbindo e as pernas começavam a tremer sob o peso do corpo. Parou do outro lado da Witcham e colocou a mão sobre a camisa. Sentia o coração bater sob o tecido, bom-beando sangue com uma fúria que dava medo. Ouviu um farfalhar de papel e viu um suplemento de anúncios se soltar *do Globe* de Boston e cair oscilando na sarjeta. Começou a se abaixar para apanhá-lo, então parou.

Não é uma boa idéia, Ralph — se você se abaixar é bem capaz de se estatelar.

Sugiro que deixe o suplemento para o gari.

— Muito bem, é uma boa idéia — murmurou, endireitando-se. Pontos negros sugiram diante de seus olhos como um bando surreal de corvos e, por um instante, Ralph quase teve certeza de que de um jeito ou de outro ia acabar caindo por cima do suplemento.

— Ralph? Você está bem?

Ele ergueu os olhos cautelosamente e viu Lois Chasse, que morava do outro lado da Avenida Harris, a meio quarteirão da casa que ele dividia com Bill McGovern. Estava sentada em um banco do lado de fora do parque Strawford, provavelmente à espera do ônibus da rua do Canal para levá-la ao centro.

— Claro, estou ótimo — respondeu, fazendo as pernas mexerem. Teve a sensação de que atravessava um caminho pegajoso, mas achou que chegara ao banco sem dar vexame. Não pôde, porém, conter um suspiro de gratidão ao se sentar ao lado de Lois.

Lois Chasse tinha grandes olhos escuros — do tipo que chamavam de olhos ibéricos quando Ralph era criança — e ele era capaz de apostar que aqueles olhos tinham dançado na imaginação de dúzias de rapazes durante os anos em que Lois frequentara a escola secundária. Continuavam a ser seu ponto forte, mas Ralph não gostou muito da preocupação que percebia neles agora. Era. . o quê? *Um pouco atenciosa demais para seu gosto* foi o primeiro pensamento que lhe ocorreu, mas não tinha certeza de que formulava o pensamento *corretamente*.

— Ótimo — repetiu Lois.

— Não tenha dúvida. — Ele puxou o lenço do bolso traseiro, examinou-o para se certificar de que estava limpo, e em seguida enxugou a testa.

— Espero que não se importe que lhe diga uma coisa, Ralph, mas você não *parece* ótimo.

Ralph se *importava* que ela dissesse, sim, mas não sabia como lhe dizer isso.

— Você está pálido, suando, e está agindo como um sujismundo.

Ralph olhou para Lois, espantado.

— Alguma coisa caiu do seu jornal. Acho que era um suplemento pu-blicitário.

— Caiu?

— Você sabe perfeitamente que caiu. Me dá uma licencinha.

Ela se levantou, atravessou a calçada, abaixou-se (Ralph reparou que, embora seus quadris estivessem um tanto largos, as pernas continuavam admiravelmente enxutas para uma mulher que devia andar pelos sessenta e oito), e apanhou o suplemento. Voltou com ele ao banco e se sentou.

— Tome. Agora você não é mais um sujismundo.

Ele sorriu mesmo sem querer.

— Muito obrigado.

— Não tem de quê. Posso usar o cupom de descontos do restaurante, da loja de hambúrguer e da Coca Diet. Engordei *tanto* desde que meu marido morreu.

— Você não está gorda, Lois.

— Muito obrigada, Ralph, você é um perfeito cavalheiro, mas não vamos mudar de assunto. Você teve uma tontura, não foi? Na verdade, você quase desmaiou.

— Eu estava apenas recuperando o fôlego — informou secamente, virando-se para observar um grupo de garotos que jogavam beisebol dentro do parque. Jogavam com garra, riam e bolinavam uns aos outros de sacanagem. Ralph invejou a eficiência dos seus sistemas de condicionamento de ar.

— Recuperando o fôlego, é?

— É.

— Apenas recuperando o fôlego.

— Lois, você está começando a parecer um disco arranhado.

— Pois bem, o disco arranhado vai lhe dizer uma coisinha. Você é *maluco* de tentar subir a Morro-Acima neste calor. Se você quer caminhar, por que não escolhe a Extensão da Harris, que é plana, como costumava fazer?

— Porque me faz pensar em Carolyn — falou, aborrecido com a maneira seca e quase grosseira com que respondia, mas sem conseguir se refrear.

— Que merda — ela apertou rapidamente sua mão. — Me desculpe.

— Está tudo bem.

— Não está, não. Eu devia ter deduzido. Mas seu estado agora há pouco, também não era nada bom. Você não tem mais vinte anos, Ralph.

Nem mesmo quarenta. Não quero dizer que não esteja em boa forma — qualquer pessoa pode ver que está em ótima forma para um cara de sua idade — mas precisa se cuidar um pouco mais. Carolyn gostaria que você se cuidasse.

— Eu sei, mas estou realmente..

...bem, ele ia dizer, e então ergueu os olhos postos nas mãos, tornou a encarar os olhos escuros da mulher, e o que viu neles, durante alguns segundos, não o deixou terminar o que ia dizer. Havia tristeza e cansaço naqueles olhos. . ou seria solidão? Talvez ambos. De qualquer modo, não foi só isso que viu neles. Viu-se a si mesmo.

Você está sendo tolo, diziam os olhos que contemplavam os seus. *Talvez nós dois estejamos. Você tem setenta anos e é viúvo, Ralph. Eu tenho sessenta e oito e sou viúva. Quanto tempo vamos nos sentar em sua varanda à noite com Bill McGovern bancando a vela mais velha do mundo? Não muito, espero, porque nenhum de nós dois debu-tou ontem.*

— Ralph? — Lois chamou, repentinamente preocupada. — Você está bem?

— Estou — respondeu, voltando mais uma vez o olhar para as mãos.

— Claro que estou.

— Você estava fazendo uma cara de quem... bem, não sei.

Ralph se perguntou se a combinação do calor e da subida da ladeira *teriam*

confundido um pouco o seu cérebro. Porque, afinal de contas, estava diante de *Lois,* a quem McGovern sempre se referia (com um pequeno e satírico arquear da sobrancelha esquerda) como ―a nossa Lois‖. E tudo bem, era verdade, ela continuava em boa forma — pernas enxutas, um bonito busto e aqueles olhos notáveis — e talvez ele não se importasse de levá-la para a cama, e talvez ela não se opusesse. Mas o que haveria depois? Se por acaso visse uma entrada de cinema saindo do livro que ele estava lendo, será que a puxaria, cheia de curiosidade pelo filme que ele vira e lamentaria que não tivesse ido junto?

Ralph achava que não. Os olhos de Lois eram notáveis e ele descobrira os seus próprios descendo pelo decote em V da blusa dela mais de uma vez, quando os três se sentavam na varanda, bebendo chá gelado na fresca da noite, mas ele tinha a impressão de que sua cabecinha podia meter sua cabe-

çorra em apuros, mesmo aos setenta. A velhice não era desculpa para alguém se tornar descuidado.

Ele se pôs de pé, consciente de que Lois o observava, e fez um esforço extra para manter o corpo ereto.

— Obrigado por sua preocupação — disse. — Quer acompanhar um velho rua acima?

— Obrigada, mas estou indo para o centro. Há uma promoção de lã

cor-de-rosa muito bonita no Círculo de Costura, e estou pensando num xale. Vou ficar aqui, esperando o ônibus e curtindo os meus cupões.

Ralph sorriu.

— Faça isso. — Deu uma olhada nos garotos que jogavam no campo improvisado. Nisso, um menino com uma extravagante cabeleira ruiva ar-remeteu da terceira base e se atirou no chão mergulhando de cabeça. . e foi bater contra as caneleiras do apanhador com um audível *pam*. Ralph fez uma careta, imaginando ambulâncias com luzes piscando e sirenes ligadas, mas o cabelo de cenoura se levantou de um salto, rindo.

— Perdeu o lance, seu trapalhão! — gritou.

— Perdi uma porra! — retrucou o apanhador indignado, mas em seguida caiu na gargalhada também.

— Já teve vontade de voltar a essa idade, Ralph? — perguntou Lois.

Ele pensou um pouco.

— Algumas vezes. Em geral parece cansativo demais. Apareça hoje à noite, Lois: venha sentar um pouquinho conosco.

— Sou bem capaz de fazer isso — ela respondeu e Ralph começou a subir a Avenida Harris, sentindo o peso daqueles olhos notáveis pousados nele, e procurando manter as costas retas. Achou que estava se saindo bem, mas era dureza. Nunca se sentira tão cansado na vida.

CAPÍTULO 2

1

RALPH marcou a consulta com o Dr. Litchfield menos de uma hora após sua conversa com Lois no banco do parque; a recepcionista de voz calma e sexy lhe informou que poderia encaixá-lo na próxima terça-feira às dez horas da manhã, se lhe conviesse, e Ralph respondeu que estava perfeito. Então desligou, entrou na sala, sentou-se na poltrona com vista para a Avenida Harris, e pôs-se a refletir sobre a maneira com que, inicialmente, o Dr. Litchfield tratara o tumor cerebral de sua mulher com Tylenol-3 e plan-fletos sobre as várias técnicas de relaxamento. Daí pensou na expressão que vira nos olhos de Litchfield, depois que os testes de ressonância magnética confirmaram as más notícias da tomografia computadorizada.. aquela expressão de culpa e constrangimento.

Na calçada defronte, um bando de crianças, que logo voltaria às aulas, saiu do mercadinho munidas de doces e refrigerantes. Enquanto Ralph as observava montarem as bicicletas e saírem pedalando pelo calor de onze horas de um dia claro e quente, pensou no que sempre pensava quando lhe ocorria a lembrança dos olhos do Dr. Litchfield: que provavelmente era uma lembrança equivocada.

A coisa, amigão, é que você queria *que o Litchfield parecesse constrangido. . e mais do que isso, você queria que ele parecesse culpado.*

Possivelmente era verdade, possivelmente Carl Litchfield era gente boa e um cobra em medicina mas, ainda assim, Ralph telefonou novamente para o consultório de Litchfield meia hora mais tarde. Disse à recepcionista de voz sexy que acabara de verificar sua agenda e descobrira que afinal não estava livre na próxima terça-feira, às dez horas. Marcara uma consulta com o pedicure para aquele dia e tinha se esquecido completamente.

— Minha memória já não é a mesma — justificou Ralph.

A recepcionista sugeriu a quinta-feira seguinte às duas.

Ralph respondeu com a promessa de voltar a ligar.

Mentiroso, mentiroso, pensou ao desligar o telefone, caminhou lentamente de volta à poltrona e sentou-se com cuidado. *Cortou relações com ele?*

Supunha que sim. Não que o Dr. Litchfield fosse perder sequer uma noite de sono por isso; se chegasse a pensar em Ralph, seria apenas como um velhote a menos para peidar em sua cara durante o exame da próstata.

Muito bem, então o que vai fazer a respeito de sua insônia, Ralph?

— Sente-se bem quieto meia hora antes de deitar e ouça música clássica — disse em voz alta. — Compre umas fraldas para resolver os incômodos ―chamados da natureza‖.

Surpreendeu-se ao achar graça da imagem. Seu riso tinha uma pontinha de histeria que não lhe agradou muito — assustou-o bastante, para falar a verdade — mas demorou algum tempo até conseguir parar de rir.

No entanto, achava que ia experimentar a sugestão de Hamilton Davenport (dispensaria as fraldas, obrigado), da mesma maneira que experimentara a maioria dos remédios caseiros que as pessoas bem-intencionadas tinham-lhe indicado. Isto o levou a pensar no primeiro remédio caseiro *confiável,* o que lhe provocou nova risada.

Fora idéia de McGovern. Encontrava-se sentado na varanda uma noite quando Ralph voltara do mercadinho trazendo macarrão e molho, deu uma boa olhada no vizinho do sobrado, fez um muxoxo, e sacudiu a cabeça penalizado.

— Que quer dizer com isso? — perguntou Ralph, sentando-se a seu lado. Mais adiante na rua, uma garotinha vestindo jeans e uma enorme camiseta branca pulava corda e cantava à luz poente.

— Quero dizer que você está bem abatido — respondeu McGovern.

Usou o polegar para empurrar a aba do chapéu-panamá para trás e examinar Ralph mais atentamente. — Continua sem dormir?

— Continuo sem dormir — confirmou Ralph.

McGovern calou-se durante alguns segundos. Quando tornou a falar, foi num tom absolutamente definitivo — de fato, quase apocalíptico.

— Uísque é a resposta — falou.

— O que foi que disse?

— Para sua insônia, Ralph. Não digo que deva tomar banho de uísque

— não precisa chegar a tanto. Misture uma colher de sopa de mel com meia dose de uísque e vire a mistura quinze ou vinte minutos antes de cair na cama.

— Você acha? — Ralph perguntou esperançoso.

— Só posso dizer que funcionou comigo, e tive sérios problemas para dormir por volta dos quarenta anos. Lembrando agora, acho que foi a minha crise da meia-idade — seis meses de insônia e, no início da calvície, uma depressão que durou um ano.

Embora os livros que andara consultando dissessem que a bebida era uma cura para insônia superestimada — que, muitas vezes, piorava o problema ao invés de melhorá-lo — Ralph experimentou-a assim mesmo.

Nunca fora de beber muito, por isso começou ajustando a meia dose recomendada por McGovern para um quarto de dose, mas, passada uma semana sem o menor alívio, subira a cota para uma dose inteira.. depois duas. Acordou certa manhã às quatro e vinte e dois com uma dor de cabeça morrinha, além do gosto insípido do uísque Early Times no céu da boca, e percebeu que estava tendo sua primeira ressaca em quinze anos.

— A vida é curta demais para essas porcarias — anunciou para o apartamento vazio, terminando, assim, sua grande experiência com uísque.

2

MUITO BEM, pensou Ralph enquanto observava o fluxo irregular de fregueses entrando e saindo do mercadinho defronte. *A situação é a seguinte: McGovern diz que sua aparência está uma merda, você quase desmaiou ao pés de Lois Chasse hoje de manhã, e acabou de cancelar a consulta com O Velho Médico de Família.*

Que vai fazer agora? Deixar rolar? Aceitar a situação e deixar rolar?

A idéia tinha até um certo charme oriental — destino, carma, e coisa e tal — mas ia precisar de muito mais do que charme para suportar as longas horas da madrugada. Os livros diziam que havia gente no mundo, muita gente, que conseguia viver muito bem com três ou quatro horas de sono por noite. Havia até

quem vivesse com apenas duas. Era uma minoria, mas existia.

Ralph Roberts, porém, não fazia parte dela.

A aparência até que não era tão importante — sua época de ídolo de matinê ficara no passado — mas seu bem-estar sim, e já não era apenas uma questão de não se sentir bem; sentia-se péssimo. A insônia começara a per-mear todos os aspectos de sua vida, como o cheiro de alho frito no quinto andar acabava permeando todo um prédio de apartamentos. A cor principi-ara a esmaecer das coisas; o mundo começara a assumir o aspecto opaco e granuloso de uma fotografia de jornal.

Decisões simples — esquentar uma refeição congelada para comer à noite ou apanhar um sanduíche no mercadinho e ir comê-lo na área de piqueniques próximo à pista 3, por exemplo — tinham-se tornado difíceis, quase aflitivas. Nas últimas semanas, surpreendera-se voltando da loja de vídeo de mãos vazias, cada vez com maior freqüência, não porque não hou-

vesse nada na loja que quisesse assistir mas porque havia opções demais —não conseguia decidir se queria ver um filme do Dirty Harry ou uma comédia de Billy Crystal ou ainda um episódio antigo de Jornada nas Estrelas.

Depois de algumas experiências dessas, atirara-se nesta mesma poltrona, quase chorando de frustração. . e, supunha, de medo.

Aquele sorrateiro entorpecimento dos sentidos e a erosão da capacidade de decidir não eram os únicos problemas que passara a associar com a insônia; sua memória para fatos recentes também começara a falhar. Sempre tivera o hábito de ir ao cinema pelo menos uma e até duas vezes por semana, desde que se aposentara da gráfica, onde encerrara a vida de trabalho como contador e supervisor geral. Carolyn o acompanhara até o ano passado, quando, demasiado doente, deixara de sentir prazer em sair de casa. Depois de sua morte, passara a ir, em geral, sozinho, embora Helen Deepneau o tivesse acompanhado em uma ou duas ocasiões em que Ed estava em casa para cuidar da neném (o próprio Ed não ia quase nunca, alegava que o cinema lhe dava dor de cabeça). Ralph habituara-se de tal forma a ligar para a secretária eletrônica do cinema para descobrir o horário das sessões que sabia o número de cor. A medida que o verão foi passando, porém, começou a sentir a necessidade de consultar o catálogo de telefones com uma freqüência cada vez maior — não conseguia ter certeza se os quatro últimos números eram 1317 ou 1713.

— É 1713 — disse agora. Sei que é. — Mas será que sabia? Sabia mesmo?

Ligue novamente para Litchfield. Vamos, Ralph — pare de se martiri-zar. Faça alguma coisa construtiva. E se o Litchfield está entalado em sua garganta, consulte outro. O catálogo nunca esteve tão cheio de médicos.

Provavelmente era verdade, mas setenta anos é muita idade para se sair procurando outro médico pelo método do uni-duni-tê. E não ia ligar outra vez para Litchfield. Ponto final.

Muito bem, e agora seu velho bode teimoso? Mais alguns remedinhos caseiros? Espero que não, porque nesse ritmo daqui a pouco vai estar comendo olho de lagarto e língua de sapo.

A solução que lhe ocorreu foi como uma brisa fresca num dia de calor. . e era tão absurdamente simples. Toda a pesquisa que fizera nos livros naquele verão tivera, como único objetivo, compreender o problema e não encontrar uma solução. No capítulo das respostas, ele confiara quase que unicamente nos remédios alternativos, como uísque com mel, mesmo quando os livros já haviam garantido que, provavelmente, não adiantariam ou adiantariam apenas por pouco tempo. Embora os livros tivessem oferecido vários métodos para enfrentar a insônia, presumivelmente confiáveis, o único que Ralph realmente experimentara fora o mais simples e mais óbvio: ir para a cama mais cedo. A sugestão não funcionara — simplesmente permanecera deitado e insone até as onze e meia mais ou menos e, em seguida, adormecera para acordar mais cedo — mas outra sugestão talvez produzisse resultado.

De qualquer maneira, valia a pena experimentar.

3

AO INVÉS de passar a tarde naquela agitação costumeira de cuidar do jardim, Ralph foi até a biblioteca e folheou alguns livros que já lera. Parecia ser consenso geral que, quando ir para a cama mais cedo não resolvia, ir mais tarde talvez resolvesse. Ralph voltou para casa (lembrando-se das aventuras anteriores, dessa vez tomou um ônibus) sentindo uma tímida esperan-

ça. Quem sabe funcionaria. Se não funcionasse sempre poderia recorrer a Bach, Beethoven e William Ackerman.

Sua primeira tentativa com a técnica que um dos textos chamava de

―atrasar o sono‖ foi cômica. Acordou à hora então habitual (3h45 pelo reló-

gio digital sobre a lareira da sala de estar), com as costas e o pescoço doendo,

sem entender imediatamente como chegara à poltrona junto à janela, ou por que a TV estava ligada, transmitindo apenas chuviscos e um ruído abafado que lembrava o das ondas na praia.

Somente quando deixou a cabeça pender cautelosamente para trás, sustentando a nuca com a mão em concha, é que entendeu o que acontecera. Pretendera ficar acordado no mínimo até as três ou quatro horas. Iria então para a cama e dormiria o sono dos justos. Esse fora o plano. No entanto, O Incrível Insone da Avenida Harris adormecera durante o monólo-go de abertura de Jay Leno, como uma criança que tenta ficar acordada a noite inteira só para ver como é. E então, naturalmente, terminara a aventura acordando na droga da poltrona. O problema era o mesmo, qualquer um teria dito; só mudara o lugar.

Ralph fora para a cama assim mesmo, com uma leve esperança, mas a vontade (se não a necessidade) de dormir passara. Após uma hora de vigília, voltara à poltrona, desta vez com um travesseiro para escorar o pescoço duro e um sorriso triste no rosto.

4

NÃO HOUVE graça nenhuma na segunda tentativa, realizada na noite seguinte. O sono começou a chegar à hora de sempre — onze e vinte, quando o apresentador da meteorologia anunciou a previsão do tempo para o dia seguinte. Desta vez Ralph venceu o sono, conseguiu ver o programa seguinte inteiro (embora quase tivesse cochilado durante a entrevista com a convidada da noite) e também a sessão coruja. Passou um velho filme de Audie Murphy em que o herói parecia estar ganhando a guerra do Pacífico praticamente sozinho. Por vezes, Ralph tinha a impressão de que havia uma regra implícita entre as emissoras locais de TV, pela qual os filmes exibidos de madrugada só podiam ser estrelados por Audie Murphy e James Brolin.

Depois que explodiram o último abrigo subterrâneo japonês, Ralph trocou de canal à procura de outro filme, mas não encontrou nada além do familiar chuvisco. Supunha que poderia ter visto filmes a noite inteira se tivesse assinatura da TV a cabo, como Bill no andar de baixo ou Lois mais adiante na rua; lembrava-se de ter incluído isso na lista de coisas a providen-ciar no ano seguinte. Mas Carolyn morrera e a TV a cabo — com ou sem espectador doméstico — deixara de parecer tão importante.

Descobriu um exemplar de *Sports Il ustrated* e começou a ler, sem muito interesse, um artigo sobre tênis feminino que lhe escapara na primeira leitura, espiando de vez em quando o relógio, à medida que os ponteiros avan-

çavam para as 3h da madrugada. Praticamente convencera-se de que o método ia funcionar. Sentia as pálpebras tão pesadas que parecia que as mergulhara em concreto e, embora estivesse lendo o artigo sobre tênis com cuidado, palavra por palavra, não fazia idéia do ponto a que o autor queria chegar. Frases inteiras lampejavam incompreensíveis pelo seu cérebro, como raios cósmicos.

Vou dormir esta noite — acho que vou mesmo. Pela primeira vez em meses, o sol terá que nascer sem minha ajuda, e isso não é apenas bom, amigos e vizinhos, isso é o máximo.

Pouco depois das três horas, aquela sonolência agradável começou a desaparecer. Não desapareceu como o estouro de uma rolha de champanhe, mas foi escoando aos pouquinhos, como areia passando por uma peneira fina ou água descendo por um cano parcialmente entupido. Quando Ralph percebeu o que estava acontecendo, não sentiu pânico, mas um desânimo doentio. Era uma sensação que aprendera a reconhecer como o verdadeiro antônimo da esperança e, quando se retirou para o quarto, arrastando os chinelos, às três e quinze, não conseguia se lembrar de uma depressão mais profunda do que aquela que o envolvia. Sentia-se sufocar.

— Por favor, meu Deus, só um cochilo — murmurou ao desligar a luz, mas tinha fortes suspeitas de que ali estava um pedido que não seria atendido.

Realmente não foi. Embora estivesse acordado há vinte e quatro horas àquela altura, o último vestígio de sonolência abandonou seu corpo e sua mente por volta das quinze para as quatro. Sentia-se cansado, sim — profundamente cansado, como jamais se sentira na vida — mas descobrira que entre sentir cansaço e sono havia, por vezes, uma enorme distância. O sono, aquele amigo imparcial, o melhor e mais confiável enfermeiro da humanidade desde a aurora do tempo, mais uma vez o abandonara.

Por volta das quatro horas, sua cama lhe pareceu odiosa, como sempre ocorria quando percebia que não podia aproveitá-la. Girou as pernas para o chão, coçando os pêlos — quase inteiramente grisalhos — que saíam pelo paletó do pijama meio desabotoado. Enfiou os chinelos, saiu arrastando os pés de volta à sala de estar, onde despencou na poltrona e ficou espiando a Avenida Harris. Parecia um cenário teatral onde o único ator àvista nem era humano: um vira-lata perambulava pela Avenida Harris em direção ao parque Strawford e à ladeira do Morro-Acima. Mantinha a perna traseira da direita erguida o maior tempo possível e coxeava com as outras três o melhor que podia.

— Oi, Rosalie — Ralph murmurou, esfregando os olhos com a mão.

Era uma manhã de quinta-feira, dia de coleta de lixo na Avenida Harris, por isso não se surpreendeu em ver Rosalie, figura fácil no bairro neste último ano ou pouco mais. Ela foi descendo a rua descansadamente, investigando as fileiras de latas de lixo com o discernimento de um velho freguês do mercado das pulgas.

Rosalie — que coxeava mais do que nunca esta manhã, parecendo tão cansada quanto Ralph — descobriu então um osso de carne de vaca de bom tamanho e se afastou a trote, levando-o na boca. Ralph a observou até desaparecer de vista, e simplesmente continuou sentado com as mãos cruzadas no colo, espiando o bairro silencioso, onde as lâmpadas laranja de alta intensidade contribuíam para a ilusão de que a Avenida Harris nada mais era que um cenário abandonado pelos atores após a última sessão noturna; brilhavam como refletores numa perspectiva decrescente ao mesmo tempo surreal e alucinante.

Ralph Roberts permaneceu ali, na poltrona em que ultimamente passara tantas madrugadas, à espera de que a luz e o movimento revestissem o mundo sem vida lá embaixo. Finalmente o primeiro ator humano — Pete, o jornaleiro — entrou pela direita do palco, montando uma Raleigh. Pedalou a bicicleta rua acima, atirando os jornais enrolados, que retirava de uma bolsa pendurada ao ombro, para as varandas com um razoável grau de acerto.

Ralph observou-o durante algum tempo, suspirou profundamente e se levantou para preparar um chá.

— Não me lembro de *jamais* ter lido essa merda no meu horóscopo —falou em tom cavernoso, abrindo a torneira da cozinha, para encher a chaleira.

5

AQUELA LONGA manhã de quinta-feira e sua tarde ainda mais longa ensinaram a Ralph Roberts uma lição valiosa: não desprezar três ou quatro horas de sono por noite simplesmente porque passara a vida sob a impressão equivocada de que tinha o direito de dormir no mínimo seis e, em geral, sete horas. Serviram também de terrível trailer do que estava por vir: se as coisas não melhorassem, provavelmente se sentiria assim a maior parte do tempo. Diabos, o tempo *todo*. Foi para o quarto às dez horas da manhã e novamente à uma, na esperança de tirar um cochilo — até um cochilinho bastaria, meia hora de sono já seria uma bênção — mas não conseguiu sequer sentir sonolência. Sentia um cansaço extremo, mas nem um pingo de sono.

Por volta das três, resolveu preparar uma sopa instantânea. Encheu a chaleira de água, pôs para ferver, abrindo o armário sobre a bancada da pia onde guardava

temperos, ervas e vários envelopes de comida que aparentemente só astronautas e velhos comiam — pós diversos a que o consumidor só precisava adicionar água quente.

Empurrou latas e frascos de um lado para o outro aleatoriamente, até que ficou parado, espiando o armário durante algum tempo, como se esperasse que a caixa com envelopes de sopa se materializasse no espaço que abrira. Quando isso não aconteceu, repetiu o processo, só que desta vez deslocou as coisas para a posição inicial antes de espiar novamente, com o ar de distante perplexidade que estava-se tornando (misericordiosamente, Ralph não sabia disso) sua expressão predominante.

Quando a chaleira apitou, passou-a para uma das bocas de trás e voltou a espiar dentro do armário. Compreendeu — muito, muito lentamente

— que devia ter gasto o último envelope de sopa na véspera ou na antevés-pera, embora não conseguisse por nada nesse mundo se lembrar do fato.

— E isso é alguma surpresa? — perguntou às caixas e frascos no armário aberto. — Estou tão cansado que nem consigo me lembrar do meu nome.

Consigo, sim, pensou. *É Leon Redbone. Pronto!*

Era uma piada besta, mas sentiu um sorrisinho — leve como uma pena — tocar seus lábios. Deu uma passada no banheiro, penteou os cabelos e desceu. *Aqui vai Audie Murphy, avançando sobre o território inimigo em busca de suprimentos,* pensou. *Objetivo principal: uma caixa de envelopes de Canja de Galinha.*

Na impossibilidade de localizar e atingir o alvo principal, desviarei para o objetivo seguinte: Macarrão com carne. Sei que é *uma missão arriscada, mas. .*

— ...mas trabalho melhor sozinho — terminou quando saía para a varanda.

A velha Sra. Perrine, que por acaso ia passando, brindou Ralph com um olhar sagaz, mas não disse nada. Ele esperou que a mulher passasse —não se sentia capaz de conversar com ninguém esta tarde, e menos ainda com a Sra. Perrine que, aos oitenta e dois anos, conseguira arranjar um trabalho estimulante e útil junto aos fuzileiros navais na ilha Parris. Fingiu estar examinando uma planta num dos vasos pendurados sob a aba do telhado, até ela atingir o que considerou uma distância segura; só então atravessou a Avenida Harris, rumo ao mercadinho. Ali, os verdadeiros problemas do dia começaram.

ENTROU na lojinha de conveniência, remoendo novamente o espetacular fracasso da experiência de retardar o sono. Perguntava-se se afinal os conselhos nos textos da biblioteca não passariam de uma versão urbana dos remédios caseiros que seus conhecidos pareciam ansiosos para lhe indicar.

Era uma idéia desagradável, mas achou que sua mente (ou a força que a controlava, na realidade a responsável por essa tortura lenta) lhe transmitira uma mensagem que era ainda mais desagradável: *Você tem uma janela do sono, Ralph. Não é tão grande como costumava ser e parece andar diminuindo a cada semana que passa, mas é melhor ser grato pelo que tem, porque uma janela pequena é melhor do que nenhuma. Está percebendo isso agora, não está?*

— Estou — Ralph resmungou ao caminhar pelo corredor central até a prateleira das caixas de sopa. — Estou percebendo muito bem.

Sue, a balconista da tarde, riu animada.

— Você deve ter dinheiro no banco, Ralph — comentou.

— Desculpe, não ouvi — Ralph não se virou; estava inventariando as caixas vermelhas. Temos aqui cebola.. ervilha. . macarrãozinho com carne..

mas, que diabos, por onde andava a Canja de Galinha?

— Mamãe sempre me disse que as pessoas que falam sozinhas têm..

Ah, meu Deus!

Por um instante, Ralph pensou que a moça dissera algo demasiado complexo para sua mente cansada apreender de pronto, alguma coisa sobre gente que falava sozinha ter encontrado Deus, mas, em seguida, ela gritou.

Ele se curvara para olhar as caixas na prateleira de baixo, e o grito fez com que se erguesse com tanta força e rapidez, que seus joelhos estalaram. Girou o carrinho na direção da entrada da loja, e esbarrou o cotovelo na prateleira superior das caixas de sopa, fazendo cair meia dúzia de embalagens vermelhas no corredor.

— Sue? Que foi que houve?

Sue não lhe deu atenção. Olhava para a porta com as mãos crispadas contra a boca e os enormes olhos castanhos a espiar por cima delas.

— Meu Deus, olhe aquela sangueira! — exclamou com a voz embargada.

Ralph virou-se mais um pouco, derrubando mais algumas caixas de sopa no corredor, e espiou pela vitrine suja do mercadinho. O que viu tirou-lhe o fôlego, e gastou alguns segundos — talvez cinco — para perceber que a mulher espancada e ensangüentada que cambaleava em direção à loja era Helen Deepneau. Ralph sempre achara Helen a mulher mais bonita do setor leste da cidade, mas não havia beleza alguma nela agora. Um dos olhos fechara de tão inchado; havia um corte na têmpora esquerda que logo seria coberto pelo edema espalhafatoso de uma pancada recente; os lábios inchados e as faces estavam cobertos de sangue. O sangue espirrara do nariz e continuava a escorrer. Helen ziguezagueou pelo pequeno estacionamento do mercadinho até a porta como uma bêbada, o olho bom não parecia enxergar nada, apenas olhava arregalado.

Mais assustadora que a sua aparência era a maneira como carregava Natalie. Trazia a neném, que berrava de medo, enganchada displicentemente no quadril, carregando-a como teria carregado os livros para a escola há dez ou doze anos.

— *Meu Deus ela vai deixar a neném cair!* — Sue berrou, mas, embora estivesse uns dez passos mais próxima da porta do que Ralph, não se mexeu — simplesmente continuou parada, com as mãos comprimindo a boca e os olhos engolindo o rosto.

O cansaço de Ralph desapareceu. Precipitou-se pelo corredor, escanca-rou a porta e correu para fora. Chegou na hora exata de agarrar Helen pelos ombros, quando ela bateu o quadril contra um freezer — por sorte não foi o quadril em que trazia Natalie — e saiu andando em nova direção.

— Helen! — ele gritou. — Caramba, Helen, que aconteceu?

— Hum? — ela perguntou, uma curiosidade embotada na voz, totalmente diferente da voz da jovem cheia de vida que às vezes o acompanhava ao cinema e suspirava por Mel Gibson. O olho bom virou-se para ele, mostrando a mesma curiosidade embotada, um olhar que dizia que a moça não sabia quem era, muito menos onde estava, o que acontecera, ou quando. —

Hum? Ral? Quê?

A neném escorregou. Ralph largou Helen, esticou os braços para aparar Natalie, conseguindo agarrar uma das tiras de seu macacão. Nat berrou, agitou as mãos e fixou nele os grandes olhos azuis. Ele conseguiu enfiar a outra mão entre as perninhas de Nat, um segundo antes da tira escapar-lhe.

Por um instante, a neném equilibrou-se aos berros em sua mão, como uma ginasta numa barra, e Ralph sentiu o volume úmido de suas fraldas sob o

macacão. Passou então o outro braço por suas costas, puxando-a contra o peito. Seu coração batia com força e, mesmo com a neném segura nos bra-

ços, continuava a vê-la caindo, continuava a ver a cabecinha com aquela touca de cabelos muito finos bater no chão sujo cheio de pontas de cigarros com um baque seco.

— Hum? Eh? — Helen perguntou. Viu Natalie nos braços de Ralph e o embotamento de seu olho bom diminuiu.

Helen ergueu as mãos para a criança que, nos braços de Ralph, imitou o gesto com as mãozinhas gorduchas. Helen vacilou, bateu contra a parede do prédio, cambaleou um passo atrás. Um pé se enredou no outro (Ralph viu respingos de sangue em seus pequenos tênis brancos e foi espantoso como de repente tudo se avivou; a cor voltou ao mundo, ao menos temporariamente), e ela teria caído, se Sue não tivesse escolhido aquele momento para finalmente se aventurar ali fora. Ao invés de cair ao chão, Helen bateu contra a porta de entrada e ficou encostada ali, como um bêbado num poste.

— Ral? — A expressão em seus olhos tornara-se mais nítida agora, e Ralph viu que não era tanto curiosidade, mas incredulidade. Ela inspirou profundamente, fazendo um esforço enorme para emitir palavras compreensíveis através dos lábios inchados.

— Dá, M'dá mia nen-ném. *Ne-ném*. M'dá.. Nat-lie.

— Ainda não, Helen — Ralph falou. — Suas pernas ainda não estão muito firmes.

Sue continuava do outro lado da porta, firmando-a para que Helen não caísse. O rosto de Sue estava mortalmente pálido, os olhos marejados de lágrimas.

— Venha cá para fora — Ralph lhe disse. — Ampare ela.

— Não posso! — respondeu Sue gaguejando. — Ela está toda ensan-ensangüentada!

— Pelo amor de Deus, pare com isso! É a Helen! Helen Deepneau que mora nessa rua!

Embora Sue certamente soubesse disso, o fato de ouvir o nome de Helen pareceu dar resultado. Contornou a porta aberta e, quando Helen tornou a cambalear para trás, Sue a abraçou pelos ombros, segurando-a com firmeza. A expressão de

incrédula surpresa não se alterou no rosto de Helen. Ralph sentia crescente dificuldade de olhar para ela. Embrulhava-lhe o estômago.

— Ralph? Que aconteceu? Foi acidente?

Ele virou a cabeça e deparou com Bill McGovern parado junto ao estacionamento. Usava uma de suas elegantes camisas azuis, cujas mangas ainda conservavam os vincos do ferro, e erguia as mãos de dedos longos, singularmente delicadas, para proteger os olhos da claridade. Daquele jeito parecia estranho, como se estivesse nu, mas Ralph não teve tempo de parar para pensar porquê; havia coisas demais acontecendo.

— Não foi acidente — falou. — Ela foi espancada. Olha aqui, segura a neném.

Entregou Natalie a McGovern que, a princípio, se esquivou, mas logo aceitou a neném. Natalie imediatamente recomeçou a berrar. McGovern parecia alguém que acabara de receber um saco de enjôo cheio demais, segurou-a longe do corpo, com os pezinhos pendurados. Atrás dele, começava a formar-se um pequeno ajuntamento, em sua maioria, adolescentes em uniformes de beisebol que voltavam para casa depois de uma tarde de jogo no campo ali perto. Fitavam o rosto inchado e sangrento de Helen com uma avidez desagradável e Ralph surpreendeu-se pensando no episódio da Bíblia em que Noé se embebedou — nos filhos bons que desviaram os olhos do velho nu, deitado em sua tenda, e no filho mau que olhara. .

Gentilmente, substituiu o braço de Sue pelo seu. O olho bom de Helen virou-se para ele. Chamou pelo seu nome mais claramente desta vez, de modo mais firme, e a gratidão que Ralph percebeu em sua voz engrolada lhe deu vontade de chorar.

— Sue.. segure a neném. Bill não tem o menor jeito.

Ela obedeceu, aninhando Nat com ternura em seus braços. McGovern retribuiu com um sorriso grato e só então Ralph percebeu por que havia algo errado em sua aparência. McGovem não estava usando o chapéu-panamá que parecia ser uma parte tão intrínseca dele (pelo menos no verão) quanto o quisto no nariz.

— Eh, moço, que foi que aconteceu? — Um dos garotos do beisebol perguntou.

— Nada que seja de sua conta — respondeu Ralph.

— Parece que ela andou disputando uns rounds com Riddick Bowe.

— Não, foi com Tyson — corrigiu outro integrante da turma e, incrivelmente, ouviram-se risos.

— Dêem o fora daqui! — Ralph gritou, inesperadamente furioso. —

Vão vender seu peixe em outro lugar! Vão cuidar de suas vidas!

Eles recuaram alguns passos, mas ninguém se retirou. Era sangue o que viam, e não estava na tela de cinema.

— Helen, você pode andar?

— Poxo — respondeu. — Axo. . *Axo que xim*.

Cuidadosamente Ralph levou-a a contornar a porta aberta e entrar no mercadinho. Helen andava devagar, arrastando um pé depois do outro, como uma velha. O cheiro azedo do suor que saía de seus poros embrulhou o estômago de Ralph. Não era o cheiro, na verdade; era o esforço para conciliar esta Helen com a mulher espevitada e agradavelmente sensual com quem conversara no dia anterior enquanto ela cuidava dos canteiros do jardim.

Ralph repentinamente lembrou-se de outra coisa do dia anterior. Helen estivera usando shortes azuis, bastante curtos, e ele notara hematomas em suas pernas — uma grande mancha amarela bem no alto da coxa esquerda, outra mais recente e escura na panturrilha direita.

Conduziu Helen a um pequeno escritório atrás da caixa registradora.

Ergueu os olhos para o espelho convexo anti-roubo montado a um canto e viu McGovern segurando a porta para Sue.

— Tranque a porta — falou por cima do ombro.

— Ih, Ralph, não tenho ordem..

— Só por uns minutinhos — tornou Ralph. — Por favor.

— Bem.. está bem, acho.

Ralph ouviu o estalido da trava da maçaneta, ao acomodar Helen na cadeira dura de plástico, junto a uma mesa atulhada. Apanhou o telefone e apertou a tecla de socorro. Antes que o telefone pudesse tocar na outra ponta, uma mão suja de sangue se adiantou e comprimiu a tecla para desligar.

— Dão. . Ral. — Ela engoliu com visível esforço, e tentou novamente.

— Não.

— Sim — contrapôs Ralph. — Vou ligar, sim.

Agora foi medo que ele viu em seu olho bom, e não havia nenhum embotamento na expressão.

— Não — ela pediu. — Por favor, Ralph. Não. — Ela olhou para além dele e estendeu as mãos de novo. O olhar humilde, suplicante em seu rosto machucado provocou em Ralph uma careta de desânimo.

— Ralph? — Sue chamou. — Ela quer a neném.

— Eu sei. Entregue.

Sue passou Natalie para Helen, e Ralph ficou observando a neném —com pouco mais de um ano agora, tinha certeza — abraçar o pescoço da mãe e deitar a cabeça em seu ombro. Helen beijou o alto da cabeça de Nat.

Era visível que isto lhe provocava dor, mas repetiu o gesto. E mais uma vez.

Baixando os olhos para a moça, Ralph viu sangue grudado nos vincos leves da nuca de Helen como se fosse sujeira. Diante disso, sentiu a raiva começar a pulsar de novo.

— Foi Ed, não foi? — perguntou. Claro que foi: ninguém corta uma chamada de socorro quando é espancada por um estranho, mas tinha que fazer a pergunta.

— Foi — confirmou. Sua voz não passava de um sussurro, a resposta, um segredo confiado à nuvem fina de cabelos da neném. — Foi Ed. Mas você não pode chamar a polícia. — Ergueu a cabeça, o olho bom cheio de medo e infelicidade. — Por favor, não chame a polícia, Ralph. Não posso suportar a idéia de ver o pai de Natalie na cadeia por. . por. .

Helen rompeu em lágrimas. Natalie arregalou os olhos para a mãe, num instante de cômico espanto, e em seguida acompanhou-a no choro.

7

— RALPH? — McGovern perguntou hesitante. — Quer que eu arranje um Tylenol ou outro analgésico para ela?

— É melhor não — respondeu. — Não sabemos o que aconteceu com ela, a gravidade dos ferimentos que sofreu. — Seus olhos se desviaram para a vitrine e por mais que quisesse não ver o que havia lá fora, por mais que esperasse não ver, estavam lá: rostos ávidos enfileirados até o lugar onde o freezer de cerveja obstruía a visão. Algumas pessoas levavam as mãos em concha aos lados do rosto para cortar os reflexos.

— Que devemos fazer, rapazes? — Sue perguntou. Olhava para o grupo de idiotas que se espremia lá fora, puxando nervosa a bainha do guarda-pó que os empregados da loja eram obrigados a usar. — Se a empre-sa descobrir que fechei a porta durante o expediente, posso perder meu emprego.

Helen puxou a mão dele.

— Por favor, Ralph — repetiu, só que a frase saiu *Or aor, Af* por entre seus lábios inchados. — Não chame ninguém.

Ralph olhou-a indeciso. Em sua vida, vira algumas mulheres com hematomas, algumas (embora, honestamente, não muitas) espancadas mais gravemente do que Helen. Mas nunca lhe parecera assim tão penoso. Fora educado numa época em que as pessoas acreditavam que aquilo que se passava entre marido e mulher, na intimidade do casamento, era problema dos dois, e isso incluía o homem que usava os punhos para esmurrar e a mulher que usava a língua para açoitar. Não se podia obrigar as pessoas a se com-portarem direito e interferir em seus assuntos — mesmo com a melhor das intenções — com muita freqüência, esta atitude transformava amigos em inimigos.

Mas logo lembrou a maneira como Helen carregava Natalie ao cambalear pelo estacionamento: enganchada displicentemente no quadril como um livro escolar. Se tivesse deixado a neném cair no estacionamento, ou ao cruzar a Avenida Harris, provavelmente nem teria se dado conta disso; aliás, Ralph achava que fora apenas o instinto que fizera Helen apanhar a neném.

Não quisera deixar Nat aos cuidados do homem que a espancara com tanta brutalidade, que só conseguia enxergar com um olho e pronunciar sílabas chiadas.

Lembrou outra coisa também, outra coisa relacionada com os dias que se seguiram à morte de Carolyn, no início daquele ano. Surpreendera-se com a profundidade do seu pesar — afinal era uma morte esperada; acreditara que tivesse dado conta de todo o pesar enquanto Carolyn ainda vivia —e aquele sentimento o deixara inseguro e incapaz diante dos últimos prepa-rativos que precisavam ser feitos. Conseguira ligar para a funerária, mas fora Helen quem

apanhara o formulário de óbito no *News* de Derry e o ajudara a preenchê-lo; fora Helen quem o acompanhara para escolher o caixão (McGovern, que odiava a morte e as providências que a cercavam, nem apareceu), e fora Helen, ainda, quem o ajudara a escolher a coroa — a que dizia *Amada Esposa*. Por fim, fora Helen, naturalmente, quem cuidara do pequeno lanche servido após o enterro, comprando sanduíches no Frank‘s Catering, refrigerantes e cerveja no mercadinho.

Eram coisas que Helen fizera por ele quando não podia fazê-las sozinho. Será que ele não tinha a obrigação de retribuir sua bondade, mesmo que, no momento, Helen não considerasse bondade o que pretendia fazer?

— Bill? — ele perguntou. — Que é que você acha?

McGovern olhou de Ralph para Helen, sentada na cadeira de plástico com o rosto contundido voltado para baixo, e de novo para Ralph. Puxou um lenço e enxugou os lábios nervosamente.

— Não sei. Gosto muito de Helen, e quero fazer a coisa certa — você *sabe* que quero — mas num caso desses. . quem sabe qual é o certo?

Ralph repentinamente lembrou-se do que Carolyn costumava dizer sempre que ele começava a se queixar e a resmungar por causa de alguma tarefa doméstica, de alguma obrigação que não queria fazer: *É muito longa* a *viagem de volta ao Paraíso, querido, portanto não se esquente com ninharias.*

Esticou a mão para o telefone de novo e, desta vez, quando Helen procurou segurar seu pulso, ele se desvencilhou.

— Você ligou para o Departamento de Polícia de Derry — falou a gravação. — Aperte um para os serviços de emergência. Aperte dois para os serviços de polícia. Aperte três para obter informações.

Ralph logo percebeu que precisava dos três, hesitou um segundo até que apertou o dois. O telefone tocou e uma voz feminina atendeu:

— Polícia 911, às suas ordens.

Ele inspirou fundo, antes de responder:

— Aqui é Ralph Roberts. Estou no mercadinho da Avenida Harris com uma vizinha. O nome dela é Helen Deepneau. Ela foi brutalmente espancada. — Afagou o lado do rosto de Helen que apertou a testa contra seu corpo. Dava para

sentir o calor de sua pele através da camisa. — Por favor, venham o mais rápido possível.

Desligou o telefone, em seguida se agachou ao lado de Helen. Natalie o viu, balbuciou de prazer, estendendo a mãozinha para lhe dar um aperto carinhoso no nariz. Ralph sorriu, beijou a palminha de sua mão, então fitou Helen no rosto.

— Sinto muito, Helen — disse — mas tinha que ligar. Não podia deixar de fazer isso. Você compreende? Não podia deixar de fazer.

— Não compreendo *nada!* — ela exclamou. Seu nariz parara de sangrar, mas quando tocou-o com as mãos, fez uma careta de dor.

— Helen, por que ele fez isso? Por que Ed a espancou desse jeito? —

Lembrou-se dos outros hematomas, talvez fossem uma amostra do que acontecia. Mas se eram realmente uma amostra, ele não o percebera até agora. Por causa da morte de Carolyn. E por causa da insônia que sobreviera.

Em todo o caso, não acreditava que fosse a primeira vez que Ed metia a mão na mulher. Hoje poderia ter ocorrido de forma mais drástica, mas não fora a primeira vez. Por mais que acreditasse nisso, descobriu que, ainda assim, não conseguia ver Ed *fazendo* aquilo. Via o sorriso fácil de Ed, seus olhos vivos, a maneira com que movimentava as mãos o tempo todo quando falava. . mas nao conseguia ver Ed usando aquelas mãos para espancar a mulher, por mais que tentasse.

Subitamente uma lembrança veio à tona, a imagem de Ed andando empertigado até o homem que dirigia o furgão azul — um Ford Ranger, talvez? — e em seguida esbofeteando com as costas da mão o queixo largo do Grandalhão. Lembrar disso era como abrir a porta do armário de Fibber McGee naquele velho programa de rádio — só que não era uma avalanche de cacarecos que despencava do armário, mas uma série de imagens nítidas daquele último dia de julho. O temporal se armando sobre o aeroporto. O

braço de Ed saindo pela janela do Datsun e acenando para cima e para baixo, como se com isso pudesse fazer o portão deslizar mais rápido. O cachecol com os caracteres chineses bordados.

Ei, Ei, Susan Day, assassina de bebês! Ralph pensou, só que foi a voz de Ed que ouviu, e sabia muito bem o que Helen ia dizer antes mesmo que abrisse a boca.

— Tão idiota — ela disse desanimada. — Ele me bateu porque assinei um

abaixo-assinado, só por isso. Estão passando esse abaixo-assinado por toda a cidade. Alguém meteu um na minha cara quando ia entrando no supermercado anteontem. Me disse que era em benefício do WomanCare, e não vi nada de mais. Além disso, a neném estava enjoadinha, então eu simplesmente...

— Você simplesmente assinou — Ralph terminou baixinho.

Ela concordou com a cabeça e recomeçou a chorar.

— Que abaixo-assinado é esse? — McGovern perguntou.

— Para trazer Susan Day a Derry — Ralph informou. — É uma feminista. .

— Eu sei quem é Susan Day — McGovern falou irritado.

— De qualquer jeito, um grupo de pessoas está tentando trazê-la a Derry para falar. A favor do WomanCare.

— Quando Ed chegou em casa hoje entrou muito bem-humorado —

Helen contou entre lágrimas. — Quase sempre está assim às quintas-feiras, porque só trabalha meio dia. Falou que ia passar a tarde fingindo que lia um livro, mas que no duro mesmo ia ficar apreciando o regador automático girar.. você sabe como ele é..

— Sei — Ralph concordou, lembrando da maneira como Ed enfiara o braço em um dos barris do grandalhão, de seu sorriso maroto (*Pensou que ia me passar a perna?*)

no rosto.

— Sei, sei como ele é.

— Eu mandei ele sair para buscar comida de bebê.. — Sua voz subia queixosa e assustada. — *Não* sabia que ia se zangar. . Para falar a verdade, eu já tinha até me esquecido de ter assinado aquela porcaria. . e continuo sem saber exatamente *por que* ele ficou tão zangado. . mas.. mas quando ele voltou. . — Ela apertou Natalie contra o peito, tremendo.

— Ssss, Helen, calma, vai dar tudo certo.

— Não, *não* vai! — Ergueu o rosto para ele, as lágrimas escorriam de um olho e se infiltravam por baixo da pálpebra inchada do outro. — Nã-nã-não! Por que ele não parou desta vez? E o que vai acontecer a mim e à neném? Para onde iremos?

Não tenho dinheiro nenhum além do que está na conta conjunta. . não tenho *emprego.* . ah, Ralph, por que você chamou a polícia? Não devia ter feito isso! — Bateu no braço dele com o punhozinho impotente.

— Você vai sair dessa muito bem — ele falou. — Você tem muitos amigos no bairro.

Mas Ralph mal ouviu o que disse e nem sentiu o soquinho que a moça lhe dera. A raiva latejava em seu peito e nas têmporas como um segundo coração.

Não, *Por que ele não parou;* não foi isso que ela disse. O que disse foi *Por que ele não parou desta vez?*

Desta vez.

— Helen, onde está o Ed agora?

— Em casa, eu acho — disse desanimada.

Ralph deu-lhe uma palmadinha no ombro e se encaminhou para a porta.

— Ralph? — Bill McGovern parecia alarmado. — Onde é que você está indo?

— Feche a porta quando eu sair — disse a Sue.

— Puxa, não sei se posso fazer isso. — ela olhava cheia de dúvidas para a fileira de idiotas que ainda espiavam pela vitrine suja. Havia muito mais gente agora.

— Você pode sim — insistiu, inclinando então a cabeça, para captar melhor o lamento distante de uma sirene que se aproximava.

— Está ouvindo isso?

— Estou, mas. .

— Os tiras vão-lhe dizer o que fazer e seu patrão não vai ficar zangado. Aposto que vai-lhe dar um prêmio por ter resolvido tudo da melhor forma.

— Se ele der, racho com você — respondeu ela, olhando outra vez para Helen. Uma corzinha voltara ao rosto de Sue, mas não muita. — Nossa, Ralph, olhe só para ela! Ele realmente espancou a mulher só porque ela assinou a porcaria de um abaixo-assinado no supermercado?

— Acho que sim — Ralph falou. A conversa fazia absoluto sentido para ele, mas

parecia vir de muito longe. Sua raiva estava mais perto; parecia que apertava os braços quentes em torno do seu pescoço. Gostaria de ter quarenta anos de novo, até cinqüenta, para poder mostrar a Ed o que era bom para tosse. De qualquer forma, achava que era bem capaz de tentar fazer isso.

Estava soltando a trava da porta, quando McGovern agarrou-o pelo ombro.

— Que é que você acha que vai fazer?

— Vou ver o Ed.

— Você está brincando? Ele vai estraçalhar você se aparecer na frente dele. Não viu o que fez com a mulher?

— Claro que vi — Ralph retrucou. As palavras não foram bem um rosnado, mas chegaram bastante próximas para fazer McGovern baixar a mão.

— Porra, você tem setenta anos, Ralph, caso tenha se esquecido. E

Helen precisa de um amigo agora, e não de uma antigüidade arrebentada que ela vai poder visitar porque está num quarto de hospital a três portas de distância do dela.

Bill naturalmente tinha razão, mas isso deixou Ralph ainda mais furioso. Supunha que a insônia também influía, atiçando sua raiva e toldando seu julgamento, mas isso não fazia diferença. De certa maneira, a raiva era um alívio. Certamente era melhor do que andar vagando por um mundo onde tudo se acinzentara.

— Se ele me bater com vontade, vão me dar um Demerol e vou conseguir dormir uma boa noite de sono — falou. — E agora me deixe em paz, Bill.

Atravessou o estacionamento do mercadinho a passos enérgicos. Um carro de polícia se aproximava piscando suas luzes azuis. Perguntas — *Que aconteceu? Ela está bem?* — foram dirigidas a ele, mas Ralph não lhes deu resposta. Parou na calçada, esperou o carro de polícia entrar no estacionamento, para então atravessar a Avenida Harris naquele mesmo passo enérgico, com McGovern a segui-lo ansiosamente a uma respeitosa distância.

CAPÍTULO 3

1

ED E HELEN Deepneau moravam num pequeno chalé — pintura castanha com ornatos brancos, do tipo que as mulheres mais velhas costumam chamar de

―gracinha‖ — quatro casas adiante da que Ralph e Bill McGovern dividiam. Carolyn gostava de dizer que os Deepneaus pertenciam a ―Igreja dos Yuppies dos Últimos Dias‖, embora seu carinho sincero pelos dois despisse a frase de qualquer sarcasmo. Eram vegetarianos *laissez-faire* que aprovavam peixe e laticínios, tinham trabalhado para Clinton na última eleição, e o carro na entrada da garage — não mais um Datsun mas um dos novos minivans — exibia adesivos com os dizeres RACHE LENHA, NÃO AOS ÁTOMOS e BICHOS USAM PELES, GENTE, NÃO.

Os Deepneaus aparentemente também tinham guardado todos os discos que compraram na década de sessenta — Carolyn gostava especialmen-te desta característica — e agora, quando Ralph se aproximava do chalé com os punhos fechados ao lado do corpo, ouviu os miados de Grace Slick in-terpretando um dos velhos hinos de San Francisco:

"One pill makes you bigger

One pill makes you small,

and the ones that Mother gives you

Don't do anything at al ,

Go ask Alice, when she's ten feet tal ." **1**

A música vinha de uma caixa de som instalada na varandinha mínima do chalé. No jardim, havia um regador automáfico ligado, que produzia um chiado ao borrifar arco-íris no ar e formar uma poça brilhante de água na calçada. Ed Deepneau, sem camisa, encontrava-se sentado numa espregui-

çadeira à esquerda do caminho de concreto, com as pernas cruzadas, contemplando o céu com a expressão abobada de um homem que procura decidir se a nuvem que passa parece mais um cavalo ou um unicórnio. Sacudia para cima e para baixo um pé descalço, acompanhando o ritmo da música.

No colo, o livro aberto, virado para baixo, combinava perfeitamente com a música que saía da caixa de som. *Even Cowgirls Get the Blues,* de Tom Robbins.

Uma perfeita cena de verão; um retrato da tranqüilidade de uma cidadezinha de interior que Norman Rockwell poderia ter pintado sob o título *Tarde de Folga.* Bastava que se esquecesse o sangue na mão de Ed e na lente esquerda de seus óculos redondos à John Lennon.

— Ralph, pelo amor de Deus, não compre briga com ele! — McGovern sibilou

quando Ralph deixou a calçada e cruzou o gramado. Atravessou a chuva fina produzida pelo regador automático quase sem senti-la.

Ed se virou, abrindo um sorriso radiante, ao vê-lo.

— Oi, Ralph! — cumprimentou. — Que bom ver você, cara!

Mentalmente, Ralph viu-se empurrando Ed da cadeira, atirando-o no gramado. Viu também seus olhos se arregalarem surpresos por trás das lentes dos óculos. A visão foi tão real que chegou a ver o sol refletido no vidro do relógio de Ed quando o rapaz tentava se erguer.

1 Trad.: "Uma pílula faz você crescer/Outra faz você encolher/E as que mamãe lhe dá/Não fazem efeito nenhum/Pergunte a Alice, quando ela chegar a três metros de altura."

— Pegue uma cerveja e puxe uma coisa para se sentar — Ed disse. —

Se quiser jogar xadrez...

— Cerveja? Jogar *xadrez?* Porra, Ed, o que é que há com você?

Ed não respondeu imediatamente, apenas olhou para Ralph com uma expressão que, ao mesmo tempo, assustava e enfurecia. Era uma mescla de riso e vergonha, o olhar de um homem que está se preparando para dizer *Ih, que merda, amor: esqueci de pôr o lixo lá fora outra vez?*

Ralph apontou morro abaixo, para além do ponto em que McGovern estava parado — estaria escondido, à espreita, se tivesse onde — junto à poça de água que o regador formara na calçada, observando-os nervoso.

Um segundo carro de polícia viera se juntar ao primeiro, e Ralph quase podia ouvir o chiado das chamadas no rádio, saindo pelas janelas abertas. A aglomeração crescera bastante.

— A polícia está lá por causa de *Helen!* — exclamou, dizendo a si mesmo para não gritar, que não adiantava nada gritar, mas gritando assim mesmo. — Está lá porque você espancou sua *mulher,* está dando para perceber?

— Ah — disse Ed, esfregando o rosto pesaroso. — Aquilo.

— É, *aquilo* — confirmou Ralph. Sentia-se agora quase atônito de raiva.

Ed espiou os carros de polícia além, a aglomeração em torno do mercadinho. . e

então viu McGovern.

— Bill! — chamou. McGovern relutou. Ed não percebeu ou fingiu não perceber. — Ei, cara, puxe uma coisa para sentar! Quer uma cerveja?

Foi quando Ralph descobriu que ia dar um murro em Ed, quebrar aqueles oclinhos redondos e idiotas, talvez enfiar um caco de vidro em seu olho. Ia fazer isso, nada no mundo conseguiria impedi-lo, só que, no último momento, alguma coisa o impediu. Era a voz de Carolyn que ele ultimamente ouvia com maior freqüência em sua cabeça — ou seja, quando não estava resmungando sozinho — mas não foi a voz de Carolyn, dessa vez; por mais incrível que parecesse, era a voz de Trigger Vachon, a quem vira apenas uma ou duas vezes desde que Trig o salvara do temporal, no dia em que Carolyn tinha tido o primeiro acesso.

— *Ei, Ralph! Tenha muito cuidado! Esse cara é doido de pedra! Vai ver ele* quer *que você bata nele!*

É, concluiu. Talvez seja *exatamente* isso que Ed quer. Por quê? Quem sabia? Talvez só pra turvar um pouco a água, talvez porque simplesmente era louco.

— Chega de merda — disse, baixando a voz quase a um sussurro. Ficou satisfeito de ver a atenção de Ed retornar instantaneamente para ele e ainda mais satisfeito de ver desaparecer o ar de vaga e simpática contrição.

Ed substituiu-o por uma expressão de rigorosa cautela. Era, pensou Ralph, a expressão de um animal perigoso desconfiado.

Ralph se agachou de modo a poder olhar na cara dele.

— Foi a Susan Day? — perguntou na mesma voz baixa. — Susan Day e a questão do aborto? Tem a ver com bebês mortos? Foi por isso que des-carregou em cima da Helen?

Havia mais uma pergunta em sua mente — Quem é você na realidade, Ed? — mas antes que pudesse formulá-la, Ed esticou o braço, colocou a mão no meio do peito de Ralph e o empurrou. Ralph caiu de costas na grama úmida, amparando-se nos cotovelos e ombros. Ficou ali com os pés chapados no chão, os joelhos dobrados, observando Ed saltar repentinamente da espreguiçadeira.

— Ralph, não se meta com ele! — McGovern gritou de sua posição relativamente segura na calçada.

Ralph não lhe deu atenção. Simplesmente ficou onde estava, apoiado nos

cotovelos, os olhos atentos em Ed. Continuava a sentir raiva e medo, mas estas emoções tinham começado a ser eclipsadas por uma estranha e fria fascinação. Era loucura o que via — loucura pura e simples. Não havia nenhum super-vilão de revista em quadrinhos ali, nem o vilão de Psicose, nem o da Baleia Branca. Havia apenas Ed Deepneau, que trabalhava no litoral, nos Laboratórios Hawking — um desses intelectuais, diriam os velhotes que jogavam xadrez na área de piquenique da Extensão da Harris, até legal para um cara que votava nos democratas. Agora o cara legal tinha pirado completamente, e a coisa não acontecera nesta tarde, quando Ed vira o nome da mulher no abaixo-assinado afixado no Quadro de Avisos da Comunidade no supermercado. Ralph compreendia agora que a loucura de Ed tinha pelo menos um ano o que o fez imaginar que segredos Helen andara escondendo por trás de sua atitude normalmente alegre e do sorriso radiante, que sinais desesperados — isto é, além dos hematomas — ele deixara de notar.

E ainda havia Natalie, pensou. *Que teria visto? Que experiências teria vivido?*

Além, é claro, de ser carregada pela Avenida Harris e pelo estacionamento do mercadinho,no quadril da mãe ensanguentada e cambaleante.

Os braços de Ralph se arrepiaram.

Enquanto isso, Ed começara a andar, cruzando e recruzando o caminho de concreto, pisoteando as zínias que Helen plantara ao seu redor. Voltara a ser o Ed que Ralph encontrara no aeroporto um ano antes, até no detalhe dos gestos bruscos e breves com a cabeça, lançando olhares para o nada.

Era isso que o pretenso ar de surpresa queria esconder, pensou Ralph. *Está igualzinho ao que estava quando foi atrás do cara que dirigia o furgão. Como um galo protegendo seu pedaço de terreiro*.

— A rigor, nada disso é culpa dela, eu admito — Ed falou depressa, batendo o punho direito na mão esquerda espalmada, enquanto atravessava a chuva de gotículas lançadas pelo regador automático. Ralph percebeu que era possível contar cada costela do peito de Ed; o cara parecia que não comia uma refeição decente há meses.

— Mas quando a burrice chega a um certo nível, fica difícil conviver com ela — Ed continuou. — Helen é como os reis magos, que foram buscar informações com o *rei Herodes*. Quero dizer, até aonde chega a burrice?

Onde se encontra aquele que nasceu rei dos judeus? Perguntam isso a *Herodes*. Quero dizer, Sábios do Oriente, uma porra! Certo, Ralph?

Ralph concordou com a cabeça. Claro, Ed. O que você disser, Ed.

Ed retribuiu o aceno de cabeça e continuou a andar para diante e para trás, atravessando a chuva de borrifos e os etéreos arco-íris entrelaçados, batendo o punho na palma da mão.

— É como aquela canção dos Rolling Stones: ―Lookat that, lookat that, lookat that stupid girl.‖ **2**. Você provavelmente não se lembra dessa, lembra? — Ed deu uma risada, um sonzinho dissonante que fez Ralph pensar em ratos dançando em cima de cacos de vidro.

McGovern ajoelhou-se do lado dele.

— Vamos dar o fora daqui — murmurou. Ralph sacudiu a cabeça e, quando Ed veio na direção dos dois, McGovern rapidamente se levantou, voltando para a calçada.

— Ela pensou que podia enganar você, é isso? — Ralph perguntou.

Continuava deitado na grama, apoiando-se nos cotovelos. — Pensou que você não descobriria que assinara o abaixo-assinado.

Ed saltou sobre o caminho, curvou-se para Ralph, sacudindo os punhos fechados para o alto como um vilão de filme mudo.

— *Não-não-não-não!* — gritou.

O rockdo Jefferson Airplane fora substituído pelo do Animals, Eric Burdon rosnava o evangelho de John Lee Hooker: ―Bum-bum-bum-bum, vou fuzilar você agora mesmo.‖ McGovem deixou escapar um gritinho, a-

2 Trad: "Olhe só, olhe só, olhe só aquela garota burra."

parentemente pensando que Ed pretendia atacar Ralph, mas, ao contrário, ele se agachou com os nós dos dedos fincados na grama, assumindo a posi-

ção de um fundista que aguarda o tiro de partida para se arrancar dos calços.

Seu rosto estava coberto de gotas que, a princípio, Ralph pensou serem suor, mas depois lembrou-se que Ed caminhara pela chuva do regador automático. Ralph não tirava os olhos do pingo de sangue na lente esquerda de Ed. Escorrera um pouco, e agora a pupila do olho esquerdo parecia ter-se enchido de sangue.

— Descobrir que ela assinou aquilo foi o destino! Apenas o destino!

Quer me dizer que não percebe isso? Não insulte minha inteligência, Ralph!

Você talvez esteja ficando velho, mas não tem nada de burro. O caso é que vou ao supermercado comprar comida de *bebê,* que tal a ironia, e descubro que ela assinou um abaixo-assinado dos matadores de *bebês!* Os Centuriões!

Com o Rei Sangüinário em pessoa! E sabe o que mais? Eu. . simplesmente..

vi... tudo *vermelho!*

— O Rei Sanguinário, Ed? Quem é?

— Ah, por favor. — Ed lançou a Ralph um olhar maroto.

— ―Então Herodes, vendo que tinha sido iludido, irritou-se muito, e mandou matar todos os meninos que havia em Belém, e em todos os seus contornos, de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquirira dos magos.‖ Está na Bíblia, Ralph, Mateus, capítulo 2, versículo 16.

Está duvidando? Porra, *tem alguma dúvida* de que a Bíblia diz isso?

— Não. Se você diz que está, eu acredito.

Ed concordou com a cabeça. Seus olhos, um tom escuro e surpreendente de verde, corriam de um lado para outro. Inclinou-se lentamente para Ralph, apoiando uma mão de cada lado de seus braços. Era como se pretendesse beijá-lo. Ralph sentiu cheiro de suor e de uma loção de barba que desaparecera quase completamente agora, e de outra coisa — uma coisa que cheirava a leite velho azedo. Ficou imaginando se poderia ser o cheiro da loucura de Ed.

Uma ambulância subia a Avenida Harris, de luzes ligadas, mas com a sirene muda. Entrou no estacionamento do mercadinho.

— É *melhor*.. — Ed respirou em sua cara. — É *melhor* acreditar.

Seus olhos pararam de vagar e focalizaram os de Ralph.

— Eles estão matando bebês no atacado — falou em voz baixa que parecia pouco firme. — Arrancando os bebês dos úteros das mães e transportando-os para fora da cidade em caminhões cobertos. Carretas em geral.

Faça essa pergunta a si mesmo, Ralph: quantas vezes por semana você vê essas carretas rodando pela estrada? Uma carreta com uma lona esticada por cima? Algum dia se perguntou o que carregavam? Algum dia imaginou o que haveria

por baixo das lonas?

Ed riu. Seus olhos giravam.

— Eles queimam a maior parte dos fetos em Newport. O letreiro diz *aterro,* mas na realidade é um crematório. Mandam também uma parte para fora do estado. Em caminhões, em aviões leves. Porque o tecido fetal é extremamente valioso. Não digo isso apenas como cidadão preocupado, mas como empregado dos laboratórios Hawking. O tecido fetal é. . mais. . valioso. . do que ouro.

Ele virou a cabeça bruscamente e encarou Bill McGovern, que se aproximara mais um pouquinho para ouvir o que Ed dizia.

— SIM SENHOR, MAIS VALIOSO DO QUE OURO E MAIS

PRECIOSO DO QUE RUBIS! — berrou, e McGovern saltou para trás, os olhos arregalados de medo e consternação.

— VOCÊ SABIA DISSO, SEU VEADO VELHO?

— Sabia — respondeu McGovern. — Acho. . que sim. — Deu uma olhada rápida para o início da rua, onde um dos carros de polícia agora saía de marcha à ré do estacionamento do mercadinho, manobrando em sua di-

reção. — É possível que eu tenha lido em algum lugar. Na *Scientific American* talvez.

— *Scientific American!* — Ed riu com complacência, voltando os olhos para Ralph, como se dissesse *Está vendo o que tenho de aturar?* Então seu rosto ficou sério outra vez. — Assassinato em massa — falou — como no tempo de Cristo. Só que agora é o assassinato dos que estão por nascer. Não é apenas aqui, mas em todo o mundo. Eles têm matado fetos aos milhares, Ralph, aos *milhões,* e você sabe por quê? Sabe por que voltamos à corte do Rei Sangüinário nessa nova idade das trevas?

Ralph sabia. Não era difícil somar dois mais dois, quando se tinham dados suficientes. Quando se vira Ed enfiar o braço em um barril de fertilizante químico à procura dos bebês mortos que tinha certeza de que encon-traria.

— O rei Herodes desta vez recebeu aviso antecipado — Ralph falou.

— É isso que você está me dizendo, não é? É a velha história do Messias, certo?

Sentou-se, na dúvida se Ed o empurraria para o chão outra vez, quase desejando

que o fizesse. Sua raiva estava voltando. É claro que era injusto criticar os delírios de um louco como se fosse uma peça ou um filme — talvez fosse até blasfêmia — mas Ralph se enfurecia com a idéia de que Helen fora espancada por causa de uma história sem pé nem cabeça como aquela.

Ed não o tocou, simplesmente pôs-se de pé e limpou as mãos de maneira sistemática. Parecia estar se acalmando de novo. As chamadas pelo rádio foram aumentando de volume à medida que o carro de patrulha, que saíra do estacionamento do mercadinho, aproximava-se do meio-fio. Ed olhou para a radiopatrulha, depois para Ralph, que estava se levantando.

— Você pode debochar, mas é verdade — disse sereno. — E não é o Rei Herodes: é o Rei Sangüinário. Herodes foi apenas uma de suas encarna-

ções. O Rei Sangüinário passa de um corpo para outro, de uma geração para outra, como uma criança que usa pedras submersas para atravessar um riacho, Ralph, sempre à procura do Messias. Nunca o encontrou, mas desta vez pode ser diferente. Porque *Derry* é diferente. Todas as linhas de força começaram a convergir para cá. Sei que é muito difícil acreditar em tudo isso, mas é verdade.

O Rei Sanguinário, Ralph pensou. *Ah, Helen, sinto muito. Que coisa mais triste*.

Dois homens — um fardado, o outro à paisana, ambos presumivelmente tiras — saltaram da radiopatrulha e se aproximaram de McGovern.

Ralph localizou ainda mais dois vestindo calças e camisas brancas, de mangas curtas, que saíam do mercadinho. Um tinha o braço passado pelas costas de Helen, que caminhava com o cuidado exagerado dos recém-operados.

O outro carregava Natalie.

Os paramédicos ajudaram Helen a embarcar na traseira da ambulância.

O que levava a neném entrou atrás dela, enquanto o outro dirigiu-se ao assento do motorista. Ralph percebeu nos movimentos dos homens mais competência do que urgência, o que mostrava que Helen estava bem. Talvez Ed não a tivesse machucado gravemente.. desta vez, pelo menos.

O tira à paisana — forte, os ombros largos, o bigode louro e as coste-letas num estilo que Ralph classificou de Antigo Bar de Americanos Solteiros — aproximara-se de McGovern, a quem parecia ter reconhecido. Havia um largo sorriso no rosto desse tira à paisana.

Ed passou um braço pelos ombros de Ralph e afastou-o alguns passos dos homens na calçada.

— Não quero que eles nos ouçam — falou, baixando a voz até um simples murmúrio.

— Tenho certeza que não quer.

— Essas criaturas.. Centuriões. . servidores do Rei Sanguinário. . não hesitam diante de nada. São impiedosos.

— Aposto que são. — Ralph espiou por cima do ombro, a tempo de ver McGovern apontar para Ed. O homem forte concordou tranqüilamente com a cabeça. Trazia as mãos enfiadas nas calças de sarja de algodão. Continuava a exibir um sorrisinho bondoso.

— Não se trata apenas de aborto, não se engane! Não mais. Estão tirando os fetos de todos os tipos de mães, não apenas das viciadas e das prostitutas. . oito dias, oito semanas, oito meses, não faz diferença para os Centuriões. A colheita prossegue dia e noite. A matança. Tenho visto corpos de bebês em telhados, Ralph. . debaixo de cercas. . nos esgotos. . boian-do nos esgotos e no rio Kenduskeag. .

Seus olhos, enormes e verdes, brilhantes como cascalho de esmeraldas, fitavam a distância.

— Ralph — ele cochichou — às vezes, o mundo se enche de cores.

Eu já vi depois que *ele* veio e me falou. Mas agora as cores estão escurecendo.

— Depois que quem veio e lhe falou, Ed?

— Falamos disso mais tarde — Ed respondeu pelo canto da boca, como um condenado em filme de penitenciária. Em outras circunstâncias, a situação seria cômica.

Um grande sorriso de apresentador de programa de auditório iluminou seu rosto, banindo a loucura tão convincentemente quanto o sol bane a noite. A mudança foi tão súbita como o amanhecer nos trópicos, e apavorante como o inferno, mas assim mesmo Ralph encontrou consolo nela. Talvez eles — ele, McGovern Lois e todos os outros naquele trechinho da Avenida Harris que conheciam Ed — afinal não precisassem se culpar demais por não ter percebido a loucura dele antes. Porque Ed era bom ator; Ed realmente sabia representar. Aquele sorriso merecia

um Oscar. Mesmo numa situação bizarra como aquela, o sorriso praticamente exigia retribuição.

— Oi! — ele cumprimentou os tiras. O fortão terminara a conversa com McGovern e os dois avançaram pelo gramado. — Puxem uma coisa para sentar, pessoal! — Ed saiu detrás de Ralph com a mão estendida.

O tira forte à paisana apertou-a, mantendo o sorrisinho bondoso no rosto.

— Ed Deepneau? — perguntou.

— Certo. — Ed apertou a mão do tira de farda, que parecia um tanto espantado e, em seguida, voltou sua atenção para o fortão.

— Sou o Sargento Detetive John Leydecker — apresentou-se. — Este é o policial Chris Nell. Segundo consta, o senhor teve um probleminha aqui.

— É, tive. Acho que está certo. Um probleminha. Ou, se quiser dar o nome aos bois, me comportei como um animal. — A risadinha abafada de Ed foi assustadoramente normal. Ralph lembrou-se dos psicopatas simpáticos que vira no cinema — George Sanders sempre fora particularmente bom nesse tipo de papel — e ficou imaginando se era possível um pesquisador inteligente enrolar um detetive caipira que dava a impressão de não ter ainda ultrapassado inteiramente a fase dos *Embalos de Sábado à Noite*. Ralph temia horrivelmente que sim.

— Helen e eu brigamos por causa de um abaixo-assinado — Ed ia dizendo — uma coisa levou a outra. Cara, nem consigo acreditar que bati nela.

Deixou cair os braços, como se quisesse transmitir seu desalento —para não falar na confusão e vergonha. Leydecker sorriu para ele. Mentalmente Ralph voltou ao confronto entre Ed e o homem do furgão azul, no verão anterior. Ed chamara o grandalhão de assassino, chegara a acertar um soco na cara dele e, ainda assim, o cara acabara olhando para Ed quase com respeito. Fora uma espécie de hipnose, e Ralph achava que estava vendo a mesma força em ação outra vez.

— As coisas se descontrolaram um pouco, é isso que o senhor está me dizendo? — Leydecker perguntou simpaticamente.

— Foi mais ou menos o que aconteceu. — Ed devia ter no mínimo trinta e dois anos, mas seus olhos arregalados e a expressão inocente faziam parecer que ainda não atingira a idade mínima para comprar cerveja.

— Um momento — Ralph falou impulsivamente. — O senhor não pode acreditar nisso, ele é doido. E perigoso. Ele acabou de me dizer...

— Esse é o Sr. Roberts, certo? — Leydecker perguntou a McGovern, desprezando Ralph inteiramente.

— É — confirmou McGovern, parecendo a Ralph insuportavelmente pomposo. — Esse é Ralph Roberts.

— Hum-hum. — Leydecker finalmente olhou para Ralph.

— Vou querer falar com o senhor daqui a pouco, Sr. Roberts, mas, por ora, gostaria que fosse fazer companhia a seu amigo e ficasse quieto.

Está bem?

— Mas. .

— *Está bem?*

Mais zangado que nunca, Ralph caminhou com altivez até onde McGovern se encontrava. Isso não pareceu incomodar Leydecker nem um pouco. Ele se dirigiu ao policial Nell.

— Pode desligar a música, Chris, para podermos ouvir nossos pensamentos?

— Sim, senhor. — O guarda fardado encaminhou-se para as caixas de som, inspecionou os vários botões e interruptores, então cortou The Who na metade da canção sobre o cego que era o rei dos jogos eletrônicos.

— É, acho que *estava* meio alta. — Ed parecia humilde. — Me admira que os vizinhos não tenham reclamado.

— Tudo bem, a vida continua — Leydecker disse. E enviou seu sorrisinho sereno para as nuvens que passavam pelo céu azul de verão.

Que ótimo, Ralph pensou. *O cara é caipira mas é esperto.* Ed, porém, concordava com a cabeça como se o detetive tivesse produzido não uma pérola de sabedoria, mas um colar inteiro.

Leydecker remexeu no bolso e tirou um tubinho de palitos. Ofereceu-os a Ed, que recusou, em seguida sacudiu o tubinho, retirou um e meteu-o no canto da boca.

— Então — falou. — Uma briguinha em família. É isso que está me dizendo?

Ed concordou prontamente. Continuava a exibir o seu sorriso sincero, ligeiramente embaraçado.

— Na verdade, foi mais que uma discussão. Uma discussão poli...

— Hum-hum, hum-hum — Leydecker concordava e sorria — mas antes de prosseguir, Sr. Deepneau. .

— Ed. Por favor.

— Antes de prosseguir, Sr. Deepneau, gostaria de lhe avisar que tudo que disser poderá ser usado contra o senhor, compreende, no tribunal. E

também que tem direito a um advogado.

O sorriso simpático mas embaraçado de Ed — *Nossa, que foi que eu fiz?*

Pode me ajudar a esclarecer? — vacilou por instantes. Foi então substituído por um olhar apertado e avaliador. Ralph olhou para McGovern e o alívio que viu nos olhos de Bill espelhou o que ele próprio sentia. Leydecker, afinal, talvez não fosse tão caipira assim.

— Por Deus, para que eu iria querer um advogado? — perguntou Ed.

Deu uma meia-volta e experimentou o sorriso embaraçado em Chris Nell, que continuava postado ao lado da caixa de som na varanda.

— Não sei e talvez o senhor também não saiba — respondeu Leydecker, ainda sorrindo. — Só estou lhe dizendo que pode chamar um. E que, se não tiver dinheiro para isso, a cidade de Derry lhe fornecerá um advogado.

— Mas eu não. .

Leydecker concordou e sorriu.

— Tudo bem, claro, como quiser. Mas esses são os seus direitos. O

senhor compreendeu os seus direitos conforme os expliquei, Sr. Deepneau?

Ed ficou imóvel um momento, os olhos repentinamente arregalados e de novo vagos. A Ralph, ele parecia um computador humano, tentando processar uma carga enorme e complicada de informações. Só então pareceu registrar o fato de

que sua encenação não estava produzindo efeito.

Deixou cair os ombros. O olhar vago foi substituído por um ar de infelicidade demasiado real para inspirar dúvidas. . mas Ralph duvidou assim mesmo. Tinha que duvidar; *vira* a loucura no rosto de Ed antes de Leydecker e Nell chegarem. E Bill McGovern também vira. Contudo, duvidar não era o mesmo que não acreditar, e Ralph tinha a impressão de que, em algum nível da consciência, Ed sinceramente se arrependia de ter espancado Helen.

E, pensou, *da mesma forma que em algum nível ele sinceramente acredita que os tais Centuriões estão transportando carregamentos de fetos para o aterro de Newport. E*

que as forças do bem e do mal estão se reunindo aqui em Derry para encenar um drama que está se desenrolando em sua mente. Título: A Profecia V — Na corte do Rei Sanguinário.

Ainda assim, não conseguia deixar de sentir, mesmo com relutância, uma certa simpatia por Ed Deepneau, que visitara Carolyn religiosamente três vezes por semana durante sua última internação no hospital Derry Home, que sempre lhe levara flores, e sempre a beijara no rosto ao sair. Continuara a lhe dar aquele beijo até quando o cheiro da morte já começava a envolvê-la e Carolyn jamais deixara de segurar a mão dele e lhe retribuir com um sorriso de gratidão. *Obrigada por lembrar que ainda sou um ser humano,* o sorriso dizia. *E obrigada por me tratar como tal.* Aquele era o Ed que Ralph considerara amigo e achava — ou talvez fosse apenas uma esperança — que aquele Ed continuava a existir.

— Acho que me meti numa encrenca, não foi? — perguntou a Leydecker suavemente.

— Bem, vejamos — Leydecker falou, ainda sorrindo. — O senhor arrancou dois dentes de sua mulher. Parece que fraturou o malar dela. Aposto o relógio do meu avô como ela sofreu uma concussão. Além de uma variedade de ferimentos localizados: cortes, hematomas, e uma pelada estranha acima da têmpora direita. Que foi que o senhor tentou fazer? Arrancar o couro cabeludo de sua mulher?

Ed ficou calado, os olhos verdes fixos no rosto de Leydecker.

— Ela vai passar a noite no hospital sob observação porque um cretino quase a matou de pancada, e todos parecem concordar que o cretino foi o senhor, Sr. Deepneau. Vejo o sangue em suas mãos e o sangue em seus óculos, e tenho que confessar que também acho que provavelmente foi o senhor. Então o que é que o *senhor* acha? O senhor me parece um homem inteligente. O *senhor* não acha que

se meteu numa encrenca?

— Lamento ter batido nela — falou Ed. — Não tive intenção.

— Hum-hum, e se eu ganhasse vinte e cinco centavos cada vez que ouço isso, nunca mais teria que pagar uma bebida com o dinheiro do meu salário. Estou prendendo o senhor sob a acusação de agressão de segundo-grau, Sr. Deepneau, também conhecida por agressão doméstica. A acusação está configurada na lei estadual do Maine que trata da violência doméstica.

Gostaria que me confirmasse mais uma vez que lhe informei dos seus direitos.

— Informou. — Ed respondeu numa voz sumida e infeliz. O sorriso, perplexo ou não, desparecera. — O senhor me informou.

— Vamos levá-lo para a delegacia de polícia e registrar a ocorrência —disse Leydecker. — Em seguida, o senhor pode dar um telefonema e provi-denciar a fiança. Chris, quer levar ele para o carro?

Nell aproximou-se de Ed.

— O senhor vai criar algum problema, Sr. Deepneau?

— Não — respondeu Ed com a mesma voz sumida, e Ralph viu uma lágrima escorrer de seu olho direito. Ele a enxugou distraidamente com o punho. — Nenhum problema.

— Ótimo! — Nell exclamou animado e acompanhou-o até a radiopatrulha.

Ed olhou para Ralph ao cruzar a calçada.

— Sinto muito, amigo velho — disse, e entrou no banco traseiro do carro. Antes que o policial Nell fechasse a porta, Ralph reparou que não havia maçaneta no lado de dentro.

2

— MUITO BEM — disse Leydecker, voltando-se para Ralph e estendendo a mão.

— Lamento ter parecido meio brusco, Sr. Roberts, mas às vezes esses sujeitos são volúveis. Os que parecem sóbrios são os que mais preocupam, porque nunca se pode prever o que farão. John Leydecker.

— Johnny foi meu aluno quando ensinei no Community College —disse McGovern. Agora que Ed Deepneau estava bem guardado na traseira da radiopatrulha, ele parecia quase tonto de alívio. — Bom aluno. Fez um excelente trabalho de final de período sobre a Cruzada Infantil.

— Prazer em conhecê-lo — falou Ralph, apertando a mão de Leydecker. — E não se preocupe. Não me ofendi.

— O senhor foi um louco em vir aqui enfrentá-lo, sabe — Leydecker disse cordialmente.

— Eu estava uma fera. E *continuo* uma fera.

— Compreendo os seus sentimentos. E o senhor escapou de boa, isso é o mais importante.

— Não, *Helen* é o mais importante. Helen e a neném.

— Estou com o senhor. Mas me conte o que conversava com o Sr.

Deepneau antes de chegarmos aqui, Sr. Roberts. . ou posso chamá-lo de Ralph?

— Ralph, por favor. — Ele repassou a conversa com Ed, tentando resumi-la. McGovern, que ouvira uma parte da conversa apenas, escutou em assombrado silêncio. Cada vez que Ralph olhava para ele, surpreendia-se desejando que Bill estivesse usando o panamá. Parecia mais velho sem o chapéu. Quase um ancião.

— Bom, sem dúvida, isso parece bem esquisito, não acha? — Leydecker comentou quando Ralph concluiu.

— Que vai acontecer? Ele vai para a cadeia? Não devia ir para a cadeia; devia ser recolhido a um hospício.

— Provavelmente devia — Leydecker concordou — mas há uma grande distância entre o que devia ser e o que vai ser. Ele não vai para a cadeia, nem vai para o hospício de Sunnyvale: esse tipo de coisa só acontecia em filmes antigos. O melhor que se pode esperar é que faça uma terapia por ordem judicial.

— Mas Helen não lhe disse..

— A moça não disse nada, e não tentamos interrogá-la no mercadinho. Sentia muitas dores, físicas e emocionais.

— É claro — falou Ralph. — Que burrice a minha.

— Ela poderá corroborar o seu depoimento mais tarde.. mas talvez não faça isso. As vítimas de violência doméstica costumam se fechar, sabe.

Felizmente, isso não faz grande diferença pela nova lei. Não há dúvidas sobre a culpa dele. Você e a moça do mercadinho aqui da rua podem testemunhar sobre o estado da Sra. Deepneau, e sobre quem ela disse que a deixou naquele estado. Eu posso testemunhar que o marido da vítima tinha sangue nas mãos. E melhor ainda, que ele disse as palavras mágicas: ―Cara, nem posso acreditar que bati nela.‖ Gostaria que você viesse à delegacia, talvez amanhã de manhã, se lhe convier, para eu tomar seu depoimento completo, Ralph, mas isso é só para preencher os claros. Basicamente, o caso está pronto.

Leydecker tirou o palito da boca, partiu-o, atirou-o na sarjeta e puxou novamente o tubo do bolso.

— Quer um?

— Não, obrigado — Ralph respondeu com um breve sorriso.

— Não o culpo. Hábito nojento, mas estou tentando parar de fumar, o que é um hábito muito pior. O problema com caras como Deepneau é que eles são espertos demais para seu próprio bem. Eles se excedem, machucam alguém. . e depois recuam. Se alguém chega logo depois da explosão, como aconteceu com você, Ralph, praticamente pode surpreendê-los de cabeça erguida, ouvindo música, tentando voltar ao normal.

— Foi assim mesmo — concordou Ralph. — *Exatamente* assim.

— É uma encenação que os espertos sustentam durante um bom tempo: parecem cheios de remorsos, estarrecidos com seus atos, decididos a se emendar. São persuasivos, charmosos, e muitas vezes é praticamente impossível perceber sob a sua boa vontade que são doidos varridos. Até mesmo casos extremos, como Ted Bundy, por vezes, conseguem parecer normais durante anos. A boa notícia é que não há muitos caras como Ted Bundy aí fora, apesar dos muitos livros e filmes sobre homicidas psicopatas.

Ralph deu um suspiro profundo.

— Que trapalhada.

— É. Mas veja o lado bom do caso: vamos poder manter o marido longe dela, pelo menos por algum tempo. Será solto antes do jantar, mediante uma fiança de vinte e cinco dólares, mas. .

— Vinte e cinco dólares? — McGovern exclamou. Parecia ao mesmo tempo chocado e descrente. — Só *isso*?

— É — Leydecker confirmou. — Falei a Deepneau sobre agressão em segundo grau porque isso intimida, mas, no estado do Maine, espancar a mulher é apenas um delito leve.

— Mesmo assim, inseriram uma nova cláusula na lei bem jeitosa —disse Chris Nell, reunindo-se ao grupo. — Se Deepneau quiser pagar fiança, terá que concordar que não terá o menor contato com a mulher até que o caso seja julgado. Não pode voltar para casa, abordá-la na rua, nem mesmo lhe telefonar. Se não concordar, continua preso.

— Mas suponha que ele concorde e volte de qualquer jeito? — Ralph perguntou.

— Então ferramos ele — falou Nell — porque aí será um delito grave.. ou pode ser, se o promotor público quiser bancar o durão. Em todo o caso, o cara que desrespeita o acordo de fiança para agressões domésticas em geral passa bem mais do que uma simples tarde na cadeia.

— E esperemos que a esposa que ele visitar, violando o acordo, continue viva até a data do julgamento — disse McGovem.

— É — lamentou Leydecker sinceramente. — Às vezes isso é um problema.

3

RALPH voltou para casa e se sentou diante da TV, olhando-a sem ver durante mais de uma hora. Levantou-se no intervalo para ver se havia uma Coca-cola na geladeira, suas pernas vacilaram e ele teve que apoiar-se na parede para não cair. Tremia dos pés à cabeça e se sentia desconfortavel-mente prestes a vomitar. Compreendia que isso era apenas uma reação re-tardada, mas a fraqueza e o enjôo ainda assim o assustaram.

Sentou-se outra vez, respirou profundamente durante um minuto, com a cabeça abaixada e os olhos fechados, então se levantou, dirigindo-se len-

tamente para o banheiro. Encheu a banheira de água morna e ficou de molho até ouvir o programa Night Court, o primeiro dos seriados de comédia da tarde, começar na TV. Por essa altura, a água da banheira praticamente gelara, e Ralph aproveitou para sair. Enxugou-se, vestiu uma roupa limpa, e decidiu que um jantar leve era uma boa pedida. Ligou para baixo, imaginando que talvez McGovern quisesse lhe fazer companhia, mas não obteve resposta.

Ralph pôs uns ovos para cozinhar e ligou para o hospital Derry Home do telefone junto ao fogão. Sua ligação foi transferida para uma mulher no Serviço de Pacientes que verificou no computador, confirmando que estava certo, Helen Deepneau *dera* entrada no hospital. De acordo com o registro de entrada, seu estado era bom. Não, não fazia idéia de quem estava tomando conta da neném da Sra. Deepneau; só sabia que não havia nenhuma Natalie Deepneau nos registros. Não, Ralph não poderia visitar a Sra. Deepneau àquela noite, mas não porque o médico tivesse proibido; a própria Sra.

Deepneau dera aquela ordem.

Porque ela faria uma coisa dessas? Ralph começou a perguntar, mas desistiu. A mulher no Serviço de Pacientes provavelmente lhe diria que lamentava muito, mas não havia aquela informação no computador. Ralph concluiu que havia resposta no *seu* computador, aquele entre as suas orelhas, de tamanho econômico. Helen não queria visitas porque se sentia envergonhada.

Nada do que acontecera fora por culpa sua, mas Ralph duvidava que isso alterasse seus sentimentos. Fora vista por metade da Avenida Harris como um boxeador massacrado, cambaleando depois do juiz ter suspenso a luta, fora levada para o hospital em uma ambulância, e o marido — o pai de sua filha — era o responsável. Ralph esperava que no hospital lhe dessem alguma coisa para ajudá-la a dormir aquela noite; tinha a impressão de que as coisas talvez pudessem parecer a Helen menos ruins pela manhã. Deus sabia que não poderiam parecer muito piores.

Diabos, gostaria que alguém me desse alguma coisa para me ajudar a dormir esta noite, pensou.

Então vá consultar o Dr. Litchfield, seu idiota, outra parte de sua mente respondeu na hora.

A mulher no Serviço de Pacientes estava perguntando a Ralph se poderia lhe ser útil em mais alguma coisa. Ralph disse que não e ia começar a lhe agradecer, quando a linha fez clique em seu ouvido.

— Simpática — Ralph comentou. — Muito simpática. — Também desligou, apanhou uma colher e devagarinho mergulhou os ovos na água.

Dez minutos depois, quando ia se sentar, os ovos cozidos deslizando pelo prato e parecendo as maiores pérolas do globo, o telefone tocou. Pousou o prato na mesa e atendeu a chamada.

— Alô?

Silêncio, interrompido apenas por uma respiração.

— Alô? — Ralph repetiu.

Escutou mais uma vez a respiração, suficientemente alta para parecer um soluço aspirado, e em seguida um outro clique em seu ouvido. Ralph desligou e ficou parado, olhando o telefone por alguns segundos, o aborrecimento formando em sua testa três linhas ascendentes de vincos.

— Vamos, Helen — disse. — Ligue outra vez para mim. Por favor. —

Então voltou para a mesa, sentou-se e começou a comer o seu jantarzinho de solteiro.

4

QUINZE minutos mais tarde, estava lavando a pouca louça que usara, quando o telefone tornou a tocar. *Não vai ser ela,* pensou, enxugando as mãos numa toalha de pratos e atirando-a sobre o ombro, a caminho do tele-

fone. *Nem pensar que é ela. Provavelmente Lois ou Bill.* Mas uma outra parte dele não pensava assim.

— Oi, Ralph.

— Alô, Helen.

— Fui eu ainda há pouco. — Sua voz estava rouca, como se tivesse bebido ou chorado, e Ralph achava que não permitiam bebida no hospital.

— Calculei isso.

— Ouvi sua voz e.. não pude..

— Tudo bem. Eu compreendo.

— Compreende? — Ela soluçou sentidamente.

— Acho que sim.

— A enfermeira passou aqui e me deu um analgésico. E bem que eu precisava. . meu rosto está doendo para valer. Mas não quis tomá-lo até ligar para você outra

vez e dizer o que preciso dizer. A dor esgota, mas é um in-centivo e tanto.

— Helen, você não precisa dizer nada. — Mas teve receio que ela falasse, e teve receio do que diria. . receio de descobrir que resolvera brigar com ele porque não podia brigar com Ed.

— Preciso, sim. Tenho que lhe agradecer.

Ralph se apoiou na lateral da porta e fechou os olhos por um momento. Sentiu-se aliviado mas inseguro quanto ao que responder. Estivera preparado para dizer *Lamento que você pense assim, Helen,* na voz mais calma que pudesse, tão certo estava que ia começar lhe perguntando por que não cuidava da própria vida.

Como se ela tivesse lido seus pensamentos e quisesse lhe dizer que não estava completamente isento de culpa, Helen continuou:

— Passei a maior parte do tempo a caminho daqui e no registro de entrada, e também a primeira hora no quarto, muito aborrecida com você. Liguei para Candy Shoemaker, minha amiga da rua Kansas, e ela veio buscar Nat. Vai passar a noite com ela. Queria saber o que acontecera, mas não quis lhe contar. Só queria ficar deitada aqui, furiosa por você ter ligado para a polícia, mesmo depois de eu lhe dizer para não fazer isso.

— Helen. .

— Me deixe terminar para eu poder tomar minha pílula e ir dormir.

Está bem?

— Está bem.

— Logo depois que Candy foi embora com a neném, Nat não chorou, graças a Deus, não sei se eu teria agüentado seu choro, uma mulher entrou.

A princípio pensei que entrara no quarto errado porque eu não fazia a menor idéia de quem fosse, e quando concluí que viera me ver, disse que não queria visitas. Ela não ligou. Fechou a porta e levantou a saia de modo que eu pudesse ver sua coxa esquerda. Havia uma cicatriz profunda descendo pela perna, praticamente do quadril ao joelho.

— Ela me contou que se chamava Gretchen Tillbury, que era assistente de agressão doméstica na WomanCare, e que o marido abrira sua perna com uma faca de cozinha em 1978. Disse que se o vizinho do apartamento de baixo não tivesse feito um torniquete, ela teria sangrado até morrer. Falei que lamentava

muito, mas que não queria discutir minha situação até ter tido tempo de refletir. — Helen fez uma pausa e depois continuou: — Mas isso era mentira, você sabe. Já tinha tido bastante tempo para refletir, porque Ed me bateu pela primeira vez há dois anos, pouco antes de eu engravi-dar da Nat. Eu fui.. adiando.

— Não consigo imaginar por que uma pessoa faria isso — Ralph comentou.

— Essa senhora. . bem, eles devem ensinar gente como ela a desmontar as defesas de uma pessoa.

Ralph sorriu:

— Acho que isso é metade do treinamento.

— Ela disse que eu não podia adiar, que tinha uma situação difícil nas mãos e precisava começar a enfrentá-la imediatamente. Respondi que fizesse o que fizesse, não precisaria consultá-la antes, nem escutar seu papo furado só porque o marido a ferira no passado. Quase lhe disse que provavelmente a ferira porque ela não queria calar a boca, ir embora, e deixá-lo em paz, dá para acreditar? Mas eu estava realmente uma arara, Ralph. Cheia de dores. . confusa. . envergonhada. , mas principalmente uma a-r-a-r-a.

— Acho que é uma reação normal.

— Ela me perguntou como iria me sentir. . não com relação a Ed mas a mim *própria*. . se voltasse para Ed e ele me batesse de novo. Então perguntou como ia me sentir se voltasse para Ed e ele batesse em Nat. Fiquei furiosa. *Ainda* estou furiosa. Ed jamais encostou um dedo em Nat, e eu disse isso. Ela concordou e retrucou: Isso não quer dizer que *nunca vá* encostar, Helen. Sei que você não quer pensar no assunto, mas precisa. E se você tiver razão? Suponha que ele jamais dê nem uma palmadinha na mão dela?

Você quer que ela cresça vendo o pai bater em *você?* Você quer que ela cres-

ça vendo o que viu hoje? E isso me fez calar. De vez. Lembrei da cara de Ed quando ele tornou a entrar em casa. . como percebi assim que vi a cara dele branca. . o jeito com que mexia a cabeça. .

— Como um galo — Ralph murmurou.

— O quê?

— Nada. Continue.

— Não sei o que foi que o fez explodir. . Já nem sei mais, mas percebi que ia descarregar em mim. Não há nada que se possa fazer ou dizer para impedi-lo, quando atinge um determinado ponto. Corri para o quarto, mas ele me agarrou pelos cabelos. . arrancou um punhado. . gritei. . e Natalie estava sentada na cadeirinha alta. . sentada ali nos observando. , e quando *eu* gritei, *ela* gritou..

Helen se descontrolou e caiu num choro incontido. Ralph aguardou com a testa apoiada na lateral da porta entre a cozinha e a sala de visitas.

Usou a ponta da toalha de prato que pendurara no ombro para enxugar as próprias lágrimas, quase sem pensar no que fazia.

— Em todo o caso — Helen disse quando conseguiu falar de novo —acabei conversando com a mulher quase uma hora. Ela se sustenta com o trabalho que faz no serviço de Assistência às Vítimas, dá para acreditar?

— Dá — disse Ralph. — É um bom serviço, Helen.

— Vou vê-la outra vez amanhã, na WomanCare. É uma ironia, sabe, essa minha ida lá. Quero dizer, se eu não tivesse assinado aquilo. .

— Se não fosse o abaixo-assinado, teria sido outra coisa qualquer.

Ela suspirou.

— Acho que é verdade, Ralph. É verdade. De qualquer modo, Gretchen diz que não posso resolver os problemas de Ed, mas que posso come-

çar a resolver alguns dos meus. — Helen recomeçou a chorar, até que suspirou profundamente. — Me desculpe; chorei tanto hoje, que nunca mais quero chorar. Eu disse a ela que gostava do Ed. Sentia vergonha de confessar isso, e nem mesmo tenho certeza se é verdade, mas *me parece* verdade.

Disse que gostaria de dar a ele outra chance. Ela respondeu que com isso estava obrigando Natalie a dar ao pai mais uma chance, também, e isso me fez pensar na neném sentada ali na cozinha, com a carinha toda suja de purê de espinafre, berrando a plenos pulmões enquanto Ed me batia. Meu Deus, detesto o jeito que gente como ela tem de encurralar a pessoa num canto sem deixar saída.

— Ela está tentando lhe ajudar, é só.

— Detesto isso, também. Estou muito confusa, Ralph. Talvez você não saiba, mas estou mesmo. — Uma risadinha frouxa percorreu a linha telefônica.

— Tudo bem, Helen. É natural que se sinta confusa.

— Pouco antes de ir embora, ela me falou de High Ridge. No momento, parece ser o lugar ideal para mim.

— O que é?

— Uma espécie de pousada. . ela quis deixar claro que era uma *casa,* e não um abrigo. . para mulheres espancadas. Oficialmente acho que essa é a minha condição agora. — Desta vez a risadinha frouxa chegou muito próxima de um soluço. — Posso levar Nat comigo se eu for, e esse é o maior atrativo.

— Onde fica o lugar?

— No campo. Para os lados de Newport, eu acho.

— É, acho que já sabia.

É claro que sabia; Ham Davenport lhe falara durante o comercial da WomanCare. *Eles prestam assistência às famílias.. abuso de mulheres e crianças..*

dirigem um abrigo para mulheres espancadas nos limites de Derry com Newport. De repente o WomanCare parecia invadir todos os cantos de sua vida. Ed, sem dúvida, teria visto sinistras implicações na coincidência.

— Aquela Gretchen Tillbury não é fácil — Helen estava dizendo. —

Pouco antes de sair me disse que não havia mal nenhum em amar o Ed. *Não pode* haver mal nenhum, disse, porque o amor não é uma coisa que jorre de uma torneira que se abre e fecha à vontade, mas era preciso me lembrar que o meu amor não poderia curá-lo, que nem mesmo o amor de Ed por Natalie poderia curá-lo, e que nenhum amor no mundo alterava a minha responsabilidade de cuidar de minha filha. Fiquei deitada, pensando nisso. Acho que preferia ficar sentindo raiva. Sem dúvida nenhuma, seria mais fácil.

— É — Ralph concordou — imagino que sim. Helen, por que você não toma sua pílula agora e esquece o caso por algumas horas?

— Vou fazer isso, mas primeiro queria lhe agradecer.

— Você sabe que não precisa agradecer.

— Acho que não sei não — ela respondeu, e Ralph ficou satisfeito ao ouvir um toque de emoção na voz da moça. Significava que o essencial em Helen

Deepneau continuava vivo. — Minha raiva de você ainda não passou, mas estou satisfeita que não me tenha atendido quando lhe pedi para não chamar a polícia. Era só porque eu estava com medo, sabe? Medo.

— Helen, eu. . — Sua voz estava abafada, mal podia se controlar. Pigarreou e tentou de novo. — Eu só não queria ver você se machucar mais do que já se machucara. Quando vi você atravessar o estacionamento com o rosto ensangüentado, tive receio que...

— Não fale desse pedaço. Por favor. Vou chorar se você falar, e não agüento mais chorar.

— Está bem. — Ele queria fazer mil perguntas sobre Ed, mas evidentemente não era hora. — Posso ir visitá-la amanhã?

Houve uma breve hesitação e em seguida Helen respondeu:

— Acho que não. Por ora, não. Tenho que pensar em muita coisa, tomar decisões, e vai ser bem difícil. Manterei contato, Ralph. Está bem?

— Claro. Ótimo. Que vai fazer com a casa?

— O marido de Candy vai lá fechá-la. Dei-lhe as minhas chaves. Gretchen Tillbury disse que Ed não tem o direito de voltar à casa para nada, nem mesmo para buscar o talão de cheques ou uma muda de roupa. Se quiser alguma coisa, tem que entregar uma lista e a chave a um policial que vai buscar. Suponho que Ed vá se mudar para Fresh Harbor. Há muitas casas lá para os empregados do laboratório. Uns chalezinhos. Até bonitinhos. . — O

breve toque de emoção que Ralph ouvira em sua voz desaparecera já fazia tempo. Helen parecia deprimida, desamparada e muito, muito cansada.

— Helen, fiquei muito feliz com o seu telefonema. E aliviado, não vou mentir. Agora vá dormir um pouco.

— E você, Ralph? — perguntou inesperadamente. — *Você* está conseguindo dormir um pouco ultimamente?

A surpreendente mudança de foco levou-o a uma sinceridade que de outra forma não teria conseguido expressar.

— Um pouco.. mas talvez não tanto quanto preciso. Acho que não tanto quanto preciso.

— Bem, se cuide. Você foi muito corajoso hoje, como aqueles cavalheiros da lenda do rei Artur, mas acho que até mesmo Sir Lancelot tinha que dar um tempo de vez em quando.

Ele comoveu-se com o comentário, e achou-o engraçado. Uma imagem momentânea, muito nítida, perpassou sua mente:

Ralph Roberts de armadura montando um cavalo alvíssimo, enquanto Bill McGovern, seu fiel escudeiro, seguia atrás dele num pônei, trajando um colete de couro e o elegante chapéu-panamá.

— Muito obrigado, querida — falou. — Acho que essa é a coisa mais carinhosa que alguém me disse desde que Lyndon Johnson foi presidente.

Uma ótima noite para você, está bem?

— Para você também.

Ela desligou. Ralph ficou olhando pensativo para o telefone por um momento, depois recolocou-o no gancho. Talvez *tivesse* uma boa noite. Depois de tudo o que acontecera naquele dia, bem que merecia. Por ora pensou em descer, sentar na varanda, contemplar o pôr-do-sol, e deixar o depois para depois.

5

MCGOVERN estava de volta, estirado na varanda em sua cadeira favorita. Observava alguma coisa mais adiante na rua e não se virou imediatamente quando seu vizinho de cima apareceu. Ralph acompanhou seu olhar e viu uma ambulância azul estacionada a meio quarteirão de distância, do mesmo lado da Avenida Harris em que ficava o mercadinho. Trazia nas portas traseiras os dizeres DERRY MEDICAL SERVICES em grandes letras brancas.

— Oi, Bill — Ralph disse, atirando-se em sua cadeira. A de balanço, que Lois Chasse sempre usava quando vinha, ficava entre os dois. Uma bri-sinha de fim de tarde começara a soprar, deliciosamente fresca depois do calor da tarde, e balançava caprichosamente a cadeira vazia para a frente e para trás.

— Oi — McGovern respondeu, dando uma espiada em Ralph. Já ia desviar o olhar, mas voltou-o para uma segunda tomada. — Cara, é melhor começar a prender com alfinetes essas bolsas debaixo dos olhos. Daqui a pouco, vai estar pisando nelas se não se cuidar.

Ralph achou que provavelmente o comentário deveria parecer um dos *bons mots*

cáusticos pelos quais McGovern era famoso na rua, mas a expressão em seus olhos era de genuína preocupação.

— Foi um dia de cão — falou. Contou a McGovern o telefonema de Helen, suprimindo o que talvez pudesse constrangê-la se McGovern soubesse. Bill nunca estivera entre os favoritos de Helen.

— Que bom que ela está bem — comentou McGovern. — Vou lhe dizer uma coisa, Ralph, você me deixou impressionado hoje, quando saiu marchando pela rua daquele jeito, que nem Gary Cooper em *Matar ou Morrer*. Talvez não tenha sido muito sensato, mas foi de uma firmeza. . — Calou-se. — Para falar a verdade, fiquei assombrado com você.

Era a segunda vez em quinze minutos que alguém chegara muito próximo de chamar Ralph de herói. Sentiu-se constrangido.

— Eu estava furioso demais com Ed, por isso só percebi a burrice que estava fazendo depois. Onde esteve, Bill? Liguei para você há pouco.

— Saí caminhando pela Extensão da Harris — disse McGovem. —

Acho que para tentar descarregar um pouco da tensão. Estou com uma dorzinha de cabeça e enjôo desde a hora em que Johnny Leydecker e o outro levaram Ed.

Ralph concordou com a cabeça.

— Eu também.

— Verdade? — McGovern se mostrou surpreso, e um tanto cético.

— Verdade — confirmou com um ar de riso.

— Em todo o caso, Faye Chapin estava na área de piquenique onde aqueles Coroas costumam se sentar na época de calor, e me convenceu a jogar uma partida de xadrez. Que figura aquele cara, Ralph, acha que é a re-encarnação de Ruy López, mas o jogo dele está mais para Soupy Sales. . e não *pára de falar um segundo*.

— Mas o Faye é um cara legal — Ralph disse baixinho.

McGovern pareceu não tê-lo ouvido.

— E aquele horrendo do Dorrance Marstellar estava lá também —prosseguiu. — Se estamos velhos, ele então já virou um fóssil. Fica parado junto à cerca que

separa a área de piqueniques do aeroporto com um livro de poesia nas mãos, espiando os aviões decolarem e pousarem. Você acha que ele realmente lê aqueles livros que carrega ou aquilo é só enfeite?

— Boa pergunta — disse Ralph, mas estava pensando na palavra que McGovern empregara para descrever Dorrance — *horrendo*. Não é a que Ralph teria usado, mas não havia dúvida de que o velho Dor era original.

Não era bem senil (ou pelo menos Ralph não *achava* que era); era mais como se as poucas coisas que dizia saíssem de uma mente ligeiramente fora de esquadro e de uma percepção ligeramente distorcida.

Lembrou-se que Dorrance estava lá naquele dia do verão passado em que Ed colidira com o cara do furgão. À época achara que a chegada de Dorrance tinha dado o toque de excentricidade que faltava ao espetáculo. E

Dorrance dissera uma coisa engraçada. Ralph tentou lembrar-se do que era mas não conseguiu.

McGovern voltara a espiar a rua, onde um rapaz de macacão cinzento acabara de sair, assoviando, da casa diante da qual estacionara a ambulância da Medical Services. O rapaz, na força dos seus vinte e quatro anos, como se jamais tivesse precisado de um seviço médico na vida, empurrava um carrinho com um comprido cilindro verde.

— Aquele é o vazio — disse McGovern. — Você perdeu a entrada do cheio.

Um segundo homem, também de macacão, saiu pela porta da frente da pequena casa, que combinava, de maneira infeliz, paredes amarelas e ornatos cor-de-rosa. Parou na entradinha um momento, a mão na maçaneta, aparentemente falando com alguém dentro da casa. Então bateu a porta e correu, ágil, pelo caminho. Chegou a tempo de ajudar o colega a erguer o carrinho com o cilindro e embarcá-los na traseira da ambulância.

— Oxigênio? — Ralph perguntou.

McGovern confirmou com a cabeça.

— Para a Sra. Locher?

McGovern confirmou outra vez, observando os funcionários do Medical Services baterem as portas da ambulância e pararem para conversar sem pressa à luz poente.

— Freqüentei a escola primária e a secundária com Locher. Lá em Cardville, terra dos fortes e das vacas. — Éramos apenas cinco na turma que se formou. Naquele tempo, ela era chamada de assanhada e caras como eu de ―afrescalhados‖. Naquela época divertidamente antiga, *gay* era a palavra que se usava para elogiar a árvore de Natal depois de enfeitá-la.

Ralph baixou os olhos para as mãos, constrangido e mudo. Naturalmente sabia que McGovern era homossexual, há anos, mas Bill nunca falara disso em voz alta até esta noite. Ralph gostaria que tivesse guardado essa conversa para outro dia. . preferivelmente um em que Ralph não se sentisse como se o cérebro tivesse sido substituído por recheio de edredom.

— Isso foi há séculos — McGovern disse. — Quem teria pensado que viríamos dar com os costados nas praias da Avenida Harris.

— Ela tem enfisema, não é? Acho que foi isso que ouvi dizer.

— É. Uma dessas doenças que não param de proliferar. Sem dúvida envelhecer não é tarefa para maricas, não é?

— Não, não é.. — Ralph concordou, e então sua mente percebeu a verdade com repentina força. Era em Carolyn que pensava, e no terror que sentira ao entrar chapinhando no apartamento com os tênis encharcados e a encontrara caída, o corpo metade na cozinha metade fora. . de fato no mesmo lugar em que ficara parado durante a maior parte da conversa com Helen. Enfrentar Ed Deepneau não fora nada, comparado ao terror que sentira no momento em que teve certeza de que Carolyn estava morta.

— Lembro do tempo em que eles traziam oxigênio para May a cada duas semanas mais ou menos — disse McGovern. — Agora vêm toda segunda e quinta à noite, como um relógio. Vou visitá-la quando posso. Às vezes leio para ela os artigos das revistas femininas, os mais chatos que se pode imaginar, e outras vezes apenas ficamos sentados, conversando. Ela diz que tem a sensação de que seus pulmões estão se enchendo de algas.

Não vai demorar muito agora. Um dia desses eles virão e, ao invés de carregar um cilindro vazio de oxigênio na traseira da caminhonete, vão carregar May. Vão levá-la para o Derry Home e será o fim.

— Foi cigarro? — Ralph perguntou.

McGovern brindou-o com um olhar tão alheio àquele rosto magro e sereno, que Ralph levou algum tempo para perceber que era desprezo.

— May Perrault jamais fumou um cigarro na vida. Está pagando o preço de ter trabalhado vinte anos na tinturaria de uma fábrica em Corinna e outros vinte anos operando o abridor de fibras têxteis em outra fábrica em Newport. É algodão, lã e nylon que dificultam sua respiração e não algas.

Os dois rapazes do Derry Medical Services entraram na ambulância e partiram.

— O Maine é o refúgio do nordeste dos Apalaches, Ralph, muita gente não se dá conta disso, mas é verdade; e May está morrendo de uma doença apalachiana. Enfisema têxtil.

— Que coisa triste. Acho que ela significa muito para você.

McGovern riu com deboche.

— Não. Eu a visito porque, por acaso, ela é o último pedaço visível da minha juventude mal gasta. Às vezes leio para ela e sempre consigo engolir um ou dois dos seus biscoitos de aveia secos e velhos, mas não passa disso.

Minha preocupação é seguramente egoísta, posso lhe garantir.

Seguramente egoísta, Ralph pensou. *Que frase mais esquisita. Que frase mais* McGovern.

— Mas vamos esquecer a May — disse McGovern. — A pergunta que se ouve na boca de todos os americanos em todo o mundo é o que vamos fazer com *você,* Ralph. O uísque não produziu efeito, não foi?

— Não — respondeu Ralph. — Receio que não.

— Você fez uma tentativa para valer?

Ralph confirmou com a cabeça.

— Mas precisa fazer *alguma* coisa para remover essas bolsas debaixo dos olhos ou jamais conquistará a linda Lois. — McGovern estudou a rea-

ção de Ralph ao seu comentário e suspirou.

— Não foi tão engraçado assim, hum?

— Nem um pouco. E depois, esse foi um longo dia.

— Desculpe.

— Tudo bem.

Ficaram sentados em afável silêncio por algum tempo, observando as idas e vindas daquele trecho da Avenida Harris. Três meninas pulavam amarelinha no estacionamento do mercadinho defronte. A Sra. Perrine estava ali perto, empertigada como uma sentinela, vigiando as meninas. Um menino com a pala do boné de um time de beisebol virado para trás passou, batendo com as mãos o ritmo do seu *walkman*. Dois garotos brincavam de atirar um disco de plástico um para o outro diante da casa de Lois. Um cachorro latia. Em algum lugar, uma mulher gritava para o Sam pegar a irmã e ir para dentro. Era a serenata habitual da vida da rua, nem mais nem menos, mas, para Ralph, tudo soava estranhamente falso. Talvez porque, ultimamente, se acostumara demais a ver a Avenida Harris vazia.

Virou-se para McGovern e disse:

— Sabe qual foi a primeira coisa que pensei quando vi você no estacionamento do mercadinho hoje à tarde? Apesar de tudo que estava acontecendo?

McGovern sacudiu a cabeça.

— Fiquei imaginando onde teria metido o diabo do chapéu. O panamá. Você ficou muito esquisito sem chapéu. Parecia nu. Agora conte a verdade, filho: onde foi que escondeu a tampa de sua cabeça?

McGovern levou a mão ao alto da cabeça, onde os fios restantes dos cabelos brancos, finos como os de um bebê, estavam cuidadosamente penteados da esquerda para a direita, cobrindo o crânio cor-de-rosa.

— Não sei — respondeu. — Dei por falta dele hoje de manhã. Quase sempre me lembro de deixá-lo em cima da mesa junto à porta de entrada quando chego, mas não está lá. Imagino que o tenha largado em outro lugar desta vez, mas exatamente onde não consigo atinar. Mais alguns anos e vou estar andando por aí de cuecas porque não consigo me lembrar onde deixei as calças. Tudo isso faz parte da maravilhosa experiência de envelhecer, certo, Ralph?

Ralph concordou com a cabeça e riu, pensando que de todas as pessoas idosas que conhecia — e conhecia mais de trinta em nível de caminhada pelo parque e olá-como-vai — Bill McGovern era quem mais reclamava da velhice. Parecia encarar a juventude perdida e a meia-idade recém-desaparecida, como um general olharia dois soldados que desertaram na véspera de uma grande batalha. Mas não ia dizer uma coisa dessas.

Cada um tinha suas pequenas excentricidades; ser teatralmente mórbido com relação ao avanço da idade era a de McGovem.

— Falei alguma coisa engraçada? — McGovern perguntou.

— Que foi?

— Você estava rindo, então acho que devo ter dito alguma coisa engraçada. — Parecia um pouco ofendido o que realmente era demais principalmente para alguém que gostava tanto de gozar o vizinho do andar de cima a respeito da viúva bonitona que morava na rua, mas Ralph se lembrou que fora um dia longo para McGovern também.

— Não estava pensando em você — respondeu Ralph. — Estava pensando que Carolyn costumava dizer praticamente a mesma coisa: que envelhecer era como comer uma sobremesa ruim depois de uma boa refeição.

Isso era, no mínimo, uma meia-verdade. Carolyn realmente *fizera* esta comparação, mas para descrever o tumor cerebral que a estava matando, e não sua vida como idosa. E, de qualquer modo, também não estava assim tão idosa, tinha apenas sessenta e quatro anos quando falecera, e até as seis ou oito semanas finais de vida, dizia que, a maior parte do tempo, sentia ter metade dessa idade.

Defronte dos dois, as meninas que pulavam amarelinha se aproximaram do meio-fio, olharam para os dois lados da rua, deram-se as mãos e atravessaram correndo e rindo. Por um instante, elas lhe pareceram envoltas em uma luz cinzenta — uma nuvem que iluminava seus rostos e olhos risonhos como a estranha e clara chama azulada que surgia nos mastros dos navios, durante as tempestades. Um pouco assustado, Ralph apertou os olhos e tornou a arregalá-los. O manto cinzento que imaginara envolver o trio de meninas desapareceu, o que foi um alívio, mas *tinha* que dormir um pouco bem depressa. Simplesmente *tinha* que dormir.

— Ralph? — A voz de McGovern parecia vir da outra ponta da varanda, embora ele não tivesse se mexido. — Você está bem?

— Claro — Ralph respondeu. — Pensando em Ed e Helen, é só.

Você tinha idéia de que ele estava ficando biruta, Bill?

McGovern sacudiu a cabeça energicamente.

— Nem suspeitava — falou. — Embora visse hematomas em Helen de tempos

em tempos, sempre acreditava nas histórias que ela contava para explicá-los. Não gosto de me considerar muito ingênuo, mas talvez tenha que reavaliar o meu modo de pensar a questão.

— Que acha que vai acontecer com eles? Algum prognóstico?

McGovern suspirou e tocou o alto da cabeça com as pontas dos dedos, sentindo falta do panamá, mas sem dar por isso.

— Você me conhece, Ralph, sou um cínico de longa linhagem. Acho que é muito raro os conflitos humanos comuns se resolverem como vemos na TV. Na realidade, eles vão se repetir muitas vezes, descrevendo círculos decrescentes até sumirem de vez. Só que eles não chegam realmente a sumir; eles secam, como poças de lama ao sol. — McGovern fez uma pausa e acrescentou: — E a maioria deixa o mesmo resíduo de sujeira.

— Nossa — Ralph exclamou. — Isso é que é ser cínico.

McGovern deu de ombros.

— A maioria dos professores aposentados *são* cínicos, Ralph. Vemos quando eles chegam, tão jovens e tão fortes, tão convencidos de que com eles a coisa vai ser diferente, e vemos que fazem suas sujeiras e em seguida passam ao largo, exatamente como seus pais e avós fizeram. O que acho é que Helen voltará para o marido e, por algum tempo, Ed vai se comportar direito, então vai espancá-la outra vez e ela vai deixá-lo outra vez. É como aquelas músicas sertanejas bobinhas que tocam na vitrola automática lá no Nick‘s Lunch, as pessoas ficam ouvindo um tempão até resolverem que não querem mais ouvi-la. Mas Helen é uma moça inteligente. Acho que só precisa ouvir mais um verso.

— Mais um verso é só o que vai ter — disse Ralph calmamente. —

Não estamos falando de um marido bêbado que volta para casa na sexta à noite e espanca a mulher porque perdeu o ordenado num jogo de pôquer e ela teve a ousadia de reclamar.

— Eu sei — McGovern disse — mas você pediu minha opinião, e eu lhe dei. Acho que Helen vai precisar de mais uma rodada antes de criar coragem para terminar. E, mesmo assim, é provável que os dois continuem a tropeçar um no outro. Ainda moram numa cidade pequena. — Ele parou apertando os olhos em direção à rua. — Olhe só — falou, erguendo a sobrancelha esquerda. — A nossa Lois. Caminha bela como a noite.

Ralph lançou-lhe um olhar impaciente, que McGovern não viu ou fingiu não ver. Ele se levantou, tocou mais uma vez com a ponta dos dedos o lugar onde deveria estar o panamá, e em seguida desceu os degraus da varanda para recebê-la no caminho.

— Lois! — McGovern exclamou, dobrando um joelho diante dela e estendendo teatralmente as mãos. — Que as nossas vidas possam se unir pelos laços estrelados do amor! Junte o seu destino ao meu e deixe-me arrebatá-la para outros climas na carruagem de ouro das minhas afeições!

— Oba, você está falando de lua-de-mel ou de uma única noite? —

Lois perguntou sorrindo insegura.

Ralph cutucou as costas de McGovern.

— Levanta, panaca — e apanhou a pequena sacola que Lois carregava.

Espiou dentro e viu três latas de cerveja.

McGovern levantou-se.

— Desculpe, Lois — McGovern disse. — Foi a conjunção do crespúsculo de verão com a sua beleza. Declaro-me temporariamente enlouquecido, em outras palavras.

Lois sorriu para ele, virando-se então para Ralph.

— Acabei de saber do que houve — disse — e corri para cá o mais depressa que pude. Estive em Ludlow a tarde inteira, jogando pôquer com as meninas, a cinco e dez centavos a parada.

Ralph não precisou olhar para McGovern para saber que sua sobrancelha esquerda — a que dizia *Pôquer com as meninas! Que coisa rnaravilhosamente, perfeitamente, completamente de acordo com Nossa Lois!* — estaria erguida ao máximo.

— Helen está bem?

— Está — respondeu Ralph. — *Bem* talvez não seja a melhor palavra, vão mantê-la no hospital até amanhã, mas não corre nenhum perigo.

— E a neném?

— Ótima. Ficou com uma amiga de Helen.

— Bom, venham para a varanda os dois, e me contem tudo. — Deu um braço a McGovern, outro a Ralph, e os conduziu de volta pelo caminho.

Subiram os degraus da varanda assim, os dois mosqueteiros idosos com a mulher cujo afeto tinham disputado na juventude bem segura entre ambos e, quando Lois se sentou na cadeira de balanço, as luzes da rua se acenderam na Avenida Harris, brilhando ao crepúsculo, como uma fieira dupla de pérolas.

6

RALPH ADORMECEU naquela noite, mal encostou a cabeça no travesseiro, e despertou totalmente às 3h30 min. de sexta-feira. Compreendeu na hora que, em hipótese alguma, voltaria a dormir; seria melhor passar diretamente à poltrona na sala de estar.

Mas, de qualquer maneira, continuou deitado mais algum tempo, contemplando a escuridão e procurando recuperar o fio do sonho que tivera.

Não conseguiu. Só conseguia se lembrar que sonhara com Ed.. e Helen.. . e Rosalie, a cachorra que por vezes observava coxear pela Avenida Harris antes de Pete, o jornaleiro, aparecer.

Dorrance estava no sonho também. Não se esqueça dele.

É verdade. É como se uma chave tivesse girado numa fechadura, Ralph lembrou-se do comentário engraçado de Dorrance durante o confronto entre Ed e o grandalhão no ano anterior. . a coisa que Ralph não fora capaz de lembrar mais cedo naquela noite. Ele, Ralph, continha Ed, procurando mantê-lo imobilizado contra o capô amassado do carro tempo suficiente para a razão prevalecer e Dorrance dissera

(*Eu não faria isso*)

que Ralph não deveria segurá-lo.

— Disse que não conseguia mais enxergar minhas mãos — Ralph murmurou, girando os pés para fora da cama. — Foi isso.

Ficou sentado onde estava um tempinho, a cabeça baixa, o cabelo ar-repiado na nuca, os dedos entrelaçados frouxamente entre as coxas. Finalmente calçou os chinelos e saiu arrastando os pés até a sala de estar. Estava na hora de começar a esperar o sol nascer.

CAPÍTULO 4

1

EMBORA os cínicos sempre parecessem mais sensatos do que os amalucados otimistas do mundo, a experiência de Ralph dizia que eles erravam, no mínimo, o mesmo número de vezes, se não mais, e ficou feliz ao descobrir que McGovern errara a respeito de Helen Deepneau — no caso dela, um único verso do *Blues do coração surrado e partido* parecia ter sido suficiente.

Na quarta-feira da semana seguinte, enquanto Ralph decidia se nao seria melhor descobrir a mulher com quem Helen falara no hospital (Tillbury era o nome dela — Gretchen Tillbury) e se certificar se Helen ia bem, ele recebeu uma carta. O endereço do remetente era simples — apenas *Helen e Nat, High Ridge* — mas foi suficiente para tranqüilizar, e muito, a mente de Ralph. Ele se sentou na cadeira da varanda, rasgou o envelope, e retirou duas folhas de papel pautado cobertas com a caligrafia inclinada para a esquerda de Helen.

―Querido Ralph [começava a carta], imagino que a essa altura você deve estar pensando que afinal decidi ficar chateada com você, mas não é verdade. É que não devemos manter contato com ninguém — por telefone ou carta — nos primeiro dias. Regras da casa. Gosto muito deste lugar e Nat também. Ela só poderia gostar; há pelo menos seis crianças da mesma idade com quem engatinhar. Quanto a mim, estou conhecendo mais mulheres que sabem o que eu passei do que teria acreditado haver. Quero dizer, a gente vê programas de TV do tipo *Conversa com Mulheres Que Adoram Homens Que As Fazem de Sacos de Pancada* — mas quando acontece com a gente, não se consegue deixar de sentir que está acontecendo de uma forma que nunca aconteceu a mais ninguém, de uma forma totalmente nova para o mundo. O alívio de saber que isso não é verdade é a melhor coisa que já me aconteceu em muito, muito tempo.‖

Ela falava das tarefas que lhe tinham sido destinadas — trabalhar no jardim, ajudar a pintar um telheiro de ferramentas, lavar as janelas de tela com água e vinagre — e contava as aventuras de Natalie aprendendo a andar. No resto da carta, comentava o que lhe ocorrera e o que pretendia fazer, e foi nesse ponto que Ralph percebeu, pela primeira vez, o torvelinho emocional em que Helen estava vivendo, suas preocupações com o futuro, e, em compensação, sua formidável determinação de fazer o melhor para Nat. . e para si mesma. Helen parecia ter acabado de descobrir que também tinha direito ao melhor. Ralph alegrou-se por sua descoberta, mas se entris-teceu ao lembrar de todos os momentos de angústia por que precisou passar para chegar a essa simples conclusão.

—Vou-me divorciar dele [ela escrevia]. Parte de minha mente (parece minha mãe quando fala) praticamente grita quando coloco a coisa assim cruamente, mas estou cansada de viver me enganando a respeito de minha condição. Faz-se muita terapia aqui, do tipo que as pessoas se sentam em círculo e consomem quatro caixas de lenços de papel por hora, mas tudo parece nos levar a ver as coisas de maneira mais simples. No meu caso, o simples é que o homem com quem casei foi substituído por um perigoso paranóico. O fato de que, por vezes, é capaz de se mostrar meigo e amoroso não modifica a situação, apenas desvia a atenção do problema. Preciso me lembrar que o homem que costumava colher flores para me trazer agora se senta na varanda e conversa com alguém que não está presente, alguém a quem ele chama de _doutorzinho careca'. Não é uma beleza? Acho que sei como tudo começou, Ralph, e quando estivermos juntos, vou-lhe contar, se estiver interessado.

Deverei voltar à casa da Avenida Harris (pelo menos por algum tempo) em meados de setembro, embora apenas para procurar emprego. . mas chega de falar nisso, a coisa toda me deixa morta de medo! Recebi um bilhete de Ed — apenas um parágrafo, mas me trouxe um grande alívio — em que diz que está morando em um dos chalés dos laboratórios Hawking em Fresh Harbor e que vai respeitar a cláusula de não fazer contato, estipulada pelo acordo de fiança. Disse que lamenta tudo, mas não acho que seja sincero. Não é que esperasse borrões de lágrimas na carta ou uma caixinha com sua orelha dentro, mas. . não sei, não. É como se ele não estivesse realmente pedindo desculpas, mas apenas registrando o fato de pedi-las. Isso faz sentido? Ele também incluiu um cheque de 750 dólares, o que parece indicar que compreende suas responsabilidades. Isto é bom, mas acho que teria gostado mais de saber que estava cuidando dos seus problemas mentais. Aliás, essa deveria ser a sentença dele; dezoito meses de terapia intensiva. Eu disse isso no grupo e muita gente riu pensando que eu estava brincando. Mas não estava, não.

Por vezes me passam umas imagens horríveis pela cabeça quando tento pensar no futuro. Vejo nós duas na fila do sopão dos pobres, ou me vejo entrando no alojamento para desabrigados na rua Três com Nat nos braços, enrolada em um cobertor. Quando penso nessas coisas, começo a tremer e, às vezes, choro. Sei que é uma idiotice; pelo amor de Deus, tenho um di-ploma em biblioteconomia, mas não consigo evitar. E você sabe a que me agarro quando me ocorrem essas imagens? Ao que você disse quando me levou para trás do balcão no mercadinho e me fez sentar. Você me disse que eu tinha uma porção de amigos no bairro, e que ia conseguir dar a volta por cima. Sei que tenho pelo menos um amigo. Um amigo muito *verdadeiro.* ‖

A carta vinha assinada *Com todo o carinho, Helen.*

Ralph enxugou as lágrimas nos cantos dos olhos — parecia que ultimamente chorava à toa, provavelmente por andar tão cansado — e leu o P.S. que ela espremera no pé da página e que continuava pela margem direita acima:

Gostaria muito que você viesse me visitar, mas não permitem a entrada de homens aqui por razões que estou certa de que entenderá. Pedem até que não divulguemos a exata localização da casa! H.

Ralph ficou sentado uns dois minutos com a carta de Helen no colo, contemplando a Avenida Harris. Era o finalzinho de agosto agora, ainda verão, mas as folhas dos choupos já começavam a produzir reflexos prateados ao sopro do vento e sentia-se o primeiro toque de friagem no ar. A chamada na vitrine do mercadinho dizia TODO TIPO DE MATERIAL

ESCOLAR! PROCURE AQUI PRIMEIRO! E lá para os lados da divisa com Newport, numa grande e velha casa de fazenda onde mulheres espancadas iam tentar juntar os cacos da vida, Helen Deepneau lavava janelas de tela, preparando-as para mais um longo inverno.

Meteu a carta cuidadosamente de volta no envelope, tentando se lembrar quanto tempo Ed e Helen tinham ficado casados. Achava que uns seis ou sete anos. Carolyn teria sabido com certeza. *Quanta coragem é preciso para se ligar o trator e revolver uma safra que se levou seis ou sete anos para cultivar?* Ele se perguntou. *Quanta coragem é preciso para persistir depois de se passar tanto tempo aprendendo como preparar o solo, quando plantar, quanto regar e quando colher? Quanto tempo é preciso para se chegar e dizer simplesmente: "Vou ter que desistir dessas ervilhas, ervilhas não me servem, é melhor experimentar milho ou vagem".*

— Um bocado — disse, enxugando outra vez os cantos dos olhos. —

Na minha opinião, um bocado.

De repente sentiu uma enorme vontade de ver Helen, de repetir o que ela tão bem lembrava de ter ouvido e que ele mal conseguia lembrar de ter dito: *Você vai ficar bem, vai conseguir dar a volta por cima, você tem muitos amigos no bairro.*

— Guarde essa no banco, Ralph — murmurou para si mesmo. Saber notícias de Helen parecia ter tirado um grande peso de seus ombros. Levantou-se, meteu a carta no bolso traseiro e começou a subir a avenida, em direção à área de piqueniques na Extensão da Harris. Se tivesse sorte, encon-traria Faye Chapin ou Don Veazie e poderia jogar uma partidinha de xadrez.

2

O ALÍVIO em receber notícias de Helen não contribuiu em nada para atenuar a insônia de Ralph; continuou a despertar prematuramente e, pelo início de setembro, estava abrindo os olhos em torno das 2h45min. Em 10

de setembro, dia em que Ed Deepneau foi preso novamente, desta vez com outros quinze — a média de sono noturno de Ralph encolhera para umas três horas e ele começara a se sentir muito parecido com uma coisa que se põe na lâmina e se observa ao microscópio. *Um simples protozoariozinho solitário é o que sou,* pensou ao se sentar na poltrona, observando a Avenida Harris, e teve vontade de poder rir.

Sua lista de remédios que-não-falham-nunca continuou a crescer, e lhe ocorreu mais de uma vez que poderia escrever um livrinho bem engraçado sobre o assunto. . isto é, se conseguisse dormir o suficiente para que o pensamento organizado se tornasse novamente possível. Neste fim de verão, já era uma vantagem conseguir calçar meias iguais todos os dias, e não parava de relembrar o esforço infernal que fizera para encontrar o envelope de sopa no armário da cozinha, no dia em que Helen fora espancada. Não voltara àquele estado, porque conseguira dormir *alguma* coisa toda noite, mas Ralph tinha um grande receio de que chegaria lá outra vez — talvez ficasse até pior

— se as coisas não melhorassem. Havia vezes (em geral sentado à poltrona às quatro e trinta da manhã) em que poderia jurar que era capaz de sentir o cérebro se esvaziar.

Os remédios iam do sublime ao absurdo. O melhor exemplo dos primeiros era uma brochura a cores, anunciando as maravilhas do Instituto para Estudos do Sono em St. Paul, Minnesota. Um bom exemplo do segundo era o Olho Mágico, um amuleto polivalente que anunciavam nos tablóides de supermercados como o *National Enquirer* e o *Inside View*. Sue, a balconista do mercadinho, comprou um e deu-o de presente a Ralph certa tarde. Ralph contemplou o olho azul mal-pintado que o espiava do medalhão (que, em sua opinião, provavelmente começara a vida como ficha de pôquer) e sentiu um violento assomo de riso borbulhar dentro dele. Conseguiu sufocá-lo até voltar à segurança do seu apartamento de primeiro andar do outro lado da rua, sentindo-se grato por isso. A seriedade com que Sue o presenteara — e a corrente dourada de aparência cara em que pendurou o medalhão — indicavam que o objeto lhe custara um bom dinheiro. Ela encarava Ralph quase com assombro, desde o dia em que os dois socorreram Helen. Ralph sentia-se constrangido, mas não sabia que atitude tomar. En-tretanto, supunha que não lhe faria mal usar o medalhão, para que ela

o percebesse sob sua camisa. O amuleto, porém, não o ajudou a dormir.

Depois de tomar o depoimento de Ralph sobre os problemas domésticos dos Deepneau, o detetive John Leydecker empurrara para trás a cadeira em que se encontrava à escrivaninha, cruzou os dedos à nuca do seu avanta-jado pescoço, e disse que soubera por McGovern que Ralph sofria de insônia. Ralph confirmou. Leydecker acenou a cabeça, correu a cadeira outra vez para a frente, pousou as mãos sobre a pilha de papéis que praticamente soterrava a superfície da mesa, e encarou Ralph, sério.

— Favo de mel — disse. Seu tom de voz lembrou a Ralph o de McGovern quando sugerira que o uísque era a solução, e sua resposta agora era quase exatamente a mesma.

— Que disse?

— Meu avô jurava que era ótimo. Um pedacinho de favo de mel pouco antes de deitar. Chupe o mel do favo, mastigue um pouco a cera, como faria com um chiclete, e cuspa fora. As abelhas segregam uma espécie de sedativo natural no mel. Você apaga na hora.

— Não brinca — disse Ralph, acreditando que aquilo era, ao mesmo tempo, besteira pura e verdade absoluta. — E onde é que você acha que se consegue favo de mel?

— Nutra: a loja de comida natural no shopping. Experimente. Daqui a uma semana, seus problemas estarão terminados.

Ralph gostou da experiência — o favo de mel era agradavelmente eficaz, proporcionando uma energia que parecia se espalhar por todo o seu organismo — mas continuou a acordar às 3h10 após a primeira dose, às 3h08 após a segunda e às 3h07 após a terceira.

Por aquela altura, o pedacinho de favo de mel que comprara acabou e ele foi imediatamente à Nutra comprar outro. Seu valor como sedativo poderia ser nulo, mas era um excelente lanchinho; só gostaria de tê-lo descoberto antes.

Ele tentou pôr os pés em água quente. Lois tinha-lhe comprado um gel para compressas que vira em um catálogo — colocado em torno do pesco-

ço, curava a artrite ao mesmo tempo em que ajudava a adormecer (não fez nenhuma das duas coisas com Ralph, mas, para começo de conversa, o seu caso de artrite era excepcionalmente brando). Após um encontro casual com Trigger

Vachon, no balcão do Nicky 's Lunch, ele experimentou o chá de camomila.

— A camomila é uma beleza — Trigg lhe disse. — Você vai dormir como nunca, Ralphie. — E Ralph dormiu. . até 2h58.

Foram esses os remédios caseiros e homeopáticos que experimentou.

Entre os que não experimentou, havia os pacotes de complexos vitamínicos que custavam muito mais do que Ralph poderia gastar com seus rendimentos, uma postura de ioga chamada O Sonhador (conforme descrita pelo carteiro, O Sonhador pareceu a Ralph uma boa maneira de dar uma espiada nas próprias hemorróidas), e a maconha. Ralph avaliou cuidadosamente esta última, antes de concluir que provavelmente seria apenas uma versão ilegal do uísque, do favo de mel e do chá de camomila. Além disso, se McGovern descobrisse que Ralph andava puxando um fuminho, nunca mais lhe daria sossego.

Durante todas essas experiências, uma voz em seu cérebro não parava de perguntar se realmente teria que chegar ao olho de lagarto e à língua de sapo antes de desistir e sair à cata de um médico. A voz era menos crítica do que genuinamente curiosa. O próprio Ralph sentia uma certa curiosidade.

No dia 10 de setembro, o dia da primeira manifestação dos Amigos da Vida diante da WomanCare, Ralph resolveu que experimentaria alguma coisa comprada em farmácia. . mas não na Rexall, no centro, onde aviara as receitas de Carolyn. Ali eles o conheciam, até muito bem, e não queria que Paul Durgin, o farmacêutico, o visse comprando soníferos. Provavelmente era uma tolice — como atravessar a cidade para comprar camisinhas — mas isso não mudava a sua maneira de sentir. Nunca comprara nada na Rite Aid, em frente ao parque Strawford, por isso era lá que pretendia ir. Se a versão farmacêutica do olho de lagarto e da língua de sapo não fizesse efeito, ele realmente *procuraria* um médico.

Verdade, Ralph? Está mesmo falando sério?

— Estou — respondeu em voz alta, enquanto descia lentamente a Avenida Harris, ao radioso sol de setembro. — Diabos se vou aturar isso mais tempo.

Boas falas, Ralph, a voz comentou ceticamente.

Bill McGovern e Lois Chasse encontravam-se parados do lado de fora do parque, entretidos no que lhe pareceu uma animada discussão. Bill er-

gueu os olhos, viu o amigo, e fez sinal para que se aproximasse. Ralph aquiesceu,

embora não gostasse da combinação de suas expressões: vivo interesse no rosto de McGovern, aflição e preocupação no de Lois.

— Soube da coisa que aconteceu no hospital? — ela perguntou, quando Ralph se reuniu aos dois.

— Não foi no hospital e não foi "uma coisa" — corrigiu McGovern implicante. — Foi uma manifestação, pelo menos foi o nome que lhe deram, e foi na WomanCare que, na realidade, funciona *atrás* do hospital. Levaram uma porção de gente para a cadeia: entre seis e vinte e quatro pessoas, ninguém sabe ao certo quantos.

— Uma delas foi Ed Deepneau! — Lois falou ofegante, e McGovern lhe lançou um olhar de enfado. Sem dúvida acreditara que lhe cabia dar aquela notícia.

— Ed! — Ralph exclamou espantado. — Ed está em Fresh Harbor!

— Errado — falou McGovern. O chapéu marrom surrado que estava usando lhe dava um ar elegante, como o de um repórter de filme policial dos anos quarenta. Ralph ficou imaginando se o panamá continuava desaparecido ou simplesmente fora aposentado para a temporada de outono. —

Hoje ele está mais uma vez esfriando o rabo na nossa pitoresca cadeia municipal.

— Mas o que foi que aconteceu exatamente?

Na realidade, nenhum dos dois sabia. Àquela altura, a história era pouco mais do que um boato que se espalhara pelo parque como uma gripe contagiosa, um boato que atraía especial interesse nesta parte da cidade porque ali o nome de Ed Deepneau era conhecido. Marie Callan contara à Lois que tinham atirado pedras, e que por essa razão os manifestantes foram presos. Segundo Stan Eberly, que passara a história a McGovern, pouco antes deste encontrar Lois, alguém — poderia ter sido Ed, mas poderia também ter sido qualquer um dos outros — tinha golpeado dois médicos que usa-

vam a passagem entre a WomanCare e a entrada de seviço do hospital. Tecnicamente a passagem era propriedade pública, e se tornara o ponto preferido dos manifestantes nos sete anos em que a WomanCare vinha atendendo solicitações de aborto.

As duas versões da história eram tão vagas e conflitantes, que Ralph concluiu que havia uma razoável esperança de que nenhuma fosse verdadeira, que talvez

tivesse havido apenas um excesso de entusiasmo por parte das pessoas presas por invasão de propriedade ou qualquer coisa do gênero. Em lugares como Derry, aconteciam dessas coisas; as histórias costumavam aumentar como balões de encher, à medida que circulavam de boca em boca.

Contudo não conseguia se livrar da sensação de que desta vez a coisa fora mais séria, principalmente porque tanto a versão de BiIl quanto a de Lois incluíam Ed Deepneau, e Ed não era um manifestante antiaborto normal. Era, afinal de contas, o cara que quase arrancara o couro cabeludo da mulher, deslocara sua arcada dentária e fraturara seu malar simplesmente porque vira seu nome em um abaixo-assinado que mencionava a WomanCare. Era o cara que parecia sinceramente convencido de que alguém que se autodenominava o Rei Sanguinário — que ótimo nome para um profissional de luta livre — andava solto em Derry, e que seus súditos retiravam da cidade as vítimas ainda por nascer em caminhões (e mais alguns furgões com fetos guardados em barris do fertilizante MATA-MATO). Não, ele tinha a impressão de que se Ed participara do incidente, provavelmente não fora apenas um caso de baterem acidentalmente na cabeça de alguém com um cartaz de protesto.

— Vamos até lá em casa — Lois propôs de repente. — Vou ligar para Simone Castonguay. A sobrinha dela é a recepcionista diurna na WomanCare. Se alguém souber exatamente o que aconteceu lá hoje de manhã, será a Simone: com certeza terá ligado para Bárbara.

— Eu ia dar um pulo no supermercado — Ralph falou. Era mentira, é claro, mas uma mentirinha à toa; o mercado ficava ao lado da Rite Aid, no quarteirão comercial, a pequena distância do parque. — Por que não passo lá na volta?

— Tudo bem — respondeu Lois, sorrindo para ele. — Esperamos você daqui a uns minutinhos, não é, Bill?

— É — concordou McGovern, e inesperadamente tomou-a nos bra-

ços. Exigiu um certo esforço, mas ele conseguiu. — Enquanto isso, terei você só para mim. Ah, Lois, como serão fugazes esses doces minutos!

No parque, um grupo de moças com bebês em carrinhos *(uma fofoca de mamães,* pensou Ralph) estivera a observá-los, provavelmente atraído pela gesticulação de Lois, que tinha uma tendência a se tornar exuberante quando se agitava. Agora, quando McGovern curvou-a para trás, num falso ar-rebatamento de mau ator, ao fim de um tango teatral, uma das mães comentou alguma coisa com outra e as duas riram. Foi um som agudo e indelicado que fez Ralph pensar em giz arranhando o quadro-negro e garfos arrastados de um lado para o outro

em pia de porcelana. *Olhe aqueles velhos engraçados,* a risada dizia . *Olhe aqueles velhotes engraçados, fingindo que voltaram à juventude*.

— Pare com isso, Bill! — disse Lois. Ruborizara-se, e talvez não fosse apenas porque Bill estava aprontando das suas. Ela também ouvira as risadas do parque. McGovern, com certeza, também, mas acreditaria que estavam rindo com ele e não dele. Ralph pensou aborrecido que um ego ligeiramente inflado, às vezes, podia servir de escudo.

McGovern soltou-a, tirou o chapéu e levou-o até a cintura, fazendo uma curvatura exagerada. Lois estava demasiado ocupada, verificando se a blusa de seda continuava dentro da saia, para lhe prestar muita atenção. Seu rubor diminuiu, e Ralph reparou que parecia um tanto pálida, um pouco fora de forma. Desejou que não adoecesse.

— Passe lá em casa, se puder — falou para Ralph em voz baixa.

— Passarei, Lois.

McGovern abraçou-a pela cintura, o gesto carinhoso ao mesmo tempo amigável e sincero desta vez, e os dois começaram a subir a rua juntos. Observando-os, Ralph sentiu-se repentinamente tomado por uma forte impressão de *déjà vu*, como se já os tivesse visto assim, em algum outro lugar. Ou em outra vida. Quando McGovern abaixou o braço, desfazendo a ilusão, ele se lembrou: Fred Astaire conduzindo uma Ginger Rogers de cabelos escuros e um tanto gorducha, até o cenário de uma cidadezinha de filme, onde dançariam juntos uma música de Jerome Kern ou talvez de Irving Berlin.

Que coisa estranha, pensou, virando na direção do quarteirão comercial na descida da ladeira Morro-Acima. *Que coisa muito estranha, Ralph. Bill McGovern e Lois Chasse não podem ser mais diferentes de Fred Astaire e Ginger Rogers do que você*. .

— Ralph? — Lois chamou, e ele se virou. Havia um cruzamento e mais ou menos a distância de um quarteirão a separá-los agora. Carros corriam nas duas pistas da rua Elizabeth, entrecortando a visão dos dois.

— Que foi? — ele gritou de volta.

— Você está com um aspecto melhor! Mais descansado! Está finalmente conseguindo dormir alguma coisa?

— Estou! — ele respondeu, pensando, *Mais uma mentirinha, por outra boa causa.*

— Não disse que você se sentiria melhor quando virasse a estação?

Vejo você daqui a pouco.

Lois agitou os dedos para ele, e Ralph admirou-se de ver raios azul-vivos se irradiarem diagonalmente de suas unhas curtas, mas bem cuidadas.

Lembravam a esteira que os jatos deixavam no céu azul.

— *Que* porra. .?

Fechou os olhos com força e em seguida arregalou-os. Nada. Apenas Bill e Lois mais uma vez subindo a rua em direção à casa de Lois, de costas para ele. Nada de diagonais azuis no ar, nada nem parecido. .

Ralph baixou os olhos para a calçada e viu que, ao caminharem, Lois e Bill deixavam pegadas no concreto, pegadas iguaizinhas às das instruções de dança que antigamente se encomendavam pelo correio. As de Lois eram cinzentas. As de McGovern — maiores, mas ainda assim curiosamente delicadas —, verde-oliva escuras. Brilhavam na calçada, e Ralph, que parara na extremidade mais distante da rua Elizabeth, com o queixo caído quase até o externo, de repente percebeu que conseguia ver fitas de fumaça colorida subindo do corpo deles. Ou talvez fosse vapor.

Um ônibus municipal passou roncando a caminho de Old Cape e bloqueou momentaneamente a cena; quando acabou de passar, as pegadas tinham desaparecido. Não havia nada na calçada exceto uma mensagem em giz inscrita em um descolorido coração cor-de-rosa: SAM + DEANIE PARA SEMPRE.

As pegadas não desapareceram, Ralph; para começar, nunca estiveram ali. Você sabe disso, não sabe?

Claro que sabia. Primeiro lhe ocorrera a idéia de que Bill e Lois pareciam Fred Astaire e Ginger Rogers; a evolução dessa idéia para uma alucina-

ção com pegadas fantasmas que subiam pela calçada como em um diagrama de passos de dança tinha uma certa lógica estranha. Mesmo assim, dava medo. Seu coração batia acelerado e, quando fechou os olhos por um instante para tentar se acalmar, viu subirem dos dedos que Lois acenava serpentinas iguais à esteira deixada pelos jatos, mas azul-vivas.

Preciso dormir mais, Ralph pensou. Tenho *que dormir mais. Se não vou come-*

çar a ver de tudo.

— Tem razão — murmurou ao retomar a direção da drogaria — De tudo.

3

DEZ MINUTOS depois, Ralph estava parado à porta da Rite Aid, lendo um anúncio pendurado em correntes que desciam do teto. SINTA-SE

MELHOR COM RITE AID! dizia, parecendo sugerir que se sentir melhor era uma meta ao alcance de qualquer consumidor, desde que fosse razoável e trabalhador. Ralph tinha suas dúvidas.

Ralph concluiu que isto representava a comercialização de remédios por grandes redes de drogarias o que fazia a Rexall, onde ele normalmente comprava, parecer por comparação, um quarto-e-sala popular. Os corredores iluminados por luz fluorescente pareciam compridos como pistas de boliche e expunham de tudo, desde fornos a quebra-cabeças Ralph calculou que o corredor 3 oferecia a maioria dos remédios registrados e provavelmente era o melhor palpite. Atravessou sem pressa a área marcada REMÉDIOS ESTOMACAIS, fez uma pequena pausa no reino dos ANALGÉSICOS, e passou rápido pela terra dos LAXANTES. E lá, entre os LAXANTES e os DESCONGESTIONANTES, parou.

Chegamos pessoal — meu último tiro. Depois disso, resta apenas o Dr. Litchfield e se ele sugerir que eu mastigue favo de mel ou beba chá de camomila, provavelmente vou pirar e serão necessárias as duas enfermeiras e a recepcionista para me tirarem de cima dele.

SONÍFEROS, dizia o letreiro no alto do corredor 3.

Ralph, que nunca fora um grande consumidor de remédios sem receita médica (ou, sem dúvida, teria chegado ali há mais tempo), não sabia exatamente o que esperava mas, com toda certeza, nao era essa profusão desordenada e quase indecente de produtos. Seus olhos percorreram as caixas (na maioria azul-calmantes), lendo os nomes. Em geral lhe pareceram estranhos e ligeiramente ameaçadores: Compoz, Nytol, Sleepinal, Z-Power, Sominex, Sleepiflex, Drow-Zee. Havia até uma marca genérica.

Você deve estar brincando, pensou. Nenhuma dessas coisas vai fazer efeito em você. Está na hora de parar de enrolar, não está percebendo?

Quando se começa a ver pegadas coloridas na calçada, está na hora de parar de enrolar e procurar o médico.

Mas, na esteira desse pensamento, ouviu o Dr. Litchfield, ouviu-o tão claramente

que parecia que tinham ligado um gravador dentro de sua cabe-

ça: Sua mulher está sofrendo dores de cabeça provocadas por tensão, Ralph

— desagradáveis e dolorosas, mas não apresentam risco de vida. Acho que podemos cuidar do problema.

Desagradáveis e dolorosas, mas não apresentam risco de vida — certo, foi o que o homem dissera. E então pegara o receituário e preenchera o pedido para a primeira batelada de pílulas inúteis, enquanto a pequena constelação de células alienígenas na cabeça de Carolyn continuava a irradiar destruição, e talvez o Dr. Jamal tivesse razão, talvez àquela altura já fosse demasiado tarde, mas talvez Jamal fosse um idiota, talvez Jamal fosse apenas um estranho em uma terra estranha, tentando sobreviver, sem fazer muita onda.

Talvez isto e talvez aquilo; Ralph não sabia ao certo nem nunca saberia. Sabia apenas que Litchfield não estivera por perto quando enfrentaram as duas últimas tarefas de seu casamento, a de Carolyn, morrer, e a dele, vê-la morrer.

É isso que quero fazer? Procurar Litchfield para vê-lo pegar o receituário outra vez?

Quem sabe desta vez daria certo, argumentou consigo mesmo. Ao mesmo tempo sua mão se esticou, aparentemente por vontade própria, e apanhou, na prateleira, uma caixa de Sleepinex. Revirou-a, segurou-a a certa distância dos olhos para poder ler as letrinhas miúdas na lateral e percorreu lentamente a lista dos ingredientes ativos. Não fazia a menor idéia da pronúncia da maioria daquelas palavras destronca-língua e, menos ainda, o que significavam ou de que maneira iriam ajudá-lo a dormir.

É — respondeu à voz. Talvez desta vez dê certo. Mas talvez a verdadeira solução seja simplesmente procurar outro médico. .

— Posso lhe ajudar em alguma coisa? — perguntou uma voz atrás de seu ombro.

Ia devolvendo a caixa de Sleepinex à prateleira, com a intenção de pegar outra que se parecesse menos com uma droga sinistra em romance de Robin Cook, quando a voz falou. Ralph deu um salto e derrubou uma variedade de caixas de sono sintético no chão.

— Ah, desculpe, que trapalhão! — disse, olhando por cima do ombro.

— Não foi nada. A culpa foi toda minha. — E antes que Ralph pudesse sequer

apanhar duas caixas de Sleepinex e uma de cápsulas de Drow-Zee, o homem de guarda-pó branco, que lhe falara, já recolhera o resto e o redistribuía com a velocidade de um jogador profissional, dando as cartas para uma partida de pôquer. Segundo o crachazinho dourado preso ao peito, ele era JOE WYZER, FARMACÊUTICO, RITE AID.

— Agora — Wyzer falou, sacudindo a poeira das mãos e dirigindo-se a Ralph com um sorriso simpático — vamos começar do começo. Posso lhe ajudar em alguma coisa? O senhor parece meio perdido.

A reação inicial de Ralph — o aborrecimento de ter sido perturbado quando mantinha um diálogo profundo e significativo consigo mesmo —foi substituída por um cauteloso interesse.

— Bem, não sei — respondeu, e indicou com um gesto a coleção de poções para dormir. — Alguma dessas faz realmente efeito?

O sorriso de Wyzer se alargou. Ele era um homem alto, de meia-idade, pele clara e cabelos castanhos, que começavam a ralear, repartidos no meio.

Estendeu a mão, e Ralph mal começara a retribuir o gesto, quando viu sua mão ser engolida.

— Sou Joe — disse o farmacêutico, e levou a mão livre ao crachazinho dourado. — Costumava ser apenas Joe Wyze — continuou, fazendo um trocadilho fonético — mas agora que fiquei mais velho fiquei mais sabido, Wyzer.

Provavelmente era uma piada velhíssima, mas não perdera nem um pouco a graça para Joe Wyzer, que soltou uma ruidosa gargalhada. Ralph deu um sorrisinho educado, levemente ansioso. A mão que engolira a sua era evidentemente forte e ele teve receio de que se o farmacêutico a apertasse com força, sua mão terminaria o dia gessada. Preferia, pelo menos momentaneamente, que afinal tivesse levado seu problema a Paul Durgin, na drogaria do centro. Wyzer sacudiu então sua mão duas vezes, energicamente, e soltou-a.

— Sou Ralph Roberts. Prazer em conhecê-lo, Sr. Wyzer.

— O prazer é todo meu. Agora, quanto à eficácia desses excelentes produtos, vou responder à sua pergunta com outra: será que um urso caga numa cabine telefônica?

Ralph caiu na gargalhada.

— Acho que raramente — respondeu, quando conseguiu recuperar a fala.

— Certo. Aqui encerro minha defesa. — Wyzer olhou para os soníferos, uma parede pintada em tons de azul. — Graças a Deus sou farmacêutico e, não, vendedor, Sr. Roberts; morreria de fome se tivesse que vender de porta em porta. O senhor sofre de insônia? Estou-lhe fazendo a pergunta em parte porque vejo que o senhor está investigando os soníferos, mas principalmente porque o senhor está abatido, com olheiras fundas.

— Sr. Wyzer, eu seria o homem mais feliz da terra se conseguisse dormir uma noite de cinco horas, e deixaria até por quatro — respondeu.

— Há quanto tempo isso vem ocorrendo, Sr. Roberts? Ou o senhor prefere que o chame de Ralph?

— Ralph está bem.

— Ótimo. Me chame de Joe.

— Começou em abril, acho. Um mês ou um mês e meio depois que minha mulher morreu.

— Puxa, lamento que sua mulher tenha morrido. Meus pêsames.

— Obrigado — disse Ralph, e repetiu a velha fórmula. — Sinto muita falta dela, mas fiquei satisfeito quando seu sofrimento chegou ao fim.

— Só que agora é você quem está sofrendo. Há. . vejamos. — Wyzer contou rapidamente nos dedos enormes. — Há meio ano, então.

Ralph viu-se repentinamente fascinado por aqueles dedos. Nada de esteira de jato desta vez, mas a ponta de cada um pareceu envolta numa brilhante névoa prateada, como uma espécie de papel de alumínio transparente. Viu-se repentinamente pensando em Carolyn outra vez, lembrando os cheiros fantasmagóricos de que ela se queixara algumas vezes no outono passado — cravos, esgoto, presunto queimado. Talvez isso fosse o equivalente masculino, e o início de seu próprio tumor cerebral fosse assinalado por insônia ao invés de dores de cabeça.

A autodiagnose é um jogo de tolos, Ralph, então por que não pára com isso?

Ele voltou resolutamente o olhar para o rosto grande e simpático de Wyzer. Não havia névoa prateada ali; nem vestígio de névoa. Tinha quase certeza.

— Isso mesmo — falou. — Há meio ano. Parece mais tempo. Muito mais tempo, na verdade.

— Algum padrão identificável? Em geral há. Quero dizer, você se vira e revira na cama antes de dormir, ou. .

— Acordo prematuramente.

As sobrancelhas de Wyzer se ergueram.

— E deduzo que leu uns três livros sobre o assunto também. — Se Litchfield tivesse feito um comentário desse tipo, Ralph teria lido condescendência em sua fala. Vindo de Joe Wyzer, não percebera condescendên-cia, mas sincera admiração.

— Li o que havia na biblioteca, mas não havia muita coisa, e nada do que li adiantou muito. — Ralph fez uma pausa e depois acrescentou: — Para falar a verdade, não adiantou nada.

— Bem, vou lhe dizer o que sei sobre o assunto e só precisa me fazer sinal com a mão quando eu começar a entrar em território que já explorou.

Por falar nisso, quem é seu médico?

— Litchfield.

— Hum-hum. E você normalmente compra remédios. . onde? Na Pe-ople's lá no shopping? Na Rexall no centro?

— Na Rexall.

— Então hoje você está incógnito.

Ralph corou.. e riu.

— É por aí.

— Hum-hum. E não preciso perguntar se consultou Litchfield sobre o seu problema, preciso? Se tivesse consultado, não estaria explorando o mundo maravilhoso dos remédios registrados para venda sem receita médica.

— É isso que são? Remédios registrados?

— Vejamos a coisa da seguinte maneira: eu me sentiria bem mais à vontade se

vendesse a maior parte dessas porcarias em uma carroça com rodas artisticamente pintadas de amarelo.

Ralph riu, e a nuvem prateada que começara a se formar diante do guarda-pó de Joe Wyzer se dissolveu com sua risada.

— Esse é o tipo de venda em que eu seria capaz de me meter — disse Wyzer com um sorrisinho enevoado. — Contrataria uma gatinha de sutiã

bordado de lantejoulas e calças de odalisca para dançar. . daria a ela o nome de Little Egypt, como naquela velha canção dos Coasters. . ela faria um número para aquecer a platéia. E haveria ainda um tocador de banjo. Na mi-

nha experiência, não há nada como uma boa música de banjo para deixar as pessoas com vontade de comprar.

Wyzer olhou para longe, para além dos laxantes e analgésicos, saboreando o seu extravagante devaneio. Então voltou outra vez sua atenção para Ralph.

— Para uma pessoa que acorda prematuramente como você, essas pílulas são totalmente inúteis. Você obteria melhor efeito com um trago ou uma daquelas máquinas vibratórias que eles vendem em catálogos, mas só de olhar para você, diria que provavelmente já experimentou as duas coisas.

— Já.

— Além de umas duas dúzias de remédios caseiros tradicionais.

Ralph riu outra vez. Estava começando a gostar muito deste sujeito.

— Diga umas quatro dúzias e terá chegado bem próximo.

— Bom, devo reconhecer que você é um cara bem ativo — e Wyzer indicou com a mão as caixas azuis. — Esses remédios não passam de anti-histamínicos. Em essência, comercializam um efeito colateral: os anti-histamínicos produzem sonolência nas pessoas. Examine uma caixa de Comtrex ou Benadryl, ali adiante, nos descongestionantes, e verá que reco-mendam que a pessoa não os use se for dirigir ou operar máquinas pesadas.

Para gente que sofre ocasionalmente de insônia, um Sominex de vez em quando pode fazer efeito. Dá uma ajudinha. Mas de qualquer modo não adiantaria no seu caso, porque o seu problema não é adormecer, é continuar adormecido. . certo?

— Certo.

— Posso lhe fazer uma pergunta indiscreta?

— Claro. Acho que sim.

— Você vê algum problema em tratar do caso com o Dr. Litchfield?

Talvez duvide que tenha capacidade para compreender como sua insônia está deixando-o irritado.

— É isso — concordou Ralph agradecido. — Você acha que deveria consultá-lo? Tentar lhe explicar o que sinto para ver se ele entende? — A essa pergunta Wyzer naturalmente responderia em afirmativo, e Ralph finalmente marcaria a consulta. E seria, deveria ser Litchfield, via isso agora.

Era loucura pensar em procurar um novo médico na sua idade.

Será que você pode contar ao Dr. Litchfield que está vendo coisas? Será que pode falar das fitas azuis que viu sair das pontas dos dedos de Lois Chasse? Das pegadas na calçada, como os passos em um diagrama de dança? Da névoa prateada envolvendo as pontas dos dedos de Joe Wyzer? Será que você vai realmente contar isso a Litchfield? E

se não for, se não puder, então, para começar, para que vê-lo, mesmo que este sujeito re-comende?

Wyzer, no entanto, surpreendeu-o tomando uma direção completamente diversa.

— Você ainda sonha?

— Sonho. E bastante, considerando que já estou reduzido a três horas de sono por noite.

— E são sonhos coerentes, sonhos formados por acontecimentos identificáveis e um certo fluxo narrativo, por mais estapafúrdios que pare-

çam, ou são apenas imagens confusas?

Ralph lembrou-se de um sonho que tivera na noite anterior. Ele, Helen Deepneau e Bill McGovern estavam jogando uma partida de discos no meio da Avenida Harris. Helen calçava um par de botas de couro; McGovern vestia uma camiseta com a estampa de uma garrafa de vodca. ABSOLUTAMENTE O MÁXIMO, anunciava a legenda. Os discos eram vermelho-vivos com listras verdes fluorescentes. Então Rosalie, a cachorra, apareceu.

O lenço azul desbotado que alguém amarrara em seu pescoço esvoaçava, enquanto ela se aproximava. De repente saltara no ar, agarrara o disco e saíra correndo com ele na boca. Ralph queria correr atrás dela, mas McGovern dizia: Calma, Ralph, vamos receber uma caixa cheia de discos no Natal. Ral-

ph se virava para ele, querendo lhe lembrar que ainda faltavam três meses para o Natal, e perguntar que diabos fariam se quisessem jogar discos até lá, mas, antes que pudesse falar, o sonho terminara ou se fundira com outro filme mental menos nítido.

— Se entendi sua pergunta — Ralph respondeu — meus sonhos são coerentes.

— Ótimo. Também quero saber se são lúcidos. Os sonhos lúcidos sa-tisfazem dois requisitos. Primeiro, você sabe que está sonhando. Segundo, você pode muitas vezes influenciar o curso do sonho. . Você é mais do que um observador passivo.

Ralph respondeu afirmativamente com a cabeça.

— Claro, tenho desses também. Na verdade, pareço ter tido muitos ultimamente. Lembrei-me de um que tive à noite passada. Nele aparecia um vira-lata, que vejo de vez em quando na rua, e o bicho fugia com o disco com que uns amigos e eu jogávamos. Fiquei furioso porque ele interrompeu o jogo e tentei fazê-lo largar o disco, dando-lhe uma ordem mental. Uma espécie de comando telepático, sabe?

Deixou escapar uma risadinha constrangida, mas Wyzer apenas acenou com a cabeça interessado.

— E funcionou?

— Não desta vez — respondeu Ralph — mas acho que já fiz isso em outros sonhos. Só que não tenho certeza, porque a maioria dos sonhos que tenho parecem se dissolver praticamente no momento em que acordo.

— Isso acontece com todo o mundo — falou Wyzer. — O cérebro trata a maioria dos sonhos como matéria descartável, e só os armazena durante um tempo extremamente breve.

— Você conhece muito esse assunto, não é?

— A insônia me interessa bastante. Fiz duas pesquisas sobre a relação entre os sonhos e os distúrbios do sono quando estava na universidade. —

Wyzer consultou o relógio. — Está na hora do meu cafezinho. Quer tomar comigo uma xícara de café com torta de maçã? Tem uma lanchonete duas portas adiante e a torta é fantástica.

— A idéia parece boa, mas prefiro uma laranjada. Tenho procurado reduzir o meu consumo de café.

— É compreensível, mas completamente inútil — Wyzer disse animado. — Seu problema não é a cafeína, Ralph.

— Não, acho que não. . mas qual é? — Até esse ponto, Ralph conseguira dissimular muito bem a infelicidade de sua voz, mas agora ela surgia sorrateira.

Wyzer deu-lhe uma palmadinha no ombro e fitou-o com bondade.

— É sobre isso que iremos conversar. Vamos.

CAPÍTULO 5

1

— PENSE NA COISA da seguinte maneira — Wyzer recomeçou cinco minutos mais tarde.

Encontravam-se numa lanchonete de estilo meio esotérico, chamada Day Break, Sun Down. O lugar tinha plantas demais para o gosto de Ralph, que preferia as lanchonetes mais antiquadas que cheiravam a gordura e tinham cromados reluzentes, mas a torta era gostosa e, embora o café não se enquadrasse nos padrões de Lois Chasse — Lois preparava o melhor café que ele já provara — era quente e forte.

— E que maneira é essa? — Ralph perguntou.

— Há certas coisas que a humanidade, homens e mulheres, sempre buscam. Não é o tipo de coisa que aparece em livros de história e civismo, pelo menos, não na maior parte deles; refiro-me a coisas fundamentais. Um teto para se abrigar da chuva. Três refeições por dia e uma cama. Uma vida sexual decente. Intestinos saudáveis. Mas talvez o mais fundamental seja isso de que você sente falta, meu amigo. Porque não há nada no mundo que se compare a uma boa noite de sono, não é mesmo?

— Puxa, você botou o dedo na ferida — disse Ralph.

Wyzer concordou com a cabeça.

— O sono é o herói esquecido e o médico do pobre. Shakespeare dizia que é o fio que tece a complicada trama do desvelo, Napoleão chamava-o de abençoado fim da noite e Winston Churchill, um dos grandes insones do século vinte, considerava-o o único alívio que obtinha para suas depressões.

Cito tudo isso em meus artigos, mas, em resumo, todas essas frases signifi-cam exatamente o que acabei de dizer: não há nada no mundo que se compare a uma boa noite de sono.

— Você já passou por esse problema, não? — Ralph perguntou inesperadamente. — É por isso que você. . bem.. por que está me tomando sob sua proteção?

Joe Wyzer sorriu.

— É isso que estou fazendo?

— Acho que sim.

— Bem, acho que posso conviver com essa idéia. A resposta é sim.

Sofro de insônia desde os treze anos de idade. Foi por isso que acabei fazendo não um, mas dois trabalhos de pesquisa sobre o assunto.

— E como tem passado ultimamente?

Wyzer sacudiu os ombros.

— Até agora tenho tido um bom ano. Não o melhor, mas suportável.

Durante uns dois anos, na época dos meus vinte, meu problema foi agudo: ia me deitar às dez da noite, adormecia por volta das quatro da madrugada, me levantava às sete da manhã e me arrastava pelo dia afora me sentindo um ator secundário no pesadelo de alguém.

A situação era tão conhecida de Ralph que suas costas e braços se arrepiaram.

— Agora vem a coisa mais importante que posso lhe dizer, Ralph, por isso, preste bem atenção.

— Estou prestando.

— Você precisa acreditar que continua basicamente saudável, mesmo que se sinta uma merda a maior parte do tempo. O sono não é todo igual, sabe, tem o sono bom e o sono ruim. Se você continua a ter sonhos coerentes e, talvez o mais

importante, sonhos *lúcidos,* você continua a ter um bom sono. Sendo assim, uma receita de sonífero poderia ser a pior coisa do mundo para você no momento. E conheço Litchfield. Ele não é um cara mau, mas adora um receituário.

— É isso mesmo — Ralph concordou, pensando em Carolyn.

— Se você contar a Litchfield o que me contou a caminho daqui, ele vai lhe receitar um composto de benzodiazepina, provavelmente Dalmane ou Restoril, talvez Halcion ou até mesmo Valium. Você vai dormir, mas vai pagar um preço. Os compostos de benzodiazepina produzem dependência, deprimem a respiração e, o pior de tudo, no caso de sujeitos como você e eu, reduzem significativamente a fase REM do sono. Ou seja, a fase em que se sonha.

— Que tal a sua torta? Estou perguntando porque você quase não comeu. — Ralph cortou um bom pedaço e engoliu-o sem degustar.

— Ótima — respondeu. — Agora me diga por que a pessoa precisa sonhar para que o sono seja bom.

— Se soubesse a resposta, me aposentaria do comércio de pílulas e abriria um consultório de guru do sono. — Wyzer terminara a torta e agora usava o dedo indicador para recolher os farelos maiores que tinham restado no prato. — A sigla REM significa movimento rápido dos olhos, é claro, e os termos sono REM e sono com sonhos se tornaram sinônimos na cabeça do públicos mas ninguém sabe realmente qual a correlação entre o movimento dos olhos de quem dorme e os sonhos. Parece pouco provável que o movimentos dos olhos indique ―observação‖ ou ―rastreamento‖, porque os pesquisadores registram muitos movimentos mesmo nos testes em que o paciente descreve sonhos bastante estáticos, sonhos de conversas, como a que estamos tendo agora, por exemplo. Da mesma forma, ninguém sabe realmente por que aparentemente há uma clara correlação entre sonhos lúcidos e coerentes e o estado geral de sanidade mental; quanto maior o nú-

mero de sonhos deste tipo que a pessoa tem, tanto melhor ela parece estar, e quanto menor o número, tanto pior. Existe aí uma gradação real.

— Sanidade mental é uma expressão muito ampla — Ralph comentou cético.

— É — Wyzer sorriu. — Me faz lembrar o adesivo de uma campanha que vi em um pára-choque há alguns anos: APÓIE A SANIDADE MENTAL OU TE MATO. Em todo o caso, estamos falando de alguns componentes básicos e mensuráveis: capacidade cognitiva, capacidade de resolver problemas, tanto por indução quanto por dedução, capacidade de estabelecer correlações, memória. .

— Minha memória anda péssima ultimamente — disse Ralph. Pensou na sua incapacidade de lembrar o telefone das informações sobre cinemas e na longa caçada ao último envelope de sopa no armário da cozinha.

— É, você provavelmente está sofrendo de uma perda de memória temporária, mas sua braguilha está fechada, sua camisa está vestida pelo lado direito, e aposto que se lhe perguntasse o seu segundo nome, você saberia me dizer. Não estou menosprezando o seu problema, seria a última pessoa do mundo a fazer isso, mas *estou* lhe pedindo para mudar o seu ponto de vista por alguns instantes. Que pense em todas as áreas de sua vida em que você continua funcionando perfeitamente.

— Tudo bem. Esses sonhos lúcidos e coerentes. . apenas informam em que medida você está funcionando, quer dizer, como um indicador de gasolina de um carro, ou realmente ajudam a pessoa a funcionar?

— Ninguém sabe ao certo, mas a resposta mais provável inclui as duas possibilidades. No final da década de 50, época em que os médicos começaram a suspender o uso de barbitúricos, o último realmente popular foi uma droga chamada Talidomida, alguns cientistas chegaram a sugerir que o sono bom, de que estamos falando, e os sonhos não tinham relação entre si.

— E daí?

— Os testes invalidaram essa hipótese. As pessoas que param de sonhar ou sofrem constantes interrupções nos sonhos apresentam todo o tipo de problemas, inclusive perda de capacidade cognitiva e de estabilidade emocional. Além de começarem a sofrer problemas de percepção, como a hiper-realidade.

Mais além de Wyzer, na extremidade do balcão, achava-se sentado um sujeito que lia um exemplar do *News* de Derry e tinha apenas as mãos e o cocuruto da cabeça visíveis. Usava um anel rosado meio espalhafatoso na mão esquerda. A manchete no alto da primeira página anunciava DEFENSORA DO ABORTO FALARÁ EM DERRY NO PRÓXIMO MÊS. Abaixo, em tipo ligeiramente menor, havia um subtítulo: *Grupos Pró-Vida Pro-metem Organizar Protestos.* No centro da página, havia uma foto colorida de Susan Day, que lhe fazia muito mais justiça do que as fotos do cartaz que Ralph vira na vitrina da Secondhand Rose, Secondhand Clothes. Naquelas ela parecera vulgar, talvez até um pouco sinistra; nesta, estava radiosa. Os longos cabelos cor de mel tinham sido puxados para trás. Seus olhos eram escuros, inteligentes, cativantes. Aparentemente o pessimismo de Hamilton Davenport fora injustificado. Susan Day afinal vinha a Derry.

Então Ralph viu uma coisa que o fez esquecer Ham Davenport e Susan Day completamente.

Uma aura azul-acinzentada começou a se formar em torno das mãos do homem que lia o jornal e em torno do cocuruto de sua cabeça. Parecia particularmente viva em torno do anel ônix-rosado que ele usava. Não escurecia o anel, parecia *iluminá-lo,* transformando a pedra em algo semelhante a um asteróide de um filme surrealista de ficção-científica. .

— Que foi que disse, Ralph?

— Hum?

Ralph afastou, com esforço, o olhar do anel rosado do homem que lia jornal.

— Não sei. . eu estava falando? Acho que estava lhe perguntando o que era hiper-realidade.

— Percepção sensorial exacerbada — disse Wyzer. — O mesmo que viajar no LSD, sem precisar ingerir nenhuma substância química.

— Ah — Ralph exclamou, observando que a aura azul acinzentada começava a formar complicados desenhos, como os caracteres de um antigo alfabeto, na unha do dedo com que Wyzer amassava os farelos. Inicialmente pareceram letras escritas em geada.. depois frases escritas em névoa. . e, por último, estranhos rostos ofegantes.

Ele piscou e as formas desapareceram.

— Ralph? Você ainda está aqui?

— Claro, sem a menor dúvida. Mas escute aqui, Joe, se os remédios caseiros não produzem efeito, se as drogas do corredor 3 não funcionam, e as receitadas podem até piorar as coisas ao invés de melhorá-las, o que é que sobra? Nada, certo?

— Você vai comer o resto da torta? — Wyzer perguntou1 apontando para o prato de Ralph. Uma luz fria, azul-acinzentada, irradiou-se da ponta de seu dedo, como caracteres árabes escritos em vapor de gelo seco.

— Não. Estou satisfeito. Se quiser. pode se servir.

Wyzer puxou o prato de Ralph para si.

— Não desista tão depressa — falou. — Quero que volte à farmácia comigo, para eu lhe dar uns cartões. Meu conselho, como seu simpático vendedor de drogas do bairro, é que você experimente falar com os caras.

— Que caras? — Ralph observava, fascinado, enquanto Wyzer abria a boca para receber o último bocado de torta. Cada um de seus dentes se iluminou com um forte brilho cinzento. As obturações dos molares resplande-ceram como minúsculos sóis. Os fragmentos da massa e do recheio de maçã

em sua língua encheram-se de

(*lúcidos Ralph lúcidos*)

luz. Então Wyzer fechou a boca para mastigar, e a luz desapareceu.

— James Roy Hong e Anthony Forbes. Hong é acupunturista e tem consultório na rua Kansas. Forbes é hipnotizador e atende no setor leste, rua Hesser, acho. E antes que você grite charlatão. .

— Não vou gritar charlatão — disse Ralph em voz baixa. Sua mão se ergueu para tocar o Olho Mágico, que continuava a usar por baixo da camisa. — Pode crer, não vou, não.

— Então, ótimo. Aconselho você a experimentar o Hong primeiro. As agulhas metem medo, mas só doem um pouquinho, e ele descobriu algo que tem seu mérito. Não sei o que é, nem como funciona, mas sei que, quando passei por uma fase ruim, há dois invernos, ele me ajudou muito. Forbes também é bom, dizem, mas prefiro o Hong. Ele é superocupado, mas talvez eu possa dar um jeito nisso. Que me diz?

Ralph viu um fulgor cinza-vivo, que não era mais grosso do que um fio de linha, saltar do canto do olho de Wyzer e correr pelo seu rosto como uma lágrima sobrenatural. Isto o fez decidir-se.

— Digo: vamos lá.

Wyzer deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Grande Ralph! Vamos pagar a conta para sair. — Sacou uma moeda de vinte e cinco centavos. — Vamos tirar cara ou coroa para ver quem paga?

A MEIO caminho da farmácia, Wyzer parou para ver um cartaz que fora afixado na vitrine de uma loja vazia entre a Rite Aid e a lanchonete.

Ralph apenas o olhou de relance. Já o vira antes, na vitrine da Secondhand Rose, Secondhand Clothes.

— Procurada por homicídio — Wyzer admirou-se. — As pessoas perderam completamente o senso de perspectiva, sabe?

— Sei — falou Ralph. — Se tivéssemos rabo, acho que a maioria de nós passaria o dia inteiro correndo atrás dele, tentando arrancá-lo com os dentes.

— O cartaz já é bastante ruim — disse Wyzer indignado — mas olhe só isso!

Apontava alguma coisa ao lado do cartaz, alguma coisa escrita na poeira que recobria o lado externo da vitrine vazia. Ralph chegou mais perto para ler a breve mensagem. MATE ESSA BOCETUDA, dizia. Sob a frase, havia uma flecha apontando para a foto de Susan Day à esquerda.

— Caramba — exclamou Ralph em voz baixa.

— Bota caramba nisso — Wyzer concordou. Puxou um lenço do bolso traseiro e apagou a mensagem, deixando em lugar das palavras um leque brilhante de prata que Ralph sabia que só ele estava vendo.

3

ELE ACOMPANHOU Wyzer aos fundos da farmácia e parou à porta de um escritório pouco maior que um cubículo de banheiro público, enquanto Wyzer se sentava no único móvel existente, um banquinho alto que teria parecido perfeito no escritório do avarento Ebenezer Scrooge, e discou para o consultório de James Roy Hong, acupunturista. Wyzer ligou o viva-voz do telefone para que Ralph pudesse acompanhar a conversa.

A recepcionista de Hong (alguém chamada Audra, que parecia conhecer Wyzer de uma forma bem mais calorosa do que meramente profissional) primeiro disse que não seria possível o Dr. Hong atender pacientes novos até o fim de novembro. Os ombros de Ralph caíram. Wyzer ergueu a mão aberta em sua direção — *Espere aí, Ralph* — e então começou a convencer Audra a encontrar (ou quem sabe criar) uma vaga para Ralph no começo de outubro. Era dali a quase um mês, mas era bem melhor do que esperar até depois do dia de Ação de Graças.

— Obrigado, Audra — Wyzer disse. — Continua de pé o nosso jantar hoje à noite?

— Continua — ela respondeu. — Agora desligue a droga do viva-voz, Joe.. preciso dizer uma coisa só para você.

Wyzer obedeceu, escutou e riu até lhe brotarem lágrimas nos olhos —que para Ralph pareceram lindas pérolas líquidas. Então deu dois beijinhos no telefone e desligou.

— Tudo arranjado — falou, entregando a Ralph um pequeno cartão branco com a hora e o dia da consulta escritos no verso.

— Quatro de outubro, não é o ideal, mas realmente foi o melhor que ela pôde arranjar. Audra é gente fina.

— Está ótimo.

— Tome o cartão do Anthony Forbes caso queira procura-lo nesse meio tempo.

— Obrigado — disse Ralph, recebendo o segundo cartão. — Fico lhe devendo essa.

— A única coisa que você me deve é uma segunda visita para me dizer como correu a consulta. Estou preocupado. Sabe, há médicos que não receitam *nada* para insônia. Gostam de dizer que ninguém nunca morreu por falta de sono, mas eu estou aqui para lhe dizer que o que eles dizem é um monte de merda.

Ralph supôs que a notícia deveria assustá-lo, mas sentiu-se bastante firme, pelo menos por ora. As auras tinham desaparecido — os lampejos cinza-brilhantes nos olhos de Wyzer, quando ele riu com a conversa da recepcionista de Hong, tinham sido os últimos. Começava a pensar que fora apenas uma fuga mental, resultado do extremo cansaço e da menção de Wyzer à hiper-realidade. Havia uma outra razão para se sentir bem — agora tinha uma consulta marcada com um médico que ajudara *este* homem a superar uma aflição semelhante. Ralph pensou que deixaria Hong lhe espetar agulhas até ficar parecido com um porco-espinho, se o tratamento lhe permitisse dormir até o sol nascer.

E havia uma terceira razão: as auras cinzentas não tinham sido propriamente *assustadoras*. Tinham sido assim.. interessantes.

— As pessoas morrem o tempo todo por falta de sono — dizia Wyzer

— embora o legista em geral acabe registrando *suicídio* no atestado de óbito, ao

invés de *insônia.* A insônia e o alcoolismo têm muito em comum, mas o principal é o seguinte: ambos são doenças do coração e da mente e, quando se permite que sigam seu curso, em geral, elas consomem o espírito muito antes de destruir o corpo. Portanto, é verdade: as pessoas *morrem* por falta de sono. Você está passando um momento perigoso e tem que se cuidar. Se começar a se sentir realmente esquisito, *ligue para o Litchfield.* Está me ouvindo? Não faça cerimônia.

Ralph fez uma careta.

— Acho que é mais provável que eu ligue para você.

Wyzer assentiu com a cabeça, como se esperasse tal resposta.

— O número abaixo do de Hong é o meu — falou.

Surpreso, Ralph baixou os olhos para o cartão novamente. *Havia* um segundo número ali, ao lado das letras J.W.

— Dia e noite — disse Wyzer. — Sério. Você não vai incomodar minha mulher, estamos divorciados desde 1983.

Ralph tentou falar, mas descobriu que não podia. Só o que conseguiu emitir foi um sonzinho engasgado e desconexo. Engoliu com força, tentando limpar a garganta.

Wyzer viu que ele estava em dificuldades e deu-lhe uma palmada nas costas.

— Nada de choro na loja, Ralph: espanta os grandes consumidores.

Quer um lenço de papel?

— Não, estou bem. — Sua voz saiu ligeiramente fraca, mas audível e praticamente sob controle.

Wyzer lançou-lhe um olhar crítico.

— Ainda não, mas vai ficar.

A enorme mão de Wyzer tornou a engolir a sua, e desta vez Ralph não se preocupou.

— Por ora, procure relaxar. E lembre-se de ser grato pelo sono que *conseguir* dormir.

— Vou lembrar. E mais uma vez obrigado.

Wyzer acenou com a cabeça e voltou ao balcão de aviamento de receitas.

4

RALPH TORNOU a descer pelo corredor 3, virou à esquerda diante do formidável mostruário de camisinhas e saiu pela porta em que se lia OBRIGADO POR COMPRAR NA RITE AID acima do travessão médio da porta. A princípio ele não achou nada de anormal na claridade ofuscante que o fez estreitar os olhos até quase fechá-los — afinal era meio-dia e talvez a drogaria tivesse estado um pouco mais escura do que reparara. Então tornou a arregalar os olhos e o ar entalou em sua garganta.

Uma expressão de inesperado assombro espalhou-se pelo seu rosto.

Era a expressão que um explorador poderia ter quando, ao abrir caminho por mais um matagal indiferenciado, depara com uma fabulosa cidade perdida ou um acidente geológico extraordinário — um penhasco de diamantes, talvez, ou uma cascata em espiral.

Ralph encolheu-se contra uma caixa de correio azul, fincada a um lado da porta da drogaria, ainda sem respirar, os olhos correndo nervosamente da direita para a esquerda, enquanto o cérebro que os comandava tentava compreender a maravilhosa e terrível notícia que estava recebendo.

As auras tinham voltado, mas isso era mais ou menos o mesmo que dizer que o Havaí era um lugar onde não se precisava usar sobretudo. Desta vez a luz estava em toda parte, chocante e fluida, estranha e bela.

Ralph só tivera uma experiência na vida remotamente parecida com esta. Durante o verão de 1941, o ano em que completara dezoito anos, tinha viajado de carona de Derry até a casa de um tio em Poughkeepsie, Nova Iorque, a uma distância de uns seiscentos e poucos quilômetros. No anoitecer do segundo dia na estrada, um temporal o fizera sair correndo para o abrigo mais próximo — um estábulo em ruínas, que oscilava feito um bêbado, na extremidade de uma comprida plantação de forragem. Naquele dia, gastara muito mais tempo andando a pé do que de carro, e adormeceu profundamente, mesmo antes que o trovão parasse de sacudir o céu, em uma das baias para cavalos há muito abandonada.

Acordara no meio da manhã seguinte, após quatorze horas seguidas de sono, e olhara ao seu redor absolutamente admirado, sem sequer saber ao certo, nos

primeiros instantes, onde se encontrava. Só sabia que era um lugar escuro, de cheiro agra dável, e que o mundo acima e tudo em volta ra-chara em brilhantes fendas de luz. Então, lembrou-se de ter-se abrigado em um estábulo e lhe ocorreu que a estranha visão era produzida pelas frestas nas paredes e no teto sob o radioso sol de verão. . só isso, e nada mais. Contudo, sentara-se ali mudo de assombro pelo menos cinco minutos, um adolescente de olhos arregalados, com palha nos cabelos e os braços empoeirados de feno; e assim permaneceu contemplando a onda dourada de poeira que girava lentamente nos cruzamentos dos raios oblíquos de sol. Lembrava-se de ter pensado que era como se estivesse numa igreja.

Agora era a mesma experiência elevada à décima potência. E o diabo era o seguinte: não conseguia descrever com exatidão o que tinha acontecido, e como o mundo mudara, para se tornar tão maravilhoso. As coisas e particularmente as pessoas tinham auras, sim, mas isso era apenas o início do surpreendente fenômeno. As coisas nunca tinham sido tão *brilhantes,* tão absoluta e completamente *presentes.* Os automóveis, os postes telefônicos, os carrinhos de compras no estacionamento diante do supermercado, os edifícios residenciais do outro lado da rua — todas essas coisas pareciam saltar aos seus olhos como imagens em três dimensões em um filme antigo. De repente, o quarteirão de lojas encardidas na rua Witcham transformara-se no país das maravilhas e, embora Ralph estivesse olhando diretamente para ele, não tinha muita certeza do que via, a não ser que era opulento, deslumbrante e fabulosamente estranho.

As únicas coisas que *conseguia* isolar eram as auras em torno das pessoas que entravam e saíam das lojas, guardavam pacotes nas malas dos automóveis ou entravam nos carros e iam embora. Umas auras eram mais brilhantes do que outras, mas mesmo a mais fosca brilhava cem vezes mais do que em seus primeiros vislumbres do fenômeno.

Mas era disso que Wyzer estava falando, com toda certeza. E a hiper-realidade, e o que você está vendo não é nada mais do que os delírios que as pessoas sofrem sob a influência do LSD. O que você está vendo é apenas mais um sintoma de sua insônia, nem mais nem menos. Olhe para isso Ralph, e maravilhe-se o quanto quiser — é maravilhoso

— só não acredite no que vê.

Não precisou, porém, dizer a si mesmo que se maravilhasse — havia maravilhas por toda parte. Um caminhão de padaria manobrava para sair de uma vaga diante do Day Break, Sun Down, e uma substância brilhante e marrom — quase cor de sangue seco — saía pelo cano de descarga. Não era fumaça nem vapor, mas tinha características dos dois. O brilho subia gradu-

almente, desenhando picos suaves, como num gráfico de eletroencefalo-grama.

Ralph baixou os olhos para o chão e viu as marcas dos pneus do caminhão impressas no concreto, naquele mesmo tom de marrom. O caminhão acelerou ao deixar o estacionamento, e o rastro gráfico fantasmagórico que saía pelo escape acompanhou a aceleração, tornando-se vermelho-vivo como sangue arterial.

Havia excentricidades semelhantes por toda parte, fenômenos que se interceptavam em trajetórias oblíquas e faziam Ralph relembrar a luz que entrara pelas frestas do telhado e das paredes naquele estábulo do passado.

Mas a verdadeira maravilha eram as pessoas, e era em torno delas que as auras pareciam mais claramente definidas e reais.

Um empacotador saiu do supermercado, empurrando um carrinho de compras, e caminhava numa nuvem branca tão brilhante, que parecia estar sob um projetor de luz. Em contraposição, a aura da mulher ao seu lado era fosca, um verde-cinza cor de queijo que já começou a mofar.

Uma moça chamou o empacotador da janela aberta de um Subaru e acenou; ao acenar, sua mão esquerda deixou marcas brilhantes no ar, rosadas como algodão-doce. Esmaeciam praticamente ao aparecer. O empacotador riu e retribuiu o aceno; sua mão esquerda deixou uma marca branco-amarelada. Pareceu a Ralph a nadadeira de um peixe tropical. A marca também foi desaparecendo, embora mais lentamente.

O temor de Ralph diante dessa visão confusa e brilhante era considerável, mas, por ora, pelo menos, cedera o primeiro plano ao assombro, à admiração e ao simples espanto. Era mais bonita do que qualquer coisa que tivesse visto na vida. *Mas não é real,* alertou a si mesmo. *Lembre-se disto, Ralph.*

Ele prometeu que tentaria, mas, no momento, a voz que o alertava parecia muito distante.

Agora ele reparava em mais uma coisa: havia um fio daquele brilho nítido, emergindo da cabeça de cada pessoa que via. Subia como uma fita, uma serpentina vivamente colorida, até desbotar e sumir. Em algumas pessoas, o ponto de dissolução ficava um metro e meio acima da cabeça; em outras, atingia três ou até quatro metros e meio. Na maioria dos casos, a cor do fio luminoso e ascendente combinava com o restante da aura — branco brilhante no caso do empacotador, verde-cinza no caso da freguesa a seu lado, por exemplo — mas havia algumas exceções marcantes. Ralph viu um fio vermelho-ferrugem subir

de um homem de meia-idade que caminhava envolto em uma aura azul-escuro, e uma mulher com uma aura cinza-clara cujo fio ascendente era um surpreendente (e ligeiramente assustador) tom de magenta. Em alguns casos — dois ou três, não muitos — os fios ascendentes eram quase pretos. Ralph não gostou destes, e reparou que os donos desse ―fio de balão‖ (o nome lhe veio simples e instantaneamente) invaria-velmente pareciam doentes.

Claro que estão. Os fios de balões são um indicador de saúde. . e doença, em alguns casos. Como as auras Kirlian que fascinavam as pessoas no final da década de sessenta e início da de setenta.

Ralph, outra voz preveniu-o, *você* não *está realmente vendo essas coisas, certo?*

Quero dizer, detesto ser chato, mas. .

Mas haveria ao menos uma possibilidade de que o fenômeno *fosse* real?

De que sua insônia persistente somada à influência estabilizadora dos seus sonhos lúcidos e coerentes tivessem-lhe permitido vislumbrar uma dimensão fabulosa, fora do alcance da percepção comum?

Pare, Ralph, agora mesmo. Você tem que superar isso, ou vai acabar no mesmo barco que o coitado do Ed Deepneau.

Pensar em Ed disparou uma associação — alguma coisa que o rapaz dissera no dia em que fora preso por espancar a mulher — mas antes que Ralph conseguisse defini-la, uma voz falou quase ao seu cotovelo esquerdo.

— Mãe? Mamãe? Podemos comprar rosquinhas de nozes e mel outra vez?

— Veremos quando estivermos lá dentro, meu bem.

Uma jovem mãe e um garotinho passaram à sua frente, de mãos dadas.

Fora o menino, que parecia ter quatro ou cinco anos, que falara. A mãe caminhava envolvida em um manto quase ofuscantemente branco, o fio de balão que subia de seus cabelos louros também era branco e muito largo —lembrava mais a fita de uma embalagem de luxo para presente do que um fio. Elevava-se a uma altura de no mínimo 30 metros e acompanhava-a um pouco atrás, quando a mulher caminhava. Isso fez Ralph pensar em adere-

ços de casamentos — cauda, véus, saias volumosas e diáfanas.

A aura do filho era de um saudável azul-escuro que beirava o violeta e, quando

os dois passaram, Ralph observou uma coisa fascinante. Fios de aura também saíam de suas mãos entrelaçadas: brancas da mulher, azul-escuras do garoto. Formavam um rabo-de-cavalo ao subir, até desbotar e desaparecer.

Mãe-e-filho, mãe-e-filho, pensou Ralph. Havia algo perfeito, simplesmente simbólico naqueles dois fios que se enroscavam um no outro, como uma videira subindo por uma estaca. Contemplar os dois enchia seu coração de alegria — piegas, mas era exatamente o que sentia. *Mãe-e-filho, branco-e-azul, mãe-e*. .

— Mamãe, o que é que aquele homem está olhando?

O olhar que a mulher lançou a Ralph foi breve, mas ele viu o jeito com que seus lábios se afinaram e se contraíram antes dela se afastar. E o mais importante, viu a aura brilhante que a envolvia inesperadamente escurecer, retrair-se e ganhar espirais vermelho-escuras.

Essa da cor do medo — Ralph pensou. *Ou talvez da raiva.*

— Não sei, Tim. Vamos, pare de morrinhar. — E começou a apressá-lo, seu rabo-de-cavalo sacudindo para diante e para trás e desenhando no ar pequenos leques cinzentos, tintos de vermelho. Lembraram a Ralph os arcos que os limpadores de pára-brisas por vezes deixam nos vidros sujos dos carros.

— Ei, mamãe, dá um tempo! Pára de *pu-xar!* — O garotinho tinha que correr para acompanhá-la.

A culpa é minha, pensou Ralph, e a imagem dele que a jovem mãe devia ter visto passou por sua cabeça: um sujeito velho, o rosto cansado, grandes olheiras roxas sob os olhos. Parado — *encolhido* — junto à caixa de correio na entrada da farmácia Rite Aid, olhando fixamente para ela e o garotinho, como se os dois fossem as coisas mais extraordinárias do mundo.

O que a senhora quase é, se ao menos soubesse.

Aos olhos dela, devia ter parecido o maior tarado de todos os tempos.

Ele precisava se livrar daquela coisa. Fosse realidade ou alucinação, não importava — precisava fazê-la desaparecer. Se não, alguém ia chamar os tiras ou os homens com redes de caçar borboletas. Pelo que sabia, a bonita mamãe poderia estar fazendo a primeira parada em um dos telefones logo à entrada principal do supermercado.

Ele se perguntava como é que se fazia desaparecer uma coisa que, para

começar, achava-se apenas em nossa mente, quando percebeu que seu desejo já se realizara. Fosse fenômeno psíquico ou alucinação perceptiva, simplesmente desaparecera enquanto Ralph pensava na aparência terrível que teria tido para a jovem e bonita mãe. O dia recuperara sua luminosidade de verão, o que era maravilhoso, mas muito distante daquele fulgor transparente que impregnara tudo. As pessoas que cruzavam o estacionamento da pequena área comercial voltaram a ser apenas pessoas; nada de auras, nada de fios de balões, nada de fogos de artifício. Apenas pessoas a caminho do Shop'n Save para comprar comida, ou apanhar o último lote de fotografias do verão na Photo-Mat, ou pegar um café para viagem, no Day Break, Sun Down. Umas até poderiam estar entrando disfarçadamente na Rite Aid para comprar uma caixa de camisinhas ou, Deus nos abençoe e guarde, um SONÍFERO.

Apenas cidadãos comuns e habituais de Derry, tratando de seus assuntos comuns e habituais.

Ralph soltou a respiração presa num forte suspiro e se preparou para uma onda de alívio. O alívio *realmente* sobreveio, mas não foi a grande onda que esperara. Não fazia sentido recuar, no último instante, do limiar da loucura; não fazia sentido chegar tão próximo de *qualquer* limiar. Contudo, ele compreendia perfeitamente bem que não poderia viver muito tempo em um mundo tão brilhante e maravilhoso sem pôr em perigo sua sanidade; seria o mesmo que ter um orgasmo que durasse horas. Talvez fosse assim que os gênios e os grandes artistas sentiam a vida, mas isso não era para ele; tanta energia queimaria sua mufa em pouco tempo, e quando os homens com as redes de caçar borboletas aparecessem para lhe dar uma injeção e levá-lo embora, ele provavelmente se sentiria feliz de acompanhá-los.

A emoção mais prontamente identificável que sentia no momento não era alívio mas uma espécie de melancolia agradável que lembrava de ter ex-perimentado algumas vezes após uma transa quando era muito jovem. A melancolia não era profunda, mas ampla, e parecia preencher os espaços vazios de seu corpo e sua mente da mesma maneira que uma inundação ao recuar deixa uma camada de rico e fofo adubo. Perguntava-se se voltaria a ter outro momento de revelação, estimulante e assustador. Achou que a probabilidade era bastante boa, pelo menos até o próximo mês, quando James Roy Hong espetaria nele as agulhas, ou talvez até Anthony Forbes começar a balançar o relógio de ouro diante de seus olhos e lhe dizer que estava sentindo. . muito. . sono. Era possível que nem Hong nem Forbes obti-vessem o menor êxito em curar sua insônia, mas, se um deles o curasse, Ralph imaginava que pararia de ver auras e fios de balões depois da primeira boa noite de sono. E, após um mês e tanto de noites de descanso, prova-

velmente esqueceria que isso tivesse acontecido. De sua parte, essa era uma excelente razão para sentir uma pontinha de melancolia.

É melhor começar a se mexer, cara — se por acaso o seu novo amigo espiar pela janela da drogaria e vir você parado aqui que nem um panaca, é provável que chame os homens com as redes pessoalmente.

— É mais provável que chame o Dr. Litchfield — murmurou Ralph, e atravessou o estacionamento em direção à Avenida Harris.

5

ELE METEU a cabeça pela porta da casa de Lois e chamou:

— Ôô! Alguém em casa?

— Vamos entrando, Ralph! — Lois respondeu. — Estamos na sala!

Ralph sempre imaginara que a toca de um gnomo seria bem parecida com a casinha de Lois Chasse, mais ou menos a meio quarteirão do mercadinho, na descida da rua — arrumada e atulhada de móveis, um pouquinho escura, talvez, mas escrupulosamente limpa. E imaginava que qualquer gnomo como Bilbo Baggins**3**, cujo interesse nos próprios antepassados só era eclipsado pelo seu interesse no que haveria para jantar, teria ficado encantado com a minúscula sala de estar, onde parentes olhavam de todas as paredes. O lugar de honra, em cima da televisão, era ocupado por uma fotografia pintada de um homem a quem Lois sempre se referia como ―Sr.

Chasse‖.

McGovern sentava-se curvado para a frente no sofá, com um prato de macarronada equilibrado nos joelhos ossudos. A televisão estava ligada e um programa de auditório anunciava, com estardalhaço, o sorteio dos prêmios.

3 Principal ser imaginário criado pelo escritor J. R. Tolkein.

— Que é que ela quer dizer com esse ― *estamos* na sala‖? — Ralph perguntou, mas, antes que McGovern pudesse responder, Lois entrou com um prato fumegante nas mãos.

— Tome — disse. — Sente-se e coma. Liguei para a Simone, e ela falou que provavelmente aparecerá no telejornal do meio-dia.

— Puxa, Lois, você não precisava ter-se incomodado — protestou, a-ceitando o

prato, mas seu estômago discordou com veemência, quando o cheiro de cebolas e queijo curtido chegou às suas narinas. Deu uma olhada no relógio da parede, apenas visível entre fotografias de um homem de casaco de pele de quati e de uma mulher com a cara dos anos 20, e se espanta-ra de ver que faltavam cinco para o meio-dia.

— Apenas meti umas sobras no microondas. — ela disse. — Algum dia, Ralph, vou *cozinhar* para você. Agora sente-se.

— Não em cima do meu chapéu — falou McGovern, sem tirar os olhos do sorteio. Apanhou o chapéu que estava no sofá, deixou-o cair no chão a seu lado e continuou a comer sua porção de gratinado, que desaparecia rapidamente.

— Está muito gostoso, Lois.

— Muito obrigada. — Ela parou tempo suficiente para ver um dos participantes ganhar uma viagem para Barbados e um carro novo, então voltou correndo para a cozinha, O vencedor, aos gritos, desapareceu gradualmente e foi substituído por um homem de pijamas amassados, que se debatia e revirava na cama. Em seguida sentava-se e espiava um relógio à mesa-de-cabeceira. Os ponteiros indicavam 3h18 da madrugada, uma hora que se tornara íntima para Ralph.

— Não consegue dormir? — O anunciante perguntava penalizado. —

Cansado de passar as noites em claro? — Uma pilulazinha luminosa entrava planando lentamente pela janela do quarto do insone. Pareceu a Ralph o menor disco voador do mundo, e não o surpreendeu que fosse azul.

Ralph sentou-se ao lado de McGovern. Embora ambos fossem bem magros (*esquelético* talvez descrevesse Bill melhor), os dois ocuparam praticamente todo o sofá.

Lois entrou com o seu prato e se sentou na cadeira de balanço junto à janela. Sobrepondo-se à música enlatada e aos aplausos do auditório que marcavam o fim do programa, uma voz de mulher falou:

— Lisette Benson anunciando o principal destaque do telejornal do meio-dia: conhecida defensora dos direitos femininos aceita convite para falar em Derry, provoca protestos e seis prisões numa clínica local. E ainda a previsão do tempo com Chris Altoberg e os esportes com Bob McClana-han. Fique ligado.

Ralph meteu um bocado de macarronada na boca, ergueu os olhos e viu que Lois o observava.

— Está bom? — perguntou.

— Uma delícia — respondeu, e era verdade, mas ele pensou que, naquele momento, uma boa porção de espaguete fria, servida diretamente da lata, teria tido o mesmo sabor. Ele não estava apenas com fome; estava faminto. Ver auras aparentemente queimava muitas calorias.

— O que aconteceu, muito resumidamente, foi o seguinte — disse McGovern, engolindo o último bocado do almoço e descansando o prato ao lado do chapéu. — Uns dezoito manifestantes apareceram do lado de fora da WomanCare, às oito e trinta desta manhã, quando os funcionários estavam chegando para trabalhar. Simone, a amiga de Lois, diz que eles se intitulam os Amigos da Vida, mas o núcleo do grupo são uns excêntricos e malucos que pertenciam ao Pão-de-Cada-Dia. Ela contou que um deles era Charles Pickering, o sujeito que os tiras parecem ter surpreendido preparando uma bomba para jogar no prédio no final do ano passado. A sobrinha de Simone disse que a polícia só prendeu umas quatro pessoas. Parece que calculou meio por baixo.

— E o Ed estava realmente entre eles? — Ralph perguntou.

— Estava — Lois confirmou — e também foi preso. Pelo menos ninguém foi atacado a cassetetes. Era boato. Ninguém ficou ferido.

— *Desta* vez — McGovern acrescentou sombriamente.

O logotipo do telejornal do meio-dia apareceu na TV colorida, tamanho gnomo de Lois e cedeu lugar a Lisette Benson.

— Boa tarde — começou ela. — O destaque do noticiário deste lindo dia de fim de verão é a eminente escritora e polêmica defensora dos direitos femininos, Susan Day, que aceitou o convite para falar no Centro Cívico de Derry, no próximo mês. O anúncio de sua presença provocou uma manifestação diante da WomanCare, centro de proteção à mulher e clínica de abortos de Derry, que tanto tem polarizado. .

— Lá vêm eles outra vez com essa história de clínica de abortos —

McGovern exclamou. — Caramba!

— Psiu! — Lois disse em um tom autoritário que pouco lembrava o seu habitual murmúrio hesitante.

McGovern lançou-lhe um olhar surpreso e se calou.

— John Kirkland ao vivo da WomanCare, com a nossa primeira notícia — Lisette Benson terminou e à sua imagem sucedeu a de um repórter parado do lado de fora de um edifício de tijolos, baixo e comprido. Grandes letras ao pé da tela informavam aos telespectadores que se tratava de uma reportagem AO VIVO. Uma fileira de janelas cortava a fachada lateral da WomanCare. Duas estavam quebradas e, várias outras, pichadas com uma coisa vermelha que parecia sangue. Um cordão de isolamento amarelo fora estendido pela polícia entre o repórter e o prédio; tiras de Derry, três fardados e um à paisana, formavam um grupinho na extremidade do cordão.

Ralph não se surpreendeu muito ao reconhecer o detetive John Leydecker.

— Eles se autodenominam os Amigos da Vida, Lisette, e dizem que a manifestação hoje de manhã foi o extravasamento espontâneo da indigna-

ção com a notícia de que Susan Day, a mulher que os grupos radicais pró-vida em todo o país chamam de ―Assassina número um de bebês dos Estados Unidos‖, virá a Derry, no próximo mês, falar no Centro Cívico. Mas pelo menos um membro da polícia de Derry acredita que não foi bem assim.

A reportagem de Kirkland, uma gravação, começava com um dose de Leydecker, que parecia conformado com o microfone diante de seu rosto.

— Não houve espontaneidade nenhuma na manifestação — disse. —

É óbvio que foi preparada. Provavelmente estão aguardando praticamente a semana inteira, desde que receberam aviso de que Susan Day concordou em vir a Derry, e se prepararam à espera de que a notícia saísse nos jornais, o que aconteceu hoje de manhã.

A câmera focalizou os dois. Kirkland lançava a Leydecker o seu olhar mais penetrante, tipo entrevistador esperto.

— O que é que o senhor quer dizer com preparada? — perguntou.

— A maioria dos cartazes que os manifestantes carregavam tinham o nome da Sra. Day. E havia mais de uma dúzia *desses*.

Uma emoção surpreendentemente humana perpassou a máscara de policial-dando-entrevista de Leydecker; Ralph interpretou-a como indigna-

ção. Ele ergueu um grande saco plástico de coleta de provas e, durante um instante de horror, Ralph teve certeza de que havia dentro um bebê mutila-do,

sangrando. Então percebeu que, qualquer que fosse a substância vermelha, o corpo no saco de provas era o de uma boneca.

— Eles não compraram isso em loja de departamentos — Leydecker declarou ao repórter de TV. — Posso lhe garantir.

A cena seguinte foi uma panorâmica das janelas sujas e quebradas. A câmera passou-as em revista lentamente. A substância nas janelas sujas parecia-se mais que nunca com sangue, e Ralph desistiu de suas duas ou três últimas garfadas de macarronada.

— Os manifestantes trouxeram bebês de brinquedo, em cujos corpos macios injetaram, segundo crê a polícia, uma mistura de Karo com corante vermelho — Kirkland disse em *of*. — Atiraram as bonecas na fachada lateral do prédio, enquanto entoavam slogans anti-Susan Day. Quebraram as janelas, mas não houve grandes danos.

A câmera parou, focalizando uma vidraça macabramente suja.

— A maioria das bonecas estourou — Kirkland explicava — espalhando a tal substância, tão parecida com sangue que os funcionários que presenciaram o bombardeio se assustaram.

A cena da janela suja de vermelho foi substituída pela de uma bela mulher de cabelos escuros, que vestia calças e uma suéter.

— Oooh, olhem só, é a Barbie! — exclamou Lois. — Puxa, espero que Simone esteja assistindo! Talvez eu devesse..

Foi a vez de McGovern fazer psiu.

— Fiquei aterrorizada — Barbara Richards disse a Kirkland. — A princípio pensei que estavam realmente atirando bebês mortos, ou talvez fetos que tivessem arranjado sei lá onde. Mesmo depois que a Dra. Harper percorreu a clínica gritando que eram apenas bonecas, continuei em dúvida.

— A senhora disse que gritavam slogans? — Kirkland perguntou.

— Gritavam, o que ouvi mais claramente dizia: ―Não deixe o anjo da morte vir a Derry‖.

A notícia agora voltava a Kirkland, ao vivo.

— Os manifestantes foram levados da WomanCare para a delegacia central de

polícia de Derry, na Rua Central, por volta das nove horas desta manhã, Lisette. Entendi que doze foram interrogados e liberados; outros seis foram presos por comportamento doloso, um delito leve. Parece, portanto, que presenciamos o disparo de mais um tiro em Derry na guerra permanente por causa do aborto. John Kirkland, do telejornal do canal quatro.

— Mais um tiro. . — começou McGovern, erguendo as mãos. Lisette Benson voltou à tela.

— Vamos chamar Anne Rivers, que conversou há menos de uma hora com dois dos chamados Amigos da Vida que *foram* presos na manifestação desta manhã.

Anne Rivers encontrava-se diante da delegacia de polícia da Rua Central, com Ed Deepneau de um lado e um indivíduo de cavanhaque, alto e macilento, do outro. Ed tinha uma aparência elegante e simpática, num paletó de tweed cinza e calças azul-marinho. O homem alto de cavanhaque vestia roupas que somente um liberal com delírios sobre o que se chamaria de

―proletariado do Maine‖ seria capaz de usar: jeans desbotados, camisa de trabalho também azul desbotado, suspensórios largos e vermelhos de bombeiro. Ralph só precisou de um segundo para reconhecê-lo. Era Dan Dalton, proprietário da Secondhand Rose, Secondhand Clothes. A última vez em que Ralph o vira, ele estava parado atrás de guitarras e gaiolas de passarinhos penduradas na vitrine de sua loja, gesticulando para Ham Davenport como se dissesse *Estou cagando para o que você pensa.*

Mas naturalmente foi Ed que atraiu seu olhar. Ed que parecia elegante e composto em mais do que um aspecto.

Aparentemente McGovern sentiu o mesmo.

— Meu Deus, não dá para acreditar que seja o mesmo homem —murmurou.

— Lisette — disse a loura bonita — estão comigo Edward Deepneau e Daniel Dalton, ambos de Derry, dois dos manifestantes presos hoje de manhã. Certo, senhores? Foram presos?

Eles confirmaram com a cabeça, Ed com uma brevíssima expressão de humor, Dalton com uma sombria determinação visível no queixo duro. O

olhar que este fixou em Anne Rivers fez parecer — pelo menos a Ralph —

que estava procurando se lembrar em que clínica de aborto a vira entrar, a

cabeça baixa e os ombros encolhidos.

— Vocês foram soltos sob fiança?

— É, fomos soltos mediante fiança — respondeu Ed. — As acusações eram leves. Não tivemos a intenção de ferir ninguém, e ninguém foi ferido.

— Fomos presos somente porque a estrutura de poder pagã entrin-cheirada nesta cidade quer nos usar como exemplo — Dalton disse, e Ralph pensou ter visto uma ligeira contração tensionar momentaneamente o rosto de Ed. Uma expressão de lá-vai-ele-de-novo.

Anne Rivers apontou o microfone na direção de Ed.

— A questão principal aqui não é filosófica, mas prática — disse ele.

— Embora o pessoal que dirige a WomanCare goste de enfatizar os servi-

ços de assistência, terapia, mamografias grátis e outras admiráveis funções da clínica, há um outro lado. Rios de sangue correm na WomanCare..

— Sangue de *inocentes!* — gritou Dalton. Seus olhos luziam no rosto magro e comprido e Ralph teve uma intuição perturbadora: por todo o leste do Maine, as pessoas estavam assistindo o jornal e concluindo que o homem de suspensórios vermelhos era maluco, mas que seu companheiro parecia um sujeito bem sensato. Chegava a ser engraçado.

Ed tratou a exclamação de Dalton como o equivalente pró-vida do *A-leluia,* concedendo-lhe o tempo de um compasso respeitoso antes de retomar seu discurso.

— A matança na WomanCare vem ocorrendo há quase oito anos —

Ed informou. — Muita gente, principalmente feministas radicais como a Dra. Roberta Harper, administradora-chefe da WomanCare, douram a pílula com frases como ―interrupção prematura‖, quando, na realidade, está falando de aborto, o ato máximo de abuso que uma sociedade sexista inflige às mulheres.

— Mas será que arremessar bonecas cheias de sangue contra as janelas de uma clínica particular é a maneira mais correta de expor seu ponto de vista ao público, Sr. Deepneau?

Por um instante — só por um instante, apareceu e desapareceu — a cintilação bem-humorada nos olhos de Ed cedeu lugar a um lampejo mais duro e frio.

Naquele único instante, Ralph contemplou novamente o Ed Deepneau que se dispusera a bater num motorista de caminhão que pesava mais 45 quilos que ele. Ralph esqueceu que a cena que assistia fora gravada há uma hora e receou pela integridade da loura magra, que era quase tão bonita quanto a mulher com quem seu entrevistado continuava casado. *Tenha cuidado, moça,* Ralph pensou. *Tenha cuidado e tenha medo. Você está parada ao lado de um homem muito perigoso.*

Então o lampejo desapareceu e o homem de paletó de tweed voltou a ser, mais uma vez, um jovem sincero que seguira os ditames de sua consci-

ência até a cadeia. Mais uma vez era Dalton, a esticar nervosamente os suspensórios como se fossem grandes elásticos, que parecia ter alguns parafusos de menos.

— O que estamos fazendo é o que os chamados bons alemães deixaram de fazer na década de trinta. — Ed dizia. Falava no tom paciente e professoral de um homem forçado a explicar a mesma questão muitas vezes. .

principalmente para aqueles que já deviam sabê-la. — Eles se calaram e seis milhões de judeus morreram. Em nosso país um holocausto semelhante..

— Mais de mil bebês diariamente — interpôs Dalton. A estridência de sua fala sumira. Ele parecia horrorizado e desesperadamente cansado. —

Muitos são arrancados dos ventres das mães aos pedaços, com os bracinhos erguidos, protestando ao morrer.

— Meu bom Deus — disse McGovern. — Isso é a coisa mais ridícula que já. .

— Quieto, BiIl! — Lois pediu.

— . .objetivo dessa manifestação? — Rivers perguntava a Dalton.

— Como você provavelmente sabe — explicava Dalton — a câmara de vereadores concordou em reexaminar as leis de zoneamento que permitem à WomanCare funcionar no local em que funciona e da maneira como funciona. Eles talvez votem a questão no início de novembro. Os grupos pelo direito de aborto receiam que a câmara possa jogar areia na engrenagem de sua máquina de matar, por isso chamaram Susan Day, a defensora do aborto mais famosa do país, para tentar manter a máquina em operação.

Estamos arregimentando nossas forças. .

O pêndulo do microfone voltou para Ed.

— Vai haver mais manifestações, Sr. Deepneau? — Rivers perguntou, e Ralph teve a súbita impressão de que ela poderia estar interessada nele de uma maneira não tão profissional. Ei, por que não? Ed era um sujeito bonitão e a Sra. Rivers não tinha como saber que ele acreditava que o Rei Sanguinário e seus Centuriões se encontravam em Derry, juntando suas forças com as dos matadores de bebês da WomanCare.

— Até que a aberração legal que abriu as portas a essa matança seja corrigida, as manifestações continuarão — Ed respondeu. — E continuamos na esperança de que a história dos séculos vindouros registre que nem todos os americanos foram bons nazistas durante este período sombrio de nossa história atual.

— Protestos *violentos?*

— É contra a violência que nos colocamos. — Os dois agora olhavam-se fixamente, e Ralph refletiu que Anne Rivers sofria do que Carolyn chamaria de mal das coxas quentes. Dan Dalton estava parado a um lado da tela, praticamente esquecido.

— E quando Susan Day vier a Derry no próximo mês, o senhor pode garantir a segurança dela?

Ed sorriu e mentalmente Ralph o viu como o vira naquela tarde quente de agosto, há menos de um mês — ajoelhado com as mãos apoiadas em cada lado dos ombros de Ralph, soprando *Eles queimam os fetos em Newport* em sua cara. Ralph estremeceu.

— Em um país em que milhares de crianças são sugadas dos ventres das mães pelo equivalente médico de um aspirador de pó industrial, não acredito que alguém possa garantir nada — respondeu Ed.

Anne Rivers olhou-o incerta por um momento, como se decidisse se queria ou não fazer outra pergunta (talvez sobre o seu número de telefone), e então virou-se de frente para a câmera.

— Anne Rivers, da delegacia central de polícia em Derry — falou.

Lisette Benson reapareceu, e algo zombeteiro no trejeito de sua boca fez Ralph pensar que talvez ele não tivesse sido o único a perceber a atração entre entrevistadora e entrevistado.

— Continuaremos a acompanhar essa história durante o dia de hoje —disse. — Não deixem de sintonizar o nosso canal às seis e nos telejornais da noite. Em

Augusta, a governadora Greta Powers respondeu à acusação de que pode ter. .

Lois se levantou e desligou a TV. Por um momento, ficou parada olhando fixamente a tela que escurecia, até que soltou um pesado suspiro e se sentou.

— Tenho compota de uva — falou — mas, depois do que vimos, será que alguém vai querer?

Os dois homens sacudiram a cabeça. McGovern olhou para Ralph e disse:

— Foi de apavorar.

Ralph concordou com a cabeça. Não parava de pensar no jeito como Ed andava para frente e para trás em meio à chuva produzida pelo regador automático, rompendo os arco-íris com o corpo, batendo o punho na palma da mão aberta.

— Como podem ter soltado o Ed sob fiança e em seguida entrevista-rem-no no telejornal como se ele fosse um ser humano normal? — Lois perguntou indignada. — Depois do que ele fez com a coitada da Helen?

Meu Deus, aquela Anne Rivers parecia pronta a convidá-lo para jantar em casa!

— Ou para comer bolachas na cama com ela — falou Ralph secamente.

— A acusação de agressão e essa história de hoje são coisas completamente diferentes — disse McGovern — e pode apostar suas botas que o advogado ou advogados que esses malucos contrataram farão tudo para mantê-las assim.

— E até mesmo a acusação de agressão foi apenas um delito leve —

Ralph lembrou a Lois.

— Como é que agressão pode ser um delito leve? — perguntou Lois.

— Desculpe, mas nunca compreendi *realmente* essa parte.

— É um delito leve quando você agride apenas a própria mulher —

McGovern disse, erguendo a sobrancelha satírica. — É a lei americana, Lo.

Ela torceu as mãos inquieta, retirou o Sr. Chasse de cima da televisão, contemplou-o por um momento, em seguida tornou a colocá-lo no lugar e continuou a torcer as mãos.

— Bem, lei é lei — disse — e eu seria a primeira a admitir que não compreendo

nadinha de leis. Mas alguém devia dizer a eles que esse sujeito é maluco. Que espanca mulheres e é maluco.

— Você nem faz idéia de *até onde vai* a maluquice dele — disse Ralph, e pela primeira vez contou-lhes a história do que acontecera no verão anterior, no aeroporto. Levou uns dez minutos. Quando terminou, nenhum dos dois disse nada: apenas o olharam com os olhos arregalados.

— Quê? — exclamou Ralph pouco à vontade. — Não me acreditam?

Vocês acham que imaginei isso?

— Claro que acredito — disse Lois. — Eu estava.. bem... espantada.

E assustada.

— Ralph, acho que você devia passar essa história para John Leydecker — falou McGovern. — Não acho que ele possa fazer droga nenhuma com ela, mas, considerando os novos coleguinhas de Ed, acho que ele devia ter essa informação.

Ralph pensou cuidadosamente, em seguida concordou com a cabeça e se pôs de pé.

— Não há melhor hora do que essa — disse. — Quer vir, Lois?

Ela pensou um pouco, depois sacudiu a cabeça.

— Estou exausta — disse. — Meio. . como é que a garotada diz hoje em dia? Meio podre. Acho que vou pôr os pés para cima um pouco. Tirar um cochilo.

— Faz bem — concordou Ralph. — Você parece mesmo esgotada.

Obrigado por nos alimentar. — Impulsivamente, curvou-se e beijou-a no canto da boca. Lois ergueu os olhos para ele com grata surpresa.

6

RALPH DESLIGOU a própria televisão mais de seis horas depois, quando Lisette Benson terminou o telejornal da noite e passou a palavra ao comentarista de esportes. A manifestação na WomanCare fora relegada a segundo plano — a grande notícia da noite era a continuada alegação de que a governadora Greta Powers usara cocaína quando estudante de graduação

— e não havia nenhuma novidade, exceto que Dan Dalton agora fora identificado como o cabeça dos Amigos da Vida. Ralph achou que *testa-de-ferro* era provavelmente uma palavra melhor. Será que Ed já assumira de fato o comando? Se não assumira, Ralph imaginava que assumiria dentro de pouco tempo — até o Natal no máximo. Uma pergunta potencialmente mais interessante era o que os patrões de Ed pensavam de suas peripécias legais na estrada de Derry. Ralph tinha a impressão de que estariam se sentindo muito menos à vontade com o que ocorrera hoje do que com a acusação de agressão doméstica do mês anterior; Ralph lera, ainda recentemente, que os laboratórios Hawkings em breve se tornariam o quinto centro de pesquisas no nordeste do país a trabalhar com tecido fetal. Provavelmente a diretoria não aplaudiria a informação de que um dos seus pesquisadores fora preso arremessando bonecas cheias de sangue contra a fachada de uma clínica que fazia abortos. E se soubesse como ele era maluco..

Quem vai contar a eles, Ralph? Você?

Não. Isso era um passo além do que estava disposto a dar, pelo menos por ora. Diferentemente de ir à delegacia de polícia com McGovern para conversar com John Leydecker sobre o incidente do verão anterior, insistir nisso cheirava a perseguição. Era o mesmo que escrever MATE ESSA BOCETUDA ao lado do retrato de uma mulher com cujas opiniões não se concordava.

Isso é besteira e você sabe muito bem.

— Não sei de nada — falou, levantando-se e chegando até a janela. —

Estou *cansado* demais para saber de alguma coisa. — Mas parado ali, olhando para dois homens que saíam do mercadinho defronte, carregando uma caixa de bebidas cada, ele subitamente *soube* de uma coisa, lembrou-se de uma coisa que riscou uma gelada linha divisória em suas costas, de alto a baixo.

Hoje de manhã, quando saíra da Rite Aid e fora assaltado pelas auras

— e pela sensação de ter alcançado um novo nível de consciência — dissera a si mesmo, repetidamente, para usufruir mas não acreditar; que, se não conseguisse estabelecer essa distinção crítica, era capaz de terminar no mesmo barco de Ed Deepneau. Esse pensamento quase abrira a porta de outra lembrança associada, mas as auras mutantes no estacionamento tinham-no distraído antes que pudesse irromper pela nova porta. Agora lembrava: *Ed* lhe falara alguma coisa sobre a visão de auras, não fora?

Não — ele talvez tivesse querido dizer auras, mas a palavra que realmente usara

fora cores. *Tenho quase certeza disso. Foi logo depois de ter falado que via cadáveres de bebês por toda parte, até nos telhados. Disse. .*

Ralph observou os dois homens embarcarem num velho furgão batido e pensou que jamais conseguiria lembrar as palavras exatas de Ed; estava demasiado cansado. Então, quando o furgão partiu deixando uma esteira de fumaça pelo caminho, isso lhe lembrou o vermelho-vivo que vira saindo do escape do caminhão da padaria naquela tarde, outra porta se abriu, e a lembrança *voltou.*

— Ele disse que às vezes o mundo estava cheio de cores — Ralph falou para o apartamento vazio — mas que num determinado ponto tudo começava a escurecer. *Acho* que foi isso.

Estava chegando perto, mas seria só isso? Ralph achou que tinha havido pelo menos mais outra coisa no discurso de Ed, mas não se lembrava o quê. E será que fazia diferença? Seus nervos indicavam veementemente que sim — a linha gelada em suas costas não só se alargara como se aprofunda-ra.

Atrás dele, o telefone tocou. Ralph se virou e viu o aparelho banhado numa funesta luz vermelha, vermelho-escura, a cor de sangramento no nariz e

(*galos brigando com galos*)

de cristas de galos.

Não, parte de sua mente gemeu. *Ah, não, Ralph, não comece com isso outra vez. .*

Cada vez que o telefone tocava, a capa luminosa se tornava mais brilhante. Durante os intervalos de silêncio, ela escurecia. Era o mesmo que olhar para um coração fantasma com um telefone dentro.

Ralph fechou os olhos com força e, quando os reabriu, a aura vermelha em torno do telefone desaparecera.

Não, você não pode vê-la agora. Não tenho certeza, mas acho que você talvez tenha desejado que ela desaparecesse. Como num sonho lúcido.

Ao cruzar a sala até o telefone, disse a si mesmo — e não havia incerteza em suas palavras — que a idéia era tão maluca quanto ver auras, para começar. Só que não era, e ele sabia disto. Se fosse maluca, por que bastara apenas dar uma espiada naquela auréola vermelha para ter certeza de que era Ed Deepneau quem estava ligando?

Isso é besteira, Ralph. Você acha que é Ed Deepneau porque está pensando nele..

e porque está tão cansado que sua cabeça está variando. Vamos, apanhe o fone e verá. Não é o coração delator, nem mesmo o telefone delator. É provavelmente algum sujeito querendo lhe vender assinaturas ou a mulher do banco de sangue indagando por que você não tem aparecido ultimamente.

Só que ele sabia que não era.

Ralph apanhou o fone e disse alô.

7

NINGUÉM RESPONDEU. Mas havia alguém na linha; Ralph ouvia sua respiração.

— Alô? — disse mais uma vez.

Não recebeu resposta imediata, e estava prestes a dizer *Vou desligar agora*, quando Ed Deepneau falou:

— Estou ligando para falar de sua língua, Ralph. Ela está tentando metê-lo em apuros.

A linha gelada entre suas omoplatas já não era uma linha; agora era uma fina camada de gelo que o cobria inteiramente da nuca aos rins.

— Alô, Ed. Vi você no telejornal hoje. — Foi a única coisa que lhe ocorreu dizer. Sua mão não parecia mais estar segurando o fone, antes cris-para-se em cãibra em torno do objeto.

— Esqueça isso, meu caro. E preste atenção. Acabei de receber uma visita daquele detetive que me prendeu no mês passado, Leydecker. Na realidade, ele acabou de sair.

Ralph sentiu o coração afundar, mas não da forma que poderia recear.

Afinal de contas, uma visita de Leydecker a Ed não constituía nenhuma surpresa, não é? Ele se mostrara muito interessado na história de Ralph sobre o confronto no aeroporto no verão de 92. Muitíssimo interessado.

— É? — Ralph perguntou calmamente.

— O detetive Leydecker tem a impressão de que acho que há gente, ou possivelmente seres sobrenaturais de algum tipo, transportando fetos para fora da cidade em carretas e picapes. Legal, não é?

Ralph, parado junto ao sofá, puxava incessantemente o fio do telefone por entre os dedos, dando-se conta de que via uma luz vermelha mortiça escorrendo do fio como suor. A luz pulsava no ritmo da fala de Ed.

— Você tem andado contando histórias fora de hora, meu caro.

Ralph continuou calado.

— Chamar a polícia depois que dei aquela puta lição que ela tanto merecia não me incomodou — Ed disse. — Considerei. . bem, uma preocupa-

ção de avô. Ou talvez você tenha pensado que, se ela se sentisse bastante grata, talvez lhe dispensasse uma trepada de misericórdia. Afinal de contas, você está velho mas ainda não virou espécime para o parque dos dinossau-

ros. Talvez tenha pensado que, no mínimo, ela deixaria você meter um dedo nela.

Ralph ficou calado.

— Certo, meu caro?

Ralph continuou calado.

— Você acha que vai me perturbar com o seu silêncio? Nunca. — Mas Ed parecia perturbado, desconcertado. Era como se tivesse feito a ligação com um certo roteiro em mente e Ralph se recusasse a ler as falas previstas.

— Você não pode.. é melhor não. .

— Chamar a polícia depois que você espancou Helen não o incomodou, mas a sua conversa com Leydecker hoje obviamente o incomodou. Por que, Ed? Será que finalmente está começando a questionar o seu comportamento? Sua maneira de pensar, talvez?

Foi a vez de Ed ficar calado. Finalmente ele murmurou com rispidez:

— Se não levar meu aviso a sério, Ralph, será o pior erro. .

— Ah, claro que o levo a sério — respondeu Ralph. — Vi o que você fez hoje, vi o que fez à sua mulher no mês passado. . e vi o que você fez no aeroporto há um ano. Agora a polícia sabe. Já o escutei, Ed, agora você vai me escutar. Você está doente. Você teve uma espécie de colapso nervoso, está tendo delírios...

— Não preciso ouvir as suas besteiras! — Ed interrompeu-o, quase aos gritos.

— Não, não precisa. Pode desligar. Afinal você é que está pagando a ligação. Mas até que desligue, vou continuar martelando em seus ouvidos.

Porque eu gostava de você, Ed, e quero voltar a gostar. Você é um sujeito inteligente, com ou sem delírios, e acho que está me entendendo: Leydecker sabe, e Leydecker vai ficar observando vo. .

— Você já está vendo cores? — Ed perguntou. Sua voz recuperara a calma. No mesmo instante, o brilho vermelho que envolvia o fio do telefone desapareceu.

— Que cores? — Ralph perguntou finalmente.

Ed fingiu não ouvir a pergunta.

— Você disse que gostava de mim. Bem, gosto de você também. Sempre gostei de você. Por isso vou lhe dar um conselho muito valioso. Você está entrando em águas fundas, e existem coisas submersas na correnteza que você sequer pode conceber. Você acha que estou louco, mas quero lhe dizer que você não sabe o que é loucura. Não tem a mínima idéia. Mas terá, se continuar a se meter em coisas que não são de sua conta. Pode crer.

— Que coisas? — Ralph perguntou. Tentou manter a voz despreocupada, mas continuava a apertar o fone com força suficiente para fazer os dedos latejarem.

— Forças — Ed respondeu. — Existem forças em ação em Derry que você não vai querer conhecer. Existem.. bem, vamos dizer apenas que são entidades. Elas ainda não repararam realmente em você, mas, se continuar mexendo comigo, elas vão reparar. E você não vai querer isso. Pode crer, você não vai querer.

Forças. Entidades.

— Você me perguntou como foi que descobri tudo isso. Quem me colocou em cena. Você se lembra, Ralph?

— Lembro. — E se lembrava mesmo. Fora a última coisa que Ed lhe dissera antes de afivelar o grande sorriso teatral e se adiantar para cumpri-mentar os tiras. *Tenho visto as cores desde que ele veio e me disse. . Falaremos disso depois.*

— O doutor me disse. O doutorzinho careca. Acho que é a ele que terá de prestar contas se tentar se meter na minha vida outra vez. E, então, que Deus lhe ajude.

— O doutorzinho careca, hum-hum — disse Ralph. — Sei, entendo.

Primeiro o Rei Sanguinário e os Centuriões, agora o doutorzinho careca.

Suponho que em seguida será. .

— Me poupe a sua ironia, Ralph. Apenas fique longe de mim e dos meus interesses, está ouvindo? *Fique longe*.

Houve um dique e Ed se foi. Ralph olhou para o fone em sua mão durante muito tempo, então lentamente colocou-o no gancho.

Apenas fique longe de mim e dos meus interesses.

E por que não? Tinha muito com que se ocupar.

Ralph caminhou devagar até a cozinha, meteu um jantar congelado (por sinal, filé de hadoque) no forno e tentou tirar manifestações antiaborto, auras, Ed Deepneau e o Rei Sanguinário de sua cabeça.

Foi mais fácil do que poderia ter imaginado.

CAPÍTULO 6

1

O VERÃO foi passando quase sem ser notado, como costuma acontecer no Maine. O despertar prematuro de Ralph continuou e, quando as cores do outono começaram a esbrasear as árvores ao longo da Avenida Harris, ele estava abrindo os olhos por volta das duas e quinze da madrugada. Era péssimo, mas tinha esperanças na consulta com James Roy Hong e não houvera repetição do estranho show de fogos de artifício com que fora brindado no primeiro encontro com Joe Wyzer. Percebia ocasionais lampejos nos contornos das coisas, mas descobriu que, se apertasse os olhos com força e contasse até cinco, quando os reabrisse, os lampejos teriam desaparecido.

Bem.. *normalmente*.

A palestra de Susan Day estava programada para sexta-feira, 8 de outubro e, à medida que setembro se aproximava do fim , as manifestações e os debates públicos sobre o aborto por solicitação se acirravam e começavam a focalizar cada vez mais a sua visita. Ralph viu Ed no telejornal várias vezes, algumas, em companhia de Dan Dalton, mas, cada vez com maior freqüência, sozinho, falando desenvolta e convincentemente, muitas vezes com aquele brilhozinho de humor não só nos olhos como na voz.

As pessoas gostavam dele e os Amigos da Vida aparentemente estavam atraindo o grande número de participantes a que o Pão-de-Cada-Dia, grupo político que o originara, apenas pudera aspirar. Não houve mais ar-

remessos de bonecas, nem outras manifestações violentas, mas houve muitas marchas e contramarchas, muitos xingamentos, gestos de ameaça e cartas iradas ao editor. Os pastores prometiam o inferno; os professores recomendavam moderação e educação; meia dúzia de moças que se intitulavam as Alegres Garotas Lésbicas por Jesus foram presas desfilando diante da Primeira Igreja Batista de Derry, com cartazes em que se lia TIREM ESSA PORRA DO MEU CORPO. Um policial anônimo foi citado no *News* de Derry, dizendo que esperava que Susan Day caísse de cama com uma gripe ou qualquer outra coisa e precisasse cancelar a visita.

Ralph não teve mais nenhum contato com Ed, mas, em 21 de setembro, recebeu um cartão de Helen com quatorze palavras exultantes rabiscadas no verso: ―Viva, um emprego! Biblioteca Pública de Derry! Começo no mês que vem! Até breve — Helen.‖

Sentindo-se mais animado do que se sentira desde a noite em que Helen lhe ligara do hospital, Ralph desceu para mostrar o cartão a McGovern, mas a porta do apartamento de baixo estava fechada e trancada.

Então Lois. . só que Lois também saíra, provavelmente fora a uma de suas festinhas de carteado ou talvez comprar lã no centro para tricotar mais um xale.

Um pouco chateado, pensando que as pessoas com quem mais se queria dividir as boas notícias quase nunca se encontravam por perto quando a gente estava engasgando de alegria, Ralph perambulou até o parque Strawford. E foi ali que encontrou Bill McGovern, sentado num banco próximo ao campo de beisebol, chorando.

2

CHORANDO TALVEZ fosse uma palavra demasiado forte, *lacrimoso* descreveria melhor o seu estado. McGovern se achava sentado, com um lenço saindo do punho nodoso, e observava uma mãe jogar beisebol com o filho na linha da primeira base do campo onde se encerrara, há apenas dois dias, o último grande jogo da temporada — o Torneio Municipal de Beisebol.

De vez em quando, levava o punho com o lenço ao rosto e secava os olhos. Ralph que nunca vira McGovern chorar — nem mesmo no enterro de Carolyn — demorou-se por ali um tempo, indeciso se deveria abordar McGovern ou

simplesmente voltar pelo mesmo caminho em que viera.

Finalmente reuniu coragem e aproximou-se do banco do parque.

— Oi, Bill — disse.

McGovern ergueu os olhos que estavam vermelhos, lacrimosos e um tantinho envergonhados. Enxugou-os mais uma vez e tentou sorrir.

— Oi, Ralph. Você me pegou choramingando. Desculpe.

— Tudo bem — disse Ralph, sentando-se. — Já completei a minha quota de choro. Que aconteceu?

McGovern deu de ombros, secou novamente os olhos.

— Nada de importante. Estou sofrendo os efeitos de um paradoxo, é só.

— Que paradoxo?

— Uma coisa boa está acontecendo com um dos meus amigos mais antigos, na verdade, o homem que me deu o primeiro emprego de professor. Ele está agonizando.

Ralph arqueou as sobrancelhas, mas ficou calado.

— Está com pneumonia. A sobrinha provavelmente vai mandá-lo para o hospital hoje ou amanhã, e vão colocá-lo num respirador, pelo menos por algum tempo, mas é quase certo que esteja morrendo. Vou comemorar sua morte quando chegar e suponho que é isso, mais do que qualquer outra coisa, que está me dando uma depressão do caramba. — McGovern fez uma pausa. — Você não está entendendo nada do que estou dizendo, está?

— Nadinha — disse Ralph. — Mas tudo bem.

McGovern olhou-o diretamente no rosto, deu uma segunda olhada, e soltou uma risadinha. O som foi rouco, empastado de lágrimas, mas Ralph achou que ainda assim era uma risada de verdade, e arriscou retribuí-la com um sorriso.

— Será que eu disse alguma coisa engraçada?

— Não — respondeu McGovern e deu-lhe uma palmadinha leve no ombro. — Estava só dando uma olhada na sua cara, tão compenetrada e sincera, você é realmente um livro aberto, Ralph, e pensando no quanto gosto de você. Por vezes,

gostaria de *ser* você.

— Não, às três da manhã, você não gostaria — Ralph disse baixinho.

McGoverfl suspirou e concordou com a cabeça.

— A insônia.

— Isso mesmo. A insônia.

— Desculpe ter rido, mas. .

— Não precisa se desculpar, Bill.

— ...mas por favor me acredite quando digo que foi uma risada de *admiração*.

— Quem é o seu amigo, e por que é bom que esteja morrendo? —

Ralph perguntou. Tinha um palpite do que havia no fundo do paradoxo de McGovern; ele não era tão bondosamente estúpido, quanto Bill, por vezes, parecia pensar.

— O nome dele é Bob Polhurst, e sua pneumonia é uma boa notícia porque sofre do mal de Alzheimer desde o verão de 88.

Era o que Ralph pensara. . embora a AIDS tivesse lhe ocorrido, também. Imaginou se esta idéia teria chocado McGovem, e divertiu-se com a possibilidade.

Então olhou para o homem e envergonhou-se do seu divertimento.

Sabia que, em questão de melancolia, McGovern era quase um profissional, mas não acreditava que isso tornasse o óbvio pesar pelo velho amigo menos sincero.

— Bob foi chefe do departamento de história da escola secundária de Derry desde 1948, quando não devia ter mais de vinte e cinco anos, até 81

ou 82. Foi um grande professor, um desses sujeitos extraordinariamente inteligentes que às vezes a gente encontra no meio do mato, escondendo o próprio valor. Em geral, acabam chefiando o departamento a que pertencem e assumindo paralelamente meia dúzia de atividades extracurriculares simplesmente porque não sabem dizer não. E Bob não sabia mesmo.

A mãe passava agora por eles com o filho, a caminho do barzinho que em breve

fecharia para o inverno. O rosto do menino possuía uma extraordinária transparência, uma beleza que era realçada pela aura cor-de-rosa que Ralph viu girar em torno de sua cabeça e perpassar em ondas serenas no seu rosto pequeno e vivo.

— Podemos ir para casa, Mamãe? — ele perguntou. — Quero brincar de massinha agora. Quero fazer a Família Barro.

— Vamos comer alguma coisa primeiro garotão, concorda? Mamãe está com fome.

— Tá bem.

Havia uma marca em forma de gancho na ponta do nariz do menino e ali o rosado da aura se tornava escarlate.

Caiu do berço quando tinha oito meses de idade, pensou Ralph. *Estava se esticando para pegar as borboletas do móbile que sua mãe pendurou no teto. Ela quase morreu de susto quando acudiu e viu aquela sangueira; pensou que o pobre garoto estivesse morrendo. Patrick é o nome dele. Ela o chama de Pat. O nome foi uma homenagem ao avô, e. .*

Ele fechou os olhos com força por um momento. Seu estômago vibrava levemente logo abaixo do pomo de adão e ele sentiu uma certeza repentina de que ia vomitar.

— Ralph? — McGovern chamou. — Você está bem?

Ele abriu os olhos. Nada de aura, nem rosa, nem de qualquer outra cor; apenas mãe e filho caminhando em direção ao barzinho para tomar um refrigerante, e não havia nenhuma possibilidade, absolutamente nenhuma possibilidade, de que ele pudesse saber que a mãe não queria levar Pat para casa porque o pai andava bebendo outra vez, depois de passar seis meses sóbrio, e quando bebia tornava-se mau. .

Pare, pelo amor de Deus, pare.

— Estou bem — disse a McGovern. — Entrou um cisco no meu olho, foi só. Continue. Conte o resto da história de seu amigo.

— Não há muito o que contar. Ele era um gênio, mas, com o passar do tempo, me convenci de que a genialidade é uma vantagem exagerada-mente valorizada. Acho que este país está *cheio* de gênios, homens e mulheres tão inteligentes que fazem o portador normal de uma carteira de professor parecer um palhaço. E

acho que são na maioria professores que vivem e trabalham na obscuridade de uma cidadezinha de interior, porque é disso que gostam. Com certeza era disso que Dob gostava.

— Ele via as pessoas por dentro, de um jeito que me apavorava. . pelo menos no princípio. Depois de algum tempo, a gente descobria que não precisava se apavorar porque Bob era um homem bom, mas no início ele inspirava um certo temor. Por vezes a gente se perguntava se ele usava um par de olhos normais para ver ou algum tipo de máquina de raios X.

No barzinho, a mulher se curvava com um copo de papel cheio de so-da. O garoto ergueu as duas mãos, rindo, e apanhou o copo. Bebeu com gosto. O brilho rosado pulsou por um instante, envolvendo-o novamente, e Ralph viu que tinha razão, o nome do menino era Patricke a mãe não queria levá-lo para casa. Não havia maneira de saber dessas coisas, mas ele sabia assim mesmo.

— Naquele tempo — McGovern disse — se você fosse do Maine central e não fosse cem por cento heterossexual, você fazia o diabo para *passar* por hétero. Era a única escolha, além de mudar-se para Greenwich Village, usar boina e passar as noites de sábado em clubes de jazz do tipo em que se costumava aplaudir estalando os dedos. Então, a idéia de assumir a própria homossexualidade era absurda. Para a maioria de nós, a única opção era se enrustir. A não ser que quiséssemos que uma matilha de universitários bêbados nos derrubasse e tentasse arrancar nossa cara, o jeito era nos fechar-mos em nosso *mundo*.

Pat terminou de beber e atirou o copo no chão. A mãe lhe disse para apanhar o copo e colocá-lo na lixeira, uma tarefa que ele executou com imensa boa vontade. A mulher tomou-o pela mão e começaram a caminhar lentamente em direção à saída do parque. Ralph observou-os com apreensão, esperando que os temores e preocupações da mulher fossem injustificados, receando que não o fossem.

— Quando me candidatei a um emprego no departamento de história da escola secundária de Derry, isso foi em 1951, acabara de passar por uma experiência de dois anos como professor, em Lubec, que fica lá onde Judas perdeu a bota, e imaginei que, se conseguira me dar bem lá, sem ninguém me fazer perguntas, poderia me dar bem em qualquer outro lugar. Mas Bob só me deu uma olhada. . diabos, *lá dentro,* com aquela visão raios X e foi o bastante. E ele não era nada tímido. ―Se eu resolver lhe oferecer este emprego e se o senhor resolver aceitá-lo, Sr. McGovern, pode me dar sua palavra de que nunca haverá o menor problema em função de sua preferência sexual?‖

— *Preferência sexual,* Ralph! Puxa vida! Eu sequer sonhara com tal expressão, mas ela escorregou da boca de Bob com mais facilidade do que um rolamento bem engraxado. Comecei a me dar ares de importância e ia lhe dizer que, embora não entendesse aonde queria chegar, não me agradara a sua pergunta..

— Poderia dizer que por princípios. . mas dei outra espiada nele e decidi poupar minhas energias. Poderia ter enganado muita gente em Lubec, mas não estava enganando Bob Polhurst. Ele ainda não completara trinta anos, provavelmente não estivera ao sul de Kittery mais de dez vezes na vida, mas sabia tudo que importava sobre mim, e para isso precisara apenas de uma entrevista de vinte minutos.

— Não, senhor, nem um mínimo problema, falei, humilde como um cameirinho.

McGovern secou de novo os olhos com o lenço, mas Ralph teve a impressão de que, desta vez, o gesto era apenas teatral.

— Nos vinte e três anos anteriores à minha saída para ensinar na faculdade municipal de Derry, Bob me ensinou tudo que sei sobre xadrez e o aprendizado de história. Era um jogador brilhante.. com toda certeza, teria feito o exibido do Faye Chapin suar frio, posso lhe garantir. Só ganhei dele uma vez e, ainda assim, depois que o mal de Alzheimer já se instalara. Nunca mais joguei com ele depois.

— E havia outras coisas. Ele jamais esquecia uma piada. Jamais esquecia os aniversários, as bodas das pessoas mais chegadas; não enviava cartões nem dava presentes, mas sempre apresentava congratulações e votos de felicidade, e ninguém jamais duvidou de sua sinceridade. Publicou mais se sessenta artigos sobre o ensino de história e a guerra de Secessão, que era sua especialidade. Entre 67 e 68, escreveu um livro chamado *Ainda naquele verão,* abordando os meses que se seguiram à batalha de Gettysburgh. Ele me deixou ler o manuscrito há dez anos e acho que é o melhor livro sobre a guerra de Secessão que já li; o único que lhe chega mais próximo é o romance Anjos Assassinos de Michael Shaara. Bob, porém, não quis saber de publicar o seu. Quando lhe perguntei o porquê, ele me respondeu que eu, mais do que ninguém, deveria compreender suas razões.

McGovern fez uma breve pausa e contemplou o parque, inundado de uma luz ouro-esverdeada, rendilhado de sombras que se moviam e muda-vam a cada sopro do vento.

— Ele disse que tinha medo de se expor.

— Sei — disse Ralph. — Entendo.

— Talvez um exemplo possa resumi-lo melhor do que qualquer outra coisa: ele costumava fazer as palavras cruzadas do New York Times. Mexi com esse hábito uma vez, acusei-o de *orgulho*. Ele deu um sorriso e disse:

―Há uma grande diferença entre orgulho e otimismo, Bill — eu sou otimista, é só.‖

— Em todo o caso, dá para você imaginar. Um homem bondoso, um bom professor, uma mente arguta. Sua especialidade era a guerra de Secessão, e agora ele não sabe o que é uma guerra civil, nem muito menos quem ganhou a nossa. Droga, ele sequer sabe o próprio nome, e em breve —quanto mais breve melhor — vai morrer sem sequer saber que viveu.

Um homem de meia-idade, vestindo uma camiseta da universidade de Maine e um par de jeans puídos, atravessou a área de recreação do parque, arrastando os pés e segurando uma sacola de compras amassada debaixo do braço. Parou ao lado do barzinho para examinar o conteúdo da lixeira, à procura de embalagens retornáveis. Ao se curvar, Ralph viu a capa verde-escura de sua aura e o fio de balão verde mais claro que se erguia, flutuando, do alto de sua cabeça. E, de súbito, sentiu-se demasiado cansado para fechar os olhos, demasiado cansado para desejar que a visão desaparecesse.

Voltou-se para McGovern e comentou:

— Desde o mês passado ando vendo coisas que..

— Acho que estou de luto — disse McGovern, dando mais uma en-xugada teatral nos olhos — embora não saiba se é por Bob ou por mim mesmo. Não é uma piada? Mas se você pudesse ter visto como ele era inteligente naquele tempo. . tão inteligente que dava medo...

— Bill? Está vendo aquele sujeito ali junto ao barzinho? Aquele mexendo na lixeira? Estou vendo. .

— Estou, esses caras estão em toda parte agora — disse McGovern, lançando ao pau-d'água (que encontrara duas latas vazias de cerveja e as guardara na sacola) um olhar superficial antes de tornar a Ralph. — Odeio a velhice: acho que é nisso que a coisa se resume. Quero dizer, velhice para valer.

O pau-d'água aproximou-se do banco, arrastando as pernas bambas, e a brisa anunciou sua chegada com um cheiro que não era de loção. Sua aura

— um verde alegre e cheio de energia que fez Ralph pensar nos enfeites do dia de São Patrício — combinava estranhamente com a sua postura subser-viente e com o sorriso piegas.

— Olá, pessoal! Como vai a vida?

— Já foi melhor — respondeu McGoverfl, erguendo a sobrancelha irônica — e espero que torne a melhorar quando você se mandar.

O pau-d'água olhou hesitante para McGovern, pareceu concluir tratar-se de uma causa perdida, e transferiu o olhar para Ralph.

— O senhor tem um trocado sobrando? Preciso ir a Dexter. Meu tio mandou me chamar no abrigo da rua Neibolt, dizendo que posso recuperar o meu emprego na usina, mas só se eu. .

— Dá o fora, amigo — disse McGovern.

O pau-d'água lhe lançou um olhar breve e ansioso, voltando os olhos castanhos e injetados para Ralph.

— É um bom emprego, sabe? Posso recuperar ele, mas só se puder chegar lá hoje. Tem um ônibus. .

Ralph meteu a mão no bolso, achou uma moeda de vinte e cinco centavos e outra de dez, e largou-as na mão estendida.

O pau-d'água sorriu. A aura que o envolvia se avivou e, em seguida, repentinamente desapareceu. Ralph sentiu um grande alívio.

— Legal ! Obrigado, chefe!

— De nada — respondeu.

O pau-d'água desembestou na direção do Shop'n Save, onde algumas marcas de bebida como Night Train, Old Duke e Silver Satin viviam em oferta.

Que merda, Ralph, será que ia lhe doer se fosse um pouco caridoso também em pensamento? — perguntou a si mesmo. *É só andar mais um quilômetro naquela dire-*

ção, que se chega à rodoviária.

Verdade, mas Ralph vivera o suficiente para saber que havia uma enorme

diferença entre a caridade e a ilusão. Se o pau-d'água com a aura verde-escura estava indo para a rodoviária, então Ralph estava indo para Washington assumir a Secretaria de Estado.

— Você não devia fazer isso, Ralph — MacGovern disse em tom de censura. — Está estimulando essa gente.

— Acho que sim — Ralph respondeu cansado.

— Que é que você ia dizendo quando foi tão rudemente interrompido?

A idéia de contar a McGovern sobre as auras agora parecia incrivelmente despropositada, e Ralph não conseguia por nada nesse mundo imaginar como chegara tão próximo de realizá-la.

A insônia, naturalmente — era a única resposta. Confundira sua capacidade de julgar, a memória das coisas mais recentes e a percepção.

— Que recebi uma coisa pelo correio hoje de manhã — disse Ralph.

— Achei que poderia animá-lo. — E entregou o cartão-postal de Helen a McGovern, que o leu e releu. Da segunda vez, seu rosto eqüino se abriu num largo sorriso. A combinação de alívio e sincero prazer naquela expres-

são fez Ralph perdoar-lhe instantaneamente a ridícula autocomiseração. Era fácil esquecer que Bill podia ser as duas coisas: arrogante e generoso.

— Não é uma maravilha? Um emprego!

— Só é. Quer comemorar com um almoço? Tem uma pequena lanchonete perto da Rite Aid, chama-se Day Break, Sun Down. Talvez um tanto cheio de plantas, mas. .

— Obrigado, mas prometi à sobrinha de Bob que iria lá fazer-lhe um pouco de companhia. Naturalmente ele não tem a menor idéia de quem sou, mas isso não faz diferença, porque eu sei quem *ele* é. *Capisce?*

— Claro — disse Ralph. — Fica para outro dia, então.

— Fechado. — McGovern passou os olhos novamente na mensagem do cartão-postal, ainda sorrindo. — Chuchu beleza, absolutamente chuchu beleza!

Ralph deu uma risada ao ouvir aquela velha e simpática expressão.

— Também achei.

— Teria apostado com você cinco dólares que ela ia voltar direto para o casamento com aquele lunático, levando à frente a neném sentada no carrinho. . mas ficaria feliz de perder o meu dinheiro. Acho que talvez isso pareça maluquice.

— Um pouquinho — respondeu Ralph, mas somente porque sabia que isto era o que McGovern esperava ouvir. Na verdade, pensava que Bíll McGovern acabara de resumir seu caráter e visão de mundo mais sucinta-mente do que Ralph jamais seria capaz de fazer.

— É bom saber que alguém está melhorando ao invés de piorar, não é?

— Com certeza.

— Lois já viu isso?

Ralph balançou a cabeça.

— Ela não estava em casa. Mas vou mostrar-lhe quando a vir.

— Faz muito bem. Está dormindo melhor, Ralph?

— Acho que vou me virando.

— Ótimo. Você está com um aspecto melhor. Mais forte. Não podemos entregar os pontos, Ralph, isso é o mais importante. Estou certo?

— Acho que sim — Ralph respondeu com um suspiro. — Pensando bem, acho que está.

3

DOIS DIAS depois, Ralph estava sentado à mesa da cozinha, comendo lentamente uma tigela de farelo de trigo, que na realidade não queria (mas supunha, de uma forma vaga, que lhe fazia bem), enquanto passava os olhos na primeira página do *News* de Derry. Lera rapidamente a notícia principal, mas foi a foto que continuou a atrair seu olhar; parecia expressar todo o mal-estar com que convivera nos últimos meses, sem conseguir na realidade explicá-lo.

Ralph achou que a manchete que encabeçava a fotografia — MANIFESTAÇÃO NA WOMANCARE DETONA VIOLÊNCIA — não refle-

tia o texto que se seguia, mas isso não o surpreendeu; lia o *News* há anos e se acostumara às suas parcialidades, que incluíam uma firme posição contra o aborto. Ainda assim, o jornal tivera o cuidado de se distanciar dos Amigos da Vida num editorial tipo ora-vamos-meninos-agora-chega, e Ralph não se surpreendia. O grupo se reunira no estacionamento entre a WomanCare e o hospital Derry Home, à espera de uns duzentos manifestantes a favor do aborto por opção que estava atravessando a cidade a partir do centro cívico.

A maioria dos manifestantes carregavam cartazes com retratos de Susan Day e o slogan OPÇÃO SIM, MEDO NÃO.

A idéia dos manifestantes era ganhar adesões durante a caminhada, como uma bola de neve rolando morro abaixo. Diante da WomanCare, ha-

veria um breve comício — visando a mobilizar as pessoas para a palestra de Susan Day — e depois um lanche, O comício não chegou a acontecer.

Quando os manifestantes a favor do aborto se aproximaram do estacionamento, os Amigos da Vida apareceram e bloquearam a estrada, portando seus próprios cartazes (CRIME É CRIME, FORA SUSAN DAY, PAREM

A MATANÇA DOS INOCENTES) à frente, como escudos.

Os manifestantes tinham sido acompanhados pela polícia, mas ninguém estava preparado para a velocidade com que os apartes e xingamentos se transformaram em murros e pontapés. Tudo começou quando uma das participantes dos Amigos da Vida reconheceu a própria filha entre os pró-aborto. A mulher mais velha largou o cartaz e avançou para a mais nova, O

namorado da filha segurou a mulher mais velha e tentou contê-la. Quando Mamãe dilacerou a cara dele com as unhas, o rapaz a empurrou no chão.

Isso detonou uma batalha que durou dez minutos e provocou a prisão de mais de trinta pessoas, divididas meio a meio entre os dois grupos.

A foto na primeira página do *News* desta manhã trazia Hamilton Davenport e Dan Dalton. O fotógrafo surpreendera Davenport num esgar que era o completo avesso do seu ar habitual de calma presunção. Tinha um punho erguido acima da cabeça num gesto primitivo de triunfo. De frente para ele — com o cartaz de Ham, OPÇÃO SIM, MEDO NÃO, enfiado na cabeça, como uma auréola surreal de papelão — encontrava-se o *grand fro-mage* dos Amigos da Vida. Os olhos de Dalton pareciam aturdidos, a boca frouxa. A foto em preto e branco com muito contraste fazia o sangue que escorria de suas narinas parecer molho de

chocolate.

Ralph afastou os olhos da foto por um tempo, tentou se concentrar em terminar o cereal, e então se lembrou do dia no verão anterior quando vira um dos falsos cartazes de ―procura-se‖, agora colados por toda Derry

— o dia em que quase desmaiara na calçada do parque Strawford. Era principalmente nos dois rostos que sua mente se fixava: o de Davenport tomado de intensa raiva ao ver, pela vitrine empoeirada do Secondhand Rose, Secondhand Clothes, Dalton que exibia um sorrisinho desdenhoso parecendo sugerir que não se podia esperar que um macaco como Hamilton compre-endesse a alta moralidade implícita na questão do aborto, e ambos sabiam disso.

Ralph refletiu sobre essas duas expressões e a distância que separava seus donos e, após algum tempo, seus olhos voltaram à foto do jornal. Havia dois homens atrás de Dalton, ambos carregando cartazes pró-vida, que observavam com atenção o confronto. Ralph não reconheceu o magricela com óculos de aro de tartaruga e uma nuvem de cabelos grisalhos recuados da testa, mas conhecia o que se achava a seu lado. Era Ed Deepneau. Contudo, no contexto, Ed não parecia contar muito. O que atraía Ralph — e o assustava — eram os rostos dos dois comerciantes há anos estabelecidos lado a lado, na parte baixa da rua Witcham — Davenport com o seu esgar de homem das cavernas e o punho erguido, Dalton com o olhar aturdido e o nariz sangrando.

Pensou: *Se a pessoa não domina suas paixões, acaba sendo levada por elas. Mas é aí que é bom parar, porque..*

— Porque se esses dois tivessem armas, teriam se matado — murmurou, e, nesse momento, ouviu a campainha da porta, a que ficava embaixo, na varanda. Ralph se levantou, olhou mais uma vez para a foto, e sentiu uma espécie de vertigem.

Com ela veio uma certeza sinistra; era Ed quem estava lá embaixo, e só Deus sabia o que poderia querer.

Então não atenda, Ralph!

Ficou parado junto à mesa da cozinha por um longo e hesitante momento, desejando amargurado que pudesse vencer o nevoeiro que, este ano, parecia ter ocupado permanentemente sua cabeça. Então a campainha tocou uma segunda vez e ele descobriu que já *se decidira.* Não faria diferença nem se fosse Saddam Hussein; estava em *sua* casa, e não ia se entocar como um vira-lata que levou uma surra.

Ralph atravessou a sala, abriu a porta do hall, e desceu a escada escura.

4

A MEIO CAMINHO, descontraiu-se um pouco. A metade superior da porta que abria para a varanda era formada de caixilhos com grossos vidros. Eles distorciam a visão, mas não tanto que Ralph não pudesse ver que seus dois visitantes eram mulheres. Adivinhou imediatamente quem deveria ser uma delas e desceu correndo os degraus restantes, apoiando-se levemente no corrimão. Escancarou a porta e viu-se diante de Helen Deepneau que trazia uma sacola (PRONTO-SOCORRO PARA BEBÊS estava impresso de um lado) pendurada ao ombro e Natalie que espiava por cima do outro, os olhos vivos como os de um camundongo de desenho animado.

Helen sorria esperançosa e um pouco tensa.

O rosto de Natalie subitamente se iluminou e ela começou a pular no porta-bebê que Helen usava, agitando os bracinhos para Ralph, excitada.

Ela se lembra de mim, Ralph pensou. *Quem diria.* E quando lhe estendeu os braços e deixou que Nat agarrasse com a mãozinha seu dedo indicador, os olhos de Ralph se encheram de lágrimas.

— Ralph? — perguntou Helen. — Você está bem?

Ele sorriu, respondeu afirmativamente com a cabeça e abraçou-a. Sentiu Helen apertar os braços em torno do seu pescoço. Por um instante ficou tonto com a mistura do seu perfume com o cheirinho saudável de leite da neném, e então ela lhe deu uma estonteante beijoca na orelha e o soltou.

— Você *está* bem, não está? — ela perguntou. Tinha lágrimas nos olhos também, mas Ralph mal reparou; estava ocupado em examiná-la, certi-

ficando-se de que não restavam marcas do espancamento. Pelo que podia ver, não. Helen parecia perfeita.

— Melhor agora do que há semanas — respondeu. — Você é um verdadeiro colírio para meus olhos doloridos. Você também, Nat. — Beijou a mãozinha gorducha que continuava a reter seu dedo e não ficou inteiramente surpreso ao ver a fantasmagórica impressão azul-acinzentada que seus lábios deixaram. A marca apagou-se quase no mesmo instante em que a notou e ele abraçou Helen outra vez, mais para ter certeza de que ela se encontrava realmente ali.

— Querido Ralph — ela murmurou em seu ouvido. — Querido e meigo Ralph.

Ele sentiu uma leve excitação na virilha, certamente provocada pelo perfume suave e pela cocegazinha que as palavras de Helen produziam em sua orelha. . e então se lembrou de uma outra voz em seu ouvido. *A voz de Ed. Estou telefonando para falar de sua língua, Ralph. Ela está tentando metê-lo em apuros.*

Ralph afastou-a um pouco para olhá-la melhor, ainda sorrindo.

— Você é um colírio, Helen. Ah, isso é.

— Você também. Gostaria que conhecesse uma amiga. Ralph Roberts, Gretchen Tillbury. Gretchen, Ralph.

Ralph voltou-se para a outra mulher e deu-lhe uma primeira olhada, enquanto gentilmente fechava sua enorme mão nodosa sobre a mão branca e delicada da visitante. Ela era o tipo de mulher que fazia um homem (mesmo um que já deixara os sessenta para trás) querer se aprumar e encolher a barriga. Era muito alta, talvez um metro e oitenta, e loura, mas não era isso.

Havia algo mais — algo como um cheiro, ou uma vibração, ou (*uma aura*)

isso, uma aura. Era simplesmente uma mulher que não se podia deixar de olhar, em quem não se podia deixar de pensar, sobre quem não se podia deixar de especular.

Ralph lembrou-se de Helen ter-lhe dito que o marido de Gretchen lhe abrira a perna com uma faca de cozinha e abandonara-a para sangrar até morrer. Perguntou-se como um homem podia fazer uma coisa dessas; como um homem podia tocar tal criatura a não ser com admiração.

E também um pouquinho de desejo, talvez, após ultrapassar a fase do "Ela caminha bela como a noite". E por falar nisso, Ralph, talvez fosse uma boa hora para recolher seus olhos de volta às órbitas.

— Muito prazer em conhecê-la — disse largando a mão da mulher. —

Helen me contou que foi vê-la no hospital. Obrigado por ajudá-la.

— Foi um prazer ajudar a Helen — respondeu Gretchen com um sorriso deslumbrante. — Na verdade, ela é o tipo de mulher que compensa ajudar. . mas tenho a impressão de que você sabe disso.

— Acho que sei — disse Ralph. — Tem tempo para uma xícara de café? Por

favor, diga que sim.

Gretchen olhou para Helen, que concordou com a cabeça.

— Seria ótimo — disse Helen. — Porque.. bem..

— Isso não é uma visita inteiramente social, é? — Ralph perguntou, olhando de Helen para Gretchen Tillbury e de volta para Helen.

— Não — ela respondeu. — Precisamos lhe dizer uma coisa, Ralph.

5

ASSIM QUE CHEGARAM ao topo da escura escada, Natalie come-

çou a se contorcer impaciente no porta-bebê, expressando-se naquele autoritário alarido dos bebês que em breve seria substituído por palavras de verdade.

— Posso segurá-la? — perguntou Ralph.

— Claro — disse Helen. — Se ela chorar, apanho-a na mesma hora.

Prometo.

— Negócio fechado.

Mas Sua Majestade a Neném não chorou. Assim que Ralph a retirou do porta-bebê, ela sociavelmente passou um braço pelo seu pescoço e aninhou a bundinha na dobra do seu braço direito como se sentasse em sua espreguiçadeira privativa.

— Nossa — exclamou Gretchen. — Estou impressionada.

— Blig! — Natalie falou, agarrando o lábio inferior de Ralph e puxando-o como se fosse uma cortina dessas que se enrolam. — Gana uig! Andu-sis!

— Acho que ela fez algum comentário sobre as Andrews Sisters, aquelas cantoras da década de cinqüenta — falou Ralph.

Helen atirou a cabeça para trás e deu sua risada gostosa, aquela que parecia vir do fundo da alma. Ralph não tinha se dado conta da falta que sentira dessa risada até ouvi-la novamente.

Natalie soltou o lábio de Ralph, que voltou ao lugar como se fosse um elástico, enquanto ele conduzia as visitantes à cozinha, o cômodo mais en-solarado da casa

a esta hora do dia. Viu Helen olhar a toda volta curiosamente enquanto ele acendia o fogão e percebeu que fazia muito tempo que ela não vinha ali. Tempo demais. Ela apanhou um retrato de Carolyn que estava na mesa da cozinha e examinou-o com atenção, um sorrisinho brincando no canto da boca. O sol iluminava as pontas de seus cabelos, agora cortados curtos, formando uma espécia de coroa em torno de sua cabeça, e Ralph teve uma súbita revelação: amava Helen em grande parte porque Carolyn a amara — ele e ela tinham sido aceitos profundamente no coração e na mente de Carolyn.

— Ela era tão bonita — Helen murmurou. — Não era Ralph?

— Era — respondeu tirando as xícaras (e cuidando de pô-las fora do alcance das mãozinhas inquietas e curiosas de Natalie). — Essa foto foi tirada uns dois meses antes de começarem as dores de cabeça. Acho que é meio excêntrico manter uma foto emoldurada sobre a mesa da cozinha, diante do açucareiro, mas este é o cômodo onde ultimamente parece que passo a maior parte do tempo, então. .

— Na minha opinião, é um lindo lugar para a foto — disse Gretchen.

Sua voz era baixa, docemente rouca. *Se tivesse sido ela a sussurrar no meu ouvido, aposto como o meu velho passarinho teria feito mais do que se revirar em seu longo sono,* pensou Ralph.

— Também acho — acrescentou Helen. Ela sorriu delicadamente, sem olhar para Ralph, deixou escorregar a sacola do ombro e descansou-a sobre a bancada. Natalie começou a tagarelar impaciente, esticando as mãozinhas assim que viu a embalagem plástica da mamadeira. Ralph teve uma lembrança viva, mas misericordiosamente breve: Helen cambaleando em direção ao mercadinho, um olho fechado de tão inchado, o rosto sujo de sangue, carregando Natalie no quadril, como uma adolescente teria carregado um livro de escola.

— Quer tentar, vovô? — Helen perguntou. Seu sorriso se fortalecera um pouco e ela voltara a olhá-lo nos olhos.

— Claro, por que não? Mas o café..

— Eu me encarrego do café, Paizinho — ofereceu-se Gretchen. — Já fiz mais de mil xícaras na vida. Tem creme para café?

— Na geladeira.

Ralph sentou-se à mesa, deixando Natalie descansar a nuca contra o ombro e segurar a mamadeira com as mãos pequeninas e fascinantes. Com toda

segurança, ela meteu o bico na boca e começou a chupá-lo imediatamente. Ralph sorriu para Helen e fingiu não ver que ela recomeçara a chorar um pouquinho.

— Eles aprendem depressa, não é?

— É — concordou Helen, puxando uma toalha de papel do rolo na parede junto à pia. Enxugou os olhos. — Estou admirada de como ela está à vontade com você, Ralph, ela não era assim antes, era?

— Não me lembro muito bem — mentiu. Não era. Não chegava a ser arredia, não, mas nunca estivera tão à vontade.

— Mantenha o líquido na marca interna da mamadeira, sim? Se não ela vai engolir muito ar e se encher de gases.

— Entendido, câmbio — brincou ele, olhando para Gretchen. — Estou me saindo bem?

— Otimamente. Como toma o *café,* Ralph?

— Na xícara.

Ela deu uma risada e pôs a xícara na mesa, fora do alcance de Natalie.

Quando tornou a sentar e cruzou as pernas, Ralph conferiu — não conseguiu se controlar. Ao reerguer os olhos, Gretchen tinha um sorrisinho irônico no rosto.

Que diabos, pensou Ralph. *Nada como um bode velho. Mesmo um bode velho que não consegue dormir mais do que duas horas, duas horas e meia, por noite.*

— Me conte sobre o seu emprego — pediu quando Helen se sentou para tomar o café.

— Bem, acho que deviam transformar o aniversário de Mike Hanlon em feriado nacional, já deu para entender?

— Mais ou menos — respondeu Ralph, sorrindo.

— Tinha quase certeza de que precisaria ir embora de Derry. Mandei pedir formulários de empregos em todas as bibliotecas, até no sul do estado, em Portsmouth, mas me sentia arrasada com isso. Vou fazer trinta e um anos, só moro aqui há seis, mas considero Derry meu lar. Não sei explicar o porquê, mas é verdade.

— Não precisa explicar, Helen. Acho que este sentimento de lar é uma coisa que acontece à pessoa, como a cor da pele ou a dos olhos.

Gretchen concordou com a cabeça.

— É, é bem assim.

— Mike me telefonou na segunda-feira e me disse que vagara o lugar de assistente na biblioteca infantil. Nem consegui acreditar. Quero dizer, passei a semana toda me beliscando para ver se estava acordada. Não foi, Gretchen?

— É, você tem andado muito contente — respondeu Gretchen — e tem sido um prazer ver isso.

Ela sorriu para Helen e para Ralph, e aquele sorriso foi uma revelação.

De repente ele compreendeu que poderia olhar para Gretchen Tillbury o quanto quisesse, porque não faria a mínima diferença. Se o único homem na casa fosse o Tom Cruise, ainda assim, não faria nenhuma diferença. Ele se perguntou se Helen saberia disso, mas logo se censurou por sua tolice. Helen era muitas coisas, mas burra não era, não.

— Quando é que você começa? — perguntou-lhe.

— Na semana do descobrimento da América. No dia 12. Tardes e noites. O salário não é nenhuma fortuna, mas será suficiente para nos manter durante o inverno, independentemente da.. do desfecho de minha situação.

Não é fantástico, Ralph?

— É. Mais do que fantástico.

A neném bebera metade da mamadeira e agora dava sinais de ter perdido o interesse. Metade do bico saltou de sua boca e um filete de leite escorreu pelo canto da boca até o queixo. Ralph esticou a mão para limpá-lo e seus dedos deixaram uma série de finas linhas azul-acinzentadas no ar.

Natalie procurou agarrá-las e riu quando se dissolveram em sua mão. A respiração de Ralph paralisou-se na garganta.

Ela vê. A neném vê o que eu vejo.

Isso é maluquice, Ralph. É maluquice e você sabe que é.

Só que ele não sabia. Acabara de *ver* acontecer — acabara de ver Nat tentar agarrar as marcas da aura que seus dedos tinham feito.

— Ralph? — Helen perguntou. — Você está bem?

— Claro. — Ele ergueu os olhos, vendo que Helen agora estava envolta em uma exuberante aura cor de marfim. Tinha o aspecto acetinado de uma lingerie cara. O fio de balão que se prolongava para o alto era igualmente marfim, largo e liso como a fita de um presente de casamento. A aura que cercava Gretchen Tillbury era laranja-escura tendendo para o amarelo nas bordas. — Você vai voltar para casa?

Helen e Gretchen trocaram outro daqueles olhares, mas Ralph mal notou. Não precisava observar seus rostos, gestos ou movimentos corporais para ler seus sentimentos, adivinhava-os; bastava olhar para suas auras. Os matizes amarelados nas bordas da de Gretchen agora escureciam, de modo que o todo tornou-se um laranja uniforme. Enquanto isso, a de Helen reduziu-se e avivou-se de tal forma, que era difícil olhá-la. Helen sentia medo de voltar. Gretchen sabia disso e estava irritada.

E com sua própria impotência, Ralph pensou. *Isso a irrita ainda mais.*

— Vou continuar em High Ridge mais um tempinho — Helen estava respondendo. — Talvez até o inverno. Mais tarde Nat e eu voltaremos para a cidade, imagino, mas a casa vai ser vendida.

Se alguém a comprar, e do jeito que o mercado imobiliário está isto me parece uma grande incógnita, o dinheiro vai para uma conta bloqueada. A conta será repartida de acordo com a sentença. Sabe, a sentença do divórcio.

Seu lábio inferior tremia. Sua aura se contraíra ainda mais; agora colava-se ao seu corpo quase como uma segunda pele, e Ralph percebia que a perpassavam minúsculos lampejos vermelhos. Pareciam fagulhas dançando sobre um incinerador. Ele esticou o braço por sobre a mesa, segurou a mão de Helen e apertou-a. Ela sorriu agradecida.

— Você está me contando duas coisas — disse Ralph. — Que vai pedir o divórcio e que continua a ter medo dele.

— Ela foi espancada e maltratada regularmente durante os dois últimos anos do casamento — interveio Gretchen. — *Claro* que continua a ter medo dele. — Falou num tom baixo, tranqüilo e lógico, mas olhar para sua aura agora era como espiar pela janelinha de ferro que antigamente havia nas portas dos fornos de

carvão.

Ele olhou para a neném e viu-a agora envolta em sua própria nuvem de cetim luminosa e leve. Era menor que a da mãe, mas, de resto, idêntica..

como os olhos azuis e os cabelos castanho-avermelhados. O fio de balão de Natalie saía do alto de sua cabeça numa fita muito branca que flutuava até o teto, ali formando um rolo etéreo ao lado da luminária. Quando um sopro de brisa entrou pela janela aberta junto ao fogão, ele viu a larga faixa branca se agitar e ondear. Tornou a erguer os olhos e viu que os fios de balão de Helen e Gretchen também ondeavam.

E se pudesse ver o meu, ele estaria fazendo o mesmo, pensou. *É real — apesar do que aquela parte dois-mais-dois-são-quatro de minha mente possa pensar, as auras são reais. São reais e eu as vejo.*

Aguardou a inevitável objeção, mas desta vez não houve nenhuma.

— Tenho a sensação de que ultimamente estou vivendo a maior parte do meu tempo numa máquina de lavar emocional — disse Helen. — Minha mãe está furiosa comigo. . já fez de tudo só não me chamou ainda de covarde abertamente.. e às vezes me *sinto* uma covarde.. envergonhada. .

— Você não tem do que se envergonhar — disse Ralph. Ergueu mais uma vez os olhos para o fio de balão de Natalie, tremulando à brisa. Era lindo, mas não sentiu vontade de tocá-lo; algum instinto profundo lhe dizia que isso poderia ser perigoso para ambos.

— Acho que sei disso — continuou Helen — mas as mulheres sofrem uma doutrinação muito forte. Do tipo: ―Tome a sua Barbie, tome o seu Ken, tome a sua cozinha de aeromoça. Aprenda tudo direitinho, porque quando você crescer o seu papel será cuidar deles e, se alguma coisa der errado, a culpa será sua.‖ Acho que poderia ter aceitado isso sem discussão, acho mesmo. Só que ninguém me disse que, em alguns casamentos, o Ken poderia endoidar. Será que estou parecendo muito chorona?

— Não. Me parece que foi bem isso que aconteceu.

Helen riu — um som rascante, amargurado e cheio de culpa.

— Nem tente dizer isso à minha mãe. Ela se recusa a acreditar que Ed possa ter-me dado mais do que uma palmadinha de marido no bumbum uma vez ou outra.. só para me repor no bom caminho se eu me desviasse.

Ela acha que todo o resto é imaginação minha. Ela não diz isso explicita-mente, mas percebo em sua voz todas as vezes que falamos ao telefone.

— *Eu* não acho que seja imaginação sua — disse Ralph. — Eu vi, lembra-se? E foi a mim que você suplicou para não chamar a polícia.

Ele sentiu alguém lhe apertar a coxa por baixo da mesa e ergueu os olhos, espantado. Gretchen Tillbury lhe fez um leve aceno com a cabeça, dando um segundo apertão — mais enfático.

— Verdade — disse Helen. — Você *estava* lá, não é mesmo? — Sorriu brevemente, o que era bom, mas o que estava acontecendo com sua aura era ainda melhor; aquelas faisquinhas vermelhas começavam a esmaecer, e a aura em si começava a se expandir outra vez.

Não, pensou. *Não expandir. Afrouxar. Descontrair.* Helen se levantou e contornou a mesa.

— Nat está querendo sair do seu colo: é melhor me dar ela aqui.

Ralph olhou Nat e viu que ela observava o outro lado do cômodo, os olhos pesados, fascinados. Acompanhou seu olhar e viu o vasinho no parapeito ao lado da pia. Arranjara-o com flores de outono há menos de duas horas e agora uma névoa verde e baixa borbulhava das hastes, envolvendo as flores em uma luz fraca e difusa.

Estou vendo as flores darem o último suspiro, pensou Ralph. *Meu Deus, nunca mais vou cortar urna flor na vida. Prometo.*

Helen tomou a neném carinhosamente dos braços de Ralph. Nat deixou-se levar sem protestos, embora seus olhos não desgrudassem das flores borbulhantes, enquanto a mãe voltava ao outro lado da mesa, sentava e a aninhava nos braços.

Gretchen bateu de leve no vidro do relógio.

— Se quisermos chegar à reunião ao meio-dia. .

— Claro — disse Helen, desculpando-se. — Fazemos parte do comitê oficial de recepção à Susan Day — explicou a Ralph — o que no caso não é nenhum joguinho juvenil. Nossa principal tarefa não é realmente recepcioná-la, mas ajudar a protege-la.

— Você acha que vai haver problemas?

— Digamos que vai ser uma situação tensa — falou Gretchen. — Susan Day conta com meia dúzia de seguranças próprios, e eles têm nos envi-ado faxes das ameaças que recebem de Derry. E o procedimento de rotina da equipe: Susan Day vem incomodando muita gente há muitos anos. Os seguranças nos mantêm informados, mas querem deixar muito claro que, embora sejamos os anfitriões, a segurança de Susan não é apenas responsabilidade da WomanCare mas deles também.

Ralph abriu a boca para perguntar se tinha havido muitas ameaças, mas supunha que já sabia a resposta. Morava em Derry há setenta anos, embora descontinuamente, e sabia que era uma máquina perigosa — possuía peças pontiagudas e arestas cortantes sob a superfície. Isso era verdadeiro para muitas cidades, naturalmente, mas em Derry sempre parecera haver uma dimensão extra de maldade. Helen considerava a cidade seu lar, e era também o lar dele, mas. .

Lembrou-se de um caso que acontecera há quase dez anos, pouco depois do encerramento do Canal Days Festival. Três rapazes atiraram um homossexual despretensioso e inofensivo chamado Adrian Mellon no Kenduskeag, depois de esfaqueá-lo e mordê-lo repetidamente; corria o boato de que ficaram parados na ponte, atrás da Falcon Tavern, observando-o morrer. Contaram à polícia que não gostaram do chapéu que ele usava. Isso também era Derry, e só um idiota desprezaria tal dado.

Como se a lembrança o levasse a isso (quem sabe levara), Ralph contemplou outra vez a foto na primeira página do jornal do dia — Ham Davenport com o punho erguido, Dan Dalton com o nariz em sangue e os olhos aturdidos, com o cartaz de Ham na cabeça.

— Quantas ameaças? — perguntou. — Mais de uma dúzia?

— Umas trinta — respondeu Gretchen. — Dessas, o pessoal da segurança considera que doze são sérias. Duas são ameaças de explodir o Centro Cívico se ela não cancelar o compromisso. Uma, e essa é uma doçura, é de alguém que diz ter uma pistola d‘água, cheia de ácido. ―Se eu acertar em cheio, nem mesmo as suas sapatões conseguirão olhar para você sem vomitar‖, ameaça.

— Que simpático — exclamou Ralph.

— Isso nos leva à razão da nossa visita — disse Gretchen. Apalpou o interior da bolsa, tirou uma latinha de tampa vermelha e colocou-a em cima da mesa. — Um presentinho dos amigos agradecidos da WomanCare.

Ralph ergueu a lata. De um lado, havia o desenho de uma mulher espalhando uma nuvem de gás sobre um homem de chapéu desabado e máscara nos olhos. Do outro, uma única palavra em letras maiúsculas vermelhas: GUARDA-COSTAS

— Que é isso? — perguntou chocado, sem se conter. — Gás paralisante?

— Não — respondeu Gretchen. — No Maine, gás paralisante é ilegal.

Isto é muito mais suave, mas se você mirar bem na cara de alguém, ele não vai nem pensar em agredi-lo pelo menos por alguns minutos. Deixa a pele insensível, irrita os olhos e provoca náuseas.

Ralph tirou a tampa da lata e olhou para o bico vermelho de aerosol, antes de recolocá-la.

— Nossa, mulher, por que eu iria querer carregar uma lata dessas por aí?

— Porque você foi oficialmente considerado um Centurião.

— Um *o quê?* — Ralph admirou-se.

— Um Centurião. — Helen repetiu. Nat dormia profundamente em seus braços e Ralph se deu conta de que as auras tinham desaparecido. — É

como os Amigos da Vida chamam seus principais inimigos, os líderes da oposição.

— Sei — disse Ralph. — Agora entendi. Ed me falou de gente a quem chamava de Centuriões no dia em que.. espancou você. Mas falou muitas coisas naquele dia, e todas malucas.

— Verdade, Ed está por trás disso, e ele é maluco — disse Helen. —

Achamos que só mencionou essa história de Centuriões para um pequeno círculo, gente quase tão biruta quanto ele. O resto dos Amigos da Vida. .

acho que não fazem a mínima idéia. Quero dizer, você fazia? Até o mês passado, *você* fazia idéia de que ele era maluco?

Ralph sacudiu a cabeça negativamente.

— Os laboratórios Hawkins finalmente o despediram — disse Helen.

— Ontem. Mantiveram ele como empregado o máximo possível, ele é ótimo no trabalho que faz e tinham investido muito nele, mas afinal tiveram que mandá-lo embora. Três meses de pagamento ao invés do aviso prévio. .

nada mal para um sujeito que espanca a mulher e atira bonecas cheias de sangue de mentira nas janelas da clínica feminina local. — Ela indicou o jornal com uma pancadinha. — Esta última manifestação foi a gota d'água.

É a terceira ou quarta vez em que ele é preso desde que se envolveu com os Amigos da Vida.

— Vocês têm alguém lá dentro, não têm? — Ralph perguntou. — É

assim que ficam sabendo de tudo.

Gretchen sorriu.

— Não somos os únicos que têm um pé lá dentro; há uma piada corrente de que, na realidade, não há Amigos da Vida, há apenas uma quantidade de agentes duplos. O departamento de polícia de Derry tem alguém; a polícia estadual, também. E esses são só os que nós. . quer dizer, a nossa *pessoa lá*.. tem conhecimento. Diabos, o FBI também poderia estar investigando a organização. Os Amigos da Vida são eminentemente infiltráveis, Ralph, porque estão convencidos de que, no fundo, *todos* estão do seu lado.

Mas acreditamos que a nossa pessoa é a única que conseguiu chegar mais perto do núcleo, e ela diz que Dan Dalton é apenas o rabo que Ed Deepneau abana.

— Concluí isso na primeira vez em que os vi juntos no telejornal —falou Ralph.

Gretchen se levantou, recolheu as xícaras de café, levou-as para a pia e começou a lavá-las.

— Sou participante ativa do movimento feminista há treze anos, já vi muita porra-louquice, mas nunca nada parecido antes. Ele fez esses panacas acreditarem que as mulheres de Derry estão praticando abortos involuntários, que metade delas nem sabia que estava grávida até os Centuriões aparecerem à noite para levar seus bebês.

— Ele falou a vocês sobre o incinerador em Newport? — Ralph perguntou. — Que é, na realidade, um crematório de bebês?

Gretchen virou-se de olhos arregalados.

— Como é que *você* sabe disso?

— Colhi essas informações com o próprio Ed, ali, em pessoa. Foi em julho de 92. — Ele hesitou apenas um momento, mas logo lhes fez um relato do dia em que encontrara Ed no aeroporto, de como ele acusara o homem do furgão de transportar bebês mortos em barris de MATA-MATO.

Helen ouviu em silêncio, os olhos se arregalavam cada vez mais. — Ele falou do mesmo assunto no dia em que a espancou — terminou Ralph —mas tinha enfeitado consideravalmente a história àquela altura.

— Isso provavelmente explica porque se fixou em você — falou Gretchen — mas, na verdade, o porquê não faz diferença. O fato é que ele entregou aos amigos mais birutas uma lista dos chamados Centuriões. Não conhecemos todos, mas eu estou na lista, Helen está, Susan Day, é claro. . e você.

Por que eu? Ralph quase perguntou, mas em seguida reconheceu que era mais uma pergunta desnecessária. Talvez Ed o tivessse escolhido para alvo, porque ele chamara os tiras quando espancara Helen; mas, provavelmente, não havia nenhuma razão compreensível para a escolha. Ralph lembrou-se de ter lido em algum lugar que David Berkovitz — também conhecido como o Filho de Sam — dizia ter matado, em algumas ocasiões, por ordem de seu cachorro.

— Que esperam que eles tentem? — Ralph perguntou. — Agressão armada, como num filme de Chuck Norris?

Ele sorriu, mas Gretchen não respondeu.

— A coisa é que não sabemos *o que* podem tentar — disse. — A resposta mais provável é: nada. Por outro lado, Ed ou um dos outros pode resolver jogar você pela janela da cozinha. O spray é basicamente um gás lacrimejante fraco. Uma apolicezinha de seguro, é só.

— Seguro — ele falou pensativo.

— Você está em companhia muito seleta — disse Helen com um sorriso pálido. — O único outro Centurião do sexo masculino na lista, de que temos notícia, é o prefeito Cohen.

— Vocês lhe deram uma dessas? — Ralph perguntou, apanhando a lata de aerosol. Não parecia mais perigosa do que as amostras grátis de creme de barbear que recebia pelo correio de tempos em tempos.

— Não precisamos — respondeu Gretchen. Ela consultou mais uma vez o relógio. Helen viu o gesto e se levantou com a neném adormecida nos braços. — Ele tem licença para porte de arma.

— Como é que vocês sabem disso? — Ralph perguntou.

— Verificamos os registros da prefeitura — respondeu e riu. — As licenças para porte de arma encontram-se nos arquivos públicos.

— Ah. — Ocorreu-lhe uma idéia. — E Ed? Vocês verificaram? Ele tem uma?

— Não — ela afirmou. — Mas sujeitos como Ed nem sempre solici-tam porte de arma depois que ultrapassam determinados limites. . você sabe disso, não sabe?

— Sei — Ralph respondeu, levantando-se, também. — Imagino que sim. E vocês? Estão se cuidando?

— Pode apostar, Paizinho. Pode apostar.

Ele balançou a cabeça em aprovação, mas não ficou inteiramente satisfeito. Havia um toque ligeiramente condescendente na voz de Gretchen que não lhe agradou, como se considerasse a própria pergunta tola. Mas não *era* tola, e se ignorava isto, ela e seus amigos poderiam acabar tendo problemas.

Problemas sérios.

— Espero que sim — falou. — Sinceramente. Posso levar Nat até lá embaixo para você, Helen?

— É melhor não, você a acordaria. — Olhou-o solenemente. — Você carregaria esse spray por mim, Ralph? Não suporto pensar que pode vir a se machucar porque tentou me ajudar e Ed meteu alguma idéia maluca na cabeça.

— Vou pensar seriamente no caso. Está bem, assim?

— Acho que não tenho escolha. — Olhou-o atentamente, examinando seu rosto. — Você está com a aparência bem melhor desde a última vez em que o vi: voltou a dormir?

Ele riu.

— Para dizer a verdade, continuo com os meus problemas, mas *devo* estar melhorando, porque as pessoas não param de me dizer isso.

Ela ficou na ponta dos pés e beijou Ralph no canto da boca.

— Voltamos a nos falar, não? Quero dizer, vamos nos *manter* em contato.

— Farei a minha parte, se você fizer a sua, querida.

Ela sorriu.

— Pode contar comigo, Ralph; você é o Centurião de sexo masculino mais querido que conheço.

Riram tanto da resposta, que Natalie acordou, olhando-os com sono-lento espanto.

6

DEPOISDE LEVAR as mulheres até o carro (SOU PRÓ-ESCO-LHA, E *SOU ELEITORA!* dizia o adesivo no pára-choque traseiro da Ac-cord de Gretchen Tillbury), Ralph voltou lentamente para o segundo andar.

O cansaço puxava seus calcanhares para baixo como pesos invisíveis. Na cozinha, olhou primeiro para o vaso de flores, procurando ver aquela estranha e bela névoa verde que subia das hastes. Nada. Apanhou o aerosol e reexaminou o desenho na lata. Uma Mulher Ameaçada, que mantinha he-roicamente afastado o seu atacante; um Homem Mau completo com másca-

ra e chapéu desabado. Não havia nuances ali; um simples caso de vamos, seu miserável, faça a minha felicidade.

Ocorreu a Ralph que a loucura de Ed era contagiosa. Havia mulheres por toda Derry — Gretchen Tillbury e a sua meiga Helen entre elas — andando por aí com latinhas desse spray nas bolsas, e todas as latas diziam a mesma coisa: *Tenho medo. Os homens maus de máscaras e chapéus desabados chegaram a Derry e tenho medo.*

Ralph não queria contato com aquilo. Ficando nas pontas dos pés, guardou a latinha no alto do armário de cozinha, junto à pia, depois enfiou o velho blusão de couro cinzento. Iria até a área de piqueniques próxima ao aeroporto ver se conseguia arranjar uma partida de xadrez. Em caso negativo, quem sabe um joguinho de cartas. Parou à porta da cozinha, encarando fixamente as flores, tentando fazer a névoa verde aparecer. Nada aconteceu.

Mas estava ali. Você viu. Nat também viu.

Mas será que ela vira? De verdade? Os bebês viviam arregalando os olhos para as coisas, *tudo* os assombrava, então como é que ele poderia saber ao certo?

— Simplesmente sei — falou para o apartamento vazio. Correto. A névoa verde que saía das hastes das flores estivera ali, *todas* as auras estiveram ali, e...

— E *continuam* ali — acrescentou, e não sabia se devia sentir alívio ou espanto com a firmeza que percebia em sua voz.

Por ora, por que não tenta não sentir nenhuma das duas coisas, querido?

O pensamento dele, a voz de Carolyn, um bom conselho.

Ralph trancou o apartamento e saiu para a Derry dos Coroas, atrás de uma partida de xadrez.

CAPÍTULO 7

1

QUANDO RALPH ia subindo a Avenida Harris, a caminho de casa, no dia 2 de outubro, levando na mão uns livros usados de faroeste, de Elmer Kelton, que comprara na Back Pages, avistou alguém sentado nos degraus da varanda, também segurando um livro. O visitante, porém, não estava lendo; apreciava com olhar de profundo devaneio o vento quente, que soprara o dia todo, colher as folhas amarelas e douradas dos carvalhos e dos três olmeiros que sobreviviam na calçada defronte.

Ralph se aproximou, observando os cabelos finos que esvoaçavam à volta da cabeça do homem, e o jeito com que sua gordura parecia ter-se concentrado nos quadris, barriga e traseiro. Aquela volumosa seção central somada ao pescoço descarnado, ao peito estreito e às pernas finas metidas em velhas calças de flanela verde davam-lhe a aparência de alguém que usasse uma câmara de pneu por baixo das roupas. Mesmo a uns cento e cinqüenta metros de distância, não havia realmente a menor dúvida quanto à identidade do visitante: Dorrance Marstellar.

Suspirando, Ralph venceu a distância até o seu prédio. Dorrance, aparentemente hipnotizado pelas folhas coloridas que caíam, não olhou, até que a sombra de Ralph o alcançasse. Virou-se, então, esticou o pescoço e sorriu, um sorriso meigo e estranhamente vulnerável.

Faye Chapin, Don Veazie e outros componentes da velha guarda que

freqüentavam a área de piqueniques junto à pista 3 do aeroporto (e se retira-

riam para o Jackson Street Billiard quando terminasse o veranico e o tempo esfriasse) consideravam aquele sorriso apenas mais um indicador de que o velho Dor, fosse ou não leitor de poesia, era essencialmente um desmiolado.

Don Veazie, que não era nenhum modelo de sensibilidade, pegara o hábito de chamar Dorrance de Velho Chefe Cabeça Tonta, e Faye certa vez comentara com Ralph, que não era nenhuma surpresa que o velho Dor tivesse mais de noventa anos. ―Gente de cabeça oca *sempre* vive mais‖, explicara a Ralph ainda no início daquele ano. ―Porque não tem preocupações. Com isso, mantém a pressão do sangue baixa o que reduz a probabilidade de bater pino ou de queimar uma válvula.‖

Ralph, porém, não tinha muita certeza disso. Para ele, a meiguice do sorriso de Dorrance não dava a impressão de que o velho fosse um cabeça-oca; mas sim puro e, ao mesmo tempo, sábio. . uma espécie de mago Merlin caipira. Ainda assim, poderia passar sem a visita de Dor naquele dia; pela manhã batera um novo recorde, acordara a lh58min da madrugada, e sentia-se exausto. Seu único desejo era sentar na sala, beber café, e tentar ler um dos livros de faroeste que comprara no centro. Talvez mais tarde, tentasse cochilar outra vez.

— Alô — cumprimentou Dorrance. O livro que empunhava era uma brochura, *Cemetery Nights,* de autoria de um tal Stephen Dobyns.

— Olá, Dor. Que tal o livro, bom?

Dorrance olhou para o livro, como se tivesse esquecido que o segurava, sorriu e confirmou com a cabeça.

— É, muito bom. Ele compõe poemas que parecem histórias. Nem sempre gosto do gênero, mas, às vezes, gosto.

— Que ótimo. Olhe aqui, Dor, é um prazer vê-lo, mas a caminhada ladeira acima me cansou um pouco, quem sabe podíamos deixar a visita para outro d..

— Ah, tudo bem — respondeu Dorrance, erguendo-se. Envolvia-o um leve cheiro de canela que sempre fazia Ralph pensar em múmias egíp-cias protegidas por cordões de veludo vermelho, em museus sombrios. Seu rosto praticamente não tinha rugas, exceto uns minúsculos pés-de-galinha em torno dos olhos, mas sua idade era inconfundível (e um tanto alarmante): seus olhos azuis haviam desbotado para um cinza aguado de céu de abril e a pele adquirira uma claridade translúcida que lembrava a Ralph a pele de Nat. Os lábios eram frouxos e quase

lilases. Estalavam quando ele falava. —

Tudo bem, não vim visitar você; vim só lhe trazer um recado.

— Que recado? De quem?

— Não sei de *quem* — Dorrance falou, e o olhar que lançou a Ralph revelava que, em sua opinião, ou Ralph era tolo ou estava se fazendo de tolo.

— Não me meto em histórias antigas. E já *lhe* disse para fazer o mesmo, lembra-se?

Ralph *lembrava* alguma coisa, mas não sabia exatamente o quê. E pouco lhe importava. Estava cansado, e já tivera de escutar uma cansativa lengalenga de Ham Davenport sobre Susan Day. Não tinha a menor vontade de ficar fazendo rodeios com Dorrance Marstellar, por mais bonita que estivesse a manhã de sábado.

— Bem, então que tal me dar o recado e me deixar subir?

— Ah, claro, está bem, ótimo. — Mas Dorrance parou de falar, voltando a olhar para a calçada defronte, onde um novo sopro de vento arreba-tara uma espiral de folhas para o céu claro de outubro. Seus olhos pálidos se arregalaram e alguma coisa neles fez Ralph pensar outra vez em Sua Majestade a Neném, no jeito como agarrara as marcas azul-acinzentadas deixadas por seus dedos, e observara as flores chiando no vaso junto à pia. Ralph já vira Dorrance ficar acompanhando aviões decolarem e pousarem na pista 3, às vezes com a mesma expressão boquiaberta, por mais de uma hora.

— Dor? — chamou.

As pestanas ralas de Dorrance piscaram.

— Ah! Certo! O recado! O recado é... — franziu ligeiramente a testa e olhou para o livro que agora dobrava e redobrava nas mãos. Seu rosto então se iluminou e ele ergueu novamente os olhos para Ralph. — O recado é:

―Cancele a consulta‖.

Foi a vez de Ralph franzir a testa.

— Que consulta?

— Você não devia ter-se intrometido — Dorrance repetiu, então deu um grande

suspiro. — Mas agora é tarde demais. O que foi feito não pode ser desfeito. Cancele a consulta. Não deixe aquele sujeito espetar agulhas em você.

Ralph ia dando as costas para os degraus da varanda, então virou-se para Dorrance.

— Hong? Você está se referindo a *Hong?*

— Como é que vou saber? — Dorrance perguntou num tom irritado.

— Eu não me meto, já lhe disse. De vez em quando, levo um recado, só isso, como agora. Mandaram lhe dizer para cancelar a consulta com o espetador de agulhas, e foi o que fiz. O resto é com você.

Dorrance voltara a contemplar as árvores na calçada defronte, seu rosto estranho e sem rugas deixando transparecer uma leve exaltação. O forte vento de outono ondulava seus cabelos como se fossem algas. Quando Ralph tocou no seu ombro, o velho se virou de boa vontade e Ralph percebeu de repente que onde Faye Chapin e outros viam tolice talvez houvesse realmente felicidade. Se assim fosse, o engano provavelmente revelava mais sobre eles do que sobre o velho Dor.

— Dorrance?

— Que é, Ralph?

— O recado. . quem foi que mandou?

Dorrance pensou um pouco — ou talvez apenas aparentasse pensar um pouco — e em seguida estendeu o seu exemplar de *Cemetery Nights.*

— Tome.

— Não, obrigado — disse Ralph — Não gosto muito de poemas, Dor.

— Você vai gostar destes. Parecem histórias. .

Ralph refreou uma forte vontade de agarrar o velho e sacudi-lo até seus ossos chocalharem como castanholas.

— Acabei de comprar umas histórias de faroeste lá no centro, na Back Pages. O que quero saber é quem mandou o recado sobre..

Dorrance enfiou o livro de poemas na mão direita de Ralph — a que estava livre — com surpreendente energia.

— Um deles começa assim: —Cada coisa que faço, faço-a depressa, para poder fazer mais outra.‖

E antes que Ralph pudesse perguntar mais alguma coisa, o velho Dor atravessou o gramado até a calçada. Virou à esquerda, indo em direção à Extensão da Harris com o rosto voltado sonhadoramente para o céu azul, onde as folhas voavam rápidas, como se tivessem um encontro de amor mais além do horizonte.

— Dorrance! — Ralph gritou subitamente enfurecido. Do outro lado da rua, no mercadinho. Sue varria as folhas caídas do toldo diante da porta.

Ao som da voz de Ralph, ela parou e olhou curiosa. Sentindo-se tolo. . sentindo-se *velho*.. Ralph produziu o que imaginou ser um grande e animado sorriso e acenou para a moça. Sue retribuiu o aceno, retomando seu trabalho. Dorrance, enquanto isso, seguira tranqüilamente o seu caminho. Encontrava-se agora a quase meio quarteirão dali.

Ralph resolveu deixá-lo em paz.

2

ELE SUBIU os degraus da varanda, passando para a mão esquerda o livro que Dorrance lhe dera, de modo que pudesse procurar o chaveiro, mas viu que nem precisava se incomodar — a porta estava não somente destrancada como entreaberta. Ralph repreendera repetidamente McGovern por descuidar de trancar a porta da rua, e pensava que finalmente conseguira meter a idéia na cabeça dura do inquilino de baixo. Mas parecia que McGovern tivera uma recaída.

— Diabos, Bill — praguejou, penetrando na escuridão do vestíbulo e espiando nervoso para a escada. Era demasiado fácil imaginar Ed Deepneau escondido ali em cima, fosse ou não pleno dia. Contudo, não podia ficar no saguão o dia inteiro. Trancou a porta da rua e começou a subir as escadas.

Naturalmente não havia nada com que se preocupar. Assustou-se um pouco quando imaginou ter vislumbrado alguém no canto oposto da sala, mas era apenas o seu velho blusão cinzento. Na realidade, para variar, pendurara-o no cabide, ao invés de atirá-lo numa cadeira ou no braço do sofá; não admira que lhe tivesse pregado um susto.

Entrou na cozinha e, com as mãos metidas nos bolsos traseiros, parou para espiar a folhinha. Fizera um círculo em torno da segunda-feira, e no centro anotara

HONG — 10h.

Mandaram lhe dizer que cancelasse a consulta com o espetador de agulhas e foi o que fiz. O resto é com você.

Por um instante, Ralph sentiu-se tomando distância de sua vida, para poder apreciar a última parte do mural que ela pintara, ao invés de observar apenas o detalhe do hoje. O que viu assustou-o: uma estrada desconhecida corria em direção a um túnel escuro onde qualquer coisa poderia estar à espreita. Absolutamente qualquer coisa.

Então dê meia-volta, Ralph!

Mas tinha a impressão de que não podia fazer isso. Tinha a impressão de que rumava para o túnel, quisesse ou não entrar.

A sensação não era tanto a de estar sendo conduzido para o túnel, mas empurrado por mãos poderosas e invisíveis.

— Não importa — murmurou, esfregando nervosamente as têmporas com as pontas dos dedos, os olhos postos na data assinalada com um círculo na folhinha — dali a dois dias. — É a insônia. Foi quando as coisas começaram realmente a. .

Começaram realmente a *o quê?*

— A ficar esquisitas — falou para o apartamento vazio. — Foi quando as coisas começaram a ficar francamente esquisitas.

É, esquisitas. Uma porção de coisas esquisitas, e as auras que andava vendo eram as mais esquisitas. A fria luz cinzenta — à vista, parecia geada recente — avançava para o homem que lia o jornal no Day Break, Sun Down. A mãe e o filho que iam ao supermercado, as auras entrelaçadas subindo de suas mãos unidas como um rabo-de-cavalo. Helen e Nat engolfadas por lindas nuvens luminosas cor de marfim; Natalie tentando agarrar as marcas deixadas pelos dedos de Ralph em movimento, esteiras fantasmagóricas que só ela e Ralph eram capazes de ver.

E agora o velho Dor aparecia à sua porta como um excêntrico profeta do Velho Testamento. . só que, ao invés de lhe dizer para se arrepender de seus pecados, aconselhava-o a cancelar a consulta com o acupunturista que Joe Wyzer recomendara. Devia ser engraçado, mas não era.

A boca daquele túnel. Cada dia mais próxima e maior. *Haveria* mesmo um túnel? E se havia, aonde levava?

Estou mais interessado no que estaria à espreita ali, Ralph pensou. *A espreita na escuridão. Não devia ter-se intrometido,* Dorrance dissera. *Mas agora e' tarde demais.*

— O que está feito, não pode ser desfeito — Ralph murmurou, e de repente resolveu que não queria mais olhar a vida à distância; perturbava-o.

Era melhor aproximar-se outra vez e examinar um detalhe de cada vez, a começar pela consulta com o acupunturista. Iria mantê-la ou seguiria o conselho do velho Dor, a quem tinham apelidado de ―fantasma do pai de Hamlet‖?

Na realidade, não era uma pergunta que exigisse muita reflexão, Ralph concluiu. Joe Wyzer precisara passar uma cantada na secretária de Hong para lhe arranjar uma consulta no início de outubro e Ralph pretendia mantê-la. Se havia um caminho para sair desse matagal, provavelmente começava por dormir a noite inteira. E isso fazia de Hong o passo lógico seguinte.

— O que está feito não pode ser desfeito — ele repetiu, e foi para a sala ler um livro de faroeste.

No entanto, surpreendeu-se folheando o livro de poemas que Dorrance lhe dera — *Cemetery Nights,* de Stephen Dobyns. Dorrance tinha razão em dois pontos: quase todos os poemas *pareciam* histórias, e Ralph descobriu que os achava muito bons. O poema que o velho Dor citara chamava-se *Busca,* e começava assim:

Each thing I do I rush through so I can do

something else. In such a way do the days pass –

a blend of stock car racing and the never

ending building of a gothic cathedral.

Through the windows of my speeding car, I see

al that I love fal ing away: books unread,

jokes untold, landscapes unvisited. . **4**

4 Trad. livre: Cada coisa que faço, faço-a depressa para poder fazer mais outra. Assim vão passando os dias em que corridas de carangos se misturam à lenta construção de uma catedral gótica. Pela janela do meu carro de corrida, vejo tudo que amo ficar para trás; livros que não li, piadas que não contei, paisagens que não visitei...

Ralph leu o poema duas vezes, completamente absorto, pensando em lê-lo para Carolyn. Carolyn gostaria do poema, o que era bom, e gostaria ainda mais dele (que, em geral, preferia os romances históricos e de faroeste) por descobrir o poema e trazê-lo para ela como se fosse um buquê de flores. Ia mesmo se levantar à procura de um pedaço de papel para marcar a página, quando se lembrou de que fazia agora meio ano que Carolyn morrera e caiu no choro. Passou quase quinze minutos sentado na poltrona, com o livro de poemas no colo, enxugando os olhos com o punho. Finalmente foi para o quarto, deitou-se e tentou dormir. Após uma hora contemplando o teto, levantou-se, preparou uma xícara de café e sintonizou uma partida de futebol universitário na TV.

3

A BIBLIOTECA pública abria nas tardes de domingo de uma às seis; no dia seguinte à visita de Dorrance, Ralph foi até lá, principalmente porque não tinha nada melhor para fazer. Na sala de leitura de teto alto, normalmente havia um punhado de velhos como ele, a maioria folheando os jornais de domingo que agora dispunham de tempo para ler, mas, quando Ralph saiu dentre as fileiras de estantes onde passara quarenta minutos escolhendo um livro, descobriu que a sala inteira era só sua. O deslumbrante céu azul da véspera cedera lugar a uma chuva pesada que colava as folhas caídas às calçadas ou as carregava para os bueiros da rede pluvial que, em Derry, era singular e desastrosamente confusa. O vento continuava a soprar, mas agora virara para o norte o que trazia um frio cortante. As pessoas mais velhas que tinham algum juízo (ou sorte) aconchegavam-se em casa, talvez assistindo ao último jogo de outra melancólica temporada do Red Sox, tal-

vez brincando de coisas amenas com os netinhos, talvez fazendo a sesta depois de um farto almoço.

Ralph, porém, não achava graça no Red Sox, não tinha filhos nem netos, e parecia ter perdido completamente a capacidade de tirar uma sesta, se é que algum dia a possuíra. Portanto, tomara o ônibus de uma hora da Linha Verde até a biblioteca, e ei-lo ali, desejando que tivesse vestido algo mais quente do que o velho e surrado blusão cinzento — a sala de leitura estava gelada. E triste, também. A lareira estava apagada e o silêncio dos radiadores era um forte indício de que a fornalha ainda não fora acesa. A bibliotecária dos domingos tampouco se dera ao trabalho de acender as luminárias que pendiam do teto. A luz que chegava à sala parecia se extinguir no chão, e os cantos se enchiam de sombras. Os lenhadores, soldados, tam-borileiros e índios nas velhas pinturas que decoravam as paredes pareciam espíritos malignos. A chuva fria batia nas janelas, estremecendo-as em suspiros.

Eu devia ter ficado em casa, pensou Ralph, mas não acreditava muito nisso; ultimamente ficar em casa era pior. Além do mais, encontrara um interessante livro novo nas estantes que apelidara de Seção do João Pestana: *Padrões de Sono,* do Dr. James Hall. Acendeu, então, as luzes do teto, deixando a sala um pouco menos sinistra, sentou-se em uma das quatro mesas compridas, e logo foi absorvido pela leitura.

Antes de se descobrir que os sonos REM e NREM constituíam estados distintos (dizia o autor), *os estudos relativos à privação total de uma determinada fase do sono tinham conduzido à hipótese de Dement (1960), segundo a qual a privação. . causa de-sorganização da personalidade durante a vigília. .*

Cara, você acertou na mosca, pensou Ralph. *Não se consegue nem encontrar a porra de um envelope de sopa quando se quer.*

...os estudos iniciais sobre a privação do sono também levantaram estimulantes especulações sobre a possibilidade da esquizofrenia ser um distúrbio em que a privação do sonho noturno permitiu a passagem do estado onírico para o estado de vigília.

Ralph debruçou-se sobre o livro, os cotovelos apoiados na mesa, os punhos comprimindo as têmporas, a testa enrugada e as sobrancelhas juntas num aperto de concentração. Refletiu se Hall poderia estar se referindo às auras, talvez até mesmo sem saber. Só que ele *continuava* a ter sonhos, diabos

— na maioria muito vívidos. Ainda na véspera, sonhara que estava dançando com Lois Chasse no velho pavilhão de Derry (que já não existia; fora destruído há oito anos por um grande temporal que quase varrera do mapa a maior parte do centro da cidade).

Aparentemente saíra com ela com a intenção de pedi-la em casamento, mas Trigger Vachon, imaginem, insistia em interrompê-los.

Ralph esfregou os olhos com os nós dos dedos, tentou concentrar-se e recomeçou a ler. Não viu o homem de camiseta cinzenta e larga aparecer de repente à porta da sala de leitura e postar-se ali, observando-o em silêncio.

Depois de uns três minutos, o homem meteu a mão sob a camiseta (tinha estampado no peito o cachorro de Charlie Brown, Snoopy, com óculos escuros à Joe Cool) e tirou uma faca de caça de uma bainha presa ao cinto. A luz do teto refletiu na lâmina serrilhada da faca quando o homem a revirou de um lado para outro, apreciando seu gume. Então, ele se adiantou até a mesa onde Ralph se sentara com a cabeça apoiada nas mãos. Sentou-se ao lado de Ralph, que só

notou de uma maneira vaga e muito distante que havia alguém ali.

A tolerância à perda do sono varia muito com a idade do paciente. Os mais novos apresentam sintomas precoces de distúrbios e um número maior de reações físicas enquanto os mais velhos..

Uma mão apertou de leve o ombro de Ralph, desconcentrando-o da leitura.

— Que aparência será que elas têm? — uma voz extasiada murmurou ao seu ouvido, as palavras engolfadas numa onda de bacon estragado refogado lentamente em alho e manteiga rançosa. — Suas tripas, quero dizer.

Que aparência terão quando eu as espalhar pelo chão. Que acha, Centurião sem *fé,* matador de bebês? Acha que elas serão amarelas, pretas, vermelhas ou de que cor?

Uma coisa dura e pontiaguda comprimiu o lado de Ralph e foi lentamente descendo por suas costelas.

— Mal posso esperar para descobrir — murmurou a voz extasiada. —

Mal posso *esperar.*

4

RALPH VOLTOU a cabeça muito devagarinho, ouvindo os tendões de seu pescoço rangerem. Não sabia o nome do homem com mau hálito —o homem que estava enfiando uma coisa nas suas costelas que parecia demais com uma faca para não ser uma faca — mas reconheceu-o imediatamente. Os óculos com aros de tartaruga ajudaram, mas os cabelos grisalhos espetados como os de um palhaço, que lembravam ao mesmo tempo Don King e Albert Einstein, foram a característica decisiva. Era o homem que vira ao lado de Ed Deepneau no segundo plano da foto do jornal que mostrava Ham Davenport de punho erguido e Don Dalton com o cartaz de Davenport, OPÇÃO SIM, MEDO NÃO, à guisa de chapéu. Ralph achou que vira esse mesmo sujeito em reportagens de TV sobre as constantes manifestações pró e contra o aborto. Apenas um portador de cartaz, um rosto gritando na multidão; apenas um lanceiro. Só que agora parecia que esse tal lanceiro pretendia matá-lo.

— Que é que você acha? — perguntou o homem com a camiseta do Snoopy, ainda murmurando extasiadamente. O som de sua voz assustava Ralph mais do que a lâmina que deslizava lentamente para cima e para baixo sobre o seu blusão de couro, parecendo mapear os órgãos vulneráveis do lado esquerdo de seu

corpo: pulmão, coração, rins, intestinos. — De que cor?

Seu hálito era enjoativo, mas Ralph teve medo de se desviar ou de virar a cabeça, medo de que qualquer gesto pudesse fazer a faca parar de rastrear e penetrar em seu corpo. Agora recomeçava mais uma vez a subir. Por trás das grossas lentes em aros de tartaruga, os olhos castanhos do homem flutuavam como peixes exóticos. Sua expressão era desconexa e estranhamente apavorante, pensou Ralph. Os olhos de um homem que via sinais no céu e talvez ouvisse vozes cochichando no fundo do armário, tarde da noite.

— Não sei — respondeu Ralph. — Para começar, nem sei por que você iria querer me ferir. — Olhou rapidamente em volta, mas sem mexer a cabeça, na esperança de ver alguém, qualquer pessoa, mas o salão de leitura continuava vazio. Lá fora, o vento soprava com força e a chuva batia ruidosa nas janelas.

— Porra, porque você é um *Centurião!* — cuspiu o homem grisalho. —

Um porra *que mata bebês!* Um ladrão de *fetos!* Que vende a *quem dá mais!* Sei tudo sobre você!

Ralph baixou vagarosamente a mão direita da fronte. Era destro, e tudo que por acaso recolhia durante o dia ia parar no bolso direito, mais jeito-so, da roupa que estivesse usando. O velho blusão cinzento possuía grandes bolsos, mas temia que mesmo que conseguisse meter furtivamente a mão no bolso sem ser notado, o objeto mais letal que ia encontrar era uma embalagem amassada de chiclete. Duvidava que carregasse sequer um cortador de unhas.

— Foi Ed Deepneau quem lhe disse isso, não foi? — Ralph perguntou, e em seguida gemeu ao sentir a faca espetá-lo dolorosamente no ponto em que terminavam as costelas.

— Não fale o nome dele — murmurou o homem com a camiseta do Snoopy. — Não fale jamais o *nome* dele! Ladrão de criancinhas! Assassino covarde! *Centurião!* — investiu de novo com a faca e desta vez realmente doeu quando a ponta perfurou o blusão de couro. Ralph não achou que o homem o cortara, ainda não, mas estava certo de que o biruta aplicara pressão suficiente para deixar um feio hematoma. Isso, porém, não fazia mal; se escapasse dessa só com um hematoma, poderia se considerar um homem de sorte.

— Tudo bem — falou. — Não falarei o nome dele.

— Peça desculpas! — sibilou o homem com a camiseta do Snoopy, cutucando-o com a faca. Desta vez perfurou a camisa de Ralph, e ele sentiu o primeiro filete

de sangue morno escorrer pelo lado. *O que será que está sob a ponta da faca agora?* — perguntou-se. *O fígado? A vesícula? O que será que fica aí do lado esquerdo?*

Não conseguia lembrar ou não sabia. Subitamente ocorreu-lhe uma imagem que interrompia qualquer pensamento organizado — um veado pendurado de cabeça para baixo na balança de alguma loja do interior durante a temporada de caça. Os olhos vidrados, a língua pendurada e um corte escuro no ventre, que um homem com uma faca — uma faca igualzinha a esta — abrira no animal para arrancar suas entranhas, deixando apenas a cabeça, a carne e o couro.

— Sinto muito — disse Ralph com uma voz que perdera a firmeza. —

Sinceramente.

— É isso aí! Você devia sentir, mas não sente, não! Não sente *nada!*

Mais uma espetadela. Uma pontada aguda de dor. Outra quenturinha úmida escorrendo pelo lado. E de repente a sala se iluminou, como se umas três equipes de câmeras que percorriam Derry, desde que os protestos contra o aborto começaram, tivessem se aglomerado ali e ligado os refletores em cima das câmeras de VT. Não havia câmeras, é claro; as luzes tinham-se acendido dentro *dele*.

Ele se virou para o homem da faca — o homem que naquele momento espetava a faca nele — e viu que estava envolto em uma aura cambiante verde e preta, o que fez Ralph pensar em

(*fogo-fátuo*)

na fraca fosforescência que por vezes vira nos manguezais após o anoitecer. Enredavam-se na aura cipós absolutamente negros. Ele observou a aura de seu agressor com crescente desânimo, mal sentindo a ponta da faca penetrar mais uns quatro milímetros. Tinha uma consciência distante de que o sangue se acumulava na parte inferior da camisa, ao longo do cinto, mas era só.

Ele é maluco, e realmente pretende me matar — não é conversa fiada. Ainda não está pronto, não se enfureceu o suficiente, mas daqui a pouco chega lá. E se eu tentar correr — se tentar me afastar dois centímetros que seja da faca que enfiou em mim — me matará na hora. Acho que está esperando que eu resolva me mexer... e então poderá dizer a si mesmo que o provoquei, que a culpa foi minha.

— Você e outros de sua laia não são fáceis! — dizia o homem com os absurdos

cabelos de palhaço. — Sabemos tudo sobre *vocês.*

A mão de Ralph chegara ao bolso direito. . ele sentiu uma coisa meio grande que não reconheceu nem se lembrava de ter guardado ali. Não que isso fosse grande coisa; quando a pessoa já não conseguia lembrar se os últimos quatro números do telefone de informações sobre cinemas eram 1317

ou 1713, tudo era possível.

— Vocês não são fáceis! — repetiu o homem de cabelos de palhaço.

— Não são fáceis, não são nada *fáceis!* — Desta vez Ralph não demorou a sentir a dor quando o homem enterrou a faca; a ponta espalhou uma fina rede vermelha do peito até a nuca. Ele gemeu baixinho e sua mão apertou com força o bolso direito do blusão cinzento, moldando o couro à curvatura do objeto que continha.

— Não grite — disse o homem de cabelos de palhaço naquele sussurro de êxtase. — Ah, pode crer, você não vai querer fazer isso! — Seus olhos castanhos estudaram o rosto de Ralph, as lentes dos óculos os aumentavam de tal jeito que as caspinhas presas nos cílios pareciam ter o tamanho de sei-xos. Ralph podia ver a aura do homem até nos olhos; atravessava as pupilas como fumaça verde sobre águas negras. O cipoal que perpassava a luz verde agora estava mais grosso, entrelaçado, e Ralph compreendeu que, quando a faca cravasse nele, a parte da personalidade do homem que gerava aquele redemoinho negro seria a responsável por tal ato. O verde era confusão e paranóia; o preto era outra coisa. Algo

(*exógeno*)

muito pior.

— Não — ofegou. — Não vou gritar.

— Ótimo. Sinto o seu coração, sabe. Sobe pela lâmina da faca até a palma de minha mão. Deve estar batendo com força — os cantos da boca do homem se ergueram num sorriso súbito e despido de humor. Respingos de saliva prenderam-se em seus lábios. — Talvez você simplesmente des-penque e morra de ataque cardíaco, e me poupe o trabalho de matá-lo? —mais um sopro daquele hálito enjoativo bateu no rosto de Ralph. — Você é velho pra caramba.

O sangue escorria agora pelo lado aparentemente em dois filetes, talvez três. A dor da ponta da faca perfurando sua carne era de enlouquecer —um ferrão de

abelha gigante.

Ou um alfinete, pensou Ralph, e descobriu que a idéia era engraçada, apesar da fria em que se encontrava. . ou talvez por isso mesmo. Ali estava o *verdadeiro* espetador de agulhas; James Roy Hong só podia ser uma pálida imitação.

E nem pude cancelar essa consulta — pensou Ralph. Mas, por outro lado, tinha a impressão de que malucos do tipo que usava camisa do Snoopy não aceitavam cancelamentos. Malucos como esse tinham uma agenda particular e mantinham seus compromissos, chovesse ou fizesse sol.

Quaisquer que fossem as conseqüências, Ralph sabia que não poderia suportar aquela ponta de faca na carne por muito mais tempo. Usou o polegar para levantar a aba do bolso do blusão e escorregou a mão para dentro.

Soube que objeto era aquele no instante em que seus dedos o tocaram; o aerosol que Gretchen tirara da bolsa e colocara sobre a mesa da cozinha.

Um presentinho dos seus amigos agradecidos da WomanCare, dissera.

Ralph não se lembrava de como a lata saíra de cima do armário da cozinha, onde a guardara, para o bolso do seu surrado blusão de outono, mas pouco lhe importava. Sua mão segurou a lata e ele usou de novo o polegar, desta vez para soltar a tampa plástica. Enquanto fazia isso, não tirou uma única vez os olhos do rosto contraído, assustado, exultante, do homem com cabelos de palhaço.

— Eu sei uma coisa — disse Ralph. — Se você prometer não me matar, eu lhe conto.

— O quê? — indagou o homem de cabelos de palhaço. — Essa é boa, que é que um porqueira como *você* pode saber?

Que é que um porqueira como eu pode saber? — Ralph se perguntou, e a resposta veio na hora, iluminou-se em sua cabeça como as barras de prêmios em uma máquina caça-níqueis. Forçou-se a penetrar a aura verde que revolvia em torno do homem, a horrível nuvem malcheirosa que emanava de seus intestinos revoltos. Ao mesmo tempo, foi tirando a latinha do bolso, firmou-a contra a coxa, e encaixou o dedo indicador no botão que disparava o spray.

— Eu sei quem é o Rei Sanguinário — murmurou.

Os olhos por trás dos óculos sujos arregalaram-se — não apenas de surpresa, mas de choque — e o homem de cabelos de palhaço retrocedeu um pouco. Por

um instante, a terrível pressão no alto do lado esquerdo de Ralph diminuiu. Era a sua chance, a única que provavelmente teria, e ele a aproveitou, jogou o corpo para a direita, atirou-se da cadeira e rolou pelo chão. A parte posterior da cabeça bateu nos ladrilhos, mas a dor lhe pareceu distante e sem importância comparada ao alívio com a remoção da ponta da faca.

O homem com cabelos de palhaço protestou — um som em que se misturaram raiva e resignação, como se estivesse habituado a tais contratempos em sua longa e difícil vida. Curvou-se sobre a cadeira de Ralph agora vazia, o rosto tenso esticado à frente, os olhos parecendo aqueles bichos fantásticos e luminosos que vivem nas profundezas do mar. Ralph ergueu a latinha de spray e teve apenas um segundo para perceber que não tivera tempo de verificar para que lado o furo do bico estava apontando — era bem capaz de só conseguir encher a própria cara com o *Guarda-Costas.*

Mas não dava para se preocupar com isso agora.

Ele apertou o bico, quando o homem de cabelos de palhaço avançou com a faca. A cara do homem foi envolvida por uma nuvem de gotículas que lembrava o purificador de ar com cheiro de pinho que Ralph mantinha sobre a caixa de descarga do banheiro. As lentes dos óculos se embaçaram.

O resultado foi imediato — Ralph não poderia ter desejado nada melhor. O homem com cabelos de palhaço gritou de dor, largou a faca (que bateu no joelho esquerdo de Ralph e se aninhou entre suas pernas) e levou as mãos ao rosto, arrancando fora os óculos. Eles caíram sobre a mesa. Ao mesmo tempo, a aura fina e um tanto gordurosa que o envolvia soltou lampejos vermelho-vivos que, em seguida, desapareceram — pelo menos do campo de visão de Ralph.

— *Estou cego!* — berrou o homem de cabelos de palhaço com voz aguda. — Estou cego, cego!

— Não, não está, não — disse Ralph, pondo-se de pé trêmulo. — Você só...

O homem com cabelos de palhaço gritou de novo e se atirou no chão.

Rolava de um lado para o outro no piso preto e branco, cobrindo o rosto com as mãos, berrando como uma criança que tivesse prendido a mão na porta. Ralph distinguia suas bochechas por entre os dedos entreabertos e lembrou-se de fatiazinhas de torta. A pele ali ia assumindo um alarmante tom vermelho.

Ralph disse a si mesmo que largasse o homem para lá, que ele era doido de pedra e perigoso como uma cascavel, mas sentia demasiado horror e vergonha

do que fizera para aceitar esse excelente conselho. A idéia de que fora uma questão de sobrevivência, de imobilizar seu agressor ou morrer, já começara a parecer irreal. Abaixou-se e pôs a mão hesitante no braço do homem. O biruta rolou para longe dele e começou a sapatear com os tênis sujos no chão, como uma criança fazendo birra.

— *Seu sacana!* — gritava. — Você atirou uma coisa em mim! — e inacreditavelmente acrescentou: — *Vou te processar e te deixar de tanga!*

— Acho que você vai ter que explicar essa faca antes de poder levar adiante uma ação — disse Ralph. Ele viu a faca caída no chão, ia apanhá-la, mas pensou duas vezes. Seria melhor que suas impressões digitais não estivessem na arma. Ao se endireitar, sentiu uma tontura perpassar sua cabeça e, por um momento, o som da chuva batendo nas vidraças lhe pareceu abafado e distante. Ele chutou a faca para longe, pôs-se de pé com esforço e teve de se agarrar às costas da cadeira onde estivera sentado para não cair.

Recuperou a firmeza. Ouviu passos que se aproximavam da entrada principal, acompanhados de murmúrios e indagações.

Agora vocês aparecem, Ralph pensou abatido. *Onde estavam há três minutos, quando esse cara estava prestes a me furar o pulmão esquerdo como um balão?*

Mike Hanlon, esbelto e jovem apesar da cabeleira grisalha, surgiu no portal. Logo em seguida vinha um adolescente, em quem Ralph reconheceu o recepcionista de fim de semana, e mais atrás quatro ou cinco curiosos, provavelmente leitores da sala de periódicos.

— Sr. Roberts! — Mike exclamou. — Nossa, o senhor se machucou muito?

— Estou ótimo, *ele* é que se machucou — respondeu Ralph. Mas por acaso bateu os olhos em si mesmo ao indicar o homem no chão e viu que *não* estava tão ótimo. Seu blusão subira quando ele apontou, mostrando que o lado esquerdo de sua camisa xadrez estava tinto de vermelho, formando uma lágrima que começava na axila. — Merda — exclamou indistintamente, e sentou-se outra vez na cadeira. Esbarrou o cotovelo nos óculos de aros de tartaruga que deslizaram quase até a borda da mesa. As gotas presas às lentes faziam os óculos parecerem olhos cegos por cataratas.

— Ele atirou ácido em mim! — berrava o homem no chão. — Não consigo enxergar e minha pele está derretendo! Sinto ela derreter! — Ele parecia a Ralph uma paródia semiconsciente da Bruxa Má do Oeste em *O*

Mágico de Oz.

Mike deu uma olhada rápida no homem caído no chão e sentou-se numa cadeira junto a Ralph.

— Que foi que aconteceu?

— Bem, ácido não foi — disse Ralph, erguendo a latinha do *Guarda-Costas.* Descansou-a na mesa ao lado de *Padrões de Sonho.* — A senhora que me deu isso disse que não é tão forte quanto gás paralisante, apenas irrita os olhos e deixa a pessoa. .

— O que me preocupa não é o que aconteceu com *ele* — Mike interrompeu impaciente. — Uma pessoa que consegue berrar tão alto provavel-

mente não vai morrer nos próximos três minutos. É o senhor quem me preocupa, Sr. Roberts; tem alguma idéia da gravidade das facadas que recebeu?

— Ele não chegou realmente a me esfaquear — disse Ralph. — Ele..

meio que me espetou. Com aquilo. — Apontou a faca caída no chão ladrilhado. A vista da ponta vermelha, sentiu outra onda de tontura lhe atravessar a cabeça. Ela parecia um trem expresso feito de travesseiros de paina.

Era uma idiotice, é claro, não fazia o menor sentido, mas sua mente não estava primando pela sensatez.

O auxiliar da recepção observava cautelosamente o homem no chão.

— Hum, hum — exclamou. — Nós conhecemos esse cara, Mike; é o Charlie Pickering.

— Pelas barbas do profeta! — exclamou Mike. — Por que é que nem estou surpreso? — Olhou para o auxiliar de recepção e suspirou. — É melhor chamar os tiras, Justin. Parece que temos um problema aqui.

5

— ESTOU ENROLADO por ter usado isso? — Ralph perguntou uma hora mais tarde, e apontou para um dos dois sacos plásticos fechados sobre a superfície atulhada da escrivaninha no escritório de Mike Hanlon.

Uma etiqueta amarela colada na frente informava PROVA *Lata de aerosol* DATA *10/3/93* e LOCAL *Biblioteca Pública de Derry*.

— Não tanto quanto o nosso amigo Charlie vai ficar por ter usado aquilo — John Leydecker falou, apontando para o outro saco selado. Dentro dele, a faca de caça, na ponta o sangue, agora seco, escurecera. Leydecker hoje estava usando uma suéter de futebol da universidade do Maine. A roupa dava-lhe o tamanho aproximado de um curral de vacas leiteiras. — Ainda damos muito valor ao conceito de legítima defesa aqui no interior. Mas não fazemos muito alarde: seria o mesmo que declarar que acreditamos que a terra é plana.

Mike Hanlon, que estava encostado no portal, deu uma risada.

Ralph esperava que seu rosto não revelasse o profundo alívio que sentia. Enquanto um paramédico (parecia um dos caras que tinham levado Helen Deepneau para o hospital em agosto) cuidava dele — primeiro fotogra-fou as facadas, depois desinfetou-as e, por fim, aplicou um ponto falso e enfaixou Ralph — ele permaneceu sentado com os dentes cerrados, imaginando um juiz a sentenciá-lo a seis meses no xadrez municipal, por agressão com uma arma semiletal. *Temos esperanças, Sr. Roberts, de que isto sirva de exemplo e aviso a outros pés-na-cova das vizinhanças que se sintam à vontade andando por aí com latinhas de gás irritante*. .

Leydecker estudou novamente as seis fotos Polaroid dispostas ao lado do computador de Hanlon. O paramédico de cara jovem tirara as três primeiras antes de cuidar de Ralph. Mostravam um pequeno círculo escuro —parecia um desses grandes pontos que as crianças fazem quando estão aprendendo a escrever — na lateral do tronco de Ralph. Ele tirara as outras três depois de aplicar o ponto falso e pedir a Ralph que assinasse uma declaração impressa de que lhe tinham oferecido serviços hospitalares e que ele os recusara. No segundo grupo de fotos, podia-se perceber a formação de um futuro hematoma absolutamente espetacular.

— Deus abençoe Edwin Land e Richard Polaroid — disse Leydecker, enfiando as fotos em outro saco de PROVA.

— Acho que nunca existiu um Richard Polaroid — falou Mike Hanlon do portal.

— Provavelmente não, mas Deus o abençoe assim mesmo. Nenhum júri que veja essas fotos pode deixar de lhe conceder uma medalha, Ralph, e nem mesmo um ás como Clarence Darrow poderia desclassificá-las como provas. — Olhou para Mike. — Charlie Pickering!

Mike assentiu com a cabeça.

— Charlie Pickering.

— Cafajeste.

Mike concordou outra vez.

— Cafajeste de primeira.

Os dois se entreolharam solenemente e, em seguida, caíram na gargalhada. Ralph entendia exatamente o que sentiam — era engraçado porque era horrível e horrível porque era engraçado — e teve de morder os lábios furiosamente para não rir com os dois. A última coisa que queria fazer naquele momento era rir; ia sentir uma dor filha da mãe.

Leydecker puxou um lenço do bolso traseiro, enxugou as lágrimas que escorriam dos olhos e começou a recuperar a seriedade.

— Pickering é um dos participantes do Direito-à-vida, não é? — Ralph perguntou. Estava lembrando a cara de Pickering, quando o adolescente auxiliar de Hanlon o ajudara a sentar. Sem óculos, o homem lhe parecera tão perigoso quanto um coelhinho numa vitrine de loja de animais.

— Pode-se dizer que sim — Mike concordou secamente.

— É o mesmo sujeito que apanharam no ano passado, no estacionamento que serve ao hospital e à WomanCare. Carregava uma lata de gasolina na mão e uma mochila cheia de garrafas vazias às costas.

— E pedaços de pano, não esqueça — Leydecker acrescentou. — Ia usá-los como mechas. Isto na época em que Charlie era um membro respeitado do Pão-de-Cada-Dia.

— Faltou muito para ele tocar fogo na WomanCare? — Ralph perguntou curioso.

Leydecker deu de ombros.

— Muito pouco. Aparentemente alguém do grupo chegou à conclusão de que lançar coquetéis molotov na clínica feminina local talvez estivesse mais próximo do terrorismo do que da política e deu um telefonema anônimo para a polícia.

— Bem pensado — disse Mike. Soltou outra risadinha e cruzou os braços, como se quisesse refrear um novo acesso de riso.

— É — Leydecker concordou. Cruzou as mãos, esticou os braços e estalou os nós dos dedos. — Ao invés de prisão, um juiz atencioso e compreensivo mandou Charlie fazer seis meses de tratamento e terapia em Juniper Hill e lá devem ter

resolvido que Pickering estava curado, porque ele voltou à cidade desde julho, mais ou menos.

— É — continuou Mike. — Ele vem aqui praticamente todos os dias.

Assim para dar um toque diferente ao ambiente. Ele vai cercando quase todo mundo que entra e desfia aquela lengalenga de que as mulheres que fazem abortos vão sufocar em enxofre e que as muito mazinhas, como Susan Day, vão queimar para sempre em um lago de fogo. Mas não consigo imaginar por que ele se meteria com o senhor, Sr. Roberts.

— Sorte, eu acho.

— Você está bem, Ralph? — Leydecker perguntou. — Está meio pálido.

— Estou ótimo — disse Ralph, embora não se sentisse nada ótimo; na verdade, começava a sentir muita náusea.

— Não sei se está ótimo, mas que teve sorte, teve. Sorte por aquelas mulheres lhe darem a lata de gás de pimenta, sorte porque a trouxe consigo, e sorte ainda maior por Pickering não ter se aproximado pelas costas e metido aquela faca em sua nuca. Você quer ir até a delegacia agora prestar um depoimento formal ou. .

Ralph saltou bruscamente da velha cadeira giratória de Mike Hanlon, atravessou a sala de um salto, uma mão tampando a boca, a outra tateando para abrir a porta no canto direito do escritório, rezando para que não fosse um armário. Se fosse, ele provavelmente iria encher as galochas de Mike de sanduíche de queijo quente semidigerido e sopa de tomate por digerir.

Mas era o cômodo que procurava. Ralph caiu de joelhos diante do vaso sanitário e vomitou com os olhos fechados, o braço esquerdo apertando com força o furo que Pickering fizera em seu lado. Mesmo assim, quando seus músculos primeiro se contraíram e em seguida se soltaram, a dor foi enorme.

— Acho que a resposta é não — disse Mike Hanlon às suas costas e pôs a mão na nuca de Ralph para consolá-lo. — Você está bem? O furo começou a sangrar de novo?

— Acho que não — respondeu Ralph. Começou a desabotoar a camisa, então parou, e novamente comprimiu o braço com força contra o corpo, ao sentir outro espasmo no estômago que, por fim, sossegou. Ergueu o bra-

ço e deu uma espiada no curativo. Continuava imaculado. — Parece que estou

bem.

— Ótimo — disse Leydecker. Ele estava parado logo atrás bibliotecá-rio. — Você terminou?

— Acho que sim. — Ralph olhou para Mike envergonhado. — Desculpe o transtorno.

— Não seja pateta. — Mike ajudou Ralph a se levantar.

— Vamos — disse Leydecker. — Vou-lhe dar uma carona até em casa.

Amanhã teremos tempo para o depoimento. O que está precisando é ficar de pernas para o ar o resto do dia, e dormir uma boa noite de sono.

— Não há nada como uma boa noite de sono — Ralph concordou.

Tinham alcançado a porta do escritório. — Quer largar o meu braço agora, detetive Leydecker? Ainda não estamos namorando firme, estamos?

Leydecker pareceu levar um susto, mas largou o braço de Ralph. Mike recomeçou a rir.

— Não estão. . Essa é muito boa, Sr. Roberts.

Leydecker estava sorrindo.

— Acho que não, mas você pode me chamar de Jack, se quiser. Ou John. Só não pode me chamar de Johnny. Desde que minha mãe morreu, a única pessoa que me chama de Johnny é o velho Professor McGovern.

Velho Professor McGovern, pensou Ralph. *Que coisa mais estranha.*

— Muito bem; será John. E vocês dois podem me chamar de Ralph.

Para mim, *Sr. Roberts* sempre será aquela peça da Broadway estrelada por Henry Fonda.

— Negócio fechado — disse Mike Hanlon. — E cuide-se bem.

— Vou tentar — disse, e parou abruptamente. — Olhe aqui, tenho mais uma coisa a lhe agradecer, além da ajuda que me deu hoje.

Mike ergueu as sobrancelhas.

— Tem?

— Tenho. Você contratou Helen Deepneau. Gosto muito dela e estava precisando desesperadamente desse emprego. Por isso, muito obrigado.

Mike sorriu e assentiu com a cabeça.

— É um prazer aceitar seus agradecimentos, mas foi ela quem realmente me fez o favor. Na realidade, possui mais qualificações do que a fun-

ção exige, mas acho que gostaria de continuar na cidade.

— Eu também gostaria que ficasse, e você ajudou a tornar isso possível. Portanto, mais uma vez, obrigado.

Mike sorriu.

— Foi um prazer.

6

— ACHO QUE foi o favo de mel que realizou o milagre, não foi? —

Leydecker perguntou, ao saírem de trás do balcão.

Ralph, a princípio, não fez nem idéia do que o detetive grandão poderia estar-lhe perguntando — era como se tivesse falado esperanto.

— Sua insônia — esclareceu Leydecker pacientemente. — Desapareceu, certo? Deve ter desaparecido; você está um milhão de vezes melhor do que no dia em que o conheci.

— Estava um pouquinho tenso naquele dia — disse Ralph. Lembrou-se da velha piada de Billy Crystal sobre Fernando em que ele dizia: *Olhe aqui, querido, não seja bobo; o importante não é o que você sente, mas o que aparenta sentir! E*

sua aparência. . está. . MARAVILHOSA!

— E hoje você não está? Ora, Ralph, é com o Leydecker que você está falando. Vamos, conte.. foi o favo de mel?

Ralph pareceu refletir sobre o que ouvia e em seguida concordou com a cabeça.

— É, acho que deve ter sido.

— Fantástico! Eu não lhe disse? — Leydecker exclamava animado, quando saíram para a tarde chuvosa.

7

ELES AGUARDAVAM que o sinal abrisse no alto da Ladeira-Acima, quando Ralph se virou para Leydecker e perguntou quais eram as chances de acusar Ed de cumplicidade com Charlie Pickering.

— Porque foi Ed quem deu a ordem. Sei disso tão bem quanto sei que o parque Strawford fica ali adiante.

— Você provavelmente tem razão — respondeu Leydecker — mas não se engane, as chances de acusá-lo de cumplicidade são mínimas. Não seriam muito boas nem se o Promotor Municipal não fosse o conservador que é.

— Por que não?

— Primeiro, porque duvido que a gente possa expor uma ligação íntima entre os dois. Segundo, porque caras como Pickering costumam ser extremamente leais às pessoas que identificam como ―amigos‖, porque têm poucos, o mundo deles é basicamente formado de inimigos. Sob interroga-tório, não creio que Pickering vá repetir muita coisa do que disse enquanto fazia cócegas em suas costelas com a faca de caçar. Terceiro, porque Ed Deepneau não é nenhum bobo. Doido, sim, objetivamente até mais doido do que Pickering, mas não é nenhum bobo. Não vai admitir nada.

Ralph concordou com a cabeça. Tinha exatamente a mesma opinião sobre Ed.

— Se Pickering *dissesse* que Deepneau mandou procurá-lo para apagá-lo, porque você é um Centurião que rouba fetos e mata bebês, Ed apenas sorriria para nós e diria que não duvidava que o coitado do Charlie tivesse dito isso, que o coitado do Charlie talvez até *acreditasse* nisso, mas que isso não transformava o dito em verdade.

O sinal abriu. Leydecker atravessou o cruzamento, depois virou à esquerda na Avenida Harris. Os limpadores de pára-brisas batiam oscilantes.

O parque Strawford, à direita de Ralph, parecia uma miragem ondulante em meio à chuva que escorria em torrentes pela janela do seu lado.

— E o que poderíamos argumentar? — Leydecker continuou. —

Charlie Pickering tem realmente uma *longa* história de instabilidade mental.

Em matéria de manicômios, ele já fez o circuito completo: Juniper Hill, A-cadia Hospital, Bangor Mental. . se existe lugar onde haja tratamentos de choque gratuitos e camisas que abotoam nas costas, então Charlie provavelmente já esteve lá. Ultimamente sua mania favorita é o aborto. No fim dos anos sessenta, seu grilo era a líder feminista, Margaret Chase Smith. Ele escrevia cartas para todo o mundo: o departamento de polícia de Derry, a polícia estadual, o FBI, e contava que ela era espiã russa. E que tinha provas.

— Essa não, é inacreditável.

— Que nada; é a cara do Charlie Pickering, e aposto como existe uma dúzia deles em cada cidade do tamanho da nossa nos Estados Unidos. Aliás, no mundo inteiro.

Ralph escorregou a mão até o lado esquerdo e tocou o curativo quadrado. Seus dedos acompanharam a forma do esparadrapo sob a gaze. Mas não conseguia esquecer os olhos castanhos de Pickering ampliados pelas lentes — aquela expressão simultânea de êxtase e terror. Começava a achar difícil acreditar que o dono daqueles olhos quase o matara, e receava que, no dia seguinte, tudo aquilo pudesse parecer os tais sonhos que invadem a vida real de que falava o livro de James A. Hall.

— A merda, Ralph, é que um biruta como Charlie Pickering transforma-se no instrumento perfeito para uma cara como Deepneau. Agora mesmo, o nosso amiguinho espancador de mulher tem praticamente uma tonelada de desmentidos.

Leydecker virou na entrada ao lado do prédio de Ralph e estacionou atrás de um grande Oldsmobile com manchas de ferrugem na tampa do porta-malas e um adesivo muito velho no pára-choque — DUKAKIS 88.

— De quem é *esse* brontossauro? Do Professor?

— Não — respondeu Ralph. — É o meu brontossauro.

Leydecker lhe lançou um olhar incrédulo, ao estacionar o Chevrolet do departamento de polícia.

— Se você tem carro, como é que fica plantado em ponto de ônibus debaixo de temporal? O carro não anda?

— Anda — respondeu Ralph um tanto secamente, sem querer acrescentar que, talvez estivesse enganado, fazia mais de dois meses que não punha o Oldsmobile na estrada. — E eu não estava plantado debaixo do temporal; aquilo era um *abrigo* de ônibus e não uma *parada* de ônibus. Tem uma cobertura. E até um banco. Não tem TV a cabo, é verdade, mas é só esperar mais um ano.

— Ainda assim.. — Leydecker disse, olhando o Oldsmobile desconfiado.

— Passei os últimos quinze anos de minha vida pilotando uma escrivaninha, mas antes trabalhava como vendedor. Durante uns vinte e cinco anos, rodei uma média de 1.300km por semana. Quando passei a trabalhar na gráfica, já não fazia a menor questão de me sentar ao volante de um carro. E desde que minha mulher faleceu, não encontro muito motivo para dirigir. O ônibus me serve muito bem para quase tudo.

Não dissera nenhuma mentira; só não vira necessidade de acrescentar que cada vez confiava menos em seus reflexos e em sua visão reduzida. Há um ano, um garoto de uns sete anos atravessara correndo a Avenida Harris atrás de uma bola de futebol, quando Ralph estava voltando do cinema e, embora viesse dirigindo a apenas 30km por hora, aterrorizara-se durante dois intermináveis segundos com a idéia de que ia atropelar o menininho.

Não atropelara, é claro — nem mesmo chegara próximo disso, não mesmo

— mas achava que podia contar nos dedos as vezes em que dirigira o Oldsmobile desde então.

Também não vira necessidade de contar isto a John.

— Bem, seja como quiser — disse Leydecker, acenando vagamente na direção do Oldsmobile. — Que tal uma da tarde para o seu depoimento amanhã, Ralph? Venho ao meio-dia, para ver se está tudo bem. Podemos tomar um café, se quiser.

— Acho ótimo. E obrigado pela carona.

— Não foi nada. E só mais uma coisa. .

Ralph começara a abrir a porta do carro. Tornou a fechá-la e se virou para Leydecker, as sobrancelhas erguidas.

Leydecker olhou para as próprias mãos, remexeu-se sem graça ao volante, pigarreou e então tornou a erguer os olhos.

— Só queria dizer que você é uma grande figura — falou Leydecker.

— Muitos caras com menos quarenta anos do que você teriam terminado a aventura de hoje no hospital. Ou no necrotério.

— Acho que meu anjo da guarda estava de serviço — respondeu Ralph, pensando na surpresa que tivera ao perceber o que era a forma redonda no bolso do blusão.

— Bom, talvez fosse isso, mas, mesmo assim, hoje à noite você vai verificar se a porta ficou bem trancada. Está me ouvindo?

Ralph sorriu e concordou com a cabeça. Merecido ou não, o elogio de Leydecker produzira um calorzinho em seu peito.

— Vou verificar e, se conseguir que McGovern coopere, vai ficar tudo cem por cento.

Além disso, pensou, *sempre posso descer e tornar a verificar pessoalmente a fechadura quando acordar. O que deverá acontecer umas duas horas e meia depois de eu dormir, do jeito que as coisas caminham.*

— *Vai* ficar tudo cem por cento — disse LeydeCker. — Ninguém lá no meu trabalho gostou muito quando Deepneau se uniu aos Amigos da Vida, mas não vou dizer que nos surpreendemos: ele é um cara bonitão, carismático. Isto é, quando a gente o encontra em dia em que ele não andou fazendo a mulher de saco de pancada.

Ralph concordou.

— Por outro lado, já vimos caras como ele antes e sabemos que são autodestrutivos. Deepneau já iniciou o processo. Perdeu a mulher, perdeu o emprego. . você está sabendo?

— Hum-hum. Helen me contou.

— Agora está perdendo os seguidores mais moderados. Eles estão a-bandonando a esquadrilha que nem avião de caça retornando à base por falta de combustível. Mas o Ed não; ele vai prosseguir aconteça o que acon-

tecer. Imagino que ainda vá reter alguns até a palestra de Susan Day, mas depois, acho que não vai sobrar ninguém.

— Já lhe ocorreu que ele talvez tente alguma coisa na sexta-feira? Que talvez

tente ferir Susan Day?

— É claro — respondeu Leydecker. — Já ocorreu a todos nós. Sem a menor dúvida.

8

RALPH ficou felicíssimo ao encontrar, desta vez, a porta da varanda trancada. Destrancou-a apenas o tempo suficiente para entrar, e subiu pesadamente a escada do vestíbulo que esta tarde lhe pareceu mais longa e mais escura que nunca.

O apartamento lhe pareceu demasiado silencioso apesar do tamborilar incessante da chuva no telhado, e o ar, demasiado carregado de incontáveis noites de insônia. Ralph puxou uma das cadeiras da mesa da cozinha até a bancada, subiu nela e espiou em cima do armário mais próximo à pia. Era como se esperasse encontrar outra lata de *Guarda-Costas* — a lata *original,* a que ele guardara ali depois de se despedir de Helen e da amiga Gretchen —e parte de Ralph realmente esperava isso. Mas não havia nada ali, exceto um palito, um fusível de cartucho e muita poeira.

Ele desceu cautelosamente da cadeira, reparou que deixara pegadas sujas no assento, e usou uma toalha de papel para limpá-las. Em seguida, repôs a cadeira junto à mesa e foi para a sala. Parou ali, deixando os olhos correrem do sofá, com a encardida capa de flores, à poltrona, dali para a velha televisão, sobre a mesinha de carvalho, entre as duas janelas que se abriam para a Avenida Harris. Da TV, seu olhar se deslocou para o canto mais distante. Quando entrara no apartamento no dia anterior, ainda um pouquinho chateado por encontrar a porta da varanda destrancada, Ralph, por um instante, tomara seu blusão pendurado no cabide àquele canto por um intruso. Bem, não precisava se envergonhar; pensara, por um momento, que Ed tivesse decidido visitá-lo.

Mas eu nunca *penduro o blusão. Era uma das coisas que eu fazia — uma das poucas, acho — que costumava realmente irritar Carolyn. E se nunca consegui me habituar a pendurá-lo enquanto ela viveu, com toda certeza não me habituei desde que ela morreu. Não, não fui eu que pendurei o blusão.*

Ralph atravessou a sala, revirou os bolsos do blusão de couro cinzento, colocando o que encontrou em cima da televisão. Não havia nada no bolso esquerdo, a não ser uma velha embalagem de drops com fiapos de tecido presos na pastilha de cima, mas o bolso da direita era uma arca do tesouro, mesmo sem a lata de aerosol. Havia um pirulito de limão ainda na embalagem; um anúncio da Derry House of Pizza; uma pilha; uma caixinha vazia de papelão que contivera uma

torta de maçã do McDonald‘s; seu cartão de desconto do Dave‘s Video Stop, faltando apenas quatro furos para ganhar uma locação gratuita (dera o cartão como desaparecido em combate há mais de duas semanas e tinha certeza de que o perdera); uma caixa de fósforos; vários retalhos de papel de alumínio. . e um pedaço de papel dobrado, pautado em azul.

Ralph desdobrou-o e leu uma única frase, escrita numa letra de velho, desalinhada e tremida: *Cada coisa que faço, faço-a depressa para poder fazer mais outra.*

Era só o que dizia, mas era o suficiente para confirmar em seu cérebro o que seu coração já sabia: Dorrance Marstellar estava nos degraus da varanda quando Ralph voltara da Back Pages com seus livros, mas fizera outras coisas antes de se sentar para esperá-lo. Subira até o apartamento de Ralph, removera a lata de aerosol de cima da prateleira da cozinha e a guardara no bolso direito do velho blusão cinzento de Ralph. E até deixara seu cartão de visita: um verso rabiscado em um pedaço de papel, provavelmente rasgado do caderninho surrado em que, por vezes, registrava chegadas e partidas na Pista 3. Depois, ao invés de repor o blusão no lugar onde Ralph o deixara, o velho Dor pendurara-o ordeiramente no cabide. Feito isto (*o-que-está-feito-não-pode-ser-desfeito*)

voltara à varanda para esperar.

Na noite anterior, Ralph reclamara com McGovern por ter deixado a porta da varanda destrancada outra vez, e McGovern suportara a reclama-

ção com a mesma paciência com que Ralph suportara as de Carolyn quando ele largava o blusão na primeira cadeira que encontrava ao chegar, ao invés de pendurá-lo, mas agora pensava se não teria acusado Bill injustamente.

Talvez o velho Dor tivesse aberto a porta com uma chave falsa. . ou enfeiti-

çado a fechadura. Nas circunstâncias, a feitiçaria parecia mais provável. Porque...

— Porque veja bem — Ralph falou em voz baixa, recolhendo mecanicamente o lixo que espalhara em cima da TV para repô-lo nos bolsos de onde o tirara. — Não é apenas ele parecer saber que eu iria precisar da lata; sabia onde encontrá-la, e *sabia onde botá-la.*

Um arrepio ziguezagueou por suas costas e sua mente tentou reprimir tal idéia — rotulá-la de insensata, ilógica, o tipo de coisa que um paciente com insônia aguda inventaria. Talvez. Mas isso não explicava o pedaço de papel, não é?

Ele estudou novamente as palavras rabiscadas no papel pautado de azul — *Cada coisa que faço, faço-a depressa para poder fazer mais outra.* A letra era tão sua quanto *Cemetery Nights* era um livro seu.

— Só que agora é; Dor me deu — disse Ralph, e o arrepio percorreu suas costas outra vez, abrindo-se em raios como uma rachadura em pára-brisa.

E que outra explicação lhe ocorre? Aquela lata não voou para dentro de seu bolso.

Nem a folha de papel.

A sensação de estar sendo impelido por mãos invisíveis em direção às entranhas de um túnel escuro retornou. Sentindo-se como num sonho, Ralph voltou à cozinha. A caminho, despiu o blusão cinzento e atirou-o no braço do sofá, sem sequer pensar. Parou à porta algum tempo, olhou fixamente para o calendário com a estampa de dois meninos sorridentes que esculpiam uma abóbora. Olhou a data do dia seguinte, marcada por um círculo.

Cancele a consulta com o espetador de agulhas, Dorrance dissera; essa era a mensagem que hoje o espetador de facas mais ou menos enfatizara. Diabos, escrevera-a em néon.

Ralph procurou um telefone nas Páginas Amarelas e discou-o.

— Você discou para o consultório do Dr. James Roy Hong — informou uma agradável voz feminina. — No momento, não podemos atender sua ligação, por favor, deixe o seu recado após o sinal. Retornaremos sua ligação assim que possível.

A secretária eletrônica emitiu um bip. Com uma voz que o surpreendeu pela firmeza, Ralph disse:

— Aqui é Ralph Roberts. Tenho uma consulta marcada para amanhã, às dez horas. Sinto muito, mas não poderei comparecer. Aconteceu um im-previsto. Muito obrigado — fez uma pausa e acrescentou: — Naturalmente pagarei a consulta.

Fechou os olhos e repôs o fone, às apalpadelas, no gancho. Apoiou então a testa na parede.

Que é que você está fazendo, Ralph? Em nome de Deus, que acha que está fazendo?

— É longa a viagem de volta ao Paraíso, querido.

Você não pode estar pensando seriamente no que está pensando.. pode?

— ... um longo caminho, por isso não se preocupe com ninharias. Que é que você está pensando exatamente, Ralph?

Ele não sabia; não tinha a mínima idéia. Algo ligado ao destino, supunha, e a compromissos em Samarra. Só sabia com certeza que círculos de dor começavam a se espalhar a partir do furinho no lado esquerdo, o furo que o espetador de facas fizera. O paramédico lhe dera meia dúzia de analgésicos e achava que devia tomar um, mas, neste momento, sentia-se demasiado cansado até para ir à pia encher um copo d'água. . e se estava demasiado cansado para atravessar uma merdinha de cozinha, como é que um dia iria fazer a longa viagem de volta ao Paraíso?

Ralph não sabia e, por ora, não estava nem ligando. Só queria ficar parado ali, com a testa apoiada à parede e os olhos fechados para não precisar olhar para nada.

CAPÍTULO 8

1

A PRAIA era uma longa orla branca, como uma nesga de combinação de seda sob a bainha de um mar azul intenso, e achava-se totalmente vazia, exceto por um objeto a mais de sessenta metros de distância. O objeto redondo tinha o tamanho de uma bola de basquete, e encheu Ralph de um temor ao mesmo tempo profundo e — pelo menos por ora — infundado.

Não se aproxime, disse a si mesmo. *É alguma coisa ruim. Uma coisa realmente ruim. É como um cão negro uivando para uma lua que só aparece de três em três anos, como sangue na pia, como um corvo empoleirado no busto de Palas bem na entrada do quarto. Você não quer se aproximar dele, Ralph, e não precisa fazê-lo porque isto é um daqueles sonhos lúcidos de que Joe Wyzer falou. Você pode simplesmente dar meia-volta e ir embora, se quiser.*

Só que, querendo ou não, seus pés começaram a levá-lo para adiante, por isso talvez não fosse um sonho lúcido. Nem agradável, nem um pouco.

Porque quanto mais se aproximava do objeto na praia, menos ele se parecia com uma bola de basquete.

Era de longe o sonho mais real que Ralph já vivera, e o fato de saber que estava sonhando até parecia acentuar a sensação de realidade. De luci-dez. Sentia a areia fina e solta sob seus pés, morna mas não quente; ouvia o fragor das ondas ao quebrarem e se espalharem pela parte baixa da praia, onde a areia brilhava como pele morena e molhada; sentia o cheiro forte e úmido do sal e de algas que secavam, um cheiro que lhe lembrava férias de verão passadas na praia de Old Orchard, quando era criança.

Olhe aqui, amizade, se você não pode mudar este sonho, quem sabe pode apertar o botão de ejeção e saltar fora — acordar, em outras palavras, agora mesmo.

Já vencera metade da distância até o objeto na praia e não alimentava mais dúvidas quanto à sua natureza — não era uma bola de basquete, era uma cabeça. Alguém enterrara um ser humano até o queixo na areia. . e Ralph subitamente percebeu que a maré estava subindo.

Não saltou fora; antes, desandou a correr. E nisto, a crista espumosa da onda lambeu a cabeça. Ela abriu a boca e começou a gritar. Mesmo em gritos agudos, Ralph reconheceu imediatamente aquela voz. Era a voz de Carolyn.

A espuma de outra onda subiu a praia e lavou para trás os cabelos colados às faces molhadas da cabeça. Ralph começou a correr mais rápido, sabendo que certamente ia chegar tarde. A maré subia depressa. Afogaria Carolyn muito antes que ele pudesse retirar seu corpo enterrado na areia.

Você não precisa salvá-la, Ralph. Carolyn já morreu e não foi em uma praia deserta. Foi no quarto 317 do hospital Derry Home. Você a acompanhou até o fim, e o som que você ouvia não era o de ondas quebrando na praia, mas o do granizo batendo contra a janela. Lembra-se?

Lembrava-se, mas corria ainda mais rápido, levantando nuvens de areia fina à sua passagem.

Mas você não vai alcançá-la nunca; você sabe como é nos sonhos, não sabe? Cada coisa para a qual se corre vira outra coisa.

Não, o poema não era bem *assim*. . ou seria? Ralph não sabia direito. Se lembrava claramente que, no fim, o narrador fugia às cegas de alguma coisa letal

(*Espiando por cima do ombro vejo a forma*)

que o perseguia pelo mato. . perseguia-o cada vez mais de perto.

Mas ele *estava* se aproximando da forma escura na areia. Mas ela não estava virando outra coisa e, quando caiu de joelhos diante de Carolyn, compreendeu instantaneamente por que não fora capaz de reconhecer, mesmo à distância, a mulher com quem estivera casado durante quarenta e cinco anos; havia algo muito errado com sua aura. Aderia à pele como um plástico sujo de tinturaria. Quando a sombra de Ralph cobriu Carolyn, os olhos dela giraram para o alto como os de um cavalo que tivesse fraturado a perna, saltando uma cerca alta. Ela respirava em ofegos rápidos e assustados, e a cada expiração saíam jatos de aura cinza-negros de suas narinas.

O fio de balão, roto e fragmentado, que subia do alto de sua cabeça era de um roxo-negro de ferida infectada. Quando ela abriu a boca para gritar outra vez, uma substância repugnante e luminosa voou de seus lábios em fios pegajosos que desapareceram quase no mesmo instante em que os olhos de Ralph registraram sua presença.

Vou salvá-la, Carol! ele berrou. Ajoelhou-se e começou a cavar a areia em volta dela como um cachorro desenterrando um osso. . e, quando esse pensamento lhe ocorreu, percebeu que Rosalie, a vira-lata madrugadora da Avenida Harris, estava sentada cheia de tédio às costas de Carolyn, que gritava. Era como se o cachorro tivesse sido convocado pelo seu pensamento.

Rosalie, ele observou, também se achava envolta em uma imunda aura negra. Trazia o panamá desaparecido de Bill McGovern entre as patas, e parecia ter dado prazerosas dentadas no chapéu desde que se apossara dele.

Então foi aí que o diabo do chapéu foi parar, Ralph pensou, virou-se para Carolyn e começou a cavar com maior rapidez. Até ali, não conseguira livrar sequer um ombro.

Não se importe comigo! Carolyn berrou para ele. *Já estou morta, lembra-se?*

Cuidado com as pegadas do homem branco, Ralph! O...

Uma onda, verde-vítrea na base e branco-talhado na crista, quebrou a menos de três metros da praia. Correu areia acima até onde estavam, conge-

lando o saco de Ralph com a água fria e submergindo momentaneamente a cabeça de Carolyn em espuma carregada de areia. Quando a onda recuou, Ralph lançou seu próprio grito horrorizado ao indiferente céu azul. A onda que recuava fizera a Carolyn, em segundos, o que os tratamentos radiativos levaram quase um mês para realizar; arrancara seus cabelos, deixara-a careca.

E o alto da cabeça começava a estufar no ponto onde se elevava o fio de balão enegrecido.

Carolyn, não! — berrou, cavando com maior empenho. Agora a areia estava molhada e desagradavelmente pesada.

Não se importe, ela falou. Sopros cinza-negros saíam de sua boca a cada palavra, como o vapor sujo de uma chaminé industrial. *É apenas o tumor, e não é operável, por isso não perca nenhuma noite de sono com essa parte do espetáculo.*

Que diabos, é longa a viagem de volta ao Paraíso, por isso não se esquente com ninharias, certo? Mas tem que ficar de olho nas pegadas. .

Carolyn, não entendo o que está dizendo!

Sobreveio outra onda que molhou Ralph até a cintura e tornou a cobrir Carolyn. Quando a onda recuou, o inchaço no alto da cabeça de Carolyn começou a se romper.

Você vai descobrir logo, logo, Carolyn respondeu, e então o inchaço espo-cou com um ruído que lembrava um soquete batendo numa fatia de carne.

Uma névoa sangrenta invadiu o ar limpo e salino, e uma horda de insetos negros do tamanho de baratas começou a vazar de dentro da cabeça. Ralph nunca vira nada parecido — nem mesmo em sonho — e sentiu-se invadir por uma repugnância quase histérica. Teria fugido, fosse ou não Carolyn, mas ficou paralisado, demasiado chocado para mover um único dedo, quanto mais se levantar e correr.

Alguns insetos negros reentraram rapidamente pela boca de Carolyn que se abria em gritos, mas a maioria descia pela face e o ombro até a areia molhada. Aqueles olhos alienígenas e acusadores não abandonavam Ralph enquanto corriam. *Tudo isso é culpa sua,* os olhos pareciam dizer. *Você poderia ter salvado sua mulher, Ralph, e um homem melhor teria feito isso.*

Carolyn! ele gritou. Estendeu as mãos para a mulher, mas recolheu-as, aterrorizado com os insetos, que não paravam de transbordar de sua cabeça.

Atrás dela, Rosalie permanecia sentada em seu pequeno círculo de treva, olhando-o muito séria e agora segurava na boca o *chapéu* perdido de McGovern.

Um olho de Carolyn saltou fora e caiu na areia molhada, como uma colherada de geléia de uva. Os insetos projetaram-se como vômito da órbita vazia.

Carolyn! ele gritou. *Carolyn! Carolyn! Car..*

2

— . .OLYN! CAROLYN! CAR. .

Inesperadamente, no mesmo instante em que sentiu que o sonho terminava, Ralph começou a cair. Não registrou o ocorrido até bater no chão do quarto. Conseguiu amortecer a queda com a mão estendida, provavelmente salvando-se de uma feia pancada na cabeça, mas soltando um uivo de dor ao forçar o ferimento fechado com esparadrapo do lado esquerdo do corpo. No momento, pelo menos, ele mal percebeu a dor. Sentiu medo, repugnância, um terrível e doloroso pesar. . e, acima de tudo, um avassalador sentimento de gratidão. O pesadelo — sem dúvida, o pior que já tivera —terminara, e ele estava de volta ao mundo da realidade.

Afastou o paletó do pijama praticamente desabotoado, procurou manchas de sangue na atadura, não viu nenhuma, e em seguida se sentou. Esse único movimento pareceu exauri-lo; a idéia de se levantar, apenas o tempo suficiente para tornar a cair na cama, pareceu-lhe, por ora, fora de questão.

Talvez quando o coração que disparara em pânico se acalmasse um pouco.

Será que se pode morrer de pesadelo? — perguntou-se, ouvindo em respostas a voz de Joe Wyzer: *Claro que pode, embora o legista, em geral, termine escrevendo* suicídio *no quesito causa da morte*.

No abalo pós-pesadelo, sentado no chão, o braço direito abraçando os joelhos, Ralph não duvidou realmente que alguns sonhos *eram* bastante fortes para matar. Os detalhes deste começavam a se diluir agora, mas ele continuava a lembrar seu clímax com demasiada clareza; aquele som surdo, como um soquete batendo uma grossa fatia de carne, e a nojenta massa de insetos que jorrava da cabeça de Carolyn. Eram bem gordos, gordos e agitados, e por que não? Tinham se banqueteado com os miolos de sua falecida esposa.

Ralph soltou um gemido fraco e indistinto e passou a mão esquerda no rosto, provocando outra pontada sob a atadura. Retirou a palma da mão pegajosa de suor.

Com o que fora mesmo que ela dissera para ter cuidado? Caçadas de homem branco? Não — *pegadas. Pegadas* de homem branco, o que quer que fossem. Falara mais alguma coisa? Nao, talvez, não. Não se lembrava ao certo, e daí? Fora um sonho, bolas, apenas um *sonho*. Exceto no mundo fan-tasioso descrito

pelos tablóides dos jornais, os sonhos não significavam nada, nem provavam nada. Quando alguém ia dormir, sua cabeça se transformava em um caçador de pechinchas que escolhia, entre os artigos em promoção, as lembranças recentes mais insignificantes, não pelo seu valor ou mesmo utilidade, mas apenas pelo seu brilho. Então, juntava-as em colagens exóticas, que muitas vezes impressionavam, mas quase sempre faziam tanto sentido quanto a conversa de Natalie Deepneau. Rosalie, a cachorra, estivera presente e até o panamá perdido de Bill fizera uma ponta, mas tudo isso não significava nada. .exceto que amanhã à noite ele não tomaria o analgésico que o paramédico tinha-lhe dado, mesmo que lhe parecesse que seu braço ia cair. O que ele tomara durante o último telejornal não somente fizera efeito, algo com que contara, como muito provavelmente também contribuíra para causar o pesadelo.

Ralph conseguiu se erguer do chão e se sentar na borda da cama. Uma onda de tonteira se abateu sobre sua cabeça como um pára-quedas de seda, e ele fechou os olhos até a sensação passar. Enquanto permanecia sentado com a cabeça baixa e os olhos fechados, tateou à procura do abajur de cabeceira e ligou-o. Quando abriu os olhos, a área do quarto iluminada pela morna luz amarela parecia muito clara e muito real.

Olhou para o relógio ao lado do abajur. lh48min e, com ou sem analgésico, sentia-se totalmente desperto e totalmente alerta. Levantou-se, caminhou lentamente até a cozinha e pôs a chaleira no fogo. Recostou-se na bancada, massageando distraidamente a atadura sob a axila esquerda, na tentativa de aplacar o latejamento que suas mais recentes aventuras haviam provocado. Quando a chaleira fumegou, despejou água quente sobre um saquinho de Sleepytime — a marca não é uma piada? — e, em seguida, levou a xícara para a sala de estar. Largou-se na poltrona, sem se dar ao trabalho de acender a luz; as lâmpadas da rua e a fraca claridade que vinha do quarto de dormir forneciam toda a luz necessária.

Bem, pensou, *aqui estou eu outra vez, na cadeira do centro, bem na primeira fila.*

Vamos à peça.

O tempo passou, quanto tempo ele não saberia dizer, mas o latejamento sob o braço diminuíra e o chá passara de quente a morno, quando registrou um movimento pelo canto do olho. Ralph virou a cabeça, esperando ver Rosalie, mas não era Rosalie. Eram dois homens que saíam à varanda de uma casa defronte à sua, na Avenida Harris. Ralph não conseguia distinguir as cores da casa — as lâmpadas de sódio alaranjadas, que a prefeitura instalara há alguns anos, ofereciam grande visibilidade, mas tornavam a percep-

ção das cores reais quase impossível — porém dava para distinguir que a cor do ornato era radicalmente diferente do restante da casa. Isto e a localização faziam Ralph ter quase certeza de que era a casa de May Locher.

Os dois homens na varanda de May Locher eram muito baixos, provavelmente não tinham mais de um metro e vinte de altura. Pareciam envoltos por auras esverdeadas. Vestiam aventais idênticos, que lembraram a Ralph os que os atores usavam em velhos senados de TV — melodramas em preto e branco como *Ben Casey* e *Dr. Kildare*. Um deles levava alguma coisa na mão. Ralph semicerrou os olhos. Não conseguia distinguir, mas tinha uma aparência pontiaguda e ameaçadora. Não poderia afirmar sob juramento que era uma faca, mas bem poderia ser. E, poderia muito bem ser uma faca.

Seu primeiro pensamento claro e crítico sobre esta experiência é que os homens pareciam os tais alienígenas que praticavam seqüestros em filmes de OVNI's — Communion, talvez, ou *Fire in the Sky*. O segundo é que adormecera novamente, sem perceber, bem ali na poltrona.

É isso, Ralph — mais urna sessão de liquidação em marcha, provavelmente produzida pela tensão de ser esfaqueado e a merda do analgésico.

Não sentia nenhuma ameaça nas duas figuras na varanda de May Locher, além da coisa de aspecto longo e pontiagudo que um deles portava.

Ralph supôs que nem mesmo a mente adormecida poderia criar grande coisa com dois baixotes carecas, vestindo aventais brancos, que pareciam ter sobrado do elenco central. Além disso, não havia nada assustador em sua atitude — nada furtivo, nada ameaçador. Achavam-se parados na varanda como se gozassem do pleno direito de estar ali na hora mais escura e morta da madrugada. De frente um para o outro, a posição de seus corpos e enormes cabeças calvas sugeriam dois velhos amigos mantendo uma conversa sóbria e civilizada. Pareciam ponderados e inteligentes — o tipo de viajantes espaciais bem mais capazes de dizer ―Viemos em paz‖ do que de seqüestrar a pessoa, meter uma sonda em seu rabo e em seguida anotar a rea-

ção.

Está bem, então talvez esse novo sonho não seja cem por cento um pesadelo. Depois do último, você ainda se queixa?

Não, claro que não. Acabar no chão uma vez por noite era mais do que suficiente, obrigado. Mesmo assim, havia algo inquietante neste sonho; parecia real de um jeito que o sonho com Carolyn não parecera. Afinal achava-se em

sua própria sala de estar e não em alguma praia deserta e esquisita que nunca vira antes. Estava sentado na mesma poltrona em que se sentava toda madrugada, segurando na mão esquerda uma xícara de chá que agora praticamente esfriara e, quando ele levava os dedos da mão direita ao nariz, como estava fazendo agora, ainda sentia sob as unhas um cheiro fraco de sabonete.. da marca Irish Spring que gostava de usar no banho. .

De repente, Ralph levou a mão à axila esquerda e comprimiu a atadura com os dedos. A dor foi imediata e intensa. . mas os dois homenzinhos carecas de aventais brancos continuaram onde estavam, à porta de May Locher.

Não faz diferença o que você acha que sente, Ralph. Não pode fazer *diferença porque. .*

— Porra! — exclamou Ralph com a voz rouca e baixa. Levantou-se da poltrona e, ao fazê-lo, colocou a xícara na mesinha ao lado. O Sleepytime derramou-se no guia de TV que estava sobre a mesa. — Porra, *isso não é sonho!*

3

ELE CORREU da sala de estar para a cozinha, o pijama esvoaçando, os velhos chinelos gastos arrastando no chão, o lugar que Charlie Pickering atingira emitindo fisgadas quentes de dor. Agarrou uma cadeira e levou-a para o pequeno vestíbulo do apartamento. Havia um armário embutido ali.

Ralph abriu a porta, acendeu a luz interna, colocou a cadeira de modo a poder alcançar a prateleira superior do armário e subiu nela.

A prateleira era um amontoado de objetos esquecidos ou perdidos que, na maioria, tinham pertencido a Carolyn. Eram coisas pequenas, pouco mais que bugigangas, mas vê-las dissipou sua última certeza de que aquilo só podia ser um sonho. Havia um velho saco de balas M&M — o lanchinho secreto de Carolyn, seu petisco-consolo. Havia um coração de renda, um escarpin de cetim branco com o salto partido, um álbum de fotografias. Essas coisas doíam muito mais do que um furo de faca debaixo do braço, mas ele não tinha tempo para dores agora.

Ralph inclinou-se para a frente, apoiando a mão esquerda na prateleira alta e empoeirada para se equilibrar, então começou a tatear por aquela quinquilharia com a mão direita, rezando o tempo todo para a cadeira da cozinha nem pensar em escapulir sob seus pés. O ferimento na axila agora latejava barbaramente, e ele sentiu que ia fazê-lo sangrar outra vez, se não parasse logo com suas acrobacias, mas. .

Tenho certeza de que estão aqui em cima, em algum lugar.. bem. . tenho quase *certeza..*

Empurrou para o lado a caixa de iscas e o cesto de pescar. Havia uma pilha de revistas atrás do cesto. A de cima era um exemplar de *Look* com Andy Williams na capa. Ralph empurrou-as para o lado com o punho, levantando uma nuvem de poeira. O velho saco de M&M caiu no chão e rompeu-se, espalhando balas coloridas para todo lado. Ralph inclinou-se ainda mais para a frente, agora quase até ficar nas pontas dos pés. Supôs que fosse imaginação, mas achou que a cadeira de cozinha em que subira se preparava para fazer uma maldade.

Nem bem formulara este pensamento, quando a cadeira rangeu e começou a escorregar lentamente para trás no piso de madeira. Ralph não lhe deu atenção, não deu atenção ao seu ferimento que latejava, e não deu aten-

ção à voz que lhe dizia que devia parar, realmente devia, porque estava sonhando acordado, tal como dizia o livro de Hall que muitos insones acabavam fazendo, e embora aqueles homenzinhos do outro lado da rua realmente não existissem, ele podia realmente estar em pé ali nessa cadeira que escorregava lentamente, e podia realmente fraturar a bacia quando a cadeira lhe fugisse sob o corpo, e como é que ele ia explicar o que acontecera quando algum vivaldino na sala de emergências do hospital Derry Home lhe perguntasse?

Gemendo, enfiou a mão até o fundo da prateleira, afastou uma caixa da qual emergia metade de uma estrela de árvore de natal como um estranho periscópio espigoso (no movimento derrubou o escarpin sem salto no chão), e vislumbrou o que queria no canto esquerdo da prateleira: o estojo dos seus velhos binóculos Zeiss-Ikon.

Ralph desceu antes que a cadeira escorregasse inteiramente, puxou-a mais para perto do armário e tornou a subir. Não conseguiu alcançar o canto onde os binóculos se encontravam, então agarrou a rede de pescar trutas que guardara ali, fazia séculos, com as iscas e o cesto de pesca, e conseguiu enganchar o estojo na segunda tentativa. Puxou-o para si até conseguir agarrar a alça, desceu da cadeira, e aterrissou em cima do escarpin caído. Seu tornozelo torceu dolorosamente. Ralph cambaleou, abriu os braços procurando se equilibrar, e conseguiu evitar bater com a cara na parede. Ao voltar para a sala, no entanto, sentiu um calor molhado sob a atadura na axila. Afinal conseguira reabrir o ferimento. Maravilha. Apenas uma noite maravilhosa *chez* Roberts. . e quanto tempo estivera longe da janela? Não sabia, aparentemente muito tempo, e tinha certeza de que os doutorezinhos carecas já teriam partido quando chegasse à janela. A rua estaria vazia, e..

Estacou. O estojo do binóculo, balançando na ponta da alça, produzia uma longa e vagarosa sombra em forma de trapézio no chão, bem onde a luz alaranjada das lâmpadas pintara uma feia camada de cor.

Doutorezinhos carecas? Fora assim que acabara de pensar neles? É claro, porque era assim que *elas* os chamavam — as pessoas a quem tinham seqüestrado. . examinado. . operado, em alguns casos. Eram médicos espaciais, proctologistas do vasto além. Mas isso não era importante. O importante era que. .

Ed usara aquela frase, pensou Ralph. *Usara-a na noite em que me ligou para avisar que ficasse longe dele e de seus interesses. E me disse que fora um médico que lhe falara sobre o Rei Sanguinário e os Centuriões e todo o resto.*

— Foi isso — Ralph murmurou, as costas terrivelmente arrepiadas. —

É, foi isso que ele disse. ―O doutor me disse. O doutorzinho careca.‖

Quando chegou à janela, constatou que os estranhos continuavam lá, embora tivessem se transferido da varanda de May Locher para a calçada, enquanto ele caçava os binóculos. Na verdade, estavam postados diretamente sob uma daquelas lâmpadas de luz alaranjada. A sensação de que a Avenida Harris parecia um palco deserto após a última sessão noturna voltou a assaltar Ralph com uma estranha força. . mas com outro significado. Por um lado, o cenário já não se achava deserto, não é? Alguma peça sinistra pós-meia-noite começara no palco que as duas exóticas criaturas lá embaixo sem dúvida pensavam estar inteiramente vazio.

Que fariam se soubessem que havia uma platéia? Ralph se perguntou. *Que fariam comigo?*

Os doutores carecas agora se comportavam como homens que tinham praticamente chegado a um acordo. Naquele instante, nem pareciam doutores, apesar dos aventais — pareciam operários que acabavam de encerrar o turno de trabalho em uma usina ou fábrica. Os dois, obviamente amigos, tinham parado ao portão da fábrica por instantes, para terminar um assunto que não podia esperar nem o tempo de vencer um quarteirão até o bar mais próximo, mesmo sabendo que isto só levaria uns dois minutos; faltavam mais duas palavrinhas para chegarem a um acordo total.

Ralph retirou os binóculos do estojo, levou-os aos olhos, e gastou algum tempo girando o botão do foco, intrigado, até perceber que se esquecera de remover a capa das lentes. Removeu-as e tornou a erguer os binóculos. Desta vez, as duas figuras paradas sob a lâmpada entraram imediatamente em seu campo de visão,

grandes e perfeitamente iluminadas, mas borradas. Ele tornou a ajustar o botão entre os óculos, e os dois homens entraram em foco quase instantaneamente. A respiração de Ralph ficou presa na garganta.

A visão que teve foi extremamente breve; não se passaram nem três segundos quando um dos homens (se é que eram homens) acenou com a cabeça e deu uma palmada no ombro do companheiro. Os dois partiram, deixando Ralph sem ter o que ver, exceto duas carecas e costas lisas vestidas de branco. No máximo três segundos, mas Ralph viu o suficiente naquele breve lapso de tempo para se sentir profundamente inquieto.

Correra para buscar os binóculos por duas razões, ambas fundadas em sua incapacidade de continuar a acreditar que aquilo era um sonho. Primeiro, queria ter certeza de poder identificar os dois homens, se algum dia fosse chamado a fazê-lo. Segundo, (menos admissível à sua consciência, mas tão urgente quanto a outra), queria dissipar a idéia perturbadora de que estava tendo um contato imediato e particular de terceiro grau.

Ao invés de dissipar a idéia, a breve espiada através dos binóculos in-tensificou-a. Os doutorezinhos carecas, na realidade, não pareciam *ter feições.*

Tinham *caras,* é verdade — olhos, narizes, bocas — mas pareciam tão inter-cambiáveis quanto um acessório cromado de uma mesma marca e modelo de automóvel. Poderiam ser gêmeos idênticos, mas não era essa tampouco a impressão que deram a Ralph. Pareciam mais manequins de loja de departamentos, cujas perucas tivessem sido retiradas à noite, e cuja estranha semelhança não resultasse da genética mas da produção em série.

A única qualidade peculiar que conseguia isolar e nomear era a lisura extraordinária de suas peles — nenhum dos dois tinha sequer uma linha ou ruga visível. Nenhum sinal, mancha ou cicatriz tampouco, embora Ralph supusesse que talvez não se vissem tais coisas mesmo com um bom binóculo. Afora a lisura e estranha ausência de marcas na pele, todo o resto se tornava subjetivo. E sua única espiada fora tão idiotamente *breve!* Se tivesse encontrado os binóculos mais depressa, sem se atrapalhar com a cadeira e a rede de pesca, e se tivesse reparado imediatamente que não retirara as capas das lentes, ao invés de perder mais tempo procurando focalizá-las, poderia ter poupado a si mesmo parte ou até toda a inquietação que agora sentia.

Eles parecem um esboço, pensou um instante antes dos dois lhe virarem as costas. *Acho que é isto que realmente está me incomodando. Não são as cabeças carecas idênticas, os aventais brancos idênticos, nem a falta de rugas. É esse jeito de esboço — os olhos, simples círculos, as orelhas pequenas e rosadas, simples*

rabiscos a pilot, as bocas, umas duas pinceladas quase displicentes em aquarela rosa-claro. De fato eles não parecem nem gente nem alienígenas; parecem representações ingênuas de.. bem, sei lá do quê.

Só estava seguro de uma coisa: os Doutores n□1 e n□2 estavam ambos imersos em auras luminosas que, através dos binóculos, pareciam auriverdes com salpicos laranja-escuro intenso que lembravam as fagulhas que sobem de uma fogueira. Essas auras transmitiam a Ralph uma sensação de poder e vitalidade que os rostos despidos de feições e interesse não confirmavam.

Os rostos? Não tenho certeza se poderia reconhecê-los mesmo que alguém apontasse uma arma para minha cabeça. É como se tivessem sido feitos para serem esquecidos. Se continuassem carecas, é claro — não haveria problema. Mas se estivessem usando peruca e talvez *se sentassem, de modo a impedir a visão de sua pequenez? Quem sabe. . a ausência de linhas os denunciaria. . mas, por outro lado, talvez não. As auras, porém..*

aquelas auras auriverdes salpicadas de vermelho.. eu as reconheceria em qualquer lugar.

Mas há alguma coisa errada nelas, não? O que é?

A resposta saltou à mente de Ralph com a mesma rapidez e facilidade com que as duas criaturas tinham saltado à vista quando ele finalmente se lembrara de remover as capas das lentes dos binóculos. Os dois doutorezinhos estavam envoltos em auras luminosas. . mas não havia fios de balão flutuando no alto de suas carecas. Nem mesmo vestígios de fios.

Eles saíram pela Avenida Harris na direção do parque Strawford, caminhando com a descontração de dois amigos durante um passeio domini-cal. Pouco antes de abandonarem o círculo de luz projetado pela lâmpada diante da casa de May Locher, Ralph mudou o ângulo do binóculo, a fim de abranger o objeto na mão direita do Doutor n□1. Não era uma faca, conforme supusera, mas tampouco era o tipo de objeto que fazia a pessoa se sentir à vontade ao vê-lo na mão de um estranho que se afastava nas horas mortas da madrugada.

Era uma tesoura de longas lâminas de aço inoxidável.

4

AQUELA SENSAÇÃO de ser impelido continuamente em direção à boca de um túnel onde coisas desagradáveis o aguardam de tocaia assaltou-o de novo, só que agora veio acompanhada de um sentimento de pânico, pois parecia que recebera o último empurrão enquanto dormira e sonhara com a esposa morta. Alguma

coisa dentro dele queria berrar de terror, e Ralph compreendeu que, se não fizesse alguma coisa para acalmá-la imediatamente, logo estaria aos berros. Fechou os olhos e começou a inspirar profundamente, tentando visualizar um alimento diferente a cada aspiração: um tomate, uma batata, um sanduíche de sorvete, uma couve-de-bruxelas. Dr.

Jamal ensinara a Carolyn esta técnica simples de relaxamento que, muitas vezes, impedira suas dores de cabeça de atingir a pressão máxima — mesmo nas últimas seis semanas, quando o tumor se tornara incontrolável, a técni-

ca, por vezes, produzia efeito, e agora ajudava Ralph a controlar o pânico.

Seu coração foi desacelerando, e aquela sensação de que precisava berrar começou a passar.

Continuando a inspirar profundamente e a pensar

(*maçã pera fatia de torta de limão*)

em comida, ele repôs cuidadosamente as capas das lentes nos binóculos. Suas mãos ainda tremiam, mas não tanto que não pudesse usá-las. Depois de proteger as lentes e guardar os binóculos no estojo, Ralph ergueu desajeitadamente o braço esquerdo e examinou a atadura. Havia no centro um ponto vermelho do tamanho de uma aspirina, mas aparentemente não estava se espalhando. Ótimo.

Não tem nada ótimo, Ralph.

Tudo bem, mas isso não ia ajudá-lo a definir exatamente o que acontecera, ou que atitude tomar. O primeiro passo era esquecer, por enquanto, o terrível sonho com Carolyn e chegar a uma conclusão sobre o que realmente acontecera.

— Estou acordado desde a hora em que caí no chão — Ralph falou para a sala vazia. — Sei disso e sei que vi aqueles homens.

Verdade. Ele realmente os vira, e vira as auras auriverdes que os cercavam. E não era o único, tampouco. Ed Deepneau vira pelo menos um deles, também. Ralph teria apostado a fazenda nessa possibilidade, se tivesse uma fazenda para apostar. Mas saber que ele e o paranóico espancador de mulher que morava mais acima estavam vendo os mesmos homenzinhos carecas não tranqüilizava seu espírito.

E as auras, Ralph — ele não falou alguma coisa sobre elas, também?

Bem, ele não empregara exatamente aquela palavra, mas Ralph tinha quase

certeza de que ele mencionara auras no mínimo duas vezes. *Ralph, às vezes o mundo está cheio de cores.* Isto fora em agosto, pouco antes de John Leydecker tê-lo prendido por agressão doméstica, um delito leve. Então, quase um mês depois, quando telefonara para Ralph, tinha perguntado: *Você já está vendo as cores?*

Primeiro as cores, agora os doutorezinhos carecas; com certeza, o Rei Sanguinário em pessoa não tardaria muito a aparecer. E deixando tudo isso de lado, que atitude deveria tomar em relação ao que acabara de assistir?

A resposta chegou num inesperado mas bem-vindo clarão. A questão, a seu ver, não era a sua própria sanidade, nem as auras, nem os doutorezinhos carecas, mas May Locher. Ele acabara de ver dois estranhos saírem da casa da Sra. Locher de madrugada. . e um deles carregava uma arma potencialmente letal.

Ralph estendeu a mão por cima do estojo dos binóculos, apanhou o telefone e discou 911.

5

— AQUI É a Oficial Hagen. — Uma voz de mulher. — Em que posso servi-lo?

— Ouvindo-me com atenção e agindo depressa — respondeu Ralph com firmeza. O ar de vaga indecisão, que revelara com tanta freqüência desde meados do verão, agora desaparecera; sentado ereto na poltrona, com o telefone no colo, ele não parecia ter setenta, mas uns saudáveis e competentes cinqüenta e cinco anos. — A senhora talvez possa salvar a vida de uma mulher.

— O senhor poderia, por favor, me dar o seu nome e..

— Não me interrompa, por favor, Oficial Hagen — disse o homem que não era mais capaz de lembrar os últimos quatro algarismos do centro de cinema em Derry. — Acordei há algum tempo, não consegui voltar a adormecer, e decidi me sentar um pouco. Minha sala de estar tem vista para a parte alta da Avenida Harris. Acabei de ver. .

Aqui Ralph fez uma brevíssima pausa, pensando não no que vira, mas no que queria dizer à Oficial Hagen que vira. A resposta lhe ocorreu tão depressa e naturalmente quanto a decisão de ligar para o 911.

— Vi dois homens saírem de uma casa no trecho da avenida acima do mercadinho. A casa pertence a uma mulher chamada May Locher. O nome é L-O-C-H-E-R, a primeira letra é L como em Lima. A sra. Locher está muito

doente. Nunca vi esses dois homens antes — fez nova pausa, mas desta vez intencional, para obter o máximo efeito. — Um deles carregava uma tesoura na mão.

— Endereço do local? — perguntou a Oficial Hagen. Parecia bastante calma, mas Ralph percebeu que a deixara agitada.

— Não sei — respondeu. — Veja na lista telefônica, Oficial Hagen, ou diga aos policiais para procurarem a casa amarela com ornatos cor-de-rosa mais ou menos a meio quarteirão do mercadinho. Provavelmente terão que usar uma lanterna para identificá-la por causa da porcaria dessas lâmpadas alaranjadas, mas eles a encontrarão.

— Sim, senhor, tenho certeza de que encontrarão, mas ainda assim preciso do seu nome e telefone para os nossos regis. .

Ralph repôs o fone devagarinho no gancho. Ficou parado, olhando para o aparelho quase um minuto, à espera de que tocasse. Como isso não aconteceu, concluiu que ou a polícia não tinha o tal equipamento sofisticado de rastreamento que aparecia na TV em filmes sobre crimes reais, ou a oficial não o acionara. Isso era ótimo. Não resolvia o problema do que faria ou diria se eles retirassem May Locher aos pedaços de sua horrível casa amarela e rosa, mas lhe *dava* um pouquinho mais de tempo para pensar.

Lá embaixo, a Avenida Harris continuava parada e silenciosa, iluminada apenas pelas lâmpadas de alta intensidade que se enfileiravam nos dois sentidos, como um sonho surreal de perspectivas. A peça — curta, mas densa — parecia ter terminado. O palco voltara a se esvaziar. Ele..

Não, afinal não se esvaziara de todo. Rosalie emergiu, coxeando, de uma travessa entre o mercadinho e a loja de ferragens vizinha. O lenço desbotado balançava em seu pescoço. Não era quinta-feira, não havia latas de lixo na rua para Rosalie investigar, e ela percorreu rapidamente a calçada até chegar à casa de May Locher. Ali parou e baixou o focinho (quando olhava para aquele focinho comprido e até bonito, Ralph, por vezes, pensava que devia haver um collie na árvore de Rosalie).

Alguma coisa brilhava ali, reparou Ralph.

Retirou os binóculos do estojo mais uma vez e apontou-os para Rosalie. Ao fazer isso, descobriu que sua mente voltava ao dia 10 de setembro —desta vez, ao encontro com Bill e Lois na entrada do parque Strawford.

Lembrou-se do jeito como Bill passara o braço pela cintura de Lois e a conduzira rua acima; que a visão dos dois juntos fizera-o pensar em Ginger Rogers e Fred Astaire. E principalmente lembrou-se das pegadas espectrais que os dois tinham deixado ao passar. As de Lois eram cinzentas; as de Bill verde-oliva. Alucinações, pensara naqueles bons tempos, antes de começar a chamar a atenção de birutas como Charlie Pickering e de ver doutorezinhos carecas no meio da noite.

Rosalie estava farejando uma pegada semelhante. Era do mesmo auriverde das auras que envolviam o Dr. Careca n□1 e o Dr. Careca n□2. Ralph desviou lentamente os binóculos do cachorro e viu mais pegadas, que formavam dois conjuntos e desciam pela calçada na direção do parque. Estavam-se apagando — quase podia vê-las se apagarem enquanto as observava

— mas estavam ali.

Ralph voltou os binóculos para Rosalie, sentindo uma repentina onda de afeto pela velha vira-lata sarnenta.. e por que não? Se precisasse de uma prova decisiva e absoluta de que realmente vira as coisas que *pensava* ter visto, Rosalie era a prova.

Se Natalie estivesse ali, ela as veria também, pensou Ralph. . e então todas as suas dúvidas tentaram retornar em atropelo por essa brecha. Será que veria?

Será que veria mesmo? Ele achava que vira a neném agarrar as auras descoloridas deixadas por seus dedos, e tinha certeza de que a vira boquiaberta diante da fumaça verde fantasmagórica que saía das flores na cozinha, mas como podia ter certeza? Como é que alguém podia ter certeza daquilo que uma neném olhava ou tentava pegar?

Mas Rosalie.. olha só, ali embaixo, está vendo?

O único problema, Ralph percebia, é que ele não vira as pegadas até Rosalie começar a farejar a calçada. Talvez ela estivesse farejando os fascinantes vestígios da entrada de um carteiro, e o que ele via fosse apenas uma criação de sua mente cansada e carente de sono.. como aqueles doutorezinhos carecas.

No campo ampliado dos binóculos, Rosalie agora começava a descer a Avenida Harris com o focinho colado à calçada e a cauda rala balançando lentamente de um lado para o outro.

Ia das pegadas auriverdes feitas pelo Dr. n□1 para as do Dr. n□2 e de volta ao rastro do Dr. n□1.

Então, por que não me diz agora o que aquela cachorra vira-lata está seguindo, Ralph? Você acha possível um cachorro rastrear a porra de uma alucinação? Não é alucinação; são pegadas. Pegadas de verdade. *As pegadas do homem branco com as quais Carolyn lhe disse que tivesse cuidado. Você sabe disso. Você* está vendo *isso.*

— Mas é uma loucura — disse a si mesmo. — Loucura!

Mas será que era? Realmente? O sonho poderia ter sido mais do que um sonho. Se a tal hiper-realidade existia — e ele agora podia testemunhar que existia — quem sabe a tal premonição existia, também? Ou fantasmas que apareciam em sonhos e anunciavam o futuro? Quem sabia? Era como se se entreabrisse uma porta no muro da realidade. . e agora todo tipo de coisa indesejável atravessasse de lá para cá.

De uma coisa tinha certeza: as pegadas *estavam* realmente ali. Ele as via, Rosalie as cheirava, era o que bastava. Ralph descobrira muitas coisas estranhas e interessantes nesses seis meses de despertar prematuro, e uma delas era que a capacidade humana para se enganar parecia atingir a maré mais baixa entre três e seis horas da madrugada, e agora eram. .

Ralph curvou-se para a frente para consultar o relógio na parede da cozinha. Passava um pouquinho das três e meia. Hum-hum.

Ergueu os binóculos de novo e viu que Rosalie continuava seguindo o rastro dos doutores carecas. Se alguém viesse caminhando pela Avenida Harris naquele instante — o que era pouco provável, devido à hora, mas não impossível — veria apenas um cachorro vira-lata com o pêlo sujo, farejando a calçada à maneira errante dos cachorros que não foram treinados, os cachorros sem dono do mundo inteiro. Mas Ralph podia ver *o que* Rosalie farejava e finalmente permitiu-se acreditar nos próprios olhos. Era uma permissão que ele poderia revogar quando o sol nascesse, mas, por ora, Ralph sabia exatamente o que estava vendo.

A cabeça de Rosalie ergueu-se de repente. Suas orelhas se esticaram para a frente. Por um momento, ela pareceu quase bela, a beleza de um cão que aponta a caça. Então, pouco antes dos faróis de um carro que se aproximava do cruzamento da Avenida Harris com a rua Witcham inundarem a rua, ela refez o caminho pelo qual viera, correndo daquele jeito manco e torto que dava pena a Ralph. Pensando bem, quem era Rosalie senão mais uma Coroa da Avenida Harris, uma que sequer tinha o consolo de jogar uma partida ocasional de buraco ou de pôquer a um centavo a parada com outros de sua espécie? A cachorra embarafustou pela travessa entre o mercadinho e a loja de ferragens um instante antes da radiopatrulha do município virar a esquina e subir lentamente a rua.

Vinha com a sirene desligada, mas as luzes giratórias, não. Elas coloriram as casas adormecidas e as pe-

quenas lojas de comércio, que se enfileiravam nesta parte da Avenida Harris, alternando lampejos de luz vermelha e azul.

Ralph descansou os binóculos no colo e se inclinou para a frente na poltrona, os braços apoiados nas coxas, observando com atenção. Seu cora-

ção batia forte o bastante para fazê-lo sentir as têmporas pulsarem.

A radiopatrulha diminuiu ao máximo a velocidade, quando passou pelo mercadinho. O farol de milha instalado do lado direito acendeu-se, e o facho de luz começou a deslizar pelas fachadas das casas silenciosas no último trecho da rua.

Deslizava também pelos números das casas afixados ao lado das portas ou nas colunas das varandas. Quando iluminou o número da casa de May Locher (86, Ralph viu e não precisou dos binóculos para tanto), as luzes traseiras da radiopatrulha piscaram e o carro parou.

Dois policiais fardados saltaram e tomaram o caminho que levava à casa, indiferentes ao homem que os observava de uma janela escura de um primeiro andar defronte e às pegadas auriverdes já desbotadas que pisavam.

Eles conversaram algum tempo, e Ralph ergueu novamente os binóculos para vê-los mais de perto. Tinha quase certeza de que o mais jovem dos dois era o policial que acompanhara Leydecker à casa de Ed no dia em que o haviam prendido. Knoll? Era esse o nome?

— Não — Ralph murmurou. — Nell. Chris Nell. Ou talvez fosse Jess.

Nell e seu companheiro pareciam travar uma séria discussão — muito mais séria do que a que os doutorezinhos carecas tiveram antes de partir.

Terminou com os tiras sacando as armas dos coldres e subindo os degraus estreitos da varanda de May Locher, em fila indiana, com Nell à frente. Ele apertou a campainha, aguardou, tornou a apertá-la. Desta vez, descansou o dedo no botão bem uns cinco segundos. Aguardaram mais um pouco, e então o segundo tira passou à frente de Nell e fez sua própria tentativa com a campainha.

Talvez aquele conheça A Arte Secreta de Apertar Campainhas, pensou Ralph.

Provavelmente aprendeu-a respondendo a um anúncio dos rosa-cruzes.

Se foi assim, desta vez a técnica não surtiu efeito. Continuavam sem resposta, o que para Ralph não foi surpresa. Mesmo abstraindo-se dos estranhos carecas, ele duvidava que May Locher pudesse sair da cama.

Mas se está confinada à cama, talvez tenha uma acompanhante, alguém para lhe servir as refeições, ajudá-la a chegar ao banheiro ou lhe trazer a comadre. .

Chris Nell — ou, quem sabe, Jess — tomou a dianteira de novo. Desta vez, desistiu da campainha e optou pela velha técnica de bater na porta e mandar abrir em nome da lei.

Para isso usou a mão esquerda fechada. Continuava a empunhar a arma com a direita, o cano apoiado contra a perna das calças do uniforme.

Uma imagem terrível, tão clara e persuasiva quanto as auras que andara vendo, inesperadamente assaltou a mente de Ralph. Ele viu uma mulher deitada na cama, com uma máscara plástica de oxigênio cobrindo-lhe a boca e o nariz. Acima da máscara, seus olhos vidrados saltavam cegos das órbitas.

Abaixo, a garganta fora aberta com um corte largo e irregular. As roupas de cama e o peito da camisola da mulher estavam encharcados de sangue. Não muito longe, caído de borco no chão, havia o cadáver de outra mulher — a acompanhante. Subindo pelas costas de sua camisola de flanela, havia meia dúzia de ferimentos, abertos pelas pontas da tesoura do Dr. n□1. E Ralph sabia que se erguesse a camisola para examinar melhor, cada um deles seria muito semelhante ao que tinha sob o seu próprio braço.. como o enorme ponto que as crianças fazem quando estão aprendendo a escrever.

Ralph experimentou piscar para fazer desaparecer a visão macabra.

Mas ela não desapareceu. Sentiu uma dor surda nas mãos e viu que as mantinha fechadas com força; tinha as unhas cravadas nas palmas. Obrigou as mãos a se abrirem e chapou-as contra as coxas. Agora, mentalmente, viu a mulher de camisola rosa se contrair de leve — ela ainda estava viva. Mas talvez por pouco tempo. Certamente por pouco tempo, a não ser que esses dois patetas decidissem tentar uma providência mais eficaz do que se posta-rem na varanda e se revezarem batendo à porta ou tocando a campainha.

— Vamos, caras — disse Ralph, apertando as coxas. — Vamos, vamos, que tal andarem logo com isso?

Você sabe que as coisas que está vendo são fruto de sua imaginação, não sabe? — ele se perguntou constrangido. *Quero dizer, talvez haja duas mulheres mortas ali,*

claro, talvez *haja, mas você não* sabe *disso, certo? Não é como as auras, ou as pegadas.* .

Não, não era como as auras ou as pegadas, sim, *sabia* disso. E também sabia que ninguém estava atendendo à porta lá no 86 da Avenida Harris, o que não era um bom augúrio para a velha colega de Bill McGovern em Cardville. Ele não vira sangue na tesoura que o Dr. n□ 1 levava na mão, mas dada a duvidosa qualidade dos velhos binóculos Zeiss-Ikon, isso não provava muita coisa. Além do mais, o cara poderia tê-la limpado antes de deixar a casa. Mal o pensamento cruzara a cabeça de Ralph e sua imaginação já acrescentara uma toalha ensangüentada ao lado da morta de camisola rosa.

— *Vamos,* vocês dois! — Ralph exclamou em voz baixa. — Caramba, vocês vão ficar aí parados a *noite* inteira?

Mais faróis inundaram a Avenida Harris. Os últimos pertenciam a um Ford sedan, sem marcas de identificação, que trazia um pisca-pisca vermelho no painel do carro. O homem que desembarcou estava à paisana — blusão de popeline cinza e gorro de tricô azul. Ralph alimentara uma momentânea esperança de que o carro trouxesse John Leydecker, embora Leydecker lhe tivesse dito que não apareceria antes do meio-dia, mas ele não precisou de binóculos para se certificar de que não era ele. Este homem era bem mais magro e tinha um bigode escuro. O tira n□2 veio ao encontro dele, enquanto Chris ou Jess Nell contornava a casa da Sra. Locher.

Seguiu-se uma dessas pausas que os diretores de filmes convenientemente suprimem. O tira n□2 guardou a arma no coldre. Ele e o detetive recém-chegado se postaram ao pé da varanda da Sra. Locher, aparentando conversar e vigiar de relance a porta fechada. Em certo momento, o tira fardado deu uns passos na direção que Nell tomara. O detetive esticou a mão, agarrou-o pelo braço e o reteve. Conversaram mais um pouco. Ralph agarrou as coxas com mais força e puxou um pigarrinho frustrado da garganta.

Passaram-se alguns minutos e, então, tudo aconteceu de repente daquela maneira confusa, superposta, inconclusiva que costumam assumir as situações de emergência. Chegou mais um carro de polícia (a casa da Sra.

Locher e suas vizinhas à direita e à esquerda achavam-se agora banhadas por raios conflitantes de luzes vermelhas e amarelas). Mais dois tiras fardados saltaram, abriram a mala do carro, e retiraram uma volumosa engenhoca que pareceu a Ralph um instrumento de tortura portátil. Acreditava que era um equipamento conhecido pelo nome de ―presas da vida‖. Depois de uma violenta

tempestade na primavera de 1985, que provocara a morte de mais de duzentas pessoas — muitas das quais ficaram presas em carros e se afoga-ram — os escolares de Derry tinham feito uma campanha para comprar uma dessas presas.

Quando os dois novos tiras cruzavam a calçada carregando as ―presas da vida‖, a porta de entrada da casa vizinha à da Sra. Locher se abriu e os Eberlys, Stan e Georgina, chegaram à varanda de roupões. Os cabelos grisalhos de Stan espetavam-se em mechas desgrenhadas que lembraram a Ralph Charlie Pickering. Ergueu os binóculos, examinou brevemente aqueles rostos curiosos e excitados, e tornou a descansá-los no colo.

O próximo veículo a aparecer foi uma ambulância do Derry Home.

Como os carros da polícia que chegaram, trazia a sirene desligada em respeito à hora, mas era equipado com uma bateria de luzes estroboscópicas vermelhas que piscavam freneticamente no teto. A Ralph, os acontecimentos do lado oposto da rua pareciam uma cena dos seus queridos filmes de Dirty Harry, só que a trilha sonora fora desligada.

Os dois tiras levaram as ―presas da vida‖ até a metade do gramado e as descarregaram ali. O detetive de blusão e gorro virou-se para os dois e ergueu as mãos ao nível dos ombros com as palmas estendidas como se perguntasse *Que acharam que iam fazer com* essa *coisa? Botar a merda da porta abaixo?*

No mesmo instante, o Oficial Nell regressou de sua inspeção à volta da casa. Sacudia a cabeça.

O detetive de gorro girou abruptamente, passou por Nell e seu companheiro, subiu as escadas, levantou um pé, e arrombou com um pontapé a porta de entrada de May Locher. Parou para abrir o blusão, provavelmente para ter livre acesso à sua arma, e em seguida entrou sem olhar para trás.

Ralph teve vontade de bater palmas.

Nell e o companheiro se entreolharam inseguros, em seguida subiram a escada e entraram atrás do detetive. Ralph curvou-se mais um pouco na poltrona, agora suficientemente próximo à janela para suas narinas produzi-rem rosinhas de vapor na vidraça. Três homens, as calças brancas de hospital tingidas de laranja pelas lâmpadas de alta intensidade, desembarcaram da ambulância. Um deles abriu as portas traseiras e em seguida os três se postaram ali, as mãos nos bolsos dos jalecos, esperando serem requisitados. Os dois tiras que haviam carregado as ―presas da vida‖ até a metade do gramado da Sra. Locher se entreolharam,

ergueram o equipamento e começaram a transportá-lo de volta ao seu carro. Deixaram grandes torrões de terra re-volvidos no gramado, onde haviam descarregado as ―presas‖.

Só peço a Deus que ela esteja bem, pensou Ralph. *Só peço que ela — e quem estava com ela na casa — estejam bem.*

O detetive apareceu de novo à porta, e Ralph sentiu um aperto no coração, quando ele fez sinal aos homens parados à traseira da ambulância.

Dois deles retiraram a maca com rodas retráteis; o terceiro continuou onde estava. Os homens com a maca saíram em passos enérgicos pelo caminho e entraram na casa, mas sem correr e, quando o servente que ficou para trás puxou um maço e acendeu um cigarro, Ralph soube — repentina e completamente, sem nenhuma dúvida — que May Locher estava morta.

6

STAN E GEORGIANA EBERLY chegaram até a pequena cerca viva que separava seu jardim do da Sra. Locher. Tinham passado o braço pela cintura um do outro e lembraram a Ralph os gêmeos Bobbsey, numa versão idosa, gorda e assustada.

Outros vizinhos também foram surgindo, despertados pela silenciosa convergência de luzes de emergência ou pela rede telefônica que já começara a funcionar nesse pedacinho da Avenida Harris. A maioria das pessoas que Ralph viu eram velhas, (―Nós, da Idade de Ouro‖, Bill McGOVern gostava de chamá-los. . sempre arqueando satírica e levemente a sobrancelha, é claro), homens e mulheres cujo sono era, na melhor das hipóteses, *frágil* e facilmente interrompível. De repente compreendeu que Ed, Helen e Natalie tinham sido as pessoas mais jovens dali até a Extensão da Harris. . e agora os Deepneaus haviam partido.

Eu poderia descer também, pensou. *Não destoaria dos outros. Apenas mais um dos sobreviventes da Idade de Ouro, como diz Bill.*

Só que não podia. Sentia as pernas como se fossem fardos de saquinhos de chá presos por fios levemente retorcidos, e tinha quase certeza de que se tentasse levantar, elas desabariam molemente no chão. Continuou sentado observando-os da janela, assistindo à peça que se desenrolava no palco, antes sempre vazio a esta hora. . isto é, exceto pelo ocasional passeio de Rosalie. Era uma peça que ele próprio produzira, com um simples tele-

fonema anônimo. Acompanhou com os olhos os serventes reaparecerem, desta vez caminhando lentamente por causa da figura envolta em um lençol e amarrada à maca. Raios conflitantes de luz azul e vermelha lampejavam no lençol e nas formas das pernas, quadris, braços, pescoço e cabeça que ele ocultava.

Ralph repentinamente mergulhou outra vez em seu sonho. Viu sua mulher sob o lençol — não May Locher, mas Carolyn Roberts, e sabia que, a qualquer momento, sua cabeça se abriria e os insetos negros, cevados com a carne de seu cérebro doente, começariam a vazar aos borbotões.

Ralph levou os pulsos aos olhos. Deixou escapar um gemido — um som inarticulado de mágoa, raiva, horror e cansaço. Continuou sentado assim durante um longo tempo, desejando que nunca tivesse visto nada, aca-lentando a cega esperança de que se *havia* realmente um túnel, afinal não o obrigassem a entrar. As auras eram estranhas e belas, mas não apresentavam beleza suficiente para compensar um único momento daquele sonho horrível em que descobrira sua mulher enterrada abaixo da linha da maré alta, nem beleza suficiente para compensar a horrível monotonia de suas noites de vigília ou a visão daquela figura sob o lençol que retiravam da casa defronte.

Sentia mais que um simples desejo de ver a peça terminada; sentado ali, os pulsos comprimindo as pálpebras fechadas, ele desejava que *tudo* terminasse — tudo. Pela primeira vez em vinte e cinco mil dias de vida, Ralph Roberts viu-se desejando a morte.

CAPÍTULO 9

1

HAVIA um cartaz de cinema, provavelmente comprado em uma das lojas de vídeo por uns três dólares, na parede do cubículo que servia de escritório ao detetive John Leydecker. Mostrava o elefantinho Dumbo voando com suas orelhas mágicas esticadas. Uma foto do rosto de Susan Day fora colada em cima da cara de Dumbo, cuidadosamente recortada de modo a permitir a passagem da tromba. Na paisagem de desenho animado abaixo, alguém desenhara um poste com uma placa em que se lia DERRY 250.

— Ah, que gracinha — comentou Ralph.

Leydecker deu uma risada.

— Não é politicamente muito correto, não é?

— Acho que você está sendo modesto — respondeu Ralph, imaginando como Carolyn teria entendido o cartaz, aliás, imaginando como Helen o teria entendido. Era uma e quarenta e cinco de uma tarde de segunda-feira, nublada e fria, e ele e Leydecker tinham acabado de chegar do tribunal municipal de Derry, ali defronte, onde Ralph prestara depoimento sobre o seu encontro com Charlie Pickering no dia anterior. Fora interrogado por um promotor-assistente que lhe dera a impressão de que, dentro de mais dois anos, estaria em idade de começar a se barbear.

Leydecker o acompanhara conforme prometera, sentado a um canto do escritório do promotor municipal, sem dizer uma palavra. Sua promessa de pagar uma xícara de café para Ralph afinal fora apenas uma figura de lin-

guagem — a beberagem de mau aspecto saíra de uma máquina instalada a um canto da atravancada sala comum no segundo andar da central de polícia. Ralph provou o café cautelosamente e ficou aliviado ao descobrir que o gosto era um pouco melhor do que o aspecto.

— Açúcar? Creme? — Leydecker perguntou. — Arma para explodi-lo com um tiro?

Ralph sorriu e balançou negativamente a cabeça.

— Está bom.. embora provavelmente seja um erro confiar no meu julgamento. Reduzi para duas xícaras por dia no verão passado e agora sempre acho qualquer café bom.

— É como eu com os meus cigarros: quanto menos fumo, melhor sabor eles têm. O pecado é uma meretriz. — Leydecker puxou seu tubinho de palitos, sacudiu-o para extrair um e meteu-o no canto da boca. Descansou a xícara em cima do terminal de computador, foi até onde estava o cartaz do Dumbo, e começou a retirar as tachinhas que o prendiam nos cantos.

— Não faça isso por mim — disse Ralph. — É o *seu* escritório.

— Errado. — Leydecker retirou do cartaz a foto caprichosamente recortada de Susan, amassou-a, atirou-a na cesta de papéis e começou a enrolar o cartaz num canudo apertado.

— Não? Então como é que o seu nome está na porta?

— É o meu nome, mas o escritório pertence a você e aos seus colegas contribuintes, Ralph. E a qualquer idiota da imprensa que apareça por aqui com

uma minicâmera também, e se esse cartaz aparecesse no telejornal do meio-dia, minha vida ia virar um calvário. Esqueci de retirá-lo quando saí na sexta-feira à noite e passei a maior parte do fim de semana de folga, coisa muito rara por aqui, devo dizer.

— Mas não foi você que pendurou o cartaz, imagino. — Ralph retirou alguns papéis da segunda cadeira do minúsculo escritório e se sentou.

— Não. Meia dúzia de colegas me ofereceram uma festinha na sexta à tarde. Completa, com bolo, sorvete e presentes. — Leydecker revolveu a mesa e encontrou um elástico. Passou-o em volta do cartaz para mantê-lo enrolado, espiou Ralph pelo canudo com um olhar risonho, e em seguida atirou-o na cesta de papéis.

— Ganhei um conjunto daquelas calcinhas com os dias da semana, com os fundilhos cortados, uma lata de desodorante vaginal com aroma de morango, um pacote de informações antiaborto dos Amigos da Vida, que incluía uma revista em quadrinhos chamada *A gravidez indesejada de Denise,* e aquele cartaz.

— Acho que não *foi* uma festa de aniversário, ou foi?

— Não. — Leydecker estalou as juntas dos dedos e suspirou para o teto. — A rapaziada estava comemorando minha nomeação para uma missão especial.

Ralph distinguia fracos lampejos de aura azul em torno do rosto e dos ombros de Leydecker, mas, neste caso, não precisou interpretá-los.

— É a Susan Day, não é? Você foi designado para a missão de protegê-la enquanto estiver na cidade.

— Na mosca. Naturalmente a polícia estadual vai estar por perto, mas, numa situação dessas, eles se preocupam mais com o controle do tráfego.

Talvez haja agentes do FBI, também, mas só sabem ficar nos bastidores, tirar fotografias, e se identificarem uns para os outros com sinais secretos.

— Ela tem seguranças pessoais, não tem?

— Tem. Mas não sei quantos, nem se são bons. Falei com o chefe hoje pela manhã e ele me pareceu ser pelo menos coerente, mas temos que acrescentar também os nossos. Cinco, pelas ordens que recebi na sexta-feira.

Ou seja, eu e mais quatro caras que vão se apresentar como voluntários, quando eu mandar. O objetivo é.. espere aí.. você vai gostar dessa. . —

Leydecker procurou entre os papéis sobre a escrivaninha, encontrou o que procurava, e leu-o. — ―. . é manter uma forte presença e alta visibilidade‖.

Ele largou o papel na mesa e sorriu para Ralph. O sorriso não expressava muito humor.

— Em outras palavras, se alguém tentar atirar na sacana ou jogar um xampu de ácido nela, queremos que Lisette Benson e os outros idiotas pelo menos registrem o fato de que estávamos lá. — Leydecker olhou para o canudo encostado na cesta de papéis e esticou o dedo médio da mão fechada.

— Como é que você pode detestar assim alguém que nunca viu na vida?

— Eu não a *detesto,* Ralph; porra, eu a *odeio*. Olhe aqui: sou católico, minha querida mãe era católica, meus filhos, se algum dia os tiver, vão ser coroinhas na igreja de São José. É legal... É legal ser católico. Hoje em dia, você já pode até comer carne às sextas-feiras. Mas se acha que, por ser católico, sou a favor de tornar o aborto ilegal novamente, está falando com a pessoa errada. Sabe, sou o tipo de católico que questiona os caras que batem nos filhos com mangueira de jardim ou empurram eles escada abaixo, depois de passarem a noite enchendo a cara com um bom uísque irlandês e se enternecendo com recordações da mamãe.

Leydecker meteu a mão dentro da camisa e puxou uma medalhinha de ouro. Colocou-a sobre os dedos e mostrou-a a Ralph.

— Maria, mãe de Jesus. Uso desde os treze anos. Há cinco anos prendi um homem que usava uma igualzinha. Tinha acabado de escaldar o enteado de dois anos. Estou lhe contando uma história verdadeira. O cara pôs no fogo um grande caldeirão com água e, quando ela ferveu, agarrou o garoto pelos tornozelos e meteu-o no caldeirão como se fosse uma lagosta. Por quê? Porque o garoto não queria parar de molhar a cama, foi o que nos contou. Vi o corpo, e vou lhe dizer uma coisa, depois de se ver aquilo, as fotos de abortos a vácuo que os babacas do Direito-à-vida gostam de mostrar são café pequeno.

A voz de Leydecker adquirira um ligeiro tremor.

— O que lembro mais nitidamente é como o cara chorava, segurava a medalha de Maria que trazia ao pescoço e dizia que queria se confessar. Vou lhe contar, Ralph, senti orgulho de ser católico.. e, quanto ao Papa, acho que ele só devia dar opinião depois de ter um filho, ou de passar no mínimo um ano cuidando dos filhos de mães viciadas em crack.

— Muito bem — disse Ralph. — E qual é o seu caso com Susan Day?

— Acho que ela está mexendo na porra do *caldeirão!* — exclamou Leydecker. — Ela vem à minha cidade e tenho que protegê-la. Ótimo. Tenho bons homens e, com um tiquinho de sorte, acho que conseguiremos que saia da cidade com a cabeça em cima do pescoço e os peitos apontando para a direção normal, mas e o que acontece antes? E o que acontece depois?

Você acha que ela está se preocupando? E você acha que o pessoal que dirige a WomanCare está ligando para os efeitos colaterais?

— Não sei.

— Os defensores da WomanCare gostam menos de violência do que os Amigos da Vida, mas se levarmos em conta a capacidade de encher o saco, não há muita diferença entre um e outro. Você sabe qual era o problema quando tudo isso começou?

Ralph retrocedeu mentalmente à primeira conversa que tivera sobre Susan Day, aquela com Ham Davenport. Por um momento, quase lembrou, mas em seguida a lembrança lhe escapou. A insônia ganhara mais uma vez a parada. Sacudiu a cabeça.

— O zoneamento — disse Leydecker, e riu desgostoso. — Uma simples legislação de zoneamento do tipo que se ouve falar todo dia. Legal, não é? No início deste verão, dois dos vereadores mais conservadores, George Tandy e Emma Wheaton, fizeram um requerimento à Comissão de Zonea-

mento para reexaminar a zona em que a WomanCare funciona, com a intenção de tornar a sua localização ilegal. Não sei exatamente qual é o nome que dão para isso, mas, em essência, você entendeu a jogada, não é?

— Claro.

— Hum. Então os pró-opção de aborto pediram a Susan Day que viesse à cidade fazer uma palestra, ajudá-los a levantar recursos para combater os ativistas do pró-vida. O único problema é que os ativistas do pró-vida nunca tiveram a menor chance de dividir o distrito 7 em outras zonas, *e o pessoal da WomanCare sabia disso!* Droga, uma das suas diretoras, June Halli-day, faz *parte* da câmara de vereadores. Ela e a piranha da Wheaton praticamente cospem uma na cara da outra quando se cruzam no corredor.

— A divisão do distrito 7 foi uma fantasia desde o começo, porque a

WomanCare é tecnicamente um hospital, igual ao Derry Home, que fica praticamente do lado. Se você muda as leis de zoneamento para pôr a WomanCare na ilegalidade, você atinge um dos três hospitais de Derry, o terceiro maior município do estado do Maine. Por isso a mudança jamais poderia ocorrer, mas tudo bem, porque o problema nunca foi esse, para começar. O

caso era provocar e sacanear. Era encher o saco. E para a maioria dos pró-opção (que um dos caras com quem trabalho chama de Povo da Baleia) é uma questão de *ser dono da razão*.

— Como assim? Não entendi.

— Não basta uma mulher poder entrar na clínica e se livrar quando quiser do feto que carrega; os pró-opção querem *encerrar* a discussão. O que eles querem, no fundo, é que gente como Dan Dalton admita que eles estão certos, e isso não vai acontecer nunca. É mais provável árabes e judeus concluírem que foi tudo um grande engano e deporem as armas. Apóio o direito feminino de abortar, se for realmente necessário, mas essa santidade dos pró-opção me dá vontade de vomitar. Na minha opinião, eles são os novos puritanos, gente que acredita que, se você não pensa como eles, vai para o inferno. . só que na versão deles o inferno é um lugar onde só se ouve música sertaneja no rádio e a única comida que se encontra é filé de frango frito.

— Você parece amargurado.

— Experimente sentar em cima de um barril de pólvora durante três meses para ver como *você* vai se sentir. Diga-me uma coisa: você acha que Pickering teria enfiado uma faca no seu sovaco ontem se não fosse a WomanCare, os Amigos da Vida, e a Susan Deixe-A-Minha-Santa-Xota-Em-Paz Day?

Ralph pareceu pesar seriamente a pergunta, mas, na realidade, observava a aura de John Leydecker. Era um saudável azul-marinho, mas tinha a orla matizada de um verde cambiante. Era essa orla que interessava a Ralph; achava que sabia o que significava.

— Não, acho que não — respondeu afinal.

— Também acho que não. Você foi ferido em uma guerra que já está declarada, Ralph, e não será o último. Mas se procurar o Povo da Baleia, ou a Susan Day, abrir a camisa, apontar para a atadura e disser: ―Vocês têm culpa nisso, portanto, assumam‖, eles vão erguer as mãos e dizer ―Ah não, meu Deus, lamentamos que tenha se machucado, Ralph, nós, Observadores de Baleias, *abominamos* a violência, mas não foi *nossa* culpa, temos de manter a

WomanCare aberta, temos de guarnecer as barricadas e, se no processo for necessário derramar um pouquinho de sangue, que seja assim‖. Mas a questão *não é* a WomanCare e é isso que me deixa absolutamente puto. É...

— ...o aborto.

— Uma porra! O direito de abortar está garantido no Maine e em Derry, seja qual for o discurso que Susan Day faça no Centro Cívico, sexta-feira à noite. A questão é qual dos times é o melhor. De que lado está Deus?

Quem está *certo?* Gostaria que todos eles saíssem cantando *Somos os Campeões* e fossem tomar um porre.

Ralph jogou a cabeça para trás, dando risadas. Leydecker riu com ele.

— Portanto, são todos uns babacas — terminou, sacudindo os ombros. — Mas são os *nossos* babacas. Você pensa que estou brincando? Não estou, não. WomanCare, Amigos da Vida, Vigília do Corpo, Pão-de-Cada-Dia. . são os *nossos* babacas, os babacas de *Derry*, e, na realidade, não me importo de vigiar os nossos. Foi para isso que aceitei este emprego, e continuo nele. Mas você vai ter que me perdoar se não dei pulos de alegria, quando me designaram para vigiar uma rosa de Nova Iorque, que vai desembarcar de avião em Derry, fazer um discurso inflamado e embarcar de volta, levando mais alguns recortes de jornal e material suficiente para o capítulo cinco de seu novo livro.

— Na nossa frente — continuou — ela vai elogiar a maravilhosa comunidade tradicional que somos e quando regressar ao seu duplex na avenida Park, vai contar aos amigos que nem um litro de xampu conseguiu tirar de seus cabelos o fedor das nossas usinas de papel. Ela é mulher, ouça o seu rugido. . e se a gente tiver sorte, a coisa toda vai se acalmar sem mortos nem feridos.

Ralph agora tinha certeza da significação daqueles lampejos verdes.

— Mas você está com medo, não está? — perguntou.

Leydecker olhou-o surpreso:

— Dá para notar?

— Só um poquinho — disse Ralph, e pensou: Só *na sua aura, John. Só na sua aura.*

— É, estou. Em nível pessoal, estou com medo de melar a missão que, por sinal, não apresenta nenhuma alternativa para compensar as muitas possibilidades de

algo dar errado. Em nível profissional, tenho medo que aconteça alguma coisa à moça durante minha guarda. Em nível comunitário, estou me *borrando* de medo que aconteça algum tipo de confronto e o gênio escape de dentro da lâmpada. . mais café, Ralph?

— Chegou. De qualquer maneira, já estou de saída. Que vai acontecer com Pickering?

Na realidade, pouco lhe interessava o destino de Charlie Pickering, mas o tira fortão provavelmente acharia estranho se ele perguntasse por May Locher antes de perguntar por Pickering. Talvez desconfiasse.

— Steve Anderson, o promotor-assistente que interrogou você, e o advogado que o tribunal designou para Pickering provavelmente já estão negociando enquanto conversamos. O de Pickering deve estar dizendo que talvez consiga que seu cliente.. aliás, só de pensar que Charlie Pickering possa ser cliente de *alguém,* funde a minha cuca, se declare culpado de agressão em segundo grau. Anderson vai responder que já está na hora de tirar Pickering de circulação de uma vez e que vai acusá-lo de tentativa de homicídio. O advogado de Pickering vai se fingir chocado, e amanhã nosso amiguinho vai ser acusado de agressão em primeiro grau com arma letal e ficará preso até o dia do julgamento. Então, possivelmente em dezembro, mais provavelmente no ano que vem, você vai ser intimado como testemunha-chave.

— Fiança?

— Provavelmente vai ser estipulada aí na faixa dos quarenta mil dólares. O sujeito pode se livrar pagando apenas dez por cento, se o saldo estiver garantido em caso de fuga, mas Charlie Pickering não tem casa, nem carro, nem mesmo um relógio Timex. No final, ele é bem capaz de voltar para Juniper Hill, mas esse não é o objetivo real do jogo. Vamos conseguir mantê-lo fora das ruas por um bom tempo desta vez e, no caso de gente como Charlie, *esse* é que é o objetivo do jogo.

— Alguma chance de os Amigos da Vida pagarem a fiança?

— Não. Ed Deepneau gastou uma boa parte da semana passada com ele, tomando café na Bagel Shop. Imagino que deve ter dado a Charlie o serviço completo sobre os Centuriões e o Rei de Ouros. .

— Rei Sanguinário é como Ed..

— Seja lá o que for — Leydecker concordou, com um aceno. — Mas imagino

que gastou o tempo principalmente para explicar que você era o braço direito do diabo e que somente um cara inteligente, corajoso e dedi-cado como Charlie Pickering poderia removê-lo de cena.

— Você faz ele parecer um cretino calculista — disse Ralph. Lembrou-se do Ed Deepneau com quem jogara xadrez antes de Carolyn adoecer. Aquele Ed era um homem inteligente, bem-falante, civilizado com uma enorme reserva de bondade. Ralph ainda achava quase impossível conciliar aquele Ed com o que vira pela primeira vez em julho de 1992. Passara a pensar neste último como o ―Ed galo-de-briga‖.

— Não é apenas um cretino calculista, mas um cretino calculista *perigoso* — Leydecker acrescentou. — Para ele, Charlie é só uma ferramenta, como uma faca que se usa para descascar uma maçã. Se a lâmina de uma faca se parte, a gente não recorre ao amolador de facas para substituí-la dá muito trabalho. A gente joga a faca no lixo e compra uma nova. É assim que caras como Ed tratam caras como Charlie, e já que Ed *é* os Amigos da Vida, pelo menos por ora, acho que você não precisa se preocupar que Charlie pague a fiança. Nos próximos dias, ele vai estar mais sozinho do que o cara que faz manutenção de máquina de lavar. Concorda?

— Concordo — disse Ralph. Espantou-se um pouco ao perceber que sentia pena de Pickering. — E também quero lhe agradecer por manter meu nome fora dos jornais. . isto é, se foi sua iniciativa.

Saíra uma breve menção do incidente na coluna policial do News de Derry, dizendo apenas que Charles H. Pickering fora preso na biblioteca pública de Derry por ―porte ilegal de arma‖.

— Às vezes pedimos a eles um favor, outras, eles é que nos pedem —disse LeydeCker se levantando. — É assim que funcionam as coisas no mundo da realidade. Se os birutas dos Amigos da Vida e os não-me-toques dos Amigos da WomanCare algum dia descobrirem isso, meu trabalho vai ser bem mais fácil.

Ralph puxou o cartaz do Dumbo da cesta de papéis, e ficou de pé diante da mesa de LeydeCker.

— Posso ficar com o cartaz? Sei de uma menininha que talvez venha a apreciá-lo realmente dentro de mais um ano.

Leydecker estendeu as mãos expansivamente.

— Sirva-se à vontade, imagine o cartaz como um prêmio por ser bom cidadão.

Só não me peça as calcinhas com os fundilhos cortados.

Ralph riu.

— Nem me passaria pela cabeça.

— Agora sério, gostei muito que você tivesse vindo. Obrigado, Ralph.

— Não me custou nada — estendeu a mão por cima da mesa, apertou a de Leydecker e encaminhou-se para a porta. Absurdamente sentiu-se como o tenente Columbo na TV, só faltava o charuto e a capa surrada. Descansou a mão na maçaneta, e voltou-se. — Posso lhe fazer uma pergunta sem a menor relação com Charlie Pickering?

— Manda ver.

— Hoje pela manhã, no mercadinho, ouvi falar que a Sra. Locher, minha vizinha, morreu de madrugada. O que não é nenhuma surpresa; ela sofria de enfisema. Mas há cordões de isolamento da polícia entre a calçada e o jardim e um aviso na porta, dizendo que a casa foi lacrada pela polícia de Derry. Você está por dentro do que aconteceu?

Leydecker lhe lançou um olhar tão firme e demorado que Ralph teria se sentido extremamente constrangido. . não fosse a aura do detetive. Não havia nela nada que sugerisse desconfiança.

Nossa, Ralph, você está levando essas coisas um pouquinho a sério demais, não está não?

Bem, talvez sim, talvez não. Fosse como fosse, ficou satisfeito que os lampejos verdes na orla da aura de Leydecker não tornaram a aparecer.

— Por que está me olhando assim? — Ralph perguntou. — Se estou tomando liberdades ou falando demais, peço desculpas.

— Não, não é nada disso. . — respondeu Leydecker. Só que é meio esquisito. Se eu lhe contar, você fica de bico calado?

— Claro.

— Minha principal preocupação é o seu inquilino de baixo. Quando falo em *discrição,* é claro que o professor é a última pessoa em que estou pensando.

Ralph riu gostosamente.

— Não direi nada a ele, palavra de escoteiro, mas é interessante que você o mencione; Bill foi colega de escola da Sra. Locher, há milênios. Na escola *primária.*

— Cara, nem consigo imaginar o professor freqüentando a escola primária — disse Leydecker. — Você consegue?

— Mais ou menos — respondeu, mas a imagem que lhe ocorreu *foi* peculiaríssíma; Bill McGovern, como uma mistura do Pequeno Lorde e Tom Sawyer, vestindo calças até os joelhos, meias três-quartos brancas. . e chapéu-panamá.

— Não temos muita certeza do que *houve* com a Sra. Locher — continuou Leydecker. — O que sabemos é que pouco depois das três da madrugada, o 911 registrou uma ligação anônima, uma voz masculina, que informava ter acabado de ver dois homens, um carregando uma tesoura, saírem da casa da Sra. Locher.

— Ela foi assassinada? — Ralph exclamou, percebendo simultaneamente duas coisas: que ele parecia mais sincero do que jamais imaginaria possível, e que acabara de atravessar uma ponte. Não a queimara depois da travessia, pelo menos, ainda não, mas não poderia voltar à outra margem sem dar muita explicação.

Leydecker virou as palmas das mãos para cima e deu de ombros.

— Se foi, não foi com tesoura, nem com nenhum objeto pontiagudo.

Não havia nenhuma marca no corpo.

Isso pelo menos trazia um certo alívio.

— Por outro lado, é possível matar alguém de pavor, principalmente uma velha doente — disse Leydecker. — Em todo o caso, será bem mais fácil explicar se você me deixar contar o que sei. Não vai demorar muito, pode crer.

— Claro, me desculpe.

— Quer ouvir uma coisa engraçada? A primeira pessoa em quem pensei quando vi o registro de chamadas do 911 foi você.

— Por causa da insônia, certo? — perguntou Ralph. Sua voz continuava firme.

— É e também porque quem fez a chamada disse que vira os homens da janela da sala de estar. A *sua* sala de estar tem vista para a avenida, não tem?

— Tem.

— Hum-hum. Pensei até em escutar a gravação, então me lembrei que você viria aqui hoje. . e que voltou a dormir a noite inteira. Voltou, não foi?

Sem ao menos fazer uma pausa ou uma reflexão, Ralph ateou fogo à ponte que acabara de cruzar.

— Bem, não estou dormindo como dormia quando tinha dezesseis anos e enfrentava dois empregos depois das aulas, não vou lhe enganar, mas se fui o cara que ligou para o 911 à noite passada, liguei dormindo.

— Exatamente o que imaginei. Além do mais, se você visse alguma coisa esquisita na rua, porque daria um telefonema anônimo?

— Não sei — Ralph respondeu e pensou *mas suponha que fosse uma coisa para lá de esquisita, John? Suponha que fosse uma coisa absolutamente inacreditável?*

— Nem eu — retrucou Leydecker. — O seu apartamento tem vista para a Avenida Harris, verdade, mas outros trinta também têm.. e só porque o sujeito que ligou *disse* que estava em casa, não significa que realmente estivesse, não é mesmo?

— É. Há um telefone público fora do mercadinho de onde ele poderia ter ligado, e outro junto à loja de bebidas. Há mais uns dois no parque Strawford, também, se estiverem funcionando.

— Na realidade, há quatro no parque e todos funcionam. Nós verifi-camos.

— Por que o homem mentiria sobre o local de onde estava ligando?

— A razão mais provável é que estivesse mentindo sobre todo resto, também. Em todo o caso, Donna Hagen disse que o cara parecia muito jovem e seguro. — Mal dissera essas palavras, Leydecker fez uma careta e levou a mão à boca. — Não foi bem isso que eu quis dizer, Ralph. Me desculpe.

— Tudo bem; a idéia de que falo como um panaca aposentado não é nenhuma novidade para mim. Eu *sou* um panaca aposentado. Continue.

— Chris Nell era o policial de serviço, foi o primeiro a chegar. Você se lembra dele no dia em que prendemos Ed?

— Lembro do nome.

— Hum-hum. Steve Utterback era o detetive de serviço e o oficial responsável. Ele é um bom policial.

O cara com o gorro de vigia, pensou Ralph.

— A senhora estava morta na cama, mas não havia sinal de violência.

Aparentemente não levaram nada, embora senhoras idosas como May Locher, em geral, não possuam muita coisa realmente comercializável: nem vídeo, nem som sofisticado, nada do gênero. *Tinha* umas duas ou três jóias bonitas. Não quero dizer com isso que não houvesse outras jóias igualmente bonitas ou até mais bonitas, mas. .

— Mas por que um ladrão roubaria apenas algumas e não todas?

— Exato. E o que é mais interessante no caso é que a porta da frente, de onde a pessoa que ligou para o 911 disse ter visto os dois homens saírem, estava trancada por dentro. E não era apenas à chave; tinha uma trava de maçaneta e uma corrente. Aliás, as mesmas trancas de segurança que na porta dos fundos. Então se o cara que ligou para o 911 falou a verdade, e se May Locher estava morta quando os dois sujeitos saíram, quem trancou as portas?

Talvez tenha sido o Rei Sanguinário, pensou Ralph. . e para seu horror, quase fez o comentário em voz alta.

— Não sei. E as janelas?

— Trancadas. Os trincos corridos. E, caso isso não seja bastante Aga-tha Christie para você, Steve diz que as telas contra tempestades já tinham sido instaladas nas janelas. Um dos vizinhos informou que a Sra. Locher contratara um garoto para colocá-las ainda na semana passada.

— Verdade — disse Ralph. — Pete Sullivan, o mesmo garoto que entrega os jornais. E agora que você está falando, lembro que até vi quando fez esse serviço.

— Besteiras de romance de mistério — continuou Leydecker, mas Ralph pensou que ele teria trocado May Locher por Susan Day sem pestanejar. — O laudo preliminar chegou praticamente na hora em que fui para o fórum me encontrar com você. Passei os olhos nele. Não sei o que do mio-cárdio, e mais aquilo da trombose.. em poucas palavras, colapso cardíaco.

No momento, achamos que a ligação para o 911 foi um trote, recebemos essas

ligações o tempo todo, todas as cidades recebem; e que a morte da senhora foi por causa de um ataque provocado pelo enfisema.

— Em outras palavras, uma simples coincidência. — Tal conclusão poderia lhe poupar muitos problemas, isto é, se se sustentasse, mas Ralph conseguia perceber a descrença até em sua própria voz.

— É, também não me agrada. Nem a Steve, razão por que a casa foi lacrada. A perícia estadual vai fazer uma vistoria geral, provavelmente a partir de amanhã de manhã. Nesse meio tempo, a Sra. Locher foi dar um passeio até Augusta para fazerem uma autópsia mais completa. Quem sabe o que vão descobrir? Às vezes os exames *realmente* revelam muita coisa. Você ficaria surpreso.

— Suponho que sim — respondeu Ralph.

Leydecker atirou o palito no lixo, pareceu refletir por um momento, e logo se animou.

— Sabe, tive uma idéia; acho que vou mandar alguém do escritório gravar uma cópia daquela ligação para o 911. Eu poderia levar a gravação e tocar para você. Talvez você reconheça a voz. Quem sabe? Já vi coisas mais estranhas acontecerem.

— Imagino que sim — concordou Ralph, sorrindo pouco à vontade.

— De qualquer forma, o caso é do Utterback. Vamos, vou acompanhar você até a saída.

No corredor, Leydecker lançou-lhe outro olhar demorado. Desta vez, Ralph sentiu-se bem mais constrangido, porque não imaginava o que poderia significar. As auras tinham desaparecido novamente.

Experimentou dar um sorriso que lhe pareceu pouco convincente.

— Tem alguma coisa saindo do meu nariz?

— Não. Só estou admirando a boa aparência de alguém que passou pelo susto que você passou ontem. E comparada à sua aparência no verão passado. . se é esse o efeito do favo de mel, vou comprar uma colméia inteira só para mim.

Ralph riu como se isso fosse a coisa mais engraçada que já ouvira.

lh42min. Madrugada de terça-feira.

Ralph, sentado na poltrona, observava os etéreos círculos de névoa que giravam em torno das lâmpadas. Rua acima, os cordões de isolamento da polícia pendiam molemente diante da casa de May Locher.

Não chegara a dormir duas horas esta noite, e via-se mais uma vez pensando que estaria melhor morto. Não haveria mais insônia. Não haveria mais longas esperas pelo alvorecer nessa odiosa poltrona. Não haveria mais dias em que parecia estar olhando para o mundo através do escudo invisível de Gardol que antigamente anunciavam nos comerciais de creme dental.

Isto é, no tempo em que a TV era praticamente nova, no tempo em que ele ainda não descobrira os primeiros fios de cabelos brancos na cabeça e que sempre adormecia cinco minutos depois que ele e Carolyn acabavam de fazer amor.

E as pessoas ficam falando da minha boa aparência. Isso é que é estranho.

Só que não era. Considerando o que andava vendo ultimamente, dizerem que ele parecia um novo homem era, de longe, a última preocupação em sua lista de peculiaridades.

O olhar de Ralph voltou à casa de May Locher. O lugar estava trancado, segundo Leydecker, mas Ralph vira os dois doutorezinhos carecas saírem pela porta da frente, *vira,* droga. .

Mas será que vira?

Será que realmente vira?

Ralph procurou relembrar a madrugada anterior. Sentado na mesma poltrona com uma xícara de chá, pensara *agora, vamos à peça.* E então vira aqueles dois carecas sacanas saírem, diabos, ele *os vira sair da casa de May Locher!*

Só que talvez se enganasse, porque não estivera de fato olhando para a casa de May Locher, porém mais na direção do mercadinho. Pensara que o movimento fugaz que percebera pelo canto do olho era provavelmente Rosalie, e tinha virado a cabeça para conferir. *Então* é que vira os doutorezinhos carecas na varanda da casa de May Locher. Já não estava inteiramente seguro de ter visto a porta da frente se abrir; talvez apenas presumisse esta parte, e por que não? Tinha certeza absoluta de que eles não tinham entrado pelo caminho da casa da Sra. Locher.

Você não pode ter certeza disso, Ralph.

Só que podia. As três da madrugada, a Avenida Harris era tão imóvel quanto as montanhas da lua — notava-se o menor movimento em qualquer ponto do seu campo de visão.

Será que o Dr. n□1 e o Dr. n□2 tinham saído pela porta da frente?

Quanto mais Ralph pensava, tanto mais duvidava.

Então que terá acontecido, Ralph? Será que saíram detrás do Gardol, o escudo invisível? Ou — que tal essa? — talvez tenham atravessado *a porta, como aqueles fantasmas que costumavam assombrar Cosmo Topper naquele velho programa de TV!*

E a maior piração de todas é que essa parecia ser a resposta correta.

Quê? Que eles atravessaram a porra da PORTA? Ora, Ralph, você está precisando de ajuda. Precisa conversar com alguém sobre o que anda acontecendo.

Claro. Essa era a única coisa de que tinha certeza: precisava contar tudo para alguém antes que acabasse pirando. Mas quem? Carolyn teria sido a melhor conselheira, mas estava morta. Leydecker? Havia o problema de ter-lhe mentido sobre a ligação para o 911. Por quê? Porque a verdade teria dado uma impressão de loucura. Na realidade, teria sugerido que pegara a paranóia de Ed Deepneau como se pega um resfriado. E não era essa realmente a explicação mais provável, quando se encarava a situação de frente?

— Mas não é isso — murmurou. — Eles eram reais. As auras, também.

É longa a viagem de volta ao Paraíso, querido. . e quando estiver a caminho cuidado com aquelas pegadas auriverdes do homem branco.

Contar a alguém. Desabafar tudo. É. Precisava falar antes que John Leydecker escutasse aquela gravação do 911 e aparecesse pedindo explica-

ções. Querendo saber basicamente por que Ralph mentira, e o que realmente sabia sobre a morte de May Locher.

Contar a alguém. Desabafar tudo.

Mas Carolyn estava morta, Leydecker ainda era muito moço, Helen estava fora de circulação no abrigo da WomanCare no meio do mato, e Lois Chasse poderia fofocar com as amigas. Sobrava quem, então?

A resposta surgiu clara, quando colocou a questão nestes termos, mas Ralph

ainda sentia uma surpreendente relutância em conversar com McGovern sobre as coisas que vinham lhe acontecendo. Lembrou-se do dia em que encontrara Bill sentado em um banco junto ao campo de beisebol, chorando por causa do velho amigo e professor Bob Pollhurst. Ralph tentara falar a Bill sobre as auras, e era como se McGovern não pudesse ouvi-lo; estava demasiado ocupado repassando seu texto ensebado sobre a merda que era envelhecer.

Ralph pensou na sobrancelha arqueada satiricamente. O cinismo infalível. O rosto comprido, sempre triste. As alusões literárias que, por vezes, faziam Ralph sorrir, mas, em geral, o faziam se sentir um tanto inferioriza-do. E ainda havia a atitude de McGovern com relação a Lois, condescendente e até mesclada com uma certa crueldade.

No entanto, o retrato não parecia muito justo, e Ralph sabia disto. Bill McGovern *era* capaz de bondade, e — ainda mais importante no caso — de compreensão. Ele e Ralph se conheciam há mais de vinte anos; nos últimos dez, moravam no mesmo prédio. Ele carregara uma das alças do caixão de Carolyn, e se Ralph não podia contar a Bill o que estava ocorrendo, a quem *poderia* contar?

A ninguém, era a aparente resposta.

CAPÍTULO 10

1

OS CÍRCULOS de névoa em torno das lâmpadas desapareceram quando o novo dia começou a colorir o céu no oriente e, por volta das nove horas, o dia estava claro e quente — talvez o prenúncio da última e breve passagem do veranico.

Ralph desceu assim que terminou o *Bom Dia América,* decidido a contar a McGovern o que vinha lhe acontecendo (ou até onde ousasse) antes que se acovardasse. Parado diante da porta do apartamento de baixo, porém, ouviu o chuveiro escorrendo e o som misericordiosamente distante de William D. McGovern cantando *I Left My Heart in San Francisco*.

Ralph saiu para a varanda, enfiou as mãos nos bolsos traseiros e estudou o dia como se fosse um catálogo de compras. Não havia nada, refletiu, realmente nada no mundo que se comparasse ao sol de outubro; ele chegava quase a sentir suas aflições noturnas se dissolverem. Sem dúvida voltariam, mas por ora sentia-se bem — cansado e meio atordoado, era verdade, mas ainda assim muito bem. O dia estava mais do que bonito; estava maravilhoso, e Ralph duvidava que ainda houvesse outro tão bom até maio. Concluiu que seria um tolo se não o aproveitasse. Um passeio de ida e volta até a Extensão da Harris lhe tomaria

meia-hora, quarenta e cinco minutos, se por acaso encontrasse alguém lá com quem valesse a pena bater um papo e, por aquela altura, Bill teria terminado o banho, e estaria barbeado, penteado e vestido. E também disposto a lhe dar atenção, se Ralph tivesse sorte.

Caminhou até a área de piqueniques ao lado da cerca do aeroporto municipal, sem querer admitir para si mesmo que esperava encontrar o velho Dor. Se isso acontecesse, talvez os dois pudessem discutir um pouco de poesia — Stephen Dobyns, por exemplo — ou talvez até um pouquinho de filosofia. Talvez iniciassem essa parte da conversa com Dorrance explicando quais eram as tais ―histórias antigas‖ e por que acreditava que Ralph não devia ―se meter‖ nelas.

Só que Dorrance não estava na área de piqueniques; não havia ninguém lá, exceto Don Veazie, que queria explicar a Ralph por que Bill Clinton estava fazendo um governo tão ruim e por que teria sido melhor para o velho Estados Unidos se o povo tivesse elegido o gênio fiscal do Ross Pe-rot. Ralph (que votara em Clinton e realmente achava que ele estava fazendo um bom trabalho) escutou-o o tempo mínimo exigido pela boa educa-

ção, e então alegou que tinha hora marcada no barbeiro. Foi a única desculpa que lhe ocorreu de estalo.

— E tem mais uma coisa! — Don gritou quando ele se afastava. —

Aquela primeira dama arrogante! Aquela mulher é lésbica! Nunca me engano! Sabe por quê? Basta olhar para os sapatos delas! Os sapatos são uma espécie de senha secreta! Sempre usam sapatos de bico quadrado e..

— Até qualquer hora, Don! — Ralph gritou em resposta e bateu rapidamente em retirada.

Já voltara quase meio quilômetro, ladeira abaixo, quando o dia explodiu silenciosamente ao seu redor.

2

ACHAVA-SE DEFRONTE da casa de May Locher quando a coisa aconteceu. Ele parou instantaneamente, olhando a Avenida Harris com olhos arregalados e incrédulos. A mão direita apertou a garganta e a boca despencou aberta. Parecia um homem com um ataque cardíaco e, embora seu coração parecesse muito bem — pelo menos no momento — sem dúvida sentia-se como se estivesse sofrendo *algum* tipo de acesso. Nada do que vira neste outono o preparara para tal situação. Ralph achava que *nada* poderia tê-lo preparado.

Aquele outro mundo — o mundo secreto das auras — tornara-se visível novamente, mas desta vez havia muito mais do que Ralph jamais sonhara. . tanto mais que Ralph se perguntou se seria possível alguém morrer de sobrecarga perceptiva.

O alto da Avenida Harris era uma terra encantada que brilhava inten-samente e onde se sobrepunham esferas, cones e meias-luas coloridas. As árvores, que ainda estavam a uma semana ou mais do auge de sua transformação outonal, inflamavam-se como tochas aos olhos e mente de Ralph. O

céu ultrapassara a idéia de cor; era uma vasta explosão sônica azul.

As linhas telefônicas do setor oeste de Derry ainda eram aéreas e Ralph fixou-as, vagamente cônscio de que parara de respirar e provavelmente precisaria recomeçar logo se não quisesse perder os sentidos. Espirais amarelas cheias de pontas percorriam os fios negros de um lado a outro, lembrando a Ralph o efeito dos postes coloridos à porta das barbearias quando ele era criança. A intervalos, esse padrão besoural era interrompido por uma ponta vermelha mais alta ou um lampejo verde que parecia se espalhar ao mesmo tempo nos dois sentidos, obliterando os anéis amarelos, por um instante, antes de desaparecer.

Você está vendo pessoas se comunicarem, pensou abobado. *Você sabia, Ralph?*

Tia Sadie em Dal as está batendo papo com o sobrinho favorito que mora em Derry; um agricultor em Haven está batendo boca com o seu fornecedor de peças para trator; um pastor está tentando ajudar um paroquiano aflito. Aquilo são vozes, e acho que as pontas e lampejos coloridos são emitidos por pessoas presas de forte emoção — amor ou ódio, felicidade ou ciúmes.

E Ralph percebeu que tudo aquilo que via e tudo que sentia *não* era tudo; que ainda havia um mundo inteiro que o aguardava além do atual alcance de seus sentidos. Suficiente, talvez, para fazer até o que via agora parecer fraco e desbotado e descolorido. E se *houvesse* mais, como seria possível suportar isso sem enlouquecer? Nem mesmo arrancar os olhos adiantaria; seja como for, ele compreendia que a sua percepção dessas coisas decorria, em grande parte, de uma vida inteira de crença na visão como um sentido primário. Mas havia ali realmente muito mais do que a simples visão.

A fim de comprovar essa idéia, ele fechou os olhos. . e continuou a ver a Avenida Harris. Era como se suas pálpebras tivessem se tornado transparentes. A única diferença era que as cores habituais tinham mudado, e criado um mundo que parecia o negativo de uma fotografia colorida. As árvores já não eram laranja e amarelas, mas tinham o verde vivo e artificial do Gatora-de de lima. A

superfície da Avenida Harris, reasfaltada em junho, transformara-se numa grande estrada branca, e o céu era um fantástico lago vermelho. Ele reabriu os olhos, quase certo de que as auras teriam desaparecido, mas não; o mundo continuava a refletir e a turbilhonar cor, movimento, num som profundo e ecoante.

Quando é que vou começar a vê-los? — Ralph perguntou-se ao retomar a lenta caminhada avenida abaixo. *Quando é que os doutorezinhos vão começar a sair pelos ornatos de madeira?* Mas não havia doutores em evidência, nem carecas nem quaisquer outros; nenhum anjo na arquitetura; nenhum diabo espiando pelas grades dos bueiros. Havia apenas. .

— Cuidado, Roberts, será que não presta atenção por onde anda?

As palavras ríspidas e um tanto assustadas pareciam possuir uma textura física concreta; lembravam a sensação de passar a mão sobre painéis de carvalho em uma abadia antiga ou num salão ancestral. Ralph parou de chofre e viu a Sra. Perrine que morava mais no início da rua. Ela descera para a sarjeta para escapar de ser derrubada como um pino de boliche, e agora se via atolada em folhas secas até os tornozelos, a sacola de compras na mão, olhando zangada para Ralph sob as grossas sobrancelhas grisalhas. A aura que a envolvia era o cinzento firme e chega-de-tolices de um uniforme militar.

— Você bebeu, Roberts? — perguntou em tom seco e, subitamente, o tumulto de cores e sensações desapareceu do mundo e restou apenas a Avenida Harris, cortando sonolenta uma bela manhã de trabalho em pleno outono.

— Bebi? Eu? De jeito nenhum. Palavra, estou mais sóbrio que um juiz.

Estendeu a mão para ela. A Sra. Perrine, com mais de oitenta anos, embora não cedesse à idade sequer um centímetro, fez uma cara de quem desconfiava que Ralph tivesse um besouro mecânico escondido na palma da mão. *Não me surpreenderia, Roberts,* diziam os seus frios olhos cinzentos. *Não me surpreenderia nem um pouco.* E tornou a subir na calçada, sem a ajuda de Ralph.

— Me desculpe, Sra. Perrine. Eu não estava prestando atenção por onde ia.

— Não, não estava mesmo. Andando a esmo de boca aberta, isto é o que estava fazendo. Parecia o louquinho da aldeia.

— Desculpe — ele repetiu e teve de morder a língua para sufocar um acesso de riso.

— Hum — a Sra. Perrine mediu-o lentamente de alto a baixo, como um sargento inspecionando um novo recruta. — Tem um rasgão debaixo do braço dessa camisa, Roberts.

Ralph ergueu o braço e olhou. Havia de fato um belo rasgão em sua camisa xadrez favorita. Dava para espiar e ver a atadura com a mancha seca de sangue; e também uma antiestética maçaroca de pêlos de sovaco de velho. Ele baixou o braço depressa, sentindo uma onda de calor subir ao rosto.

— Hum — a Sra. Perrine disse novamente, expressando tudo que precisava expressar sobre Ralph Roberts sem recorrer a outra sílaba. — Deixe-a lá em casa, se quiser. Qualquer outro conserto que esteja precisando, também. Ainda sei usar uma agulha, sabe?

— Ah, claro que sabe, Sra. Perrine.

A Sra. Perrine agora lançou-lhe um olhar que dizia *Você é um velho puxa-saco descarado, Ralph Roberts, mas suponho que não consiga evitar.*

— Mas não à tarde — acrescentou. — Ajudo a preparar o jantar no pavilhão dos sem-teto à tarde, e ajudo a servi-lo às cinco horas. Obra de caridade.

— Sei, tenho certeza que..

— Não haverá gente sem-teto no céu, Roberts. Pode confiar. Nem camisas rasgadas, tampouco, garanto. Mas enquanto estamos na terra, temos que ir levando e dando um jeito. É a nossa função. — E eu, por exemplo, estou-me saindo espetacularmente bem, proclamava o rosto da Sra. Perrine.

— Traga os seus consertos pela manhã ou à noite, Roberts. Não faça cerimônia, mas não apareça à minha porta depois das oito e meia. Costumo me deitar às nove.

— É muita gentileza sua, Sra. Perrine — disse Ralph, e teve de morder a língua outra vez. Estava consciente de que, daqui a pouco, esse truque não ia resolver; daqui a pouco ia ser um caso de desatar no riso ou morrer.

— Não é gentileza. É um dever cristão. Além disso, Carolyn era minha amiga.

— Muito obrigado — respondeu Ralph. — Foi terrível o que aconteceu com May Locher, não acha?

— Não — disse a Sra. Perrine. — Foi a misericórdia divina. — E entrou como se planasse pelo caminho de sua casa, antes que Ralph pudesse dizer mais alguma

coisa. Sua coluna era tão aflitivamente ereta, que chegava a doer só de olhar.

Ralph andou mais doze passos e não conseguiu mais se refrear. Apoiou o braço em um poste telefônico, apertou a boca contra o braço, e riu o mais silenciosamente que pôde — riu até as lágrimas lhe escorrerem pelas faces. Quando o acesso (era essa a impressão que realmente dava, uma espécie de ataque histérico) passou, ergueu a cabeça e olhou à sua volta, os olhos atentos curiosos, úmidos de lágrimas. Não viu nada que outra pessoa também não pudesse ver o que foi um grande alívio.

Mas vai acontecer de novo, Ralph. Você sabe que vai. A coisa toda.

E, supunha que *sabia,* mas isso ficaria para depois. No momento, precisava ter uma conversinha.

3

QUANDO RALPH finalmente regressou de seu fantástico passeio até o fim da avenida, McGovern encontrava-se sentado em sua cadeira na varanda, folheando calmamente o jornal matutino. Ao entrar no caminho de casa, Ralph tomou uma súbita decisão. Contaria muita coisa a Bill, mas não tudo. Uma das coisas que decididamente omitiria era a grande semelhança que os dois caras, que vira saindo da casa da Sra. Locher, tinham com os alienígenas dos tablóides vendidos no mercadinho.

McGovern levantou a cabeça, quando Ralph subiu as escadas.

— Alô, Ralph.

— Oi, Bill. Posso dar uma palavrinha com você?

— Claro — e fechou o jornal, dobrando-o cuidadosamente. — Eles finalmente levaram meu velho amigo Bob Polhurst para o hospital, ontem.

— Foi? Pensei que você estivesse esperando que isso acontecesse mais cedo.

— Estava. Todos estavam. Ele nos enganou. Na realidade, parecia estar melhorando, pelo menos da pneumonia, mas teve uma recaída. Sofreu uma parada respiratória ontem por volta do meio-dia, e a sobrinha achou que ele ia morrer antes da ambulância chegar. Mas ele não morreu, e agora parece que o quadro se estabilizou novamente. — McGovern olhou rua acima e suspirou. — May Locher se apaga no meio da noite e Bob continua a marcar passo. Que mundo, hein?

— É isso aí.

— O que é que você queria me falar? Será que finalmente decidiu fazer a grande pergunta a Lois? Quer um conselhinho paternal sobre a maneira de abordar o assunto?

— Com certeza preciso de conselho, mas não é sobre a minha vida amorosa.

— Então fale — McGovern convidou tenso.

Ralph falou, agradecido e muito aliviado com a silenciosa atenção de McGovern. Começou esboçando os fatos que Bill já conhecia: o incidente com Ed e o motorista da pick-up no verão de 92, a semelhança das coisas que Ed dissera na ocasião com as que dissera no dia em que espancou Helen por causa do abaixo-assinado. À medida que falava, Ralph começou a se convencer mais que nunca que havia ligações entre as coisas estranhas que vinham acontecendo-lhe, ligações que quase conseguia discernir.

Contou a McGovern sobre as auras, embora calasse sobre o silencioso cataclisma que experimentara há menos de meia hora — isso transcendia o que estava disposto a revelar, pelo menos, por ora. McGovern sabia do ataque de Charlie Pickering, naturalmente, e também que Ralph evitara um ferimento muito mais grave com o uso do spray que Helen e a amiga tinham-lhe dado, mas agora Ralph acrescentou algo que omitira na noite de domingo, quando lhe contara o incidente, durante um jantar improvisado: como a lata de spray aparecera magicamente no bolso de seu blusão. Só que, confi-denciou, suspeitava que o mágico tinha sido o velho Dor.

— Puta que pariu! — McGovern exclamou. — Você tem vivido perigosamente, Ralph!

— Acho que sim.

— Quanto disso você contou ao Johnny Leydecker?

— *Muito pouco* — Ralph começou a dizer, então percebeu que até isso seria um exagero. — Quase nada. E tem outra coisa que não contei a ele.

Uma coisa muito mais. . bem, muito mais substantiva, eu diria. O que aconteceu ali — e apontou para a casa de May Locher, onde dois veículos azul-e-branco tinham acabado de estacionar. Traziam nas laterais os dizeres POLÍCIA ESTADUAL DO MAINE. Ralph presumiu que fosse o pessoal da perícia que Leydecker mencionara.

— May? — McGovern inclinou-se mais para a frente da cadeira. —

Você sabe alguma coisa sobre o que aconteceu com May?

— Acho que sei — falava cautelosamente, palavra por palavra, como um homem que escolhe as pedras que pisa ao atravessar um riacho traiçoei-ro. Ralph contou a McGovern que acordara, fora até a sala, e vira dois homens saindo da casa da Sra. Locher. Narrou sua bem-sucedida busca pelos binóculos, e falou da tesoura que vira um dos homens carregando. Não mencionou seu pesadelo com Carolyn, nem as pegadas luminosas e, é claro, não mencionou sua impressão posterior de que os dois homens talvez tivessem atravessado a porta; isto teria acabado com os farrapos de credibilidade que ainda merecesse. Terminou com a ligação anônima para o 911 e então sentou-se em sua cadeira, fitando McGovern, ansioso.

McGovern sacudiu a cabeça como se quisesse clareá-la.

— Auras, oráculos, misteriosos arrombadores de casas com tesouras. .

você *anda* vivendo perigosamente.

— Que é que você acha, Bill?

McGovern ficou calado por algum tempo. Tinha enrolado o jornal enquanto Ralph falava e agora começava a batê-lo distraidamente na perna.

Ralph sentiu uma ânsia de repetir a pergunta de modo mais incisivo — *Você acha que estou louco, Bill?* — mas sufocou-a. Será que realmente pensava que as pessoas davam respostas francas a esse tipo de pergunta. . bem, sem primeiro tomar uma boa dose de pentotato de sódio? Que Bill diria: *Claro que sim, acho que você está louco de pedra, Ralphie, então por que não ligamos logo para Juniper Hill para perguntar se tem um leito lá para você?* Era pouco provável.. e uma vez que qualquer resposta que Bill desse não teria o menor valor, era melhor esquecer a pergunta.

— Não *sei* exatamente o que pensar — disse Bill finalmente. — Pelo menos por ora. Que aparência eles tinham?

— As feições deles eram difíceis de distinguir, mesmo com binóculos

— respondeu. Sua voz estava firme como na noite anterior, quando negara ter ligado para o 911.

— Você provavelmente também não tem idéia da idade deles, não é?

— Não.

— Um dos dois poderia ter sido o nosso velho amigo aqui da avenida?

— Ed Deepneau? — Ralph olhou surpreso para McGovem. — Não, nenhum dos dois era Ed.

— E Pickering?

— Não. Nem Ed, nem Pickering. Eu os teria reconhecido. Aonde é que você quer chegar? Que a minha mente capotou e juntou na varanda de May Locher os dois caras que me causaram mais problemas nos últimos meses?

— Claro que não — McGovern retrucou, mas as batidas ritmadas do jornal na perna pararam e seus olhos piscaram. Ralph sentiu um frio na boca do estômago. De fato, era exatamente nessa direção que McGovern estava levando a conversa e não era nenhuma surpresa, era?

Talvez não, mas não alterava o frio no estômago.

— E Johnny disse que todas as portas estavam trancadas.

— Disse.

— Pelo lado de dentro.

— Hum-hum, mas. .

McGovern se levantou da cadeira tão repentinamente, que por um in-sensato instante Ralph teve a impressão de que o amigo ia sair correndo, quem sabe berrando *Cuidado com o Roberts! Ele pirou!* Mas ao invés de se pre-cipitar pelos degraus, ele se voltou para a porta de entrada da casa. De certa forma, Ralph achou isso ainda mais alarmante.

— Que é que você vai fazer?

— Vou ligar para Larry Perrault — McGovern disse. — É o irmão mais novo de May. Ele mora em Cardville. É lá que ela vai ser enterrada, imagino. — McGovern lançou a Ralph um olhar estranho e especulativo. —

Que foi que você pensou que eu ia fazer?

— Não sei — disse Ralph sem graça. — Por um segundo, pensei que ia fugir apavorado.

— Não — McGovern esticou o braço e deu-lhe uma palmadinha no ombro, mas o gesto pareceu a Ralph frio e distante. Só para constar.

— Que é que o irmão da Sra. Locher tem a ver com tudo isso?

— Johnny disse que mandou o corpo de May para fazerem uma ne-cropsia mais completa em Augusta, certo?

— Bem, acho que a palavra que ele usou foi autópsia. .

McGovern fez um gesto de descaso.

— Dá tudo no mesmo, pode crer. Se *surgir* qualquer coisa anormal..

qualquer coisa que sugira que ela foi assassinada, Larry teria que ser informado. Ele é seu único parente próximo.

— Sei, mas ele não vai ficar intrigado com o seu interesse?

— Ah, acho que não precisamos nos preocupar com isso — McGovern falou num tom tranqüilizador de que Ralph não gostou nem um pouco. — Vou dizer que a polícia lacrou a casa e que a fábrica de boatos da ve-

lha Avenida Harris está funcionando a todo vapor. Ele sabe que May e eu fomos companheiros de escola e que a visitava regularmente nos últimos dois anos. Larry e eu não morremos de amores um pelo outro, mas nos damos razoavelmente bem. Ele vai me dizer o que quero saber ainda que seja pela simples razão de que somos dois sobreviventes de Cardville. Percebe?

— Acho que sim, mas. .

— Pelo menos é o que *espero* — disse McGovern e, por um instante, pareceu um animal muito velho e muito feio, um lagarto venenoso ou um réptil fabuloso. Apontou o dedo para Ralph. — Não sou um homem burro, e *sei* respeitar uma confidência. Seu rosto há pouco me disse que você não tinha muita certeza disso, e me sinto ofendido. Ofendido pra caramba.

— Desculpe — falou Ralph, espantado com o desabafo de McGovern.

McGovern fitou-o por mais um momento, os lábios, que pareciam de couro, arreganhados, deixando à mostra as dentaduras demasiado grandes, e em seguida acenou com a cabeça.

— Tudo bem, aceito seu pedido de desculpas. Você anda com o sono que é uma

merda, tenho que levar isto em conta, quanto a mim, não consigo tirar Bob Pollhurst da cabeça. — Ele deu um pesadíssimo suspiro, tipo coitado do velho Bill. — Olhe, se prefere que eu não telefone para o irmão de May..

— Não, não — Ralph respondeu, pensando que gostaria mesmo era de voltar o relógio atrás uns dez minutos e apagar a conversa inteira. E então um sentimento que sabia que Bill McGovern apreciaria passou por sua cabeça, inteiramente estruturado e pronto para usar. — Lamento ter duvi-dado de sua discrição.

McGovern sorriu, a princípio com relutância, depois com todo o rosto.

— Agora sei o que não deixa você dormir: é ficar pensando baboseiras iguais a essa. Sente-se quieto, Ralph, e tenha bons pensamentos sobre hipo-

pótamos, como minha mãe costumava dizer. Volto num instante. Provavelmente nem vou encontrar Larry em casa, sabe como é, as providências para o enterro e todo o resto. Quer dar uma olhada no jornal enquanto espera?

— Claro. Obrigado.

McGovern passou-lhe o jornal, que ainda mantinha a forma tubular que Bill lhe dera, e entrou. Ralph olhou a primeira página. A manchete dizia GRUPOS PRÓ-OPÇÃO E PRÓ-VIDA PRONTOS PARA A CHEGADA DA ATIVISTA. O texto vinha ladeado por duas fotos. Uma mostrava meia dúzia de mulheres jovens, pintando cartazes que diziam NOSSO

CORPO, NOSSA ESCOLHA e AMANHECE UM NOVO DIA EM

DERRY! A outra mostrava manifestantes diante da WomanCare. Não carregavam cartazes, nem precisavam; as vestes com capuzes e as foices que empunhavam diziam tudo.

Ralph soltou um profundo suspiro, largou o jornal no assento da cadeira de balanço ao lado, e pôs-se a observar a manhã de terça-feira ir se desdobrando pela Avenida Harris. Ocorreu-lhe que McGovern bem poderia estar ao telefone com John Leydecker, ao invés de Larry Perrault, e que os dois poderiam estar fazendo neste minuto uma consulta professor-aluno sobre aquele velho insone e maluco do Ralph Roberts.

Achei que você gostaria de saber quem foi que realmente fez aquela ligação para o 911, Johnny.

Obrigado, professor. De qualquer maneira, já tínhamos certeza, mas é sempre bom receber uma confirmação. Imagino que ele seja inofensivo. Na verdade, até

gosto dele.

Ralph afastou suas conjecturas sobre quem seria ou não o interlocutor de Bill. Era mais fácil ficar ali simplesmente sentado sem pensar em nada, nem mesmo nas qualidades dos hipopótamos. Mais fácil acompanhar o caminhão de cerveja Budweiser entrar carregado no estacionamento do mercadinho, parar gentilmente para deixar sair a pick-up da Magazines Incorpo-

rated, que descarregara o estoque semanal de tablóides, revistas e brochuras.

Mais fácil olhar a velha Harriet Bennigan, que fazia a Sra. Perrine parecer uma franguinha, apoiar-se no andador, vestindo um casaco de outono vermelho-vivo, para o passeio matinal. Mais fácil ainda observar a mocinha de jeans, camiseta larga e um chapéu masculino, quatro vezes maior que sua cabeça, pular corda no terreno baldio entre a padaria e o salão de bronzeamento de Vicky Moon (Cangas são a nossa especialidade). Mais fácil olhar as mãozinhas da moça subirem e descerem ritmadamente. Mais fácil escutá-la cantar uma cantiguinha interminável e repetitiva.

Three-six-nine, the goose drank wine... **5**

Uma parte remota da mente de Ralph percebeu, com grande assombro, que ele estava prestes a dormir ali sentado nos degraus da varanda. Ao mesmo tempo que isto acontecia, as auras começavam a voltar ao mundo aos poucos, enchendo-o de cores e movimentos fabulosos. Era maravilhoso, mas. .

... havia alguma coisa errada. *Alguma coisa.* O quê?

A mocinha pulando corda no terreno baldio. *Ela* estava errada. Suas pernas vestidas de brim subiam e desciam como a agulha de uma máquina de costura. Sua sombra pulava a seu lado no calçamento irregular de uma velha travessa coberta de mato e girassóis. A corda rodava para o alto e para baixo. . completava uma volta. . para o alto e para baixo e completava outra volta...

Não era, no entanto, uma camiseta larga, enganara-se. A figura vestia um avental. Um longo avental branco, do tipo que usavam os médicos nos velhos seriados de TV.

Three-six-nine, hon, the goose drank wine,

The monkey chewed tobacco on the streetcar line. .6

5 Trad.: Três-seis-nove, o ganso bebeu vinho...

6 Trad.: Três-seis-nove, o ganso bebeu vinho, O macaco mascou fumo na linha do bondinho...

Uma nuvem escondeu o sol e uma luz triste e verde perpassou o dia, levando-o para o fundo do mar. A pele de Ralph primeiro esfriou, depois cobriu-se de arrepios. A sombra saltitante da mocinha desapareceu. Ela ergueu o rosto para Ralph e ele descobriu que não era nenhuma mocinha. A criatura diante dele era um homem de um metro e vinte de altura. Inicialmente Ralph tomara o rosto sob a sombra do chapéu pelo de uma adolescente, porque era absolutamente liso, não tinha uma única ruga. Mas, apesar disso, transmitia a Ralph uma sensação inconfundível — uma sensação de maldade, de malignidade que ultrapassava a compreensão de uma mente sã.

É isso, Ralph pensou entorpecido, encarando a criatura que pulava. *É*

exatamente isso. Seja o que for aquela coisa, é demente. Absolutamente anormal.

A criatura parecia ter lido o pensamento de Ralph, pois, naquele momento, seus lábios se abriram num sorriso, ao mesmo tempo tímido e maldoso, como se ele e Ralph partilhassem um segredo desagradável. E ele tinha certeza — uma certeza quase absoluta — de que, de algum modo, a criatura cantava enquanto sorria, e fazia isso sem mover os lábios minimamente que fosse.

[*The une BROKE! The monkey got CHOCKED! And they all died together in a little row-BOAT!*]**7**

Não era nenhum dos dois doutorezinhos carecas que Ralph vira saindo da casa da Sra. Locher, estava praticamente seguro disto. *Parecido,* talvez, mas não os mesmos. Era. .

A criatura atirou a corda de pular para longe. Primeiro a corda ficou amarela, depois vermelha, parecendo soltar fagulhas ao voar pelo ar. A figurinha — Dr. n□ 3 — olhou para Ralph, rindo, e Ralph repentinamente percebeu mais uma coisa, uma coisa que o encheu de terror. Finalmente reconhecia o chapéu que a criatura estava usando.

7 Trad.: A linha se QUEBROU! O macaco se ENGASGOU! Morreram todos juntos na CANOA que virou

Era o panamá desaparecido de Bill McGovern.

4

NOVAMENTE foi como se a criatura tivesse lido seu pensamento.

Tirou o chapéu da cabeça, revelando o crânio calvo e redondo, e acenou para o alto com o panamá de McGovern, como se fosse um caubói montando um cavalo branco. E continuou a sorrir, aquele sorriso indescritível, equanto acenava com o chapéu.

Subitamente ele apontou para Ralph, como se o mirasse. Então botou o chapéu na cabeça e disparou pela abertura estreita e coberta de mato entre o salão de bronzeamento e a padaria. O sol se desvencilhou da nuvem que o encobria e o brilho cambiante das auras começou mais uma vez a sumir.

Instantes depois da criatura desaparecer, havia apenas a Avenida Harris diante dele — a velha e monótona Avenida Harris, a mesma de sempre.

Ralph inspirou com um tremor, lembrando-se do ar de demência na cara pequena e sorridente. Lembrando-se da maneira com que apontara (*o macaco ENGASGOU*)

para ele, como se

(*todos tivessem morrido juntos na canoa que VIROU*!) mirando nele.

— Diga-me que adormeci — ele murmurou rouco. — Diga-me que adormeci e sonhei com aquele puto.

A porta se abriu às suas costas.

— Ora, ora, falando sozinho — MacGovern exclamou. — Você deve ter dinheiro no banco, Ralphie.

— Tenho, o suficiente para cobrir as despesas do meu enterro — disse Ralph. Aos seus ouvidos, sua voz parecia a de um homem que tivesse acabado de levar um choque terrível e ainda estivesse tentando assimilar o sus-

to residual; desejou que Bill corresse para ele, o rosto expressando preocupação (ou talvez apenas desconfiança), e perguntasse o que acontecera.

MacGovern não fez nada disso. Largou-se na cadeira de balanço, cruzou os braços sobre o peito estreito num X melancólico, e olhou para a Avenida Harris, o palco em que ele, Ralph, Lois, Dorrance Marstellar e tantos outros velhos — nós, da Idade de Ouro, em ―macgovernês‖ — estavam destinados a encenar seus últimos atos, tantas vezes monótonos e, outras, dolorosos.

Suponha que eu lhe falasse do seu chapéu? Ralph pensou. *Suponha que eu simplesmente iniciasse a conversa dizendo "Bill, também sei o que aconteceu com o seu panamá. Um mau caráter parente dos caras que vi ontem à noite foi quem o apanhou. E usa-o quando pula corda entre a padaria e o salão de bronzeamento."*

Se Bill ainda tivesse algum resquício de dúvida sobre sua sanidade, *essa* noticiazinha certamente o extinguiria. É.

Ralph continuou calado.

— Desculpe por ter demorado tanto — falou McGovern. — Larry disse que eu o peguei na porta, a caminho da funerária, mas, antes que pudesse fazer minhas perguntas e encerrar a conversa, ele relembrou metade da vida de May e a dele quase inteira. Falou sem parar durante quarenta e cinco minutos.

Positivamente isto era um exagero — McGovern certamente se ausen-tara cinco minutos, no máximo — Ralph consultou o relógio e ficou espantado de ver que eram onze e quinze. Ergueu os olhos para a rua e viu que a Sra.Bennigan desaparecera. E o caminhão de Budweiser, também. *Será* que dormira? Parecia que sim.. mas não conseguia por nada no mundo encontrar o ponto de ruptura em suas percepções conscientes.

Ora, vamos, não seja estúpido. Você estava dormindo quando viu o homenzinho careca. Sonhou *com o homenzinho careca.*

Isto fazia absoluto sentido. Até mesmo o fato de estar usando o panamá de Bill fazia sentido. O mesmo chapéu aparecera em seu pesadelo com Carolyn. Entre as patas de Rosalie.

Só que desta vez ele não andara sonhando. Tinha certeza.

Bem.. *quase*.

— Você não vai me perguntar o que foi que o irmão de May disse? —

McGovern parecia ligeiramente melindrado.

— Desculpe — falou Ralph. — Acho que estava distraído.

— Está desculpado, meu filho. . isto é, desde que me escute com aten-

ção até eu terminar. O detetive encarregado do caso, Funderburke..

— Acho que é Utterback. Steve Utterback.

McGovern fez um leve aceno com a mão, sua resposta mais comum quando corrigiam alguma coisa que ele dizia.

— Que seja. Ele ligou para Larry e comunicou que a autópsia não revelou nada, exceto causas naturais. A coisa com que estavam mais preocupados, levando em conta sua ligação, era que May tivesse sofrido um ataque cardíaco induzido pelos arrombadores, ou seja, tivesse literalmente morrido de medo. As portas trancadas por dentro e o fato de não terem roubado nada naturalmente contrariavam essa hipótese, mas eles levaram sua ligação suficientemente a sério para investigar a possibilidade.

Seu tom meio recriminador — como se ele tivesse feito a travessura de despejar cola na engrenagem de uma máquina que, em geral, funcionava perfeitamente — mexeu com a paciência de Ralph.

— *É claro* que levaram a ligação a sério. Vi dois caras saindo da casa dela e comuniquei às autoridades. Quando chegaram lá, encontraram a senhora morta. Como não iriam levar a ligação a sério?

— Por que você não se identificou quando fez a ligação?

— Não sei. Que diferença faz? E, por Deus, como é que eles podem ter certeza de que ela não *teve* um ataque cardíaco induzido por medo?

— Não sei se podem *ter* absoluta certeza — disse McGovem, agora ele próprio demonstrando uma certa irritação — mas imagino que devem estar muito próximos disso se vão entregar o corpo ao irmão para enterrá-lo.

Provavelmente fazem algum tipo de exame de sangue. Só o que sei é que o tal Funderburke..

— Utterback..

— ...disse a Larry que May provavelmente morreu dormindo.

McGovern cruzou as pernas, brincou com os vincos das calças azuis, então lançou a Ralph um olhar claro e penetrante.

— Vou-lhe dar um conselho, portanto escute bem. Vá ao médico. Agora. Hoje. Não avance o sinal, não espere juntar duzentos dólares, não é um jogo de monopólio, vá diretamente ao Litchfield. Tudo isso está ficando muito sério.

Os que vi saírem da casa da Sra. Locher não me viram, mas o de hoje me viu, pensou Ralph. *Me viu e apontou para mim. Pelo que sei, poderia até andar à*

minha procura.

Agora sim, *eis* um belo pensamento paranóico.

— Ralph? Você ouviu o que eu disse?

— Ouvi. Pelo que entendi, você não acredita que eu tenha realmente visto alguém saindo da casa da Sra. Locher.

— Entendeu corretamente. Vi a expressão de seu rosto agora há pouco quando lhe disse que estive ausente quarenta e cinco minutos, e também vi o olhar que lançou para o seu relógio. Você não acreditou que já se passara tanto tempo, não *foi?* E a *razão* por que não acreditou é que adormeceu sem ter a menor consciência disso. Tirou um cochilo. Provavelmente foi isso que lhe aconteceu na outra noite, Ralph. Só que na outra noite você sonhou com aqueles dois caras e o sonho foi tão real que você ligou para o 911 quando acordou. Faz sentido?

Three-six-nine, Ralph pensou. *The goose drank wine*.

— E os binóculos? — perguntou. — Eles continuam em cima da mesinha ao lado da minha poltrona na sala de estar. Eles não provam que eu estava acordado?

— Não vejo como. Talvez você andasse dormindo, já pensou nisso?

Você afirma que viu os intrusos, mas não consegue realmente descrevê-los.

— As lâmpadas laranja de alta intensidade...

— Todas as portas trancadas por dentro. .

— Mesmo assim eu. .

— E as auras de que falou. São causadas pela insônia; tenho quase certeza disso. Mas a coisa *poderia* ser mais séria.

Ralph se levantou, desceu os degraus da varanda e parou na cabeceira do caminho com as costas voltadas para McGovern. Sentia as têmporas latejarem e seu coração bater com força. Demais.

Ele não apontou apenas. Eu estava certo da primeira vez, o sacaninha me marcou.

E ele não foi sonho. Nem tampouco os que vi saindo da casa da Sra. Locher. Tenho certeza.

Claro que tem, Ralph, outra voz respondeu. *Quem é maluco sempre tem certeza*

das maluquices que vê e ouve. É isso que faz ele maluco e não as alucinações em si. Se você realmente viu o que viu, que aconteceu com a Sra. Bennigan? Que aconteceu com o caminhão da Budweiser? Como perdeu noção dos quarenta e cinco minutos que McGovern gastou ao telefone com Larry Perrault?

— Você está apresentando sintomas muito sérios — disse McGovern às suas costas, e Ralph pensou ter percebido uma coisa terrível na voz do cara. Satisfação? Seria satisfação?

— Um deles levava uma tesoura — insistiu Ralph sem se virar. — Eu os vi.

— Ora, vamos, Ralph! Pense! Use seus miolos e *pense!* Domingo à tarde, menos de vinte e quatro horas antes de você ir ao acupunturista, um lunático enfia uma faca em você. Não admira que sua mente lhe sirva um pe-

sadelo com um objeto pontiagudo naquela noite. As agulhas de Hong e a faca de caça de Pickering se transformam em tesoura, nada mais. Você não percebe que esta hipótese dá conta de todos os elementos, enquanto o que você alega ter visto não dá conta de nenhum?

— E eu estava dormindo quando apanhei os binóculos? É o que você pensa?

— É possível. E até provável.

— A mesma coisa com a lata de spray no bolso do meu blusão, certo?

O velho Dor não teve nenhuma relação com o achado.

— Não estou interessado na lata de spray nem no velho Dor! — McGovern exclamou. — Estou interessado em *você!* Você tem sofrido de insônia desde abril ou maio, você tem andado deprimido e perturbado desde que Carolyn morreu. .

— *Não* tenho andado deprimido! — Ralph gritou. Do outro lado da rua, o carteiro parou e olhou na direção dos dois antes de prosseguir pelo quarteirão rumo ao parque.

— Seja como quiser — McGovern falou. — Você não tem estado deprimido. Você também não tem dormido, está vendo auras, caras que saem sorrateiramente no meio da noite de casas trancadas. . — e então, num tom falsamente suave, McGovern disse aquilo que Ralph temera todo o tempo:

— Você precisa se cuidar, meu filho. Está começando a parecer demais com o Ed Deepneau, para meu sossego.

Ralph se virou. Um sangue quente e escuro latejava por dentro de seu rosto.

— Por que está agindo assim? Por que está encarnando em mim?

— Não estou encarnando, Ralph, estou tentando *ajudar você*. Ser seu amigo.

— Não é isso que parece.

— Bem, às vezes a verdade dói um pouco — tornou McGovern calmamente. — Você precisa pelo menos admitir a idéia de que sua mente e seu corpo estão tentando lhe dizer alguma coisa. Vou lhe fazer uma pergunta: esse foi o *único* sonho desagradável que você teve ultimamente?

Ralph pensou um instante em Carol, enterrada até o pescoço na areia, gritando para ele ter cuidado com as pegadas do homem branco. Pensou nos insetos que jorravam de sua cabeça.

— Não tive *nenhum* sonho desagradável ultimamente — disse com fri-eza. — Suponho que não acredite em mim porque isso não se enquadra no roteirinho que criou.

— Ralph. .

— Agora sou eu que vou *lhe* fazer uma pergunta: você realmente acha que o fato de eu ter visto os dois homens e May Locher ter aparecido morta foi apenas uma coincidência?

— Talvez não. Talvez a sua perturbação física e emocional tenha criado condições favoráveis para uma ocorrência psíquica breve, mas perfeitamente autêntica.

Ralph emudeceu.

— Acredito que essas coisas acontecem de tempos em tempos — continuou McGovern se levantando. — Talvez isso lhe pareça engraçado, vindo de um velho racionalista como eu, mas acredito, sim. Não estou afir-mando que foi o que aconteceu, mas *poderia* ter sido. Minha *única* certeza é que os dois homens que você pensa ter visto de fato não existem no mundo real.

Ralph ficou olhando para McGovern com as mãos metidas no fundo dos bolsos e cerradas com tanta força que pareciam pedras. Chegava a sentir os músculos dos braços vibrarem.

McGovern desceu a escada da varanda e segurou-o pelo braço, gentilmente,

acima do cotovelo.

— Só acho. .

Ralph retirou o braço tão bruscamente, que McGovern gemeu de surpresa e chegou a se desequilibrar.

— Eu *sei* o que você pensa.

— Você não está ouvindo o que eu. .

— Ora, já ouvi o suficiente. Mais do que o suficiente. Pode crer. E

com licença, acho que vou dar outra volta. Preciso clarear minha cabeça. —

Ele sentia o sangue escuro e quente latejar em suas bochechas e testa. Tentou engrenar o cérebro numa marcha para a frente que lhe permitisse deixar a raiva impotente e insensata para trás, mas não conseguiu. Sentia algo muito próximo ao que experimentara quando acordou do sonho com Carolyn; seus pensamentos rugiam de terror e confusão e quando começou a mover as pernas, a sensação que teve não *foi* de andar, mas de cair, do mesmo jeito que caíra da cama na madrugada do dia anterior. Contudo, prosseguiu. Por vezes essa era a única coisa a fazer.

— Ralph, você precisa ir ao médico! — McGovern gritou-lhe e Ralph não pôde mais dizer que não ouvia um estranho e venenoso prazer em sua voz. A preocupação que se sobrepunha era provavelmente bem sincera, mas lembrava um glacê doce por cima de um bolo amargo. — Não é a um farmacêutico, nem a um hipnotizador, nem a um acupunturista! Você precisa ir ao *seu médico de família!*

Isso, o cara que enterrou minha mulher abaixo da linha da maré! — pensou numa espécie de grito mental. *O cara que a enfiou na areia até o pescoço e depois lhe disse que não precisava se preocupar com o perigo de se afogar enquanto tomasse o seu Valium e o seu Tylenol-3!*

— Preciso é dar uma volta! — respondeu — Isto sim, e é só o que preciso. — As pulsações vibravam agora em suas têmporas como golpes curtos e fortes de um martelo de forja, e lhe ocorreu que era assim que os infartos deviam ocorrer; se não se controlasse depressa ia acabar caindo no chão com aquilo que seu pai chamava de ―apoplexia de mau gênio‖.

Podia ouvir McGovern descer o caminho em seu encalço. *Não me toque, Bill,* Ralph pensou. *Nem mesmo ponha a mão no meu ombro, porque se fizer isso*

provavelmente vou me virar e lhe meter a mão.

— Estou tentando *ajudar* você, Ralph, não está vendo? — McGovern gritou. O carteiro do outro lado da rua tinha parado outra vez para observá-los e, do lado de fora do mercadinho, Karl, o cara que trabalhava de manhã, e Sue, a moça que trabalhava de tarde, olhavam indisfarçadamente boquiabertos para os dois. Karl, reparou Ralph, levava uma embalagem de pães de hambúrguer na mão. Eram realmente assombrosas as coisas que a gente notava numa hora dessas. . embora não tão assombrosas quanto outras coisas que vira naquela manhã.

As coisas que você pensou *que viu, Ralph,* uma voz traidora sussurrou baixinho lá no fundo de sua cabeça.

— Uma volta — Ralph murmurou desesperado. — Apenas a droga de uma *volta.* — Um filme mental começara a passar em sua cabeça. Era um filme desagradável, do tipo a que ele raramente assistia mesmo que já tivesse visto todos os outros que estavam passando no centro de cinema. A trilha sonora desse filme mental de horror parecia ser uma cantiga infantil, *Pop Goes the Weasel,* imagine só.

— *Vou-lhe dizer uma coisa, Ralph: na nossa idade, os distúrbios mentais são comuns! Na nossa idade, eles são supercomuns, por isso* VÁ AO MÉDICO!

A Sra. Bennigan agora estava de pé em sua varanda, o andador abandonado em baixo, nos degraus da entrada. Ela continuava usando o casaco de outono vermelho-vivo, e parecia ter a boca aberta enquanto os observava passar na rua.

— *Você está me ouvindo, Ralph? Espero que esteja! Só espero que esteja!*

Ralph caminhou mais depressa, curvando os ombros como se quisesse se proteger de um vento frio. *Suponha que ele continue a berrar, cada vez mais alto? Suponha que me siga rua acima?*

Se fizer isso, as pessoas vão pensar que ele é que ficou maluco, falou para si mesmo, mas tal idéia não conseguiu acalmá-lo. Mentalmente Ralph continuava a ouvir um piano tocando uma canção infantil — não, não estava realmente *tocando;* tirava a melodia em plim-plom como no jardim de infância.

All around the mulberry bush

The monkey chased the weasel,

The monkey thought' twas al in fun,

Pop! Goes the weasel! **8**

E agora Ralph começou a ver os velhos da Avenida Harris: aqueles que compravam seguros anunciados pela TV a cabo, aqueles que tinham pedras na vesícula e câncer de pele, aqueles cujas memórias encolhiam enquanto as próstatas inchavam, aqueles que viviam de pensões e espiavam o mundo através de espessas cataratas ao invés de óculos cor-de-rosa. Eram pessoas que agora liam toda a correspondência que chegava endereçada ao Inquilino e esquadrinhavam as circulares dos supermercados à procura de promoções de enlatados e refeições congeladas. Viu-as vestidas de grotescos shorts e saias curtas rodadas, viu-as usando bonés e camisetas que caracteri-zavam personagens de desenhos da MTV como Beavis, Butt-head e Rude Dog. Viu-as, enfim, como os alunos de maternal mais velhos do mundo.

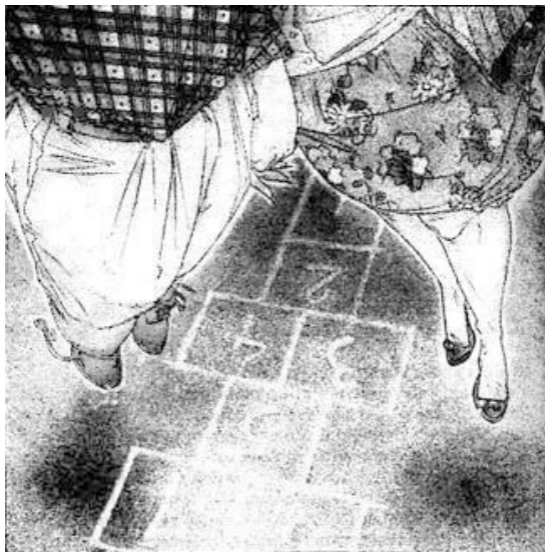
Andavam à volta de uma carreira dupla de cadeiras enquanto um homenzinho careca de avental branco tocava ao piano *Pop Goes the Weasel.* Outro carequinha ia retirando as cadeiras uma a uma, e quando a música parava e 8 Trad.: A volta de densa amoreira/O macaco caçava a doninha, p'ro macaco era apenas um jogo/mas, pimba! Foi-se a doninha.

todos se sentavam, uma pessoa — desta vez fora May Locher, da próxima provavelmente seria o velho chefe de departamento de McGovern — ficava de pé. Aquela pessoa naturalmente teria que se retirar da sala. E Ralph ouvia a risada de McGovern. Ria porque *conseguira* se sentar outra vez. Talvez May Locher estivesse morta, Bob Polhurst, moribundo, Ralph Roberts, gagá, mas ele continuava em forma, o Ilustríssimo William D. McGovern continuava ótimo, continuava elegante, continuava de pé e bem alimentado, continuava a encontrar uma cadeira quando a música parava.

Ralph apertou ainda mais o passo, alteou ainda mais os ombros curvados, prevendo outra barragem de conselhos e advertências. Achou pouco provável que McGovern fosse realmente segui-lo rua acima, mas não impossível. Se McGovern estivesse bastante aborrecido era exatamente o que faria — aconselharia, diria a Ralph que parasse de enrolar e procurasse o médico, lembraria que o piano podia parar a qualquer momento e que, se ele não encontrasse uma cadeira enquanto era tempo, poderia perder sua chance para sempre.

Mas não ouviu mais gritos. Pensou em olhar para trás para ver onde estava McGovern, então pensou melhor. Se ele visse Ralph olhar para trás se animaria a recomeçar. O melhor era continuar andando. Portanto, Ralph aumentou as passadas e, sem sequer pensar, retomou o rumo do aeroporto, mantendo a

cabeça abaixada, procurando fechar os ouvidos ao incansável piano, procurando não ver as crianças velhas andando à volta das cadeiras, procurando não ver seus olhos aterrorizados acima dos sorrisos fingidos.

Ocorreu-lhe, enquanto caminhava, que suas esperanças tinham sido vãs. Afinal fora empurrado para dentro do túnel e ao seu redor só havia escuridão.

PARTE II

A CIDADE SECRETA

OS VELHOS DEVIAM SER EXPLORADORES.

T. S. Eliot

Quatro Quartetos

CAPÍTULO 11

1

A DERRY DOS VELHOS COROAS não era a única cidade secreta

que existia silenciosa na terra que Ralph Roberts sempre chamara de lar; quando era menino em Mary Mead, onde hoje se erguem loteamentos com chalés, Ralph descobrira que havia, além da Derry que pertencia aos adultos, outra que era propriedade exclusiva das crianças. Havia o acampamento de vagabundos, abandonado perto do armazém ferroviário na rua Neibolt, onde às vezes elas encontravam latas de sopa de tomate com picadinho até a metade e garrafas com uns goles de cerveja; havia o beco atrás do teatro A-laddin, onde elas fumavam cigarros Bull Durham e soltavam rojões Black Cat; havia um velho olmeiro debruçado sobre o rio, onde dezenas de meninos e meninas tinham aprendido a mergulhar; havia a centena (ou talvez fossem centenas) de trilhas confusas que serpeavam pela tundra, um vale verdejante que cortava o centro da cidade como uma cicatriz mal-curada.

Essas ruas e estradas ocultas existiam abaixo do plano de visão dos adultos e, conseqüentemente, eram-lhes invísiveis. . embora *houvesse* exceções.

Uma dessas fora o tira Aloysius Nell — o Sr. Nell para gerações de crianças em Derry — e somente agora, enquanto se encaminhava para a área de piqueniques próxima ao ponto em que a Avenida Harris virava a Extensão, ocorria a Ralph que Chris Nell era provavelmente filho do velho Sr. Nell. .

só que não parecia possível, porque o tira que Ralph vira pela primeira vez em companhia de John Leydecker não tinha idade suficiente para ser filho do velho Sr. Nell. Neto, sim.

Ralph tomara consciência de uma segunda cidade secreta — a que pertencia aos velhos — quando se aposentara, mas não compreendera inteiramente que ele próprio fazia parte dela até Carolyn morrer. Descobrira então uma geografia

submersa estranhamente semelhante àquela que conhecera quando criança, um lugar quase ignorado pelos que correm-para-trabalhar e correm-para-brincar no mundo que palpitava e rugia à sua volta. A Derry dos Coroas sobrepunha-se ainda a uma terceira cidade secreta: a Derry dos Condenados, um lugar terrível habitado em grande parte por alcoólatras, fugitivos e dementes que não podiam ser mantidos em confinamento.

Foi na área de piquenique que Lafayette Chapin apresentara Ralph a uma das reflexões mais importantes da vida. . isto é, depois que alguém se tornava um Coroa genuíno. Tal reflexão dizia respeito à ―vida real‖ de uma pessoa. O assunto surgira quando os dois tinham acabado de se conhecer.

Ralph perguntara a Faye o que fazia antes de começar a freqüentar a área de piqueniques.

— Bem, na vida real eu era carpinteiro e marceneiro — Chapin respondera, revelando os dentes restantes num largo sorriso, — mas tudo isso acabou faz quase dez anos. — Como se, Ralph lembrava-se de ter pensado, a aposentadoria fosse uma espécie de beijo de vampiro, que arrastasse os que sobreviviam para o mundo dos mortos-vivos. E quando se conhecia cada caso, será que a imagem estaria assim tão longe da verdade?

2

AGORA, com McGovern a uma distância segura (ou pelo menos assim esperava), Ralph entrou pelo maciço de carvalhos e bordos que isolava a área de piqueniques da Extensão da Harris. Viu que oito ou nove pessoas tinham chegado desde sua caminhada anterior, a maioria com almoços para viagem ou sanduíches. Os Eberlys e os Zells jogavam com um baralho ensebado que o pessoal guardava no oco de um carvalho próximo; Faye e Doe Mulhare, um veterinário aposentado, jogavam xadrez; uns curiosos se deslo-cavam de um jogo para outro.

Os jogos eram a atividade da área de piqueniques — a atividade da *maioria* dos logradouros na Derry dos Velhos Coroas — mas Ralph achava que, na realidade, os jogos eram apenas uma moldura. As pessoas vinham ali para manter contato com a base, se mostrar, confirmar (ainda que para si mesmos) que ainda viviam *algum* tipo de vida, real ou irreal.

Ralph sentou-se em um banco vazio próximo à cerca de tela e correu distraidamente o dedo pelas incisões feitas na madeira — nomes, iniciais, vários FODA-SE — enquanto apreciava os aviões pousarem a intervalos de dois

minutos: um Cessna, um Piper, um Apache, um Twin Bonanza, o Air Express das onze e quarenta e cinco vindo de Boston. Mantinha um ouvido atento ao fluxo e refluxo das conversas as suas costas. O nome de May Locher fora mencionado mais de uma vez. Era conhecida de muitos ali, e a opinião geral parecia endossar a da Sra. Perrine — que Deus finalmente revelara misericórdia e pusera um fim a seu sofrimento. A maior parte das conversas hoje, porém, abordavam a visita iminente de Susan Day. Via de regra, a política não estimulava muita conversa entre os Velhos Coroas, que preferiam um bom câncer de intestino ou um infarto, mas mesmo ali a questão do aborto exercia sua singular capacidade de atrair opiniões, infla-mar e dividir.

— Ela escolheu uma cidade ruim para visitar, e o diabo é que duvido que ela saiba disso — disse Doc Mulhare, estudando o tabuleiro de xadrez com sombria concentração, enquanto Fay Chapin derrubava as últimas defesas do seu rei. — As coisas aqui têm um jeito próprio de acontecer. Lembra-se do incêndio no Black Spot, Faye?

Faye resmungou concordando e comeu o segundo bispo de Doc.

— Não compreendo *esses* pentelhos — comentou Lisa Zell, pegando na mesa de piquenique o primeiro caderno do *News* e indicando com um tapa a foto dos manifestantes encapuzados diante da WomanCare. — É

como se eles quisessem voltar ao tempo em que as mulheres faziam os próprios abortos usando cabides.

— É *justamente* o que eles querem — disse Georgina Eberly. — Calcu-lam que, se uma mulher sentir bastante medo de morrer, ela terá o bebê.

Nunca passa pela cabeça deles que uma mulher pode ter mais medo de parir um bebê do que de usar um cabide para se livrar dele.

— E onde é que o medo entra nessa história? — um dos curiosos, um velhote com cara de pá chamado Pedersen, perguntou com truculência. —

Assassinato é assassinato tanto faz o bebê estar dentro como fora, essa é a minha opinião. Mesmo quando são tão mínimos que se precisa um microscópio para enxergar, continua a ser assassinato. Porque se deixassem eles em paz, eles virariam crianças.

— Por esse raciocínio, você vira um Adolf Eichman toda vez que bate uma punheta — disse Faye, e mexeu a rainha. — Cheque.

— *La-fay-ette Cha-pin!* — exclamou Lisa Zell.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra — Pedersen respondeu, mal-humorado.

— Ah, não? Não teve um cara na Bíblia que foi amaldiçoado por Deus por que vivia se masturbando? — perguntou o outro curioso.

— Você provavelmente está pensando em Onan — informou alguém às costas de Ralph. Ele se virou, assustado, e viu o velho Dor. Trazia na mão uma brochura com um grande número 5 estampado na capa. *Diabos, de onde foi que você saiu?* perguntou-se Ralph. Podia quase jurar que, há poucos minutos, não havia ninguém parado atrás dele.

— Onan, Shmonan — falou Pedersen. — Mas espermatozóides não são bebês. .

— Não? — Faye perguntou. — Então por que a Igreja Católica não vende camisinhas nos bingos? Conta pra mim.

— Isso é uma ignorância — retrucou Pedersen. — E se você não vê...

— Mas Onan não foi castigado por se masturbar — interpôs Dorrance naquela voz aguda e penetrante de velho. — Foi castigado porque se recusava a fertilizar a viúva do irmão e garantir sua descendência. Tem um poema de Allen Ginsberg, eu acho. .

— Cala a boca, seu velho idiota! — Pedersen berrou, e então fechou a cara para Faye Chapin. — E se você não consegue ver que tem uma enorme diferença entre um homem tocar uma bronha e uma mulher jogar latrina abaixo o bebê que Deus pôs no ventre dela, você é tão idiota quanto ele.

— Que conversa mais sórdida — comentou Lisa Zell, revelando mais fascínio do que incômodo. Ralph espiou por cima do ombro dela e viu que uma parte da cerca fora despregada do poste e dobrada para trás, provavelmente pelos garotos que invadiam o local à noite. Isto pelo menos esclarecia o mistério. Ele não notara Dorrance porque o velho simplesmente não se achava na área de piqueniques; andava perambulando pelos terrenos do aeroporto.

Ocorreu a Ralph que ali estava sua chance de abordar Dorrance e talvez obter algumas respostas. . só que provavelmente ele próprio acabaria mais confuso que nunca. O velho Dor parecia demais com o gato careteiro de *Alice no país das maravilhas* — mais sorrisos do que substância.

— Grande diferença, não é mesmo? — Faye provocava Pedersen.

— E é! — Manchas vermelhas afogueavam as bochechas rachadas de Pedersen.

Doc Mulhare mexeu-se pouco à vontade no banco.

— Olhe aqui, vamos esquecer essa conversa e terminar o jogo, Faye, está bem?

Faye nem ouviu; sua atenção continuava centrada em Pedersen.

— Talvez fosse melhor você refletir sobre todos os esperminhas que morreram na palma de sua mão todas as vezes que você se sentou no vaso pensando como seria bom se Marilyn Monroe segurasse seu. .

Pedersen avançou com o braço e varejou as peças do tabuleiro no chão. Doc Mulhare encolheu-se, a boca trêmula, os olhos muito abertos e assustados por trás dos óculos de aros rosa já emendados com fita isolante em dois lugares.

— Grande! — Faye gritou. — Esse foi um argumento e tanto, hein, seu tarado!

Pedersen ergueu os punhos numa pose exagerada de John Sullivan.

— Vai querer brigar? — perguntou. — Vem, vem!

Faye levantou-se vagarosamente. De pé era, sem favor nenhum, uns trinta centímetros mais alto do que o cara de pá do Pedersen e pesava bem uns vinte e tantos quilos a mais.

Ralph mal podia acreditar no que via. E se o veneno se espalhara até ali, como estaria o resto da cidade? Parecia-lhe que Doc Mulhare tinha razão; Susan Day não devia nem imaginar a má idéia que era trazer o seu tea-trinho a Derry. De certa maneira — de várias maneiras — Derry não era como os outros lugares.

Ralph se pôs em movimento antes mesmo de ter consciência do que pretendia fazer e ficou aliviado de ver que Stan Eberly fazia o mesmo. Entreolharam-se ao se aproximarem dos dois homens que se enfrentavam cara a cara, e Stan fez um leve aceno com a cabeça. Ralph passou o braço pelos ombros de Faye uma fração de segundo antes de Stan agarrar o braço esquerdo de Pedersen.

— Você não vai fazer nada disso — disse Stan, falando diretamente no ouvido peludo de Pedersen. — Vamos acabar levando duas vítimas de ataque cardíaco para o Derry Home, e você não precisa de mais nenhum; já teve dois. Ou foram três?

— Não vou deixar ele fazer graça com mulheres que matam crianças!

— Pederson falou, e Ralph viu rolarem lágrimas pelo rosto do homem. —

Minha mulher *morreu* no parto de nossa segunda filha! De septicemia, em 1946! Por isso não vou tolerar essa conversa de matar bebês!

— Puxa — Faye disse num tom diferente. — Eu não sabia disso, Har-ley. Sinto muito. .

— *Uma porra que você sente!* — Pedersen exclamou, desvencilhando o braço do aperto de Stan Eberly. Avançou para Faye, que ergueu os punhos e tornou a baixá-los quando Pedersen passou por ele às tontas, sem sequer olhá-lo. Enveredou pelo caminho entre as árvores que levava à Extensão da Harris e desapareceu. A sua partida, seguiram-se trinta segundos de absoluto silêncio, interrompido apenas pelo zumbido de um aviãozinho Piper Cub.

3

— PUXA VIDA! — Faye exclamou finalmente. — A gente vê um cara quase todo dia durante cinco, dez anos, e começa a pensar que conhece tudo sobre a vida dele. Puxa, Ralphie, *eu* não sabia como a mulher dele tinha morrido. Me sinto um cretino.

— Não fique assim arrasado — disse Stan. — Vai ver ele está de chi-co.

— Cale a boca — falou Georgina. — Já tivemos bastante conversa sórdida para uma manhã.

— Vou ficar satisfeito quando essa tal de Susan vier e for embora e as coisas puderem voltar ao normal — disse Fred Zell.

Doc Mulhare estava de quatro no chão, recolhendo as peças de xadrez.

— Você vai querer acabar o jogo, Faye? — perguntou. — Acho que me lembro da posição de todas as peças.

— Não. — Sua voz que permanecera firme durante o confronto com Pedersen, agora parecia trêmula.

— Acho que já joguei bastante por hoje. Talvez Ralph queira jogar uma preliminar do torneio com você.

— Acho que não vai dar — disse Ralph. Procurava Dorrance e finalmente

localizou-o. Ele voltara a passar pelo buraco na cerca. Parara com mato até os joelhos na estrada de serviço adiante, dobrando o livro nas mãos, enquanto observava o Piper Cub taxiar até o terminal da aviação geral do aeroporto. Ralph lembrou-se do jeito como Ed disparara por aquela estrada de serviço no velho Datsun marron, e xingara

(*Anda logo! Anda logo, abre essa merda!*)

diante da moleza do portão. Pela primeira vez em mais de um ano, surpreendeu-se imaginando o que Ed estaria fazendo ali para começar.

— ...do que estava.

— Hum? — Fez um esforço para focalizar Faye novamente.

— Eu disse que você deve ter voltado a dormir bem, porque está com uma aparência muito melhor do que estava. Mas agora acho que a sua audi-

ção é que está pifando.

— Acho que sim — Ralph respondeu e tentou sorrir. — Estou pensando em fazer uma boquinha. Quer vir comigo, Faye? O convite é meu.

— Não, já engoli alguma coisa no Coffee Pot. Está pesando como chumbo nas minhas tripas, para falar a verdade. Puxa, Ralph, o coroa estava *chorando,* você viu?

— Vi, mas não ligaria muito se fosse você. — Ralph começou a andar na direção da Extensão da Harris e Faye o acompanhou. Com os ombros largos curvados e a cabeça baixa, Faye lembrava muito um urso ensinado vestido de gente.

— Caras da idade da gente choram à toa. Você sabe disso, não?

— Acho que sim.

— De qualquer modo, obrigado por me agarrar antes que eu piorasse as coisas — disse Faye com um sorriso grato. — Você sabe como eu sou às vezes.

Gostaria que alguém tivesse estado presente quando Bill e eu começamos a discutir, Ralph pensou.

— Não foi nada — respondeu em voz alta. — Na realidade, eu é que devia estar agradecendo a você. É mais uma qualificação para pôr no meu currículo quando me candidatar àquele empregão noturno na ONU.

Faye riu gostosamente e deu uma palmada no ombro de Ralph.

— Sei, Secretário-geral! Mediador Número Um da ONU! Você tem competência para isso, Ralph, fora de brincadeira!

— Não tenho a menor dúvida. Cuide-se bem, Faye.

Ia se virando, quando Faye lhe tocou o braço.

— Você continua inscrito no torneio da semana que vem, não? O

Clássico Pista 3?

Ralph levou um momento para entender o que ele estava dizendo, embora aquele fosse o principal assunto do marceneiro aposentado desde que as folhas começaram a se colorir. Faye vinha organizando o torneio de xadrez, a que chamava O Clássico Pista 3, desde que encerrara sua ―vida real‖ em 1984. O troféu era uma enorme calota cromada com uma coroa e um cetro extravagantes gravados no centro. Faye, sem favor nenhum, o melhor jogador entre os Coroas (no setor oeste da cidade, pelo menos), conce-dera a si mesmo o troféu em seis das nove ocasiões em que fora disputado, e Ralph desconfiava que perdera as outras três intencionalmente, só para manter os outros participantes interessados no torneio. Ralph não se ocupara muito com o xadrez este outono; tinha tido outras preocupações.

— Claro — respondeu — acho que sim.

Faye sorriu.

— Ótimo. O torneio devia ter sido no fim da semana passada, essa era a programação, mas fiquei na esperança de que, se adiasse o torneio, Jimmy V. poderia jogar. Mas ele continua no hospital, e se eu continuar adiando por mais tempo, ficará frio demais para se jogar ao ar livre e vamos acabar nos fundos da barbearia do Duffy Sprague, como aconteceu em 90.

— Que houve com o Jimmy V.?

— O câncer reapareceu — disse Faye, acrescentando em tom mais baixo: — Acho que desta vez ele não tem a mínima chance de se recuperar.

Ralph sentiu um pesar súbito e surpreendentemente agudo com a notícia. Ele e Jimmy Vandermeer tinham se conhecido bem durante suas ―vidas reais‖. Naquele tempo, os dois viviam com o pé na estrada, Jimmy vendendo balas e cartões de festas, Ralph, materiais para gráficas e produtos de papel, e tinham se

dado tão bem que chegaram a viajar diversas vezes juntos pela Nova Inglaterra, dividindo o volante e acomodações mais luxuosas do que poderiam pagar sozinhos.

Também tinham dividido os medíocres e solitários segredos dos ven-dedores viajantes. Jimmy contou a Ralph sobre a prostituta que furtara sua carteira em 1958 e a mentira que pregara à sua mulher, dizendo que um carona o roubara. Ralph contou a Jimmy a sua descoberta, aos quarenta e três anos, de que se viciara em hidrato de terpeno e a luta dolorosa e bem-sucedida para largar o hábito. Da mesma forma que Jimmy V. não falara à mulher sobre a última piranha, tampouco Ralph contara a Carolyn a estranha dependência de xarope para tosse.

Muitas viagens; muitas trocas de pneus; muitas piadas de vendedor com a bela filha do fazendeiro; muitos papos de fim de noite que entravam pela madrugada. Às vezes coversavam sobre Deus, outras, sobre o imposto de renda. Em tudo, por tudo, Jimmy Vandermeer fora um companheirão.

Então Ralph arranjara uma função burocrática na gráfica e perdera contato com Jimmy. Só voltaram a reatar o convívio ali e em alguns marcos que pontilhavam a Derry dos Velhos Coroas — a biblioteca, a sinuca, a sala dos fundos da barbearia de Duffy Sprague e outros quatro ou cinco lugares.

Quando Jimmy lhe contara, pouco depois da morte de Carolyn, a luta que travara contra o câncer e que perdera um pulmão, mas que, de resto, estava bem, Ralph se lembrara do homem que discorria sobre beisebol ou pescaria enquanto atirava pelo quebra-vento guimbas e mais guimbas de cigarro acesas.

Tive sorte, foi o que dissera. *Eu e Duke, os dois tivemos sorte*. Só que, aparentemente, a sorte não durara muito para nenhum dos dois. Mas, no fim, também não durava para ninguém.

— Puxa, rapaz — comentou Ralph. — Lamento saber disso.

— Ele está no Derry Home *faz* umas três semanas — disse Faye. —

Estão aplicando nele aquelas radiações e injeções de veneno que deviam matar o câncer, mas acabam matando lentamente o paciente. Estou surpreso que você não saiba.

Imagino que esteja, mas eu não. A insônia não pára de devorar as coisas, sabe.

Um dia você não encontra o último envelope de sopa; no outro, o sentido do

tempo; dois dias depois, os seus velhos amigos.

Faye balançou a cabeça.

— Porra de câncer. Dá medo o jeito com que fica espreitando a pessoa.

Ralph concordou com a cabeça, pensando em Carolyn.

— Em que quarto Jimmy está, você sabe? Talvez eu vá visitá-lo.

— Por acaso sei. 315. Você vai se lembrar?

Ralph sorriu.

— Pelo menos por algum tempo.

— Vá mesmo se puder: eles mantêm o Jimmy bastante dopado, mas ele ainda reconhece as visitas, e aposto que ia gostar de ver você. Ele me contou uma vez que vocês dois passaram grandes momentos juntos.

— Bem, sabe como é, dois caras na estrada. Se tirávamos cara ou coroa para ver quem pagava o jantar, Jimmy sempre pedia coroa. — De repente sentiu vontade de chorar.

— Que merda, não é? — Faye disse baixinho.

— É.

— Bem, vá vê-lo. Ele vai ficar contente e você vai se sentir melhor.

Pelo menos é assim que a coisa deve funcionar. E não se esqueça do torneio de xadrez! — Faye terminou, empertigando-se e fazendo um esforço heróico para parecer animado. — Se você desistir agora, vai matar as sementes que plantamos.

— Vou fazer o possível.

— Sei que vai — fechou um punho e deu um soco leve no braço de Ralph. — E mais uma vez obrigado por me segurar antes de eu fazer uma coisa, sabe, para depois me arrepender.

— Claro. Mediador Número Um, sou eu mesmo. — Ralph começou a descer pelo caminho que levava à Extensão da Harris, então se virou. —

Está vendo aquela estrada de serviço ali adiante? A que vai do terminal até a rua?

— apontou. Naquele momento, o caminhão de um serviço de bufê ia se afastando do terminal para aviões executivos, e seu pára-brisa refletia os raios do sol nos olhos dos dois. O caminhão parou um pouco antes do portão, interceptando o facho de luz da célula foto-elétrica. O portão começou a se abrir.

— Claro que sim — respondeu Faye.

— No verão passado, vi Ed Deepneau usando aquela estrada, o que significa que tinha um cartão magnético para passar pelo portão. Tem idéia de como é que ele teria arranjado um cartão?

— Você está falando do cara dos Amigos da Vida? O cientista que fez umas pesquisas sobre espancamento de mulher no verão passado?

Ralph concordou.

— Mas estou falando do verão de 92. Ele dirigia um velho Datsun marron naquela época.

Faye deu uma risada.

— Não saberia distinguir um Datsun de um Toyota ou de um Honda, Ralph: perdi a capacidade de diferenciar carros quando o Chevrolet perdeu o rabo de gaivota. Mas posso lhe dizer quem geralmente usa esta estrada: fornecedores de comida, mecânicos, pilotos, tripulantes e controladores de vôo. Alguns passageiros têm cartões, acho, quando fazem vôos executivos com freqüência. Lá os únicos cientistas são os que trabalham na estação meteorológica. E esse tipo de cientista que ele é?

— Não, ele é químico. Trabalhou nos laboratórios Hawking até pouco tempo.

— Brincava com ratinhos brancos, é? Bem não há ratinhos no aeroporto, pelo menos que eu saiba, mas, pensando bem, *tem* outro pessoal que usa esse portão.

— Ah é? Quem?

Faye apontou para uma construção pré-fabricada com telhado de metal corrugado a uns sessenta metros do terminal geral.

— Está vendo aquele prédio? É a Solo Tech.

— Que é a Solo Tech?

— Uma escola — respondeu Faye. — Ensina o pessoal a voar.

4

RALPH VOLTOU pela Avenida Harris com as mãos enormes metidas nos bolsos e a cabeça baixa, de modo que via pouco mais que as rachaduras na calçada que seus tênis calcavam. Tinha os pensamentos fixos em Ed Deepneau novamente.. e na Solo Tech. Não havia maneira de saber se a Solo Tech era a razão de Ed ter estado no aeroporto no dia em que batera na pick-up da firma de jardinagem, mas de repente essa era uma pergunta que Ralph gostaria muito de ver respondida. Também tinha curiosidade de saber onde Ed estava morando ultimamente. Pôs-se a imaginar se John Leydecker teria a mesma curiosidade e decidiu averiguar.

Ia passando pela desprentensiosa loja geminada em que funcionavam a George Lyford, Contadores, de um lado, e a joalheria Maritime (PAGA-MOS O MELHOR PREÇO PELO SEU OURO) do outro, quando foi sacudido de seus pensamentos por um latido curto e abafado. Ergueu os olhos e viu Rosalie sentada na calçada, bem na entrada superior do parque Strawford. A velha cachorra ofegava; a saliva escorria da língua pendurada e formava uma poça escura no concreto entre suas patas. O pêlo estava colado em chumaços escuros, como se ela tivesse corrido, e o lenço azul desbotado que trazia amarrado ao pescoço dava a impressão de tremer com sua respiração ofegante. Quando Ralph olhou, ela deu outro latido, que mais parecia um ganido.

Percorreu a rua com o olhar, procurando o alvo daqueles latidos, mas não encontrou nada, exceto a lavanderia Buffy-Buffy. Havia algumas mulheres andando no interior da loja, mas Ralph achou impossível que Rosalie estivesse latindo para elas.

Não havia mais ninguém passando pela calçada da lavanderia automática naquela hora.

Ralph voltou a olhar a cachorra e subitamente percebeu que Rosalie não estava sentada na calçada, mas agachada ali. . *encolhida.* . Parecia morta de medo.

Até aquele momento, Ralph nunca pensara muito na estranha humanidade que expressam a cara e o corpo dos cães: sorriam quando estavam satisfeitos, abaixavam a cabeça quando sentiam vergonha, registravam ansiedade nos olhos e tensão na postura das espáduas — enfim, tudo o que as pessoas faziam. E, como gente, expressavam medo servil e total em cada linha do corpo trêmulo.

Ele tornou a espiar para o lado oposto da rua, para o ponto que parecia concentrar a atenção de Rosalie e, mais uma vez, não viu nada exceto a

lavanderia e a calçada vazia diante da loja. Então, inesperadamente, lembrou-se de Natalie, Sua Majestade a Neném, agarrando os rastros azul-cinzentos deixados por seus dedos quando ele esticara a mão para limpar o leite de seu queixo. A qualquer outra pessoa, pareceria que ela não estava tentando agarrar nada, daquele jeito que os bebês sempre fazem.. mas Ralph sabia que não.

Ele *vira.*

Rosalie emitiu uma saraivada de ganidos de pânico que arranharam o ouvido de Ralph como o som de dobradiças sem lubrificação.

Até agora a coisa só aconteceu independente da minha vontade. . mas talvez eu possa fazê-la acontecer. Talvez eu possa me levar a ver...

Ver o quê?

Bem, as auras. Elas, naturalmente. E talvez aquilo que Rosalie (*three-six-nine-hon*)

está olhando também. Ralph já fazia uma boa idéia

(*the goose drank wine*)

do que era, mas queria ter certeza. O problema era como fazer.

Como é que uma pessoa vê, para começar?

Olhando, é claro.

Ralph olhou para Rosalie. Olhou-a atentamente, procurando ver tudo que havia para ver; a padronagem desbotada do lenço azul que lhe servia de coleira, os chumaços empoeirados e embaraçados em seu pêlo sem trato, os salpicos de pêlos grisalhos por todo o focinho. Após alguns minutos de estudo, ela pareceu sentir seu olhar, porque se virou, fitou-o e gemeu inquieta.

Quando a cachorra fez isso, Ralph sentiu alguma coisa girar em sua mente — como se o motor de arranque de um carro se ligasse. Teve uma sensação breve, mas muito clara, de estar subitamente mais *leve,* e então a luminosidade inundou o dia. Descobrira o caminho de volta àquele mundo mais nítido, mais texturado. Viu uma membrana escura — que o fez pensar em clara de ovo choco — materializar-se em torno de Rosalíe, e viu sair da cachorra um fio de balão cinza-escuro. Seu ponto de origem, porém, não era a cabeça, como fora o caso das pessoas que Ralph observara neste estado exacerbado de consciência. O fio de balão de Rosalie saía do focinho.

Agora você conhece a diferença mais fundamental entre cães e homens, pensou.

Suas almas residem em lugares diferentes.

[*Totó! Aqui, totó, vem!*]

Ralph fez uma careta e procurou evitar aquela voz, que lembrava giz arranhando o quadro-negro. Levou as palmas das mãos quase até os ouvidos antes de perceber que não adiantaria; na realidade, não ouvia a voz com os ouvidos, e o ponto em que a voz mais incomodava estava no fundo de sua cabeça, onde as mãos não poderiam alcançar.

[*Ei, seu porra pulguento! Você acha que temos o dia inteiro? Mexa esse rabo cheio de sarna e venha já aqui!*]

Rosalie gemeu e transferiu o olhar de Ralph para o que quer que estivesse olhando antes. Começou a se levantar, mas tornou a cair sobre os quartos. O lenço que usava sacudia com mais rapidez que nunca e Ralph viu uma meia-lua escura se espalhar em volta de sua anca esquerda, quando a bexiga esvaziou.

Ele olhou para o lado oposto da rua e lá estava o Dr. n□ 3, parado entre a lavanderia e um velho prédio de apartamentos vizinho, o Dr. n□ 3 com o seu avental branco (bem sujo, Ralph reparou, como se estivesse em uso há muito tempo) e seus jeans azuis de anão. Ainda trazia o panamá de McGovern na cabeça. O chapéu agora parecia equilibrar-se nas orelhas da criatura; ficava-lhe tão grande, que a metade superior da cabeça parecia soterrada sob o chapéu. Sorria ferozmente para a cachorra, e Ralph viu uma fileira dupla de dentes brancos e pontiagudos — os dentes de um canibal. Na mão esquerda, segurava alguma coisa, um velho bisturi ou uma navalha. Parte da mente de Ralph tentou convencê-lo de que era sangue o que via na navalha, mas tinha quase certeza de que era apenas ferrugem.

O Dr. n□ 3 meteu os dois primeiros dedos da mão direita nos cantos da boca e tirou um assobio cortante que atravessou a cabeça de Ralph como uma broca. Na calçada, Rosalie encolheu-se e em seguida soltou um breve uivo.

[*Passa já para aqui, Rover! Nesse minuto!*]

Rosalie se levantou com o rabo entre as pernas e começou a caminhar esquiva na direção da rua. Gania ao caminhar, e o medo piorara tanto a perna coxa que ela mal conseguia cambalear; os quartos traseiros ameaçavam escorregar para os lados a cada arranco relutante.

[*Ei!*]

Ralph só percebeu que tinha gritado, quando viu uma nuvenzinha azul flutuar diante de seu rosto. Riscava-a uma teia prateada que lhe dava a aparência de um floco de neve, o anão careca girou na direção do grito de Ralph, e ergueu instintivamente a arma que segurava. Sua expressão era um esgar de surpresa. Rosalie parara com as patas dianteiras na sarjeta e observava Ralph com os olhos castanhos arregalados e ansiosos.

[*Que é que você quer, Coroa?*]

Havia fúria naquela voz por ter sido interrompido, fúria por ter sido desafiado. . mas Ralph achou que havia outras emoções por trás. Medo?

Gostaria de poder acreditar. Perplexidade e surpresa pareciam mais prová-veis. Quem quer que fosse essa criatura, não estava habituada a ser vista por gente como Ralph, e, muito menos, desafiada.

[*Que foi, Pé-na-cova, o gato comeu sua língua? Ou já se esqueceu do que queria?*]

[— *Quero que deixe o cachorro em* paz!]

Ralph se ouvia de duas formas distintas. Tinha uma razoável certeza de que estava falando em voz alta, mas o som de sua voz real era distante e fraco, como a música que saía dos fones de um Walkman posto de lado temporariamente. Alguém que parasse ao seu lado poderia ouvir o que dissera, mas Ralph sabia que as palavras teriam soado como um ofego breve e fraco

— a voz de um homem que acabasse de levar um soco no estômago. Dentro de sua cabeça, porém, ele se ouvia como há muito não ocorria — jovem, forte e confiante.

O Dr. nº3 deve tê-lo ouvido dessa segunda forma, porque relutou brevemente, e tornou a erguer a arma (Ralph agora estava quase seguro de que se tratava de um bisturi) um instante, como se quisesse se defender. Então pareceu recuperar-se. Abandonou a calçada, foi até a beira da Avenida Harris e parou na faixa de grama, coberta de folhas, entre a calçada e a rua. Enganchou os dedos na cintura dos jeans, puxou-a sob o avental sujo, e encarou Ralph mal-humorado por alguns momentos. Em seguida, ergueu o bisturi enferrujado no ar e fez um gesto desagradável e sugestivo de quem serra.

[*Você pode me ver, grande coisa! Não meta o nariz no que não é da sua conta,*

Pé-na-cova! O vira-lata é meu!]

O doutor careca virou-se para a cachorra agachada.

[*Não estou para brincadeiras com você, Rover! Passe já para aqui! Agora!*]

Rosalie lançou a Ralph um olhar suplicante e desesperado e, então, começou a atravessar a rua.

Eu não me meto em histórias antigas, o velho Dor lhe aconselhara no dia em que lhe dera o livro de poemas de Stephen Dobyns. *E já lhe* disse *para também não se meter.*

Dissera, de fato dissera, mas Ralph tinha a sensação de que agora era demasiado tarde. E mesmo que não fosse, não tinha intenção de entregar Rosalie ao desagradável anãozinho parado diante da lavanderia automática, do outro lado da rua. Isto é, se pudesse evitá-lo.

[— *Rosalie! Aqui, cachorrinha! Junto!*]

Rosalie deu um único latido e correu para Ralph. Colocou-se atrás de sua perna direita e sentou ofegante, com os olhos postos nele. E ali estava outra expressão que Ralph descobriu que podia ler com facilidade: uma parte de alívio, duas partes de gratidão.

O rosto do Dr. n□ 3 se contorceu numa careta de ódio tão profundo, que era quase uma caricatura.

[*É melhor mandar ela para cá, Coroa! Estou avisando!*]

[— *Não.*]

[*Vou ferrar você, Coroa. Vou ferrar você pra valer. E vou ferrar seus amigos. Tá me ouvindo bem? Tá...*]

De repente Ralph ergueu a mão na altura do ombro com a palma voltada para o lado da cabeça, como se pretendesse dar um golpe de caratê.

Baixou, rápido, a mão e observou, assombrado, uma cunha de luz azul voar da ponta de seus dedos e atravessar a rua como uma lança. O Dr. n□ 3 abaixou-se na hora, botando a mão no panamá de McGovern para impedi-lo de voar. A cunha azul passou raspando a uns cinco ou seis centímetros daquela mãozinha em cima do chapéu e atingiu a vitrine do Buffy-Buffy. Ali se espalhou como se fosse um líquido sobrenatural e, por um instante, o vidro empoeirado refletiu o azul

radioso e perfeito do céu daquele dia. Apagou-se após um instante, e Ralph viu de novo as mulheres no interior da lavanderia dobrando roupas e metendo-as nas máquinas de lavar, como se nada tivesse acontecido.

O anão careca endireitou-se, fechou os punhos e sacudiu-os para Ralph. Em seguida, puxou o chapéu de McGovern da cabeça, meteu a aba na boca e arrancou um pedaço. Ao executar esse estranho equivalente de uma má-criação de criança, o sol tirou lascas de fogo dos lóbulos de suas orelhas pequenas e bem feitas. Ele cuspiu o pedaço de palha estraçalhada e enfiou o chapéu de novo na cabeça.

[*Aquela cachorra era minha, Coroa! Ia brincar com ela! Acho que em vez disso, vou ter que brincar com você, hein? Você e os panacas dos seus amigos!*]

[— *Cai fora daqui*!]

[*Chupador de buceta! Fodeu a mãe e depois lambeu a buceta dela!*]

Ralph sabia onde tinha ouvido expressões desse tipo antes, Ed Deepneau, no aeroporto, no verão de 1992. Não era coisa de que se esquecesse, e de repente sentiu-se aterrorizado. Deus do céu, em que é que tropeçara?

5

RALPH ERGUEU a mão até o lado da cabeça outra vez, mas alguma coisa interior mudara. Poderia baixá-la de novo naquele gesto de caratê, mas tinha quase certeza de que, desta vez, não produziria nenhuma cunha azul voadora.

Mas aparentemente o doutor não sabia que estava sendo ameaçado com uma arma sem balas. Encolheu-se, levantou a mão que segurava o bisturi num gesto de quem se protege. O chapéu grotescamente mordido escorregou por cima de seus olhos e, por um momento, ele pareceu uma versão teatral de Jack, o Estripador. . alguém que estivesse procurando se livrar de uma impotência patológica causada pela baixa estatura.

[*Vou tirar a forra, Coroa! Pode esperar! Pode esperar! Nenhum Pé-na-cova vai folgar comigo!*]

Mas, por ora, o doutorzinho careca já se enchera. Deu meia-volta e entrou correndo pelo caminho cheio de mato entre a lavanderia e o prédio de apartamentos, com o avental demasiado comprido esvoaçando e batendo nas pernas do jeans. A luminosidade do dia desapareceu com ele. Até certo ponto, Ralph assinalou essa passagem com sentidos que nunca suspeitara possuir. Sentia-

se totalmente desperto, totalmente energizado, e quase explodindo de prazerosa excitação.

Botei-o para correr, por Deus! Botei o filho da puta para correr!

Não fazia a menor idéia de quem poderia ser realmente a criatura de avental branco, mas sabia que salvara Rosalie de suas garras, e por ora bastava. As perguntas incômodas sobre sua sanidade poderiam voltar sorrateiras amanhã de manhã, quando se sentasse na poltrona contemplando a rua deserta.. mas, no momento, sentia-se o máximo.

— Você viu ele, não viu, Rosalie? Você viu aquela coisinha. .

Baixou os olhos, descobriu que Rosalie já não se encontrava junto dele, e ergueu a cabeça em tempo de vê-la entrar no parque mancando, a cabeça baixa, a perna direita repuxando dura para fora a cada passada dolorosa.

— Rosalie! — chamou — Ei, cachorinha! — E, sem saber realmente por quê, exceto que tinham vivido juntos uma coisa extraordinária, Ralph saiu atrás dela, de início apenas andando rápido, depois correndo, finalmente dando tudo que podia.

Mas não correu assim por muito tempo. Uma dor aguda, que parecia uma agulha em brasa, enterrou-se em seu lado esquerdo e logo se espalhou por metade do peito. Ele parou na entrada do parque com o corpo dobrado, no cruzamento de dois caminhos, as mãos apoiadas nas pernas, bem acimas dos joelhos. O suor escorreu para seus olhos, ardendo como se fosse lágri-

ma. Ele ofegava asperamente, perguntando-se se seria apenas o tipo de pontada normal que se lembrava de sentir no último trecho da pista de corrida na escola secundária, ou se aquilo era o princípio de um ataque cardíaco fatal.

Passados trinta ou quarenta segundos, a dor começou a regredir, portanto, talvez fosse mesmo apenas uma pontada. Mas era um bom argumento em favor da tese de MacGovern, não? *Vou-lhe dizer uma coisa, Ralph — na nossa idade, os distúrbios mentais são comuns! Na nossa idade, são supercomuns!* Ralph não sabia se isto era ou não verdade, mas sabia que trancorrera meio século desde que participara da corrida estadual e sair correndo atrás de Rosalie como fizera fora uma burrice, provavelmente, uma burrice perigosa. Se seu coração tivesse emperrado, ele não teria sido o primeiro velhote a ser puni-do com uma trobose nas coronárias, por se excitar e esquecer que, quando os dezoito anos passavam, era para sempre.

A dor praticamente cessara e ele ia recuperando o fôlego, mas as pernas continuavam pouco confiáveis, como se ameaçassem ceder nos joelhos e deixá-lo cair no caminho de brita sem o menor aviso. Ralph ergueu a cabeça procurando o banco de jardim mais próximo, e viu algo que o fez esquecer cachorros vadios, pernas bambas, e até possíveis ataques cardíacos.

O banco mais próximo encontrava-se a uns quinze metros adiante, no caminho da esquerda, no topo de uma elevação suave. Lois Chasse estava sentada naquele banco, com seu casaco azul de outono. Trazia as mãos enluvadas entrelaçadas ao colo e soluçava como se seu coração fosse partir.

CAPÍTULO 12

1

— QUE FOI que houve, Lois?

Ela ergueu os olhos para ele, e o primeiro pensamento a cruzar a cabe-

ça de Ralph foi na realidade uma lembrança: uma peça a que levara Carolyn para assistir no teatro Penobscot em Bangor, há oito ou nove anos. Alguns personagens estavam supostamente mortos e usavam maquilagem branca e olheiras escuras em torno dos olhos, para dar a impressão de grandes órbitas vazias.

Seu segundo pensamento foi muito mais simples: *Quatis.*

Ou ela viu esses pensamentos estampados no rosto de Ralph ou simplesmente se apercebeu de sua provável aparência, porque virou a cabeça, tentou por alguns instantes abrir o fecho da bolsa e, em seguida, simplesmente ergueu as mãos e usou-as para esconder o rosto do seu olhar.

— Vá-se embora, Ralph, por favor — pediu numa voz embargada. —

Não estou me sentindo muito bem hoje.

Em circunstâncias normais, Ralph teria feito o que ela pedia, e se afas-taria depressa sem olhar para trás, sentindo apenas um vago constrangimento por tê-la encontrado com a maquilagem desfeita e desarmada. Mas as circunstâncias não eram normais e Ralph resolveu que não ia embora — pelo menos, não naquele momento. Ainda conservava um pouco daquela estranha leveza, e ainda sentia que o outro mundo, a outra Derry, achava-se muito próxima. E havia mais uma coisa, uma coisa perfeitamente simples e dire-

ta. Odiava ver Lois, cuja natureza alegre ele jamais pusera em dúvida, sentada sozinha e chorando de se acabar.

— Que foi que houve, Lois?

— Não estou me sentindo bem! — exclamou. — Será que não pode me deixar em paz?

Lois escondeu o rosto nas mãos enluvadas. Suas costas sacudiam, as mangas do casaco azul tremiam, e Ralph pensou na expressão de Rosalie quando o doutor careca berrara mandando-a atravessar a rua imediatamente: infeliz, morta de medo.

Ralph sentou-se junto de Lois, passou o braço por suas costas e puxou-a para perto. Ela veio, mas dura.. como se tivesse o corpo cheio de arames.

— Não olhe para mim! — exclamou na mesma voz transtornada. —

Não se *atreva!* Minha maquilagem está um horror! Me maquilei especialmen-te para o meu filho e minha nora. . eles vieram tomar o café da manhã. . íamos passar a manhã. . ―Vai ser ótimo, mamãe‖ foi o que Harold disse.. mas o *motivo* por que vieram.. sabe, o verdadeiro motivo. .

A comunicação foi interrompida por um novo acesso de choro. Ralph apalpou seu bolso traseiro e puxou um lenço amassado, mas limpo, e colocou-o nas mãos de Lois. Ela tomou-o sem olhar para Ralph.

— Vamos — falou. — Esfregue um pouco se quiser, embora você não esteja muito ruim, Lois; sinceramente que não.

Está com um arzinho de quati, pensou, *mas é só*. Começou a rir, mas logo o sorriso morreu. Lembrou-se do dia em que saíra para ir à Rite Aid, conhecer os soníferos vendidos sem receita e encontrara Bill e Lois parados do lado de fora do parque, discutindo a manifestação com bonecas cheias de sangue que Ed comandara diante da WomanCare. Ela estava visivelmente perturbada naquele dia — Ralph se lembrava de tê-la achado com o ar cansado apesar da agitação e do interesse — mas, também, quase bela: seu busto de bom tamanho ondeando com a respiração, os olhos cintilantes, as faces co-radas como as de uma mocinha. Aquela beleza quase irresistível hoje não passava de uma lembrança; com a maquilagem derretida, Lois Chasse parecia um palhaço velho e triste e Ralph sentiu uma centelha de fúria pela coisa ou a pessoa que causara aquela transformação.

— Estou *horrorosa!* — Lois disse, esfregando o lenço de Ralph com força. — Um *espantalho!*

— Não está não, senhora. Seu rosto está só um pouquinho borrado.

Lois finalmente virou-se para encará-lo. Isto lhe custou um visível esforço agora que a maior parte do blush e da sombra tinham passado para o lenço de Ralph.

— Ainda estou muito ruim? — ela sussurrou. — Diga a verdade, Ralph Roberts, ou vai ficar vesgo.

Ele se curvou e beijou sua face úmida.

— Apenas bonita, Lois. Vamos guardar o etérea para outro dia.

Ela deu um sorriso inseguro, e o movimento ascendente das faces fez mais duas lágrimas rolarem de seus olhos. Ralph tomou o lenço amassado de suas mãos e enxugou-as devagarinho.

— Fico tão contente que tenha sido você a aparecer e não Bill — disse. — Teria morrido de vergonha se Bill me visse chorando em público.

Ralph espiou em volta. Viu Rosalie, sã e salva, ao pé da elevação —deitara-se entre os dois banheiros que ficavam ali, o focinho descansando sobre a pata — de resto, este pedaço do parque estava deserto.

— Acho que o lugar é praticamente nosso, pelo menos por ora — falou.

— Graças a Deus pelos seus pequenos favores. — Lois retomou o lenço e recomeçou a retirar a maquilagem, desta vez com uma disposição mais profissional. — Por falar em Bill, parei no mercadinho a caminho daqui, isto foi antes de começar a sentir pena de mim mesma e cair no choro, e Sue me disse que vocês tiveram uma grande discussão há pouco. E que estavam aos gritos no jardim diante da casa.

— Não, não foi tão escandaloso assim — Ralph sorriu sem graça.

— Posso ser curiosa e perguntar por que foi?

— Xadrez — respondeu Ralph. Foi a primeira coisa que lhe ocorreu.

— O torneio da Pista 3 que Faye Chapin organiza todo ano. Só que discu-timos por besteira. Sabe como é, às vezes a gente levanta da cama com o pé esquerdo e aproveita a primeira desculpa.

— Espero que tenha sido assim comigo. — Lois abriu a bolsa, desta vez sem muito esforço, e retirou o pequeno estojo de pó. Então suspirou e voltou a guardá-lo na bolsa. — Não posso. Sei que estou sendo criança, mas simplesmente *não posso.*

Ralph meteu ligeiro a mão na bolsa antes que ela a fechasse, apanhou o estojo, abriu-o e segurou o espelho diante dela.

— Está vendo? Não está tão ruim assim, está?

Ela desviou o rosto como um vampiro diante de um crucifixo.

— Uh! — exclamou. — Guarde isso.

— Se você prometer me contar o que aconteceu.

— Prometo qualquer coisa, mas guarde isso.

Ele obedeceu. Por alguns instantes, Lois não disse nada, simplesmente continuou olhando para as mãos que mexiam e remexiam no fecho da bolsa. Ralph estava a ponto de insistir, quando ela o encarou com uma aflita expressão de desafio.

— Acontece que você não é a *única* pessoa que não consegue dormir uma boa noite de sono, Ralph.

— De que é que você está falan. .

— *De insônia!* Vou-me deitar mais ou menos a mesma hora em que sempre me deitei, mas não consigo dormir até de manhã. E pior que isso.

Parece que acordo cada dia mais cedo.

Ralph procurou lembrar se chegara a contar a Lois este aspecto do seu próprio problema. Achava que não.

— Por que está fazendo essa cara de surpresa? — Lois perguntou. —

Você não pensou realmente que fosse a única pessoa no mundo que já passou uma noite insone, pensou?

— Claro que não! — Ralph respondeu com alguma indignação. . mas não teria por vezes sentido que era a única pessoa no mundo a ter aquele *tipo* de insônia? Parado ali, impotente, enquanto boas horas de sono se esco-am minuto a minuto, hora a hora? Parecia uma variante exótica da tortura chinesa do pingo d'água.

— Quando começou?

— Uns dois meses antes de Carol falecer.

— E quanto tempo você está conseguindo dormir?

— Não chega nem a uma hora, desde o início de outubro. — Sua voz era calma, mas Ralph ouvia um tremor subjacente que bem poderia ser de pânico. — Do jeito que as coisas vão, terei parado de dormir inteiramente por volta do Natal, e se isso realmente acontecer, não sei como vou conseguir sobreviver. Agora já é tão difícil.

Ralph procurou recuperar a fala e fez a primeira pergunta que lhe ocorreu.

— Como é que nunca vi sua luz acesa?

— Pela mesma razão que raramente vejo a sua, imagino. Moro na mesma casa há trinta e cinco anos, e não preciso acender a luz para me deslocar. E também, costumo guardar meus problemas para mim. Se você fica acedendo as luzes às duas da manhã, mais cedo ou mais tarde alguém vê. A notícia se espalha e logo os bisbilhoteiros começam a fazer perguntas. Não gosto de bisbilhotices, e não sou do tipo que gosta de anunciar no jornal todas as vezes que tem uma prisão de ventre.

Ralph caiu na gargalhada. Ela fitou-o com visível perplexidade por um instante, mas logo o acompanhou. O braço dele continuava nos ombros de Lois (ou será que tinha voltado de mansinho, por conta própria, depois que o retirara? Ralph não sabia e não estava realmente interessado), e abraçou-a com mais força. Desta vez seu corpo não opôs resistência; os arames duros tinham desaparecido. Ralph ficou contente.

— Você não está rindo de mim, está, Ralph?

— Não. Absolutamente.

— Então, *tudo* bem — ela assentiu, ainda sorrindo. — Você nunca me viu andando pela sala de estar, viu?

— Não.

— É porque não tem lâmpada diante da minha casa. Mas tem na frente da *sua*. Já vi você sentado naquela poltrona ensebada muitas vezes, observando a rua, bebendo chá.

Sempre presumi que eu fosse o único, pensou, e a pergunta inesperada — ao mesmo tempo cômica e embaraçosa — lampejou em sua mente. Quantas vezes ela o vira sentado ali, tirando meleca do nariz? Ou coçando o saco?

Fosse porque leu seus pensamentos ou por conta do rubor de seu rosto, Lois respondeu:

— Para falar a verdade, nunca deu para distinguir mais do que o seu vulto, sabe, e você estava sempre usando roupão, perfeitamente composto.

Portanto, não precisa se preocupar. E também espero que saiba que, se algum dia você começasse a fazer uma coisa que não quisesse que outros *vissem,* eu não teria olhado. Não fui criada numa estrebaria, está bem?

Ele sorriu e deu uma palmadinha em sua mão.

— Eu *sei* disso, Lois. É só que.. você sabe, é uma surpresa. Descobrir que, enquanto eu estava sentado ali observando a rua, alguém estava *me* observando.

Ela fitou-o com um sorriso enigmático que poderia significar, *não se preocupe, Ralph — você era para mim apenas mais um detalhe do cenário.*

Ele estudou seu sorriso por um momento, então procurou voltar ao assunto principal.

— Então, que foi que aconteceu, Lois? Por que você estava sentada aqui chorando? Só por causa da insônia? Se foi por isso, você tem toda a minha solidariedade. Na realidade, não há nenhum ―só‖ nisso, não é mesmo?

O sorriso de Lois desapareceu. Suas mãos enluvadas cruzaram-se de novo no colo e ela baixou os olhos tristemente.

— Há coisas piores do que a insônia. Traição, por exemplo. Principalmente quando os traidores são pessoas de quem se gosta.

2

ELA SE calou. Ralph não insistiu. Olhou para o pé do morro, de onde Rosalie parecia observá-lo. Aos dois, talvez.

— Você sabia que temos o mesmo médico, além do mesmo problema, Ralph?

— Você é cliente do Litchfield, também?

— Era. Foi Carolyn quem me recomendou o Litchfield. Mas nunca mais volto a me consultar com ele. Para mim chega — seu lábio superior se arreganhou. — Traidor filho da *puta!*

— Que aconteceu?

— Deixei o problema rolar durante quase um ano, à espera de que melhorasse sozinho, deixando, como dizem, a natureza agir. Não que eu não tentasse ajudar a natureza de vez em quando. Provavelmente experimenta-mos muitos remédios iguais.

— Favo de mel? — Ralph perguntou sorrindo novamente. Não podia deixar de sorrir. *Que dia assombroso o de hoje,* pensou. *Que dia absolutamente assombroso. . e ainda nem chegamos a uma hora da tarde*.

— Favo de mel? Que é que tem o favo de mel? Ajuda?

— Não — Ralph respondeu rindo mais francamente que nunca —não ajuda nada, mas tem um gosto *maravilhoso.*

Ela deu uma risada e apertou a mão nua de Ralph em suas mãos enluvadas. Ele retribuiu o aperto.

— Você nunca consultou o Dr. Litchfield sobre a sua insônia, não é,

Ralph?

— Não. Marquei uma consulta uma vez, mas cancelei.

— Você adiou por que não confiava nele? Por que achava que pisou na bola com Carolyn?

Ralph olhou-a, admirado.

— Esquece — disse Lois. — Eu não tinha o direito de perguntar.

— Não, pode perguntar. Acho que me admirei de ouvir essa idéia na boca de outra pessoa. Que ele.. sabe.. que ele pode ter feito um diagnóstico errado.

— Hum! — Os belos olhos de Lois faiscaram. — A idéia ocorreu a *todos* nós! Bill costumava dizer que era inacreditável que você não tivesse levado aquele trapalhão filho da puta aos tribunais, no dia seguinte ao enterro de Carolyn. Naturalmente, naquela época, eu estava no partido oposto, de-fendendo Litchfield com unhas e dentes. Você nunca *pensou* em processá-lo?

— Não. Tenho setenta anos, e não quero passar o tempo que ainda me resta às voltas com um processo de erro médico. Além do mais, isso traria Carolyn de volta?

Ela sacudiu a cabeça.

— Mas o que aconteceu com Carolyn *foi* a razão por que não fui procurá-lo — Ralph admitiu. — Pelo menos, acho que foi. Não confiar mais totalmente nele, ou talvez.. não sei. .

Não, ele realmente não sabia, isso é que era o diabo. Só tinha certeza de que cancelara a consulta com o Dr. Litchfield, tal como cancelara a consulta com James Roy Hong, conhecido em certos meios como o espetador de agulhas. Consulta que desmarcara a conselho de um homem de noventa e dois ou três anos que provavelmente nem conseguia mais lembrar seu segundo nome. Sua mente saiu vagando até o livro que o velho Dor lhe dera, e até o poema que o velho Dor citara — *Busca,* era o título, e aparentemente Ralph não conseguia tirá-lo da cabeça. . principalmente o trecho em que o poeta falava das coisas que via desaparecer à sua passagem; os livros que não lera, as piadas que não contara, as viagens que nunca faria.

— Ralph? Você está aqui?

— Claro, só estava pensando no Litchfield. Me perguntando por que cancelei aquela consulta.

Ela lhe deu uma palmadinha na mão.

— Pois fique feliz que cancelou. Eu fui à minha.

— Me conte como foi.

Lois sacudiu os ombros.

— Quando a insônia chegou a um ponto que eu não conseguia mais suportar, procurei o Litchfield e lhe contei tudo. Pensei que ia me dar uma receita de soníferos, mas ele me disse que nem isso podia fazer, às vezes tenho arritmia cardíaca e as pílulas podiam piorar o problema.

— Quando foi ao Litchfield?

— No início da semana passada. Então, ontem, inesperadamente meu filho Harold me ligou dizendo que ele e Janet viriam me buscar para tomar café da manhã. Bobagem, falei. Ainda me viro muito bem na cozinha. Se vão enfrentar

uma viagem de Bangor até aqui, falei, vou preparar um café bem gostoso para vocês, e não se fala mais nisso. Então, depois, se quiserem me levar para passear, pensei no shopping, porque sempre gosto de ir até lá, e seria ótimo. Foi só isso que eu disse.

Virou para Ralph com um sorriso breve, amargurado e feroz.

— Nem me ocorreu questionar por que *os dois* estavam vindo me ver no meio da semana, eles trabalham e devem adorar aqueles empregos, porque praticamente é só nisso que falam. Pensei *no carinho* do gesto. . na *consideração*. . e fiz um esforço especial para me arrumar bem e fazer tudo certo para que Janet não desconfiasse de que eu não estava bem de saúde. Acho que é *isso* que me exaspera mais. Lois, a velha boba. ―A nossa Lois‖ como Bill sempre diz.. não faça cara de surpresa, Ralph! Claro que eu sabia disso; vocês acham que eu nasci ontem? E ele tem razão. *Sou* tola, *sou* boba, mas isso não quer dizer que não me magoe como todo mundo quando se apro-veitam da. . — ela recomeçou a chorar.

— Claro que não — Ralph disse, e afagou sua mão.

— Você teria rido se tivesse me visto assando bolinhos de abóbora às quatro horas da manhã, cortando cogumelos em rodelas para fazer uma omelete italiana às quatro e quinze, e começando a me maquilar às quatro e trinta só para ter *certeza,* absoluta certeza, de que Jan não ia começar com aquela história de ―Você tem certeza que está se sentindo bem, mãe Lois?‖

Odeio quando ela começa com essa baboseira. E sabe o que mais, Ralph? Ela sabia o tempo todo qual era o meu problema. Os *dois* sabiam. Portanto, acho que estavam se divertindo às minhas custas, não acha?

Ralph achava que tinha acompanhado a história com muita atenção, mas aparentemente perdera um ou dois detalhes.

— Sabiam? Como podiam saber?

— *Porque Litchfield contou!* — ela gritou. Seu rosto se contorceu de novo, mas desta vez não foi mágoa nem pesar o que Ralph viu, mas uma terrí-

vel e lastimável fúria. — *Aquele linguarudo filho de uma puta ligou para o meu filho e CONTOU TUDO!*

Ralph estava perplexo.

— Lois, eles não podem fazer isso — disse finalmente quando recuperou a voz. — A relação médico-paciente é.. bem, é privilegiada. Seu filho deve saber porque é advogado e a regra é a mesma que se aplica aos médicos. Os médicos não podem contar a *ninguém* o que o paciente diz a não ser que o paciente..

— Ora francamente — Lois girou os olhos para o alto. — Ai, meu Deusinho do céu. Em que mundo você vive, Ralph? Gente como Litchfield faz o que acha que está certo. Acho que sempre soube disso, o que me faz duas vezes mais burra por ter ido consultá-lo. Carl Litchfield é um sujeito arrogante que se preocupa mais com a aparência dos seus suspensórios e camisas de *grife* do que com os pacientes.

— Que comentário mais cínico.

— E mais verdadeiro, isto é que é triste. Sabe de uma coisa? Ele anda aí pelos trinta e cinco, trinta e seis anos, e, sabe-se lá por que, meteu na cabeça que quando completar quarenta anos, simplesmente vai.. parar. Vai continuar quarentão o tempo que quiser. Ele meteu na cabeça que as pessoas só ficam velhas quando chegam aos sessenta e que até as mais saudáveis já estão caducas por volta dos sessenta e oito, e que, se passarem dos oitenta, seria uma ato de caridade se os parentes as entregassem àquele Dr. Ke-vorkian. Os filhos não têm o direito de conhecer os segredos dos pais, mas, no entender de Litchfield, gente velha como nós não tem o direito de guardar segredos dos filhos. Não seria bom para nós, sabe.

— O que Carl Litchfield fez praticamente no minuto em que saí do consultório foi telefonar para Harold, em Bangor — Lois continuou. —

Contou que eu não estava dormindo, que estava sofrendo de depressão, e que estava tendo problemas de percepção que acompanham o declínio prematuro da cognição. E acrescentou: ―O senhor precisa se lembrar, Sr.

Chasse, de que sua mãe está envelhecendo e, se eu fosse o senhor, reavalia-ria seriamente a situação dela aqui em Derry.‖

— Ele não fez isso! — Ralph exclamou, assombrado e horrorizado. —

Quero dizer. . ele fez isso?

Lois concordava com a cabeça sombriamente.

— Ele disse isso a Harold e Harold me disse e agora estou lhe dizendo. A velha boba nem ao menos sabia o que significava ―um declínio prematuro de

cognição‖ e nenhum deles queria me dizer. Procurei ―cognição‖

no dicionário, e você sabe o que significa?

— Pensamento — disse Ralph. — Cognição é pensamento.

— Certo. O meu médico ligou para o meu filho para dizer que eu estava ficando senil! — Lois riu com raiva e usou o lenço de Ralph para enxugar as lágrimas que rolavam pelo seu rosto.

— Não dá para acreditar — comentou Ralph, mas o diabo é que dava.

Desde a morte de Carolyn, ele se apercebera de que a ingenuidade com que encarava o mundo até mais ou menos os dezoito anos aparentemente desapareceu por completo, quando ele cruzou o portal entre a infância e a idade adulta; aquela inocência peculiar parecia estar retornando agora que cruzava o portal entre a idade adulta e a *velhice*. As coisas não paravam de surpreendê-lo. . exceto que ―surpresa‖ era, na realidade, uma palavra muito fraca, O

que a maioria das coisas faziam era virá-lo de cabeça para baixo.

As garrafinhas debaixo da Ponte dos Beijos eram um exemplo. Ele fizera uma longa caminhada até o parque Bassey um dia de julho e parou debaixo da ponte para fugir um pouco do sol da tarde. Mal se acomodara confortavelmente quando reparou num montinho de vidro quebrado no mato à beira do riacho que corria sob a ponte. Ele abaixara as plantas altas com um galho quebrado e descobriu umas oito garrafinhas. Uma delas tinha uma crostra branca no fundo. Ralph a levantara e ao revirá-la curioso diante dos olhos, percebeu que o que via eram os restos de uma festinha de crack. Largara a garrafa no chão, como se ela queimasse. Ainda conseguia se lembrar do choque que sentira, da infrutífera tentativa de se convencer de que estava ficando maluco, que aquilo *não podia ser* o que ele pensava que era, não neste buraco no meio do mato, quatrocentos quilômetros ao norte de Boston.

Naturalmente era o *ingênuo* emergente que se chocara; aquela parte dele parecia acreditar (ou acreditara até descobrir as garrafinhas sob a Ponte dos Beijos) que todas aquelas notícias sobre epidemia de cocaína eram apenas mentirinhas, tão fantasiosas quanto um seriado de crimes na TV ou um filme de Jean-Claude Van Damme.

Sentia agora um choque semelhante.

— Harold me disse que queria dar um pulo comigo até Bangor e me mostrar um

lugar — Lois ia dizendo. — Ele nunca me leva para passear ultimamente; apenas dá umas voltinhas por aí. Como se eu fosse uma tarefa a ser cumprida. Os dois trouxeram uma pilha de folhetos e quando Harold fez sinal a Janet, ela os sacou tão depressa. .

— Ôôôôô, mais devagar. Que lugar? Que folhetos?

— Desculpe. Estou pondo o carro adiante dos bois. É um lugar em Bangor, chamado Riverview Estates.

Ralph já ouvira o nome; até recebera um folheto. Uma dessas malas-diretas endereçada a pessoas de sessenta e cinco anos ou mais. Ele e McGovern tinham dado risadas juntos. . mas o riso tivera um quê de constrangimento — como o assovio dos garotos, ao passarem pelo cemitério.

— Puxa, Lois, é um asilo para velhos, não é?

— Não, *senhor!* — ela protestou, arregalando os olhos inocentemente.

— Foi o que eu disse, mas Harold e Janet me corrigiram. Não, Ralph, Riverview Estates é *um condomínio construído para cidadãos idosos com um senso de comunidade!* Quando Harold falou isso, exclamei: ―É mesmo? Bem, vou dizer uma coisa aos dois, vocês podem pôr uma tortinha do McDonald‘s num *réchaud* de prata-de-lei e batizá-la de torta francesa, mas para mim vai continuar sendo uma tortinha do McDonald‘s‖.

— Quando disse isso, Harold começou a engasgar e a ficar vermelho, mas Jan deu aquele sorrisinho meigo, aquele que guarda para ocasiões especiais porque sabe que me irrita. Ela disse: ―Bem, por que não damos pelo menos uma olhada nos folhetos, mãe Lois? Você fará pelo menos isso, não fará, sabendo que nós dois tiramos um dia de folga e dirigimos quilômetros para vir ver você?‖

— Como se Derry ficasse no coração da África — Ralph murmurou.

Lois segurou sua mão e disse uma coisa que o fez rir.

— Ah, para ela fica!

— Isso foi antes ou depois de você ter descoberto que Litchfield tinha sido linguarudo? — perguntou Ralph. Usou intencionalmente a mesma imagem que Lois usara; parecia se ajustar melhor à situação do que qualquer palavra ou frase mais rebuscada. ―Cometera um abuso de confiança‖ era uma frase demasiado digna para esse tipo de atitude sórdida. Era muito mais simples, Litchfield saíra

correndo e batera com a língua nos dentes.

— Antes. Achei que podia muito bem olhar os folhetos; afinal eles tinham viajado mais de sessenta quilômetros, e não ia me tirar nenhum peda-

ço. Então folheei o material enquanto comiam os pratos que tinha preparado, e não sobrou nada para jogar no lixo, e bebiam o café.

— É um lugar e tanto esse Riverview. Eles têm uma equipe médica permanente vinte e quatro horas por dia e uma cozinha própria. Quando a pessoa entra, fazem um exame físico completo e decidem o que ela pode comer. Têm uma Dieta Vermelha, uma Dieta Azul, uma Dieta Verde e uma Dieta Amarela. Havia mais outras três ou quatro cores. Não lembro para que era cada uma das dietas, mas a Amarela era para diabéticos e a Azul para gorduchos.

Ralph pensou em comer três refeições cientificamente equilibradas por dia o resto da vida — nada de pizzas de salsicha do Gambino's, nada de sanduíches do Coffee Pot, nada de chilibúrgueres do Mexico Milt's — e achou a perspectiva quase insuportável.

— E mais — continuou Lois animada — eles têm um sistema de tubos de ar comprimido que deixam a dosagem diária de pílulas diretamente em sua cozinha individual. Não é uma idéia maravilhosa, Ralph?

— Deve ser — concordou Ralph.

— Ah, claro que é. É maravilhosa, a onda do futuro. Tudo é controlado por computador, e aposto como a cognição deles nunca entra em declínio. Tem um ônibus especial que leva os moradores de Riverview a lugares de interesse paisagístico ou cultural, duas vezes por semana, e também os leva para fazer compras. O uso do ônibus é obrigatório, porque as pessoas de Riverview não podem ter carros.

— Boa idéia — disse ele dando um aperto carinhoso na mão de Lois.

— Que são meia dúzia de bêbados numa noite de sábado, comparados a um velho fóssil com uma cognição instável à solta num Buick?

Ela não sorriu, conforme Ralph esperara que fizesse.

— As fotos nos folhetos fizeram meu sangue ferver. Velhotas jogando canastra. Velhotes atirando ferraduras. Os dois gêneros juntos numa ampla sala de painéis de madeira a que chamam de Salão River, dançando quadrilha. Embora o nome

seja até bonito, não acha? Salão River?

— Acho que sim.

— Parece nome de salão que a gente encontra em castelo encantado.

Mas já visitei velhos amigos em Strawberry Fields, o asilo geriátrico de Skowhegan, e conheço uma sala de recreação para velhos só de olhar. Não importa o nome bonito que dêem, sempre haverá um armário cheio de jogos de tabuleiros, quebra-cabeças faltando cinco ou seis peças em cada conjunto, a TV sempre ligada em um seriado do gênero brigas em família, jamais em filmes em que jovens bonitos ficam pelados e rolam abraçados pelo chão diante da lareira. Essas salas sempre cheiram a pomada. . e urina.. e aquarelas baratas vendidas em latas compridas. . e desespero.

Lois fitou-o com seus olhos negros.

— Eu só tenho sessenta e oito anos, Ralph. Sei que sessenta e oito não parece pouco para o Dr. Fonte da Juventude, mas para mim parece, porque minha mãe tinha noventa e dois anos quando morreu no ano passado e meu pai viveu até os oitenta e seis. Na minha família, quem morre aos oitenta, morre jovem.. e se tivesse que passar doze anos morando num lugar onde o jantar é anunciado por um alto-falante, endoidaria.

— Eu também.

— Mas olhei os folhetos. Queria ser gentil. Quando terminei, arrumei tudo numa pilha certinha e devolvi a Jan. Comentei que eram muito interessantes e agradeci. Ela acenou com a cabeça, sorriu e guardou os folhetos de volta na bolsa. Pensei que a coisa ia acabar ali e que já acabava tarde, mas então Harold falou: ―Vista o seu casaco, mamãe.‖

— Por um segundo, fiquei tão apavorada, que não consegui respirar.

Pensei que já tivessem me inscrito! E tive a impressão de que se dissesse que não ia, Harold abriria a porta e haveria dois ou três homens de paletós brancos, e um deles sorriria e diria: ―Não se preocupe, Sra. Chasse; depois que a senhora receber o primeiro punhado de pílulas diretamente em sua cozinha, a senhora nunca mais vai querer morar em outro lugar.‖

— Não *quero* vestir o meu casaco — respondi a Harold, e tentei usar a mesma firmeza que usava quando ele tinha dez anos e sempre entrava com os pés cheios de lama na cozinha, mas meu coração batia tão forte que o ouvia pulsar na

minha voz. — Mudei de idéia sobre o passeio. Esqueci que tinha muito que fazer hoje. E então Jan deu uma risada que detesto ainda mais do que o seu sorrisinho meloso e disse: ―Ora, mãe Lois, que é que você teria de tão importante para fazer que não possa *nos* acompanhar até Bangor, depois de termos gasto tempo de nossa folga para vir até Derry *vê-la?"*

— Aquela mulher sempre consegue me irritar, e acho que faço o mesmo com ela. Devo fazer porque nunca na vida conheci uma mulher que sorrisse tanto para outra sem odiá-la. Em todo ocaso, disse que, para come-

çar, tinha de lavar o chão da cozinha. Olhe só para esse chão — falei. Está imundo.

―Hum!‖— disse Harold. ―Não acredito que você vá nos mandar de volta à cidade de mãos abanando, depois de termos vindo até aqui, mamãe.‖

— Bom, não vou me mudar para esse lugar mesmo que você tenha vindo de longe — retorqui — portanto, pode ir tirando *essa* idéia da cabeça.

Vivo em Derry há trinta e cinco anos, metade de minha vida. Todos os meus amigos moram aqui e não vou me mudar.

— Eles se entreolharam do jeito que fazem os pais quando têm um filho que deixou de ser engraçadinho e começou a virar um pentelho. Janet me deu uma palmadinha no ombro e disse: ―Não precisa ficar nervosa, mãe Lois, só queremos que vá dar uma *espiada.* ‖ Como se fossem os folhetos de novo e eu só precisasse ser gentil. De qualquer modo, ao dizer que era só para dar uma espiada, ela me tranqüilizou um pouco. Devia saber que eles não poderiam me *obrigar* a morar lá, e nem mesmo pagar sozinhos a minha hospedagem. É com o dinheiro do Sr. Chasse que estão contando para fazer a mudança, a pensão e o seguro da estrada de ferro porque ele morreu em serviço.

— Acabei descobrindo que já tinham marcado uma visita para as onze horas, e havia um homem à espera para me mostrar as instalações e tentar me convecer. O medo maior já tinha passado quando descobri tudo isso, mas fiquei magoada com o ar de superioridade com que estavam me tratando, e furiosa que Janet acrescentasse a quase tudo que dizia o tempo de folga isso e o tempo de folga aquilo. Ficou bem claro que ela poderia imaginar programas muito melhores para passar o dia do que visitar a bruxa da sogra em Derry.

— ―Chega de alvoroço e vamos, mãe‖, disse depois de mais idas e vindas, como se eu estivesse tão feliz com a idéia do asilo que nem conseguisse decidir que chapéu usar. ―Vista seu casaco. Ajudo você a lavar a louça do café quando

voltarmos.‖

— Vocês não me ouviram, falei. Eu não vou a parte alguma. Por que desperdiçar um belo dia de outono como este, visitando um lugar onde não vou querer jamais morar? E com que direito vocês vêm até aqui querendo me expulsar de minha casa? Por que nenhum dos dois telefonou para dizer:

―Temos uma idéia, mamãe, você quer ouvir?‖ Não é assim que tratariam um amigo de vocês?

— Quando eu disse isso, eles se entreolharam outra vez.. Lois suspirou, enxugou os olhos uma última vez e devolveu o lenço a Ralph, mais úmido, mas de resto usável.

— Bem, percebi, por aquele olhar, que ainda não tínhamos atingido o fundo do poço. A principal indicação era o jeito de Harold, o mesmo que ficava quando acabava de roubar um punhado de pedaços de chocolate do saco na despensa. E Janet. . lançou a ele o olhar que mais detesto nela. O

olhar de trator, como chamo. E então perguntou se ele queria me contar o que o médico dissera, ou se ela deveria fazer isso.

— No fim, os dois contaram e quando terminaram eu estava tão furiosa e apavorada que tive vontade de arrancar os cabelos pela raiz. O que não conseguia engolir, por mais que tentasse, era a idéia de Carl Litchfield contar a Harold todas as coisas que achava que eram particulares. Simplesmente pegar o telefone e lhe *contar,* como se não houvesse nada de errado nisso.

— Então você acha que estou senil?, perguntei a Harold. É nisso que a coisa se resume? Você e Jan acham que fiquei de miolo mole na avançada idade de sessenta e oito anos?

— Harold ficou vermelho e começou a arrastar os pés debaixo da cadeira e a resmungar. Disse que não pensava tal coisa, mas tinha que levar em consideração a minha segurança, da mesma maneira que eu sempre levara a sua quando ele ainda não era adulto. E o tempo todo Janet ficou sentada à mesa, mordiscando um bolinho e fazendo uma cara para ele que me dava vontade de matá-la, como se o considerasse apenas uma barata que aprendera a falar como advogado. Então ela se levantou e perguntou se podia

―usar o toalete‖. Respondi-lhe que não fizesse cerimônia e consegui refrear a vontade de dizer que seria um alívio tê-la fora da cozinha por dois minutos.

— ―Obrigada, mãe Lois‖, ela disse. ―Não me demoro. Harry e eu teremos que ir andando daqui a pouco. Se você acha que não pode nos acompanhar e cumprir o seu compromisso, então acho que não há mais nada a dizer.‖

— Que amoreco — Ralph comentou.

— Bem, aquilo foi a gota d'água para mim; já aturara o bastante. Cum-pro os meus compromissos, Janet Chasse, falei, mas só os que eu mesma marco. Estou me cagando para os compromissos que marcam para mim.

— Ela abanou as mãos como se eu fosse a mulher mais irracional que já pisou a face da terra e me largou sozinha com o Harold. Ele me contemplava com aqueles grandes olhos castanhos, como se esperasse o meu pedido de desculpas. E quase senti que *devia* me desculpar, ainda que fosse apenas para apagar aquela expressão de cocker spaniel do rosto dele, mas não me desculpei. *Eu não faria isso*. Encarei-o de volta e, passado algum tempo, ele não conseguiu agüentar mais e me disse para eu me acalmar. Disse que só estava preocupado comigo aqui sozinha, que só estava tentando ser um bom filho e Janet só estava tentando ser uma boa filha.

— Creio que compreendo isso, falei, mas você devia saber que fazer as coisas pelas costas de alguém não é bem uma maneira de expressar amor e interesse. Ele se empertigou todo, e respondeu que ele e Jan não achavam que tivessem feito nada pelas costas. Olhou na direção do banheiro por uns dois segundos quando disse isso, e fiquei com a idéia de que o que ele queria mesmo dizer é que *Jan* não achava que tivessem feito nada pelas costas. Então falou que as coisas não tinham se passado como eu estava pensando, que *Litchfield* ligara para *ele* e não o contrário.

— Muito bem, respondi, mas o que foi que o impediu de desligar quando percebeu qual era *o assunto* que ele queria abordar? Isso foi absolutamente *errado,* Harry. Que foi que deu em você?

— Ele começou a ficar nervoso e inquieto, acho que poderia até estar começando a pedir desculpas, quando Jan voltou e você sabe o que bateu no ventilador. Ela me perguntou onde estavam os meus brincos de brilhantes, os que tinham me dado pelo Natal. Foi uma tal reviravolta que, a princípio, só consegui balbuciar, e suponho que dei a impressão de *estar* ficando senil. Mas finalmente consegui dizer que os brincos estavam na tigelinha de porcelana chinesa na cômoda do meu quarto, como sempre. Tenho uma caixa de jóias, mas guardo esses brincos e outras duas ou três jóias boas fora, porque são tão bonitas que sempre me alegro só de olhar para elas. Além do mais, os brincos são feitos de

caquinhos de brilhante e é pouco provável que alguém fosse querer assaltar a casa só para *roubá-los*. O mesmo acontece com o meu anel de noivado e um camafeu de marfim, que são as outras duas peças que guardo naquela tigelinha.

Lois lançou a Ralph um olhar intenso e suplicante. Ele apertou sua mão em resposta.

Ela sorriu e inspirou profundamente.

— Isto é muito duro para mim.

— Se você quiser parar. .

— Não, quero terminar. . só que, a partir de um certo ponto, não consigo me lembrar muito bem. Foi tudo tão horrível. Sabe, Janet disse que *sa-*

bia onde eu os guardava, mas que não estavam lá. Meu anel de noivado estava, e o camafeu também, mas os brincos do Natal, não. Fui ao quarto verificar pessoalmente e vi que tinha razão. Reviramos o quarto de cabeça para baixo, olhamos por todo lado, mas não encontramos os brincos. Tinham *desaparecido*.

Lois agora estava segurando as mãos de Ralph entre as suas, e parecia falar principalmente para o zíper de seu blusão.

— Tiramos todas as roupas da cômoda. . Harold afastou-a da parede e olhou atrás. . debaixo da cama e nas almofadas do sofá. . e parecia que todas as vezes que eu olhava para Janet, ela me encarava de volta, com aquela expressão doce, com aqueles olhos arregalados muito dela. Doce como manteiga derretida, exceto os olhos, e ela não precisava falar francamente o que estava pensando porque eu já sabia. Está vendo? Está vendo como o Dr.

Litchfield fez bem em nos ligar, e *como fizemos* bem em marcar aquela visita?

E como *você está sendo* teimosa? Porque você *precisa* ir para um lugar como Riverview Estates, e a prova está aí. Você perdeu os lindos brincos que lhe demos de Natal, você está sofrendo um *sério* declínio em sua cognição e a prova está aí. Não demora muito, você vai deixar os bicos do fogão acesos. .

ou o aquecedor do banheiro. .

Ela começou a chorar novamente, e estas lágrimas doeram no coração de Ralph — eram soluços profundos e catárticos de alguém que fora humi-lhada no fundo da alma. Lois escondeu o rosto no blusão dele. Ele abraçou-a com mais força. *Lois,* pensou. *Nossa Lois.* Mas, não; não gostava mais do tom dessa frase, se é que

algum dia gostara.

Minha Lois, pensou, e naquele instante, como se algum poder maior tivesse dado sua aprovação, o dia começou a se encher de luz novamente. Os sons adquiriram uma nova ressonância. Ele olhou para suas mãos e as de Lois, entrelaçadas no colo dela, e viu uma linda nuvem azul-cinzenta envolvendo-as, cor de fumaça de cigarro. As auras tinham retornado.

3

— VOCÊ DEVERIA ter mandado os dois embora no minuto em que percebeu que os brincos tinham desaparecido — ele se ouviu dizendo, e cada palavra era destacada e maravilhosamente única, como uma trovoada de cristal. — No mesmo segundo.

— Ah, agora sei disso — falou Lois. — Ela estava só esperando que eu metesse os pés pelas mãos, e naturalmente lhe fiz esse favor. Mas estava tão *perturbada:* primeiro a discussão se ia ou não com eles a Bangor visitar o Riverview Estates, depois a revelação de que o meu médico contara coisas que não tinha o direito de contar, e ainda por cima a descoberta de que perdera um dos objetos que mais prezo. E você sabe qual foi o máximo? Ter sido *ela* quem descobriu que os brincos sumiram! Você pode me culpar por não saber o que fazer?

— Não — ele respondeu, levando as mãos enluvadas de Lois à boca.

O som das luvas cortando o ar parecia o sussurro áspero de uma palma ro-

çando um cobertor de lã e, por um momento, ele viu claramente a forma de seus lábios, impressa nas costas da luva direita, num beijo azul.

— Obrigada, Ralph. — Lois agradeceu.

— O prazer foi meu.

— ―Suponho que você tenha uma boa idéia de como as coisas aconte-ceram, não tem?‖, Jan falou. ―Você realmente devia se cuidar melhor, mãe Lois, só que o Dr. Litchfield diz que chegou o momento em sua vida em que você realmente *não consegue* se cuidar melhor, e é por isso que pensamos em Riverview Estates. Desculpe se deixamos você de cabelo em pé, mas parecia importante agir depressa. Agora você vê o porquê.‖

Ralph ergueu os olhos. No alto, o céu era uma catarata de fogo azul-verde cheio de nuvens que lembravam aerobarcos de cromo. Olhou morro abaixo e viu

Rosalie ainda deitada entre os banheiros. O fio de balão cinza-escuro, que saía de seu focinho, balançava à brisa fresca de outubro.

— Então, fiquei realmente furiosa.. — Lois fez uma pausa e sorriu.

Ralph achou que era o seu primeiro sorriso naquele dia em que a via expressar realmente bom humor ao invés de outra emoção menos agradável ou mais complicada. — Não, não foi bem assim. Fiquei muito mais do que furiosa. Se o meu sobrinho-neto estivesse presente, ele teria dito que vovó ficou explosiva.

Ralph riu e Lois o acompanhou, mas seu riso pareceu um pouquinho forçado.

— O que me exaspera é que Janet sabia que eu ia me enfurecer. Acho que ela queria mesmo que eu ficasse explosiva, porque sabia que mais tarde ia me sentir muito culpada. E Deus sabe que estou me sentindo *assim*. Gritei que eles sumissem dali. Harold tinha o ar de quem queria se enfiar pelo chão a dentro, os gritos sempre o deixaram muito constrangido, mas Jan simplesmente continuou sentada ali com as mãos cruzadas no colo, sorrindo e até *acenando* com a cabeça, como se dissesse. ―Muito bem, mãe Lois, bote para quebrar e elimine todo esse veneno antigo do seu corpo, quando acabar, talvez esteja disposta a ouvir a voz da razão.‖

Lois inspirou profundamente.

— Então aconteceu uma coisa. Não tenho bem certeza do que foi. E

também não foi a primeira vez, mas foi a *pior*. Receio que tenha sido uma espécie de.. bem.. uma espécie de acesso. Em todo o caso, comecei a ver Janet de um jeito muito engraçado. . um jeito realmente *assustador*. E disse alguma coisa que realmente a atingiu. Não me lembro do que foi, e nem tenho certeza se quero me lembrar, mas não resta dúvida que riscou aquele sorriso meloso, que odeio tanto, de seu rosto. Na verdade, ela quase arrastou Harold para fora. A última coisa que me lembro de a ouvir dizer é que um deles me ligaria quando eu estivesse menos histérica e capaz de refrear acusações tão feias a pessoas que me amavam.

— Continuei em casa mais um pouco depois que eles foram embora, e então saí e vim me sentar aqui no parque. Às vezes basta sentar ao sol e meu corpo já se sente melhor. Parei no mercadinho para fazer um lanche e foi então que ouvi dizer que você e Bill tinham brigado. Você e ele realmente cortaram relações?

Ralph sacudiu a cabeça.

— Não. . depois fazemos as pazes. Gosto do Bill de verdade, mas. .

— ...mas é preciso ter cuidado com o que se diz a ele — ela terminou.

— E também, Ralph, posso acrescentar que não se pode tomar as respostas dele muito seriamente?

Desta vez foi Ralph quem apertou as mãos entrelaçadas de Lois.

— É um bom conselho para você também, Lois, não devia levar muito a sério o que aconteceu hoje de manhã.

Ela suspirou.

— Talvez, mas é difícil não levar. No fim, disse coisas terríveis, Ralph.

Terríveis. Aquele sorriso irritante dela. .

Um arco-íris de compreensão repentinamente iluminou a consciência de Ralph. Nessa luz, ele viu uma coisa muito grande, tão grande que pareceu ao mesmo tempo inquestionável e predestinada. Ele olhou diretamente no rosto de Lois pela primeira vez desde que as auras tinham retornado. . ou desde que ele retornara para as auras. Uma cápsula de luz cinzenta e translúcida, ofuscante como a névoa nas manhãs de verão quando está prestes a clarear, envolvia Lois. E transformava a mulher que Bill McGovern chamava de ―Nossa Lois‖ numa criatura de grande dignidade.. e de beleza quase insuportável.

Ela parece Eos, pensou. *A deusa da alvorada.*

Lois mexeu-se constrangida no banco.

— Ralph? Por que está me olhando assim?

Porque você é linda, e porque me apaixonei por você, Ralph pensou, admirado.

Neste instante estou tão apaixonado por você que tenho a sensação de estar-me afogando e que é ótimo morrer.

— Porque você se lembra *exatamente* do que disse.

Ela recomeçou a brincar nervosamente com o fecho da bolsa.

— Não, eu. .

— Lembra, sim.. Você disse à sua nora que foi *ela* que tirou os brincos.

E fez isso porque percebeu que você ia resistir com todas as forças à idéia de acompanhá-los, e uma coisa que deixa sua nora doida é ser contrariada quando quer alguma coisa. . deixa-a explosiva. Fez isso porque você a deixou pau da vida. Não foi assim?

Lois estava olhando para ele com os olhos muito abertos e amedrontados.

— Como é que você sabe disso, Ralph? *Como é que você sabe como a minha nora é?*

— Sei porque *você* sabe, e você sabe porque viu.

— Ah, não — sussurrou. — Não, não vi nada. Estive na cozinha com o Harold o tempo todo.

— Não na *hora,* não quando ela tirou os brincos, mas quando ela voltou. Você viu nela e a toda sua volta.

Da mesma forma que ele agora via a esposa de Harold Chasse em Lo-

ís, como se a mulher sentada ao seu lado no banco tivesse se transformado numa lente. Janet Chasse era alta, clara, de tronco longo. Seu rosto era salpicado de sardas que ela disfarçava com maquilagem, e seus cabelos eram um tom de vermelho-vivo como gengibre. Esta manhã ela viera a Derry com aqueles cabelos fabulosos caídos sobre um ombro numa grossa trança, como um feixe de fios de cobre. Que mais ele sabia sobre essa mulher que nunca vira?

Tudo, tudo.

Ela cobre as sardas com pancake porque acha que elas a fazem parecer infantil; que as pessoas não levam as mulheres sardentas muito a sério. Tem pernas lindas e sabe disso. Usa saias curtas para ir trabalhar, mas hoje quando veio ver (a velha bruxa)

mãe Lois, vestia um casaquinho e um velho par de calças jeans. Roupa para Derry.

Sua menstruação estava atrasada. E ela já chegou àquela idade em que a menstruação não ocorre mais regular e pontualmente e durante esse inquietante atraso de dois ou três dias que ela sofre mensalmente, uma pausa em que o mundo inteiro parece feito de vidro e todos que nele vivem parecem burros ou malvados, seu comportamento e seus humores tornam-se instáveis. Provavelmente foi por isso que fez o que fez.

Ralph viu-a saindo do banheirinho de Lois. Viu-a lançar um olhar intenso e furioso em direção à cozinha — agora não há sinal daquele sorriso meloso em seu rosto fino e intenso — e então ela retira os brincos da tigelinha de porcelana. Viu-a metê-los no bolso dianteiro dos jeans, do lado esquerdo.

Não, Lois na realidade não presenciara o pequeno furto vergonhoso, mas ele alterara a cor da aura de Jan Chasse de verde-claro para uma intrin-cado desenho de camadas castanhas e vermelhas que Lois vira e compreendera na hora, provavelmente sem ter a menor idéia do que estava realmente ocorrendo.

— Foi ela mesma quem tirou os brincos — disse Ralph. Ele via uma névoa cinzenta passar lentamente pelas pupilas dos olhos arregalados de Lois. Seria capaz de fitá-los o resto do dia.

— Sei, mas. .

— Se você afinal tivesse concordado em fazer a visita a Riverview States, aposto como você os teria achado numa próxima visita dos dois. . ou então *ela,* o que acho mais provável. Um feliz acaso: ―Ah, mãe Lois, venha ver o que achei!‖ Debaixo da pia do banheiro, ou num armário, ou caído em algum canto escuro.

— É — encarava-o agora, fascinada, quase hipnotizada. — Ela deve estar se sentindo péssima... e não vai ter coragem de trazê-los de volta, vai?

Não depois das coisas que eu disse. Ralph, como é que você *soube*?

— Do mesmo jeito que você. Há quanto tempo você está vendo auras, Lois?

4

— AURAS? Não estou entendendo. — Só que entendia, sim.

— Litchfield falou a seu filho sobre a insônia, mas duvido que só isso fosse suficiente para fazer mesmo o Litchfield.. sabe, dar com a língua nos dentes. A outra coisa, o que você disse que ele chamou de problemas sensoriais, na hora me passou despercebida. Acho que fiquei espantado demais com a idéia de alguém pensar que você pudesse estar prematuramente senil, embora eu próprio ande tendo os meus problemas sensoriais nos últimos tempos.

—Você!

— Sim, senhora. Então há uns minutinhos você disse outra coisa ainda mais interessante. Você disse que começou a ver Janet de um jeito realmente

estranho. De um jeito realmente *apavorante*. Você não conseguia se lembrar do que *dissera* pouco antes dos dois irem embora, mas sabia exatamente o que *sentira*. Você está vendo o outro lado do mundo, o *resto* do mundo.

Formas em torno das coisas, formas *dentro* das coisas, sons dentro dos sons.

Chamo isto de mundo das auras e é o que você está vivendo. Não é, Lois?

Ela observou-o silenciosa por um momento, então cobriu o rosto com as mãos.

— Pensei que estivesse perdendo a razão — disse e repetiu: — Ah, Ralph, pensei que estivesse perdendo a razão.

5

ELE ABRAÇOU-A, depois soltou-a e ergueu seu queixo.

— Chega de lágrimas — falou. — Não trouxe lenço de reserva.

— Chega de lágrimas — ela concordou, mas seus olhos já estavam outra vez marejados. — Ralph, se você soubesse como tem sido horrível..

— Eu *sei* como é.

— É. . você sabe, não é mesmo? — Ela sorriu radiante.

— O que fez aquele idiota do Litchfield concluir que você estava ficando senil, ele provavelmente pensou no mal de Alzheimer, não foi apenas a insônia, mas a insônia acompanhada de algo mais. . algo que ele concluiu serem alucinações. Certo?

— Acho que sim, mas à época ele não disse nada disso para mim.

Quando lhe contei as coisas que andava vendo, as *cores* e todo o resto, ele pareceu muito compreensivo.

— Hum-hum, e no minuto em que você saiu pela porta ele ligou para seu filho e disse que viesse correndo para Derry fazer alguma coisa com sua velha mãe, que tinha começado a ver gente andando dentro de invólucros coloridos com longos fios de balão flutuando no alto da cabeça.

— Você também vê isso? Ralph, *você também vê isso?*

— Também vejo — ele disse, e soltou uma gargalhada. O som foi meio

amalucado, mas isso não o surpreendeu. Tinha mil coisas que queria lhe perguntar; sentia-se louco de impaciência. E havia outra coisa, outra coisa tão inesperada que ele não conseguira identificar a princípio: ele estava sentindo tesão. Não era excitação; era tesão mesmo.

Lois recomeçara a chorar. Suas lágrimas tinham a cor da névoa em um lago tranqüilo e fumegavam um pouquinho ao escorrerem por suas faces.

Ralph sabia que teriam um gosto escuro e musgoso, como brotos de sa-mambaia na primavera.

— Ralph. . isto. . isto é.. *nossa!*

— Maior do que Michael Jackson no estádio Super Bowl, não é?

Ela riu discretamente.

— Bem, só. . sabe, só um pouco.

— Tem um nome para o que está acontecendo conosco, Lois, e não é insônia, nem senilidade, nem mal de Alzheimer. É hiper-realidade.

— Hiper-realidade — ela murmurou. — Deus, que palavra exótica!

— É mesmo. Um farmacêutico da Rite Aid, Joe Wyzer, foi quem a usou. Só que há muito mais coisas além do que ele sabia. Mais do que qualquer pessoa em perfeito juízo poderia imaginar.

— É, como na telepatia.. isto é, se realmente está acontecendo. Ralph nós *estamos* com o juízo perfeito?

— A sua nora tirou os seus brincos?

— Eu. . ela. . tirou. — Lois se endireitou. — Tirou, sim.

— Não há dúvidas?

— Não.

— Então você já respondeu à sua pergunta. Estamos mentalmente sãos, sim.. mas eu acho que você está enganada sobre a parte da telepatia.

Não lemos pensamentos, lemos *auras*. Olhe, Lois, tem uma porção de coisas que quero perguntar a você, mas tenho a impressão de que neste momento só preciso

realmente saber uma coisa. Você já viu.. — ele parou abruptamente, perguntando-se se realmente queria dizer o que estava na ponta da língua.

— Se já vi o quê?

— Tudo bem. Isto vai parecer mais maluco do que qualquer coisa que você tenha me contado, mas eu não estou maluco. Você acredita em mim?

Não estou.

— Acredito em você — ela disse com simplicidade e Ralph sentiu sair um enorme peso de seu coração. Ela dizia a verdade. Não restava dúvida; sua crença brilhava ao seu redor.

— Então, ouça. Desde que isto começou a acontecer, você tem visto certas pessoas que dão a impressão de não fazer parte da Avenida Harris?

Pessoas que dão a impressão de não fazer parte de *nenhum* lugar no mundo normal?

Lois olhava-o intrigada, sem compreender.

— São carecas, baixos, usam aventais brancos e se parecem muito com desenhos de alienígenas que às vezes saem publicados nas primeiras páginas desses tablóides que vendem no mercadinho. Você não viu ninguém assim durante os seus acessos de hiper-realidade?

— Não, ninguém.

Ele bateu o punho na perna, frustrado, pensou por um momento, depois ergueu a cabeça.

— Na segunda-feira de manhã — disse. — Antes dos tiras aparecerem na casa da Sra. Locher. . você me viu?

Muito devagarinho, Lois concordou com a cabeça. Sua aura escurecera ligeiramente e espirais vermelhas, finas como fios de linha, começaram a subir por ela numa lenta diagonal.

— Imagino que você tenha uma boa idéia de quem chamou a polícia, então — falou Ralph. — Não tem?

— Ah, sei que foi você — Lois falou baixinho. — Já suspeitava antes, mas só tive certeza agora há pouco. Quando vi... sabe, nas suas cores.

Nas minhas cores, ele pensou. Era o nome que Ed também usava.

— Mas você não viu dois baixinhos carecas saírem da casa?

— Não — ela respondeu — mas isto não quer dizer nada. Da janela do meu quarto sequer *vejo* a casa da Sra. Locher. O telhado do mercadinho não deixa.

Ralph cruzou as mãos no alto da cabeça. Claro que não, e ele deveria saber.

— A razão por que pensei que você chamou a polícia é que pouco antes de ir tomar banho, vi você olhando alguma coisa com binóculos. Nunca vi você fazer isso antes, mas pensei que talvez quisesse dar uma boa espiada naquele vira-lata que pilha as latas de lixo nas quintas de manhã. — Ela apontou morro abaixo. — *Ele*.

— Não é um ele, é a adorável Rosalie — Ralph riu.

— Ah. Em todo o caso, tomei um banho demorado, porque uso uma rinçagem especial no cabelo. Não é *tinta* — disse secamente, como se ele a tivesse acusado de tal artifício — são proteínas e ingredientes que aparentemente deixam o cabelo mais encorpado. Quando saí, a polícia estava por toda a rua. Olhei para sua casa, mas não consegui mais vê-lo. Ou você tinha ido para outro cômodo ou se enterrara na poltrona. Você faz isso às vezes.

Ralph sacudiu a cabeça como se quisesse clareá-la. Afinal ele não estivera em um teatro vazio todas aquelas noites, mais alguém estivera lá. Tinham ocupado camarotes separados.

— Lois, a briga que Bill e eu tivemos não foi realmente por causa do xadrez. Foi..

No pé do morro, Rosalie soltou um latido rouco e começou a se levantar. Ralph olhou naquela direção e sentiu um pingente de gelo escorregar em sua barriga. Embora os dois estivessem sentados ali há quase meia hora e ninguém tivesse sequer se aproximado dos banheiros, a porta de plástico prensado marcada HOMENS agora se abria lentamente.

Dela saiu o Dr. nº 3. Trazia o chapéu de McGovern, o panamá com uma meia-lua arrancada da aba a dentadas, encaixado na parte de trás da cabeça, o que o fazia se parecer curiosamente com McGovern no dia em que Ralph o vira pela primeira vez com o chapéu marrom de feltro: um repórter xereta de seção policial num filme dos anos quarenta.

Na mão erguida o estranho careca segurava o bisturi enferrujado.

CAPÍTULO 13

1

— LOIS? — Aos ouvidos de Ralph, sua voz pareceu um eco refletindo-se por um desfiladeiro longo e profundo. — Lois, você está vendo aquilo?

— Não. . — sua voz quebrou. — Foi o vento que abriu a porta daquele banheiro? Não foi, não é mesmo? Tem alguém ali? É por isso que o cachorro está latindo tanto?

Rosalie recuou lentamente se afastando do careca, as orelhas esfiapa-das repuxadas para trás, o focinho enrugado deixando à mostra dentes corroídos tão ameaçadores quanto pinos de borracha. Ela disparou uma saraivada de latidos esganiçados, então começou a ganir desesperadamente.

— Você não está vendo, Lois? Olhe! Ele está bem ali!

Ralph se levantou, Lois se levantou também, sombreando os olhos com a mão. Espreitou a descida do morro com desesperada intensidade.

— Vejo uma luz trêmula, é só. Como o ar que sai de um incinerador.

— Eu lhe disse para deixar a cachorra em paz! — Ralph gritou para baixo. — Pára com isso. Se manda daqui!

O careca voltou-se na direção de Ralph, mas desta vez não houve surpresa em seu olhar; foi displicente, sumário. Ele ergueu o dedo médio da mão direita, mostrou-o a Ralph naquela saudação consagrada e arreganhou os dentes — muito mais afiados e muito mais ameaçadores do que os de Rosalie — numa risada silenciosa.

Rosalie se encolheu quando o homenzinho de avental sujo recomeçou a andar em sua direção e chegou a cobrir a cabeça com uma pata num gesto que, em um desenho animado, teria sido engraçado mas ali expressava pa-vorosamente o seu terror.

— Que é que não estou enxergando, Ralph? — Lois gemeu. — Estou vendo *alguma coisa,* mas. .

— [*Fique LONGE dela!*] — Ralph gritou e ergueu a mão naquele gesto de caratê. Interiormente, porém, a mão que antes produzira a cunha de luz azul e densa continuava a dar a impressão de uma arma descarregada, e desta vez o

doutorzinho careca parecia saber. Olhou na direção de Ralph e fez um pequeno aceno zombeteiro.

[*Ah, corta essa, Coroa, senta, cala a boca e curte o espetáculo.*]

A criatura na base do morro voltou as atenções para Rosalie, que se agachara junto a um velho pinheiro. A árvore deixava escapar uma tênue névoa verde pelas rachaduras em sua casca.

O doutor careca curvou-se para Rosalie, a mão direita estendida num gesto de solicitude que não combinava nem um pouco com o bisturi seguro pela mão esquerda.

Rosalie ganiu. . então esticou o pescoço para a frente e humildemente lambeu a palma da mão da criatura careca.

Ralph olhou para as próprias mãos, sentindo alguma coisa nelas, não o poder que tivera antes, nada parecido, mas *alguma coisa.* De repente viu ondas de luz branca dançando pouco acima de suas unhas. Era como se seus dedos tivessem se transformado em velas de ignição.

Lois agarrava-o aflita agora.

— Que está acontecendo com a cachorra? *Ralph, que está acontecendo com ela?*

Sem pensar no que fazia ou por que o fazia, Ralph cobriu os olhos de Lois com a mão, como alguém brincando de adivinhação com um amigo querido. Seus dedos emitiram uma luz momentaneamente tão branca e luminosa que chegava a cegar. *Deve ser o tal branco de que estão sempre falando nos comerciais de detergente,* pensou.

Lois gritou. Suas mãos voaram para os pulsos de Ralph, fecharam-se em torno deles e em seguida afrouxaram.

— Meu Deus, Ralph, que foi que você fez comigo?

Ele retirou as mãos e viu a forma de um oito luminoso delineando os olhos de Lois; era como se ela tivesse acabado de tirar um par de óculos de proteção previamente mergulhados em açúcar de confeiteiro. O branco começou a esmaecer quase no mesmo momento em que ele afastou as mãos. .

só que..

Não está desbotando, pensou ele. *Está afundando no rosto.*

— Não se preocupe — ele disse e apontou. — Olha!

Seus olhos esbugalhados confirmaram o que ele queria saber. O Dr. n

3, indiferente ao esforço desesperado de Rosalie para fazer amizade, empurrou seu focinho para o lado com a mão que segurava o bisturi. Agarrou o velho lenço que envolvia seu pescoço com a outra mão e ergueu com violência a cabeça de Rosalie. A cachorra uivou infeliz. A baba escorreu pelos lados de seu focinho. O careca deu uma risada escabrosa que provocou arrepios em Ralph.

[*Ei! Pare com isso! Pare de maltratar o cachorro!*]

A cabeça do careca se virou imediatamente. O sorriso desapareceu de seu rosto e ele rosnou para Lois, um som quase canino.

[*Ora vá se foder, sua babaca Pé-na-Cova! O cachorro é meu, já disse isso pro seu namoradinho broxa!*]

O careca largou o lenço azul ao ouvir o grito de Lois, e Rosalie agora se encolhia de novo de encontro ao pinheiro, os olhos girando, coalhos de espuma caindo pelos lados do focinho. Ralph nunca vira um bicho tão completamente aterrorizado na vida.

— *Corra!* — Ralph berrou. — *Fuja!*

Ela parecia não escutá-lo e, passado um momento, Ralph percebeu que ela *não* estava escutando mesmo, porque Rosalie não *se encontrava mais* inteiramente ali. O doutor careca lhe fizera alguma coisa — arrancara-a parcialmente da realidade normal como um fazendeiro que usasse um trator e uma corrente para arrancar um toco de árvore do chão.

Mesmo assim, Ralph experimentou outra vez.

[*Corra, Rosalie! Fuja!*]

Desta vez suas orelhas repuxadas espetaram-se para a frente e a cabeça começou a girar na direção de Ralph. Ele não sabia se a cachorra iria ou não lhe obedecer, porque o careca tomou a segurá-la pelo lenço, antes que ela sequer começasse a se mexer. Tornou a levantar a cabeça da cachorra.

— *Ele vai matá-la!* — Lois gritou. — *Ele vai cortar o pescoço dela com aquela coisa que tem na mão! Não deixe, Ralph! Faça ele parar!*

— Não posso! Talvez você possa! Atire nele! Aponte sua mão para ele!

Ela olhou-o sem compreender. Ralph fez gestos frenéticos de quem corta com o lado da mão direita, mas, antes que Lois pudesse reagir, Rosalie soltou um último uivo pavoroso. O doutor careca ergueu o bisturi e baixou-o, mas não foi o pescoço de Rosalie que ele cortou.

Cortou o seu fio de balão.

2

UM FIO saiu de cada narina de Rosalie e flutuou para o alto.

Entrelaçaram-se a uns quinze centímetros acima de seu focinho, formando uma delicada trancinha, e foi neste ponto que o Carequinha n□ 3 fez o corte. Ralph observou, paralisado de terror, a trancinha seccionada subir toda a vida como o barbante de um balão de hélio solto no ar. E ia se desfazendo à medida que subia. Ele achou que os fios da trança se embaraçariam nos galhos do velho pinheiro, mas isso não ocorreu. Quando o fio de balão ascendente finalmente encontrou um dos galhos, atravessou-o simplesmente.

É claro, pensou Ralph. *Do mesmo jeito que os coleguinhas desse cara atravessaram a porta trancada de May Locher, quando terminaram de fazer o mesmo com ela.*

A essa imagem, seguiu-se um pensamento demasiado simples e macabramente lógico para não merecer crédito: eles não eram alienígenas espaciais, nem doutorezinhos carecas, eram Centuriões. Os Centuriões de Ed Deepneau. É verdade que não se pareciam nada com aqueles soldados roma-nos que usavam saiotes de lata em épicos como *Espártaco* e *Ben Hur,* mas tinham que ser Centuriões. . não?

A uns seis metros do chão, o fio de Rosalie simplesmente dissolveu-se no ar.

Ralph olhou para baixo em tempo de ver o anão careca retirar o lenço azul desbotado pela cabeça da cachorra e em seguida empurrá-la contra a árvore. Ralph olhou-a com maior atenção e sentiu a pele se retrair contra os ossos. Seu sonho com Carolyn voltou com cruel intensidade, e ele se viu lutando para reprimir um grito de pavor.

Muito bem, Ralph, não grite. Você não quer fazer isso porque se começar, talvez não consiga parar — é capaz de continuar gritando até a garganta estourar. Lembre-se de Lois, porque ela agora está metida nisto também. Lembre-se de Lois e não comece a gritar.

Ah, mas era difícil obedecer, porque os insetos oníricos que tinham ex-travasado da cabeça de Carolyn agora jorravam das narinas de Rosalie em torrentes negras e serpeantes.

Aquilo não são insetos. Não sei o que são, mas não são insetos.

Não, nada de insetos — apenas outro tipo de aura. Uma substância negra aterrorizante, nem líquida nem gasosa, escorria pulsante de Rosalie a cada expiração. Não flutuava para o alto, ao contrário começava a envolvê-

la lentamente em feias espirais de antiluz. O negrume deveria ter ocultado Rosalie, mas não o fez. Ralph via seus olhos suplicantes e aterrorizados, à medida que a escuridão encobria sua cabeça e começava a deslizar pelo dorso, o flanco e as pernas.

Era um saco mortuário, um *verdadeiro* saco mortuário desta vez, e ele ficou observando Rosalie, agora despojada do fio de balão, ir tecendo-o em torno de si mesma como uma placenta venenosa. Essa metáfora disparou a voz de Ed Deepneau no interior de sua cabeça, Ed falando que os Centuri-

ões estavam arrancando bebês dos úteros maternos e transportando-os em caminhões fechados.

Você algum dia se perguntou o que havia por baixo da maioria daquelas lonas?

Ed perguntara.

O Dr. n□3, parado, sorria para Rosalie. Então desfez o nó do lenço da cachorra e amarrou-o no próprio pescoço, com um nó grande e frouxo, fazendo-o parecer a gravata de um artista boêmio. Depois, ergueu o rosto para Ralph e Lois com uma expressão de complacente repugnância. *Pronto! seu olhar dizia. Afinal completei o meu serviço e vocês não puderam fazer droga nenhuma para me impedir, não foi?*

[*Faça alguma coisa, Ralph! Por favor,faça alguma coisa! Faça ele parar!*]

Tarde demais para isso, mas talvez não seja tarde demais para botá-lo para correr antes que possa curtir a visão de Rosalie caindo morta ao pé da árvore. Ralph tinha certeza de que Lois não era capaz de produzir um golpe de caratê luminoso como ele, mas talvez pudesse fazer uma outra coisa.

É, pode acertá-lo a seu modo.

Não sabia por que sentia tanta segurança, mas a sensação fora instantânea.

Agarrou Lois pelos ombros para que o encarasse e então levantou a mão direita. Engatilhou o polegar e apontou o indicador para o careca. Parecia um garotinho brincando de polícia e ladrão.

Lois respondeu com uma expressão de desalento e incompreensão.

Ralph agarrou sua mão e descalçou a luva.

[*Você! Você, Lois!*]

Ela captou a idéia, ergueu a mão, esticou o indicador, e repetiu o gesto infantil de atirar: Pum! Pum!

Dois losangos compactos, de uma cor azul-cinzenta idêntica à aura de Lois, mas muito mais luminosa, voaram da ponta de seu dedo riscando o ar morro abaixo.

O Dr. n□3 soltou um grito estridente e deu um pulo, os punhos cerrados erguidos à altura dos ombros, os saltos dos sapatos batendo contra as nádegas, quando a primeira dessas ―balas‖ passou por baixo dele. Ela bateu no chão, quicou como uma pedra chata atirada numa superfície de água e bateu no reservado marcado MULHERES. Por um instante, toda a frente refulgiu com intensidade, como acontecera com a vitrine da Buffy-Buffy.

A segunda bala cinza-azulada raspou o quadril esquerdo do carequinha e ricocheteou para o alto. Ele berrou — um som agudo e chilreante que parecia se distorcer como uma minhoca bem dentro da cabeça de Ralph. Ralph levou as mãos aos ouvidos, embora o gesto fosse inútil, e viu Lois fazer o mesmo. Tinha certeza de que se aquele grito continuasse por muito tempo, racharia sua cabeça da mesma forma que um dó agudo estilhaça um cristal de qualidade.

O Dr. n□3 caiu no chão atapetado de agulhas de pinheiro ao lado de Rosalie e rolou de um lado para outro, berrando e segurando o quadril como uma criancinha que agarrasse a parte do corpo que machucou ao cair do velocípede. Após algum tempo, seus gritos começaram a diminuir e ele se levantou. Sob a enorme testa branca, seus olhos fuzilavam os dois. O panamá de Bill agora escorregara mais para a nuca, e o lado esquerdo de seu avental estava preto e fumegante.

[*Vou acabar com vocês! Vou acabar com vocês dois! Merdas de Pés-na-cova intrometidos! VOU ACABAR COM VOCÊS DOIS!*]

Deu meia-volta e disparou pelo caminho que levava aos brinquedos e às quadras de tênis, correndo aos saltos como um astronauta na lua. O tiro de Lois

aparentemente não fizera nenhum estrago real, a julgar pela velocidade de sua corrida.

Lois segurou o ombro de Ralph e sacudiu-o. Ao fazê-lo, as auras começaram a desaparecer.

[*As crianças! Ele está indo em direção às crianças. .*]

Sua voz foi sumindo, e lhe pareceu fazer muito sentido, porque viu de repente que Lois não estava de fato falando, apenas encarava-o fixamente com seus olhos escuros enquanto lhe apertava o ombro.

— Não consigo ouvir você! — gritou. — Lois, não consigo ouvir!

— Que foi que houve, ficou surdo? Ele está indo para os brinquedos!

Em direção às crianças! *Não podemos deixar ele fazer mal às crianças!*

Ralph deixou escapar um suspiro profundo e trêmulo.

— Ele não vai fazer nada.

— Como pode ter certeza?

— Não sei. Apenas tenho.

— Eu atirei nele — ela virou o dedo para o rosto, parecendo por instantes uma mulher imitando o gesto de um suicida. — Atirei nele com o meu dedo.

— Hum-hum. E acertou. Pra valer, pelo jeito.

— Não estou vendo mais as cores, Ralph.

Ele concordou com a cabeça.

— Elas vêm e vão, como as estações de rádio à noite.

— Não sei como estou me sentindo. . Nem mesmo sei como *quero* me sentir! — disse a última frase num lamento e Ralph envolveu-a em seus bra-

ços. Apesar de tudo que andava ocorrendo em sua vida presentemente, havia um fato muito claro: era maravilhoso abraçar uma mulher outra vez.

— Não faz mal — disse-lhe, e apertou o rosto contra a cabeça de Lois.

Seus cabelos cheiravam bem, sem os vestígios dos produtos de beleza de salão que se acostumara a sentir nos cabelos de Carolyn nos últimos dez ou quinze anos de vida comum. — Esqueça isso por ora, está bem?

Lois o *fitava*. Ele já não via a névoa tênue que perpassava suas pupilas, mas tinha certeza de que continuava ali. Além disso, seus olhos eram muito bonitos, mesmo sem aquele atrativo adicional.

— Para que serve, Ralph? Sabe para *que* serve?

Ele sacudiu a cabeça. Em sua mente, giravam peças de quebra-cabeças

— chapéus, doutores, insetos, cartazes de protesto, bonecas que estouravam esparramando sangue falso — que não queriam se encaixar. E, por ora, pelo menos, o que parecia recorrer com maior ressonância era a frase absurda do velho Dor: *O-feito-não-pode-ser-desfeito*.

Ralph tinha a impressão de que isso era pura verdade.

3

UM GANIDINHO triste chegou aos seus ouvidos e Ralph olhou para o pé do morro. Rosalie jazia junto ao grande pinheiro, tentando se levantar.

Ralph já não via o saco preto que a envolvia, mas tinha certeza de que continuava ali.

— Ah, Ralph, coitadinha! Que podemos fazer?

Não havia nada que pudessem fazer. Ralph tinha certeza. Segurou a mão direita de Lois nas suas e aguardou Rosalie deitar e morrer.

No entanto, ela deu uma guinada no corpo com tal força que a pôs de pé e quase a derruba para o lado oposto. Ficou imóvel por um momento, a cabeça tão baixa que o focinho quase encostava no chão, e então espirrou três ou quatro vezes. Feito isso, sacudiu-se e levantou os olhos para Ralph e Lois. Latiu para eles uma vez, um som curto e forte. Parecia estar dizendo a Ralph que parassem de se preocupar. Então virou as costas e enveredou por um maciço de pinheiros rumo à entrada inferior do parque. Antes de Ralph a perder de vista, ela já readquiria o trote manco e displicente que era sua marca. A perna aleijada não parecia melhor depois da intervenção do Dr. n□

3, mas tampouco parecia pior. Visivelmente velha, mas ainda muito distante do

fim (*como o resto dos Velhos Coroas da Avenida Harris,* pensou Ralph), ela desapareceu por entre as árvores.

— Pensei que aquela coisa ia matá-la — comentou Lois. — De fato, pensei que a *matara.*

— Eu também — falou Ralph.

— Ralph, isso tudo aconteceu de verdade? Aconteceu, não foi?

— Aconteceu.

— Os fios de balão. . você acha que são linhas de vida?

Ele concordou lentamente com a cabeça.

— São. Como cordões umbilicais. E Rosalie..

Relembrou sua primeira experiência verdadeira com as auras, parado na porta da Rite Aid de costas para a caixa de correio, de queixo caído quase até o peito. Das sessenta ou setenta pessoas que observara antes de desapa-recerem as auras, apenas umas poucas estavam andando dentro das capas escuras que ele agora comparava a sacos mortuários, e o que Rosalie tecera à própria volta, há pouco, fora o mais escuro que já vira até aquele dia. Contudo, as pessoas no estacionamento que tinham auras escuras invariavel-mente pareciam doentes. . como Rosalie, cuja aura era da cor de meias de esporte encardidas, antes mesmo de o Carequinha n□3 começar a importuná-la.

Talvez ele tenha apenas acelerado um processo perfeitamente natural, Ralph pensou.

— Ralph? — Lois perguntou. — E a Rosalie?

— Acho que minha velha amiga Rosalie está vivendo uma prorrogação agora.

Lois refletiu, olhando para o pé do morro e para a moita empoeirada de sol em que Rosalie desaparecera. Finalmente virou-se para Ralph.

— Aquele anão com o bisturi foi um dos homens que você viu saindo da casa de May Locher, não foi?

— Não. Aqueles eram outros dois.

— Você já viu mais?

— Não.

— Você acha que *há* mais?

— Não sei.

Ele teve a impressão de que em seguida Lois ia lhe perguntar se a criatura estava usando o panamá de Bill, mas ela não perguntou. Ralph supôs que talvez ela não o tivesse reconhecido. Mil coisas estranhas girando à sua volta e, além do mais, não faltava um pedaço arrancado a dentadas da última vez que vira Bill usando o chapéu. *Professores de história aposentados não são gente de morder chapéus,* ele refletiu sorrindo.

— Foi uma manhã e tanto, Ralph — Lois encarou-o fixamente, nos olhos. — Acho que temos de conversar, não? Preciso realmente saber o que está acontecendo.

Ralph Lembrou-se de que naquela mesma manhã — há mil anos —descera a avenida ao deixar a área de piqueniques, repassara seu pequeno rol de conhecidos e tentara resolver com quem conversar. Eliminara Lois dessa lista mental porque poderia fofocar com as amigas, e agora se sentia constrangido por seu julgamento precipitado, que se baseara mais na imagem que McGovern fazia de Lois do que na sua. Afinal a única pessoa a quem Lois falara das auras antes tinha sido a única pessoa que se esperava que fosse capaz de guardar o seu segredo.

Ele concordou com a cabeça.

— Você tem razão. Precisamos conversar.

— Quer voltar à minha casa para um almocinho tardio? Sei preparar um viradinho bárbaro para uma velhota que não consegue lembrar onde largou os brincos.

— Seria um prazer. Vou-lhe contar o que sei, mas vai levar algum tempo. Quando conversei com Bill hoje de manhã fiz apenas uma versão condensada tipo *Reader's Digest.*

— Então — Lois perguntou — a briga foi por causa do xadrez?

— Bem, talvez não — Ralph respondeu olhando para as mãos. —

Talvez tenha sido realmente o mesmo tipo de briga que você teve com seu filho e sua nora. E eu nem cheguei a contar a ele as partes mais absurdas.

— Mas você vai me contar?

— Vou — disse, começando a se levantar. — E aposto que você é uma cozinheira fantástica. Na realidade.. — parou de repente e levou uma mão ao peito. Tornou a se sentar no banco, pesadamente, os olhos arregalados e a boca aberta.

— Ralph? Você está bem?

A voz assustada parecia estar vindo de muito longe. Mentalmente ele revia o Carequinha n□3, parado entre a Buffy-Buffy e o prédio de apartamentos vizinho, O Carequinha n□3 tentando obrigar Rosalie a atravessar a Avenida Harris para poder cortar seu fio de balão. Fracassara daquela vez, mas agora realizara seu intento

(*Eu ia brincar com ela!*)

antes mesmo de findar a manhã.

Talvez o fato de Bil não ser do tipo que come chapéu não fosse a única razão por que Lois não reparara de quem era o chapéu que o Carequinha n□3 *estava usando, Ralph amigão. Talvez não reparasse porque não* quisesse *reparar. Talvez* tenhamos *aqui algumas peças que se encaixam e, se você tiver razão, as implicações são muito amplas.*

Percebe isso, não?

— Ralph? Que está acontecendo?

Ele viu o anão dar uma dentada na aba do panamá e repor o chapéu na cabeça. Ouviu-o dizer que achava que a alternativa era brincar com Ralph.

Mas não apenas comigo. Comigo e com meus amigos, foi o que ele disse. Comigo e com os panacas dos meus amigos.

Agora, relembrando, viu mais uma coisa. Viu o sol produzindo reflexos de fogo nos lóbulos das orelhas do Dr. n□3 quando ele — ou o coisa que ele era — abocanhou a aba do chapéu de McGovern. A lembrança era demasiado nítida para negar, bem como as implicações da cena.

As tais implicações muito amplas.

Vamos com calma — você não tem certeza de nada, e o spa para malucos fica logo ali adiante, meu amigo. Acho que precisa ter isto em mente, e até usar tal

lembrança como âncora. Não me interessa se Lois também está vendo ou não todas essas coisas. Os outros homens de avental branco, não falo dos carequinhas nanicos, mas dos cavalões que andam com redes de caçar borboletas e com injeções de Thorazine, podem aparecer a qualquer minuto. Absolutamente a qualquer minuto.

Mas mesmo assim.

Mesmo assim.

— Ralph! Pelo amor de Deus, *fale* comigo! — Lois o sacudia agora e sacudia com força, como uma mulher tentando acordar o marido para não deixá-lo chegar atrasado ao trabalho.

Ele se virou para Lois e tentou produzir um sorriso. Sentia por dentro que era falso, mas deve ter parecido verdadeiro a Lois, porque a acalmou.

Pelo menos, um pouquinho.

— Desculpe — falou. — Por alguns segundos, a coisa toda. . sabe, meio que me atropelou.

— Não me apavore assim! O jeito com que pôs a mão no peito, nossa!

— Estou ótimo — disse Ralph, abrindo ainda mais o sorriso falso.

Sentiu-se como um garoto que puxa uma pelota de massa para ver até onde estica sem partir. — E se você continua disposta a cozinhar, continuo disposto a comer.

Three-six-nine, hon, tlie goose drank wine.

Lois deu uma boa olhada nele e se descontraiu.

— Ótimo. Vai ser divertido. Não cozinho para ninguém a não ser Simone e Mina, minhas amigas, sabe, há muito tempo. — Deu uma risada. —

Só que não é bem isso que eu quis dizer. Não é por isso que vai ser, sabe, divertido.

— Que é que você *quis* dizer?

— Que não cozinho para um *homem* há muito tempo. Espero não ter esquecido a fórmula.

— Bem, teve o dia em que Bill e eu entramos para ver o telejornal com você, comemos macarrão gratinado. E estava gostoso.

Ela fez um gesto de pouco caso.

— Requentado. Não é a mesma coisa.

The monkey chewed tobacco on the streetcar line. The line broke. .

Sorrindo mais que nunca. Antecipando o prazer.

— Tenho certeza de que não esqueceu, Lois.

— O Sr. Chasse tinha um *excelente* apetite. Aliás, excelente para tudo.

Mas começou a ter problemas com o fígado e.. — suspirou, e então buscou o braço de Ralph, segurando-o com uma mescla de timidez e decisão que ele achou absolutamente encantadora. — Mas isso não interessa mais. Estou cansada de me lamuriar e lamentar o passado. Vou deixar isso para o Bill. Vamos.

Ralph se levantou, deu o braço a ela e desceram juntos a encosta, rumando para a entrada inferior do parque. Lois sorria cegamente para as jovens mães no playground quando ela e Ralph passaram. Ralph agradeceu a distração. Assim podia dizer a si mesmo para se abster de julgar, podia lembrar a si mesmo mil vezes que não conhecia a experiência que ele e Lois estavam vivendo sequer o suficiente para se enganar que fosse capaz de refletir logicamente sobre o assunto, mas não parava de tirar conclusões precipitadas. A conclusão parecia certa ao seu coração e tudo que já passara levava-o a crer que, no mundo das auras, sentir e saber eram praticamente idênticos.

Não conheço os outros, mas o n□ 3 é um paramédico maluco.. e coleciona souvenirs.

Recolhe-os do mesmo jeito com que alguns malucos no Vietnã decepavam orelhas.

Ele não tinha dúvida de que a nora de Lois cedera a um impulso perverso, apanhara os brincos de brilhantes na tigelinha de porcelana e os guardara no bolso dos jeans. Mas Janet Chasse não possuía mais os brincos; agora mesmo devia estar se censurando amargamente por tê-los perdido e se questionando por que os tirara para começar.

Ralph sabia que o crustáceo com o bisturi roubara o chapéu de McGovern, mesmo que Lois não o tivesse reconhecido, e os dois tinham visto o Dr. n□3 tirar

o lenço de Rosalie. O que Ralph percebera ao começar a se levantar do banco foi que aqueles reflexos de luz que vira nas orelhas do careca provavelmente significavam que roubara os brincos de Lois também.

4

A CADEIRA DE BALANÇO do falecido Sr. Chasse ficava sobre o linóleo desbotado junto à porta da varanda dos fundos. Lois levou Ralph até a cadeira e avisou-o para ―não ficar no caminho‖. Ralph achou que aquela era uma ordem que poderia cumprir. Luz forte, luz de plena tarde, incidiu sobre seu colo quando ele se sentou e começou a se balançar. Ralph não sabia muito bem como entardecera tão depressa, mas era verdade. *Talvez eu tenha adormecido,* pensou. *Talvez esteja dormindo neste exato momento, sonhando tudo isso.* Observou Lois descer uma panela redonda (definitivamente uma miniatura) de um armário suspenso na parede. Cinco minutos depois, a cozinha começou a se encher de aromas apetitosos.

— Eu *bem* que disse que um dia cozinharia para você — comentou Lois, combinando verduras da gaveta da geladeira com temperos de um armário de parede. — Foi no mesmo dia em que servi as sobras de macarrão gratinado para você e o Bill. Lembra-se?

— Acho que sim — respondeu Ralph, sorrindo.

— Tem um garrafão de cidra fresca na caixa do leite na varanda da frente: a cidra sempre se conserva melhor fora de casa. Quer apanhar para mim? E pode se servir, também. Meus copos bons estão no armário em cima da pia, aquele que só consigo alcançar usando uma cadeira. Você tem altura suficiente para alcançá-lo sem cadeira, calculo. Que altura você tem, Ralph, um metro e oitenta e cinco?

— Um metro e noventa. Pelo menos tinha; devo ter perdido uns cinco centímetros nos últimos dez anos. Dizem que a coluna encolhe, ou outra coisa qualquer. E você não precisa usar a louça da família só por minha causa. Sinceramente.

Ela olhou para ele séria, as mãos nos quadris, a colher com que mexia a panela em uma das mãos. Sua severidade era atenuada por um vestígio de sorriso.

— Eu disse meus copos *bons,* Ralph Roberts, não disse meus *melhores* copos.

— Sim, senhora — ele assentiu rindo e acrescentou: — Pelo cheiro da comida, acho que você ainda sabe cozinhar para um homem.

— O pudim para ser testado tem que ser comido — Lois retrucou, mas Ralph achou que tinha uma expressão satisfeita quando voltou sua atenção para a panela.

5

A COMIDA estava saborosa e eles se abstiveram de conversar sobre o que acontecera no parque enquanto comiam. O apetite de Ralph se tornara instável, mais ausente que presente, desde que a insônia realmente começara a incomodar, mas hoje ele comia com vontade e acompanhou os legumes à chinesa com três copos de cidra de maçã (preocupando-se, ao virar o último copo, que as atividades do resto do dia não o deixassem muito longe de um banheiro). Quando terminaram, Lois se levantou, foi até a pia e começou a enchê-la de água quente para lavar os pratos. Enquanto fazia isso, retomou a conversa anterior, como se ela fosse uma peça de tricô quase pronta que temporariamente tivesse sido abandonada em favor de outra tarefa mais urgente.

— Que foi que você fez comigo? — ela perguntou. — Que foi que você fez para as cores voltarem?

— Não sei.

— Foi como se eu estivesse no limiar daquele mundo e, ao cobrir meus olhos com as mãos, você tivesse me empurrado para dentro dele.

Ele concordou, lembrando-se da expressão de Lois nos primeiros segundos após retirar as mãos que cobriam os olhos — como se tivesse acabado de tirar óculos de proteção cobertos de açúcar de confeiteiro.

— Foi puro instinto. E você tem razão, é como se fosse um mundo. É

assim que sempre penso nele, o mundo das auras.

— É maravilhoso, não acha? Quero dizer, assusta, e quando começou a me aparecer, em fins de julho, princípios de agosto, pensei que estava enlouquecendo, mas mesmo assim gostei. Não podia deixar de gostar.

Ralph observou-a, admirado. Será que um dia pensara que Lois era transparente? Fofoqueira? Incapaz de guardar um segredo?

Não, receio que tenha sido um pouco pior que isso, companheiro. Você pensava que ela era superficial. Aliás, você a via predominantemente pelos olhos de Bill: "A nossa Lois". Nada mais. . nem nada menos.

— Que foi? — ela perguntou meio sem graça. — Por que está me olhando assim?

— Você anda vendo essas auras desde o *verão?* Tanto tempo assim?

— É, e cada vez mais luminosas. E mais freqüentes. Foi por isso que finalmente recorri ao linguarudo. Realmente atirei naquela coisa com o meu dedo, Ralph? Quanto mais o tempo passa, menos acredito nessa parte da história.

— Atirou sim. Fiz algo parecido pouco antes de encontrar você.

Ele contou a Lois o seu confronto anterior com o Dr. n□3 e como expulsara o anão. . pelo menos temporariamente. Ergueu a mão na altura do ombro e baixou-a de um golpe.

— Foi só o que fiz, como um garoto brincando de Chuck Norris ou Steven Seagal. Mas disparei aquele raio incrível de luz azul contra ele, e o anão escapuliu a toda. O que provavelmente foi o melhor, porque eu não poderia ter repetido o raio. Também não sei como fiz *aquilo*. Será que você poderia ter atirado com o dedo de novo?

Lois deu uma risadinha,virou-se para ele e apontou o dedo para seu lado.

— Quer descobrir? Bum! Bam!

— Não aponte essa coisa para mim, moça — Ralph disse. Sorriu ao dizê-lo, mas não tinha muita certeza de estar brincando.

Lois baixou o dedo e espirrou detergente na pia. Quando começou a mexer a água com uma mão, levantando flocos de espuma, indagou a Ralph que perguntas ele considerava as mais importantes: de onde vinha esse poder? Para que servia?

Ele sacudiu a cabeça negativamente ao mesmo tempo em que se levantava, aproximando-se do escorredor de louça.

— Não sei e não sei. Ajudei a responder alguma coisa? Onde é que você guarda os panos de prato, Lois?

— Não interessa onde guardo os meus panos de prato. Vá se sentar.

Por favor, Ralph, não me diga que você é um homem moderno, desses que vivem dando abraços e gritos.

Ralph riu e balançou a cabeça.

— Não. Fui bem treinado, é só.

— Tudo bem. Desde que você não comece a falar o tempo todo da sua sensibilidade. Tem *certas* coisas que uma mulher gosta de descobrir sozinha. — Ela abriu o armário debaixo da pia e lhe atirou um pano de prato desbotado, mas escrupulosamente limpo. — Só enxugue os pratos e deixe-os em cima da bancada. Eu mesma guardo. Enquanto me ajuda, você podia me contar sua história, a versão completa.

— Negócio fechado.

Ele ainda estava pensando por onde começar, quando sua boca abriu, aparentemente por vontade própria e começou a falar por ele.

— Quando finalmente comecei a compreender que Carolyn ia morrer, passei a fazer grandes caminhadas. E um dia, quando eu estava na Extensão. .

6

CONTOU-LHE tudo, desde a intervenção na briga de Ed com o gordo que usava um boné da firma de jardinagem de West Side, até a conversa que terminara com Bill lhe dizendo que seria melhor procurar um médico, porque nessa idade os distúrbios mentais eram comuns, supercomuns. Teve que voltar atrás várias vezes para retomar fios perdidos — o aparecimento do velho Dor no meio de seus esforços para impedir que Ed agredisse o homem da firma de jardinagem, por exemplo — mas não se importou de fazer isso, e Lois não pareceu ter nenhuma dificuldade em seguir sua narrativa, tampouco. A sensação geral que se apossava de Ralph, enquanto desenvolvia sua trama, era de um alívio tão profundo que chegava a doer. Era como se alguém tivesse empilhado tijolos em sua mente e no seu coração e agora ele os removesse um a um.

Quando terminou, a louça já estava guardada e os dois tinham trocado a cozinha pela sala de estar com suas dúzias de fotografias emolduradas, que o Sr. Chasse presidia de seu posto sobre a TV.

— E então? — perguntou Ralph. — Em quanto disso você acredita?

— Em tudo, naturalmente — ela falou, sem notar a expressão de alívio no rosto de Ralph ou talvez preferindo fingir que não notara. — Depois do que presenciamos esta manhã, sem falar no que você sabia sobre a minha maravilhosa nora, não dá para deixar de acreditar. Essa é a vantagem que levo

sobre Bill.

E não é a única, Ralph pensou, mas não disse.

— Nada disso é coincidência, é? — ela perguntou.

Ralph abanou a cabeça.

— Não, acho que não.

— Quando tinha dezessete anos, minha mãe contratou um rapaz que morava mais adiante na mesma estrada, Richard Henderson era o nome dele, para ajudar na nossa propriedade. Havia outros rapazes que ela podia ter contratado, mas preferiu Richie porque gostava dele.. e gostava dele para *mim,* se é que me entende.

— Claro que entendo. Estava arranjando um casamento.

— Hum-hum, mas pelo menos não fazia isso de maneira exagerada, revoltante ou embaraçosa. Graças a Deus, porque eu não estava nem um pouco interessada em Richie, não para casar. Ainda assim, mamãe fez o possível. Se estava estudando na mesa da cozinha, ela o mandava encher o cesto de lenha, embora já fosse maio e já fizesse calor. Se estava dando comida às galinhas, ela mandava Richie cortar feno perto do jardim da entrada.

Ela queria que eu o visse pela casa. . que me habituasse com sua presença. .

e se acabássemos gostando da companhia um do outro e ele me convidasse para um baile ou para a feira municipal, ela concordaria plenamente. Era uma pressão suave, mas constante. Um empurrãozinho. Como agora.

— Essas pressões não me parecem assim tão suaves — retorquiu Ralph. E levou a mão involuntariamente ao lugar onde Charlie Pickering o fu-rara com a ponta da faca.

— Não, claro que não. Ter um homem enfiando uma faca nas costelas deve ter sido horrível. Graças a Deus, você tinha aquela lata de aerosol. Você acha que o velho Dor vê auras também? Que alguma coisa daquele mundo o *mandou* pôr a lata em seu bolso?

Ralph sacudiu os ombros desanimado. A sugestão de Lois já lhe ocorrera, mas, quando desenvolvia esse raciocínio, o terreno realmente começava a descambar. Porque se Dorrance tivesse feito isso, seguia-se que uma (*entidade*)

força ou ser sabia que Ralph ia precisar de ajuda. E isso não era tudo.

Aquela força — ou ser — também teria de saber que: (a) Ralph ia sair no domingo à tarde, (b) o tempo, agradável até então, viraria de tal modo que exigiria o uso de um blusão, e (c) ele usaria aquele blusão. Em outras palavras, estava-se falando de algo capaz de prever o futuro. A idéia de que tal força o tivesse notado francamente o fazia borrar-se de medo. Reconhecia que, no caso da lata de aerosol, pelo menos, a intervenção provavelmente salvara sua vida, mas ele continuava a se borrar de medo.

— Talvez — Ralph respondeu. — Talvez alguma coisa *realmente* tenha usado Dorrance como menino de recados. Mas por quê?

— E o que sabemos de fato? — ela acrescentou.

Ralph limitou-se a sacudir a cabeça negativamente.

Lois olhou para o relógio espremido entre a foto do homem de casaco de quati e da jovem com cara dos anos 20, então estendeu a mão para o telefone.

— Quase três e meia! Nossa!

Ralph tocou-lhe a mão.

— Para quem está ligando?

— Simone Castonguay. Tinha combinado de ir a Ludlow com ela e Mina hoje à tarde, vai haver um joguinho de cartas nabGrange, mas não posso acompanhá-las depois de tudo isso. Perderia até a roupa — ela riu e em seguida ruborizou-se encantadora. — É só uma maneira de falar.

Ralph segurou-lhe a mão, antes que ela pudesse erguer o *fone*.

— Vá ao seu joguinho, Lois.

— Sério? — Ela parecia ao mesmo tempo em dúvida e ligeiramente desapontada.

— Sério. — Ele não percebia com muita clareza o que estava ocorrendo ali, mas sentia que havia uma mudança iminente. Lois falara de ser empurrada, mas Ralph tinha a sensação de ser *levado,* da mesma maneira como a correnteza do rio leva um homem num barquinho. Mas não conseguia distinguir aonde ia; uma névoa densa amortalhava as margens e agora, à medida que a correnteza começava a acelerar, ele ouvia o ronco das corre-deiras adiante.

Contudo, há vultos, Ralph. Vultos em meio à névoa.

Há. E nada tranqüilizantes. Poderiam ser árvores que apenas pareciam garras. . mas, por outro lado, poderiam ser garras procurando parecer árvores. Até Ralph descobrir qual era o caso, agradava-lhe a idéia de Lois estar fora da cidade. Tinha uma forte intuição — ou talvez fosse apenas uma esperança mascarada de intuição — de que o Dr. n□3 não podia seguir Lois até Ludlow, que talvez nem pudesse segui-la se atravessasse a tundra para o lado leste.

Você não pode saber isso, Ralph.

Talvez não, mas *parecia* verdade, e ele continuava convencido de que, no mundo das auras, sentir e saber eram praticamente o mesmo. O que *realmente* sabia era que o Dr. n□3 ainda não cortara o fio de balão de Lois; isto Ralph vira com os próprios olhos e também o fulgor cinzento felizmente saudável de sua aura. No entanto, Ralph não conseguia fugir de uma certeza crescente de que o Dr. n□3 — o Doidão — *pretendia* cortá-lo e, por mais viva que Rosalie parecesse quando saiu trotando do parque Strawford, cortar esse fio era um ato criminoso e letal.

Vamos dizer que você tenha razão, Ralph; vamos dizer que ele não possa alcançá-la hoje à tarde, se ela estiver jogando cartas a uns centavos o ponto em Ludlow. E hoje à noite? Amanhã? Semana que vem? Qual é a solução? Será que vai ligar para o filho ou a vaca da nora para dizer que mudou de idéia sobre Riverview Estates e que afinal quer mesmo se mudar para lá?

Ele não sabia. Mas sabia que precisava de tempo para pensar, e também sabia que qualquer reflexão construtiva seria difícil até ter quase certeza que Lois se achava sã e salva, pelo menos por enquanto.

— Ralph? Você está fazendo aquela de mugui outra vez.

— Aquela cara o *quê*?

— *Mugui* — ela sacudiu os cabelos num gesto atrevido. — É uma palavra que inventei para descrever a expressão do Sr. Chasse, quando ele fingia que estava me ouvindo mas, na realidade, estava pensando em sua cole-

ção de moedas. Conheço uma cara mugui só de olhar, Ralph. Em que é que você está pensando?

— Estava imaginando a que horas você estaria de volta do joguinho.

— Isso depende.

— De quê?

— Se vamos ou não parar no Tubby 's para tomar *frappés* de chocolate

— respondeu com o ar de uma mulher que revela um vício secreto.

— Suponhamos que você volte direto.

— Sete horas. Talvez sete e meia.

— Me ligue assim que chegar em casa. Me faz esse favor?

— Claro. Você *quer* que eu fique na cidade, não é? É isso que realmente significa essa cara *mugui*.

— Bem..

— Você acha que aquele careca maligno pretende me machucar, não é?

— Pode, mas . .

Mas até onde sei, Lois, ele não está usando nenhum acessório meu.

— Mas o quê?

— Vou estar seguro até você voltar, só isso. — Lembrou-se do comentário depreciativo que ela fizera sobre homens modernos que vivem aos abraços e gritos e tentou fazer uma cara autoritária.

— Vá jogar cartas e deixe que eu cuido desse assunto, pelo menos por ora. Isto é uma ordem.

Carolyn teria rido ou feito cara feia diante dessa atitude machista de ópera-cômica. Lois, que pertencia a uma escola de pensamento feminino muito diferente, apenas aquiesceu, grata por tirarem a decisão de suas mãos.

— Está bem — Lois puxou o queixo dele para baixo para poder olhá-lo diretamente nos olhos. — Você sabe o que está fazendo, Ralph?

— Não. Ainda não.

— Tudo bem. Já que admite isso. — Ela colocou a mão em seu braço e lhe deu um beijo leve, de boca aberta no canto da boca. Ralph sentiu um formigamento muito bem-vindo na virilha. — Vou a Ludlow ganhar cinco dólares jogando pôquer com aquelas bobas que estão sempre tentando completar as cartas

internas de uma sequência. Hoje à noite conversaremos sobre o próximo passo, certo?

— Certo.

Seu sorrisinho — algo que ocorria mais nos olhos do que na boca —sugeria que poderiam fazer mais do que apenas conversar, se Ralph se atre-vesse . . e, naquele momento, ele se sentiu realmente muito atrevido. E nem mesmo o olhar severo do Sr. Chasse, lá do seu posto sobre a TV, conseguia afetar o seu sentimento.

CAPÍTULO 14

1

FALTAVAM QUINZE para as quatro, quando Ralph atravessou a rua e transpôs a curta subida até o seu prédio. O cansaço recomeçava a assaltá-lo; tinha a sensação de estar acordado há uns três séculos. Mas, ao mesmo tempo, sentia-se melhor que nunca desde a morte de Carolyn. Mais integra-do. Mais *ele mesmo.*

Ou quem sabe é nisso que você gostaria de acreditar? Que uma pessoa não pode se sentir tão infeliz assim sem ter algum tipo de compensação? É uma bela idéia, Ralph mas não é muito realista.

Muito bem, pensou, *vai ver estou um pouco confuso neste instante.*

De fato estava. E também assustado, eufórico, desorientado, e com um ligeiro tesão. Contudo uma idéia transparecia nesse coquetel de emo-

ções, algo que precisava fazer antes de mais nada: tinha que fazer as pazes com Bill. Se isto significava desculpar-se, não custava nada. Talvez um pedido de desculpas fosse a coisa certa. Afinal Bill não procurara *ele* para dizer:

―Puxa, companheiro, você está horrível, me conta o que foi que houve‖.

Não, *ele* é que procurara *Bill.* Cheio de apreensões, é verdade, mas isso não alterava o fato, e..

Ah, Ralph, puxa vida, que é que vou fazer com você? Era a voz risonha de Carolyn, falando com a mesma clareza das primeiras semanas após sua morte, quando ele enfrentara o momento de maior tristeza discutindo tudo com ela mentalmente.. e por vezes em voz alta, quando acontecia estar sozinho no apartamento. Foi *Bill quem explodiu, queridinho, e não você. Vejo que continua*

tão intransigente consigo mesmo quanto era quando eu estava viva. Acho que têm coisas que nunca mudam.

Ralph sorriu brevemente. Tudo bem, talvez algumas coisas *realmente* nunca mudem, e talvez a discussão *tenha* sido mais culpa de Bill do que dele.

A questão era se queria ou não cortar relações com Bill por causa de uma briga idiota e muita arrogância quanto a quem estaria certo ou errado. Ralph achava que não, e se isso significava um pedido de desculpas que Bill realmente não merecia, que haveria de tão ruim nisso? Que soubesse, não tirava pedaço dizer as quatro sílabas de um *Me desculpe*.

A Carolyn em sua mente reagiu à sua idéia com muda incredulidade.

Não importa, disse-lhe ao entrar no caminho do prédio. *Estou fazendo isto por mim e, não, por ele. Nem por você, pensando bem.*

Admirou-se e achou graça em descobrir a sensação de culpa que esse último pensamento provocara — quase como se tivesse cometido um sacri-légio. Mas isso não tornava o pensamento menos verdadeiro.

Apalpava o bolso em busca da chave, quando deparou com um bilhete espetado na porta. Ralph catou os óculos, mas deixara-os em casa, na mesa da cozinha. Inclinou-se para trás e apertou os olhos para ler a caligrafia es-parramada de Bill:

Caro Ralph/Lois/Faye/Outros

Pretendo passar a maior parte do dia no Derry Home. A sobrinha de Bob Polhurst me ligou, dizendo que desta vez é quase certo; o coitado praticamente entregou os pontos. O quarto 313 do Derry Home é o último lugar na terra onde gostaria de estar num belo dia de outubro, mas acho que é melhor acompanhar Bob até o fim.

Ralph, me desculpe os maus momentos desta manhã. Você me procurou pedindo ajuda e quase arranco sua cara com as minhas unhadas. Só posso dizer para me justificar que o problema de Bob arrasou os meus nervos. Acho que lhe devo um jantar.. isto é, se você ainda quiser comer em companhia de alguém como eu.

Faye, por favor, por favor, POR FAVOR, pare de me encher com a droga do seu torneio de xadrez. Já prometi que vou participar e costumo cumprir o que prometo.

Adeus, mundo cruel.

Bill.

Ralph endireitou-se sentindo alívio e gratidão. Se ao menos as outras coisas que andavam acontecendo com ele ultimamente pudessem se acertar com a mesma facilidade!

Subiu ao seu apartamento, sacudiu a chaleira e ia enchê-la na pia, quando o telefone tocou. Era John Leydecker.

— Puxa, que bom que finalmente encontrei você — falou. — Já estava ficando um pouco preocupado, amigão.

— Por quê? — Ralph perguntou. — Algum problema?

— Talvez sim, talvez não. Charlie Pickering pagou a fiança.

— Você me disse que isso não ia acontecer.

— Me enganei, está bem? — Leydecker respondeu visivelmente irritado. — E esse não foi o meu único engano. Disse que o juiz provavelmente fixaria a fiança por volta dos quarenta mil dólares, mas não sabia que o juiz sorteado para o caso Pickering ia ser o juiz Steadman, que todo mundo sabe que sequer *acredita* em insanidade. Steadman fixou a fiança em oitenta mil. O

defensor nomeado pelo tribunal reclamou pra caramba, mas não adiantou nada.

Ralph baixou os olhos e viu que ainda estava segurando a chaleira. Colocou-a em cima da mesa.

— E ainda assim ele conseguiu pagar?

— Conseguiu. Lembra-se de que eu disse que o Ed o descartaria como quem se livra de uma faca que a lâmina partiu?

— Lembro.

— Bem, registre mais este furo de John Leydecker. Ed entrou pelo fórum hoje de manhã, às onze horas, com uma maleta cheia de dinheiro.

— Oito mil dólares? — Ralph perguntou.

— Eu disse uma maleta, e não um envelope — retrucou Leydecker. —

Não são oito, são oitenta mil. Os caras no tribunal continuam no maior alvoroço até agora. Pô, e vão continuar assim até depois do Natal.

Ralph tentou imaginar Ed Deepneau metido numa daquelas suéteres velhas e largas e calças de cotelê surradas — seu trajo de cientista maluco, como Carolyn costumava dizer — sacando maços de notas de vinte e de cinqüenta da maleta, mas não conseguiu.

— Pensei que você tivesse dito que dez por cento da fiança era suficiente para garantir a soltura.

— E é, se você puder empenhar outra coisa, uma casa, um terreno, por exemplo, cujo valor somado ao dinheiro vivo quase complete o total da fiança. Aparentemente Ed não pôde fazer isso, mas tinha uma reserva para emergências guardada no colchão. Ou isso ou então ofereceu à fada do den-tinho uma tremenda boquete.

Ralph lembrou-se da carta que recebera de Helen, uma semana após deixar o hospital e se mudar para High Ridge. Ela mencionara um cheque que recebera de Ed — setecentos e cinqüenta dólares. *Isso parece indicar que ele compreende suas responsabilidades,* ela escrevera. Ralph se perguntou se Helen ainda pensaria o mesmo, se soubesse que Ed entrara no fórum de Derry com dinheiro suficiente para sustentar generosamente a filha durante os primeiros quinze anos de sua vida. . e o depositara para libertar um maluco que gostava de brincar com facas e coquetéis molotov.

— Onde será que ele *arranjou* o dinheiro? — perguntou a Leydecker.

— Não sei.

— E ele não é obrigado a declarar?

— Não. Vivemos num país livre. Pelo que sei, ele comentou alguma coisa sobre uma venda de ações.

Ralph pensou nos bons tempos — os bons tempos antes de Carolyn adoecer e morrer e Ed ficar desequilibrado. Pensou nas refeições que os quatro faziam juntos mais ou menos a cada quinze dias, pizza para viagem na casa dos Deepneaus ou talvez o empadão de galinha de Carolyn na cozinha dos Roberts, e lembrou-se de Ed prometer certa vez que ia levar todo mundo para comer um filé de primeira no Red Lion de Bangor, quando suas ações valorizassem. *Vamos mesmo,* Helen comentara, sorrindo carinhosamente para Ed. Estava grávida, a barriga começava a arredondar e ela parecia ter quatorze anos, com os cabelos puxados para trás num rabo de cavalo e uma bata xadrez que ainda era demasiado grande. *Quais as que você acha que vão subir primeiro, Ed? As duas mil das Geléias de Cotovelo ou as seis mil das Almôn-degas Azedas?* Ele rosnara

para ela, um rosnado que fez todos rirem porque Ed Deepneau não tinha um pingo de maldade no corpo, qualquer um que o conhecesse há mais de duas semanas sabia que era incapaz de fazer mal a uma mosca. Só que talvez Helen soubesse que não era assim — mesmo há tanto tempo, ela com certeza já sabia que não era bem assim, com ou sem olhar carinhoso.

— Ralph? — Leydecker chamou. — Você ainda está aí?

— Ed não tinha ações — Ralph falou. — Ora essa, ele era apenas um químico, e o pai era capataz em uma engarrafadora em algum lugar absurdo desses como Plaster Rock, Pennsylvania. Um cara sem grana.

— Bem, ele a arranjou em algum lugar, e estaria mentindo se dissesse que gostei.

— Acha que foi com os outros Amigos da Vida?

— Não, acho que não. Primeiro, não estamos falando de gente rica; a maioria das pessoas que pertencem aos Amigos são operários, heróis de macacão. Dão o que podem, mas isso tudo? Não. Suponho que poderiam ter reunido um número suficiente de títulos de propriedade para soltar Pickering, mas não foi o que fizeram. A maioria não faria isso, mesmo que Ed tivesse pedido. Para eles, agora Ed é praticamente *persona non grata,* e imagino que devem estar desejando que nunca tivessem ouvido falar em Charlie Pickering. Dan Dalton reassumiu a liderança dos Amigos da Vida e para muitos deles isso é um alívio. Ed, Charlie e mais uns dois, um cara chamado Frank Felton e uma mulher chamada Sandra McKay, parecem estar operando por conta própria agora. Não sei nada a respeito de Felton e ele nunca usou camisa-de-força, mas a McKay já excursionou pelas mesmas institui-

ções famosas que Charlie. E ela é inconfundível: pele macilenta, muitas espinhas, lentes dos óculos tão grossas que fazem os olhos parecerem ovos *pochés,* e pesa uns cento e trinta quilos.

— Você está brincando?

— Não. Ela tem preferência por calças de lycra da Kmart e em geral anda em companhia de vários Birutas, Excêntricos e Aluados. Costuma usar uma camiseta larga com os dizeres FÁBRICA DE BEBÊS no peito. Diz que deu à luz quinze filhos. Na verdade nunca teve nenhum e provavelmente nem pode ter.

— Por que está me contando tudo isso?

— Porque quero que fique de sobreaviso com esses personagens —disse Leydecker. Falava pacientemente, como se Ralph fosse criança. — Eles podem ser perigosos. Charlie é, e isso você já sabe sem eu precisar dizer, e Charlie está solto. Onde Ed arranjou dinheiro para tirá-lo da cadeia é secundário: arranjou e é só o que interessa. Não ficaria nem um pouco surpreso se ele saísse procurando você outra vez. Ele, ou Ed, ou os outros.

— E Helen e Natalie?

— Estão com amigos; amigos muito atentos para o perigo que representam maridinhos de parafuso frouxo. Falei com Mike Hanlon e ele também vai ficar de olho nela. A biblioteca está sendo bem vigiada pelos nossos homens. Achamos que, no momento, Helen não corre nenhum perigo real, ela continua em High Ridge, mas estamos tomando todas as precauções.

— Obrigado, John. Agradeço a atenção e agradeço o telefonema.

— Agradeço que você agradeça a atenção, mas ainda não terminei.

Você precisa lembrar que quem recebeu um telefonema de Ed e quem foi ameaçado, meu amigo, não foi Helen, foi *você*. Ele não parece estar muito preocupado com Helen, mas você continua na cabeça dele, Ralph. Perguntei ao Chefe Johnson se podia destacar um homem, Chris Nell seria a minha escolha, para vigiar você, pelo menos até que a Vaca-de-Aluguel da WomanCare tenha chegado e partido. Ele não autorizou. Tem coisa demais acontecendo esta semana, disse.. mas, pelo *jeitão* da resposta, se o pedido partisse de *você,* ele mandaria alguém protegê-lo. O que me diz?

Proteção policial, pensou Ralph. *É o nome que dão a isso nos seriados policiais de TV e é disso que ele está falando — proteção policial.*

Tentou examinar a idéia, mas outras tantas interferiram; dançaram em sua cabeça como absurdas ameixas secas. Chapéus, doutores, aventais brancos, latas de aerosol. Para não falar em facas, bisturis e tesouras vislumbra-das através das lentes empoeiradas de velhos binóculos. *Cada coisa que faço, faço-a depressa para poder fazer mais outra, Ralph pensou, e na esteira desta. É longa a viagem de volta ao paraíso, querido, portanto não esquente com ninharias.*

— Não — respondeu.

— Quê?

Ralph fechou os olhos e viu-se pegando este mesmo fone para cancelar a

consulta com o espetador de agulhas. Era a mesma coisa se repetindo, não era? Era. Poderia receber proteção policial contra os Pickerings e as McKays e os Feltoris, mas não era assim que as coisas deviam se passar. Sabia disso e sentia-o em cada batida de seu coração, em cada pulsar das veias.

— Você me ouviu. Não quero proteção policial.

— Pelo amor de Deus, *por que não?*

— Porque posso me cuidar sozinho — respondeu Ralph, e fez uma careta diante da solenidade absurda de tal sentimento, que ouvira da boca de John Wayne em incontáveis filmes de faroeste.

— Ralph detesto ter que lhe dar esta notícia, mas você está velho. Você teve sorte no domingo. Mas talvez não tenha tanta sorte da próxima vez.

Não foi apenas sorte, Ralph pensou. *Tenho amigos bem colocados. Ou talvez devesse dizer entidades bem colocadas.*

— Vou ficar bem — falou.

Leydecker suspirou.

— Se você mudar de idéia, me telefona, sim?

— Telefono.

— E se vir o Pickering ou a gorda com lentes de fundo de garrrafa e cabelos louros bem crespos no pedaço..

— Telefono para você.

— Ralph, por favor, pense bem. Só estou falando de um cara estacionado na rua.

— O-feito-não-pode-ser-desfeito — disse Ralph.

— Hein?

— Disse que agradeço, mas dispenso. Depois a gente conversa.

Lentamente Ralph repôs o fone no gancho. Era bem provável que John estivesse certo, pensou, provavelmente ele é que *estava* doido, no entanto nunca se sentira tão completamente são na vida.

— Cansado — falou para a cozinha vazia e ensolarada — mas são. —

Fez uma pausa e acrescentou: — E talvez em vias de me apaixonar.

O pensamento o fez sorrir, e ainda sorria quando finalmente pôs a chaleira no fogo.

2

ESTAVA na segunda xícara de chá, quando se lembrou de que Bill lhe dissera no bilhete que estava lhe devendo um jantar. Num impulso, decidiu convidar Bill para se encontrarem no Day Break, Sun Down e fazer uma ceiazinha. Poderiam reatar a amizade.

Acho que temos de reatar mesmo, pensou, *porque o taradinho pegou o chapéu dele, e tenho quase certeza de que isto significa que ele está em apuros.*

Bem, a hora é essa. Apanhou o fone e discou um número que não teve dificuldade em lembrar: 941-5000. O número do hospital Derry Home.

3

A RECEPCIONISTA DO HOSPITAL transferiu-o para o quarto 313. A mulher sensivelmente cansada que atendeu a ligação era Denise Polhurst, sobrinha do moribundo. Bill não estava, ela informou. Quatro outros professores do que chamou de ―os dias de glória do titio‖ tinham aparecido por volta de uma hora e Bill propusera almoçarem juntos. Ralph até sabia como seu inquilino do andar de baixo teria feito a proposta: antes tarde do que nunca. Era uma de suas máximas favoritas. Quando Ralph perguntou se achava que Bill ia demorar, ela respondeu afirmativamente.

— Ele tem sido tão amigo. Não sei o que teria feito sem ele, Sr. Robbins.

— Roberts — corrigiu. — Bill faz o Sr. Polhurst parecer um homem extraordinário.

— É, todos acham isso. Mas naturalmente as contas não vão ser envi-adas para o seu *fã clube,* não é mesmo?

— Não — Ralph respondeu pouco à vontade. — Imagino que não. O

bilhete de Bill dizia que seu tio está muito fraco.

— Está. O médico disse que ele provavelmente não verá o fim do dia, muito menos a noite, mas já ouvi *essa* conversa antes. Deus me perdoe, mas às vezes me parece que tio Bob é um daqueles anúncios da Publishers Clearing House:

estão sempre prometendo o que não vão cumprir. Acho que isso deve parecer horrível, mas estou cansada demais para me importar. Eles desligaram os aparelhos de sustentação hoje de manhã: não poderia assumir a responsabilidade sozinha, mas liguei para o Bill e ele disse que era o que meu tio teria querido. ―Está na hora de Bob ir explorar outro mundo‖, falou. ―Este ele já mapeou à perfeição.‖ Não é poético, Sr. Robbins?

— É. O nome é *Roberts,* Sra. Polhurst. Será que podia dizer ao Bill que Ralph Roberts ligou e que gostaria que ele retornasse a lig. .

— Então desligamos os aparelhos e me preparei, me enchi de coragem, como vocês diriam, mas ele não morreu. Não consigo entender. Ele está pronto, *eu* estou pronta, o trabalho de sua vida está pronto. . então por que é que ele não morre?

— Não sei.

— A morte é muito idiota — ela continuou, naquela voz queixosa e antipática que somente os muito cansados e os profundamente abatidos parecem usar. — Se um obstetra demorasse tanto para cortar o cordão umbilical de um bebê seria despedido por incompetência.

A mente de Ralph ultimamente dera para vagar, mas desta vez voltou instantaneamente.

— Que foi que a senhora disse?

— Perdão? — Ela pareceu assustada, como se sua própria mente estivesse vagando.

— A senhora disse alguma coisa sobre cortar o cordão.

— Não *quis* dizer nada — retorquiu. Aquele tom queixoso se tornara mais forte.. só que não era queixa, Ralph percebeu; era um choramingo medroso. Havia alguma coisa errada. Seus batimentos cardíacos subitamente se aceleraram.

— Não quis dizer *nada* mesmo — ela insistiu, e, de repente, o fone que Ralph segurava adquiriu uma tonalidade azul sinistra e profunda.

Ela anda pensando em matá-lo, e não é um pensamento ocioso — ela anda pensando em cobrir o rosto dele com um travesseiro e sufocá-lo. "Não demoraria nada", pensa. "Um ato de misericórdia", pensa. "Enfim terminou", pensa.

Ralph afastou o telefone do ouvido. Uma luz azul, fria como o céu de fevereiro,

saiu dos orifícios do fone em raios da espessura de um risco de lápis.

O homicídio é azul, Ralph pensou, afastando o fone do ouvido e vendo com olhos descrentes e arregalados os raios azuis começarem a se dobrar e a deslizar para o chão. Ele ouvia muito indistintamente a voz ansiosa e gras-nida de Denise Polhurst. *Não* é *coisa que eu quisesse jamais saber, mas acho que agora sei: o homicídio é azul.*

Ele tornou a aproximar o bocal do rosto, inclinando-o de maneira a manter longe aquela aura carregada de pingentes gelados. Teve medo de que, se chegasse o fone muito perto do ouvido, o desespero furioso e gélido da moça poderia ensurdecê-lo.

— Diga a Bill que Ralph ligou — falou. — *Roberts,* e não Robbins. —

E desligou sem esperar resposta. Os raios azuis desprenderam-se do fone e rolaram para o chão. Ralph mais uma vez lembrou-se de pingentes de gelo; desta vez, do jeito como caem em fieiras certinhas quando se passa a mão enluvada sob o beiral do telhado em um dia mais quente de inverno. Eles desapareceram antes de bater no linóleo. Ralph olhou a toda volta. Nada na cozinha brilhava, tremeluzia, vibrava. As auras tinham desaparecido. Come-

çou a suspirar de alívio quando ouviu o carburador de um carro soltar uma descarga explosiva na Avenida Harris.

No apartamento vazio de primeiro andar, Ralph Roberts gritou.

4

ELE NÃO QUERIA mais chá, mas continuava com sede. Encontrou metade de uma Diet Pepsi — choca mas líquida — no fundo da geladeira, despejou-a num copo de plástico com o logotipo do mercadinho já desbotado, e levou-o para fora. Não agüentava mais ficar no apartamento que parecia cheirar a vigília infeliz.

Principalmente depois do que acontecera com o telefone.

O dia se tornara ainda mais belo, se é que era possível um vento constante e suave começara a soprar, deslocando rolos de luz e sombra pelo oeste de Derry, penteando as folhas das árvores. Estas, o vento afugentava pelas calçadas em redemoinhos laranja, amarelos e vermelhos.

Ralph virou para a esquerda, não porque tivesse qualquer desejo consciente de voltar à área de piqueniques junto ao aeroporto, mas apenas para pegar o vento

pelas costas. Contudo, viu-se entrando na pequena clareira uns dez minutos mais tarde. Desta vez estava vazia, o que não o surpreendeu. Não havia friagem no vento que se erguera, nada que fizesse velhotes correrem para dentro de casa, mas não era nada fácil manter as cartas em cima da mesa ou as peças no tabuleiro de xadrez enquanto o vento travesso tentava derrubá-las toda hora. Quando Ralph se aproximou da mesinha de cavalete onde Faye Chapin em geral recebia sua corte, também não se surpreendeu ao encontrar um bilhete preso com uma pedra, e teve uma boa noção do seu conteúdo mesmo antes de pousar o copo plástico e apanhar o papel.

Dois caminhos; duas aparições do doutor careca com o bisturi; duas pessoas idosas sofrendo de insônia e tendo visões vivamente coloridas; dois bilhetes. Era como Noé embarcando os animais na arca, não um a um, mas aos pares. . e será que vai cair outro temporal? Bem, que é que você acha, meu caro?

Ele não sabia o que achar. . mas o bilhete de Bill fora uma espécie de obituário-em-andamento e Ralph não alimentava a menor dúvida de que o de Faye fosse igual. A sensação de ser sempre empurrado para diante, sem esforço nem hesitação, era simplesmente demasiado forte para alimentar dúvidas; era como acordar em um palco desconhecido e se ver representando (aos tropeços) o texto de um drama que não se lembrava de ter ensaiado, ou distinguir um padrão coerente no que até aquele momento lhe parecera completamente absurdo, ou descobrir. .

Descobrir o quê?

— Mais uma cidade secreta, é isso — murmurou. — A Derry das Auras. — Inclinou-se sobre o bilhete de Faye e leu-o enquanto o vento brincava caprichosamente com seus cabelos ralos.

5

ACONSELHAMOS a quem quiser prestar as últimas homenagens a Jimmy Vandermeer que o faça impreterivelmente até amanhã. O Padre Coughlin passou por minha casa hoje ao meio-dia e me avisou que o coitado está sucumbindo rapidamente.

Mas ele PODE receber visitas e está na UTI do Derry Home, quarto 315.

Faye

P.S. Lembrem-se de que o tempo é curto.

Ralph leu o bilhete duas vezes e recolocou-o na mesa com a pedra em cima para

que não voasse até o próximo Coroa aparecer. Ficou ali parado com as mãos nos bolsos e a cabeça baixa, espiando a Pista 3 por debaixo das sobrancelhas espessas e emaranhadas. Uma folha seca, laranja como as abóboras do Dia das Bruxas que em breve iriam decorar a avenida, rolou do profundo azul do céu e caiu sobre seus cabelos finos. Ralph afastou-a dis-

traidamente e pensou em dois quartos de hospital no andar da UTI do Derry Home, dois quartos lado a lado. Bob Polhurst em um, Jimmy V. no outro. E no quarto seguinte do corredor? O de número 317, o quarto em que sua mulher morrera.

— Isto não é coincidência — falou baixinho.

Mas o que era? Vultos na névoa? Uma cidade secreta? Frases evocativas, as duas, mas não respondiam pergunta alguma.

Ralph sentou-se na mesa de piqueniques ao lado daquela em que Faye deixara o bilhete, tirou os sapatos, e cruzou as pernas. O vento soprou uma rajada que despenteou seus cabelos. Ficou ali sentado entre as folhas que caíam, a cabeça ligeiramente curvada e o cenho franzido em reflexões. Parecia um Buda em versão de Winslow Homer, meditando com as mãos pousadas nos joelhos, cuidadosamente repassando suas impressões sobre os Drs. nº1 e nº2... e em seguida comparando-as com as que tivera do Dr. nº 3.

Primeira impressão: todos os três doutores lembravam alienígenas de tablóides como o Inside View, desenhos em que sempre vinha a ressalva

―criações artísticas‖. Ralph sabia que esses misteriosos visitantes do espaço carecas e de olhos escuros datavam de muitos anos; havia gente que decla-rava ter tido contato com esses nanicos carecas — os chamados doutorezinhos — há muito tempo, talvez o mesmo tempo em que as pessoas vinham relatando o aparecimento de OVNIs. Ralph tinha plena certeza de que lera no mínimo uma história dessas na década de sessenta.

— Muito bem, então digamos que haja um bom número desses caras por aqui. — Ralph disse a uma andorinha que acabara de pousar no latão de lixo da área de piqueniques.

— Não uns três doutores, mas três centenas deles. Ou três milhares.

Lois e eu não somos as únicas pessoas que os vimos.

E..

E a maioria das pessoas que relataram tais encontros não tinham também mencionado objetos pontiagudos?

Tinham, mas não tesouras nem bisturis — não que Ralph se lembrasse. A maioria das pessoas que alegavam ter sido seqüestradas pelos doutorezinhos falavam de sondas, não era?

A andorinha voou. Ralph nem percebeu. Pensava nos doutorezinhos carecas que tinham visitado May Locher na noite de sua morte. Que mais sabia sobre eles? Que mais vira? Vestiam compridos aventais brancos, como aqueles usados por médicos nos senados de TV dos anos cinqüenta e sessenta, como aqueles que os farmacêuticos ainda usam. Só que os aventais deles, ao contrário daquele do Dr. n□3, eram limpos. O n□3 andava exibindo um bisturi enferrujado; se havia ferrugem na tesoura que o Dr. n□1 segurava na mão direita, Ralph não reparara. Nem mesmo depois de ter mirado os binóculos nele.

E havia outra coisa — provavelmente sem importância, mas que chamava atenção. O Dr. que exibia a tesoura era destro, pelo menos a julgar pela maneira como segurava a arma. O Dr. que brandia o bisturi era canho-to.

Não, provavelmente não era importante, mas era alguma coisa — outro daqueles vultos na névoa, embora pequeno — que o incomodava do mesmo jeito. Alguma coisa sobre a dicotomia esquerda e direita.

Tome a esquerda e chegará à direita — Ralph murmurou, repetindo o bordão de alguma piada que já não lembrava mais. — Tome a direita e chegará à esquerda.

Deixa pra lá. Que mais sabia sobre os médicos?

Bem, estavam cercados por auras, naturalmente — um belo auriverde por sinal — e tinham deixado

(*pegadas do homem branco*)

passos de dança como nos diagramas de Arthur Murray ao passar. E

embora suas feições tivessem parecido a Ralph absolutamente anônimas, suas auras transmitiam sensações de poder. . e sobriedade.. e...

— E *dignidade*, droga — disse Ralph. O vento soprou nova rajada e mais folhas soltaram-se das árvores. A uns quarenta e cinco metros da área de piqueniques, não muito longe da velha ferrovia, uma árvore retorcida e meio desenraizada

parecia se alongar na direção de Ralph, esticando ramos que realmente lembravam um pouco mãos em garras.

De repente ocorreu a Ralph que vira muita coisa naquela noite para um cara velho que supostamente estaria no limiar da última fase da vida de um homem, a que Shakespeare (e Bill McGovern) chamavam a fase do ―Bu-fão da Commedia dell'Arte‖. E nada disso — nadinha — sugeria perigo ou más intenções. Que Ralph tivesse *inferido* más intenções não surpreendia muito. Tratava-se de visitantes estranhos fisicamente; observara-os saindo da casa de uma mulher doente, numa hora da noite em que visitas raramente comparecem; vira-os apenas alguns minutos após um pesadelo de proporções épicas.

Agora, no entanto, relembrando o que vira, ocorriam-lhe outros detalhes. A maneira com que pararam na varanda da Sra. Locher, por exemplo, como se tivessem todo o direito de estar ali; a sensação que transmitiram de serem dois amigos entretidos num bate-papo antes de seguir cada um o seu caminho. Dois velhos colegas conversando mais um pouquinho antes de voltar para casa após uma longa noite de trabalho.

Essa foi a impressão que teve, é verdade, mas não quer dizer que possa confiar nela, Ralph.

Mas ele achava que podia confiar. Velhos amigos, colegas de longa data, encerrando o trabalho da noite. May Locher fora sua última parada.

Muito bem, então os Drs. n□1 e n□2 diferiam do terceiro como o dia da noite. Os dois eram limpos e, ele, sujo, possuíam auras, mas ele não pos-

suía nenhuma (pelo menos nenhuma que Ralph pudesse perceber), carregavam uma tesoura e, ele, um bisturi, os dois tinham a aparência sã e sóbria de quaisquer dois cidadãos idosos e respeitados da cidade, enquanto o n□3 parecia mais doido que um rato de mictório.

Uma coisa, porém, ficava muito clara, não? Seus chapinhas são seres sobrenaturais e, além de Lois, a única pessoa que parece saber de sua presença é Ed Deepneau. Quer apostar quantas horas de sono Ed anda dormindo ultimamente?

— Não — Ralph respondeu. Tirou as mãos dos joelhos e ergueu-as diante dos olhos. Elas tremiam ligeiramente. Ed mencionara doutorezinhos carecas, e havia doutorezinhos carecas. Seria aos doutores que se referia quando falara dos Centuriões? Ralph não sabia. Quase tinha esperanças de que fosse, porque a palavra — Centuriões — começara a suscitar uma imagem muito mais terrível

em sua mente cada vez que surgia: os ringwraiths da trilogia fantasiosa de Tolkien. Vultos encapuzados, que montavam cavalos esqueléticos de olhos vermelhos, atacando um pequeno grupo de *hobbits* amedrontados do lado de fora da taverna Prancing Pony, em Bree.

Pensar em *hobbits* levou-o a pensar em Lois, e o tremor de suas mãos aumentou.

Carolyn: *É longa a viagem de volta ao Paraíso, querido, portanto não esquente com ninharias.*

Lois: *Na minha família, quem morre aos oitenta morre jovem*.

Joe Wyzer: *O legista acaba registrando como causa da morte suicídio ao invés de insônia.*

Bill: *Ele se especializou na Guerra de Secessão, e agora nem sequer sabe o que é uma guerra civil, muito menos quem ganhou a nossa.*

Denise Polhurst: *A morte é muito idiota. Se um obstetra demorasse tanto tempo para cortar o cordao umbilical de um bebê. .*

Foi como se alguém tivesse repentinamente acendido um potente holofote no interior de sua cabeça e Ralph soltou um grito na ensolarada tarde de outono. Nem mesmo o 727 da Delta que se aproximava para pousar na pista 3 conseguiu abafar inteiramente aquele grito.

6

ELE PASSOU o resto da tarde sentado na varanda do prédio que dividia com McGovern, esperando impacientemente que Lois voltasse do jogo. Poderia ter tentado mais uma vez encontrar McGovern no hospital, mas não o fez. A necessidade de falar com McGovern passara. Ralph ainda não entendia tudo, mas achava que entendia muito mais do que antes e, se a repentina intuição na área de piqueniques tivesse algum valor, contar a McGovern o que acontecera com o seu panamá não serviria absolutamente para nada, mesmo que Bill lhe desse crédito.

Tenho que recuperar o chapéu, Ralph pensou. *E tenho que recuperar os brincos de Lois, também*.

Foi uma tarde e um anoitecer surpreendentes. Por um lado, nada acontecera. Por outro, *tudo* acontecera. O mundo das auras veio e foi à sua volta como a magnífica progressão de sombras de nuvens pelo oeste da cidade.

Ralph sentou-se e contemplou, embevecido, interrompendo-se apenas para comer alguma coisa e dar uma chegada ao banheiro. Viu a velha Sra. Bennigan parada na varanda, com o seu casaco vermelho vivo, apoiada no andador, examinando suas flores de outono. Viu a aura que a envolvia — o rosa limpo e saudável de um bebê que acabou de tomar banho — e fez votos de que a Sra. B. não tivesse um bando de parentes esperando que morresse.

Viu um rapaz que não teria mais de vinte anos, dançando do outro lado da rua no rumo do mercadinho. Era a imagem da saúde com os seus jeans desbotados e a camiseta sem mangas de um time de beisebol, mas Ralph viu também um saco mortuário agarrado nele como uma mancha de óleo, e o fio de balão que se erguia do alto de sua cabeça parecia um puxador de cortina roto numa casa mal-assombrada.

Não viu doutorezinhos carecas, mas, pouco depois das cinco e meia, observou um assustador facho de luz roxa irromper da tampa de um bueiro no meio da Avenida Harris; subiu para o céu como um efeito especial, num épico bíblico de Cecil B. DeMille, durante uns três minutos talvez, depois simplesmente se apagou. Viu também um enorme pássaro que lembrava um gavião pré-histórico planar entre as chaminés da velha fábrica de laticínios, pouco adiante na rua Howard, e ondas de ar quente azuis e vermelhas que se alternavam sobre o parque Strawford em longas e preguiçosas estrias.

Quando o treino de futebol na escola primária Fairmount terminou às quinze para as seis, uns doze garotos entraram como um enxame no estacionamento do mercadinho, onde comprariam toneladas de balas e doces pré-jantar e fardos de figurinhas — figurinhas de futebol, nesta altura do ano, calculou Ralph. Dois deles pararam para discutir alguma coisa e suas auras, uma verde e a outra de um laranja-escuro vibrante, se intensificaram, encolheram e começaram a refulgir com espirais ascendentes de fios vermelhos.

Cuidado! Ralph gritou mentalmente para o menino na capa de luz laranja, um momento antes do Menino Verde atirar os livros de escola no chão e socar o outro na boca. Os dois se atracaram, rodaram numa dança desajeitada e agressiva, e rolaram pela calçada. Uma roda de garotos que gritavam e torciam formou-se a sua volta. Uma cúpula púrpura, semelhante a uma nuvem de tempestade, começou a se formar ao redor do local da luta. Ralph achou essa forma, que circulava num movimento lento e contrário ao dos ponteiros do relógio, ao mesmo tempo terrível e bela, e pôs-se a imaginar que aspecto teria a aura sobre uma batalha de grandes proporções. Concluiu que aquela era uma pergunta cuja resposta ele não queria realmente saber.

No momento em que o Menino Laranja montou no Menino Verde e come-

çou a socá-lo com vontade, Sue saiu do mercadinho e gritou que parassem de brigar no maldito estacionamento.

O Menino Laranja desmontou relutante. Os combatentes se puseram de pé, entreolhando-se mal-humorados. Então o Menino Verde, tentando parecer superior, virou as costas e entrou na loja. Apenas o olhar rápido por cima do ombro, para se certificar de que o oponente não vinha em seu encalço, estragou o efeito.

Uma parte dos espectadores acompanhou o Menino Verde ao mercadinho em busca dos suprimentos pós-treino, a outra se amontoou em torno do Menino Laranja, para cumprimentá-lo. No alto, invisível, o cogumelo púrpura e virulento desfazia-se como uma nuvem ao encontrar um vento forte. Os pedaços se esgarçaram, se desagregaram e desapareceram.

A *rua é um mafuá de energia,* pensou Ralph. *A energia desperdiçada por esses dois meninos durante os noventa segundos em que se atracaram pareceu-lhe suficiente para iluminar Derry por urna semana, e se uma pessoa pudesse captar a que os* espectadores *geraram — a energia contida naquele cogumelo nebuloso — provavelmente poderia iluminar o estado do Maine inteiro durante um mês. Pode imaginar como seria entrar no mundo das auras na Times Square. faltando dois minutos para a meia-noite, na véspera do Ano Novo?*

Ele não podia nem queria. Suspeitava que vislumbrara o bordo de ataque de uma força tão gigantesca e tão vital que fazia as armas nucleares criadas desde 1945 parecerem ter a potência de pistolas de espoleta disparadas contra uma lata de pêssegos vazia. Força suficiente para destruir o universo, talvez... ou criar um novo.

7

RALPH SUBIU ao apartamento, despejou uma lata de feijão em uma panela e algumas salsichas em outra, e ficou andando de um lado para o ou-

tro, estalando os dedos e ocasionalmente passando-os pelos cabelos, enquanto esperava que o jantar improvisado de solteiro ficasse pronto. O cansaço que penetrava até os seus ossos e o sobrecarregava como pesos invisíveis desde o meio do verão, pelo menos por ora, desaparecera por completo; sentia-se tomado por uma energia absurda e estranha, absolutamente *repleto.* Supunha que era por isso que as pessoas gostavam de benzedrina e cocaína, só que tinha a impressão de que o seu barato era muito melhor, pois, quando terminasse, não o

deixaria saqueado e maltratado, mais consumido do que consumidor.

Ralph Roberts, inconsciente de que os cabelos por que passara os dedos tinham-se engrossado, e que fios escuros tornavam-se visíveis pela primeira vez em cinco anos, saiu dançando pelo apartamento, na ponta dos pés, primeiro cantarolando com a boca fechada, depois cantando um velho rock do início dos anos sessenta: Hey, pretty bay-bee, you can't sit down. .

you gotta slop, bop, slip, slop, flip top alll about. .‖

O feijão começou a borbulhar numa panela, as salsichas ferveram na outra — só que pareciam a Ralph estarem dançando ao ritmo da velha can-

ção dos Dovells. Ainda cantando a plenos pulmões (―When you hear the hippie with the backbeat, you can't sit down‖), Ralph picou as salsichas dentro do feijão, acrescentou uns duzentos e cinqüenta gramas de ketchup e um pouco de chili, misturou tudo vigorosamente e dirigiu-se para a porta. Levava o jantar, ainda na panela, numa mão. Desceu as escadas correndo, com a agilidade de um garoto que está atrasado para o primeiro dia de escola. Tirou uma velha suéter larga de tricô — era de McGovern, mas e daí? — do armário da entrada, e saiu de novo para a varanda.

As auras tinham desaparecido, mas Ralph não desanimou; no momento estava mais interessado no cheiro da comida. Não se lembrava da última vez em que se sentira tão faminto quanto agora. Sentou-se no degrau mais alto com as coxas compridas e joelhos ossudos espetados para os lados, e começou a comer. As primeiras garfadas queimaram seus lábios e boca, mas isso não o deteve, Ralph comeu ainda mais depressa, praticamente engolindo sem mastigar.

Parou, quando já consumira metade da panela de feijões e salsichas. O

animal em sua barriga não voltara a adormecer — ainda não — mas sosse-gara um pouquinho. Ralph arrotou sem constrangimento e contemplou a Avenida Harris com uma sensação de contentamento que não conhecia há anos. Nas atuais circunstâncias, aquela sensação não fazia o menor sentido, mas isso não a alterava em nada. Quando tinha sido a última vez em que se sentira tão bem? Talvez na manhã em que acordara naquele curral, em algum lugar entre Derry, Maine, e Poughkeepsie, Nova Iorque, admirado com os raios conflitantes de luz — pareciam milhares — que cruzavam o lugar morno e cheiroso em que se encontrava deitado.

Ou talvez nunca.

É, ou talvez nunca.

Ele observou a Sra. Perrine subir a rua, provavelmente voltando de Um Lugar Seguro, uma combinação de sopão dos pobres e abrigo para os sem-teto junto ao Canal. Ralph mais uma vez viu-se fascinado pelo andar deslizante e incomum que ela conseguia sem auxílio de bengala e aparentemente sem mexer os quadris para os lados. Seus cabelos, ainda mais escuros que grisalhos, estavam agora presos — ou talvez contidos fosse a palavra certa — pela rede que usara quando servira o jantar. Meias grossas contra varizes, da cor de algodão-doce, emergiam de seus impecáveis tênis brancos de enfermeira.. não que Ralph pudesse ver muita coisa das meias ou das pernas que elas cobriam; esta noite, a Sra. Perrine usava um sobretudo masculino de lã, que chegava quase aos tornozelos. Ela parecia depender quase inteiramente das coxas para se deslocar — sinal de algum problema crônico na coluna, adivinhou Ralph — e este jeito de se locomover, somado ao sobretudo emprestavam à Esther Perrine um ar um tanto surreal. Parecia a rainha preta em um tabuleiro de xadrez, uma peça que ora era conduzida por uma mão invisível, ora deslocava-se sozinha.

Ao se aproximar do lugar em que Ralph se sentara — ainda vestindo a camisa rasgada e, de quebra, ainda comendo o jantar diretamente da panela

— as auras começaram a voltar ao mundo de mansinho. As lâmpadas da rua já estavam acesas, e agora Ralph via delicados arcos azul-arroxeados sobre cada uma. Via também uma névoa vermelha pairando sobre uns telhados, amarela sobre outros, e cereja claro sobre outros ainda. No leste, onde a noite agora ia se adensando, o horizonte estava salpicado de pontinhos verde-claros.

Mais perto, ele observou a aura da Sra. Perrine ganhar vida ao seu redor — aquele cinzento sério que lhe lembrava uniforme de cadete de academia militar. Alguns pontos escuros, como botões fantasmas, refulgiam acima de seu busto (Ralph presumia que *houvesse* um busto escondido em algum lugar debaixo do sobretudo). Não tinha certeza, mas achava que os pontos eram sinal de iminente má saúde.

— Boa noite, Sra. Perrine — cumprimentou educadamente, observando as palavras passarem diante de seus olhos sob a forma de flocos de neve.

Ela lhe lançou um olhar penetrante, piscando os olhos para cima e para baixo, parecendo ao mesmo tempo medi-lo e desprezá-lo num só movimento.

— Vejo que ainda está usando a mesma camisa, Roberts — comentou.

O que não comentou — mas Ralph tinha certeza de que pensara —foi: *Também*

vejo que está sentado aí, comendo feijão na panela, como um maltrapilho das ruas, que nunca aprendeu modos melhores.. e tenho o hábito de me lembrar *do que vejo, Roberts.*

— É verdade — respondeu Ralph. — Acho que me esqueci de trocá-la.

— Hum — resmungou a Sra. Perrine, e agora Ralph achou que estava avaliando suas roupas de baixo. *Quando foi a última vez que se lembrou de* trocá-las? *Estremeço só de pensar,* Roberts.

— Linda noite, não, Sra. Perrine?

Mais um relance rápido, desta vez para o céu. E de volta para Ralph.

— Vai esfriar.

— A senhora acha?

— Ah, vai; o veranico terminou. Minhas costas não servem para muita coisa além de prever o tempo, mas são muito boas nisso. — Fez uma pausa.

— Creio que a suéter é do Bill McGovern.

— Acho que é — Ralph concordou, imaginando se em seguida per-guntaria se Bill sabia que a estava usando. Não se surpreenderia nem um pouco.

Ao invés disso, mandou que ele se abotoasse.

— Você não quer se candidatar a uma pneumonia, quer? — perguntou e o franzido de sua boca acrescentou: *Além de se candidatar ao hospício?*

— Absolutamente não — Ralph respondeu. Pôs a panela de lado, levou a mão aos botões da suéter, então parou. Ainda estava usando a luva pega-panelas na mão esquerda. Não reparara até aquele momento.

— Vai ser mais fácil se você descalçar a luva — comentou a Sra. Perrine. Talvez tivesse passado um ligeiro brilho por seus olhos.

— Imagino que sim — disse Ralph com humildade. Sacudiu fora a luva e abotoou a suéter de McGovern.

— Meu oferecimento continua de pé, Roberts.

— Desculpe, que foi que disse?

— Meu oferecimento de consertar sua camisa. Isto é, se você puder se separar dela um ou dois dias. — Fez uma pausa. — Acredito que *tenha* outra camisa. . Que possa usar enquanto conserto a que está usando.

— Claro que tenho — respondeu Ralph. — Com certeza. E não são poucas.

— Escolher uma todos os dias deve ser um desafio para você. Seu queixo está sujo de caldo de feijão, Roberts. — Com esta sentença, os olhos da Sra.Perrine piscaram para o caminho à frente e ela recomeçou sua marcha.

O que Ralph fez então, fez sem premeditar ou compreender; foi tão instintivo quanto o gesto de cortar que usara anteriormente para afugentar o Dr. n□3 de perto de Rosalie. Ergueu a mão que estivera metida na luva tér-mica e enrolou-a como um canudo em torno da boca. Então inspirou com força, produzindo um silvo leve e sussurrante.

Os resultados foram assombrosos. Um risco de luz cinzenta desprendeu-se da aura da Sra. Perrine como o espinho de um porco-espinho Alon-gou-se rapidamente, dobrou para trás enquanto a senhora seguia em frente, cruzou o gramado coberto de folhas e entrou como uma flecha no canudo formado pelos dedos de Ralph. Ele percebeu quando a luz entrou em sua respiração e foi como se engolisse energia pura. Sentiu-se repentinamente aceso como um letreiro de néon ou a marquise de cinema em cidade grande.

Uma sensação explosiva de força — uma espécie de *Bum!* — percorreu-lhe o peito e o estômago, depois desceu pelas pernas até as pontas dos dedos dos pés. Ao mesmo tempo, chispou para sua cabeça, ameaçando arrancar-lhe o topo do crânio como se fosse o telhado de concreto fino de um depósito de míssil.

Viu raios de luz, cinzentos como um nevoeiro eletrificado, escaparem fumegantes por entre seus dedos. Uma sensação de poder, prazerosa e terrível, iluminou seus pensamentos, mas durou apenas um instante. Seguiram-se outras de vergonha e horror.

Que é que você está fazendo, Ralph? Seja o que for isso, não lhe pertence. Você meteria a mão na bolsa dela para tirar parte do seu dinheiro quando ela estivesse distraída?

Sentiu o rosto ruborizar. Baixou a mão em concha e fechou a boca.

Quando seus lábios e dentes se juntaram, ouviu claramente — e chegou a *sentir — que mastigava uma coisa crocante.* O *mesmo ruído que se ouvia ao mastigar aipo fresco.*

A Sra. Perrine parou, e Ralph observou-a apreensivo, quando ela deu meia-volta e espiou a Avenida Harris. *Não tive intenção,* pensou dirigindo-se a ela. *Juro que não, Sra. P. — ainda estou engatinhando nessa coisa.*

— Roberts?

— Sim, senhora?

— Você ouviu alguma coisa? Parecia um tiro.

Ralph sentiu as orelhas latejarem com o influxo de sangue quente, ao sacudir negativamente a cabeça.

— Não. . mas os meus ouvidos já não são o que..

— Provavelmente o escape de algum carro na rua Kansas — disse, desprezando de cara sua desculpa. — Mas confesso que fez o meu coração parar.

Ela retomou seu caminho com aquele andar estranho, deslizante de rainha de xadrez, então parou mais uma vez e olhou para trás, na direção de Ralph. Sua aura começara a dissolver-se, mas ele não teve dificuldade em ver seus olhos: eram aguçados como os de um falcão.

— Você está com a aparência diferente, Roberts — falou. — Mais jovem.

Ralph, que esperara outra coisa (*Me devolve o que furtou, Roberts, agora mesmo,* por exemplo), só conseguiu se atrapalhar.

— A senhora acha. . é muito. . quero dizer obrigado. .

Ela fez um aceno impaciente com a mão, como se dissesse ―ah, cala a boca‖.

— Provavelmente é a luz. Aconselho você a não respingar comida nessa suéter, Roberts. A impressão que tenho é que o Sr. McGovern é muito cuidadoso com o que lhe pertence.

— Pois deveria ter cuidado melhor do chapéu — retorquiu Ralph.

Aqueles olhos vivos, que iam mais uma vez se desviando, voltaram a fitá-lo.

— Desculpe, que foi que disse?

— O panamá — Ralph respondeu. — Ele o perdeu em algum lugar.

A Sra. Perrine examinou a afirmação à luz do intelecto por um momento, em

seguida dispensou-a com um *Hum*.

— Vá para dentro, Roberts. Se continuar mais tempo aqui fora, vai conseguir morrer de pneumonia. — E então deslizou para casa, aparentemente nem um pouco pior em conseqüência do impensado furto de Ralph.

Furto? Estou muito seguro que é a palavra errada, Ralph. O que você fez agora há pouco foi algo muito mais próximo ao. .

— Vampirismo — completou Ralph sombriamente. Pôs a panela de feijão de lado e começou a esfregar as mãos lentamente. Sentia-se envergonhado. . culpado. . e praticamente explodindo de energia.

Você furtou energia vital ao invés de sangue, mas um vampiro é um vampiro, Ralph.

É verdade. E subitamente ocorreu a Ralph que não devia ter sido a primeira vez que fizera tal coisa.

Você está com a aparência diferente, Roberts. Mais jovem. Foi o que a Sra. Perrine dissera há pouco, mas as pessoas tinham feito comentários semelhantes desde o *fim* do verão, não tinham? A principal razão por que seus amigos não o forçaram a procurar um médico é que não *parecia* haver nada errado com ele. Queixava-se de insônia, mas era a imagem da saúde. *Acho que aquele favo de mel deve ter realmente feito milagre,* dissera John Leydecker no domingo, pouco antes de deixarem juntos a biblioteca — parecia ter sido na Idade do Ferro agora. Quando Ralph perguntara a que se referia, Leydecker respondera que estava se referindo à sua insônia. *Você parece mil vezes melhor do que no dia em que o conheci.*

E Leydecker não fora o único. Ralph tinha andado praticamente se arrastando durante o dia, sentindo-se gasto, cansado, abatido. . mas as pessoas não se cansavam de comentar sua *boa* aparência, seu ar *descansado* e *jovem*.

Helen. . McGovern. . e até Faye Chapin dissera alguma coisa há umas duas semanas, embora Ralph não lembrasse exatamente o quê..

— Mas claro que lembro — falou em voz baixa, desanimado. — Ele me perguntou se eu estava usando creme anti-rugas. Creme *anti-rugas,* pelo amor de Deus!

Será que já andava furtando a energia vital dos outros naquela altura?

Furtando sem sequer se dar conta?

— É bem provável — disse na mesma voz baixa. — Deus dos céus, sou um vampiro.

Mas seria a palavra certa? — perguntou-se imediatamente. Não seria possível que, no mundo das auras, chamassem um ladrão de energia de Centurião?

O rosto pálido e tenso de Ed surgiu diante dele como um fantasma que retorna para acusar seu assassino, e Ralph, inesperadamente aterrorizado, abraçou os joelhos e baixou a cabeça para descansá-la ali.

CAPÍTULO 15

1

ÀS SETE E VINTE DA NOITE, uma Lincoln Town super-conserva-da, do final dos anos setenta, encostou no meio-fio diante da casa de Lois.

Ralph — que passara a última hora tomando banho, barbeando-se e tentando se acalmar — encontrava-se na varanda e observou Lois desembarcar do banco traseiro do carro. A brisa trouxe aos seus ouvidos adeuses e risos jo-viais e alegres.

A Lincoln partiu e Lois começou a se dirigir para casa. A meio caminho parou e virou-se. Por um longo momento, os dois se entreolharam de lados opostos da Avenida Harris, vendo perfeitamente bem, apesar da escuridão crescente e dos quase duzentos metros que os separavam. Os dois iluminaram-se um para o outro naquela escuridão, como tochas secretas.

Lois apontou um dedo para ele. Um gesto muito próximo ao que fizera antes de atirar no Dr. n□3, mas isto não perturbou Ralph em nada.

Intenção, pensou. *Tudo reside na intenção. Há poucos erros neste mundo. . e uma vez que se descobre como são as coisas, talvez não haja erro algum.*

Um raio fino de força, cinza-metálico, apareceu na ponta do dedo de Lois e começou a se alongar pelas sombras da Avenida Harris. Um carro atravessou-o calmamente. As janelas do carro refletiram momentaneamente uma luz cinza ofuscante e seus faróis pareceram piscar por um instante, mas foi só.

Ralph ergueu o dedo, e produziu um raio azul. Os dois fios de luz se encontraram no meio da Avenida Harris e se entrelaçaram como uma trepadeira. E foram subindo cada vez mais alto, esmaecendo gradualmente durante a subida. Então Ralph enrolou o dedo, e a sua metade deste laço amoroso no meio da Avenida

Harris piscou e desapareceu. Pouco depois, a metade de Lois também desapareceu. Ralph desceu lentamente os degraus da varanda e começou a atravessar o gramado. Lois veio ao seu encontro.

Juntaram-se no meio da rua. . onde, num sentido muito real, já haviam se juntado.

Ralph enlaçou-a pela cintura e beijou-a.

2

VOCÊ está com a aparência diferente, Roberts, mais jovem.

As palavras não cessavam de voltar à sua mente — repetindo-se como uma gravação sem fim — enquanto Ralph, sentado na cozinha de Lois, bebia café. Não conseguia despregar os olhos da amiga. Ela parecia bem uns dez anos mais jovem e cinco quilos mais magra do que a Lois que se habituara a ver nos últimos anos. Será que parecia assim jovem e bonita hoje no parque? Ralph achava que não, mas naturalmente ela estivera perturbada naquela manhã, perturbada e chorosa e ele supunha que isto fizesse diferen-

ça.

Contudo. .

É, contudo. . A redezinha de linhas que contornavam os cantos de sua boca tinha desaparecido. E igualmente as rugas incipientes no pescoço e o babado de carne flácida que começara a se formar em seus braços. Chorara pela manhã e estava radiante de felicidade agora à noite, mas Ralph sabia que isso não esclarecia todas as mudanças que observava.

— Sei o que você está olhando — falou Lois. — Parece coisa de assombração, não é? Quero dizer, responde à indagação se tudo isto estaria ocorrendo apenas em nossas mentes, mas continua a parecer meio sobrenatural. Descobrimos a Fonte da Juventude. Nada de Flórida; ela sempre esteve aqui em Derry.

— Nós a descobrimos?

Por um momento, ela apenas expressou surpresa. . e uma certa preocupação, como se desconfiasse que ele pretendia gozá-la, fazê-la de boba.

Tratá-la como a ―Nossa Lois‖. Então estendeu a mão por cima da mesa e apertou a dele.

— Vá até o banheiro. Dê uma olhada em sua cara.

— Sei com que cara estou. Diabos, acabei de me barbear. E gastei um bocado de tempo.

Ela concordou com a cabeça.

— Você caprichou mesmo, Ralph. . mas não estou me referindo à sua barba às cinco da tarde. Dê uma boa olhada em sua cara.

— Você está falando sério?

— Claro que estou — respondeu com firmeza.

Ia quase alcançando à porta quando ela acrescentou.

— E não fez apenas a barba; trocou a camisa também. Que bom. Eu não quis dizer nada, mas a camisa xadrez estava rasgada.

— Estava? — Ralph perguntou. Tinha as costas viradas, de modo que ela não pôde vê-lo sorrir. — Não reparei.

3

ELE Ficou parado com as mãos apoiadas na pia, examinando o rosto bem uns dois minutos. Foi o tempo que levou para admitir para si mesmo que estava realmente vendo o que pensava que estava vendo. Os fios ne-

gros, reluzentes como penas de corvo, que tinham reaparecido em sua cabeleira eram assombrosos, bem como a ausência das feias bolsas sob os olhos, mas a coisa que o impedia de desviar os olhos era a maneira como as rugas e vincos fundos tinham desaparecido de seus lábios. Era uma bobagem.. mas era também uma mudança substancial. Era a boca de um rapaz. E..

Abruptamente, Ralph correu o dedo por dentro da boca, acompanhando a fileira inferior de dentes do lado direito. Não podia ter absoluta certeza, mas lhe davam a impressão de estarem mais altos, como se parte do desgaste tivesse se recomposto.

— Caramba! — Ralph murmurou, e seu pensamento voltou àquele dia escaldante do verão anterior, quando enfrentara Ed Deepneau no gramado de sua casa. Ed primeiro o convidara para puxar uma pedra e em seguida lhe confidenciara que Derry tinha sido invadida por criaturas sinistras que matavam bebês. *Ladrões de vidas. Todas as linhas de força já começaram a convergir para*

cá, Ed afirmara. *Sei como é difícil acreditar, mas é verdade.*

Ralph achava cada vez menos difícil acreditar. O mais difícil mesmo era acreditar na idéia de que Ed estivesse louco.

— Se isto não parar — disse Lois da porta, assustando-o, — vamos ter de nos casar e mudar de cidade, Ralph. Simone e Mina não conseguiam, literalmente *não conseguiam,* despregar os olhos de mim. Falei uma porção de bobagens sobre um novo tipo de maquilagem que tinha comprado no shopping, mas elas não enguliram a conversa. Um homem teria engolido, mas uma mulher sabe o que a maquilagem é capaz de fazer. E o que não é.

Voltaram juntos para a cozinha e, embora as auras tivessem temporariamente desaparecido, Ralph descobriu que ainda podia ver alguma coisa, um rubor que saía pela gola da blusa de seda branca de Lois.

— Finalmente disse a única coisa em que *poderiam* acreditar.

— E o que foi?

— Disse que conhecera um homem. — Ela hesitou e, em seguida, quando o rubor chegou ao seu rosto e lhe coloriu as faces de rosa, ela mergulhou de cabeça. — E me apaixonara por ele.

Ralph segurou o braço de Lois e virou-a para ele. Reparou na dobrinha nítida na parte interna de seu cotovelo e pensou no quanto gostaria de acariciá-la com a boca. Ou talvez com a ponta da língua. Então ergueu os olhos para Lois.

— E era verdade?

Ela o encarou com os olhos cheios de esperança e candura.

— *Acho* que sim — disse em voz baixa, porém clara —, mas ultimamente tudo anda tão estranho. A única certeza que tenho é que gostaria que *fosse* verdade. Quero ter um amigo. Tenho vivido assustada, infeliz e solitária há muito tempo. Acho a solidão a pior parte da velhice. . não são as dores, o mal-estar, os intestinos preguiçosos ou a perda de fôlego quando se sobe uma escada que se subia praticamente *voando* aos vinte anos. . mas a solidão.

— Verdade — disse Ralph. — *É* o pior.

— Ninguém mais conversa com a gente.. ah, sim, as pessoas se dirigem a gente, às vezes, mas não é a mesma coisa. . Na maioria das vezes, elas sequer nos

vêem. Você já se sentiu assim?

Ralph pensou na Derry dos Velhos Coroas, uma cidade em geral des-prezada pelo mundo dos que correm-para-trabalhar e correm-para-brincar que gira à sua volta, e concordou.

— Ralph, me abraça?

— Com todo o prazer — respondeu, e puxou-a gentilmente para o círculo dos seus braços.

4

ALGUM tempo depois, amarrotados e tontos, mas felizes, Ralph e Lois sentaram-se juntos no sofá da sala de estar, um móvel tão ao jeito de um gnomo que, na realidade, tinha apenas dois lugares. Mas nem um nem outro se importou com isso. Ralph passou o braço pelos ombros de Lois.

Ela soltara os cabelos e ele enrolou um cacho nos dedos, refletindo sobre a facilidade com que se esquecia a sensação que transmitiam os cabelos de uma mulher, tão maravilhosamente diferentes dos de um homem. Lois lhe contara sobre o jogo de cartas e Ralph ouvira com atenção, admirado, sim, mas pouco surpreso.

Havia mais ou menos uma dúzia de mulheres que jogavam quase toda semana em Ludlow Grange a uns centavos o ponto. Era possível voltar para casa cinco dólares mais rica ou mais pobre, mas o resultado mais provável era terminar ganhando um dólar ou perdendo um punhado de trocados.

Embora houvesse tanto jogadoras boas quanto trapalhonas (Lois se incluía entre as primeiras), era principalmente uma maneira divertida de passar a tarde — a versão feminina do torneio de xadrez e das maratonas de *buraco dos Velhos Coroas*.

— Só que esta tarde eu não conseguia perder. Com as meninas me perguntando que vitaminas tinha tomado e onde tinha feito o último tratamento de pele e todo o resto era para ter voltado para casa completamente falida. Quem é que consegue se concentrar em variações bobinhas de pôquer, quando precisa ficar inventando mentiras sem tropeçar nas que já disse?

— Deve ter sido duro — Ralph comentou, tentando não rir.

— *Foi. Duríssimo!* Mas, ao invés de perder, não parava de ganhar. E sabe por

quê, Ralph?

Ele sabia, mas fez que não com a cabeça, para que ela pudesse contar.

Gostava de ouvi-la.

— Foram as auras. Nem sempre sabia ao certo que cartas as meninas tinham na não, mas muitas vezes sabia. E mesmo quando não sabia, tinha uma idéia bastante clara se as mãos eram boas. As auras nem sempre estavam visíveis, você sabe como elas vêm e vão, mas, mesmo quando desapareciam, jogava melhor do que jamais joguei na vida. Durante a última hora, comecei a perder de propósito, só para não ficarem com *raiva* de mim. E

sabe de uma coisa? Até mesmo *perder de propósito* foi duro. — Ela baixou os olhos para as mãos que começara a cruzar e descruzar nervosamente no colo. — E na volta, fiz uma coisa que me deixou morta de vergonha.

Ralph começou a vislumbrar de novo a aura de Lois, uma mancha fraca e cinzenta na qual giravam bolhas azuis-escuras em formação.

— Antes que você continue — falou —, escute só e me responda se já viu isto antes.

Ralph contou que a Sra. Perrine vinha se aproximando, quando estava sentado na varanda jantando, enquanto esperava Lois voltar. Ao recontar o que fizera à velha senhora, baixou os olhos e sentiu as orelhas arderem outra vez.

— É — falou Lois quando ele terminou. — Foi a mesma coisa que *me* aconteceu.. mas não *tive intenção,* Ralph. . pelo menos, *acho* que não tive. Estava sentada com Mina no banco traseiro do carro, e ela retomou aquela conversa interminável sobre a minha aparência *diferente,* meu ar *jovem* e pensei, fico constrangida de dizer isto abertamente, Ralph, mas acho que é a melhor solução: pensei, vou calar sua boca sua velha bisbilhoteira e invejosa.

Porque *era* inveja, Ralph. Dava para ver na aura dela. Uns enormes dentes da cor exata dos olhos de um gato. Não me admira que chamem a inveja de monstro de olhos verdes! Em todo o caso, apontei para fora da janela e comentei:

―Aaah, Mina, não é uma *graça* aquela casinha?‖ E quando ela se virou para olhar, eu. . fiz o que você fez, Ralph. Só que não enrolei a mão. Fiz uma espécie de biquinho com a boca. . assim.. — Ela demonstrou, parecendo tão beijável que Ralph se sentiu tentado (quase compelido, na realidade) a se aproveitar da

expressão — . .e inspirei uma grande nuvem da aura dela.

— E que aconteceu? — Ralph perguntou, fascinado e receoso.

Lois riu arrependida.

— A mim ou a ela?

— As duas.

— Mina deu um salto e deu um tapa na nuca. ―Tem um bicho no meu pescoço!‖, ela disse. ―E me mordeu!. Tira ele daí, Lo! Por favor, tira ele daí!‖

Claro que não havia nenhum bicho, o bicho era *eu,* mas enxotei a coisa da nuca de Mina, abri a janela e disse que o bicho tinha saído, voado para fora do carro. Ela teve sorte de não ter lhe dado uma cacetada na cabeça ao invés de uma simples palmada no pescoço, isso é para você ver como eu estava cheia de energia. Me sentia capaz de abrir a porta do carro e correr até em casa.

Ralph concordou.

— Foi maravilhoso. . maravilhoso *demais.* É como nos filmes sobre drogas que passam na TV, primeiro levam a pessoa ao céu e depois a acor-rentam no inferno. E se começarmos a fazer isso e não conseguirmos parar?

— É — comentou Ralph. — E se fizer mal às pessoas? Penso o tempo todo em vampirismo.

— Sabe no que *penso* o tempo todo? — A voz de Lois se transformara num murmúrio. — Naquelas coisas que o Ed lhe falou. Naqueles Centuri-

ões. E se eles forem nós, Ralph? E se eles forem *nós?*

Ele a abraçou e lhe deu um beijo no alto da cabeça. Ouvir o seu pior receio sair da boca de Lois aliviou um pouco o peso em seu peito o que o fez lembrar do que ela dissera sobre a solidão ser a pior parte da velhice.

— Eu sei — respondeu. — E o que fiz à Sra. Perrine foi totalmente impulsivo; não me lembro de ter pensado no que fazia, simplesmente fiz.

Com você também foi assim?

— Foi. Exatamente. — Ela encostou a cabeça em seu ombro.

— Não podemos fazer mais isso — ele falou. — Porque pode realmente viciar. Uma coisa que dá tanto prazer *tem* de viciar, você não concorda? E também precisamos tentar colocar umas defesas que nos impeçam de fazer isso involuntariamente. Porque acho que *tenho* feito isso. Quem sabe não foi essa a razão porque..

O ruído de uma freada, derrapagem e pneus cantando interromperam-no. Ralph e Lois se entreolharam espantados, quando o ruído continuou sem parar, como se o desastre procurasse um ponto de impacto.

Ouviram um baque abafado quando os freios e os pneus silenciaram.

Seguiu-se um grito breve de mulher ou de criança, Ralph não soube distinguir. Alguém mais berrou: ―Que aconteceu‖ e depois ―Cacilda!‖ Ouviram um atropelo de passos na rua.

— Fique no sofá — Ralph correu para a janela da sala. Quando levantou a cortina, Lois estava colada nele, e Ralph sentiu um lampejo de aprova-

ção. Era o que Carolyn teria feito nas mesmas circunstâncias.

Viram um mundo noturno que palpitava com cores estranhas e movimentos fabulosos. Ralph sabia que iam ver Bill, *sabia* — Bill atropelado por um carro, caído morto na rua, o chapéu-panamá com a meia-lua comida próximo à sua mão estendida. Passou o braço pelas costas de Lois e ela agarrou sua mão.

Mas não era McGovern quem se achava no leque luminoso dos faróis do Ford, atravessado no meio da Avenida Harris: era Rosalie. Suas investidas matinais tinham chegado ao fim. Estava caída de lado, numa poça crescente de sangue, o dorso dobrado e torcido em diversos pontos. Quando o motorista do carro que atingira a velha vira-lata se ajoelhou ao seu lado, a luz impiedosa da lâmpada mais próxima iluminou seu rosto. Era Joe Wyzer, o farmacêutico da Rite Aid, sua aura amarelo-laranja agora girando em confusos torvelinhos vermelhos e azuis. Ele acariciou o flanco da cachorra, e toda vez que sua mão penetrava a nojenta aura negra colada à Rosalie, ela desaparecia. O terror atravessou Ralph, fazendo sua temperatura cair e os testículos murcharem até ficarem como carocinhos duros de pêssego. Inesperadamente voltou a julho de 1992, Carolyne morria, o relógio da morte tiquetaqueava e uma coisa esquisita acontecera com Ed Deepneau. Ed sur-tara e Ralph via-se tentando impedir que o marido de Helen, normalmente bem-humorado, avançasse no homem com o boné da firma de jardinagem de West Side querendo lhe cortar a garganta. Então — a cereja da *charlotte russe,* como diria Carolyn — surgira Dorrance Marstellar. O velho Dor. E o que dissera?

Eu não tocaria mais nele.. Não consigo ver suas mãos.

Não consigo ver suas mãos.

— Ah meu Deus — Ralph murmurou.

5

FOI TRAZIDO de volta à realidade pela impressão de que Lois oscilava contra ele, como se estivesse a ponto de desmaiar.

— Lois! — falou com firmeza, agarrando-a pelo braço. — Lois, você está bem?

— Acho que sim.. mas Ralph. . você está vendo. .

— É, é Rosalie. Acho que ela. .

— Não estou falando *dela;* estou falando *dele!* — Ela apontou para a direita.

O Dr. n□3 estava encostado no porta-malas do Ford de Joe Wyzer, o panamá de McGovern inclinado jovialmente para trás do seu crânio pelado.

Ele olhou na direção de Ralph e Lois, sorriu com insolência, então levou lentamente o polegar à ponta do nariz e fez um gesto de fiau para eles.

— *Filho da puta!* — berrou Ralph, e deu um soco na parede ao lado da janela, desafogando sua frustração.

Meia dúzia de pessoas acorreu à cena do acidente, mas não havia nada que pudessem fazer; Rosalie estaria morta antes mesmo que a mais próxima chegasse ao lugar onde ela jazia iluminada pelos faróis do carro. A aura negra ia se solidificando, transformando-se em uma substância muito semelhante a um tijolo escuro de fuligem. Envolvia a cachorra como uma mortalha justa, e a mão de Wyzer desaparecia quase até o pulso toda vez que penetrava aquela horrível veste.

Agora o Dr. n□3 levantava a mão com o dedo médio esticado para cima e inclinava a cabeça — uma pantomima didática tão eficaz que praticamente dizia em voz alta: *"Prestem atenção, por favor!"* Avançou na ponta dos pés — sem necessidade, pois não podia mesmo ser visto pelos circunstan-tes, mas teatralmente correto — e esticou a mão para o bolso traseiro de Joe Wyzer. Deu uma espiada em Ralph e Lois, como se perguntasse se continuavam prestando atenção. Então recomeçou a andar na ponta dos pés, com a mão esquerda esticada.

— Faça ele parar, Ralph — Lois gemeu. — Por favor, faça ele parar.

Devagar, como um homem drogado, Ralph ergueu a mão e baixou-a de um golpe. Uma cunha azul voou da ponta de seus dedos, mas dispersou-se ao atravessar a vidraça. Uma névoa pastel espalhou-se até uma curta distância da casa de Lois e em seguida desapareceu. O doutor careca sacudiu o dedo numa pantomima enfurecedora: *Ah, menino mauzinho,* dizia.

O Dr. n□3 estendeu de novo a mão e puxou uma coisa do bolso traseiro de Joe Wyzer, ainda ajoelhado na rua, lamentando a cachorra. Ralph não conseguiu saber direito o que era, até que a criatura de avental sujo tirou o chapéu de McGovern e fingiu usar o objeto nos cabelos ausentes. Furtara um pente de bolso preto, do tipo que se compra em qualquer loja de conveniências por um dólar e vinte e nove. Então deu um salto no ar e bateu os calcanhares como um elfo maligno.

Rosalie ergueu a cabeça à aproximação do doutor careca. Em seguida, largou-a de novo no chão e morreu. A aura que a envolvia desapareceu na mesma hora, não se dissolveu aos poucos, simplesmente sumiu num abrir e fechar de olhos como uma bolha de sabão. Wyzer se levantou, virou-se para um homem parado na calçada e começou a lhe contar o que acontecera, gesticulando com as mãos para indicar como a cachorra atravessara correndo a frente do carro. Ralph descobriu que conseguia até ler uma seqüência de seis palavras que saíam dos lábios de Wyzer: *nem vi de onde ela saiu.*

Ao olhar para o carro de Wyzer, Ralph viu que o doutorzinho careca voltara para lá.

CAPÍTULO 16

1

RALPH CONSEGUIU dar partida no seu calhambeque Oldsmobile, mas, ainda assim, levou vinte minutos para atravessar a cidade até o Derry Home que ficava na parte leste. Carolyn compreendera sua crescente preocupação ao dirigir e tentara se solidarizar, mas possuía um traço de impaci-

ência e pressa em sua natureza, que os anos não tinham suavizado muito.

Em viagens de mais de um quilômetro, ela mal conseguia evitar as censuras.

Ruminava em silêncio por alguns momentos e aí começava a criticar. Se estava particularmente exasperada com o seu progresso — ou falta de progresso —

talvez perguntasse se um clister o ajudaria a se livrar do chumbo no rabo. Ela era um amor, mas sempre tivera uma língua afiada.

Em seguida a esses comentários, Ralph sempre se oferecia — e sempre sem rancor — para encostar o carro e deixá-la dirigir. Carol sempre dispensara o oferecimento. Acreditava que, pelo menos nas viagens curtas, dirigir era a obrigação do marido e fazer críticas construtivas a da mulher.

Ele ficou à espera de que Lois fizesse alguma observação sobre sua velocidade ou seus maus hábitos ao volante (atualmente achava que não conseguiria se lembrar muito bem quais eram, nem que alguém lhe apontasse uma arma para a cabeça), mas ela não disse nada — apenas sentou-se no lugar que Carolyn ocupara em cinco mil viagens ou mais, a bolsa segura no colo exatamente como Carolyn sempre fizera. Cunhas de luz — néons de letreiros, sinais de tráfego, lâmpadas de rua — passavam como arco-íris pe-

las faces e testa de Lois. Seus olhos escuros estavam distantes e pensativos.

Chorara depois da morte de Rosalie, chorara copiosamente e fizera Ralph baixar a cortina.

Ralph quase a desobedecera. Seu primeiro impulso fora correr para a rua, antes que Joe Wyzer pudesse ir

embora. Dizer a Joe que tivesse muito cuidado. Dizer que, quando es-vaziasse os bolsos das calças à noite, ia dar por falta de um pente barato, o

que não era nenhum problema, as pessoas viviam perdendo pentes, só que desta vez *era* um problema cabeludo, e da próxima vez quem sabe seria o farmacêutico da Rite Aid, Joe Wyzer, quem estaria caído ao fim da derrapagem. *Escute aqui, Joe, e me escute com atenção. Você tem de tomar muito cuidado, porque recebemos muitas notícias da Zona da Hiper-realidade, e no seu caso todas chegam com uma tarja preta.*

Mas isto também acarretava problemas. O maior era que Joe Wyzer, por mais simpático que tivesse sido no dia em que cavara para Ralph a consulta com o acupunturista, iria pensar que ele era doido. Além disso, como alguém iria se defender de uma criatura que sequer conseguia enxergar?

Então ele baixara a cortina. . mas antes, deu uma última e insistente olhada no homem que lhe contara que antigamente se chamava Joe Wyze, mas agora estava mais velho e mais sabido. As auras continuavam visíveis, e ele pôde ver o fio de balão de Wyzer, um amarelo-laranja vivo, subindo intacto do alto de sua

cabeça. Portanto, ele estava bem.

Pelo menos por ora.

Ralph levara Lois para a cozinha e lhe servira outra xícara de café forte, com muito açúcar.

— Ele matou a cachorra, não foi? — ela perguntou ao levar a xícara à boca com as duas mãos. — O bruto a matou.

— Foi. Mas não acho que tenha feito isso agora à noite. Acho que na realidade matou-a hoje de manhã.

— Por quê? *Por quê?*

— Porque pode — respondeu Ralph sombriamente. — Acho que é o único motivo que precisa ter. Simplesmente porque pode.

Lois lhe lançara um olhar demorado e avaliador, e uma expressão de alívio surgiu lentamente em seus olhos.

— Você decifrou a charada, não foi? Devia ter percebido no minuto em que o vi hoje à noite. E *teria* percebido se não houvesse tantas outras coisas girando por minha suposta mente.

— Decifrado? Estou muito longe disso, mas tenho algumas idéias.

Você me acompanharia até o Derry Home?

— Acho que sim. Você quer ver o Bill?

— Não sei muito bem *quem* eu quero ver. *Talvez* o Bill, mas talvez o amigo de Bill, Bob Polhurst. Talvez até o Jimmy Vandermeer: você conhece ele?

— Jimmy V.? *Claro* que conheço! Conhecia a mulher dele ainda melhor. Na verdade, ela jogou pôquer conosco até morrer. Foi um ataque cardíaco, e tão súbito. .

Interrompeu-se de repente e olhou para Ralph com seus escuros olhos ibéricos.

— Jimmy está no hospital? Ah, meu Deus, é o câncer, não é? O câncer voltou.

— Hum hum. Ele está no quarto vizinho ao do amigo de Bill. — Ralph contou-lhe a conversa que tivera com Faye àquela manhã e mencionou o bilhete que

encontrara à tarde na mesa de piqueniques. Destacou a estranha conjunção de quartos e pacientes: Polhurst, Jimmy V., Carolyn, e perguntou a Lois se achava que aquilo era apenas coincidência.

— Não. Tenho certeza de que não é. — Ela olhara para o relógio.

— Vamos, acho que a hora de visitas termina às nove e trinta. Se queremos chegar lá antes do encerramento é melhor nos mexermos.

2

AGORA, ao virar para a rua do hospital (*Esqueceu a droga do pisca-pisca outra vez, querido,* Carolyn comentou), ele olhou para Lois, a Lois sentada ali com as mãos segurando a bolsa e a aura agora invisível, e perguntou se ela estava bem.

Ela acenou com a cabeça.

— Estou. Nada para me gabar, mas estou bem. Não se preocupe comigo.

Mas eu me preocupo, Lois, Ralph pensou. *E um bocado. E por falar nisso, você viu o Dr. n 3 tirar o pente do bolso de Joe Wyzer?*

Que pergunta idiota. Claro que vira. O anão careca *quis* que ela visse.

Quis que os *dois* vissem. A pergunta pertinente era que significado ela emprestara ao fato.

Quanto você realmente sabe, Lois? Quem mais você conheceu? Tenho curiosidade, porque eles não são nada difíceis de ver... mas sinto medo de perguntar.

Havia um prédio baixo de tijolos à vista, a uns quinhentos metros mais adiante, numa estrada secundária: WomanCare. Numerosos faroletes (seguramente recém-instalados) lançavam leques de luz pelo gramado e Ralph viu dois homens caminhando para diante e para trás na extremidade de suas sombras grotescamente alongadas. . seguranças contratados, supunha. Mais um palpite; outra palha lançada num vento maligno.

Ele dobrou à esquerda (desta vez pelo menos lembrou-se do pisca-pisca) e seguiu cuidadosamente pela rampa que dava acesso aos vários níveis de garagens no hospital. No alto, uma cancela laranja bloqueou seu caminho. PARE POR FAVOR E RETIRE O TICKET, dizia o aviso ao lado.

Ralph lembrava-se do tempo em que havia gente de verdade em lugares como

aquele, fazendo-os parecer menos mal-assombrados. *Those were the days, my friend, we thought they'd never end,* ele pensou ao baixar o vidro da janela do carro e puxar um ticket da caixa automática.

— Ralph?

— Hummm? — Concentrava-se em evitar os pára-choques traseiros dos carros parados em ângulo dos dois lados dos corredores. Sabia que os corredores eram extremamente largos e os pára-choques dos outros carros não eram de fato um obstáculo ao seu avanço — *intelectualmente* sabia disso

—, mas o que seus nervos sabiam era outra conversa. *Como Carolyn ia encher o saco e reclamar da minha maneira de dirigir,* pensou com um certo carinho inconsciente.

— Você *sabe mesmo* o que estamos fazendo aqui, ou vamos improvisar?

— Espere um instantinho: deixa eu estacionar essa droga.

No primeiro nível, ele deixou passar várias vagas com espaço suficiente para o seu Oldsmobile, mas nenhuma com folga suficiente para deixá-lo à vontade. No terceiro nível, encontrou três vagas lado a lado (juntas tinham espaço suficiente para acomodar confortavelmente um tanque Sherman) e entrou cuidadosamente com o carro na vaga do meio. Desligou o motor e virou-se para Lois. Outros motores roncavam em marcha lenta acima e abaixo deles, impossíveis de localizar por causa do eco.

Luz laranja: aquela claridade persistente e penetrante agora comum a todos as garagens, ao que parecia — incidia sobre a pele dos dois como uma fina tinta tóxica. Lois retribuiu com firmeza o seu olhar. Ele percebia vestígios das lágrimas que derramara por Rosalie em suas pálpebras vermelhas e inchadas, mas os olhos em si estavam calmos e seguros. Espantou-se de ver o quanto ela mudara desde aquela manhã, quando a encontrara de ombros curvados, chorando, num banco do parque. *Lois,* pensou, *se seu filho e sua nora pudessem lhe ver hoje à noite, acho que fugiriam gritando a plenos pulmões. Não porque você meta medo, mas porque a mulher que eles vieram forçar a se mudar para Riverview Estates não está mais aqui.*

— Então? — ela perguntou com um vestígio de sorriso. — Você vai falar comigo ou vai ficar só me olhando?

Ralph, normalmente um homem cauteloso, disse irrefletidamente a primeira coisa que lhe passou pela cabeça.

— O que *gostaria mesmo* de fazer era lamber você como um sorvete.

O sorriso de Lois aprofundou-se o suficiente para formar covinhas nos cantos da boca.

— Talvez mais tarde a gente confira qual é o tamanho da sua fome de sorvete, Ralph. Mas, por enquanto, me diga por que me trouxe aqui. E não vá me dizer que não sabe, porque eu acho que sabe.

Ralph fechou os olhos, inspirou profundamente e tornou a abri-los.

— Acho que estamos aqui para encontrar os outros dois carecas. Os que vi saindo da casa de May Locher. Se alguém for capaz de explicar o que está acontecendo, serão eles.

— E por que acha que vai encontrá-los aqui?

— Acho que têm trabalho para fazer. . dois homens, Jimmy V. e o amigo de Bill, estão morrendo lado a lado. Eu devia ter sabido quem são os doutores carecas, o que *fazem,* no minuto que vi os caras da ambulância retirarem a Sra. Locher amarrada numa maca com um lençol sobre o corpo.

Saberia, se não estivesse morrendo de cansaço. A tesoura deveria ter bastado. Ao invés disso, levei até esta tarde para compreender e só o consegui por causa de uma coisa que a sobrinha do Sr. Polhurst disse.

— E o que foi?

— Que a morte era idiota. Que se um obstetra levasse tanto tempo para cortar um cordão umbilical, ele seria processado por incompetência. Isto me fez pensar em um mito que li na escola primária, quando era doido por deuses e deusas e cavalos de Tróia. Era a história de três irmãs: as Irmãs Gregas, talvez, ou as Irmãs Esquisitas. Merda, não me pergunte; a maior parte do tempo nem consigo lembrar de usar a droga do pisca-pisca. Em todo o caso, as irmãs eram responsáveis pelo curso da vida humana. Uma delas fiava a linha, outra decidia que tamanho iria ter.. isto está lhe lembrando alguma coisa, Lois?

— Claro que sim! — ela quase gritou. — Os fios de balão!

Ralph assentiu.

— Isso. Os fios de balão. Não me lembro do nome das duas primeiras irmãs, mas nunca me esqueci do nome da terceira: Átropos. Segundo a lenda, sua função é cortar o fio que a primeira fiava e a segunda media. A pessoa podia

discutir com ela, podia suplicar, mas nunca adiantava. Quando decidia que estava na hora de cortar, ela cortava.

Lois concordava com a cabeça.

— Lembro dessa história. Não sei se a li ou se alguém me contou quando era criança. Você acredita que seja realmente verdade, Ralph? Só que no caso são os Irmãos Carecas ao invés das Irmãs Esquisitas.

— É, e não é. Pelo que lembro da história, as irmãs estavam todas do mesmo lado: uma equipe. E essa foi a impressão que me deram os dois homens que saíram da casa da Sra. Locher, que eram parceiros de longa data e ligados por um *imenso* respeito mútuo. Mas o outro cara, o que tornamos a ver hoje a noite, não se parece com eles. Acho que o Dr. n□3 é um bandido.

Lois estremeceu, um gesto teatral que se tornou real no último momento.

— Ele é um horror, Ralph. Odeio ele.

— Não tiro a sua razão.

Ele estendeu a mão para a maçaneta da porta, mas Lois interrompeu-o com um toque.

— Vi o careca fazer uma coisa.

Ralph se virou para olhá-la. Os tendões de seu pescoço rangeram enferrujados. Tinha uma boa idéia do que ela ia dizer.

— Ele roubou o homem que atropelou Rosalie. Enquanto estava ajoelhado ao lado da cachorra na rua, o careca mexeu em seu bolso. Mas só tirou um pente. E o chapéu que aquele careca está usando. . tenho quase certeza de que o reconheci.

Ralph continuou a fitá-la, desejando ardentemente que a lembrança que Lois tinha da indumentária do Dr. n□3 não fosse além.

— Era do Bill, não era? O panamá do Bill.

Ralph confirmou com um aceno de cabeça.

— Era.

Lois fechou os olhos.

— Deus do céu.

— Então, Lois? Ainda topa me acompanhar?

— Claro. — Abriu a porta e girou as pernas para fora. — Mas vamos logo, antes que eu perca a coragem.

— Me conte como se faz isso — disse Ralph Roberts.

3

AO SE APROXIMAREM das portas principais do Derry Home, Ralph se inclinou para o ouvido de Lois e murmurou:

— Está acontecendo com você?

— Está. — Seus olhos se arregalaram. — Nossa. E com muita intensidade desta vez, não?

Ao passarem pela célula fotoelétrica e as portas do hospital se abrirem diante deles, a superfície do mundo repentinamente se abriu e revelou outro mundo, que vibrava com cores jamais vistas e se movia com formas jamais vistas. Por cima do mural que ocupava toda a parede, retratando Derry em seus dias de tranqüila cidade madeireira, na virada do século, flechas castanho-escuras se perseguiam, chegando cada vez mais perto até se tocarem.

Quando isto acontecia elas piscavam um verde-escuro momentâneo e mu-davam de direção. Um funil de prata reluzente, que parecia uma tromba dá-gua ou um ciclone de brinquedo, descia a escada curva que levava às salas comuns do segundo andar, à lanchonete e ao auditório. O topo largo balan-

çava para diante e para trás ao se deslocar de um degrau a outro, e a Ralph aquela forma pareceu *nitidamente* amigável, como um personagem antropo-mórfico de Disney. Enquanto observava, dois homens segurando pastas subiram correndo as escadas, e um deles atravessou o funil prateado. Ele sequer interrompeu o que estava dizendo ao companheiro, mas, quando saiu do outro lado, Ralph viu que distraidamente usou a mão livre para alisar os cabelos para trás. . embora não houvesse um único *fio* desalinhado.

O funil chegou ao pé da escada, deu a volta pelo centro do saguão desenhando um oito exuberante, e em seguida desapareceu instantaneamente, deixando apenas uma névoa etérea e rosada, que logo se dissipou.

Lois meteu o cotovelo nas costelas de Ralph, começou a apontar para uma área além do guichê de informações, mas percebeu que havia gente em volta e preferiu erguer o queixo naquela direção. Mais cedo, Ralph vira no céu uma forma que lhe lembrara um pássaro pré-histórico. Agora via algo semelhante a uma cobra translúcida. Serpeava pelo teto, acima de um letreiro com os dizeres: AGUARDE AQUI PARA O EXAME DE SANGUE.

— Está *viva?* — Lois cochichou meio assustada.

Ralph observou-a com mais atenção e percebeu que a coisa não tinha cabeça.. nem rabo discernível. Era só corpo. Supunha que *estivesse* viva —tinha a impressão de que, de certa maneira, *todas* as auras eram vivas —, mas não achava que fosse realmente uma serpente, e duvidava que oferecesse perigo, pelo menos a gente como eles.

— Não esquente com ninharias, querida — cochichou ao entrarem na pequena fila diante do guichê de informações e, ao dizer isso, a serpente pareceu se dissolver no teto e desaparecer.

Ralph não sabia qual era a importância de coisas como o pássaro e o ciclone na ordem do mundo secreto, mas tinha certeza de que as pessoas continuavam a ser a atração principal. O saguão do hospital Derry Home lembrava um fantástico espetáculo de fogos de artifício, um espetáculo em que os papéis das cascatas de luz e chuvas de prata eram desempenhados por seres humanos.

Lois enganchou um dedo em seu colarinho, para fazê-lo inclinar a cabeça para o lado dela.

— Você é que vai ter de falar, Ralph — disse numa vozinha fraca e admirada. — Estou me esforçando ao máximo para não fazer pipi nas cal-

ças.

O homem à frente deles deixou o guichê, e Ralph se adiantou. Ao fazer isso, uma lembrança clara e docemente nostálgica de Jimmy V. surgiu em sua mente. Andavam na estrada em algum lugar de Rhode Island —

Kingston, talvez — e decidiram num impulso que queriam assistir a um encontro evangélico que estava sendo realizado em tendas, num campo de feno próximo. Naturalmente achavam-se mais bêbados do que pulgas dentro de uma garrafa de gim. Duas moças muito arrumadinhas guardavam a entrada da barraca, distribuindo panfletos religiosos e, quando ele e Jimmy se aproximaram, foram avisando um ao outro em cochichos alcoolizados para agirem sobriamente,

droga, apenas agirem normalmente. Será que tinham conseguido entrar naquele dia? Ou. .

— Às suas ordens — falou a mulher do guichê de informações, indicando pelo tom que o fato de se dirigir a Ralph já era um favor que lhe fazia. Ele espiou pelo vidro e viu uma mulher mergulhada numa confusa aura laranja que mais parecia uma moita em chamas. *Temos aqui uma senhora que adora regulamentos e faz o máximo de cerimônia possível,* pensou, e na esteira disso, Ralph lembrou-se que as duas moças que tomavam conta da entrada da barraca tinham dado uma única cheirada nele e em Jimmy V. e delicada, mas firmemente, despacharam os dois. Eles acabaram passando a noite num in-ferninho, pelo que se lembrava, e provavelmente tiveram sorte de não serem roubados, ao saírem cambaleando, na hora do bar fechar.

— Senhor? — a mulher no guichê de vidro chamou impaciente. —

Em que posso *servi-lo?*

Ralph voltou ao presente com um baque quase perceptível.

— Sim, senhora. Minha mulher e eu gostaríamos de visitar Jimmy Vandermeer no terceiro andar, se..

— É a U.T.I.! — retorquiu bruscamente. — Não pode ir à U.T.I sem um passe especial. — Ganchos laranja projetaram-se para fora da luz que contornava sua cabeça, e a aura começou a lembrar uma cerca de arame far-pado bloqueando uma terra de ninguém fantasmagórica.

— Eu sei — respondeu Ralph mais humilde que nunca —, mas meu amigo Lafayette Chapin disse..

— Puxa vida! — A mulher no guichê interrompeu-o. — É maravilhoso como todo mundo tem um amigo aqui. É realmente *maravilhoso.* — E

revirou ironicamente os olhos para o teto.

— Faye disse que Jimmy podia receber visitas. Sabe, ele está com câncer e não é provável que viva muito m..

— Bem, vou verificar o arquivo — a mulher do guichê falou com a má vontade de alguém a quem deram uma tarefa inútil — mas o computador está muito lento hoje à noite, e vai demorar um pouco. Deixe o seu nome, e o senhor e sua mulher podem se sentar ali adiante. Chamo os dois assim que...

Ralph resolveu que já se humilhara o suficiente diante desse cão de guarda da burocracia. Afinal não estava pedindo nenhum visto de saída na Albânia; bastava a droga de um passe para a U.T.I.

Havia um recorte na base do guichê de vidro. Ralph meteu a mão por ali e agarrou o pulso da mulher, antes que ela pudesse recuá-lo. Teve a sen-

sação, indolor mas muito clara, de que os ganchos passaram diretamente por sua pele sem encontrar onde se prender. Ralph apertou o pulso dela gentilmente e sentiu um pequeno impacto de energia — algo que não seria maior do que um chumbinho — passar dele para a mulher. Inesperadamente a burocrática aura laranja em torno de seu braço e lado esquerdos viraram turquesa pálido como a aura de Ralph. A mulher ofegou e saltou para a frente da cadeira, como se alguém tivesse acabado de despejar pedras de gelo nas costas de seu uniforme.

[— *Esqueça o computador. Basta me dar dois passes, por favor. Agora.*]

— Sim, senhor — concordou imediatamente e Ralph largou seu pulso de modo que ela pudesse apanhá-los sob a mesa. A luz turquesa em torno do braço da moça voltou a se alaranjar, a mudança de cor deslizando lentamente do ombro para o pulso.

Mas eu poderia tê-la deixado toda *azul,* pensou Ralph. *Subjugado. Mandado correr pelo saguão como um brinquedo de corda.* Subitamente lembrou-se de Ed citando o evangelho de Mateus

— *"Então Herodes, vendo que tinha sido iludido pelos magos, irritou-se muito"*

— e uma mistura de medo e vergonha se apoderou dele. Os pensamentos sobre vampirismo voltaram também, e uma frase de um velho e famoso quadrinho de Pogo: *Encontrarnos o inimigo e ele somos nós.* É, ele provavelmente poderia fazer quase tudo que quisesse com essa rabujenta de auréola laranja; trazia as baterias totalmente carregadas. O único problema é que a energia dessas baterias — e das de Lois, também — era mercadoria roubada.

Quando a mão da mulher do guichê emergiu da mesa, trazia dois crachás laminados em rosa com a frase VISITANTE/UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA.

— Aqui estão, senhor — disse numa voz cortês completamente diferente daquela com que se dirigira a ele no começo. — Aproveite sua visita e obrigada por ter aguardado.

— Eu é que lhe agradeço — respondeu Ralph. Recebeu os crachás e segurou a mão de Lois. — Vamos, querida. Temos de

[— *Ralph, que foi que você FEZ com ela?*]

[— *Nada, imagino, acho que ela está bem*.]

subir e fazer nossa visita antes que fique muito tarde.

Lois tornou a olhar para a mulher no guichê de informações. Ela atendia a pessoa seguinte, mas com vagar, como se tivesse acabado de ter uma revelação moderadamente assombrosa e precisasse refletir sobre o acontecido. O brilho azul agora só era visível nas pontinhas de seus dedos e, enquanto Lois a observava, ele também desapareceu.

Lois ergueu a cabeça para Ralph outra vez e sorriu.

[— É. . *ela ESTÁ bem. Portanto pare de se flagelar*.]

[— *Era isso que eu estava fazendo?*]

[— *Acho que sim, era. . estamos falando outra vez daquele jeito, Ralph*.]

[— *Eu sei*.]

[— *Ralph?*]

[— *Que foi?*]

[— *Isso tudo é muito maravilhoso, não?*]

[— *É*.]

Ralph tentou ocultar de Lois seus outros pensamentos: que quando chegasse a hora de pagar o preço por algo tão maravilhoso, provavelmente iam descobrir que era demasiado alto.

4

[— *Pare de encarar aquele bebê, Ralph. Você está deixando a mãe dele nervosa*.]

Ralph olhou para a mulher em cujos braços o bebê dormia e viu que Lois tinha razão. . mas era difícil não olhar. O bebê, que não teria mais de três meses,

achava-se envolto em uma cápsula de aura cinza-amarelada, vio-

lentamente instável. Esse relâmpago poderoso, mas inquietante, girava em torno daquele corpinho com a velocidade estúpida da atmosfera de um gigante gasoso — digamos, Júpiter ou Saturno.

[— *Puxa, Lois aquilo é concussão cerebral, não é?*]

[— *É. A mulher diz que houve um acidente de carro*.]

[— *Diz? Você andou falando com ela?*]

[— *Não. É* -------]

[— *Não entendi*.]

[— *Entre para o nosso clube*.]

O enorme elevador hospitalar subia lentamente. Os passageiros — os estropiados, os mancos, os poucos que se sentiam culpados por gozar de boa saúde — não falavam, mas mantinham os olhos no indicador de andares sobre as portas ou baixados como se examinassem os próprios sapatos.

A única exceção era a mulher com a criança relampejante. Ela observava Ralph com desconfiança e medo, como se esperasse que ele avançasse a qualquer momento e tentasse arrancar o bebê de seus braços.

Não é só porque eu estava olhando, Ralph pensou. Pelo menos acho que não. Ela sentiu que eu estava pensando no bebê. Intuiu. . sentiu. . ou outra droga qualquer.

O elevador parou no segundo andar e as portas chiaram ao deslizar para os lados. A mulher com o bebê virou-se para Ralph. O bebê se mexeu levemente com o movimento da mãe, e Ralph pôde ver melhor sua cabeça.

Havia um vinco fundo no topo do pequeno crânio. Uma cicatriz vermelha cortava-o de ponta a ponta. A Ralph pareceu um córrego de água poluída no leito de uma vala. A aura feia e confusa de cor cinza-amarelada que envolvia o bebê emergia dessa cicatriz como vapor de uma fenda na terra. O

fio de balão do bebê era do mesmo tom que sua aura, era diferente de qualquer outro que Ralph vira até então — não era doentio, mas curto, feio, pouco mais que um toco.

— Sua mãe não lhe deu educação? — A mãe do bebê perguntou a Ralph, e o que

o incomodou não foi tanto a censura, mas a maneira como foi feita. Ele a assustara barbaramente.

— Minha senhora, eu garanto..

— É, pois garanta para o meu rabo — disse, saindo do elevador. As portas começaram a se fechar. Ralph olhou para Lois e os dois tiveram um momento de breve, mas total entendimento. Lois sacudiu o dedo em dire-

ção às portas como se ralhasse com elas, e uma malha cinza irradiou-se da ponta do dedo. As portas bateram nela e voltaram a se abrir como eram programadas a fazer quando encontravam uma barreira no caminho.

[— *Minha senhora?*]

A mulher parou e virou-se, claramente aturdida. Lançou olhares desconfiados a toda volta, tentando identificar quem falara. Sua aura era um amarelo-manteiga, escuro, com laivos laranja que se projetavam das bordas internas. Ralph prendeu o olhar da senhora no dele.

[— *Lamento se a ofendi. Isto tudo é muito novo para mim e minha amiga. Somos como crianças em um jantar de cerimônia. Peço desculpas*.]

[-------------------------------]

Ele não sabia o que ela estava tentando comunicar — era o mesmo que observar alguém falando numa cabine à prova de som — mas ele percebeu alívio e profundo constrangimento. . o tipo de constrangimento que as pessoas sentem quando acham que alguém as viu fazendo o que não deviam. Seu olhar hesitante continuou pousado no rosto de Ralph por mais uns instantes, então ela deu as costas e começou a caminhar rapidamente pelo corredor na direção de um letreiro em que se lia EXAMES NEUROLÓGICOS. A malha cinza que Lois lançara contra a porta foi raleando, e quando as portas tentaram se fechar de novo, cortaram-na ao meio. O elevador continuou sua lenta viagem para cima.

[— *Ralph... Ralph, eu acho que sei o que aconteceu com aquele bebê*.]

Ela estendeu a mão direita em direção ao rosto dele e passou-a, com a palma voltada para baixo, entre o nariz e a boca. Comprimiu levemente o polegar contra um malar e o indicador contra o outro. O gesto foi tão rápido e seguro que mais ninguém no elevador notou. Se um dos outros três passageiros tivesse notado, teria visto uma esposa preocupada com a limpeza, espalhando uma mancha de loção ou um resto de creme de barbear.

Ralph teve a sensação de que alguém acionara um botão de alta volta-gem em seu cérebro e, como num estádio, se acenderam baterias de holofotes. Na claridade crua e instantânea, ele viu uma imagem horrível: mãos envoltas numa violenta aura roxo-suja, estendendo-se para um berço e agarrando o bebê que tinham acabado de ver. Sacudiram-no para a frente e para trás, a cabeça batendo e girando no pescoço fino como se fosse uma boneca de trapos. . e o *atiraram*...

As luzes em sua cabeça se apagaram e Ralph deixou escapar um suspiro trêmulo e rouco de alívio. Pensou nos manifestantes pró-vida que vira no telejornal da noite anterior, homens e mulheres agitando cartazes com a foto de Susan Day e os dizeres PROCURADA POR HOMICÍDIO, homens e mulheres com as vestes da morte, homens e mulheres carregando uma bandeira onde se lia VIDA, QUE BELA OPÇÃO.

E perguntou-se se o bebê relampejante teria outra versão para esse slogan. Seus olhos encontraram os de Lois, admirados e aflitos, e ele procurou suas mãos para apertá-las.

[— *Foi o pai, certo? Atirou a criança contra a parede?*]

[— *Foi. O bebê não queria parar de chorar*.]

[— *E ela sabe. Sabe, mas não contou a ninguém*.]

[— *Não. . mas talvez conte, Ralph. Está pensando nisso*.]

— Mas também pode esperar que ele repita a dose. E da próxima vez ele talvez termine o que começou.

Um pensamento terrível ocorreu a Ralph então; cruzou sua mente como um meteoro, deixando um rastro momentâneo de fogo pelo céu estival de meia-noite: talvez fosse melhor que ele terminasse o que começou. O fio de balão do bebê relampejante era apenas um toco, mas um toco saudável .

A criança talvez vivesse anos, sem saber quem era ou onde estava, e menos ainda por que estava ali, observando as pessoas irem e virem como árvores em meio a névoa. .

Lois tinha os ombros curvados, os olhos no piso do elevador e irradiava uma tristeza que apertou o coração de Ralph. Ele esticou o braço, pôs um dedo sob seu queixo e Lois observou um delicado rosa-azulado sair girando do ponto em que sua aura tocou a dela. Ergueu seu rosto e não se surpreendeu ao ver lágrimas em

seus olhos.

— Você ainda acha que tudo é maravilhoso, Lois? — perguntou baixinho, mas não obteve resposta, nem audível nem mentalmente.

5

ELES FORAM os únicos a descer no terceiro andar, onde o silêncio era tão denso quanto a poeira sob as prateleiras de bibliotecas. Duas enfermeiras estavam a meio caminho no corredor, pranchetas seguras contra o peito vestido de branco, falando aos sussurros. Qualquer pessoa parada junto aos elevadores teria olhado para elas e deduzido que sua conversa tratava de vida e morte e de medidas heróicas; Ralph e Lois, porém, deram uma olhada em suas auras sobrepostas e souberam que o assunto presentemente em discussão era onde ir tomar um drinque quando terminassem o turno.

Ralph viu isso e ao mesmo tempo não viu, do jeito que um homem profundamente preocupado vê e obedece a um sinal de trânsito sem realmente enxergá-lo. A maior parte de sua mente fora tomada por uma sensa-

ção mortal de *déjà vu* no instante em que ele e Lois desceram do elevador neste mundo, onde o leve ranger dos tênis das enfermeiras no linóleo fazia quase o mesmo ruído que o bip do equipamento de sustentação vital dos doentes.

Quartos de números pares à esquerda; quartos de números ímpares à direita, ele pensou, *e o 317, onde Carolyn morreu, fica próximo do posto de enfermagem. Foi o 317, sim — lembro-me bem. Agora que estou aqui lembro-me* de tudo. *Como havia sempre alguém metendo a papeleta de cabeça para baixo na bolsinha no lado interno da porta. Como a luz da janela incidia sobre a cama numa espécie de retângulo torto nos dias de sol. Como se podia sentar na cadeira de visita e olhar para a enfermeira de plantão, cuja tarefa* é *monitorar sinais vitais, as chamadas que chegam e os pedidos de pizza que saem.*

Igual. Tudo igual. Era início de março de novo, o fim sombrio de um dia nublado e cinzento, o granizo começando a tamborilar na única janela do quarto 317, e ele estivera sentado na cadeira de visitas com um exemplar de *Ascensão e Queda do Terceiro Reich,* de Shirer fechado sobre o colo desde cedo àquela manhã. Sentado ali, sem querer se levantar nem para usar o banheiro, porque o relógio da morte estava quase parando àquela altura, cada tique era um avanço do ponteiro e o lapso entre um tique e outro era uma vida inteira; sua companheira de longa data tinha um trem a pegar e ele queria estar na plataforma para se despedir. Haveria apenas uma oportunidade de fazer isso

corretamente.

Não era difícil ouvir o granizo quando fustigava com mais força, porque o equipamento de sustentação tinha sido desligado.

Ralph entregara os pontos na última semana de fevereiro; levara a Carolyn, que nunca desistira de nada na vida, um pouco mais de tempo para entender a mensagem. E qual era, exatamente, a mensagem? Ora, que na dura partida de dez rounds em que se enfrentavam Carolyn Roberts e o Câncer, o vencedor era o Câncer, aquele eterno campeão peso-pesado, por nocaute técnico.

Sentado na cadeira de visitas, observava e aguardava enquanto a respiração dela se tornava cada vez mais acentuada — a expiração longa e suspirante, o peito achatado e imóvel, a certeza crescente de que a última expira-

ção fora realmente a última, que o tempo se esgotara, o trem chegara à esta-

ção para apanhar um único passageiro. . e então sobrevinha outro forte arquejo inconsciente quando ela arrancava o próximo hausto do ar hostil, não era mais respiração num sentido normal, era apenas um encher e esvaziar reflexivo do pulmão entre arquejos, como um bêbado avançando pelo corredor longo e escuro de um hotel barato.

Plim-plam-plim-plam, o granizo continuara a batucar suas unhas invisíveis na janela à medida que o encardido dia de março marchava para o encardido crepúsculo de março e Carolyn continuava a lutar a última metade do seu último round. Por essa altura, ela estava funcionando inteiramente no piloto automático, é claro; o cérebro que existira naquele bem modelado crânio não existia mais. Fora substituído por um mutante — um burro de-linqüente preto-acinzentado que não podia pensar nem sentir mas somente comer, comer, comer até se empanturrar e morrer.

Plim-plam-plim-plam, e ele notara que o respirador em forma de T sobre o nariz de Carolyn entortara. Esperou que ela puxasse um daqueles horríveis e penosos haustos do ar e depois que o expeliu, ele se curvou e repôs a pequena peça de plástico no lugar. Umedecera a ponta dos dedos com um pouco de secreção, lembrou-se, e limpara-a com um lenço de papel da caixa sobre a mesa de cabeceira. Tornara a sentar, esperando o próximo arquejo, querendo se certificar de que o respirador não ia entortar de novo, mas não *houve* o próximo arquejo e ele percebeu que o tique-taque que ouvira de todos os lados desde o verão anterior parecia ter parado.

Lembrou-se de aguardar enquanto os minutos passavam — um, depois três,

depois seis — incapaz de acreditar que todos aqueles anos bons e momentos bons (para não mencionar os poucos maus) tinham findado des-

sa maneira inexpressiva e silenciosa. O rádio de Carolyn, sintonizado na estação local, tocava baixinho a um canto e ele ouviu Simon e Garfunkel cantarem *Scarborough Fair.* Cantaram a música até o fim. Em seguida entrou Wayne Newton e começou a cantar *Danke Schoen.* Cantou-a até o fim. Depois veio a previsão do tempo, mas antes que o locutor pudesse terminar de descrever como seria o primeiro dia de viuvez de Ralph Roberts, aquele palavrório todo sobre clarear, esfriar e mudar vento para nordeste, ele finalmente compreendeu. O relógio parara de tiquetaquear, o trem chegara, a luta de boxe findara. Todas as metáforas tinham desmoronado, deixando apenas a mulher no quarto, enfim muda. Ralph começou a chorar. Ainda chorando, fora aos tropeços até o canto e desligara o rádio. Lembrou-se do verão em que tinham feito um curso de pintura a dedo, e da noite em que terminaram pintando com os dedos o corpo nu um do outro. Essa lembrança o fez chorar ainda mais forte. Chegou até a janela e encostou a cabe-

ça na vidraça fria e chorou. Naquele primeiro minuto terrível de compreensão, só tivera uma vontade: morrer também. Uma enfermeira ouviu-o chorando e entrou no quarto. Tentou tomar o pulso de Carolyn. Ralph lhe disse que parasse de fazer papel de boba. Ela se aproximou de Ralph e por um instante ele pensou que ia tentar tomar o pulso *dele*. Em vez disso, ela o abraçara. Ela..

[— *Ralph? Ralph, você está bem?*]

Ele se virou para Lois, começou a dizer que estava bem, mas logo lembrou-se que havia muito pouca coisa que pudesse esconder dela enquanto estivessem naquele estado.

[— *Sentindo tristeza. Lembranças demais aqui. Ruins*.]

[— *Compreendo. . mas olhe para baixo, Ralph! Olhe para o chão!*]

Ele obedeceu e seus olhos se arregalaram. O chão estava coberto por uma sobreposição de pegadas multicores, algumas recentes, a maioria se apagando até a invisibilidade. Dois pares se destacavam claramente das de-

mais, faiscavam como diamantes num conjunto de imitações baratas. Eram um auriverde profundo em que ainda flutuavam algumas pintinhas avermelhadas.

[— *Será que são dos que estamos procurando, Ralph*?]

[— *São, os doutores estão aqui.*]

Ralph pegou a mão de Lois — estava muito fria — e começou a conduzi-la lentamente pelo corredor.

CAPÍTULO 17

1

NÃO TINHAM ido longe, quando uma coisa muito estranha e assustadora aconteceu. Por um instante, o mundo embranqueceu diante deles. As portas para os quartos alinhavam-se ao longo do corredor, quase invisíveis nesta névoa radiosa e branca, ganhando o tamanho de baias de carregamento nos armazéns. O corredor pareceu ficar simultaneamente mais comprido e mais alto. Ralph sentiu o fundo do estômago cair como costumava acontecer quando era adolescente e freguês assíduo da montanha-russa na praia de Old Orchard. Ele ouviu Lois gemer e ela apertou sua mão com a força do pânico.

A onda branca durou apenas um segundo e, quando as cores tornaram a inundar o mundo, estavam mais vivas e frescas do que tinham estado no momento anterior. A perspectiva normal voltou, mas de alguma forma os objetos pareciam mais *espessos.* As auras continuavam presentes, mas davam a impressão de estarem mais finas e mais pálidas — cores pastéis ao invés de cores primárias pintadas com tinta de spray. Ao mesmo tempo, Ralph percebeu que podia distinguir cada rachadura e poro na parede à sua esquerda. . e, depois, que podia distinguir até os canos, os fios e o isolamento térmico *dentro* das paredes, se quisesse; bastava olhar.

Deus dos céus, pensou. *Será que isso está realmente acontecendo? Será que* pode *estar acontecendo?*

Os sons vinham de todos os lados, sinetas tocadas de leve, a descarga de um vaso, risos abafados. Sons que a pessoa normalmente aceitava como parte do quotidiano, mas não agora. Não aqui. Da mesma forma que a realidade visível dos objetos, os sons pareciam possuir uma extraordinária textura sensual, como se fossem finos enfeites sobrepostos de seda e aço.

Nem todos os sons eram comuns, tampouco; havia muitos sons exóticos entremeando o pandemônio geral. Ele ouviu uma mosca zumbindo no fundo de um duto de aquecimento. O som de lixa fina que uma enfermeira produzia ao acertar a meia-calça no banheiro dos funcionários. Corações palpitando. Sangue circulando. O fluxo suave e ritmado da respiração superficial. Cada som era perfeito em si; reunido aos outros, compunha um belo e complicado ballet

auditivo — um *Lago do Cisne* invisível de estômagos a borbulhar, tomadas de eletricidade a zunir, secadores de cabelo, sussurro das rodas de macas hospitalares. Ralph podia ouvir uma TV no fim do corredor, para além do posto de enfermagem. Vinha do quarto 340, onde o Sr.

Thomas Wren, doente dos rins, assistia a Kirk Douglas e Lana Turner em *The Bad and the Beautiful.* ―Se você se aliar a mim, boneca, vamos virar essa cidade pelo avesso‖, Kirk dizia e Ralph sabia pela aura que cercava suas palavras que o Sr. Douglas sentia dor de dentes no dia em que aquela cena fora filmada. E nao era tudo; sabia que podia

(subir mais? se aprofundar mais? ampliar mais?)

se quisesse. Ralph definitivamente *não* queria. Estava numa selva de Arden, e um homem podia se perder no cipoal.

Ou ser devorado por tigres.

[— *Puxa! É outro nível, tem de ser, Lois! Um nível inteiramente diferente!*]

[*— Eu sei.*]

[— *Você está bem nesse?*]

[— *Acho que estou, Ralph... e você?*]

[— *Acho que sim, por enquanto. . mas se o fundo cair outra vez, não sei. Vamos.*]

Mas antes que pudessem recomeçar a seguir as pegadas auriverdes, Bill McGovern e um homem que Ralph não conhecia saíram do quarto 313.

Estavam absortos conversando.

Lois virou para Ralph um rosto que expressava horror.

[— *Ah, não! Meus Deus, não! Você está vendo, Ralph? Está vendo?*]

Ralph apertou a mão dela com mais força. Claro que estava vendo. O

amigo de McGovern caminhava envolto numa aura cor de ameixa. Não parecia particularmente saudável, mas Ralph não achou que o homem estivesse gravemente doente; tinha apenas doenças crônicas como reumatismo e pedras nos *rins.* Um fio de balão da mesma cor ameixa sarapintada subia do topo da aura do homem, flutuando incerta para cá e para lá como a mangueira de ar de

um mergulhador numa fraca correnteza.

A aura de McGovern, porém, estava totalmente preta. O toco do que fora seu fio de balão espetava-se para o alto. O fio de balão do bebê relampejante era curto mas saudável; o que viam agora era o resto podre de uma tosca amputação. Ralph captou uma imagem momentânea, tão forte que era quase uma alucinação, os olhos de McGovern primeiro se esbugalhavam e em seguida saltavam das órbitas, empurradas por uma maré de insetos negros. Teve de fechar seus olhos por um momento para não gritar e, quando os reabriu, Lois não se encontrava mais do seu lado.

2

MCGOVERN e seu amigo iam na direção ao posto de enfermagem, provavelmente em busca do bebedouro. Lois corria pelo corredor em seu encalço, o peito arfando. Sua aura produzia faíscas rosadas que rodopiavam lembrando asteriscos de néon. Ralph precipitou-se atrás dela. Não sabia o que poderia acontecer se ela chamasse a atenção de McGovern, e realmente não queria descobrir. Achava, porém, que provavelmente iria descobrir.

[— *Lois! Lois, não faça isso!*]

Ela não lhe fez caso.

[— *Bill, pare! Você precisa me ouvir! Tem urna coisa errada com você!*]

McGovern não lhe deu atenção; falava sobre o manuscrito de Bob Polhurst, *Later That Summer*. ―O melhor livro sobre a guerra de Secessão que já li‖, dizia ao homem de aura cor de ameixa, ―mas quando sugeri que o publi-casse, ele me disse que estava fora de questão. Dá para acreditar? Um possível ganhador do Prêmio Pulitzer, mas. .‖

[— *Lois, volte! Não se aproxime dele!*]

[— *Bill! Bill! B*. .]

Lois alcançou McGovern segundos antes de Ralph conseguir alcançá-la. Ela esticou a mão para agarrar o ombro de Bill. Ralph viu os dedos dela mergulharem na escuridão que o cercava. . e *penetrarem* no corpo de McGovern.

A aura de Lois se transformou instantaneamente de azul-acinzentada com centelhas rosadas no vermelho-vivo de um carro de bombeiros. Flocos negros

denteados atravessaram-na como nuvens de insetos minúsculos. Lois gritou e recolheu a mão. A expressão de seu rosto era uma mistura de terror e repugnância. Ergueu a mão diante dos olhos e gritou de novo, embora Ralph não conseguisse ver o porquê. Listras estreitas e negras agora giravam vertiginosamente na orla de sua aura; lembravam a Ralph órbitas planetárias desenhadas num mapa do sistema solar. Ela se virou para fugir. Ralph segurou-a pelos braços e ela o golpeou cegamente.

Enquanto isso, McGovern e o amigo continuavam seu tranqüilo passeio pelo corredor até o bebedouro, completamente alheios à mulher que gritava e se debatia a menos de três metros.

―Quando perguntei a Bob por que não queria publicar o livro‖, McGovern continuava, ―ele me disse que eu, mais do que ninguém, deveria entender suas razões. Eu disse..

Lois abafou a voz de McGovern, berrando como um alarme de incêndio.

[! ! ------------------- !!! ------------------- !!!]

[— *Pare com isso, Lois! Agora mesmo! Seja o que for que tenha acontecido a você já acabou! Acabou e você está bem!*]

Mas Lois continuava a resistir, atordoando-o com aqueles gritos inarticulados, tentando lhe contar a experiência horrível por que passara, como McGovern estava *apodrecendo,* que havia coisas dentro dele *comendo-o vivo,* e isso já era bastante ruim, mas não era o pior. Aquelas coisas tinham *consciência,* eram *daninhas* e *sabiam que ela estava presente*.

[— *Lois, você está comigo! Você está comigo e tudo. .*]

Um punho que golpeava o ar apanhou-o do lado do queixo e Ralph viu estrelas. Ele compreendeu que os dois tinham passado para um plano da realidade em que o contato físico com outros era impossível — ele não vira a mão de Lois atravessar McGovern, como a mão de um fantasma? — mas ele e Lois obviamente continuavam bastante reais um para o outro; tinha o queixo machucado para prová-lo.

Ele passou os braços em volta dela e apertou-a contra o corpo, prendendo seus punhos entre os seios e o peito dele. Seus gritos, porém, [! ! -----

-------------------- !!! ---------------------- !!!] — continuaram a ressoar e explodir em sua cabeça. Ele cruzou as mãos sobre as espáduas dela e apertou.

Sentiu as forças lhe fugirem outra vez, como acontecera pela manhã, só que desta vez era inteiramente diferente. Uma luz azul derramou-se pela turbulenta aura preto-avermelhada de Lois, acalmando-a. Sua resistência diminuiu e por fim cessou. Ele a sentiu tomar fôlego estremecendo. Acima e à volta de Lois, a luminosidade azul expandia e esmaecia. As tiras negras desapare-

ceram de sua aura, uma a uma, de baixo para cima, e em seguida o alarmante tom de vermelho-infecção também começou a clarear. Ela descansou a cabeça no braço de Ralph.

[— *Lamento, Ralph, fiquei explosiva de novo, não foi?*]

[— *Acho que sim, mas não esquente. Você está bem agora, isto é que é o importante.*]

[— *Se você soubesse corno foi horrível. . tocar nele daquela maneira..*]

[— *Você se saiu muito bem, Lois.*]

Ela espiou para o fim do corredor, onde o amigo de McGovem agora bebia um pouco de água. McGovern descansava apoiado na parede ao lado, contando como Sua Majestade Bob Polhurst sempre fizera as palavras cruzadas do *Sunday New York Times* a tinta. ―Ele costumava me dizer que não era por orgulho mas por otimismo‖, dizia, e seu saco mortuário ia girando lentamente ao seu redor enquanto ele falava, entrando e saindo de sua boca e por entre os dedos da mão que ele gesticulava com eloqüência.

[— *Não podemos ajudá-lo, podemos, Ralph? Não há nada no mundo que possamos fazer.*]

Ralph lhe deu um abraço breve e forte. Sua aura, ele reparou, voltara inteiramente ao normal.

McGovern e o amigo retornavam pelo corredor em direção a eles. Impulsivamente Ralph largou Lois e caminhou diretamente para o Sr. Ameixa, que ouvia McGovern discorrer sobre a tragédia da velhice, concordando com a cabeça nos momentos certos.

[— *Ralph, não faça isso!*]

[— *Tudo bem, não se preocupe.*]

Mas de repente ele já não tinha certeza de que estaria tudo bem. Teria

retrocedido se lhe dessem outro segundo. Mas antes que o fizesse, porém, o Sr. Ameixa encarou-o sem parecer vê-lo e atravessou-o. A sensação que perpassou o corpo de Ralph àquela passagem foi perfeitamente familiar; o formigamento que ocorre quando um membro adormecido começa a de-sentorpecer. Por um momento, a aura do Sr. Ameixa e a sua se fundiram, e Ralph soube tudo que havia para saber sobre aquele homem, inclusive os sonhos que tivera no ventre materno.

O Sr. Ameixa parou abruptamente.

— Algum problema? — McGovern perguntou.

— Acho que não, mas. . você ouviu um tiro em algum lugar? Como uma bombinha ou cano de descarga de um carro?

— Não posso dizer que ouvi, mas minha audição não é mais o que era

— McGovern falou rindo. — Se alguma coisa *explodiu,* espero que não tenha sido nos laboratórios de radiação.

— Não estou ouvindo nada agora. Provavelmente imaginei. — E se viraram para entrar no quarto de Bob Polhurst.

A Sra. Perrine disse que parecia um tiro, Ralph pensou. *A amiga de Lois pensou que tivesse um bicho no pescoço, talvez a mordê-la. Quem sabe é apenas uma diferen-*

ça no toque, da mesma maneira que diferentes pianistas têm maneiras distintas de tocar.

Seja qual for o caso, as pessoas sentem quando mexemos nelas. Talvez não saibam o que é, mas certamente sentem a interferência.

Lois segurou a mão dele e o conduziu até a porta do quarto 313. Pararam e espiaram para dentro, quando McGovern se sentava na cadeira de fibra ao pé da cama. Havia pelo menos oito pessoas amontoadas no quarto e Ralph não podia ver Bob Polhurst claramente, mas pôde ver uma coisa: embora ele estivesse profundamente imerso em um saco mortuário, seu fio de balão continuava intacto. Estava imundo como um cano de descarga enferrujado, descascado em alguns pontos, rachado em outros. . mas, ainda assim, intacto. Voltou-se para Lois.

[*— Esse pessoal talvez tenha de esperar mais tempo do que pensa.*]

Lois concordou, e então apontou para pegadas auriverdes — as pegadas do homem-branco. Elas passavam ao largo do 313, Ralph constatou, mas entravam na porta seguinte — 315, o quarto de Jimmy V.

Ele e Lois prosseguiram e pararam para espreitar. Jimmy V. tinha três visitantes, e o que estava sentado ao lado da cama pensava que estava sozinho. Era Faye que examinava distraidamente a pilha dupla de cartões com votos de pronta convalescença sobre a mesa de cabeceira de Jimmy. Os outros dois eram os doutorezinhos carecas que Ralph vira pela primeira vez na varanda de May Locher. Encontravam-se parados aos pés da cama de Jimmy V., solenes em seus aventais brancos e limpos e, agora que os via de perto, Ralph percebia que havia um universo de caráter naqueles rostos lisos e quase idênticos; era o tipo de coisa que não se podia ver com binóculos —ou talvez não antes de se subir alguns pontos na escala da percepção. Con-centravam-se principalmente nos olhos, que eram escuros, sem pupilas, salpicados de reflexos dourados. Aqueles olhos brilhavam com inteligência e viva consciência. Suas auras refulgiam e lampejam à toda volta como as vestes de um imperador. .

... ou talvez de Centuriões em uma visita de estado.

Examinaram Ralph e Lois parados à porta, de mãos dadas, como crianças que se perderam na floresta, e sorriram para os dois.

[*Olá, mulher.*]

Foi o Dr. n□1 quem cumprimentou. Segurava a tesoura na mão direita.

As lâminas eram muito longas, e as pontas pareciam muito afiadas. O Dr. n□

2 deu um passo em direção aos dois e fez uma semi-reverência cômica.

[*Olá, homem. Estávamos à sua espera.*]

3

RALPH SENTIU a mão de Lois apertar a sua e afrouxar, em seguida, ao concluir que não havia nenhum perigo imediato. Ela deu um passinho à frente, olhando do Dr. n□1 para o Dr. n□ 2 e de volta ao n□1.

[*— Quem são vocês?*]

O Dr. n□1 cruzou os braços sobre o peito franzino. As longas lâminas descansaram em toda a extensão do seu braço esquerdo vestido de branco.

[*Não temos nomes, não como os Vidas-Curtas têm — mas você pode nos dar os nomes das Parcas na história que este homem já lhe contou. Não significa nada para nós se esses nomes originalmente pertenciam a mulheres, porque somos criaturas assexuadas.*

Eu serei Cloto, embora não fie nenhuma roca, e meu colega e velho amigo será Láquesis, embora não segure nenhuma vara nem nunca tenha jogado moedas. Entrem os dois —

por favor!]

Eles entraram e pararam cautelosos entre a cadeira de visitas e a cama.

Ralph não achou que os doutores pretendessem lhes fazer mal — pelo menos por ora — mas, ainda assim, não queria chegar demasiado perto. Suas auras, tão brilhantes e fabulosas quando comparadas às das pessoas comuns, o intimidaram, e podia ver pelos olhos arregalados e a boca meio aberta de Lois que ela sentia o mesmo. Ela percebeu seu olhar, virou-se e tentou sorrir. *Minha Lois,* Ralph pensou. Passou o braço pelos ombros dela e deu-lhe um breve aperto.

Láquesis: [*Demos os nossos nomes — pelo menos nomes que podem usar; não vão nos dar os seus?*]

Lois: [— *Está me dizendo que ainda não sabem? Desculpe, mas acho difícil acreditar.*]

Láquesis: [*Poderíamos procurar saber, mas nos abstivemos. Gostamos de observar as regras de educação dos Vidas-Curtas sempre que possível. Nós as achamos encantadoras, porque sua espécie as passa da mão maior para a menor, criando a ilusão de vidas longas.*]

[*— Não entendi.*]

Nem Ralph, e sequer tinha muita certeza de que queria entender. Percebeu um toque ligeiramente paternalista no tom do que atendia pelo nome de Láquesis, algo que lhe lembrava McGovern quando estava com vontade de discorrer ou pontificar sobre um assunto.

Láquesis: [*Não faz diferença. Tínhamos certeza de que viriam. Sabemos que estava nos observando na madrugada de segunda-feira, homem, na casa de...*]

Neste ponto houve uma estranha sobreposição na fala de Láquesis.

Ele parecia dizer duas coisas exatamente ao mesmo tempo, as frases rolavam

juntas como uma cobra com o rabo na boca:

[*May Locher a mulher extinta.*]

Lois deu um passo hesitante à frente.

[*— Meu nome é Lois Chasse. Meu amigo é Ralph Roberts. E agora que já nos apresentamos formalmente, talvez vocês queiram nos dizer o que está acontecendo por aqui.*]

Láquesis: [*Há mais um a ser nomeado.*]

Cloto: [*Ralph Roberts já lhe deu um nome*.]

Lois olhou para Ralph que concordou com a cabeça.

[*— Estão se referindo ao Dr. n□ 3. Certo, rapazes?*]

Cloto e Láquesis assentiram. Exibiam idênticos sorrisos de aprovação.

Ralph supôs que devia sentir-se lisonjeado, mas isto não ocorreu. Ao contrário, sentiu medo e muita raiva — tinham sido manipulados passo a passo o tempo todo. Aquilo não era um encontro casual; era uma armação desde o primeiro momento. Cloto e Láquesis, dois doutorezinhos carecas com tempo para gastar à toa no quarto de Jimmy V., esperando os Vidas-Curtas chegarem, que tédio.

Ralph olhou para Faye e viu que ele tirara do bolso um livro chamado *Cinqüenta problemas clássicos de xadrez.* Lia ruminando enquanto tirava meleca do nariz. Após as explorações preliminares, Faye meteu o dedo mais fundo e fisgou uma das grandes. Examinou-a e colou-a embaixo da mesa de cabe-

ceira. Ralph desviou os olhos, constrangido, e lembrou-se instantaneamente de um ditado de sua avó: *Quem espreita pelo buraco da fechadura, acaba se vexando.*

Vivera até os setenta sem compreender inteiramente o que a frase queria dizer; finalmente achava que a compreendia. Entrementes, outra pergunta lhe ocorrera.

[*— Por que Faye não nos vê? Aliás, por que Bill e seu amigo não nos viram? E*

como aquele homem pode me atravessar? Ou será que imaginei isso?]

Cloto sorriu.

[*Você não imaginou. Procure entender a vida como uma espécie de edifício, Ralph*

— o que vocês chamariam de arranha-céu.]

Só que Ralph descobriu que isso não era bem o que Cloto estava pensando. Por um instante, ele pensou captar uma imagem da mente do outro, que achou excitante e perturbadora: uma enorme torre construída de pedra escura e fuliginosa, no meio de um campo de rosas vermelhas. Janelas muito estreitas subiam pela torre em sombria espiral.

Então desapareceu.

[*Você e Lois e todos os outros Vidas-Curtas vivem nos dois primeiros andares dessa estrutura. Naturalmente há elevadores.* .]

Não, Ralph pensou. *Não na torre que vi em sua mente, companheiro. Nesse edifício — se é que tal construção realmente existe — não há elevadores, apenas uma escada estreita infestada de teias de aranha e portas que levam Deus sabe aonde*.

Láquesis o observava com uma curiosidade estranha, que beirava a desconfiança, e Ralph concluiu que não gostava daquele olhar. Voltou-se para Cloto e fez sinal para que ele continuasse.

Cloto: [*Como eu ia dizendo, há elevadores, mas os Vidas-Curtas não têm permissão de usá-los em condições normais. Vocês não estão* [prontos] [preparados] [--------

-----]

A última explicação era nitidamente a melhor, mas lhe escapou antes que conseguisse entendê-la. Ralph olhou para Lois, que sacudiu a cabeça negativamente, e de volta a Cloto e Láquesis. Estava começando a sentir mais raiva que nunca. Todas aquelas noites longas e intermináveis sentado na poltrona à espera do amanhecer; todos os dias que passara sentindo-se um fantasma dentro do próprio corpo; a incapacidade de memorizar uma frase a não ser na terceira leitura; os números de telefone, que antigamente guardava de cabeça e que agora precisava conferir. .

Sobreveio-lhe, então, uma lembrança que simultaneamente resumiu e justificou a raiva que sentia ao contemplar essas criaturas carecas com seus olhos escuros e dourados e auras quase cegantes. Viu-se espiando dentro do armário sobre a

bancada da cozinha, à procura do envelope de sopa que sua mente sobrecarregada e exaurida insistia que devia estar ali em algum lugar.

Viu-se tateando, parando, e tornando a tatear. Viu a expressão do próprio rosto — uma perplexidade distante que poderia facilmente ser tomada por um ligeiro retardo mental, mas era simples exaustão. Então viu-se deixando cair as mãos e continuar parado ali, como se esperasse que o envelope sal-tasse para fora sozinho.

Somente agora, neste momento e a esta lembrança, se deu conta do horror que tinham sido os últimos meses. Examiná-los retrospectivamente era o mesmo que contemplar uma terra devastada, num quadro pintado em melancólicos cinzas e marrons.

[*— Então vocês nos puseram no elevador. . ou talvez isso não fosse bom o bastante para gente como nós, e nos fizeram subir depressinha pela escada de incêndio. Nos aclima-taram aos poucos para não destrambelharmos de vez, imagino. E foi muito fácil. Só precisaram roubar o nosso sono até nos deixarem quase doidos. O filho e a nora de Lois querem metê-la num parque geriátrico, sabiam? E meu amigo Bill McGovern acha que estou no ponto para me internarem em Juniper Hill. Nesse meio tempo, os dois anjinhos aqui..*]

Cloto ofereceu apenas um vestígio de seu largo sorriso anterior.

[*Não somos anjos, Ralph.*]

[*— Ralph, por favor, não grite com eles.*]

É, estivera gritando, e pelo menos em parte seus gritos pareciam ter alcançado Faye; ele fechou o livro de xadrez, parou de cutucar o nariz, e sentava-se agora completamente ereto na cadeira, espiando o quarto desconfiado.

Ralph olhou de Cloto (que deu um passo atrás e perdeu o que restara do sorriso) para Láquesis.

[*— Seu amigo diz que vocês não são anjos. Então onde estão eles? Jogando pôquer seis ou oito andares acima? E suponho que Deus esteja na cobertura e o diabo no porão, pondo carvão na caldeira. .*]

Não houve resposta. Cloto e Láquesis entreolharam-se, expressando dúvida. Lois puxou a manga de Ralph, mas ele não lhe deu atenção.

[*— Então o que devemos fazer, rapazes? Seguir o rastro da sua versãozinha careca do Hannibal Lecter de* O silêncio dos inocentes, *e lhe cassar o bisturi?*

Ora, vão se foder.]

Ralph teria virado as costas e saído (vira muitos filmes, e sabia reconhecer uma boa deixa quando a ouvia), mas Lois prorrompeu em lágrimas de choque e temor, e isso o reteve. A expressão de perplexidade e censura nos olhos de Lois fez Ralph se arrepender de sua explosão, pelo menos um pouquinho. Tornou a passar o braço pelos ombros de Lois e encarou os dois carecas com ar de desafio.

Eles se entreolharam de novo e uma coisa — uma forma de comunicação além de sua capacidade e da de Lois de ouvir e compreender — ocorreu entre os dois. Quando Láquesis se dirigiu outra vez a eles, sorria. . mas seus olhos estavam sérios.

[*Ouço sua raiva, Ralph, mas ela não se justifica. Você não acredita agora, mas talvez venha a acreditar. No momento, precisamos deixar suas perguntas e nossas respostas, as que pudermos dar, de lado.*]

[*— Por quê?*]

[*Porque chegou a hora da separação para este homem. Observe atentamente, para poder aprender e guardar.*]

Cloto foi até o lado esquerdo da cama. Láquesis se aproximou pelo direito e, ao fazê-lo, atravessou Faye Chapin. Faye se dobrou, tomado de um súbito acesso de tosse; quando se acalmou, tornou a abrir seu livro de xadrez.

[*— Ralph não posso olhar isso! Não posso olhar eles fazerem isto!*]

Mas Ralph achou que ela olharia. Achou que os dois olhariam.

Ele a abraçou com firmeza quando Cloto e Láquesis se curvaram para Jimmy V. Tinham os rostos radiosos de amor, atenção e gentileza; fizeram Ralph se lembrar dos rostos que certa vez vira num quadro de Rembrandt, *A vigília,* achava que era o título. Suas auras se fundiram e se sobrepuseram no peito de Jimmy, e de repente o homem na cama abriu os olhos. Através dos dois doutores, contemplou o teto por um momento, com uma expressão vaga e intrigada, e então seu olhar se voltou para a porta e ele sorriu.

— Ei! Olha quem está aqui! — Jimmy V. exclamou. Sua voz saiu enferrujada e estrangulada, mas Ralph ainda conseguiu perceber aquele sotaque de malandro de South Boston, em que o ―r‖ final cedia lugar ao ―a‖.

Faye deu um pulo. O livro de problemas de xadrez rolou de seu colo e caiu no chão. Ele se inclinou para Jimmy, segurou sua mão, mas o amigo o igno-rou, continuando a olhar para Ralph e Lois.

— É o Ralph Roberts! E a mulher de Paul Chasse veio com ele! Me diga, Ralphie, você se lembra do dia em que tentamos entrar naquele encontro evangélico para ouvir eles cantarem *Amazing Grace?*

[*— Lembro, Jimmy*.]

Jimmy pareceu sorrir, e então seus olhos tornaram a se fechar. Láquesis colocou as mãos nas faces do moribundo e ajeitou sua cabeça, como um barbeiro se preparando para barbear um freguês. No mesmo instante, Cloto se curvou ainda mais, abriu a tesoura, e levou-a à frente de modo que as longas lâminas prendessem o negro fio de balão de Jimmy V. Quando Cloto fechou a tesoura, Láquesis abaixou-se e beijou a testa de Jimmy.

[*— Vá em paz, amigo.*]

Ouviu-se um pliquezinho insignificante. O segmento do fio de balão acima da tesoura flutuou em direção ao teto e desapareceu. O saco mortuário em que Jimmy jazia tornou-se momentaneamente branco-brilhante e sumiu exatamente como ocorrera com o de Rosalie naquela noite. Jimmy reabriu os olhos e olhou para Faye. Pareceu a Ralph que começou a sorrir mas, em seguida, seu olhar se tornou fixo e distante. As covinhas que tinham começado a se formar nos cantos de sua boca se desfizeram.

— Jimmy? — Fay sacudiu os ombros do amigo, passando a mão pelo lado de Láquesis. — Você está bem, Jimmy?. . Que merda!

Faye se levantou e saiu do quarto, sem muita pressa.

Cloto: [*Vocês vêem e compreendem que fazemos o nosso trabalho com amor e respeito? Que somos de fato os médicos de último caso? É vital para o nosso relacionamento com vocês, Ralph e Lois, que compreendam isso.*]

[*— Compreendo.*]

[*— Compreendo.*]

Ralph não pretendera concordar com nada que nenhum dos dois dissesse, mas aquela frase — médicos de último caso — atravessou sua raiva como um corte limpo e fácil. Parecia verdadeira. Tinham libertado Jimmy V.

de um mundo onde não lhe restava mais nada exceto a dor. Com toda certeza, tinham estado no quarto 317 com Ralph, numa tarde de granizo há uns sete meses, e concedido a Carolyn a mesma libertação. E com efeito, se desincumbiam dessa tarefa com amor e respeito — quaisquer dúvidas que pudesse ter tido neste particular fora afastada quando Láquesis beijara a testa de Jimmy V. Mas será que amor e respeito lhes davam o direito de o infer-nizarem — e a Lois — e depois os confrontar com um ser sobrenatural que destrambelhara? Será que lhes davam o direito de sequer *sonhar* que duas pessoas comuns, que já não eram jovens, poderiam enfrentar tal criatura?

Láquesis: [*Vamos sair deste lugar. Vai se encher de gente e precisamos conversar.*]

[*— E temos escolha?*]

As respostas dos dois

[*Claro que têm! Sempre há uma escolha!*]

vieram rápidas, coloridas de surpresa.

Cloto e Láquesis encaminharam-se para a porta; Ralph e Lois se encolheram para deixá-los passar. As auras dos doutorezinhos carecas os engol-faram por um momento, porém, e Ralph registrou seu gosto e textura; o gosto de maçãs doces, a textura de cortiça leve e seca.

Ao saírem, lado a lado, falando grave e respeitosamente entre si, Faye voltou, agora acompanhado por duas enfermeiras. Os recém-chegados atravessaram Láquesis e Cloto, depois Ralph e Lois, sem se deterem, não parecendo achar nada estranho.

Fora, no corredor, a vida continuava no ritmo usual e abafado. As campainhas não dispararam, as luzes não piscaram, nenhum servente apareceu empurrando uma maca pelo corredor gritando ―fogo!‖. Ninguém gritou *Já!* pelo alto-falante. A morte era uma visitante demasiado conhecida ali para causar alvoroço. Ralph refletiu que não era bem-vinda, mesmo em tais circunstâncias, mas era familiar e aceita. Também refletiu que Jimmy V. teria ficado bastante feliz com a sua partida do terceiro andar do Derry Home —partira sem confusões nem incômodos, não precisara mostrar a ninguém nem a licença de motorista nem o cartão do seguro-saúde. Morrera com a dignidade que as coisas esperadas e simples em geral encerram. Uns dois momentos de consciência, acompanhados por uma percepção ligeiramente ampliada do que ocorria à sua volta e apagou. Embale as minhas tristezas e aflições, pássaro de mau agouro, e tchau.

4

ELES se reuniram aos doutores carecas no corredor do lado de fora do quarto de Bob Polhurst. Pela porta aberta, puderam constatar que a vigília da morte em volta da cama do velho professor continuava.

Lois: [— *O homem mais perto da cama é Bill McGovern, um amigo nosso. Tem algum problema com ele. Alguma coisa horrível. Se fizermos o que querem será que. .?*]

Mas Láquesis e Cloto balançaram a cabeça ao mesmo tempo.

Cloto: [*Nada pode ser mudado.*]

É, pensou Ralph. *Dorrance sabia disso, o-feito-não-pode-ser-desfeito.*

Lois: [— *Quando vai ocorrer?*]

Cloto: [*O seu amigo pertence ao outro, ao terceiro. Ao que Ralph já batizou de Átropos. Mas nem Átropos nem nós saberíamos dizer a hora exata da morte do homem.*

Ele nem ao menos saberia dizer quem levará em seguida. Átropos é agente do Acaso.]

A frase produziu um arrepio no peito de Ralph.

Láquesis: [*Mas aqui não é lugar para se conversar. Venham.*]

Láquesis segurou a mão de Cloto, e estendeu a mão livre para Ralph.

Ao mesmo tempo, Cloto estendeu a sua em direção a Lois. Ela hesitou e então olhou para Ralph.

Ralph, por sua vez, fez cara feia para Láquesis.

[— *É melhor não machucá-la.*]

[— *Nenhum de vocês dois vai se machucar, Ralph. Segure minha mão.*]

Sou um estranho no paraíso, Ralph terminou a frase mentalmente. Então soltou um suspiro entredentes, acenou com a cabeça para Lois e agarrou a mão estendida de Láquesis. Aquele choque de reconhecimento, profundo e agradável como um encontro inesperado com um velho e estimado amigo, perpassou-o outra vez. Maçãs e cortiça; lembranças de pomares por onde andara em criança.

Estava de alguma forma consciente, sem na realidade ver que sua aura mudara de cor e se tornara — pelo menos por um momento

— o verde salpicado de ouro de Cloto e Láquesis.

Lois tomou a mão de Cloto, inspirou brevemente pelos lábios entreabertos, e sorriu hesitante.

Cloto: [*Fechem o círculo, Ralph e Lois. Não tenham medo. Está tudo bem*.]

Cara, como discordo disso, Ralph pensou, mas, quando Lois estendeu a mão, ele a segurou pelos dedos. Ao gosto de maçãs e à textura de cortiça seca acrescentou-se um tempero escuro e irreconhecível. Ralph inspirou profundamente aquele aroma e depois sorriu para Lois. Ela retribuiu o sorriso — não havia a menor hesitação em seu sorriso — e Ralph sentiu um ligeiro e longínquo aturdimento. Como você *pode* sentir medo? Como pode sequer hesitar quando o que trouxeram foi tão bom e parece tão certo?

Eu compreendo, Ralph, *mas hesito assim mesmo,* aconselhou uma voz.

[*— Ralph? Ralph!*]

Sua voz pareceu ao mesmo tempo assustada e aturdida. Ralph olhou em tempo de ver a parte superior da porta do quarto 315 descer rente pelos ombros dela. . só que não era a porta que descia; era Lois que subia. *Todos* subiam, ainda de mãos dadas, formando uma roda.

Ralph acabara de absorver isso quando uma escuridão momentânea, cortante como o fio de uma faca, atravessou sua visão como a sombra de uma palheta de persiana. De relance, viu canos finos, que provavelmente faziam parte do sistema de *sprinklers,* cercados por placas rosadas de isolamento. Em seguida, descobriu-se diante de um longo corredor ladrilhado.

Uma maca rolava em direção à sua cabeça.. que, ele subitamente percebeu, acabara de emergir como um periscópio em um corredor do quarto andar.

Ele ouviu Lois gritar e sentiu que ela apertava sua mão com mais força.

Ralph fechou os olhos instintivamente e esperou a maca lhe achatar o crânio.

Cloto: [*Fiquem calmos! Por favor,fiquem calmos! Lembrem-se de que essas coisas existem em um nível de realidade diferente do que se encontram agora!*]

Ralph abriu os olhos. A maca desaparecera, embora ele ainda ouvisse suas rodas

se afastando. O ruído agora vinha das costas. A maca, como o amigo de McGovern, atravessara-o sem parar. Os quatro entraram levitando lentamente em um corredor que devia pertencer à ala de pediatria — criaturas de contos de fadas saracoteavam e faziam travessuras pelas paredes, e decalques de personagens de Disney, *Aladim* e *A pequena sereia* enfeitavam as janelas de uma ampla e bem iluminada área de recreação. Um médico e uma enfermeira caminhavam em direção a eles, discutindo um caso.

―...seria aconselhável fazer outros exames, mas só se tivermos no mínimo noventa por cento de certeza de que.. ‖

O médico atravessou Ralph e ao fazê-lo Ralph percebeu que ele voltara a fumar escondido após um intervalo de cinco anos e estava se culpando pra caramba. Então os dois se foram. Ralph olhou para baixo na hora em que seus pés emergiam do piso ladrilhado. Virou-se para Lois, sorrindo hesitante.

[*— É bem melhor que o elevador, não?*]

Ela concordou com um aceno de cabeça. Continuou a apertar sua mão com muita força. Atravessaram o quinto andar e emergiram numa sala de médicos no sexto (havia dois médicos — dos bons —, um assistia à reprise de um filme velho e o outro roncava num pavoroso sofá moderno sueco), e chegaram ao telhado.

A noite estava clara, sem lua, linda. As estrelas cintilavam pela abóbada celeste numa extravagante difusão de luz. O vento soprava forte e ele se lembrou da Sra. Perrine dizendo que podia marcar suas palavras: o veranico terminara. Ralph ouviu o vento, mas não o sentiu. . embora tivesse a impressão de que *poderia* sentir se quisesse. Era apenas uma questão de se concentrar corretamente..

Na mesma hora em que pensou isso, sentiu uma leve e momentânea mudança em seu corpo, algo como uma piscadela. De repente seus cabelos estavam esvoaçando para trás, e ele ouviu as pernas das calças balançarem em torno de seu corpo. Sentiu arrepios. As costas da Sra. Perrine tinham razão quanto à mudança do tempo. Ralph deu outra piscadela interior e o vento cessou. Olhou para Láquesis.

[*— Posso largar sua mão agora?*]

Láquesis concordou e afrouxou a mão. Cloto soltou a mão de Lois.

Ralph contemplou a cidade mais para oeste e viu os pisca-piscas azuis da pista do aeroporto. Para além a malha de luzes de sódio alaranjadas que marcavam Cape

Green, um dos loteamentos mais recentes na periferia da tundra. E em algum ponto, no salpico de luzes à leste do aeroporto, encontrava-se a Avenida Harris.

[— *É lindo, não é, Ralph?*]

Ele assentiu e pensou que estar parado ali, vendo a cidade se espraiar assim na escuridão, valia tudo por que tinha passado desde que a insônia começara. Tudo e mais alguma coisa. Mas tal pensamento não era inteiramente confiável.

Ele se dirigiu a Láquesis e Cloto.

[— *Muito bem, expliquem. Quem são vocês, quem* é ele, *e o que querem que a gente faça?*]

Os dois doutores carecas estavam parados entre dois exaustores que giravam velozes e lançavam no ar leques de poluentes castanho-arroxeados.

Láquesis e Cloto se entreolharam nervosamente, e o primeiro acenou com a cabeça quase imperceptivelmente para o segundo. Cloto se adiantou, olhou de Ralph para Lois e pareceu organizar seus pensamentos.

[*Muito bem. Primeiro, vocês precisam entender que o que está acontecendo, embora inesperado e penoso, não é exatamente anormal. Meu colega e eu fazemos o que nos de-*

terminaram; Átropos faz o que lhe foi determinado; e vocês, meus amigos Vida-Curta, farão o que lhes foi determinado.]

Ralph brindou-o com um sorriso inteligente e amargo.

[— *E lá se vai a liberdade de escolha.*]

Láquesis: [*Você não deve pensar assim! Simplesmente o que vocês chamam liberdade de escolha faz parte do que chamamos* ka, *a grande roda da existência.*]

Lois: [— *É como se víssemos as coisas através de um vidro escuro. . é isso que querem dizer?*]

Cloto, dando um sorriso que parecia juvenil: [*Uma citação da Bíblia, se não me engano. É uma boa maneira de apresentar a coisa.*]

Ralph: [— *E também muito conveniente para gente como vocês, mas vamos adiante. Temos uma máxima que não se encontra na Bíblia, cavalheiros, mas que é bem opor-tuna: Não dourem a pílula. Espero que não se esqueçam dela.*]

Mas Ralph teve a impressão de que talvez fosse pedir demais.

5

CLOTO COMEÇOU a falar, então, e falou por um bom tempo. Ralph não fazia uma idéia exata do número de minutos, porque a noção de tempo era diferente no nível em que se achavam — como que comprimido.

Às vezes não havia palavras no que ele dizia; os termos verbais eram substituídos por imagens simples e claras como a de um quebra-cabeças infantil.

Ralph supôs que fosse telepatia e ficou muito surpreso, mas, enquanto isso acontecia, pareceu-lhe tão natural quanto respirar.

Outras vezes as palavras e imagens se perdiam, havia interrupções intrigantes [---------------] na comunicação. Mas, mesmo assim, Ralph conseguia captar a idéia geral do que Cloto estava querendo transmitir, e tinha a impressão de que Lois estava entendendo o sentido oculto naqueles lapsos ainda melhor do que ele.

[*Primeiro, saibam que há apenas quatro constantes na área da existência onde suas vidas e as nossas, as vidas dos* [---------] *se sobrepõem. As quatro constantes são Vida, Morte, Desígnio e Acaso. Todas essas palavras têm significados para vocês, mas agora adquiriram uma noção ligeiramente diferente de Vida e Morte, não?*]

Ralph e Lois concordaram hesitantes.

[*Láquesis e eu somos agentes da Morte. Isto nos torna figuras atemorizantes para a maioria dos Vidas-Curtas; mesmo os que fingem aceitar nossa presença e o que fazemos, em geral, nos temem. Os filmes, por vezes, nos mostram como um esqueleto horrendo ou um vulto encapuzado cujo rosto ninguém vê.*]

Cloto levou as mãos minúsculas aos ombros vestidos de branco e fingiu estremecer. A imitação foi bastante boa para provocar um sorriso de Ralph.

[*Mas não somos apenas agentes da morte, Ralph e Lois; somos também agentes do Desígnio. E agora prestem muita atenção, porque não quero ser mal-entendido. Há os de sua espécie que acham que tudo acontece por predeterminação, e há os que acham que todos os acontecimentos são uma simples questão de sorte ou oportunidade. A verdade é que a vida é ao mesmo tempo acaso e desígnio, embora em proporções desiguais. A vida é como*]

Aqui Cloto formou um círculo com os braços, como uma criancinha tentando

mostrar o formato da terra, e dentro do círculo Ralph viu uma imagem luminosa e evocativa: milhares (ou talvez fossem milhões) de cartas abertas em leque num rápido arco-íris de copas, espadas, paus e ouros.

Também viu muitos coringas nesse enorme baralho; não tantos que pudessem formar uma seqüência própria, mas visivelmente mais, em termos proporcionais, do que os dois ou três encontrados num baralho normal. Todos sorriam e todos usavam um panamá surrado faltando uma meia-lua na aba, arrancada a dentadas.

Todos carregavam um bisturi enferrujado.

Ralph virou-se para Cloto arregalando os olhos. Cloto confirmou.

[*É, não sei exatamente o que viu, mas sei que viu o que eu estava tentando comunicar. Lois? E você?*]

Lois, que adorava jogar cartas, acenou pálida.

[*— Átropos é o coringa no baralho... é o que você quer dizer.*]

[*Ele é agente do Acaso. Nós, Láquesis e eu, servimos a outra força, a que responde pela maioria dos acontecimentos na vida dos indivíduos e na correnteza mais ampla da vida. No seu nível do edifício, Ralph e Lois, toda criatura é uma Vida-Curta, e tem um tempo definido. O que não quer dizer que uma criança saia do ventre da mãe com um letreiro em volta do pescoço dizendo CORTE O CORDÃO AOS 84 ANOS, 11*

MESES, 9 DIAS, 6 HORAS, 4 MINUTOS E 21 SEGUNDOS. Isso é uma idéia ridícula. Mas a passagem do tempo é marcada normalmente e, como vocês dois têm visto, uma das muitas funções da aura dos Vidas-Curtas é servir de relógio.]

Lois se mexeu e, quando Ralph se virou para olhá-la, viu uma coisa assombrosa; no alto o céu empalidecia. Ele calculou que fosse umas cinco horas da madrugada. Os dois tinham chegado ao hospital por volta das nove horas na noite de terça-feira, e agora, de repente, era quarta-feira, 6 de outubro. Ralph ouvira falar do tempo voar, mas isso era um absurdo.

Lois: [*— O seu trabalho é o que chamamos de morte natural, não é?*]

Sua aura piscou com imagens confusas e incompletas. Um homem (o falecido Sr. Chasse, Ralph estava quase certo) deitado numa tenda de oxigênio. Jimmy V. abrindo os olhos para contemplar Ralph e Lois um instante antes de Cloto cortar seu fio de balão. A página de notas fúnebres do *News* de Derry, pontilhada de

fotografias, a maioria pouco maior do que um selo, divulgando a safra semanal dos hospitais e asilos locais.

Cloto e Láquesis balançaram a cabeça discordando.

Láquesis: [*Não existe morte natural, não de todo. O nosso trabalho é a morte designada. Levamos os velhos e os doentes, mas levamos outros também. Ainda ontem, por exemplo, levamos um rapaz de vinte e oito anos. Um carpinteiro. Há duas semanas de seu tempo, ele caiu de um andaime e fraturou o crânio. Durante as duas semanas seguintes sua aura foi. .*]

Ralph recebeu uma imagem fraturada de uma aura relampejante como a que envolvia o bebê no elevador.

Cloto: [*Finalmente a mudança sobreveio: a alteração na aura. Sabíamos que ocor-reria, mas não em que momento. Quando ocorreu, fomos até ele e o despachamos.*]

[*— Despacharam para onde?*]

Foi Lois que perguntou, abordando o assunto delicado da vida após a morte quase por acaso. Ralph agarrou seu cinto de segurança mental, quase torcendo por uma daquelas estranhas lacunas mas, quando as respostas sobrepostas vieram, foram perfeitamente claras.

Cloto: [*Para toda parte*.]

Láquesis: [*Para outros mundos.*]

Ralph sentiu uma mistura de alívio e desapontamento.

[*— Isto parece muito poético, mas acho que significa, corrija-me se estiver errado, que a vida após a morte é o mesmo mistério para vocês que é para nós.*]

Láquesis, meio empertigado: [*Em outra ocasião, talvez tenhamos tempo para discutir tais assuntos, mas não neste momento — como vocês sem dúvida já perceberam, o tempo passa mais depressa neste nível do edifício*.]

Ralph olhou à volta e viu que a manhã já clareara consideravelmente.

[*— Desculpe*.]

E Cloto, sorrindo: [*De nada — apreciamos suas perguntas, são revigorantes. A curiosidade existe por todo o continuum da vida, mas em parte alguma é tão*

abundante quanto aqui. Mas o que vocês chamam de vida após a morte não tem lugar nas quatro constantes — Vida e Morte, Acaso e Desígnio — que nos interessam agora.

A chegada de praticamente qualquer morte que serve ao Desígnio segue um curso com que estamos muito familiarizados. As auras dos que irão sofrer mortes determinadas ficam cinzentas quando o fim se aproxima. O cinzento escurece progressivamente até enegrecer. Somos chamados quando a aura [-----------], *e viemos exatamente como viram ontem à noite. Trazemos libertação para os que sofrem, paz para os que vivem em terror, descanso para os que não o têm. A maioria das mortes designadas são esperadas, e até bem-vindas, mas nem todas.*

Por vezes somos chamados para levar homens, mulheres e crianças que estão cheios de saúde.. mas cujas auras se alteraram subitamente e cujo tempo se esgotou.]

Ralph lembrou-se do rapaz, com a camiseta cavada dos Celtics, que vira entrar dançando no mercadinho na tarde anterior. Era a imagem da saúde e vitalidade.. isto é, exceto pelo saco espectral que o envolvia.

Ralph abriu a boca, talvez para mencionar o rapaz (ou perguntar pelo seu destino), então tornou a fechá-la. O sol estava a pino, e uma estranha certeza repentinamente o invadiu: que ele e Lois tinham se tornado tema de conversas apimentadas na cidade secreta dos Velhos Coroas.

Alguém viu os dois?. . Não? Acham que fugiram juntos? Para casar talvez?. .

Não, não na idade deles, mas quem sabe juntaram as escovas. . Não sei se Ralphie ainda tem munição naquele velho arsenal, mas ela sempre *me pareceu uma mulher fogosa.. É, e anda como se soubesse o que fazer com aquilo, não anda?*

A imagem do seu enorme calhambeque aguardando pacientemente por trás de um dos apartamentos cobertos de hera do Derry Cabins, enquanto no quarto as molas subiam e desciam libidinosamente, acorreu a Ralph e ele sorriu. Não pôde evitar. Um instante depois, lhe ocorreu a idéia assustadora de que poderia estar irradiando seus pensamentos pela aura e bateu a porta na cara da imagem na mesma hora. Mas não era que Lois o observava com um certo ar risonho de indagação?

Ralph apressadamente voltou suas atenções para Cloto.

[*Átropos serve ao Acaso. Nem todas as mortes do tipo que os Vidas-Curtas consideram "sem sentido", "desnecessárias" e "trágicas" são seu trabalho, mas a maioria é.*

Quando uma dúzia de velhos e velhas morrem em um incêncio num hotel para aposentados, são grandes as chances de Átropos ter passado por lá, levando souvenirs e cortando cordões. Quando uma criancinha morre no berço sem razão aparente, a causa, muito pro-

vavelmente, será Átropos e seu bisturi enferrujado. Quando um cachorro — sim, mesmo um cachorro, porque os destinos de quase todos os seres vivos no mundo dos Vidas-Curtas cabem ao Acaso ou ao Desígnio — é atropelado na rua porque o motorista que o atingiu escolheu o momento errado para consultar o relógio...]

Lois: [*— Foi isso que aconteceu a Rosalie?*]

Cloto: [*Átropos foi o que aconteceu a Rosalie. O amigo de Ralph, Joe Wyzer, apenas "serviu à circunstância" como dizemos*.]

Láquesis: [*E Átropos foi também o que aconteceu ao seu amigo, o falecido Sr.*

McGovern.]

Lois traduzia o sentimento de Ralph: desalentada mas não realmente surpresa. Era agora o fim da tarde, talvez tivessem transcorrido umas dezoito horas na contagem dos Vidas-Curtas desde que viram Bill, e Ralph sabia que o tempo que lhe restava era extremamente curto mesmo na noite anterior. Lois, que sem querer pusera a mão dentro dele, provavelmente sabia disso até melhor que Ralph.

Ralph: [*— Quando aconteceu? Quanto tempo depois que o vimos?*]

Láquesis: [*Não demorou muito. Quando ele estava deixando o hospital. Lamento por sua perda e por ser o portador da notícia de maneira tão inábil. Falamos com Vidas-Curtas tão raramente que nos esquecemos como fazê-lo. Não quis magoá-los, Ralph e Lois.*]

Lois respondeu-lhe que estava tudo bem, que compreendia, mas as lágrimas rolavam pelo seu rosto, e Ralph sentiu arderem também em seus próprios olhos. A idéia de que Bill pudesse ter partido — que aquele merdinha de avental sujo o tivesse pego — era difícil de assimilar. Deveria acreditar que McGovern nunca mais ergueria aquela sobrancelha peluda e satírica?

Nunca mais encheria o saco sobre a porcaria que era envelhecer? Impossível. Voltou-se repentinamente para Cloto.

[*— Mostre para nós.*]

Cloto, surpreso, quase perturbado: [*Eu.. eu não acho..*]

[Ralph: — Ver é crer para nós otários *de vida curta. Vocês nunca ouviram isso?*]

Lois manifestou-se inesperadamente.

[*— Isto mesmo, mostre para nós. Mas apenas o suficiente para que possamos saber e aceitar. Procure não nos fazer sentir pior do que já estamos.*]

Cloto e Láquesis se entreolharam, então pareceram dar de ombros sem na realidade mexerem o tronco estreito. Láquesis estalou os primeiros dois dedos da mão direita para o alto, criando um leque luminoso verde-azulado como a cauda de um pavão. Nele Ralph viu uma imitação pequena e estranhamente perfeita do corredor da U.T.I. Uma enfermeira entrou nesse arco e atravessou-o empurrando um carrinho de remédios. No outro extremo do leque, ela pareceu *curvar-se* por um instante antes de desaparecer de vista.

Lois, encantada, apesar das circunstâncias: [— *É como assistir um filme projetado em uma bolha de sabão!*]

Agora McGovern e o Sr. Ameixa saíram do quarto de Bob Polhurst.

McGovern vestira uma velha suéter da escola secundária de Derry e seu amigo fechava o zíper do blusão; visivelmente encerravam por mais uma noite a vigília da morte. McGovern caminhava lentamente, deixando-se ficar para trás do Sr. Ameixa. Ralph pôde observar que seu vizinho do térreo e amigo de alguns anos não parecia nada bem.

Sentiu a mão de Lois escorregar pelo seu braço e apertá-lo com força.

Pôs a sua mão sobre a dela.

A meio caminho do elevador, McGovern parou, apoiou-se na parede com uma mão, e baixou a cabeça. Parecia um fundista totalmente sem fôlego ao fim de uma maratona. Por um momento, o Sr. Ameixa continuou a caminhar. Ralph viu sua boca se mexer e pensou: *Ele não sabe que está falando sozinho — pelo menos, ainda não.*

De repente Ralph não quis ver mais nada.

Dentro do leque verde-azulado, McGovern levou uma mão ao peito. A outra procurou a garganta e começou a massageá-la, como se estivesse verificando o estado da barba. Ralph não tinha muita certeza, mas achava que os olhos do seu vizinho do térreo pareciam assustados. Lembrou-se do esgar de ódio na cara do

Dr. n□3 quando compreendeu que um Vida-Curta se atrevera a interferir em seu trabalho com um vira-lata local. Que foi que ele dissera?

[*Vou ferrar você, Coroa. Vou ferrar você pra valer. E VOU ferrar seus* amigos *também. Tá me ouvindo bem?*]

Uma idéia terrível, quase uma certeza, penetrou a mente de Ralph, enquanto observava Bill McGovern desmontar lentamente no chão.

Lois: [*— Faça isso desaparecer, por favor, faça isso desaparecer!*]

Ela enterrou o rosto no ombro de Ralph. Cloto e Láquesis tornaram a trocar olhares inquietos e Ralph percebeu que já começara a revisar a imagem mental que fazia da onisciência e poder dos dois. Podiam muito bem ser criaturas sobrenaturais, mas não eram nenhum Dr. Joyce Brothers. Tinha a impressão de que não entendiam grande coisa de previsão de futuro, tampouco; caras com bolas de cristal realmente eficientes provavelmente não teriam uma expressão daquelas em seu repertório.

Eles estão tateando pelo caminho, igualzinho a nós, Ralph pensou, e sentiu uma certa simpatia relutante pelo Sr. C. e o Sr. L.

O leque luminoso verde-azulado que flutuava diante de Láquesis — e as imagens que continha — subitamente desapareceu.

Cloto, parecendo na defensiva: [*Por favor, lembrem-se que vocês, Ralph e Lois, é que quiseram ver. Não lhes mostramos isto voluntariamente*.]

Ralph mal ouviu as desculpas. A idéia assustadora ainda não se revelara totalmente, como uma fotografia que a pessoa não quer ver mas não consegue desviar os olhos dela. Lembrava do chapéu de Bill.. do lenço azul desbotado de Rosalie. . e dos brincos de diamantes que Lois perdera.

[*Vou ferrar seus amigos pra valer, Coroa, está me ouvindo bem? Espero que esteja.*

Espero que esteja mesmo.]

Ele olhou de Cloto para Láquesis, a simpatia que sentira desapareceu.

Substituiu-a uma palpitação surda de raiva. Láquesis dissera que não havia morte acidental e isso incluía a de McGovern. Ralph não tinha dúvidas de que Átropos tirara a vida de McGovern naquele momento por uma única razão: queria ferir Ralph, queria castigar Ralph por se intrometer. . como foi que Dorrance chamara

isso? Histórias passadas.

O velho Dor sugerira que ele não fizesse isso — uma boa política, sem dúvida, mas ele, Ralph, realmente não tivera escolha. . porque os dois nanicos carecas tinham se intrometido com *ele*. Tinham, num sentido muito real, provocado a morte de Bill McGovern.

Cloto e Láquesis viram sua raiva e recuaram um passo (embora dessem a impressão de fazer isso sem parecer mexer os pés), os rostos expressando mais inquietação que nunca.

[— *Vocês dois são a causa da morte de Bill McGovern. Essa é que é a verdade, não é?*]

Cloto: [*Por favor.. se você ao menos nos deixar acabar de explicar..*]

Lois fitava Ralph, ansiosa e apavorada.

[— *Ralph? Que foi que houve? Por que está zangado?*]

[— *Você não está percebendo? Essa armaçãozinha deles custou a vida de Bill McGovern. Estamos aqui porque Átropos fez alguma coisa que estes caras não gostam ou está se preparando para fazer. .*]

Láquesis: [*Você está tirando conclusões precipitadas, Ralph...*]

[□ *...mas há um problema muito básico; ele sabe que nós o vemos!* Átropos *SABE que nós o vemos!*]

Os olhos de Lois se arregalaram de terror. . e compreensão.

CAPÍTULO 18

1

UMA MÃOZINHA branca pousou no ombro de Ralph e permaneceu ali como fumaça.

[*Por favor.. se ao menos nos deixarem explicar...*]

Ele sentiu aquela mudança — aquela *piscadela* — ocorrer em seu corpo mesmo antes de tomar inteira consciência de que a comandara. Voltou a sentir o vento, vindo da escuridão como a lâmina fria de uma faca e estremeceu. O toque da mão de Cloto agora não passava de uma vibração fantasmagórica sob a

superfície da pele de Ralph. Ele via os três, mas agora estavam leitosos e desmaiados. Agora eram fantasmas.

Desci. Não para o lugar em que começamos, mas pelo menos até o nível onde eles quase não podem ter contato físico comigo. Minha aura, meu fio de balão. . tenho certeza de que podem tocar essas coisas, mas a parte física que vive a minha vida real no mundo dos Vidas-Curtas? Nem pensar.

A voz de Lois, distante como um eco que vai morrendo.

[*— Ralph! Que é que você está fazendo com o seu..*]

Ele contemplou os fantasmas de Cloto e Láquesis. Agora não pareciam apenas constrangidos ou ligeiramente culpados, mas completamente apavorados. Seus rostos estavam distorcidos e difíceis de distinguir, mas seu pavor era inconfundível.

Cloto, a voz distante mas audível: [*Volte, Ralph! Por favor volte!*]

— Se eu voltar, você vai parar de tentar nos enrolar com molecagens e vai ser honesto conosco?

Láquesis, desbotando, desaparecendo: [*Vou! Vou!*]

Ralph comandou aquela piscadela interior de novo. Os três voltaram a entrar em foco. Ao mesmo tempo, a cor voltou a inundar os espaços do mundo e o tempo retomou seu ritmo anterior — ele observou a lua min-guante escorregar para o horizonte como uma gota de mercúrio reluzente.

Lois atirou os braços em torno de seu pescoço, e por um momento ele não teve certeza se o abraçava ou tentava estrangulá-lo.

[*— Graças a Deus! Pensei que você ia me abandonar!*]

Ralph beijou-a por instantes, sua cabeça foi invadida por uma agradável confusão sensorial; o gosto de mel fresco, a textura de lã penteada e o cheiro de maçãs. Um pensamento lampejou em sua mente.

(*como seria fazer amor lá em cima?*)

e ele o expulsou da cabeça na mesma hora. Precisava pensar e falar com muito cuidado nos próximos

(*minutos? horas? dias?*)

e distrair-se com essas coisas apenas tornaria a tarefa muito mais difícil.

Virou-se para os doutorezinhos carecas e mediu-os com os olhos.

[— *Espero que estejam sendo sinceros. Porque se não estiverem, acho que é melhor cancelarmos este páreo agora e cada um seguir o seu caminho.*]

Cloto e Láquesis não se deram o trabalho de trocar olhares desta vez; ambos concordaram com a cabeça, ansiosos. Láquesis falou num tom de-fensivo. Esses caras, Ralph desconfiava, eram de trato bem mais ameno do que Átropos, mas nem por isso estavam mais habituados a serem questio-nados — a serem postos à prova, como diria a mãe de Ralph — do que o outro.

[*Tudo que lhes dissemos era verdade, Ralph e Lois. Podemos ter omitido a possibilidade de Átropos ter uma compreensão ligeiramente maior da situação do que realmente nos agradaria, mas..*]

Ralph: [— *E se nos recusarmos a continuar a ouvir essa baboseira? E se simplesmente dermos as costas e formos embora?*]

Nenhum dos dois respondeu, mas Ralph pensou ter visto nos olhos deles algo que o desanimou; sabiam que Átropos se apossara dos brincos de Lois e sabiam que *ele* sabia. A única pessoa que não sabia — Ralph esperava

— era a própria Lois.

Ela agora o puxava pela manga.

[— *Não faça isso, Ralph, por favor, não. Precisamos ouvir o que têm a dizer.*]

Ele virou-se para os dois e fez um sinal breve para que continuassem.

Láquesis: [*Em circunstâncias normais, não interferimos com Átropos, nem ele conosco. Não poderíamos interferir com ele nem que quiséssemos; o Acaso e o Desígnio são como os quadrados brancos e pretos em um tabuleiro de xadrez, que se definem pelo contraste. Mas Átropos quer interferir com a operação das coisas — interferir é, em um sentido muito real, o que lhe foi designado fazer — e em raras ocasiões, surge a oportunidade de agir numa escala grandiosa. As tentativas de detê-lo são raras. .*]

Cloto: [*A verdade é um pouco mais forte, Ralph e Lois; nunca em nossa experiência houve uma tentativa de contê-lo ou impedi-lo.*]

Láquesis: [. .*e só ocorrem se a situação em que ele pretende interferir for muito delicada, e haja muitas questões graves a pesar e repesar. Estamos diante de uma situação dessas. Átropos cortou um cordão vital em que não deveria ter tocado. Isto irá causar problemas terríveis em todos os níveis, sem falar no sério desequilíbrio entre o Acaso e o Desígnio, a não ser que a situação seja corrigida. Não podemos resolver o que está acontecendo; a situação ultrapassou de muito a nossa capacidade. Não conseguimos mais ver claramente e muito menos agir. Neste caso, porém, nossa incapacidade de ver pouco importa, porque, no fim, somente os Vidas-Curtas podem se opor à vontade de Átropos. É*

por isso que vocês dois estão aqui.]

Ralph: [*—Você está nos dizendo que Átropos cortou o cordão de alguém que deveria morrer de morte natural. . ou de uma morte designada?*]

Cloto: [*Não é bem assim. Algumas vidas — muito poucas — não possuem uma definição nítida. Quando Átropos mexe com tais vidas é grande a probabilidade de criar problemas. "Não se aceitam mais apostas" como vocês dizem. As vidas não definidas são como. .*]

Cloto afastou as mãos e surgiu entre elas uma imagem — mais um baralho. Uma seqüência de sete cartas que foram rapidamente viradas, uma após a outra, por uma mão invisível. Um ás; um dois; um coringa; um três; um sete; uma rainha. A última carta que a mão invisível virou estava em branco.

Cloto: [*A imagem ajuda a compreender?*]

Ralph franziu a testa. Não sabia dizer. Em algum lugar lá fora, havia uma pessoa que não era uma carta comum nem um coringa no baralho.

Uma pessoa inteiramente indefinida que podia ser usada por qualquer dos lados. Átropos cortara o tubo metafísico de ar de um cara e agora alguém

— ou alguma coisa — pedira tempo.

Lois: [*— É de Ed que estão falando, não é?*]

Ralph girou nos calcanhares e encarou-a incisivamente, mas ela estava olhando para Láquesis.

[*— Ed Deepneau é a carta em branco.*]

Láquesis concordava com um aceno de cabeça.

[— *Como soube disso, Lois?*]

[— *Quem mais poderia ser?*]

Ela não estava propriamente sorrindo para ele, mas Ralph teve a sensação de um sorriso. Voltou-se para Cloto e Láquesis.

[— *Muito bem, finalmente estamos chegando a algum lugar. Então quem foi que acendeu a luz vermelha nessa hitória? Não me parece que foram vocês, tenho a impressão de que pelo menos neste caso vocês dois não passam de mão-de-obra contratada.*]

Eles juntaram as cabeças por um instante e cochicharam, mas Ralph viu surgir um leve traço ocre, que lembrava uma costura, no ponto em que as duas auras auriverdes se sobrepuseram e viu que tinha razão. Finalmente os dois voltaram a encarar Ralph e Lois.

Láquesis: [*É, o caso é basicamente este. Você tem a habilidade de colocar as coisas em perspectiva, Ralph. Não temos uma conversa assim há milhares de anos.* .]

Cloto: [*Se é que já tivemos alguma.*]

Ralph: [— *Basta contarem a verdade, rapazes.*]

Láquesis, lamentando-se como uma criança: [*Temos feito isso!*]

Ralph: [— *Toda a verdade.*]

Láquesis: [*Muito bem; toda a verdade. Certo, foi o cordão de Ed Deepneau que Átropos cortou. Não sabemos disso porque vimos — perdemos a capacidade de ver com clareza, como disse — mas porque é a única conclusão lógica. O Deepneau não foi definido nem pelo Acaso nem pelo Desígnio, isto nós sabemos, e o cordão dele devia ser essencial, para ter causado tanto alvoroço e preocupação. Até mesmo o fato de continuar vivo, tanto tempo depois de ter o cordão seccionado, indica seu poder e importância. Ao seccio-nar o cordão, Átropos desencadeou uma série de acontecimentos terríveis.*]

Lois estremeceu e achegou-se mais para perto de Ralph.

Láquesis: [*Você nos chamou de mão-de-obra contratada. Estava mais certo do que supôs. Somos, neste caso, simples mensageiros. Nossa tarefa é alertar você e Lois para o acontecido e para o que se espera de vocês, e essa tarefa está quase cumprida. Quanto a*

“quem acendeu a luz vermelha”, não podemos responder essa pergunta porque realmente não sabemos.]

[*— Não acredito.*]

Mas percebeu que faltava convicção à sua própria voz (se é que aquilo era uma voz).

Cloto: [*Não seja tolo — é claro que acredita! Você esperaria que os diretores de uma grande indústria de automóveis convidassem um subalterno à sala de reuniões da diretoria para lhe explicar as razões que embasam as diretrizes da companhia? Ou talvez para lhe justificar por que resolveu fechar uma fábrica e deixar outra aberta?*]

Láquesis: [*Ocupamos uma posição um pouco superior a dos homens que trabalham nas linhas de montagem, mas ainda somos o que você chamaria de operários, Ralph*

— nem mais nem menos.]

Cloto: [*Contente-se com o seguinte: além dos níveis de existência dos Vidas-Curtas e dos Vidas-Longas em que Láquesis, Átropos e eu vivemos, ainda há outro. São habitados por criaturas que consideramos Eternas, cuja vida é perene ou tão próxima disso que não faz muita diferença. Os Vidas-Curtas e os Vidas-Longas habitam esferas de existência que se sobrepõem — nos andares interligados do mesmo edifício, se preferir*

— regidos pelo Acaso e o Desígnio. Acima desses andares, inacessíveis a nós, mas parte da mesma torre de existência, vivem os outros seres. Alguns são assombrosos e fantásticos outros são tão medonhos que ultrapassam a nossa compreensão, quanto mais a de vocês.

Poderíamos chamar tais seres de Superior Desígnio e Superior Acaso.. ou talvez não haja Acaso acima de certo nível; suspeitamos que seja este o caso, mas não temos como nos certificar. Sabemos que alguma coisa de um desses níveis superiores se interessou por Ed, e que uma outra coisa lá no alto contra-atacou. Esse contra-ataque são vocês, Ralph e Lois.]

Lois lançou um olhar desalentado a Ralph que mal notou. A idéia de que alguma coisa os movia como peças de xadrez no clássico Pista 3 que Faye Chapifl tanto prezava — uma idéia que o teria enfurecido em outras circunstâncias — passou por ele em brancas nuvens. Lembrava-se da noite em que Ed lhe telefonara. *Você está entrando em águas profundas,* dissera, *e há coisas submersas na*

correnteza que você sequer é capaz de conceber.

Em outras palavras, entidades.

Seres tão medonhos que ultrapassam a compreensão, segundo o Sr. C., e o Sr. C. era um cavalheiro cujo trabalho era trazer a morte.

Eles ainda não repararam realmente em você, Ed lhe dissera naquela noite, *mas se você continuar a se meter comigo, repararão. E você não quer que isso aconteça.*

Não quer, não, pode crer.

Lois: [*— Para começar, como foi que vocês nos fizeram chegar a este nível? Foi a insônia, não foi?*]

Láquesis, cauteloso: [*— Em essência, sim. E também podemos fazer pequenas alterações nas auras dos Vidas-Curtas. Esses ajustes causaram uma forma especial de insônia que alterou a maneira de vocês sonharem e a maneira de perceberem o mundo em estado de vigília. O ajuste de auras em Vidas-Curtas é uma tarefa delicada e assustadora. Existe sempre o risco de enlouquecê-los.*]

Cloto: [*Houve vezes em que vocês talvez sentissem que estavam enlouquecendo, mas nenhum dos dois chegou nem perto disso. Vocês são muito mais resistentes do que julgam.*]

Esses veados realmente acham que estão nos tranqüilizando, Ralph se admirou, e mais uma vez afastou a raiva de seus pensamentos. Simplesmente não tinha tempo para raivas agora. Mais tarde, talvez, compensaria o atraso. Esperava que sim. Por ora, apenas afagou a mão de Lois e voltou sua atenção para Cloto e Láquesis.

[*— No verão passado, depois de espancar a mulher, Ed me falou de um ser a quem chamou de Rei Sanguinário. Vocês já ouviram falar nele?*]

Cloto e Láquesis se entreolharam num gesto que, no primeiro instante, Ralph tomou por solene.

Cloto: [*Ralph, você precisa se lembrar que Ed é louco, vive num estado de delírio..*]

[*— Sei, me fale disso.*]

[*.. mas acreditamos que, de alguma forma, o "Rei Sanguinário" existe, e quando*

Átropos cortou o cordão vital de Ed, ele caiu diretamente sob a influência desse ser.]

Os dois doutorezinhos carecas se entreolharam de novo e, desta vez, Ralph entendeu a expressão em seus olhos; não era solene, mas aterrorizada.

2

RAIOU uma nova manhã — quinta-feira — que clareava cada vez mais, a caminho do meio-dia. Ralph não saberia dizer ao certo, mas achava que a velocidade com que as horas passavam lá embaixo no nível dos Vidas-Curtas estava-se acelerando; se eles não concluíssem essa conversa logo, Bill McGovern não seria o único de seus amigos a quem sobreviveriam.

Cloto: [*Átropos soube que o Superior Desígnio enviaria* alguém *para tentar alterar o processo que ele desencadeara, e agora já sabe quem é. Mas vocês não devem se deixar desviar por Átropos; não se esqueçam que ele é pouco mais que um peão neste tabuleiro. Átropos não é o seu verdadeiro antagonista*.]

Ele parou e olhou hesitante para o colega. Láquesis fez sinal com a cabeça para que prosseguisse, e ele assim fez com muita segurança, mas Ralph sentiu um frio no estômago do mesmo jeito. Estava seguro de que os dois doutores carecas tinham as melhores intenções, mas era óbvio que estavam num vôo cego.

Cloto: [*Vocês não devem abordar Átropos diretamente, tampouco. Nunca é demais enfatizar. Ele está cercado de forças que lhe são muito superiores, forças malignas e poderosas, forças que são* conscientes *e não se deterão diante de nada para vencerem* vocês . *Porém achamos que, se vocês se mantiverem afastados de Átropos, talvez consigam bloquear esta coisa horrível que está para acontecer.. e que, num sentido muito real, já está acontecendo.*]

Ralph não estava nada interessado no pressuposto implícito de que ele e Lois iam fazer o que quer que esses dois vaqueiros sorridentes pretendiam, mas o momento não parecia ser o mais acertado para dizer isso.

Lois: [— *Que* é *que está para acontecer? Que é que querem de nós? Teremos que encontrar Ed e convencê-lo a não agir mal?*]

Cloto e Láquesis olharam-na com idênticas expressões de choque e horror.

[*Você não ouviu o. .*]

[.. *nem pensar numa coisa dessas. .*]

Eles se calaram e Cloto fez sinal para Láquesis continuar.

[*Se não ouviu antes, Lois, ouça agora:* fique longe de Ed Deepneau! *Como aconteceu com Átropos, sua situação anormal o investiu temporariamente de grande poder. Só de chegar perto dele, vocês correm o risco de uma visita da entidade a quem chama de Rei Sanguinário.. e, além do mais, ele não se encontra mais em Derry*.]

Láquesis contemplou a cidade, onde as luzes começavam a iluminar o crepúsculo de quinta-feira, depois voltou sua atenção para Ralph e Lois.

[*Ele partiu para*]

[--------------------------]

Sem palavras, mas Ralph teve uma clara percepção, parte olfativa (óleo, graxa, exaustão, sal marinho), parte tátil *e* auditiva (o vento sacudindo alguma coisa — talvez uma bandeira), e parte visual (um grande e velho edifício com uma enorme porta aberta sobre um trilho de aço).

[*— Ele está no litoral, não é? Ou a caminho dali.*]

Cloto e Láquesis assentiram, e seus rostos sugeriam que o litoral, a uns cento e trinta quilômetros de Derry, era um bom lugar para Ed Deepneau.

Lois deu um puxão na mão de Ralph que se virou.

[*— Você viu o edifício, Ralph?*]

Ele confirmou com a cabeça.

Lois: [*— Não são os laboratórios Hawking, mas fica perto. Acho que talvez seja um lugar que conheço. .*]

Láquesis, falando rapidamente como se quisesse mudar de assunto:

[*Onde ele está ou o que pode estar planejando realmente não importa. A tarefa de vocês é outra, em águas seguras, mas talvez precisem usar todo o seu poder de Vidas-Curtas, que é enorme, para realizá-la, e talvez corram grande perigo.*]

Lois olhou nervosa para Ralph.

[*— Diga a eles que não vamos ferir ninguém, Ralph* **—** *poderíamos concordar em ajudá-los, se estiver ao nosso alcance, mas não vamos ferir ninguém, em hipótese*

alguma.]

Ralph, porém, não disse nada. Estava pensando no brilho dos diamantes nas orelhas de Átropos e na maneira perfeita com que fora apanhado —e Lois com ele, é claro. É, ele ia ferir alguém para recuperar os brincos. Não havia a menor dúvida. Mas até onde estava disposto a ir? Mataria para tê-los de volta?

Sem querer abordar o problema — sem sequer querer olhar para Lois, pelo menos por ora — Ralph se dirigiu a Cloto e Láquesis. Abriu a boca para falar, mas Lois falou primeiro.

[— *Há uma outra coisa que quero saber antes de dar outro passo.*]

Foi Cloto quem respondeu, parecendo achar uma certa graça — parecendo-se, de fato, muitíssimo com Bill McGovern. Ralph não gostou nem um pouco.

[— *E o que é, Lois?*]

[— *Ralph também está em perigo? Átropos tirou alguma coisa de Ralph que vamos precisar recuperar depois? Uma coisa como o chapéu de Bill?*]

Láquesis e Cloto trocaram um olhar rápido e apreensivo. Ralph achou que Lois não percebera, mas ele, sim. *Ela está chegando perto demais para o nosso gosto,* dizia o olhar. Então passou. Seus rostos estavam novamente lisos ao voltarem as atenções para Lois.

Láquesis: [*Não. Átropos não furtou nada de Ralph porque, até agora, isto não lhe adiantaria nada.*]

Ralph: [*Que quis dizer com "até agora"?*]

Cloto: [*Você passou a vida como parte do Desígnio, Ralph, mas isto mudou.*]

Lois: [— *Quando mudou? Foi quando começamos a ver as auras, não foi?*]

Eles olharam um para o outro, depois para Lois, e então — nervosos

— para Ralph. Não responderam, e uma idéia interessante ocorreu a Ralph: como a história da macieira que contam sobre o presidente George Wa-

shington na infância, Cloto e Láquesis não sabiam mentir. . e, em momentos como aquele, provavelmente lamentavam sua incapacidade. A única alternativa era a que empregavam; passavam um zíper na boca e esperavam que a conversa tomasse rumos mais seguros. Ralph resolveu que não queria que a

conversa prosseguisse — pelo menos por ora —, embora estivessem perigosamente próximos de deixar Lois descobrir onde tinham ido parar seus brincos. . sempre presumindo que ela já não o soubesse, uma possibilidade que não lhe parecia nada remota. Ocorreu-lhe a frase de um antigo lançador puxa-saco: *Venham, cavalheiros. . mas se quiserem* jogar, *terão que* pagar.

[*— Não, Lois, a mudança não se operou quando comecei a ver as auras. Acho que muita gente, de vez em quando, tem vislumbres das auras do mundo dos Vidas-Longas, e não lhes acontece nada de ruim. Não creio que tenha sido expulso do meu lu-garzinho seguro e confortável no Desígnio até começarmos a conversar com os nossos amigos aqui. Que me dizem? Vocês só faltaram deixar um rastro de miolinhos de pão, embora soubessem perfeitamente bem qual seria o resultado. Não foi assim?*]

Eles olharam para os pés, então lentamente, relutantemente, ergueram os olhos para Ralph. Foi Láquesis quem respondeu.

[*Verdade, Ralph. Nós os atraímos mesmo sabendo que isso alteraria o seu ka. É*

lastimável, mas a situação exigiu.]

Agora Lois vai perguntar sobre a condição dela, Ralph pensou. Agora ela tem que perguntar.

Mas ela não perguntou. Apenas olhou para os dois doutorezinhos carecas com uma expressão indecifrável, completamente diferente dos olhares habituais da Nossa Lois. Ralph se perguntou outra vez o quanto ela saberia ou imaginaria, admirando-se mais uma vez que ele não tivesse a menor pista. . e então tais especulações foram engolidas por uma nova onda de raiva.

[*— Caras. .caramba,vocês caras..*]

Ele não terminou, embora talvez o fizesse, se Lois não estivesse ao seu lado: [*Caras vocês fizeram muito mais do que interferir com o nosso sono, não foi mes-*

mo? Não sei qual é o caso da Lois, mas eu tinha um nichozinho bem confortável no Desígnio. . o que significa que vocês deliberadamente me transformaram numa exceção às regras que passaram a vida inteira respeitando. De certa forma, me transformei em uma carta em branco igualzinha ao cara que vocês querem que a gente encontre. Como foi que Cloto disse? "Não aceitamos mais apostas." Porra, que frase mais verdadeira.]

Lois: [*— Vocês falaram em usar nossos poderes. Que poderes?*]

Láquesis se dirigiu a ela, visivelmente satisfeito com a mudança de assunto.

Apertou as mãos, palma contra palma, depois abriu-as num curioso gesto oriental. O que apareceu entre as mãos foram duas breves imagens, a mão de Ralph produzindo um relâmpago de fogo azul ao cortar o ar num golpe de caratê, e o dedo de Lois produzindo balas de luz cinza-azulada que lembravam pastilhas nucleares para tosse.

Ralph: [*Tudo bem, temos alguma coisa, mas não é confiável. É como. .*]

Ele se concentrou e criou uma imagem própria, as mãos abrindo a tampa de um rádio e retirando duas pilhas incrustadas de azinhavre. Cloto e Láquesis franziram a testa para ele, sem compreender.

Lois: [*— Ele está tentando dizer que nem sempre podemos fazer isso e, quando podemos, não é por muito tempo. Nossas baterias se descarregam, entende?*]

A compreensão mesclada por um sorriso de incredulidade se espalhou pelos seus rostos.

Ralph: [*— Pô, qual é a graça?*]

Cloto: [*Nada.. tudo. Você não tem idéia de como você e Lois nos parecem estranhos — incrivelmente sábios e perspicazes num momento e incrivelmente ingênuos no momento seguinte. Suas pilhas, conforme as chamam, nunca se descarregam, porque vocês dois têm à disposição uma reserva inesgotável de energia. Presumimos isso, porque os dois já se utilizaram da reserva e certamente sabem disso.*]

Ralph: [*— Mas de que é que vocês estão falando?*]

Láquesis fez aquele curioso gesto oriental de abrir as mãos. Desta vez Ralph viu a Sra. Perrine, caminhando empertigada numa aura cor de uniforme de gala de cadete. Viu um raio de brilho acinzentado, fino e reto como o espinho de um porco-espinho, desprender-se dessa aura.

A imagem foi sobreposta pela de uma mulher magricela metida numa aura castanho-acinzentada. Ela olhava pela janela de um carro. Uma voz —a de Lois — falou: *Ah, Mina, aquela casa não é uma gracinha?* Um instante depois ouviu-se uma inspiração sibilante e um fino raio da aura da mulher desprendeu-se de sua nuca.

Seguiu-se uma terceira imagem, breve, mas forte: Ralph metendo a mão pela

abertura do guichê de informação e agarrando o pulso da mulher com a aura laranja espinhenta. . só que de repente a aura em torno de seu braço esquerdo deixou de ser laranja. De repente era o turquesa pálido que ele agora chamava de Azul Ralph Roberts.

A imagem se dissolveu. Láquesis e Cloto encararam Ralph e Lois; eles retribuíram o olhar chocados.

Lois: [*Ah, não! Não podemos fazer isso! É o mesmo. .*]

Imagem: Dois homens em uniformes listrados de presidiários e pequenas máscaras pretas, saindo nas pontas dos pés do cofre de um banco, carregando sacos disformes de tão cheios, marcados com um cifrão de um lado.

Ralph: [*— Não, pior que isso. É como. .*]

Imagem: Um morcego entra voando por uma janela aberta, faz dois círculos descendentes num raio prateado de luar, então se transforma em Ralph Lugosi vestindo uma capa e um smoking antiquado. Aproxima-se de uma mulher adormecida — não uma virgenzinha jovem e rosada, mas a velha Sra. Perrine metida numa sensata camisola de flanela —, debruça-se sobre ela e suga sua aura.

Quando Ralph tornou a olhar para Cloto e Láquesis, os dois sacudiam a cabeça com toda veemência.

Láquesis: [*Não! Não, não, não! Você não poderia estar mais enganado! Nunca lhe ocorreu por que vocês são Vidas-Curtas e marcam a passagem da vida em décadas ao invés de séculos? Suas vidas são curtas porque vocês ardem como fogueiras! Quando vocês tiram energia de um companheiro Vida-Curta, é o mesmo. .*]

Imagem: Uma criança na praia, uma linda menina de cachos dourados caindo pelos ombros, corre em direção ao mar. Em uma das mãos, leva um baldinho vermelho. Ajoelha-se e enche-o com a água do vasto oceano azul-cinza.

Cloto: [*Vocês são como a criança, Ralph e Lois — seus companheiros Vidas-Curtas são como o mar. Compreendem agora?*]

Ralph: [*— Existe realmente tanta energia assim na aura da raça humana?*]

Láquesis: [*Você ainda não entendeu. Essa é a quantidade que existe. .*]

Lois interrompeu-o. Sua voz tremia, embora Ralph não soubesse dizer se era de

medo ou de êxtase.

[*— Essa é a quantidade que existe* em cada um de nós, *Ralph. Em cada ser humano na face da terra!*]

Ralph assoviou baixinho e olhou de Láquesis para Cloto. Eles confirmaram com a cabeça.

[*— Vocês estão dizendo que podemos nos reabastecer com a energia de qualquer pessoa que esteja por perto? Que é seguro para as pessoas de quem a extraímos?*]

Cloto: [*É. A possibilidade de machucar alguém é a mesma de esvaziar o Atlântico com um baldinho de praia.*]

Ralph rezou para que fosse verdade, porque tinha a impressão de que ele e Lois andavam tomando energia emprestada feito loucos — era a única explicação que conseguia encontrar para todos os elogios que vinha recebendo. Gente dizendo que ele estava com uma ótima aparência. Gente di-

zendo que ele devia estar curado da insônia, tinha que estar, porque andava com um ar tão descansado e saudável. Que estava mais jovem.

Diabos, pensou, estou *mais jovem.*

A lua se pusera mais uma vez e Ralph percebeu sobressaltado que o sol de sexta-feira não tardaria a nascer. Já era tempo de retomarem o assunto da conversa.

[*— Vamos voltar ao que interessa, caras. Por que se deram todo este trabalho?*

Que é que vocês querem que a gente impeça?]

E então, antes que um dos dois pudesse responder, ele teve uma intui-

ção demasiado forte e clara para ser questionada ou negada.

[*É a Susan Day, não é? Ele pretende matar Susan Day. Assassiná-la.*]

Cloto: [*É, mas. .*]

Láquesis: [. .*mas não* é *isso que importa. .*]

Ralph *:* [*— Vamos, caras, vocês não acham que chegou a hora de botar todas as cartas na mesa?*]

Láquesis: [*Certo, Ralph. Chegou a hora.*]

Tinha havido pouco ou até nenhum contato entre eles desde que formaram o círculo e subiram pelos pisos dos andares do hospital até o telhado, mas agora Láquesis passou um braço leve e gentil pelos ombros de Ralph e Cloto segurou Lois pelo braço, como um cavalheiro antigo faria para conduzir uma dama ao salão de dança.

Aroma de maçãs, gosto de mel, textura de lã. . mas desta vez o prazer de Ralph com aquele insumo sensorial não conseguiu mascarar a inquieta-

ção que sentiu quando Láquesis virou-o para a esquerda e em seguida caminhou com ele até a beirada da laje de cobertura do hospital.

Como tantas cidades maiores e mais importantes, Derry parecia ter sido construída no local geograficamente mais impróprio que seus primeiros habitantes conseguiram encontrar. A área do centro ficava nas encostas íngremes de um vale; no fundo, o rio Kenduskeag corria preguiçosamente pela vegetação rasteira da tundra. Do seu ponto de observação, no alto do hospital, Derry parecia uma cidade cujo coração fora transpassado por um fino punhal verde.. só que no escuro, o punhal era preto.

Um lado do vale era Old Cape, local de um desanimado Loteamento do pós-guerra e de um reluzente e luxuoso shopping. O outro reunia quase tudo que as pessoas queriam dizer quando se referiam ao centro da cidade.

O centro de Derry girava em torno do morro da Ladeira-Acima. A rua Witcham tomava o caminho mais direto para o morro, subindo a encosta íngreme antes de se ramificar no emaranhado de ruas (entre elas a Avenida Harris) que formava o lado oeste. A rua Principal saía da Witcham no meio da subida e rumava para sudoeste ao longo do lado mais raso do vale. Esta área da cidade era conhecida pelos nomes de rua Principal e Bassey Park. E

quase no topo da rua Principal..

Lois, num gemido: [*— Meu bom Deus, o que é aquilo?*]

Ralph tentou dizer alguma coisa para reconfortá-la, mas só conseguiu produzir um som fraco e rouco. Quase no alto da rua Principal, um grande guarda-chuva negro flutuava acima do chão, tampando as estrelas que começavam a empalidecer com a chegada da manhã. Ralph tentou dizer a si mesmo, a princípio, que era apenas fumaça, que um dos armazéns naquela área pegara fogo. . talvez até a estação ferroviária abandonada no fim da rua Neilbolt. Mas os

armazéns ficavam mais para o sul, a velha estação mais para oeste, e se aquele cogumelo de aparência maligna fosse realmente fumaça, o vento predominante o desfaria pelo céu em plumas e penachos. E

isto não estava acontecendo. Ao invés de se dissipar, a mancha silenciosa no céu simplesmente continuava ali, mais escura que a escuridão.

E ninguém a vê, pensou Ralph. *Ninguém a não ser eu.. e Lois.. e os doutorezinhos carecas. Os sacanas dos doutorezinhos carecas.*

Ralph apertou os olhos, procurando distinguir a forma no interior do gigantesco saco mortuário, embora ele não precisasse realmente fazer isso; vivera em Derry a maior parte da vida, e era capaz de navegar por suas ruas de olhos fechados (isto é, desde que não tivesse que fazer isso ao volante do seu carro). Contudo, ele *conseguia* divisar a construção dentro do saco mortu-

ário, particularmente agora que a luz do dia começava a transbordar pelo horizonte. O telhado plano e circular que cobria a fachada de vidro curvo e tijolos à vista era um indicador certo. A construção ao estilo da década de 1950, desenhada em cima da perna pelo famoso arquiteto (e à época morador de Derry) Benjamin Hanscom, era o novo centro cívico de Derry, em substituição ao que fora destruído pela inundação de 1985.

Cloto virou Ralph de frente para ele.

[*Está vendo, Ralph, você tinha razão — ele pretende assassinar Susan Day. . mas não é só a Susan Day.*]

Fez uma pausa, olhou para Lois, e voltou seu rosto sério para Ralph.

[*Aquela nuvem — que vocês dois muito apropriadamente chamam de saco mortuário — significa que, num certo sentido, ele já fez o que Átropos o mandou fazer. Haverá mais de duas mil pessoas ali hoje à noite. . e Ed Deepneau pretende matar todos. Se o curso dos acontecimentos não for alterado,* matará *todos.*]

Láquesis deu um passo à frente para juntar-se ao seu colega.

[*Vocês, Ralph e Lois, são os únicos que podem impedir que isto aconteça.*]

3

MENTALMENTE RALPH viu o poster de Susan Day que fora afixado na loja vazia entre a farmácia Rite Aid e o Day Break, Sun Down. Lembrou-se das palavras escritas na poeira acumulada do lado de fora da vitrine: MATE ESSA

BOCETUDA. E uma coisa dessas podia muito bem acontecer em Derry, esse é que era o problema. Derry não era exatamente *igual* a outros lugares. Parecia a Ralph que a atmosfera da cidade melhorara muito desde a grande inundação há oito anos, mas ela continuava a não ser igual a outros lugares. Havia um traço de perversidade em Derry e, quando seus moradores se inflamavam, eram conhecidos por fazerem coisas extraordinariamente ruins.

Ele enxugou os lábios e foi momentaneamente distraído pelo toque sedoso e distante de sua mão na boca. Era constantemente lembrado, de diferentes maneiras, que sua condição sofrera uma mudança radical.

Lois, horrorizada: [*— E como vamos fazer isso? Se não podemos nos aproximar de Átropos nem de Ed, como podemos evitar que alguma coisa aconteça?*]

Ralph percebeu que não conseguia ver o rosto de Lois nitidamente agora; o dia clareava com a velocidade de uma fotografia quadro a quadro num velho filme de Disney sobre a natureza.

[*— Vamos telefonar dizendo que há uma ameaça de bomba, Lois. Isso deve funcionar.*]

Cloto pareceu desanimado ao ouvi-lo; Láquesis chegou a bater na testa com o punho antes de espiar nervoso o céu do amanhecer. Quando tornou a olhar para Ralph, seu rosto miúdo estava tomado por algo que poderia ser um pânico cuidadosamente amordaçado.

[*Isto não vai funcionar, Raíph. Agora, ouçam os dois, e ouçam com atenção; seja lá o que façam nas próximas quatorze horas mais ou menos, é preciso que não subestimem o poder das forças que Átropos liberou ao encontrar Ed e cortar seu cordão vital.*]

Ralph: [*— Por que não vai funcionar?*]

Láquesis, parecendo ao mesmo tempo zangado e assustado: [*Não podemos simplesmente continuar a responder suas perguntas indefinidamente, Ralph — de agora em diante, você vai ter que nos dar um voto de confiança. Conhece a velocidade com que o tempo passa neste nível; se continuarmos aqui em cima por mais tempo, perderá sua chance de impedir o que está para acontecer hoje à noite no centro cívico. Você e Lois precisam* descer. *Realmente* precisam!] — Cloto estendeu a mão para o colega, então voltou-se para Ralph e Lois.

[*Vou responder esta última pergunta, embora tenha certeza de que se pensasse um pouco, você mesmo poderia respondê-la. Já houve* vinte e três *ameaças de*

bomba com relação ao discurso de Susan Day hoje à noite. A polícia tem mantido cães que farejam explosivos no centro cívico, nas últimas quarenta e oito horas, tem radiografado todos os pacotes e entregas que chegaram ao prédio e também tem feito buscas localizadas. A polícia previu as ameaças de bombas e as tem levado a sério, mas supõe que no caso as amea-

ças estejam partindo de seguidores do pró-vida que tentam impedir que a Sra. Day fale.]

Lois, apaticamente: [*Ah meu Deus — como na história do menino que gritava*

"Lobo!"]

Cloto: [*Certo, Lois.*]

Ralph: [*Ele escondeu uma bomba? Escondeu, não foi?*]

A claridade inundou o telhado, alongando como puxa-puxa as sombras dos exaustores em funcionamento. Cloto e Láquesis olharam para as sombras e depois para o leste, onde uma pontinha do sol aparecia no horizonte, com idênticas expressões de desânimo.

Láquesis: [Não *sabemos e não interessa. Você precisa impedir que ela dicurse, e só há uma maneira de fazer isso: você precisa convencer as coordenadoras da visita de Susan Day a cancelarem o evento. Compreendeu?* Ela não pode aparecer no centro cívico hoje à noite! *Você não pode deter Ed, e não pode se atrever a se aproximar de Átropos, então precisa deter Susan Day*.]

Ralph: [— *Mas.* .]

Não foi a claridade que se expandia que calou sua boca, nem a crescente expressão de mortificação e medo nos rostos dos doutorezinhos carecas.

Foi Lois. Ela pôs a mão em seu rosto e lhe deu uma leve mas decisiva sacudidela na cabeça.

[— *Chega. Temos que descer, Ralph. Agora.*]

As perguntas giravam em sua cabeça como mosquitos, mas se Lois dizia que não havia mais tempo, não havia mais tempo. Espiou o sol, viu que já passara inteiramente a linha do horizonte, e concordou com a cabeça.

Passou o braço pela cintura de Lois.

Cloto, ansioso: [*Não nos deixem na mão, Ralph e Lois.*]

Ralph: [— *Poupe o papo para animar jogador, nanico. Isto não é uma partida de futebol.*]

Antes que eles pudessem responder, Ralph fechou os olhos e concentrou-se em voltar ao mundo dos Vidas-Curtas.

CAPÍTULO 19

1

HOUVE AQUELA sensação de *piscadela* e uma gelada brisa matinal golpeou seu rosto. Ralph abriu os olhos e espiou a mulher ao seu lado. Por um instante, vislumbrou sua aura esvoaçar por trás dela como uma sobre-saia de gaze num vestido de baile antigo e em seguida viu apenas Lois, parecendo vinte anos mais jovem do que na semana anterior. . e também extremamente deslocada, em seu casaco leve de outono e no vestido sóbrio de visitar doentes, ali no telhado de piche e brita do hospital.

Ralph abraçou-a com mais força, quando ela começou a tremer. De Láquesis e Cloto, nem sinal.

Embora pudessem estar parados bem aqui do nosso lado, pensou Ralph. *Aliás é bem provável que estejam.*

De repente lembrou-se outra vez da velha frase do lançador puxa-saco, aquela que, se a pessoa queria jogar, tinha que mostrar jogo, portanto adian-tem-se, cavalheiros, e façam suas apostas. Mas era bem mais freqüente a gente ser o objeto e não o sujeito do jogo. E qual era o jogo? Fazê-lo de otário, naturalmente. E por que lhe ocorria essa sensação agora?

Porque houve muitas coisas que você nunca descobriu, disse Carolyn dentro de sua cabeça. *Eles o conduziram por muitas veredas interessantes e o mantiveram afastado da questão principal até ser demasiado tarde para você fazer as perguntas que eles talvez não quisessem responder.. e não creio que uma coisa dessas aconteça por acaso, não acha?*

Não. Ele não achava.

Aquela sensação de ser conduzido por mãos invisíveis para dentro de um túnel escuro onde poderia haver qualquer coisa à espreita tornou-se mais forte. A sensação de estar sendo manipulado. Sentiu-se pequeno. . e vulnerável... e pau da

vida.

— B-Bem, estamos de v-v-volta — Lois disse por entre os dentes que batiam de *frio*. — Que horas você acha que são?

Dava a impressão de serem umas seis horas mas, quando Ralph olhou para o relógio, não se surpreendeu ao constatar que não estava funcionando.

Não se lembrava qual fora a última vez em que lhe dera corda. Provavelmente na terça-feira de manhã.

Acompanhou o olhar de Lois para o sudoeste e viu o centro cívico erguendo-se como uma ilha no meio de um mar de carros. Com o sol do início da manhã tirando reflexos de suas grandes janelas curvas, o centro parecia uma versão gigantesca do edifício onde George Jetson trabalhava. O enorme saco mortuário que o envolvia há poucos instantes desaparecera.

Ah, não desaparecera, não. Não se iluda, companheiro. Você pode não estar vendo, mas ele continua lá, sim.

— Cedo — respondeu a Lois, puxando-a mais para junto de si, quando uma rajada de vento despenteou seus cabelos, cabelos que agora eram igualmente pretos e brancos, e começavam na testa. — Mas acho que vai ficar tarde rapidinho.

Ela compreendeu o que ele queria dizer e concordou com um aceno de cabeça.

— Onde estão L-Láquesis e C-C. .

— Em um nível onde o vento não congela o rabo da gente, imagino.

Vamos. Vamos procurar uma porta e dar o fora desse telhado.

Porém, ela continuou onde estava por mais um momento, tremendo e contemplando a cidade.

— Que será que ele fez? — perguntou baixinho. — Se não escondeu uma bomba no centro, que *poderá* ter feito?

— Talvez ele *tenha* escondido uma bomba só que os cães de nariz treinado ainda não a encontraram. Ou talvez tenha escondido alguma coisa que os cães não foram treinados para encontrar. Uma lata escondida nas vigas do telhado, digamos, uma substância letal que Ed tenha preparado na banheira. Afinal, ele ganhava a vida como químico. . pelo menos até largar o emprego para virar

maluco de tempo integral. Poderia estar planejando matá-los com gás, como se fossem ratos.

— Que horror, Ralph! — Ela levou a mão ao peito, pouco acima dos seios e fitou-o com olhos arregalados e tristes.

— Vamos, Lois. Vamos dar o fora desse telhado infecto.

Desta vez ela o acompanhou de boa vontade. Ralph conduziu-a até a porta do telhado. . que, esperava com fervor, estivesse destrancada.

— Duas mil pessoas — ela comentou quase gemendo, quando alcan-

çaram a porta. Ralph ficou aliviado ao sentir a maçaneta girar em sua mão, mas Lois agarrou-o pelo pulso com a mão gelada, antes que ele pudesse abrir a porta. Seu rosto erguido expressava uma ansiosa esperança. — Talvez aqueles homenzinhos estivessem mentindo, Ralph, talvez tenham interesses ocultos, do tipo que sequer *poderíamos* compreender, e seja tudo mentira.

— Não acho que *saibam* mentir — ele respondeu lentamente. — E aí é que está o problema, Lois, não acho que *saibam*. Além do mais, há aquilo lá.

— E apontou para o centro cívico, para a membrana escura que não podiam ver, mas que ambos sabiam que estava presente. Lois não quis se virar para olhá-la. Em vez disso, colocou a mão gelada sobre a dele, abriu a porta do telhado e começou a descer as escadas.

2

RALPH ABRIU a porta no fim da escada, deu uma espiada no corredor do sexto andar, constatou que estava vazio e puxou Lois para fora.

Quando seguiam em direção aos elevadores, detiveram-se diante de uma porta aberta com o letreiro SALA DOS MÉDICOS impresso na parede em letras muito vermelhas. Era a sala cujo interior tinham visto ao subirem ao telhado com Cloto e Láquesis — quadros de Winslow Homer pendurados tortos nss paredes, uma cafeteira de vidro refratário numa chapa elétrica, e uma horrenda mobília sueca. Não havia ninguém na sala, mas a TV aparafu-sada à parede estava ligada assim mesmo, e sua velha amiga Lisette Benson lia as notícias matinais. Ralph lembrou-se do dia em que ele, Lois e Bill se achavam sentados na sala de Lois, comendo macarrão gratinado enquanto assistiam à reportagem de Lisette Benson sobre o incidente das bonecas atiradas contra a WomanCare. Fora a menos de um mês. E subitamente lembrou-se que Bill McGovem jamais assistiria a Lisette

Benson outra vez, ou se esqueceria de trancar a porta da rua, e uma sensação de perda, forte como um vendaval de novembro, atravessou-o. Não conseguia acreditar totalmente, pelo menos no momento. Como Bill poderia ter morrido tão depressa e sem a menor cerimônia? *Ele teria odiado,* Ralph pensou, *e não somente porque consideraria morrer de infarto no corredor de um hospital um gesto de mau gosto. Mas também porque consideraria tal morte um drama sem categoria.*

Mas vira-a acontecer, e Lois chegara a senti-la devorando as entranhas de Bill. Ralph pensou no saco mortuário que envolvia o centro cívico, e no que ia ocorrer ali se eles não impedissem o evento. Recomeçou a andar na direção dos elevadores, mas Lois o puxou de volta. Espiava fascinada a TV.

— ...vai se sentir muito aliviada quando o discurso da defensora do direito ao aborto, Susan Day, hoje à noite, pertencer ao passado — dizia Lisette Benson —, mas a polícia não é a *única* a pensar assim. Aparentemente tanto os defensores da vida quanto os da opção estão começando a se res-

sentir da tensão de viver à beira de um confronto. John Kirkland fala ao vivo do centro cívico de Derry agora de manhã e tem outras notícias. John?

O homem pálido e carrancudo ao lado de Kirkland era Dan Dalton. O

button na camisa mostrava um bisturi ameaçando um bebê com os joelhos dobrados em posição fetal. Em volta, um círculo vermelho cortado por uma diagonal também vermelha. Ralph viu meia dúzia de carros de polícia e dois caminhões de TV, um com o logotipo da NBC na lateral, ao fundo da cena.

Um policial fardado caminhava pelo gramado levando dois cães pelas guias

— um sabujo e um pastor alemão.

— Certo, Lisette, estou aqui no centro cívico, onde se poderia dizer que há uma atmosfera de ansiedade e íntima determinação. Ao meu lado, Dan Dalton, presidente da organização os Amigos da Vida, que tem se oposto tão veementemente ao discurso da Sra. Day. Sr. Dalton, o senhor concordaria com a minha avaliação?

— De que há muita ansiedade e determinação no ar? — Dalton perguntou. A Ralph, seu sorriso pareceu ao mesmo tempo nervoso e arrogante.

— É, acho que poderia descrevê-la assim. *Estamos* preocupados porque Susan Day, uma das maiores criminosas à solta no país, conseguirá confundir a questão

central aqui em Derry: a matança diária de doze a quatorze fetos desamparados.

— Mas, Sr. Dalton. .

— E — Dalton interrompeu-o — estamos *decididos* a mostrar à nação que nos observa que não pretendemos ser bons nazistas, e que nem todos as pessoas se deixam intimidar pela religião e pelo que é politicamente correto — o temível pe-cê.

— Sr. Dalton. .

— Também estamos decididos a mostrar à nação que nos observa que ainda há pessoas capazes de se levantar em defesa de suas crenças, e de corresponder à sagrada responsabilidade que o bom Deus nos. .

— Sr. Dalton, os Amigos da Vida estão planejando algum tipo de protesto violento aqui?

A pergunta o fez calar-se por um momento e pelo menos temporariamente drenou toda a vitalidade enlatada de seu rosto. Com isso, Ralph vislumbrou uma coisa desanimadora: sob aquele rompante, Dalton estava morto de medo.

— Violência? — disse finalmente. Pronunciou a palavra com cuidado, como se, do contrário, pudesse causar um corte feio em sua boca. — Deus dos céus, não. Os Amigos da Vida rejeitam a idéia de que dois erros possam produzir um acerto. Pretendemos montar uma manifestação maciça, estão vindo se juntar à nossa luta os defensores da vida de Augusta, Portland, Portsmouth e até de Boston, mas não haverá violência.

— E o Ed Deepneau? O senhor pode falar em nome dele?

Os lábios de Dalton, já finos a ponto de parecerem uma costura, agora quase desapareceram de todo.

— O Sr. Deepneau não está mais ligado aos Amigos da Vida — respondeu. Ralph pensou ter percebido medo e indignação no tom de Dalton.

— Nem tampouco Frank Felton, Sandra McKay ou Charles Pickering, caso pretenda perguntar.

O olhar de John Kirkland para a câmera foi breve, mas significativo.

Dizia que achava Dan Danton completamente pirado.

— O senhor está me dizendo que Ed Deepneau e esses outros indivíduos, me desculpe, não sei quem são, formaram um grupo antiaborto isola-do? Uma espécie de dissidência?

— Nós não somos antiaborto, somos *pró-vida!* — Dalton exclamou. —

Há uma grande diferença, mas parece que vocês, repórteres, não conseguem distinguir!

— Então o senhor não sabe onde anda Ed Deepneau, nem o que poderia estar planejando, se estiver planejando alguma coisa?

— Não sei, nem me interessa onde ele está, e não quero saber de sua..

dissidência, tampouco.

Mas você está com medo, Ralph pensou. *E se um sacana dono da verdade como você está com medo, então eu acho que estou aterrorizado.*

Dalton se afastou. Kirkland aparentemente decidiu que ainda não o espremera de todo, saiu atrás dele, sacudindo o fio do microfone para soltá-lo.

— Mas não é verdade, Sr. Dalton, que enquanto esteve associado aos Amigos da Vida, Ed Deepneau instigou *várias* manifestações com objetivos violentos, inclusive a do mês passado em que atiraram bonecas cheias de sangue..

— Vocês são todos iguais, não é mesmo? — Dan Dalton exclamou.

— Vou rezar por você, meu amigo. — E afastou-se com altivez.

Kirkland acompanhou-o com o olhar por um momento, intrigado, então voltou-se para a câmera.

— Tentamos encontrar a presidente da organização oposta a do Sr.

Dalton, Gretchen Tillbury, que assumiu a tarefa de coordenar o evento para a WomanCare, mas ela não pôde nos conceder entrevista. Ouvimos dizer que se encontra em High Ridge, um abrigo e casa de passagem para mulheres ligadas à WomanCare. Presumivelmente, ela e suas companheiras estão cuidando dos detalhes finais da programação do comício e discurso desta noite no centro cívico, na esperança de que seja seguro e sem violência.

Ralph olhou para Lois.

— Tudo bem, pelo menos agora sabemos aonde estamos indo.

A imagem voltou à Lisette Benson no estúdio.

— John, há realmente indícios de possíveis manifestações de violência no centro cívico?

E mais uma vez a Kirkland, que retomara sua posição original diante dos carros de polícia. Segurava um pequeno retângulo branco com alguma coisa impressa diante da gravata.

— Bem, o pessoal da segurança que se encontra de serviço aqui recolheu centenas dessas fichas espalhadas pelo jardim da entrada hoje, quando o dia amanheceu. Um dos guardas afirma que viu o veículo de onde foram atiradas. Diz que foi um Cadillac do fim da década de sessenta, marrom ou preto. Ele não conseguiu anotar o número da placa, mas diz que havia um adesivo no pára-choque traseiro com os dizeres ABORTO NÃO É OP-

ÇÃO, É CRIME.

De volta ao estúdio, onde Lisette Benson observava com grande interesse.

— Que está escrito nesses cartões, John?

Novamente Kirkland.

— Acho que teríamos de responder que é uma espécie de charada. —

Ele baixou os olhos para o cartão e leu: — ―Se você tem um révolver carregado com duas balas apenas e se encontra em uma sala com Hitler, Stalin e alguém pró-aborto, que é que você faz?‖ — Kirkland ergueu os olhos para a câmera e continuou. — A resposta impressa no verso, Lisette, é a seguinte:

―Atire no pró-aborto duas vezes.‖

— John Kirkland, ao vivo, do centro cívico de Derry.

3

— ESTOU MORRENDO DE FOME. — Lois comentou enquanto

Ralph manobrava atentamente o Oldsmobile por uma série de rampas de garagem que deveria libertá-los. . isto é, se Ralph não perdesse nenhuma das setas de saída. — Se é exagero, não é muito.

— Eu também — retrucou Ralph. — E considerando que não comemos nada desde terça-feira, acho que já era de se esperar. Vamos nos sentar e tomar um bom café da manhã a caminho de High Ridge.

— Teremos tempo?

— *Arranjaremos*. Afinal de contas, um exército luta com a barriga.

— Imagino que sim, embora não me sinta nada militarizada. Você sabe onde..

— Fique quieta um segundo, Lois.

Ele parou abruptamente o Oldsmobile, e apurou os ouvi-dos. Ouviu um *deque* repetitivo sob o capô que não lhe agradou muito. Claro que as paredes de concreto de locais como esse tendiam a ampliar os sons, porém..

— Ralph? — ela perguntou nervosa — Não vai me dizer que tem alguma coisa errada com o carro? Por favor, não me diga isso, está bem?

— Acho que o carro está ótimo — respondeu, recomeçando a se deslocar lentamente em direção à luz. — É que perdi a intimidade com a velha Nellie desde que Carol morreu. Esqueci o tipo de sons que costuma fazer.

Você ia me perguntando uma coisa, não ia?

— Se você sabe onde fica o abrigo. High Ridge.

Ralph balançou a cabeça.

— Em algum ponto na divisa com Newport é só o que sei. Acho que não informam a homens onde fica. Estava na esperança de que você talvez soubesse.

Lois sacudiu a cabeça.

— Nunca precisei usar um lugar desses, graças a Deus. Teremos que ligar para ela. A tal Tillbury. Você a conheceu em companhia de Helen, portanto pode falar. Ela vai lhe escutar.

Lois lançou a Ralph um breve olhar, que lhe aqueceu o coração: *Qualquer pessoa com algum bom senso o escutaria, Ralph — dizia, mas ele sacudiu a cabeça.*

— Aposto que as únicas ligações a que ela está atendendo hoje são as que vêm do centro cívico ou do lugar onde Susan Day estiver. — Deu uma espiada em Lois. — Sabe, aquela mulher tem muito peito para vir aqui. Ou então é burra

demais.

— Provavelmente um pouco de cada. Se Gretchen Tillbury não estiver atendendo, como vai falar com ela?

— Bem, vou lhe dizer. Fui vendedor durante um longo período da minha vida real, como diria Faye Chapin, e aposto como ainda consigo ser criativo quando é preciso. — Ele pensou na mulher do guichê de informa-

ções de aura laranja e sorriu. — Persuasivo, também, acho.

— Ralph? — Sua voz era fraca.

— Que foi, Lois?

— Isto me parece vida real.

Ralph afagou sua mão.

— Sei o que quer dizer.

4

UM ROSTO conhecido e magricela espiou para fora da cabine de pagamento da garagem do hospital; um sorriso conhecido — um sorriso do qual no mínimo meia dúzia de dentes tinham desertado — iluminou a cabine.

— Eiii, Ralph, é você? Diabos se não é! Beleza! Beleza!

— Trigger? — Ralph perguntou lentamente. — Trigger Vachon?

— Em pessoa! — Trigger afastou os cabelos castanhos e lisos dos olhos, para poder dar uma boa olhada em Lois. — E quem é essa flor aí?

Conheço ela de algum lugar, diabos se não conheço!

— Lois Chasse — informou Ralph, puxando o ticket do estacionamento que imprensara sobre o protetor de sol. — Vai ver você conheceu o marido dela, Paul..

— Se conheci! — Trigger exclamou. — Fomos guerreiros de fim de semana, em setenta, talvez setenta e um! A gente fechou a Nan's Tavern mais de uma vez! Puxa vida! E como vai indo o Paul, madame?

— O Sr. Chasse faleceu há pouco mais de dois anos — respondeu Lois.

— Diabos! Sinto muito. Era um campeão, o Paul Chasse. Campeão em tudo. Todos gostavam dele. — Trigger pareceu tão aflito quanto se tivesse sabido que o falecimento ocorrera naquela manhã.

— Muito obrigada, Sr. Vachon. — Lois consultou o relógio e ergueu os olhos para Ralph. Seu estômago roncava, acrescentando um ponto final à argumentação.

Ralph entregou o ticket pela janela aberta do carro e, quando Trigger o recebeu, repentinamente se deu conta de que o carimbo indicaria que ele e Lois estavam ali desde terça-feira à noite. Quase sessenta horas.

— Que aconteceu com a tinturaria, Trig? — perguntou depressa.

— Ahhh, eles me despediram — respondeu Trigger. — Não contei pra você? Despediram quase todo o mundo. No começo, fiquei pra morrer, mas aí arranjei esse outro aqui em abril, e.. é isso! E acho que estou gostando muito mais. Tenho uma televisãozinha pra ver quando o movimento está fraco, e não tem ninguém buzinando para mim se eu não arrancar no segundo em que o sinal abre, nem me cortando lá na Extensão da Harris. Todo o mundo correndo para chegar em outro lugar, é o que é, só não sei pra quê. E vou dizer mais uma coisa, Ralph, aquele furgão era mais frio que peito de bruxa no inverno. Desculpe, madame.

Lois não respondeu. Parecia estar estudando as costas das mãos com grande interesse. Enquanto isso, Ralph observou com alívio que Trigger amassou o ticket e atirou-o no lixo, sem sequer verificar o carimbo de hora e data. Comprimiu um dos botões da caixa registradora, e apareceram três zeros na tela da cabine.

— Puxa, Trigger, não precisava se incomodar — Ralph agradeceu.

— Eiii, não foi nada — e num gesto grandioso, apertou outro botão.

Este ergueu a barreira diante da cabine. — Foi bom ver você. Ah, você lembra aquele dia lá no aeroporto? Puts! O tempo fechou pra valer e aqueles dois caras quase se atracaram. Depois choveu à beça. Caiu um pouco de granizo, também. Você estava a pé e lhe dei uma carona até em casa. Desde aquele dia, só vi você umas duas vezes. — Observou Ralph com mais aten-

ção. — Você está com uma cara muito melhor agora, Ralph Acredite. Diabos, você não parece ter mais de cinqüenta e cinco anos. Beleza!

Ao lado de Ralph, o estômago de Lois roncou outra vez, mais alto. Ela continuou

a examinar as costas das mãos.

— Mas me sinto bem mais velho — retorquiu Ralph. — Olha Trig, foi ótimo ver você, mas tenho que..

— Diabos — Trigger disse, e seus olhos pareceram distantes. — Tinha uma coisa pra dizer, Ralph. Pelo menos *acho* que tinha. Sobre aquele dia.

Puts, estou ficando velho e burro!

Ralph esperou mais um pouco, pairando constrangido entre a impaci-

ência e a curiosidade.

— Bem, não se aflija, Trig. Já faz muito tempo.

— Que *diabo. .?* — Trigger se perguntou. Olhou para o teto da cabine apertada, como se a resposta pudesse estar escrita ali.

— Ralph, precisamos ir — falou Lois. — E não é só pela vontade de tomar café.

— Vamos. Você tem razão. — Pôs o Oldsmobile novamente em movimento, embora lentamente. — Se você se lembrar, Trig, me ligue. O telefone está na lista. Gostei muito de ver você.

Trigger Vachon não lhe deu atenção; na realidade, nem parecia mais consciente da presença de Ralph.

— Foi uma coisa que *vimos*? — perguntou ao teto. — Ou alguma coisa que *fizemos*? Puts!

Ele continuava a olhar para cima e a coçar os cabelinhos crespos da nuca quando Ralph virou à esquerda e, com um aceno final, saiu na rua do hospital, dirigindo-se para o prédio baixo de tijolos à vista onde funcionava a WomanCare.

5

AGORA que o sol estava totalmente de fora, havia apenas um segurança, e nenhum manifestante. Essa ausência fez Ralph se lembrar de todos os épicos passados nas selvas que vira quando rapaz, principalmente a parte em que os tambores nativos paravam de rufar e o herói — Jon Hall ou Frank Buck — se virava para o chefe dos carregadores e dizia que não estava gostando daquele silêncio profundo. O segurança tirou uma prancheta de debaixo do braço, apertou os olhos para olhar o Olds de Ralph e anotou alguma coisa — o número da placa,

supôs Ralph. Então veio andando em sua direção, pelo caminho coberto de folhas.

A esta hora da manhã, Ralph pôde escolher uma das vagas de dez minutos defronte ao prédio. Estacionou, desembarcou e deu a volta para abrir a porta de Lois, conforme fora treinado a fazer.

— Como é que vamos agir? — ela perguntou quando Ralph segurou sua mão para ajudá-la a descer.

— Provavelmente teremos de bancar os simpáticos, mas não vamos exagerar. Certo?

— Certo. — Ela deu uns tapinhas nervosos pela frente do casaco ao atravessarem a rua e se abriu num sorriso de um megawatt para o segurança.

— Bom-dia, seu guarda.

— Bom-dia. — Ele deu uma olhada no relógio. — Acho que ainda não tem ninguém aí dentro a não ser a recepcionista e a faxineira.

— É com a recepcionista que queremos falar — disse Lois animada.

Isto era novidade para Ralph. — Barbie Richards. A tia Simone mandou um recado para ela passar adiante. Muito importante. Diga a ela que é a Lois Chasse.

O segurança pensou um pouco, até que acenou com a cabeça em direção à porta.

— Não vai ser preciso. Pode entrar direto, madame.

— Não vamos demorar nem dois segundos, certo, Norton? — disse, sorrindo mais radiosa que nunca.

— Dois segundos e meio, mais provavelmente — concordou Ralph.

Quando se aproximavam do prédio, deixando o segurança para trás, ele se curvou para Lois e murmurou: — Norton? Meu Deus, Lois, *Norton?*

— Foi o primeiro nome que me veio à cabeça. Acho que estava pensando em *The Honeymooners,* Ralph e Norton, lembra?

— Lembro. Um dia desses, Alice.. bum! Direto para a lua!

Duas das três portas estavam trancadas, mas a da ponta esquerda abriu e eles entraram. Ralph apertou a mão de Lois e sentiu um aperto em resposta. Na mesma hora, sentiu uma forte concentração, como se sua força de vontade e consciência se reduzissem e intensificassem. Em torno dele, os olhos do mundo pareceram primeiro piscar e depois se arregalar. Em torno dos dois.

A área de recepção era quase ostensivamente simples. Os cartazes nas paredes eram, na maioria, do tipo que as agências de turismo estrangeiras enviavam pelo preço da postagem. A única exceção encontrava-se à direita da mesa da recepcionista: uma enorme foto em preto e branco de uma jovem vestindo uma bata de grávida. Achava-se sentada em um banquinho de bar com um cálice de martíni na mão, QUANDO VOCÊ ESTÁ GRÁVIDA, VOCÊ NUNCA BEBE SOZINHA, dizia a legenda. Não havia indica-

ção de que em um quarto, ou quartos, atrás deste espaço comercial agradável e inexpressivo, faziam-se abortos a pedido.

Bem, pensou Ralph, *que é que você esperava? Um anúncio? Um cartaz com fetos abortados num balde de lixo galvanizado entre os cartazes da ilha de Capri e dos alpes italianos? Cai na real, Ralph.*

A esquerda, uma mulher corpulenta, entre os quarenta e tantos e os cinqüenta e poucos anos, lavava o tampo de vidro da mesinha de centro; havia um carrinho cheio de material de limpeza a seu lado. Estava imersa numa aura azul-escura em que doentias pintas pretas esvoaçavam como um enxame de estranhos insetos na altura do coração e dos pulmões, e espiava os recém-chegados com indisfarçável desconfiança.

Bem à frente, outra mulher os observava atentamente, embora sem a desconfiança da encarregada da limpeza. Ralph reconheceu-a do telejornal no dia do incidente com as bonecas cheias de sangue. A sobrinha de Simone Castonguay tinha cabelos escuros, uns trinta e cinco anos, e era quase bonita mesmo de manhãzinha. Sentava-se a uma austera mesa de metal cinza que complementava perfeitamente sua aparência, imersa numa aura verde-floresta que parecia muito mais saudável do que a da faxineira. Um vaso de vidro lapidado, cheio de flores de outono, enfeitava um canto da mesa.

Ela sorriu, hesitante, para eles, sem demonstrar reconhecer Lois, então sacudiu um dedo para o relógio na parede.

— Só abrimos às oito — informou — e acho que, de qualquer maneira, não poderíamos atendê-los hoje. Os médicos estão todos de folga, quero dizer, a Dra. Hamilton está dando cobertura técnica, mas não tenho nem certeza se poderia

chamá-la. Há muita coisa acontecendo, é um grande dia para nós.

— Eu sei — respondeu Lois, e deu outro aperto na mão de Ralph antes de soltá-la. Ele ouviu mentalmente sua voz, muito fraca, por um instante

— como uma ligação interurbana ruim — mas audível.

[— *Fique onde está, Ralph. Ela está ar..*]

Lois enviou-lhe uma imagem ainda mais fraca do que o pensamento, que desapareceu praticamente na hora em que Ralph a vislumbrou. Este tipo de comunicação era muito mais fácil nos níveis superiores, mas o que percebeu foi o suficiente. A mão que Barbara Richards apontara para o relógio agora descansava descontraída sobre a mesa, mas a outra estava sob o móvel, onde havia um botãozinho branco a um lado da abertura para os joelhos. Se um deles fizesse um gesto minimamente estranho, ela apertaria o botão, chamando, primeiro, seu amigo postado lá fora com a prancheta, e, em seguida, a maioria dos seguranças particulares em Derry.

E sou eu que ela está observando com maior atenção, porque sou homem, pensou Ralph.

Quando Lois se aproximou da mesa de recepção, Ralph teve um pensamento inquietante, dada a atmosfera atual em Derry, aquele tipo de dis-criminação sexual — inconsciente, mas muito real — poderia acabar ma-chucando essa mulher bonita de cabelos escuros. . e talvez até matando-a.

Lembrou-se que Leydecker lhe dissera que um dos elementos do quadro de malucos de Ed era uma mulher. *Pele macilenta, muita acne, óculos de lentes tão grossas que faziam seus olhos parecerem ovos pochés.* Sandra de tal, chamava-se. E se a Sandra de Tal se aproximasse da mesa da Sra. Richards como Lois estava fazendo agora, primeiro abrindo e depois metendo a mão dentro da bolsa, será que a mulher revestida daquela aura verde-floresta teria apertado o botão de alarme?

— Você provavelmente não se lembra de mim, Barbara — Lois ia dizendo — porque não nos vemos muito desde que você estava na faculdade e namorava o filho dos Sparkmeyers. .

— Meu Deus, Lennie Sparkmeyer, não penso nele há anos — disse Barbara Richards e deu uma risadinha inibida. — Mas me lembro de você.

Lois Delancey. A parceira de pôquer de tia Simone. Puxa, vocês ainda jogam?

— O nome é Chasse, e não Delancey, e ainda jogamos — Lois parecia encantada que Barbara se lembrasse dela e Ralph rezou que não se esquecesse do que tinham vindo fazer ali. Não precisava ter-se preocupado. —

Pois bem, Simone me pediu para mandar um recado a Gretchen Tillbury.

— Tirou um pedaço de papel da bolsa. — Será que você poderia entregar a ela?

— Duvido muito que consiga sequer falar com Gretchen pelo telefone hoje — Richards disse. — Ela está tão ocupada quanto todos nós. Até mais ocupada.

— Acredito. — Lois deu uma risadinha surpreendentemente autêntica.

— Mas acho que isso não é realmente urgente. Gretchen tem uma sobrinha que recebeu uma bolsa de estudos integral da Universidade de New Hamp-shire. Você já reparou que dá muito mais trabalho encontrar as pessoas quando se têm más notícias para transmitir? É estranho, não é?

— Acho que sim — respondeu Richards, estendendo a mão para o papel dobrado. — Em todo caso, terei prazer em colocar isto na. .

Lois segurou-a pelo pulso, e um lampejo de luz cinzenta — tão forte que Ralph teve de apertar os olhos para protegê-los do ofuscamento — subiu pelo braço, ombro e pescoço da mulher. Girou em torno de sua cabeça como uma breve auréola e desapareceu.

Não, não desapareceu, Ralph pensou. *Submergiu.*

— Que foi isso? — a faxineira perguntou desconfiada? — Que tiro foi esse?

— O cano de descarga de um carro — falou Ralph. — Só isso.

— Hum — murmurou a mulher. — Pô, os homens sempre acham que sabem tudo. Você ouviu isso, Barbie?

— Ouvi — confirmou Richards. Pareceu perfeitamente normal a Ralph, e ele sabia que a faxineira não poderia ver a névoa cinza-pérola que agora lhe toldava os olhos. — Acho que ele tem razão, mas quer verificar com o Peter lá fora? Cuidado nunca é demais.

— Pô, falou — disse a faxineira. A mulher descansou a garrafa de limpa-vidros no chão, cruzou o saguão até a entrada (lançando a Ralph um olhar azedo final que dizia *Você está velho, pô, mas aposto que ainda têm um pênis aí embaixo*), e saiu.

Assim que ela se foi, Lois se debruçou por cima da mesa.

— Barbara, meu amigo e eu temos de falar com a Gretchen agora de manhã. Cara a cara.

— Ela não está aqui. Está em High Ridge.

— Me diz como é que se chega lá.

O olhar de Richards vagou até Ralph. Ele achou suas órbitas cinzentas e sem pupilas profundamente perturbadoras. Era como ver uma escultura clássica que, por alguma razão, tivesse ganhado vida. E sua aura verde-escura também empalidecera consideravelmente.

Não, pensou. *Apenas foi temporariamente sobreposta pelo cinza de Lois.*

Lois deu uma rápida espiada em volta, acompanhando o olhar de Barbara Richards para Ralph, e então tornou a Barbara.

— É, ele é homem, mas desta vez não tem problema. Prometo. Nenhum de nós dois pretende fazer mal a Gretchen Tillbury ou a qualquer outra mulher em High Ridge, mas precisamos falar com ela, *por isso, nos diga como chegar lá.* — Ela tocou a mão de Richards de novo, e outro relâmpago cinza subiu pelo braço da moça.

— Não vá machucá-la — alertou Ralph.

— Não vou, mas ela vai falar. — Lois se curvou mais para perto de Richards. — Onde fica? Vamos, Barbara.

— Você pega a estrada 33 saindo de Derry — ela explicou. — A estrada velha para Newport. Uns dezesseis quilômetros depois, você vai ver um casarão vermelho de fazenda, à esquerda. Há dois galpões atrás da casa.

Você toma a primeira estrada à esquerda e depois. .

A faxineira voltou.

— Peter não ouviu.. — Ela parou bruscamente, talvez porque não gostasse do jeito com que Lois se debruçava sobre a mesa da amiga, talvez porque não gostasse do olhar vago da amiga.

— Barbara? Você está b. .?

— Fique quieta — Ralph disse em tom baixo e simpático. — Elas estão conversando. — E segurou o braço da faxineira logo acima do cotovelo, sentindo uma palpitação energética breve, mas forte. Por um momento, todas as cores do mundo ficaram mais luminosas. O nome da faxineira era Rachel Anderson. Fora casada uma vez com um homem que lhe batia com brutalidade e freqüência, até desaparecer há oito anos atrás. Agora ela tinha um cachorro e as amigas da WomanCare e lhe bastavam.

— Ah, é claro — Rachel Anderson disse numa voz pensativa e sonhadora. — Elas estão conversando e Peter disse que está tudo bem, por isso, acho que é melhor ficar calada.

— Que boa idéia — exclamou Ralph, ainda segurando seu braço de leve.

Lois deu uma espiada rápida para confirmar se Ralph tinha a situação sob controle e voltou sua atenção para Barbara Richards.

— Vire à esquerda depois do casarão vermelho de fazenda com os dois galpões. Tudo bem, isso entendi. E depois?

— Você vai entrar numa estrada de terra que sobe uma longa encosta, mais ou menos uns dois quilômetros e meio, e termina numa casa branca de fazenda. É High Ridge. Tem a vista mais linda. .

— Acredito — disse Lois. — Barbara foi ótimo reencontrar você. Agora meu amigo e eu. .

— Foi ótimo ver você, também, Lois — Richards disse num tom distante e desinteressado.

— Agora meu amigo e eu vamos embora. Está tudo bem.

— Que bom.

— Você não precisa lembrar nada disso — falou Lois.

— Claro que não.

Lois começou a se virar, então voltou e recolheu o pedaço de papel que tirara da bolsa. Caíra na mesa quando Lois agarrara o pulso da moça.

— Por que você não retoma o seu serviço, Rachel? — Ralph perguntou à faxineira. E foi soltando seu braço devagarinho, pronto para tornar a segurá-lo se ela desse sinal de precisar de um reforço.

— É, é melhor eu retomar meu serviço — ela repetiu, parecendo mais simpática. — Quero terminar aqui até o meio-dia para poder ir a High Ridge ajudar a fazer os cartazes.

Lois juntou-se a Ralph enquanto Rachel Anderson voltava para o seu carrinho de materiais de limpeza. Lois parecia ao mesmo tempo admirada e ligeiramente trêmula.

— Elas vão ficar bem, não vão, Ralph?

— Vão, tenho certeza que vão. E *você,* está bem? Não vai desmaiar nem nada do gênero?

— Estou bem. Você guardou as instruções?

— Claro, ela estava descrevendo o lugar onde ficavam os pomares Barrett. Carolyn e eu costumávamos ir lá todo outono para apanhar maçãs e comprar cidra até que eles venderam o lugar no início da década de oitenta.

E pensar que agora aquilo é o High Ridge.

— Deixe o assombro para depois, Ralph, *estou* realmente morrendo de fome.

— Está bem. Por falar nisso, que havia no bilhete? O bilhete da sobrinha com bolsa integral na UNH?

Eia deu um sorrisinho e lhe entregou o bilhete. Era a sua conta de luz do mês de setembro.

6

— CONSEGUIRAM DEIXAR O RECADO? — perguntou o segu-

rança quando eles saíram e começaram a descer pela calçadinha.

— Conseguimos, obrigada — Lois tornou a lampejar o sorriso de um megawatt. Não parou, porém, e sua mão apertava a de Ralph com muita força. Ele sabia como ela estava se sentindo; e não fazia a menor idéia de quanto tempo as sugestões que tinham dado às duas mulheres durariam.

— Que bom! — retrucou o guarda, acompanhando-os até o fim do caminho. — Vai ser um dia muito, muito esticado. Vou ficar feliz quando terminar. Sabe quantos seguranças vamos ter aqui do meio-dia à meia-noite?

Doze. E isso é só *aqui.* Vão ter mais de quarenta no centro cívico, além dos tiras locais.

E não vai adiantar nada, pensou Ralph.

— E para quê? Para uma loura decidida a deitar falação. — E olhou para Lois como se esperasse que o acusasse de ser um porco chauvinista, mas Lois apenas renovou seu sorriso.

— Espero que tudo corra bem para o senhor, seu guarda — disse Ralph, e conduziu Lois ao carro estacionado do outro lado da rua. Deu partida e penosamente fez um balão na entrada da WomanCare, esperando que Barbara Richards, Rachel Anderson, ou as duas saíssem correndo pela porta da rua, de olhos arregalados e os dedos em riste. Finalmente conseguiu apontar o Oldsmobile na direção certa e deixou escapar um longo suspiro de alívio. Lois virou-se para ele, acenando com a cabeça compreensiva-mente.

— Pensei que eu é que era o vendedor — disse Ralph — mas olha, *nunca* vi um papo de vendas igual ao seu.

Lois sorriu dengosa e cruzou as mãos no colo.

Aproximavam-se da garage do hospital quando Trigger saiu correndo da cabine, acenando com os braços. O primeiro pensamento de Ralph foi que afinal não conseguiriam dar o fora sem confusão — o segurança com a prancheta teria percebido alguma coisa suspeita e telefonado ou passado um rádio para Trigger parar o carro. Então viu sua expressão — ofegante mas feliz — e o que Trigger segurava na mão direita. Era uma carteira preta muito velha e muito surrada. Ela se abria e fechava como uma boca sem dentes a cada aceno do braço de Trig.

— Não se preocupe — disse Ralph reduzindo a marcha do Oldsmobile. — Não sei o que ele quer, mas tenho certeza de que não há nenhum problema. Pelo menos por enquanto.

— Não me interessa o que ele *quer. Eu* só quero dar o fora daqui e comer alguma coisa. Se ele começar a lhe mostrar fotos de pescarias, Ralph, eu mesma vou meter o pé no acelerador.

— Amém — disse Ralph, sabendo perfeitamente que não era em fotos de pescaria que Trigger Vachon estava pensando. Não via com muita clareza o que seria, mas de uma coisa estava certo: nada acontecia por acaso.

Não mais. Era o Desígnio em ritmo de vingança. Parou ao lado de Trigger e

apertou o botão para baixar a janela. Ela desceu com um rangido de má vontade.

— Eiii, Ralph! — Trigger exclamou. — Achei que não ia conseguir alcançar você!

— Que foi Trig? Estamos meio com pressa. .

— Sei, sei, isso só vai levar um segundo. Está mesmo aqui na minha carteira, Ralph. Cara, guardo todos os meus papéis aqui e nunca perco um.

Ele abriu as mandíbulas frouxas da velha carteira, deixando à mostra algumas notas amassadas, uma sanfona de fotos (e não é que Ralph vislumbrou uma foto de Trigger erguendo uma enorme pesca), e o que lhe pareceram, no mínimo, quarenta cartões de visita, na maioria vincados e moles de velhos. Trigger começou a repassá-los com a velocidade de um caixa de banco veterano contando dinheiro.

— Nunca jogo essas coisas fora — Trigger comentou. — São ótimos para tomar notas, melhor do que caderninho, e de graça. Me dá um segundo. . só um segundo, ora droga, onde foi que você se meteu?

Lois lançou a Ralph um olhar impaciente e preocupado e apontou para a estrada. Ralph fingiu não ver o olhar nem o gesto. Começara a sentir um estranho formigamento no peito. Mentalmente viu-se estendendo o dedo indicador e desenhar uma coisa no vapor que embaçara o pára-brisas do furgão de Trigger em conseqüência da tempestade de verão, há quinze meses — chuva fria em um dia quente.

— Ralph, você lembra do cachecol que Deepneau estava usando naquele dia? Branco, com uns desenhos vermelhos?

— Lembro — disse Ralph. *Chupão,* Ed xingara o grandalhão. *Fodeu a mãe e ainda lambeu a buceta dela.* E lembrava-se do cachecol também.. claro que sim. Mas a coisa vermelha não era uma mancha nem uma padronagem sem sentido; era um ideograma ou vários. O repentino frio no fundo do estômago informou a Ralph que Trigger podia parar de repassar aqueles cartões de visita. Ele sabia do que se tratava. Sabia.

— Você esteve na guerra, Ralph? — Trigger perguntou. — Na grande? A de número dois?

— De certa maneira, sim — Ralph respondeu. — Lutei a maior parte do tempo no Texas. Fui para o exterior no começo de 45, mas fiquei no escalão de

retaguarda a guerra toda.

Trigger concordou.

— Você está falando da Europa. Não teve escalão de retaguarda no Pacífico, não no fim.

— Inglaterra — disse Ralph. — Depois Alemanha.

Trigger continuava a acenar com a cabeça, satisfeito.

— Se você tivesse estado no Pacífico, saberia que aquela coisa no cachecol não era chinês.

— Era *japonês,* não era? Não era, Trig?

Trigger concordou. Em uma das mãos, segurava um cartão de visita que puxara do maço. No verso, Ralph viu um esboço tosco do símbolo duplo que havia no cachecol de Ed, o símbolo duplo que ele desenhara no vapor do pára-brisas.

— De que é que vocês estão falando? — Lois perguntou, não parecia impaciente mas simplesmente apavorada.

— Devia ter imaginado — Ralph se ouviu dizendo numa voz fraca e horrorizada. — Devia ter imaginado mesmo.

— Imaginado o *quê?* — Ela o agarrou pelo ombro e o sacudiu. — Imaginado o *quê?*

Ele não respondeu. Sentindo-se como se sonhasse, estendeu a mão e apanhou o cartão. Trigger Vachon parara de sorrir, e seus olhos escuros estudaram o rosto de Ralph gravemente.

— Copiei o desenho antes que o vapor escorresse pelo pára-brisa —

Trigger falou — porque sabia que já tinha visto isso antes, e quando cheguei em casa naquela noite, descobri onde. Meu irmão mais velho, Marcel, lutou o último ano de guerra no *Pacífico.* Uma das coisas que trouxe de lembrança foi um cachecol com um desenho igualzinho, naquele mesmo vermelho.

Perguntei a ele, só para ter certeza, e ele reproduziu o desenho neste cartão.

— Trigger apontou para o cartão que Ralph segurava entre os dedos. —

Queria dizer isso a você assim que o encontrasse de novo, mas me esqueci até hoje. Fiquei contente de ter finalmente me lembrado, mas olhando para você, acho que teria sido melhor que continuasse esquecido.

— Não, está tudo bem.

Lois tirou o cartão da mão dele.

— Que é isso? Que significa?

— Conto depois. — Ralph procurou a alavanca de marchas. Sentia o coração como uma pedra no peito. Lois olhava para os simbolos no verso do cartão, virando o lado impresso para Ralph. E.H. FOSTER, WELLS & DRY-WALLS, lia-se. Abaixo, o irmão mais velho de Trigger escrevera uma única palavra em letras de imprensa.

Kamikaze.

PARTE III

O REI SANGÜINÁRIO

Somos veteranos

Cada um de nós segura uma navalha fechada.

Robert Lowell

Walking in the Blue

CAPÍTULO 20

1

HOUVE apenas uma troca de palavras entre os dois enquanto o Oldsmobile subia a rua do hospital, e foi breve.

— Ralph?

Ele desviou a atenção para ela mas voltou-a rapidamente para o trânsito. O cleque sob o capô recomeçara, mas Lois ainda não dissera nada. Ele torceu para que ela não o fizesse agora.

— Acho que sei onde ele está. Ed, quero dizer. Já tinha certeza mesmo lá no telhado, quando reconheci aquele prédio velho e mal cuidado que eles nos mostraram.

— Que prédio? Onde?

— É uma garagem de aviões. Como é mesmo que se diz? Um hangar.

— Ah meu Deus — exclamou Ralph. — A Coastal Air, na estrada do Bar Harbor?

Lois confirmou com a cabeça.

— Eles têm vôos charter, *tours* em hidroaviões, coisas desse gênero.

Um sábado em que saímos para dar um passeio, o Sr. Chasse entrou e perguntou ao homem que trabalhava lá quanto cobraria para nos levar num vôo sobre as ilhas. O homem disse que seriam quarenta dólares, o que era muito mais do que podíamos dispor para um passeio de fim de semana e, com certeza, se fosse verão o homem teria se mantido irredutível, mas era abril, e o Sr. Chasse

conseguiu pechinchar e fechar por vinte dólares. Achei que ainda era muito para um passeio que não durava nem uma hora, mas fiquei contente de ter ido. Tive medo, mas foi lindo.

— Como as auras — comentou Ralph.

— É, como. . — Sua voz fraquejou. Ralph olhou e viu as lágrimas escorrendo lentamente pelo seu rosto redondo — como as auras.

— Não chore, Lois.

Ela procurou um lenço de papel na bolsa e enxugou os olhos.

— Não consigo me conter. Aquela palavra em japonês no cartão significa kamikaze, não é, Ralph? Vento divino. — E fez uma pausa, com os lábios trêmulos. — Piloto suicida.

Ralph confirmou. Apertava o volante com muita força.

— É. É isso que quer dizer. Piloto suicida.

2

A ESTRADA 33 — conhecida na cidade como avenida Newport —passava a quatro quarteirões da Avenida Harris, mas Ralph não tinha nenhuma intenção de quebrar seu longo jejum no lado oeste de Derry. A razão era tão simples quanto irretorquível: ele e Lois não podiam se dar o luxo de serem vistos por nenhum velho amigo, parecendo quinze ou vinte anos mais novos do que na segunda-feira anterior.

Será que um desses velhos amigos já teria comunicado o desaparecimento deles à polícia? Ralph sabia que era possível, mas achava que havia uma razoável esperança de não terem despertado muito interesse e preocupação, pelo menos em seu círculo de amigos; Faye e o resto do pessoal que fazia ponto na área de piqueniques junto à Extensão estariam muito perturbados com a passagem não de um, mas de dois velhos Coroas, para gasta-rem muito tempo imaginando onde Ralph Roberts, com aquele rabo magro, teria se metido.

Bill e Jimmy teriam sido chorados, encomendados e enterrados a essa altura, ele pensou.

— Se temos tempo para o café da manhã, Ralph, descubra um lugar bem depressinha, estou tão faminta que seria capaz de comer um cavalo com couro e

tudo!

Achavam-se a um quilômetro e meio do hospital agora — bastante longe para Ralph se sentir razoavelmente seguro — e ele viu o Derry Diner logo adiante. Ao sinalizar e entrar no estacionamento, deu-se conta de que não vinha ali desde que Carol adoecera. . no mínimo há um ano, talvez mais.

— Chegamos — anunciou a Lois. — E não vamos apenas comer, vamos comer tudo que pudermos. Talvez a gente não tenha outra oportunidade hoje.

Ela riu como uma colegial.

— Você acabou de descobrir um dos meus grandes talentos, Ralph. —

Ela se torceu um pouquinho no banco do carro. — E também vou ter de gastar um centavo.

Ralph assentiu. Nem comida e nem ida ao banheiro, desde terça-feira.

Lois poderia gastar seu centavo; ele pretendia correr para o banheiro masculino e despejar alguns dólares.

— Vamos — convidou, desligando o motor e silenciando aquele *cleque* incômodo sob o capô. — Primeiro aos banheiros, depois à comilança.

A caminho da lanchonete, ela comentou (num tom que Ralph achou um tanto displicente) que não achava que Mina ou Simone tivessem comunicado seu desaparecimento, pelo menos não até aquele momento. Quando Ralph virou a cabeça para lhe perguntar o porquê, riu-se admirado de ver que ela se ruborizara.

— As duas sabem que tenho uma queda por você há anos.

— Você está brincando?

— Claro que não — retrucou, parecendo um pouquinho desapontada.

— E Carolyn também sabia. Algumas mulheres teriam se importado, mas ela compreendia que era uma atração inofensiva.

Que *eu* era inofensiva. Ela era um amor, Ralph.

— Era mesmo.

— Em todo caso, elas provavelmente vão supor que nós. . sabe..

— Tiramos umas feriazinhas à francesa?

Lois riu-se.

— É por aí.

— Você *gostaria* de tirar umas feriazinhas à francesa, Lois?

Ela ficou nas pontas dos pés e deu uma mordidinha na orelha dele.

— Se escaparmos dessa com vida, é só me convidar.

Ele beijou-a no canto da boca antes de empurrar a porta do Derry Diner.

— Pode contar com o meu convite, senhora.

Seguiram em direção aos banheiros e, quando tornaram a se juntar, Lois tinha um ar pensativo e um pouco abalado.

— Não posso acreditar que seja eu — disse em voz baixa. — Quero dizer, devo ter passado pelo menos dois minutos de olhos arregalados diante do espelho, e continuo sem acreditar. Os pés-de-galinha em torno dos meus olhos desapareceram, e Ralph. . meus *cabelos*. . — Os olhos ibéricos de Lois se ergueram para ele, cintilando de assombro. — E *você!* Nossa, duvido que você tivesse uma aparência tão boa aos quarenta anos.

— Não tinha, mas você devia ter-me visto aos trinta. Eu era um *animal.*

Ela reprimiu o riso.

— Vamos, seu bobo, vamos nos sentar e estraçalhar umas calorias.

3

— LOIS?

Ela ergueu os olhos do menu que fisgara de uma coleçãozinha arqui-vada entre o saleiro e o pimenteiro.

— Quando eu estava no banheiro, tentei fazer as auras aparecerem.

Não consegui.

— Para que você queria auras, Ralph?

Ele sacudiu os ombros, sem querer descrever a sensação de paranóia que o acometera quando, parado diante da pia do banheiro, lavava as mãos e espiava seu rosto estranhamente jovem no espelho salpicado de água. Subitamente lhe ocorrera que talvez não estivesse ali sozinho. E pior, que Lois talvez não estivesse sozinha no banheiro feminino ao lado. Átropos poderia estar se aproximando sorrateiramente por trás, invisível de todo, os brincos de brilhantes cintilando nos lóbulos minúsculos. . o bisturi em riste..

Então, em vez dos brincos de Lois e do panamá de McGovem, ele conjurou mentalmente a corda de pular que Átropos estava usando quando o descobrira

(*three, six, nine hon the goose drank wine*)

no terreno baldio entre a padaria e o salão de bronzeamento, a corda de pular que um dia fora o brinquedo favorito de uma garotinha que trope-

çara durante uma brincadeira de pegar, caíra pela janela do segundo andar, e morrera ao fraturar o pescoço (*que acidente terrível, a criança tinha uma vida inteira pela frente, se Deus existe por que deixa tais coisas acontecerem,* e assim por diante, para não repetir todo o blá-blá-blá).

Ele dissera a si mesmo que parasse, que as coisas já andavam bem ruins para se cultivarem fantasias macabras em que Átropos cortava o fio de balão de Lois, mas não adiantou muito. . principalmente porque ele sabia que Átropos talvez estivesse realmente ali no restaurante, e podia lhes fazer o que quisesse. Simplesmente o que quisesse.

Lois esticou o braço por cima da mesa e tocou as costas da mão de Ralph.

— Não se preocupe. As cores vão voltar. Voltam sempre.

— Suponho que sim. — Ele puxou um menu da coleção, abriu-o e deu uma olhada no que havia para o café da manhã. Sua impressão inicial era que queria uma porção de cada coisa.

— A primeira vez que você viu Ed agir como maluco, ele estava saindo do aeroporto de Derry — falou Lois. — Agora sabemos a razão. Estava tomando aulas de pilotagem, não estava?

— Claro que estava. Durante a carona que Trig me deu até a Avenida Harris, ele chegou a mencionar que é preciso ter um passe para sair por aquele portão de

serviço. Ele me perguntou se eu sabia como Ed obtivera um, e respondi que não. Devem dar passes aos alunos de pilotagem da Aviação Geral.

— Você acha que Helen sabia desse passatempo do marido? — Lois perguntou. — Provavelmente não, não é?

— Tenho certeza de que não sabia. E aposto que ele mudou para a Coastal Air logo depois que bateu no cara da West Side. Vai ver o episódio o convenceu de que estava se descontrolando, e que seria melhor transferir as aulas para mais longe de casa.

— Ou talvez tenha sido Átropos quem o convenceu — disse Lois sombriamente. — Átropos ou até alguém mais acima.

A idéia não agradou a Ralph, mas, mesmo assim, parecia correta. *Entidades,* pensou, e estremeceu. *O Rei Sanguinário.*

— Eles estão manipulando Ed como se ele fosse um fantoche, é isso?

— perguntou Lois.

— Você está se referindo a Átropos?

— Não. Átropos é um sacaninha perverso, mas sob outros aspectos acho que não é muito diferente de Cloto e Láquesis, mão-de-obra subal-

terna, talvez apenas um degrau acima do operariado sem qualificação no grande esquema do universo.

— Zeladores.

— Bem, é, talvez — Lois concordou. — Zeladores e serventes. Átropos provavelmente foi quem fez a maior parte do trabalho em Ed, e aposto um boi como adora esse tipo de trabalho, mas aposto uma boiada que recebe ordens de cima. Acha que estou mais ou menos no caminho certo?

— Acho que sim. Provavelmente nunca ficaremos sabendo até que ponto ele era antes disso tudo começar, ou quando foi que Átropos cortou o fio de balão dele, mas a coisa que me provoca mais curiosidade neste momento é bem terrena. Gostaria de saber como foi que ele conseguiu pagar a fiança de Charlie Pickering e a droga do curso de pilotagem.

Antes que Lois pudesse responder, uma garçonete aproximou-se, puxando um bloco e uma caneta esferográfica do bolso do avental.

— Posso anotar seu pedido?

— Eu queria uma omelete de queijo e cogumelos — disse Ralph.

— Hum-hum. — Ela passou o chiclete que mascava de um lado da boca para o outro. — Dois ovos ou três, querido?

— Quatro se puder ser.

Ela ergueu ligeiramente a sobrancelha e anotou no bloco.

— Por mim pode, se puder para você. Algum acompanhamento?

— Quero. Um copo grande de suco de laranja, uma porção de bacon, uma porção de salsichas, e uma porção de batatas fritas. É melhor pedir *duas* porções de batatas fritas. — Fez uma pausa, pensou e em seguida riu. —

Ah, vocês ainda têm pão doce?

— Acho que ainda temos um com queijo e outro com maçã. — Ergueu os olhos para ele. — Pelo jeito está com muita fome, querido!

— Tenho a sensação de que não como há uma semana — respondeu Ralph. — Quero o de queijo. E café para começar. Muito café puro. Anotou tudo?

— Ah, anotei, querido. Só quero ver como vai estar na hora de sair daqui. — Olhou para Lois. — E a senhora?

Lois sorriu meigamente.

— Vou querer o mesmo que ele. *Querida.*

4

RALPH olhou para o relógio de parede por cima da garçonete que se retirava. Eram apenas sete e dez, o que era bom. Poderiam chegar aos pomares Barrett em menos de meia hora e, com seus lasers mentais concentrados em Gretchen Tillbury, era possível que o discurso de Susan Day fosse cancelado — abortado, se preferirem — ainda naquela manhã, às nove horas. No entanto, ao invés de alívio, ele sentia uma ansiedade torturante e inexorável. Era como sentir um comichão num lugar que os dedos não conseguem alcançar direito.

— Muito bem — falou. — Vamos juntar o que sabemos. Acho que podemos presumir que Ed há muito tempo se preocupa com o aborto, e que,

provavelmente, participa do pró-vida há anos. Então começa a ter insônia. . ouvir vozes. .

 ...ver homenzinhos carecas. .

— Bem, um deles — Ralph concordou. — Átropos se torna seu guru, e enche sua cabeça com o Rei Sanguinário, os Centuriões, e toda essa história. Quando Ed me falou do rei Herodes. .

 ele estava *pensando* em Susan Day — concluiu Lois. — Átropos andou... como é que dizem na TV. . fazendo sua cabeça. Transformou-o num míssil teleguiado. Onde é que você acha que Ed arranjou aquele cachecol?

— Átropos — disse Ralph. — Aposto como Átropos tem uma porção de coisas do gênero.

— E que carga você acha que ele pôs no avião que vai pilotar hoje à noite? — A voz de Lois tremia. — Explosivos ou gás venenoso?

— Explosivos seriam a escolha mais provável se está realmente planejando atingir todo o mundo; um vento forte poderia criar problemas para ele caso usasse gás. — Ralph tomou um gole de água e estranhou que sua mão estivesse tão firme. — Por outro lado, não sabemos que surpresas poderá ter inventado em seu laboratório, não é mesmo?

— É — concordou Lois com uma vozinha *fraca*.

Ralph descansou o copo na mesa.

— O que ele está planejando usar não me interessa muito.

— O que lhe interessa, então?

A garçonete voltou com café fresco e só o cheiro pareceu iluminar os nervos de Ralph como néon. Ele e Lois pegaram cada um sua xícara e começaram a beber assim que a moça se afastou. O café estava forte e quente o bastante para queimar os lábios de Ralph, mas foi o paraíso. Já tomara metade do café, quando repôs a xícara no pires. Sentia um calorzinho gostoso na barriga, como se tivesse engolido brasas. Lois fitava-o séria por cima da beirada da xícara.

— O que me interessa — Ralph respondeu — somos *nós*. Você disse que Átropos transformou Ed num míssil teleguiado. E está certa; era exatamente isso que os pilotos kamikazes da segunda guerra mundial eram. Hli-tler tinha a V-2; Hiroito o seu Vento Divino. O dado que me perturba é que *Cloto e Láquesis fizeram o*

mesmo conosco. Nos cumularam de poderes especiais e nos programaram para voar até High Ridge no meu Oldsmobile para deter Susan Day. Eu só queria saber o porquê.

— Mas nós *sabemos* — ela protestou. — Se não interferirmos, Ed Deepneau vai cometer suicídio hoje à noite durante o discurso de Susan e levar com ele duas mil pessoas.

— É — concordou — e vamos fazer o possível para impedi-lo, Lois, não se preocupe. — Terminou o café e descansou a xícara outra vez. Seu estômago estava inteiramente desperto agora, e furiosamente faminto. —

Não poderia ficar parado esperando Ed matar aquela gente, da mesma forma que não poderia ficar parado esperando alguém me acertar a cabeça com uma bola. O problema é que não tivemos a chance de ler o parágrafo impresso em letrinha miúda no fim do contrato, e isto me apavora. — Hesitou um momento. — E também me deixa pau da vida.

— De que é que você está falando?

— De sermos tratados como um casal de otários. Sabemos por que vamos tentar impedir Susan Day de falar; não podemos suportar a idéia de um lunático matar duas mil pessoas inocentes. *Mas não sabemos por que eles querem que a gente faça isso*. Essa é a parte que me apavora.

— Teremos a oportunidade de salvar duas mil vidas. Você está me dizendo que isso basta para nós mas não para eles?

— É o que estou lhe dizendo. Não creio que esses caras se impressio-nem muito com números; eles apagam gente, não às dezenas e centenas de milhares mas aos milhões. E estão habituados a ver o Acaso e o Desígnio nos exterminarem em lotes.

— Catástrofes como o incêndio em Cocoanut Grove — lembrou Lois.

— Ou a inundação aqui em Derry há oito anos.

— É, mas mesmo desastres desse tipo são café pequeno quando comparados ao que pode acontecer, e acontece, todo ano no mundo. A inunda-

ção de 1985 aqui em Derry matou umas duzentas e vinte pessoas, mas na primavera passada houve uma inundação no Paquistão que matou três mil e quinhentas pessoas e o último grande terremoto na Turquia matou mais de quatro

mil. E aquele acidente com o reator nuclear na Rússia? Li em algum lugar que a estimativa modesta é de setenta mil mortos. Há muitos chapéus-panamás e cordas de pular e pares de.. óculos, Lois. — Ele se horrorizou de quase ter dito pares de brincos.

— Pare — ela pediu estremecendo.

— Também não me agrada pensar nisso, mas *temos* de pensar, ainda que seja apenas porque aqueles dois caras estavam tão ansiosos para nos impedir de fazer exatamente isso. Está entendendo aonde quero chegar?

Você precisa entender. As grandes tragédias sempre foram tarefas do Acaso; o que faz essa tão diferente?

— Não sei — respondeu Lois —, mas foi bastante importante para nos recrutarem, e tenho a impressão de que isso foi um passo gigantesco.

Ralph concordou. Sentiu a cafeína atingi-lo agora, excitar seu cérebro, fazer seus dedos estremecerem levemente.

— Não duvido que tenha sido. Agora volte ao telhado do hospital.

Você algum dia viu em sua vida dois caras explicarem tanto sem explicar nada?

— Não entendi — falou Lois, mas seu rosto indicava outra coisa; que não *queria* entender o que ele dizia.

— O que estou dizendo remete a uma idéia central: *talvez eles não possam mentir*. Suponhamos que não. Se você tem uma informação que não quer revelar, mas você não pode mentir, que é que você faz?

— Fico enrolando para evitar a zona de perigo — respondeu Lois. —

Ou as zonas.

— Bingo! E não foi o que eles fizeram?

— Bem, acho que ficaram enrolando, mas também acho que você deixou muita margem para isso, Ralph. Aliás, fiquei impressionada com a quantidade de perguntas que você fez. Acho que passei a maior parte do tempo naquele telhado tentando me convencer de que aquilo estava realmente acontecendo.

— Certo, fiz perguntas, muitas perguntas, mas. . — Ele parou, sem saber como expressar o conceito que tinha em mente, um conceito que parecia ao mesmo

tempo complexo e infantilmente simples. Fez um esforço para subir de nível, procurando na cabeça aquela *piscadela,* sabendo que, se conseguisse alcançar a mente de Lois, poderia mostrar-lhe uma imagem cris-talina. Nada aconteceu e ele tamborilou os dedos na mesa, frustrado.

— Fiquei tão admirado quanto você — falou finalmente. — Se a minha admiração se manifestou por meio de perguntas é porque os homens, pelo menos os de minha geração, foram ensinados que não fica bem fazerem *ohs* e *ahs.* Isto é coisa para mulheres quando estão escolhendo cortinas.

— Machista. — Ela sorriu ao dizer isso, mas foi um sorriso que Ralph não conseguiu retribuir. Estava se lembrando de Barbie Richards. Se Ralph tivesse se dirigido à moça, ela certamente teria apertado o botão de alarme sob a mesa, mas deixara Lois se aproximar, porque absorvera em excesso aquela conversa de somos do mesmo sexo.

— É — respondeu baixinho. — Sou machista, sou antiquado e por vezes isto me deixa mal.

— Ralph, não quis dizer. .

— Sei o que quis dizer, e não me ofendi. O que gostaria de fazer você entender é que fiquei tão admirado. . tão aturdido.. quanto você. Por isso fiz perguntas, e daí? Foram boas perguntas? Perguntas *úteis?*

— Acho que não.

— Bem, talvez não tivesse começado tão mal. Pelo que me lembro, a primeira coisa que perguntei, quando finalmente chegamos ao telhado, foi quem eram eles e o que queriam. Eles desconversaram com um monte de bobagens filosóficas, mas imagino que fiz os dois suarem um pouquinho a nuca por alguns instantes. Depois nos contaram toda aquela história sobre o Desígnio e o Acaso. . fascinante, mas nada que realmente precisassemos para ir até High Ridge persuadir Gretchen Tillbury a cancelar o discurso de Susan Day. Droga, teria sido melhor, e poupado mais tempo, se nos dessem informações sobre as estradas que tivemos que extrair da sobrinha de Simone.

Lois parecia espantada.

 É, é verdade!

— É. E enquanto rolava toda aquela conversa, o tempo estava voando como acontece quando se sobe de nível. E eles só *observando* o tempo voar, pode crer.

Faziam a marcação do tempo da peça, de modo que, quando terminassem de nos dizer o que *tínhamos* de saber, não sobraria tempo para as perguntas que não interessavam a eles responder. Acho que queriam passar a idéia de que estavam nos pedindo um serviço público, que seu objetivo era apenas salvar todas aquelas vidas, mas não podiam dizer isso abertamente, porque...

— Porque seria uma mentira, e talvez eles não possam mentir.

— Certo. Talvez não possam mentir.

— Então o que é que eles *querem,* Ralph?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não tenho a menor idéia, Lois. Nem mesmo um palpite.

Ela terminou o café, repôs a xícara delicadamente no pires, examinou as pontas dos dedos por um instante, então encarou-o. Mais uma vez ele sentiu o impacto da beleza de Lois — era esmagador.

— Eles eram bons — ela falou. — Eles são bons. Tive essa sensação forte, e você não?

— Tive — concordou quase relutante. Claro que sentira o mesmo. Eles eram tudo que Átropos não era.

— E seja o que for que queriam, você vai tentar deter Ed.. você disse que *não* poderia deixar de tentar como não poderia deixar de se abaixar se alguém atirasse uma bola de beisebol em sua cabeça. Não foi?

— Foi — respondeu ainda mais relutante.

— Então você devia deixar o resto para lá — ela concluiu calmamente, fitando os olhos azuis de Ralph com os seus olhos negros. — Só serve para tomar espaço em sua cabeça, Ralph. Entulhar.

Era verdade o que Lois dizia, mas ele continuava a duvidar que pudesse simplesmente abrir a mão e deixar aquela parte sua se libertar. Talvez a pessoa precisasse viver até os setenta anos para poder reconhecer como era difícil alguém se libertar de sua formação. Ele era um homem que começara a aprender a *ser* homem antes de Adolf Hitler subir ao poder, e continuava prisioneiro de uma geração que ouvira H.V. Kaltenborn e as Andrews Sisters pelo rádio — uma geração de homens que acreditava em tomar um drinque à

noite e andar mais de um quilômetro para comprar um Camel. Tal formação praticamente negava os pequenos questionamentos morais sobre quem estava trabalhando para o bem e quem estava trabalhando para o mal; o importante era não deixar os valentões chutarem areia em sua cara. Não se deixar conduzir pelo nariz como gado.

É mesmo? Carolyn perguntou achando graça. *Que fascinante. Mas me per-mita ser a primeira a lhe revelar um segredinho, Ralph: isso é tudo bobagem. Já era bobagem antes mesmo de Glenn Miller desaparecer no horizonte e continua a ser bobagem agora. A idéia de que um homem tem que fazer o que tem que fazer, bem . . talvez haja alguma verdade nisso, ainda hoje. Em todo o caso, é longa a viagem de volta ao paraíso, não é, querido?*

É. Uma viagem muito longa de volta ao paraíso.

— Por que está sorrindo, Ralph?

Salvou-o da obrigação de responder a chegada da garçonete com uma enorme bandeja de comida. Pela primeira vez, ele reparou que havia um *button* preso no babado de seu avental. A VIDA NÃO É UMA OPÇÃO, dizia.

— Você vai ao comício no centro cívico hoje à noite? — Ralph lhe perguntou.

— Estarei lá — ela respondeu descansando a bandeja na mesa desocupada ao lado, para liberar as mãos. — Do lado de fora. Carregando um cartaz. Andando em círculos.

— Você é Amiga da Vida? — Lois perguntou, quando a garçonete começou a servir as omeletes e os acompanhamentos.

— Estou viva? — a garçonete perguntou.

— Está, me parece bem viva — Lois disse gentilmente.

— Então, acho que isso faz de mim uma Amiga da Vida, não é mesmo? Matar alguém que poderia um dia escrever um grande poema ou descobrir a cura da AIDS, ou do câncer, para mim é uma coisa totalmente errada. Portanto vou agitar o meu cartaz e garantir que as feministas tipo Norma Kamali e os liberais tipo Volvo possam ver o que está escrito nele: CRIME. Eles odeiam essa palavra. Nunca usam ela nos coquetéis e nas festas para angariar dinheiro. Precisam de ketchup?

— Não — Ralph respondeu. Não conseguia despregar os olhos da moça. Um brilho verde pálido começara a se espalhar à sua volta, parecia quase sair de seus

poros. As auras estavam voltando, readquirindo total radiosidade.

— Será que saiu uma segunda cabeça no meu corpo ou outra coisa do gênero enquanto me distraí? — a garçonete perguntou. Estourou a bola do chiclete, passando-o para o outro lado da boca.

— Estava encarando você? — Ralph sentiu o sangue esquentar seu rosto. — Desculpe-me.

A garçonete encolheu os ombros socados, produzindo um movimento lento e fascinante na parte superior de sua aura.

— Procuro não me exaltar com essa história, sabe? Na maioria dos dias, simplesmente faço meu trabalho e fico de boca calada. Mas também não abandono a causa. Sabe há quantos anos participo de manifestações diante daquele matadouro de tijolos aparentes, em dias quentes de fritar traseiro e noites frias de congelar?

Ralph e Lois sacudiram a cabeça.

— Desde 1984. Nove anos. Sabe o que me irrita mais nos opcionistas?

— O quê?

— Eles são os mesmos que querem que as armas sejam banidas para que as pessoas não se matem, os mesmos que dizem que a cadeira elétrica e a câmara de gás são inconstitucionais porque aplicam um castigo cruel e fora de uso. Dizem essas coisas e depois saem para apoiar leis que permitem aos médicos. . *médicos!*. . enfiarem tubos de vácuo nos úteros das mulheres e sugarem aos pedaços os filhos que iam nascer. *Isso* é o que mais me irrita.

A garçonete disse tudo isso — que dava a sensação de um discurso repetido muitas vezes antes — sem erguer a voz ou revelar o menor sinal de raiva exterior. Ralph escutou-a apenas com metade da atenção; a metade maior estava concentrada na aura verde-clara que a cercava. Só que não era *toda* verde-clara.

Uma mancha preto-amarelada girava lentamente pela parte inferior do lado direito como uma roda suja de carroça.

O fígado, Ralph pensou. *Ela tem um problema no fígado.*

— Você não gostaria *realmente* que acontecesse alguma coisa a Susan Day, gostaria? — Lois perguntou, lançando à garçonete um olhar aflito. —

Você parece uma pessoa muito boa e tenho certeza de que não desejaria isso.

A garçonete soltou um suspiro pelo nariz, produzindo dois jatos de um fino borrifo verde.

— Não sou tão boa quanto pareço, querida. Se *Deus* fizesse alguma coisa a ela, eu seria a primeira a levantar as mãos para os céus e dizer ―Seja feita a sua vontade‖, pode crer. Mas se você está se referindo a algum maluco, então a conversa é outra. Atitudes extremadas nos puxam para baixo, nos deixam no mesmo nível que as pessoas que queremos deter. Os malucos não pensam como nós. São os coringas do baralho.

— É — concordou Ralph. — É exatamente o que são; coringas do baralho.

— Acho que não quero realmente que aconteça nada de mal àquela mulher — disse a garçonete —, mas pode acontecer. Realmente pode. E na minha opinião, se acontecer, a culpa será toda dela. Ela anda com lobos. . e mulheres que andam com lobos não devem se surpreender quando levam dentadas.

5

RALPH não tinha mais certeza se ainda queria continuar a comer depois dessa conversa, mas por fim seu apetite mostrou ter sobrevivido muito bem às opiniões da garçonete sobre o aborto e Susan Day. As auras ajudaram; a comida nunca tivera um sabor tão bom, nem mesmo quando era adolescente, quando seria capaz de comer cinco ou seis refeições por dia, se as conseguisse.

Lois acompanhou-o em cada garfada, pelo menos por algum tempo.

Finalmente empurrou para o lado a sobra das batatas fritas e as duas últimas tiras de bacon. Ralph prosseguiu sozinho e animadamente até a reta de chegada.

Embrulhou o último pedacinho de salsicha no último naco de torrada, meteu tudo na boca, engoliu e recostou-se na cadeira com um imenso suspiro.

— Sua aura ficou dois tons mais escura, Ralph. Não sei se quer dizer que você finalmente satisfez sua fome ou que vai morrer de indigestão.

— Quem sabe as duas coisas — respondeu. — Você está vendo as auras de novo, hein?

Ela confirmou.

— Sabe de uma coisa? De tudo que existe no mundo, o que mais gostaria agora

era tirar um cochilo. — Verdade. Agora que se sentia aquecido e alimentado, os últimos quatro meses de longas noites mal dormidas pareciam tê-lo atingido como um saco de pesos de cortina. Suas pálpebras pareciam ter mergulhado em cimento.

— Acho que no momento seria uma má idéia — comentou Lois, em tom assustado. — Uma péssima idéia.

— Suponho que sim — Ralph concordou.

Lois começou a erguer a mão para pedir a conta, mas tornou a baixá-la.

— E se você ligasse para o seu amigo da polícia? Leydecker, não é esse o nome? Será que não poderia nos ajudar? Será que ia querer nos ajudar?

Ralph pesou a sugestão com a acuidade que sua mente sonolenta permitia, então relutantemente abanou a cabeça.

— Não tenho coragem. Que poderíamos contar a ele sem nos com-prometer? E isso é apenas uma parte do problema. E se ele *interferisse*... mas da maneira errada. . poderia piorar as coisas ao invés de melhorá-las.

— Tudo bem. — Lois acenou para a garçonete. — Vamos rodar com as janelas escancaradas, e dar uma parada no Dunkin'Donuts em Old Cape para beber enormes xícaras de café, tamanho econômico. Por minha conta.

Ralph sorriu. Pareceu-lhe um sorriso grande, tolo e desconexo — quase um sorriso de bêbado.

— Sim senhora.

Quando a garçonete se aproximou e colocou a conta de face para baixo diante dele, Ralph reparou que o *button* que dizia A VIDA NÃO É UMA ESCOLHA não estava mais preso ao babado do seu avental.

— Olhem — ela começou com uma sinceridade que Ralph achou quase dolorosamente comovente — Sinto muito se ofendi os dois. Vocês vieram aqui para tomar café da manhã e não para ouvir sermão.

— Você não nos ofendeu — disse Ralph. Olhou para Lois que concordou.

A garçonete deu um breve sorriso.

— Obrigada por dizerem isso, mas me excedi com vocês. Qualquer outro dia,

não teria agido assim, mas vamos fazer o nosso comício hoje às quatro horas da tarde, e vou apresentar o Sr. Dalton. Eles disseram-me que poderia falar três minutos, e acho que foi o tempo que ensaiei com vocês.

— Não faz mal — disse Lois dando-lhe uma palmadinha na mão. —

Verdade.

O sorriso da garçonete foi mais caloroso e sincero desta vez, mas quando ela ia se afastando, Ralph viu a expressão agradável de Lois vacilar.

Seu olhar fixava a bolha preto-amarelada que flutuava logo acima do quadril direito da garçonete.

Ralph puxou a caneta que guardava presa no bolso da camisa, virou a toalhinha de papel, e escreveu rapidamente no verso, algumas palavras em letra de imprensa. Quando terminou, tirou a carteira e colocou uma nota de cinco dólares logo abaixo do que escrevera. Quando a garçonete apanhasse a gorjeta, não poderia deixar de ver o bilhete.

Apanhou a conta e acenou-a para Lois.

— Nossa primeira saída de verdade e acho que vamos ter de rachar a despesa — falou. — Me faltam três dólares se deixar estes cinco para a gar-

çonete. Por favor não me diga que está dura.

— Quem, a rainha do pôquer de Ludlow Grange? Não seja bobo, querido. — E entregou a Ralph uma maçaroca de notas que tirou da bolsa. Enquanto ele separava o necessário, Lois leu o que estava escrito na toalhinha de papel:

―Moça:

Você está sofrendo de insuficiência hepática e devia procurar imediatamente o médico. Sugiro que fique longe do centro cívico hoje à noite.‖

— Muito idiota, eu sei — disse Ralph.

Lois deu-lhe um beijinho na ponta do nariz.

— Tentar ajudar os outros nunca é uma idiotice.

— Obrigado. Mas ela não vai acreditar. Vai pensar que estamos pau da vida por causa do *button* e do sermão apesar do que dissemos. O que escrevi é apenas um

jeito estranho de nos vingarmos.

— Talvez haja outra maneira de convencê-la.

Lois fixou o olhar na garçonete — parada com o quadril enviesado para um lado, junto ao passa-pratos da cozinha, ela conversava com o cozinheiro, enquanto tomava uma xícara de café — com uma expressão de sombria concentração. Quando Lois fez isso, Ralph viu sua aura normal cinza-azulada escurecer e encolher, transformando-se numa espécie de cápsula ajustada ao corpo.

Não tinha muita certeza do que estava ocorrendo. . mas sentia a coisa.

Os pêlos de sua nuca se eriçaram; seus braços cobriram-se de arrepios. *Ela está concentrando energia,* ele pensou, *ligando todos os interruptores, acionando todas as turbinas, e fazendo isso por urna mulher que nunca viu antes e provavelmente nunca voltará a ver.*

Passado um momento, a garçonete também sentiu a coisa. Virou-se para olhar os dois como se tivesse ouvido alguém chamá-la pelo nome. Lois sorriu displicentemente, fez um movimento ondulado com os dedos, mas, quando se dirigiu a Ralph, sua voz tremia com o esforço.

— Estou quase.. quase conseguindo.

— Quase conseguindo o quê?

— Não sei. O que preciso. Não vai demorar nada. O nome dela é Zoë, com trema no *e*. Vá pagar a despesa. Distraia a moça. Procure impedir que olhe para mim. Assim fica mais difícil.

Ralph obedeceu e foi razoavelmente bem sucedido, apesar da insistência com que Zoë procurava olhar para Lois por cima de seu ombro. Da primeira vez em que tentou registrar a despesa na caixa, Zoë obteve um total de US$234.20. Anulou a soma com uma batida impaciente do dedo e, quando ergueu os olhos para Ralph, seu rosto estava pálido e os olhos perturbados.

— Que é que há com sua mulher? — indagou a Ralph. — Pedi desculpas, não pedi? Então por que não pára de olhar para mim daquele jeito?

Ralph sabia que Zoë não podia ver Lois, porque ele estava praticamente dançando para servir de biombo entre as duas, mas também sabia que a moça tinha razão — Lois *estava* com os olhos concentrados nela.

Ele tentou sorrir.

— Não sei do que..

A garçonete sobressaltou-se e lançou um olhar cheio de irritação para o cozinheiro.

— *Pare de bater com essas pane!as!* — gritou, embora o único som que Ralph tivesse ouvido na cozinha fosse o de um rádio tocando música ambiental. Zoë virou-se para Ralph.

— Pombas, parece a guerra do Vietnã. Agora se você puder dizer à sua mulher que é falta de educação. .

— Encarar as pessoas? Ela não está encarando ninguém. Não está mesmo. — Ralph deu um passo para o lado. Lois tinha ido até a porta e espiava a rua, de costa para os dois. — Está vendo?

Zoë não respondeu por alguns segundos, embora continuasse a olhar para Lois. Finalmente voltou-se para Ralph.

— Claro. Estou vendo. Agora por que vocês dois não desaparecem daqui?

— Tudo bem: continuamos amigos?

— Como quiser — respondeu Zoë, mas sem querer encará-lo.

Quando Ralph tornou a se juntar a Lois, viu que sua aura voltara ao estado anterior mais difuso, porém estava mais clara do que jamais fora.

— Ainda cansada, Lois? — perguntou-lhe baixinho.

— Não. Aliás, estou me sentindo ótima agora. Vamos.

Ralph começou a abrir a porta para ela, mas parou.

— Você apanhou minha caneta?

— Ih, não, acho que continua em cima da mesa.

Ralph voltou para pegá-la. Abaixo de seu bilhete, Lois acrescentara um P.S. em letra cursiva:

Em 1989 você teve um bebê e o entregou para adoção. No hospital Saint Anne, em Providence, estado de Rhode Island. Procure o médico antes que seja tarde demais, Zoë. Não é brincadeira. Nem armação. Sabemos o que estamos dizendo.

— Nossa! — Ralph exclamou ao se juntar a Lois. — Ela vai levar um susto dos diabos com aquilo.

— Não *faz* mal, desde que vá ao médico antes que o fígado dela capo-te.

Ele concordou e os dois saíram.

6

— VOCÊ descobriu essa jnformação sobre a criança quando mergulhou na aura dela? — Ralph perguntou ao atravessarem o estacionamento atapetado de folhas.

Lois confirmou com a cabeça. Para além do estacionamento, todo o lado leste de Derry brilhava com uma luz trêmula e caleidoscópica. Retornava com força total agora aquela luminosidade secreta que subia em espirais. Ralph estendeu a mão para tocar a lateral do carro. A sensação era a mesma de provar pastilha para tosse, bem lisa, com gosto de anis.

— Não acho que tenha tirado muito daquilo. . dela — falou Lois —, mas é como se eu tivesse engolido a moça inteira.

Ralph lembrou-se de algo que lera numa revista científica há pouco tempo.

— Se cada célula contém uma planta completa de vosso corpo — disse ele — por que cada pedacinho da aura não conteria uma planta completa do nosso *ser?*

— Não me parece nada científico, Ralph.

— Suponho que não.

Lois apertou seu braço, sorrindo.

— Mas que *parece* certo, parece.

Ele retribuiu seu sorriso.

— Você precisa captar um pouco de energia também — ela comentou. — Continuo a achar errado, como roubar, mas se você não fizer isso, acho que vai desmaiar de repente.

— Assim que puder. No momento, a única coisa que quero é chegar a High Ridge. — Mas assim que se sentou ao volante, sua mão soltou a chave de ignição quase no momento em que a tocou.

— Ralph? Que foi?

— Nada. . tudo. Não posso dirigir neste estado. Vamos acabar engan-chados num poste telefônico ou dentro da sala de estar de alguém.

Ele olhou para o céu e viu um daqueles enormes pássaros, este transparente, encarapitado em uma antena parabólica no telhado de um apartamento do outro lado da rua. Uma névoa fina cor de limão subia de suas asas pré-históricas que repousavam fechadas.

Você *está vendo aquilo?* uma parte de sua mente perguntava insegura.

Tem certeza, Ralph? Tem realmente certeza?

Estou vendo sem dúvida alguma. Felizmente ou infelizmente, estou vendo tudo. . mas se existe uma hora certa para ver tais coisas, não deve ser esta.

Ele se concentrou, e sentiu a piscadela bem no fundo da mente. O

pássaro desapareceu como uma imagem fantasma na tela da TV. A paleta de cores que refulgiam calidamente no ar da manhã perdeu a vibração. Ele continuou a perceber aquela outra parte do mundo o tempo suficiente para ver as cores convergirem e criarem a névoa clara azul-acinzentada que ele começara a perceber no dia em que entrara no Day Break, Sun Down para tomar café com torta em companhia de Joe Wyzer, e então a névoa desapareceu também. Ralph sentiu uma necessidade quase esmagadora de se en-roscar, fazer o braço de travesseiro e ir dormir. No entanto, começou a respirar longa e lentamente, cada vez mais no fundo dos pulmões, e então virou a chave da ignição. O motor pegou na hora e seu ronco veio acompanhado do tal *cleque*. Estava muito mais forte agora.

— Que é isso? — Lois perguntou.

— Não sei — mas achava que sabia, ou era uma biela ou um pistão.

Qualquer que fosse o caso, estariam fritos se a peça partisse. Finalmente o ruído começou a diminuir e Ralph passou a alavanca para marcha. — Me dê um cutucão se eu começar a cabecear, Lois.

— Pode contar comigo — ela garantiu. — Agora vamos.

CAPÍTULO 21

1

A DUNKIN‘ Donuts da avenida Newport era um alegre templo de confeitos numa vizinhança de construções urbanas e desbotadas. A maioria fora construída no mesmo ano, 1946, e agora começavam a desmoronar.

Aqui era a Old Cape de Derry, onde carros velhos com os silenciosos presos por arames e pára-brisas rachados exibiam adesivos do tipo A CULPA NÃO É MINHA: VOTEI EM PEROT e ESTOU COM N.R.A E NÃO

ABRO, onde nenhuma casa estava completa sem ter, no mínimo, uma enorme roda espetada no meio do gramado sem trato, onde as meninas praticamente explodiam de sexualidade aos dezesseis anos e com muita freqüência se transformavam em mães de três filhos, com grandes traseiros e olhos mortiços aos vinte e quatro anos.

Dois garotos em bicicletas fluorescentes com extravagantes guidons retorcidos faziam círculos no estacionamento, cruzando e descruzando o caminho do colega, com uma destreza que sugeria uma sólida formação em videogames e a possibilidade de um futuro bem remunerado como controladores de vôo. . isto é, se conseguissem se manter afastados da coca e dos acidentes de carro. Os dois usavam bonés com a aba para trás. Ralph perguntou-se por um instante por que não estavam na escola numa manhã de sexta-feira, ou pelo menos a caminho da escola, e concluiu que não lhe interessava. Provavelmente a eles tampouco.

De repente as duas bicicletas, que tinham se evitado com facilidade até aquele momento, colidiram. Os meninos caíram ao chão, mas se puseram de pé quase instantaneamente. Ralph ficou aliviado ao ver que nenhum dos dois se machucara; suas auras sequer piscaram.

— Seu bundão! — o que usava uma camiseta do Nirvana gritou indignado para o amigo. Tinha talvez uns onze anos. — Qual é a sua? Anda de bicicleta como se fosse um velho trepando!

— Ouvi alguma coisa — respondeu o outro, tornando a ajeitar cuidadosamente o boné nos cabelos louro-encardidos. — Um estouro. Você está me dizendo que não ouviu nada! Porra!

— Não ouvi merda nenhuma — o Nirvana Boy respondeu. Estendeu as palmas das mãos agora sujas (ou apenas mais sujas), onde o sangue bro-tava de dois ou três arranhões. — Olhe só pra isso, seu porra louca!

— Vai morrer por causa disso? — retrucou o amigo.

— Não, mas. . — o Nirvana Boy reparou em Ralph que, encostado na sua baleia

enferrujada, observava os dois com as mãos nos bolsos.

— Qual é, porra? Tá olhando o quê?

— Você e seu amigo — disse Ralph. — Só.

— Só é?

□ É. . e mais nada.

O Nirvana Boy olhou para o amigo e voltou a encarar Ralph. Seus olhos luziram de suspeita, o que, na experiência de Ralph, só ocorria ali em Old Cape.

— Está com algum problema?

— Eu não — respondeu Ralph. Inalara um grande sorvo da aura castanho-avermelhada do Nirvana Boy e agora se sentia meio Super-homem voando a toda pelo ar. Sentia-se também como um tarado que molestava crianças. — Estava aqui pensando que quando éramos crianças não falava-mos feito você e seu amigo.

O Nirvana Boy olhou-o com insolência.

— Ah é? E falavam feito o quê?

— Não me lembro muito bem — respondeu Ralph —, mas sei que não parecia que tínhamos titica de galinha na cabeça. — E afastou-se quando ouviu a porta de tela bater. Lois saiu do Dunkin' Donuts com um enorme copo de café em cada mão. Os meninos, nesse meio tempo, pularam em cima das bicicletas fluorescentes e se mandaram, o Nirvana Boy lançando a Ralph um último olhar desconfiado por cima do ombro.

— Será que você consegue beber e dirigir ao mesmo tempo? — Lois perguntou, entregando-lhe o café.

— Acho que sim, mas acho também que não preciso mais disso. Estou ótimo, Lois.

Ela seguiu os garotos com o olhar e assentiu.

— Vamos, então.

2

O MUNDO parecia em chamas a sua volta na estrada 33 a caminho dos antigos pomares Barrett e não precisaram sequer passar para um nível mais elevado, para percebê-lo. Deixaram a cidade para trás e seguiram por entre matas replantadas que o outono colorira de vermelhos, amarelos e castanhos. O céu era uma alameda azul por cima da estrada, e a sombra do Oldsmobile corria pelo lado, tremulando entre as folhas e galhos.

— Nossa, que beleza — exclamou Lois. — Não é uma beleza, Ralph?

— Só é.

— Sabe o que eu gostaria? Mais do que qualquer coisa no mundo?

Ele balançou a cabeça.

— Que pudéssemos encostar o carro, descer e caminhar pela mata um pouco. Procurar uma clareira, sentar ao sol e espiar as nuvens. Você diria:

―Olhe aquela, Lois, parece um cavalo‖. E eu diria: ―Olhe lá adiante, Ralph, é um homem segurando uma vassoura‖. Não seria ótimo?

— Seria — concordou. A mata abria-se à esquerda num corredor estreito; postes de força desciam perfilados pela encosta íngreme como soldados. Linhas de alta tensão reluziam como prata ao sol da manhã ligando um poste a outro, finos como teias de aranhas. Tinham as bases fincadas no morro flamejante de sumagres; quando Ralph olhou para o alto da trilha, viu um gavião planando numa corrente de ar, tão invisível quanto o mundo das auras.

— É — repetiu. — Seria ótimo. Quem sabe a gente até vai ter oportunidade de fazer isso um dia. Mas. .

— Mas o quê?

— ―Cada coisa que faço, faço-a depressa para poder fazer mais outra.‖

— disse Ralph.

Ela olhou-o um pouco espantada.

— Que idéia terrível!

— É. Acho que a maioria das verdades são terríveis. Essa é de um livro de poemas chamado *Cemitery Nights*. Um presente de Dorrance Marstellar no mesmo dia em que entrou no meu apartamento e colocou a lata de spray no

bolso do meu blusão.

Ele ergueu os olhos para o espelho retrovisor e divisou pelo menos três quilômetros da estrada 33 para trás, uma faixa negra cortando a mata encandescida. O sol refletiu-se em metal. Um carro. Talvez dois ou três. E

pareciam vir em alta velocidade.

— O velho Dor — ela disse pensativa.

— É. Sabe, Lois, acho que ele também está metido nessa história.

— Talvez. E se Ed é um caso especial, vai ver o Dorrance também é.

— Esse pensamento também me ocorreu. O mais interessante nele, no velho Dor, quero dizer, não no Ed, é que acho que Cloto e Láquesis não sabem que ele existe. É como se ele pertencesse a outra esfera completamente diferente.

— Que é que você está querendo dizer?

— Não tenho muita certeza. Mas o Sr. Cloto e o Sr. Láquesis nunca mencionaram o Dor e isso. . isso parece..

Ele tornou a espiar pelo retrovisor. Agora havia um quarto carro atrás dos outros, deslocando-se em velocidade ainda maior, e ele reparou nas luzes azuis piscando no teto dos primeiros três. Carros de polícia. A caminho de Newport? Não, provavelmente de outro local mais próximo.

Talvez estejam atrás da gente, Ralph pensou. *Talvez a sugestõo de Lois para fazer a Richards esquecer que estivemos lá não tenha durado muito.*

Mas será que a polícia mandaria quatro carros atrás de dois sobreviventes da idade de ouro montados num calhambeque? Ralph achava que não.

O rosto de Helen lampejou inesperadamente em sua mente. Ele sentiu um frio no fundo do estômago, enquanto manobrava o carro para o acostamento.

— Ralph? Que.. — Então ela ouviu o uivo crescente das sirenes e virou-se no banco, arregalando os olhos, apreensiva.

As três primeiras radiopatrulhas passaram roncando, no mínimo a cento e trinta quilômetros por hora, fustigando o carro de Ralph com saibro e fazendo as folhas secas rodopiarem como monges muçulmanos.

— Ralph! — ela quase gritou. — E se for em High Ridge? Helen está lá! *Helen e a neném!*

— Eu sei — falou Ralph, e quando o quarto carro passou por eles tão disparado que sacudiu o velho Oldsmobile nos amortecedores, ele sentiu a piscadela interior acontecer outra vez. Ia levando a mão à alavanca de marcha, mas parou-a no ar, a meio palmo da peça. Seus olhos fixaram-se no horizonte. A mancha escura diante dele era menos espectral do que o obsce-

no cogumelo negro que tinham visto sobre o centro cívico, mas Ralph sabia que se tratava da mesma coisa; um saco mortuário.

3

— MAIS depressa! — Lois gritou. — Vá mais depressa, Ralph!

— Não posso — respondeu. Seus dentes estavam cerrados, e as palavras saíam como que espremidas. — Estou dando o máximo! — E mais, não acrescentou, *isto é o mais rápido que já dirigi em trinta e cinco anos, e estou morto de medo.*

O ponteiro oscilava um nadinha acima dos cento e trinta quilômetros no marcador; a mata passava por eles como um borrão de vermelhos, amarelos e magentas; sob o capô, o motor deixara de produzir simples *cleques,* martelava como um pelotão de ferreiros de porre. Apesar disso, o novo trio de radiopatrulhas que Ralph viu pelo espelho ia alcançá-lo sem o menor esforço.

A estrada fazia uma curva fechada logo adiante, *à* direita. Contrariando todos os seus instintos, Ralph manteve o pé longe do freio. Aliviou o acelerador ao entrarem na curva. . e tornou a pisar fundo ao sentir a traseira do carro ameaçar se soltar. Debruçou-se sobre o volante, os dentes superiores apertando o lábio inferior, os olhos muito atentos esbugalhados sob o emaranhado de sobrancelhas grisalhas. Os pneus traseiros do sedan cantaram, e Lois foi jogada contra ele enquanto procurava se firmar com as mãos nas costas do assento. Ralph segurou-se no volante com os dedos suados e esperou que o carro virasse. O Oldsmobile, porém, era um dos últimos monstros estradeiros fabricados por Detroit, largo, baixo e pesado. Venceu a curva e ao fim dela Ralph viu a casa vermelha de fazenda à esquerda. Tinha dois galpões atrás.

— Ralph, é ali que viramos!

— Já vi.

A nova fornada de radiopatrulhas já os alcançara e preparava-se para

ultrapassá-los. Ralph encostou o mais que pôde para a direita, rezando para nenhum deles lhe bater por trás àquela velocidade. Nada aconteceu; os carros passaram chispando numa formação pára-choque contra pára-choque, viraram à esquerda, e começaram a subir o longo aclive que conduzia a High Ridge.

— Segure-se, Lois.

— É o que estou fazendo.

O Oldsmobile quase derrapou quando Ralph entrou à esquerda na estrada que ele e Carolyn sempre chamaram de estrada do pomar. Se aquele caminho de roça fosse asfaltado, o carrão provavelmente teria capotado como num show de acrobacias. Mas não era e, em vez de rolar sobre a porta e o teto, o velho Oldsmobile simplesmente derrapou com exagero, levantando nuvens de poeira. Lois soltou um gritinho abafado e Ralph lhe deu uma olhadela rápida.

— Continue! — Ela apontou para a estrada adiante, com impaciência, e naquele momento pareceu tão estranhamente com Carolyn que Ralph quase pensou estar vendo um fantasma. Pôs-se a imaginar o que Carolyn, que praticamente fizera carreira de lhe mandar andar depressa nos últimos cinco anos de vida, teria achado desse passeio campestre.

— Não se incomode comigo, fique de olho na estrada!

Mais radiopatrulhas surgiram na estrada do pomar. Quantas eram ao todo? Ralph não sabia; perdera a conta. Talvez umas doze. Ele encostou o Oldsmobile até as rodas da direita estarem correndo pela crista de uma vala perigosa, e os reforços — três carros com os dizeres POLÍCIA DE DERRY impressos em dourado nas laterais e dois da polícia estadual — passaram voando e lançando novas saraivadas de terra e saibro. Por um instante, Ralph vislumbrou um policial fardado debruçar-se para fora de um carro de Derry, e acenar, e então o Oldsmobile foi engolido por uma nuvem de poeira amarela. Ralph sufocou um novo impulso ainda mais forte de pisar no freio ao pensar em Helen e Nat. No momento seguinte, já conseguia enxergar — pelo menos alguma coisa. A última fornada de carros já se encontrava na metade da subida.

— Aquele tira estava acenando para você, não estava? — Lois perguntou.

— Claro.

— Não vão nos deixar nem chegar perto. — Ela contemplava a mancha escura no alto do morro com olhos arregalados, cheios de tristeza.

— Vamos chegar tão perto quanto precisarmos — Ralph verificou se havia mais tráfego pelo retrovisor e não viu nada além da poeira pairando no ar.

— Ralph?

— Que foi?

— Você subiu de nível? Está vendo as cores?

Ele deu uma olhada rápida em Lois. Ela continuava linda, e maravilhosamente jovem, mas Ralph não via sinal de sua aura.

— Não — respondeu. — E você?

— Não sei. Ainda vejo *aquilo.* — Ela apontou através do pára-brisa para a mancha escura no alto do morro. — Que é aquilo? Se não é um saco mortuário, então é o quê?

Ele abriu a boca para responder que era fumaça e só havia uma coisa lá em cima que poderia estar em chamas, mas, antes que dissesse uma palavra, ouviram um fantástico estouro vindo do motor do Oldsmobile. A tampa se ergueu com a pressão, como se um punho raivoso a tivesse socado por dentro. O carro deu um único salto para a frente num soluço; as luzes vermelhas acenderam e o motor parou.

Ralph conduziu o Oldsmobile para o acostamento fofo e quando a beirada cedeu sob as rodas do lado direito e o carro caiu na vala, ele teve uma forte e clara intuição de que completara sua última jornada como ope-rador de veículos motores. Tal idéia não foi acompanhada de absolutamente nenhuma tristeza.

— Que aconteceu? — Lois quase gritou.

— Estourou a biela. Parece que vamos ter de fazer o resto da subida a pé, Lois. Saia pelo meu lado para não meter os pés na lama.

4

BATIA uma brisa fria de oeste. Fora do carro, o cheiro de fumaça do alto do morro tornou-se muito forte. Começaram a subir os últimos quatrocentos metros calados, caminhando de mãos dadas e depressa. Na altura em que avistaram o carro da polícia estadual atravessado no alto da estrada, a fumaça se erguia em nuvens acima das árvores e Lois respirava com dificuldade.

— Lois? Você está bem?

— Estou ótima — ofegou. — É só que sou muito pesa. .

Pam-pam-pam, tiros de pistola para além do carro que bloqueava a estrada. Seguiu-se um som rouco e rápido como uma tosse que Ralph identificou facilmente pelas reportagens de TV sobre as revoluções em países do terceiro mundo e sobre os tiroteios nas cidades americanas de terceiro mundo; uma arma automática atirando sem parar. Ouviram-se mais tiros de pistola e depois o estampido mais forte e áspero de uma escopeta. Acompanhou-os um berro de dor que fez Ralph se encolher e querer tapar os ouvidos. Achou que era um grito de mulher e subitamente lembrou-se de uma coisa que vinha lhe escapando, o nome da mulher que John Leydecker mencionara. McKay. Sandra McKay.

A ocorrência deste pensamento então encheu-o de desarrazoado horror. Tentou se convencer de que o autor do grito poderia ter sido qualquer um — até mesmo um homem, às vezes os homens gritavam como mulheres quando eram feridos —, mas ele sabia que não era verdade. Era ela. Eram *eles*. Os malucos do Ed. Tinham preparado um ataque a High Ridge.

Mais sirenes às suas costas. O cheiro de fumaça, mais denso agora.

Lois fitava-o com uma expressão de desalento e medo, ainda respirando mal. Ralph olhou para o topo do morro e viu uma caixa de correio prateada a um lado da estrada. Não tinha nome, naturalmente; as mulheres que dirigiam High Ridge tinham feito o possível para serem discretas e manter o anonimato, o que não lhes rendera benefício algum hoje. A bandeirinha da caixa de correio estava erguida. Alguém colocara na caixa uma carta para o carteiro levar. Ralph lembrou-se da carta que Helen *lhe* enviara de High Ridge — uma carta cautelosa, mas cheia de esperanças.

Mais tiroteio. O silvo de um ricochete. Vidro partido. Um urro que poderia ter sido de raiva, mas provavelmente expressava dor. O crepitar voraz das chamas altas engolindo madeira seca. O trinado de sirenes. E os negros olhos ibéricos de Lois fixos nele porque ele era o homem e ela fora condicionada a acreditar que os homens sabiam o que fazer em tais situa-

ções.

Então faça alguma coisa! gritou para si mesmo. *Pelo amor do bom Deus,* faça *alguma coisa!*

Mas o quê? *O quê?*

— PICKERING! — uma voz amplificada pelo megafone berrou do ponto em

que a estrada cedia lugar a um arvoredo de pequenos abetos usados como árvores de Natal. Ralph agora distinguia fagulhas vermelhas e línguas alaranjadas na fumaça que subia espessa da mata de abetos. — PICKERING, HÁ MULHERES AÍ DENTRO! NOS DEIXE SALVAR AS

MULHERES!

— Ele *sabe* que há mulheres — Lois murmurou. — Será que não en-tendem que ele *sabe* disso? Será que são *imbecis,* Ralph?

Um berro estridente e trêmulo respondeu ao tira com o megafone e Ralph levou alguns segundos para perceber que a resposta era uma espécie de risada. Ouviu-se o matraquear de tiros de automática. Foi revidado com uma barragem de tiros de pistola e de escopeta.

Lois apertou a mão dele com os dedos gelados.

— Que vamos fazer, Ralph? Que vamos fazer agora?

Ele observou a grande nuvem cinza-escura se elevar sobre as árvores e depois as radiopatrulhas que subiam o morro desembestadas — mais de meia dúzia desta vez — e finalmente o rosto pálido e tenso de Lois. Sua cabeça clareou um pouco — não muito, mas o suficiente para deixá-lo perceber que realmente só havia uma resposta àquela pergunta.

— Vamos subir — falou.

5

PLIM! e as chamas que se projetavam do arvoredo de abetos mudaram do laranja para o verde. Os estalidos das chamas tornaram-se abafados como o barulho de fogos disparados dentro de uma caixa fechada. Ainda segurando a mão de Lois, Ralph a fez dar a volta ao pára-choque dianteiro do carro de polícia que fechava a estrada.

Os carros recém-chegados paravam atrás dessa barreira. Antes mesmo de parar, despejavam homens fardados de azul. Vários carregavam rifles de cano curto e a maioria usava coletes pretos acolchoados. Um policial saltou por dentro de Ralph como uma rajada de vento morno antes que ele conseguisse se desviar: chamava-se David Wilbert e imaginava que a mulher talvez tivesse um caso com o chefe na imobiliária onde trabalhava como secretária. O problema com a mulher, porém, passara a segundo plano (pelo me-

nos temporariamente) diante da necessidade quase avassaladora que David Wilbert sentia de urinar e da cantilena constante e assustadora que envolvia seus pensamentos como uma serpente.

— *Você* não vai *se desgraçar, você* não vai *se desgraçar, voce* não vai, *você* não vai, *você* não vai.

— *PICKERING!* — atroou a voz amplificada, e Ralph descobriu que podia até sentir as palavra em sua boca, como pequenas drágeas prateadas.

— *SEUS AMIGOS ESTÃO MORTOS, PICKERING! JOGUE SUA AR-*

MA NO CHÃO E SAIA PARA FORA! NOS DEIXE SALVAR AS

MULHERES!

Ralph e Lois contornaram o canto da casa, invisíveis aos homens que corriam à sua volta, e se depararam com uma confusão de radiopatrulhas estacionadas no local em que a estrada se transformava em um caminho margeado de jardineiras com flores vistosas.

O valor do toque feminino, pensou Ralph.

O caminho desembocava no jardim de entrada de um casarão branco de fazenda, de uns setenta anos, no mínimo. Tinha três andares, duas alas e uma longa varanda acompanhando toda a fachada que descortinava uma fabulosa vista para oeste, onde se erguiam pálidas montanhas azuis à luz da manhã. A casa de vista tranqüila abrigara em tempos a família Barrett e o seu negócio de maçãs e, mais recentemente, dezenas de mulheres surradas e cheias de medo, mas uma olhada foi suficiente para Ralph saber que não abrigaria mais ninguém amanhã a essa hora. A ala sul encontrava-se em chamas, e aquele lado da varanda começava a arder; línguas de fogo saíam pelas janelas e lambiam lascivamente os beirais, arremessando para o alto pedaços de telha incandescentes. Ralph viu uma cadeira de balanço de vime queimando numa ponta da varanda. Um cachecol que alguém tricotava pendia de um braço da cadeira; as agulhas refulgiam incandescidas no ar.

Em algum lugar, sininhos de vento tocavam uma melodia desvairada e repetitiva.

Uma mulher de uniforme verde de combate e blusão militar esparra-mava-se morta no chão, com a cabeça caída nos degraus da varanda, olhando fixamente para o céu através das lentes ensangüentadas dos óculos. Havia terra em seus cabelos, uma pistola na mão, e um buraco negro e irregular na altura do

estômago. Um homem tombara sobre a grade do lado norte da varanda com um pé calçado de bota apoiado num aparador de grama. Usava também roupa de combate e blusão militar. Um rifle de assalto com o pente curvo espetado para fora caíra num canteiro. O sangue escorria de seus dedos e pingava pelas unhas. Na visão aguçada de Ralph, as gotas pareciam negras e mortas.

Felton, pensou. *Se a polícia ainda está berrando para o Charlie Pickering — se o Pickering estiver lá dentro —, então este deve ser o Frank Felton. E Susan Day? Ed está em algum ponto da costa — Lois parecia segura disso, e acho que tem razão —, mas se Susan Day estiver lá? Nossa, será possível?*

Supunha que era, mas as possibilidades não importavam — não agora.

Helen e Natalie certamente estavam lá dentro, e Deus sabe quantas outras mulheres aterrorizadas, e *isso* importava.

Ouviu-se um ruído de vidros se partindo no interior da casa após uma explosão abafada — quase um sopro. Ralph viu novas chamas saltarem por trás dos vidros da porta da rua.

Coquetéis molotov, pensou. *Charlie Pickering finalmente arranjou urna oportunidade para atirá-los. Que bom para ele.*

Ralph não sabia quantos tiras havia entrincheirados atrás dos carros no caminho junto à casa — pareciam no mínimo trinta —, mas distinguiu de pronto os dois que tinham prendido Ed Deepneau. Chris Nell achava-se agachado atrás do pneu dianteiro do carro da polícia de Derry mais próximo da casa, e John Leydecker apoiava-se sobre um joelho ao lado dele. Era Nell quem segurava o megafone e quando Ralph e Lois se acercaram da barricada da polícia, ele olhou para Leydecker. Leydecker balançou a cabeça, apontou para a casa e ergueu as palmas das mãos para Nell num gesto que Ralph não teve dificuldade em decifrar: *Calma e tenha cuidado.* Decifrou também algo mais perturbador na aura de Chris Nell — o rapaz estava demasiado excitado para ter cuidado. Demasiado ligado. E naquele instante, quase como se o pensamento de Ralph o provocasse, a aura de Nell começou a mudar de cor. Passou de azul-claro para cinza-escuro e preto-morte com sinistra velocidade.

— *ENTREGUE-SE, PICKERING!* — Nell gritou, inconsciente de que era um morto respirando.

A coronha de um rifle de assalto estilhaçou a vidraça de uma janela no andar térreo na ala norte e desapareceu no interior da casa. No mesmo instante, a bandeira da porta de entrada explodiu, despejando uma chuva de vidro na

varanda. As chamas irromperam pela abertura. Um segundo depois, a própria porta se abriu num arranco, como se fosse empurrada por uma mão invisível. Nell esticou-se para a frente, talvez acreditando que o atirador finalmente caíra em si e pretendia se entregar.

Ralph gritou: — *Puxe-o para trás, Johnny! PUXE-O PARA TRÁS!*

O rifle tornou a aparecer, desta vez pelo cano.

Leydecker levou a mão ao colarinho de Nell, mas foi demasiado lento.

O rifle automático disparou suas séries de tossidas rápidas e Ralph ouviu o *tlim! tlim! tlim!* metálico das balas furando a chapa fina de aço da radiopatrulha. A aura de Chris NelI enegrecera completamente agora — transformara-se num saco mortuário. Ele se contorceu para um lado ao ser atingido por uma bala no pescoço, desgarrou-se da mão de Leydecker em seu colarinho e tombou esparramado no jardim sacudindo um pé espasmodicamente. O

megafone caiu de sua mão emitindo um breve grasnido. Um tira atrás de outro carro soltou uma exclamação de surpresa e horror. O grito de Lois foi muito mais alto.

Mais balas pipocaram pelo chão na direção de Nell e abriram furinhos negros nas pernas de sua farda azul. Ralph via indistintamente o homem dentro do saco mortuário que o sufocava; ele lutava às cegas para rolar o corpo e se levantar. Havia alguma coisa particularmente horrível em seus esforços — parecia a Ralph observar uma criatura apanhada numa rede afogando-se em águas rasas e imundas.

Leydecker saltou de trás do carro e, quando seus dedos desapareceram na membrana negra que envolvia Chris Nell, Ralph ouviu o velho Dor dizer, *Eu não tocaria mais nele se fosse você, Ralph — não consigo ver suas mãos.*

Lois: *Não! Não, ele está morto, ele já está morto!*

A arma que saía pela janela começara a se deslocar para a direita. Girava sem pressa na direção de Leydecker, o homem que a empunhava não se intimidara — nem se ferira — com a saraivada de balas que os outros policiais lhe dirigiram. Ralph ergueu a mão direita e baixou-a naquele gesto de caratê mas, desta vez, ao invés de uma cunha luminosa, seus dedos produziram algo semelhante a uma grande lágrima azul. Ela se espalhou pela aura cor de limão de Leydecker na hora em que o rifle que apontava da janela abriu fogo. Ralph viu duas balas se cravarem na árvore à direita de Leydecker, lançando lascas do

tronco no ar e abrindo furos negros na camada branco-amarelada do lenho exposto. Uma terceira atingiu a película azul que cobrira a aura de Leydecker — Ralph vislumbrou um lampejo vermelho escuro à esquerda da têmpora do detetive e ouviu um zumbido grave quando a bala ricocheteou ou saiu saltando como uma pedra chata pela superfície da água.

Leydecker puxou Nell de volta para trás do carro, olhou-o, e em seguida abriu com um tranco a porta do carro e se atirou no assento do motoris-

ta. Ralph já não o via, mas o escutava berrar com alguém pelo rádio, perguntando onde tinham se metido as porras dos carros de socorro.

Mais vidros partidos, enquanto Lois puxava freneticamente o braço de Ralph, apontando para alguma coisa — um tijolo que rolava para o jardim.

Caíra de uma das janelas baixas e estreitas na base da ala norte. Essas janelas ficavam quase ocultas pelos canteiros que contornavam a casa.

— Socorro! — gritou uma voz pela vidraça partida, na hora em que o homem do rifle de assalto disparava instintivamente no tijolo que rolava, levantando nuvens de poeira vermelha e partindo-o em três pedaços irregulares. Nem Ralph nem Lois jamais tinham ouvido aquela voz gritar, mas ambos reconheceram-na imediatamente; era a voz de Helen Deepneau.

— *Socorro, por favor! Estamos no porão! Temos crianças conosco! Por favor não nos deixem morrer queimadas, TEMOS* CRIANÇAS CONOSCO!

Ralph e Lois trocaram um único olhar, os olhos arregalados, então correram para a casa.

6

Dois vultos fardados, parecendo mais jogadores de futebol americano do que tiras com seus volumosos coletes, avançaram de trás de uma radiopatrulha, e correram em direção à varanda com os rifles de cano curto em posição de tiro. Ao cruzarem o jardim em diagonal, Charlie Pickering debruçou-se para fora da janela, ainda gargalhando desvairadamente, os cabelos grisalhos mais cômicos que nunca. A barragem de fogo disparada contra ele foi tão fantástica, que despejou sobre ele uma chuva de lascas da janela e até derrubou uma calha d'água enferrujada — a peça bateu na varanda com um baque sonoro —, mas nem uma única bala o atingiu.

Como é que eles podem não *atingi-lo?* pensou Ralph enquanto galga-vam a

varanda em direção às chamas cor-de-visgo que agora se enfunavam pela porta da frente aberta. *Deus dos céus, estão atirando quase à queima-roupa, como é possível* não *atingi-lo?*

Mas ele sabia como. . e o porquê. Cloto contara que tanto Átropos quanto Ed Deepneau tinham sido cercados por forças malignas que os protegiam. Não era possível que essas forças agora cuidassem de Charlie Pickering, da mesma forma que Ralph cuidara de Leydecker quando ele abandonara a cobertura da radiopatrulha para recolher o colega moribundo?

Pickering abriu fogo contra os soldados da tropa estadual, disparando sem parar. Mirava baixo procurando evitar a proteção dos coletes que os soldados usavam e atingia-os nas pernas, derrubando-os. Um deles tombou num amontoado silencioso; o outro retrocedeu de rastros pelo caminho que viera, berrando que fora baleado, fora baleado, ah porra, fora baleado para valer.

— *Churrasco!* — Pickering berrou pela janela naquele tom de galhofa.

— *Churrasco! Churrasco! Piquenique no campo! Queimem as piranhas! O fogo de Deus! O fogo sagrado de Deus!*

Ouviam-se mais gritos agora, que pareciam vir por baixo dos pés de Ralph e, quando ele olhou, viu uma cena terrível: uma mistura de auras infiltrava-se por entre as tábuas do piso da varanda como vapor, a variedade de cores empanada pelo fulgor vermelho-sangue que subia ao mesmo tempo. .

e as envolvia. Essa forma vermelho-sangue não era igual à nuvem escura que se formara sobre as cabeças do Menino Verde e do Menino Laranja no estacionamento do mercadinho, mas Ralph achava que era muito semelhante; a única diferença era que a forma presente nascera do medo ao invés da raiva e da agressão.

— *Churrasco!* — Charlie Pickering gritava e acrescentara alguma coisa sobre a morte das bocetas do demônio. Subitamente Ralph odiou-o mais do que qualquer coisa na vida.

[*—Vamos, Lois, vamos pegar aquele cretino.*]

E tomou-a pela mão, puxando-a para o interior da casa em fogo.

CAPÍTULO 22

1

A PORTA da varanda abria para um corredor central que ligava a frente aos fundos da casa, e toda a sua extensão estava agora tomada pelas chamas. Aos olhos de Ralph, pareciam verde-berrantes e, quando as atravessaram, ele e Lois sentiram frio — foi como passar por camadas de gaze em-bebidas em mentol. O crepitar da casa em fogo era abafado; os tiros tinham se tornado tão fracos e insignificantes quanto uma trovoada para alguém nadando debaixo d'água.. e era essa a melhor descrição, concluiu Ralph —estavam debaixo d'água. Ele e Lois eram seres invisíveis nadando em um rio de fogo.

Ele apontou para uma porta à direita e lançou um olhar de dúvida para Lois que confirmou com um aceno de cabeça. Ralph levou a mão à maçaneta e fez uma careta de desgosto ao ver seus dedos atravessarem-na. Antes assim, é claro; se tivesse conseguido agarrá-la, teria deixado pelo menos duas camadas da pele dos dedos penduradas na maçaneta de latão como tiras gre-lhadas na brasa.

— Temos de atravessá-la, Ralph!

Avaliou Lois com o olhar, sentiu grande medo e preocupação em seus olhos, mas nenhum pânico, e retribuiu o aceno. Atravessaram a porta juntos na hora em que o lustre a meio caminho do corredor despencava com um estrondo dissonante de pingentes de vidro e corrente de ferro.

Encontraram uma sala de visitas do outro lado, e o que viram ali fez o estômago de Ralph se contrair de horror. Duas mulheres tinham sido encostadas contra a parede abaixo de um grande cartaz de Susan Day vestindo jeans e camisa estilo faroeste (NÃO DEIXE ELE CHAMÁ-LA DE BONECA A NÃO SER QUE VOCÊ QUEIRA QUE ELE A TRATE CO-

MO TAL, alertava o cartaz). As duas tinham sido mortas com tiros na cabe-

ça, à queima-roupa; miolos, retalhos de escalpo e lascas de ossos espalhavam-se pelo papel de parede florido e as botas de vaqueiro pespontadas de Susan Day. Uma das mulheres estava grávida. A outra era Gretchen Tillbury.

Ralph lembrava-se do dia em que Gretchen estivera em sua casa em companhia de Helen para preveni-lo e lhe entregar a lata de um produto chamado Guarda-Costas; naquele dia ele a achara linda. . mas naturalmente naquele dia sua cabeça bem-feita ainda estava intacta e metade de seus bonitos cabelos louros não tinham sido queimados por um disparo de rifle à queima-roupa. Quinze anos depois de ter escapado por um triz de morrer nas mãos de um marido violento, outro homem encostara uma arma na cabeça de Gretchen Tillbury e a mandara para o espaço. Ela nunca mais con-taria a outra mulher como arranjara aquela

cicatriz na coxa esquerda.

Por um momento terrível, Ralph pensou que ia desmaiar. Concentrou-se e controlou as emoções pensando em Lois. Sua aura ficara vermelho-escura com o choque. Ziguezagues negros a percorriam e atravessavam.

Lembravam o eletrocardiograma de alguém sofrendo um ataque cardíaco fatal.

[— *Ah Ralph! Ah, Ralph, meu Deus!*]

Alguma coisa explodiu na ala sul da casa com força suficiente para ar-rombar a porta que tinham acabado de atravessar. Ralph calculou que deviam ser os cilindros de gás. . não que isso fizesse muita diferença àquela altura. Pedaços de papel de parede em chamas voavam vindos do corredor e ele viu as cortinas da sala, e o que restava dos cabelos de Gretchen Tillbury, voarem em direção à porta sugados pelo fogo com o ar da sala que o alimentava. Quanto tempo levaria para as chamas transformarem em torres-mos as mulheres e crianças no porão? Ralph não sabia e suspeitava que não fazia muita diferença, tampouco; as pessoas presas lá embaixo morreriam por sufocamento ou inalação de fumaça muito antes de começarem a torrar.

Lois contemplava horrorizada as mulheres mortas. As lágrimas escorriam pelo seu rosto. A luz espectral cinza-clara emitida pelas pegadas que tinham deixado ao passar lembravam vapor de gelo seco. Ralph conduziu Lois ao outro extremo da sala em direção a uma grande porta fechada, deteve-se um instante para tomar fôlego, enlaçou-a pela cintura e atravessaram juntos a porta.

Houve um momento de escuridão em que não apenas o nariz mas todo o seu corpo pareceu se impregnar do aroma doce de serragem, e então saíram em outro cômodo, a sala no extremo norte da casa. Talvez tivesse sido um escritório, mas fora há muito tempo convertida em sala de terapia de grupo. No centro, mais ou menos uma dúzia de cadeiras desmontáveis achavam-se dispostas em círculo. As paredes estavam cobertas de placas com dizeres do gênero: NÃO POSSO ESPERAR QUE NINGUÉM ME

RESPEITE ATÉ EU MESMA ME RESPEITAR. Em um quadro-negro a

um lado da sala, alguém escrevera em letra de imprensa: SOMOS UMA FAMÍLIA, TODAS AS MINHAS IRMÃS ESTÃO COMIGO. Agachado próximo ao quadro, junto a uma das janelas que se abriam para leste sobre a varanda, metido também num colete acolchoado sobre a camiseta de Snoopy, que Ralph teria reconhecido em qualquer lugar, encontrava-se Charlie Pickering.

— Façam churrasco dessas mulheres atéias! — ele gritava. Uma bala passou assoviando pelo seu ombro; outra cravou-se na moldura da janela à sua direita e arremessou uma lasca de madeira contra a lente de seus óculos de aros de tartaruga. A idéia de que Charlie recebia proteção especial recorreu a Ralph, desta vez com força de convicção.

— Piquenique de lésbicas! Façam elas provarem do remédio que receitam para as outras! Façam elas sentirem o que é bom!

[*— Fique aí, Lois — no nível onde está.*]

[*— Que é que você vai fazer?*]

[*— Cuidar dele.*]

[*— Não mate o cara, Ralph! Por favor não o mate!*]

Porque não? — pensou Ralph com amargura. *Faria um favor ao mundo.* O

que sem dúvida era verdade, mas não era hora para discussões.

[*— Tudo bem, Lois, não vou matá-lo! Agora fique aí, Lois — tem bala demais voando para a gente se arriscar a descer.*]

Antes que ela pudesse responder, Ralph se concentrou, ordenou a piscadela, e voltou ao nível dos Vidas-Curtas. Aconteceu tão depressa e com tanta intensidade desta vez que deixou-o sem fôlego, como se tivesse saltado de uma janela do primeiro andar para um piso duro de concreto. A cor desapareceu parcialmente do mundo e os ruídos tomaram o seu lugar, o crepitar abafado do fogo, agora forte e próximo; a explosão de tiros de pistola disparados em rápida sucessão. O ar tinha gosto de fuligem, e a sala escaldava. Alguma coisa que pareceu a Ralph um inseto passou zumbindo pelo seu ouvido. Ele teve a impressão de que era um inseto calibre 45.

É melhor andar depressa, querido, Carolyn aconselhou. *Quando as balas atin-gem você neste nível elas matam, esqueceu-se?*

Não se esquecera.

Ralph correu abaixado em direção às costas de Pickering. Seus pés es-magaram estilhaços de vidro e lascas de madeira, mas Pickering não se virou. Além da arma automática que empunhava, tinha um revólver no quadril e uma pequena mochila verde junto ao pé esquerdo. A sacola estava aberta e Ralph viu dentro

uma quantidade de garrafas de vinho. As bocas tinham sido arrolhadas com trapos molhados.

— *Mate as piranhas!* — Pickering gritou, varrendo o jardim da entrada com outra saraivada de balas. Ao encaixar um novo pente, sua camiseta levantou, revelando outros três ou quatro metidos sob o cinto. Ralph enfiou a mão na mochila aberta, agarrou pelo gargalo uma das garrafas cheias de gasolina, e vibrou-a contra o lado da cabeça de Pickering. No movimento descobriu por que o cara não ouvira sua aproximação: estava usando protetores de ouvido para atiradores. Antes que Ralph tivesse tempo de refletir sobre a ironia de um homem em missão suicida se preocupar em proteger a audi-

ção, a garrafa explodiu contra a têmpora de Pickering, cobrindo-o com um líquido de cor âmbar e cacos de vidro verde. Ele cambaleou para trás e levou a mão à cabeça, ferida em dois lugares. O sangue jorrou por entre seus dedos longos — dedos que deviam ter pertencido a um pianista ou a um pintor, pensou Ralph — e escorreu pelo seu pescoço. Ele se virou, os olhos arregalados, expressando surpresa por trás das lentes borradas dos óculos, os cabelos eriçados para o alto, fazendo-o parecer um homem que acabou de receber uma tremenda descarga elétrica em um desenho animado

— Você! — exclamou. — Centurião a mando do diabo! Matador ateu de bebês!

Ralph pensou nas duas mulheres na sala ao lado e mais uma vez se sentiu engolfado pela raiva. . só que raiva era uma palavra muito fraca, fraca demais. Sentiu os nervos arderem sob a pele. E o pensamento que martelou sua mente foi que *uma delas estava grávida então quem era o matador de bebês, uma delas estava grávida então quem era o matador de bebês, uma delas estava grávida então quem era o matador de bebês.*

Mais um inseto de grosso calibre zumbiu pelo seu rosto. Ralph nem reparou. Pickering tentava erguer o rifle com que certamente matara Gretchen Tillbury e a amiga grávida. Ralph arrebatou-lhe a arma das mãos e a-

pontou-a para ele. Pickering guinchava de medo. Esse som enfurecia Ralph ainda mais, e ele se esqueceu da promessa que fizera a Lois. Ergueu o rifle com a firme intenção de esvaziá-lo no homem que agora se encolhia des-prezivelmente contra a parede (no calor do confronto, não ocorreu a nenhum dos dois que não havia pente no rifle), mas, antes que pudesse puxar o gatilho, distraiu-o uma luz fulgurante que surgiu no ar ao seu lado. A princípio não tinha forma definida, um fabuloso caleidoscópio cujas cores tinham escapado da bisnaga que deveria contê-las, e então assumiu a forma de uma mulher com uma longa e etérea fita

cinzenta saindo da cabeça.

[— *Não o mate*.]

Ralph, por favor não o mate!

Por um instante, ele vislumbrou o quadro-negro e leu através da mulher a citação escrita a giz, mas as cores foram se transformando em roupas, cabelos e pele quando ela acabou de descer. Pickering encarou-a com os olhos vesgos de terror. Guinchou outra vez, e a entreperna de suas calças de combate escureceu. Ele enfiou os dedos na boca, como se quisesse sufocar o som que produzia.

— *Um fantasma!* — ele gritou com a boca cheia de dedos. — *Um centu-rião e um fantasma!*

Lois não lhe deu atenção e agarrou o cano do rifle.

— Não o mate, Ralph! Não!

Repentinamente Ralph enfureceu-se contra ela também.

— Você não está entendendo, Lois? Não percebeu? Ele tem consciência do que está fazendo! Em algum nível, ele *sabe: vi isso em sua maldita aura.*

— Não importa — ela contrapôs, ainda empurrando o cano do rifle de forma a apontá-lo para o chão. — Não importa o que ele sabe ou não sabe.

Não devemos fazer o que os outros *fazem*. Não devemos nos igualar a eles.

— Mas. .

— Ralph, quero largar este cano. Está quente. Está queimando meus dedos.

— Tudo bem — respondeu, largando o rifle ao mesmo tempo em que ela. A arma caiu no chão entre os dois, e Pickering, que escorregava lentamente pela parede com os dedos ainda na boca e os olhos brilhantes e vidrados em Lois, precipitou-se para apanhá-lo com a velocidade de uma cascavel.

O que Ralph fez então, foi sem premeditação nem raiva — agiu pura-mente por instinto, esticou as mãos para Pickering e agarrou-o pelos lados do rosto. Nesse momento, algo faiscou em sua mente, algo que lembrava as lentes de uma potente luneta. Ele subiu vários níveis de chofre, atingindo em uma fração de segundo um nível onde nenhum dos dois jamais estivera.

No fim da subida, sentiu uma força terrível relampejar em sua cabeça e explodir pelos seus braços. Então, ao descer, *ele* ouviu um estouro, um som oco mas enfático, inteiramente diferente do ruído das armas que continuavam a atirar do lado de fora.

O corpo de Pickering contorceu-se galvanizado, e suas pernas se esticaram para a frente com tal força, que um dos sapatos voou longe. As nádegas se ergueram retesadas e bateram no chão. Os dentes se fecharam sobre o lábio inferior e o sangue esguichou de sua boca. Por um instante, Ralph teve quase certeza de ver minúsculas faíscas azuis soltarem-se das pontas de seus cabelos de palhaço. Então desapareceram e Pickering desmontou contra a parede. Fitava Ralph e Lois com um olhar de onde sumira toda a preocupação.

Lois berrou. A princípio Ralph pensou que estivesse berrando pelo que ele fizera a Pickering, e então viu que ela dava tapas na cabeça. Um pedaço de papel de parede incandescente caíra em seus cabelos ateando-lhes fogo.

Ele passou um braço pelo corpo dela, apagou as chamas com a mão, e protegia-a com o próprio corpo quando uma nova saraivada de balas de rifle e escopeta atingiu a ala norte. Ralph apoiara a mão livre na parede, e viu um buraco de bala aparecer entre o terceiro e o quarto dedos como num passe de mágica.

— *Suba, Lois! Suba*

[*agora mesmo!*]

Subiram juntos, virando fumaça colorida diante dos olhos vagos de Pickering.. e desapareceram.

2

— QUE foi que você fez com ele, Ralph? Por um segundo você desapareceu, subiu, e então. . e então ele.. que foi que você fez?

Lois contemplava Charlie Pickering paralisada de horror. Pickering continuava sentado contra a parede numa posição quase idêntica a das duas mulheres mortas na sala ao lado. Enquanto Ralph o observava, uma grande bolha de saliva rosada apareceu entre seus lábios frouxos, cresceu e espo-cou.

Ralph virou-se para Lois, tomou-a pelos braços acima dos cotovelos e formou uma imagem em seu cérebro: a caixa do disjuntor no porão de sua casa na Avenida Harris. Mãos abriram a caixa, e em seguida desligaram —

todos os circuitos de uma vez. Não tinha bem certeza se a imagem era correta — tudo se passara depressa demais para certezas —, mas achava que estava bem próxima.

Os olhos de Lois se arregalaram um pouco, mas em seguida ela confirmou que compreendera com um aceno de cabeça. Olhou para Pickering e depois para Ralph.

[— *Foi ele quem provocou, não foi? Você não fez de propósito.*]

Ralph confirmou e então ouviram-se novos gritos que vinham de baixo, gritos que ele seguramente não captava com os ouvidos.

[— *Lois?*]

[— *Claro, Ralph, agora mesmo.*]

Ele escorregou as mãos pelos braços dela e por suas mãos, como os quatro tinham feito no hospital, só que desta vez eles desceram ao invés de subir, submergindo pelo chão de tábuas como se fosse uma piscina. Ralph mais uma vez teve a sensação do fio de escuridão passando diante de seus olhos, até que saíram num porão, pousando lentamente no piso de cimento sujo. Ele viu as sombras dos canos da caldeira, pretos de fuligem, um remo-vedor de neve coberto por um grande plástico transparente e empoeirado, ferramentas de jardinagem enfileiradas contra um cilindro pouco visível que era provavelmente o aquecedor de água, e caixas de papelão empilhadas contra uma parede de tijolos aparentes — sopas, feijões, molho de espaguete, café, sacos de lixo, papel higiênico. Todas essas coisas tinham uma aparência ligeiramente alucinatória, como se não estivessem ali, e a princípio Ralph pensou que fossem o efeito colateral da passagem de um nível para outro. Então percebeu que era apenas a fumaça que invadia rapidamente o porão.

Havia dezoito ou vinte pessoas amontoadas a um canto de uma sala comprida e escura, na maioria mulheres. Ralph também viu um menininho de uns quatro anos agarrando-se aos joelhos da mãe (o rosto da Mamãe tinha marcas de hematomas antigos que poderiam ter sido acidentais mas provavelmente eram intencionais), uma menininha uns dois anos mais velha com o rosto escondido na barriga da mãe.. e viu Helen. Ela segurava Natalie nos braços e soprava o rosto da neném, como se assim pudesse dispersar a fumaça do ar. Nat tossia e gritava em espasmos sufocados e desesperados.

Atrás das mulheres e crianças, Ralph avistou uma escada empoeirada, cujo topo desaparecia na escuridão.

[— *Ralph? Temos de descer agora, não?*]

Ele confirmou, produziu aquela piscadela mental e, de repente, estava tossindo também procurando expelir dos pulmões a fumaça acre. Materializaram-se bem em frente ao grupo junto à escada, mas apenas o menininho abraçado aos joelhos da mãe reagiu. Naquele momento, Ralph teve certeza de que já o vira antes, mas não fazia idéia de onde — o dia de fim de verão em que avistara o menino jogando bola com a mãe no parque Strawford não podia estar mais longe de seus pensamentos naquele momento.

— Olhe, Mamãe! — o menino chamou, apontando em meio a um acesso de tosse. — Anjos!

Mentalmente Ralph ouvia Cloto dizer *Não somos anjos, Ralph,* e ato contínuo ele se adiantou para Helen em meio à fumaça espessa, sem largar a mão de Lois. Seus olhos já estavam ardendo e lacrimejando, e ele ouvia Lois tossir. Helen o fitava aturdida, sem reconhecê-lo — fitava-o do mesmo jeito que o fizera em agosto, quando Ed a espancara tão brutalmente.

— Helen?

— *Ralph!*

— Essa escada, Helen! Aonde vai dar?

— Que está fazendo aqui, Ralph? Como chegou a. . — Ela teve um acesso de tosse e se dobrou. Natalie quase caiu de seus braços e Lois aparou a criança aos berros antes que Helen a largasse.

Ralph olhou para a mulher à esquerda de Helen, constatou que parecia ainda mais inconsciente do que ocorria, então agarrou Helen de novo e sacudiu-a.

— *Aonde vai dar essa escada?*

Ela espiou por cima do ombro.

— É o acesso externo ao porão — respondeu. — Mas não adianta.

Está. . — Dobrou-se tossindo secamente. O som era estranhamente parecido com os disparos da arma de Charlie Pickering. — Está trancado — He-

len terminou. — A mulher gorda trancou. Tinha um cadeado no bolso. Vi quando passou o cadeado na porta. Por que ela fez isso, Ralph? Como é que sabia que viríamos para cá?

Que outro lugar vocês tinham para ir? Ralph se perguntou amargurado, então voltou-se para Lois.

— Veja o que pode fazer, por favor.

— Vou ver. — Ela lhe entregou a criança que continuava a gritar e a tossir e abriu caminho pelo pequeno ajuntamento de mulheres. Susan Day não se encontrava ali, pelo que Ralph pôde ver. No outro extremo do porão, uma seção do piso superior desabou com um jorro de fagulhas e uma onda de calor de fornalha. A menina com o rosto escondido na barriga da mãe começou a gritar.

Lois subiu quatro degraus, então estendeu as mãos espalmadas, como um pastor dando uma bênção. A luz das fagulhas que rodopiavam, Ralph distinguiu fracamente a sombra inclinada do acesso ao porão. Lois empurrou com as mãos a porta do alçapão. Por um instante, nada aconteceu, então ela desapareceu momentaneamente num arco-íris de cores. Ralph ouviu uma forte explosão que lhe lembrou uma lata de aerossol explodindo no fogo, e em seguida Lois retornou. Ao mesmo tempo, ele pensou ter visto um lampejo de luz branca pouco acima de sua cabeça.

— Que foi isso, Mamãe? — perguntou o menininho que chamara Ralph e Lois de anjos. — Que foi isso? — Antes que a mãe pudesse responder, uma pilha de cortinas sobre uma mesa de jogo a uns seis metros pegou fogo, colorindo os rostos das mulheres presas com cruas tintas de Halloween, preto e laranja.

— Ralph! — Lois chamou. — Me ajuda!

Ele passou por entre as mulheres aturdidas e subiu as escadas.

— O que foi? — Sua garganta lhe dava a impressão de ter gargarejado querosene. — Você não consegue abrir o cadeado?

— Consegui, senti o cadeado partir. . mentalmente.. mas a droga da porta é pesada demais para mim! Você terá de cuidar disso. Me dá a neném.

Ralph deixou-a retomar Natalie, então ergueu os braços e experimentou a porta do alçapão. Era pesada mesmo, mas Ralph estava funcionando com adrenalina pura e quando meteu os ombros nela e empurrou, a porta se abriu de chofre. Um jorro de luz e ar fresco varreu a escada estreita. Nos filmes de que Ralph tanto gostava, esses momentos eram em geral recebidos com gritos de triunfo e alívio, mas a princípio nenhuma das mulheres presas ali embaixo fez o menor ruído. Continuaram paradas em silêncio, os rostos inexpressivos contemplando o retângulo de céu azul que Ralph fizera aparecer no teto da sala, que a maioria

aceitara por sepultura.

E o que dirão depois? — ele se perguntou. — *Se realmente sobreviverem a isto, que dirão? Que um sujeitinho magro com sobrancelhas grossas e uma senhora meio grande (mas com belos olhos ibéricos) materializaram-se no porão, partiram o cadeado na porta de acesso externo e as fizeram sair sãs e salvas?*

Ele olhou para baixo e viu o garotinho estranhamente familiar retribuir o seu olhar com olhos sérios e arregalados. Havia uma cicatriz em forma de gancho na ponta de seu nariz. Ralph teve a impressão de que esse menino era o único que *realmente* os vira, mesmo depois de terem descido ao nível dos Vidas-Curtas, e Ralph sabia muito bem o que ele diria: os anjos tinham vindo, um anjo homem e um anjo mulher e tinham salvo todos. *Deve dar uma chamada interessante no noticicírio de hoje à noite,* pensou Ralph. Certamente Lisette Benson e John Kirkland iriam adorar.

Lois bateu com a mão em uma das vigas de sustentação.

— Vamos pessoal! Vamos saindo antes que o fogo chegue aos tanques de óleo da caldeira!

A mulher com a menininha foi a primeira a se mexer. Ergueu a criança em prantos nos braços e subiu as escadas com esforço, tossindo e choran-

do. As outras começaram a segui-la. O menininho olhou para Ralph com admiração quando passou por ele com a mãe e agradeceu:

— Falou, cara.

Ralph sorriu para ele — não conseguiu se conter —, então virou-se para Lois e apontou as escadas.

— Se eu não estiver completamente desorientado, esse acesso dá para os fundos da casa. Não deixe as mulheres seguirem já para a frente. Os tiras são bem capazes de abater metade delas antes de perceberem que estão atirando nas pessoas que vieram salvar.

— Está bem — Lois concordou, sem perguntas nem outras palavras, e Ralph a adorava por isso. Ela subiu as escadas imediatamente, parando apenas para trocar Nat de lado e amparar pelo cotovelo uma mulher que trope-

çava.

Agora restaram apenas Ralph e Helen Deepneau.

— Aquela era a Lois? — ela perguntou.

— Era.

— Com Natalie?

— Hum-hum.

Mais um grande pedaço do teto do porão cedeu, mais fagulhas rodopi-aram e línguas de fogo correram agilmente pelas traves do teto em direção à caldeira.

— Você tem certeza? — Ela agarrou-o pela camisa e fitou-o com olhos nervosos e inchados. — Você tem certeza que Lois levou Nat?

— Absoluta. Vamos agora.

Helen olhou a toda volta e pareceu contar mentalmente. Pareceu alarmada.

— Gretchen! — exclamou. — E Merrilee! Temos de ir buscar Merrilee, Ralph, ela está no sétimo mês de gestação!

— Ela está lá em cima — disse Ralph, agarrando-a pelo braço quando Helen fez menção de querer abandonar a escada e voltar ao porão em chamas. — Ela e Gretchen, as duas. As outras estão aqui?

— Acho que sim.

— Ótimo. Vamos. Vamos embora daqui.

3

RALPH E HELEN emergiram do porão envoltos em uma nuvem de fumaça escura, parecendo o grande final de um truque de mágica de classe internacional. Achavam-se realmente nos fundos da casa, perto dos varais de roupa. Vestidos, calças compridas, roupa íntima, lençóis e fronhas sacudiam à brisa fresca. Enquanto Ralph observava, uma telha em chamas caiu sobre um lençol e ateou-lhe fogo. Mais chamas saíam das janelas da cozinha, O calor era intenso.

Helen recostou-se nele, não por distração, mas por cansaço. Ralph amparou-a pela cintura para impedi-la de cair no chão. Ela arranhou fracamente sua nuca, tentando dizer alguma coisa sobre Natalie. Então viu-a nos braços de Lois e tranqüilizou-se um pouco. Ralph segurou-a melhor e afastou-a do acesso do porão, ao mesmo tempo arrastando-a e carregando-a.

Ao fazer isso, viu o que restara de um cadeado aparentemente novo, caído, ao lado do alçapão. Estava partido em dois e estranhamente retorcido, como se mãos imensamente fortes o tivessem arrancado.

As mulheres estavam reunidas a uns dez metros de distância, junto a uma quina da casa. Lois, de frente para elas, falava, impedindo-as de prosseguir. Ralph achou que com alguma preparação e um pouco de sorte nada lhes aconteceria quando avançassem — o tiroteio que partia da barricada da polícia não parara, mas diminuíra consideravelmente.

— PICKERING! — Parecia a voz de Leydecker, embora amplificada pelo megafone fosse impossível saber com certeza.

— *POR QUE NÃO BANCA O ESPERTO UMA VEZ NA VIDA E SAI ENQUANTO PODE?*

Mais sirenes se aproximavam, e entre elas o gargarejo de uma ambulância. Ralph conduziu Helen para junto das outras mulheres Lois lhe devolveu Natalie, então virou-se na direção da voz amplificada e pôs as mãos em concha em torno da boca.

— *Alô!* — gritou. — *Alô vocês aí fora, podem. .* — Parou, tossindo com tanta força que quase vomitou, o corpo dobrado, as mãos apoiando-se nos joelhos e as lágrimas saltando dos olhos irritados com a fumaça.

— Lois, você está bem? — Ralph perguntou. Pelo canto do olho, viu Helen cobrir de beijos o rosto de Sua Majestade a Neném.

— Ótima — respondeu, enxugando o rosto com os dedos. É só a droga da fumaça. — E tornou a levar as mãos em concha à boca. — *Vocês podem me ouvir?*

O tiroteio reduziu-se a uns poucos tecos de pistola. Ainda assim, Ralph pensou, bastava um daqueles tecos na direção errada para fazer uma mulher inocente morrer.

— *Leydecker!* — ele berrou, pondo também as mãos em concha em torno da boca. — *John Leydecker!*

Houve uma pausa, e então a voz amplificada deu uma ordem que alegrou o coração de Ralph.

— *CESSAR FOGO!*

Mais um tiro, em seguida o silêncio interrompido apenas pelos ruídos da casa em chamas.

— *QUEM ESTÁ FALANDO COMIGO? IDENTIFIQUEM-SE!*

Mas Ralph achou que já tinha problemas suficientes.

— *As mulheres estão aqui nos fundos!* — berrou, agora tendo de combater a vontade de tossir. — *Estou mandando todas para a frente da casa!*

— *NÃO, NÃO FAÇA ISSO!* — Leydecker respondeu. — *TEM UM*

HOMEM ARMADO NA ÚLTIMA SALA DO ANDAR TÉRREO! ELE

JÁ ACERTOU VÁRIAS PESSOAS!

Uma das mulheres gemeu ao ouvir isto e cobriu o rosto com as mãos.

Ralph limpou a garganta ardida o melhor que pôde — no momento acreditava que teria trocado todo o seu fundo de aposentadoria por uma garrafa geladinha de Coca-Cola — e gritou em resposta. — *Não se preocupe com Pickering! Pickering está...*

Mas exatamente como *estava* Pickering? Era uma pergunta e tanto, não era?

— *O Sr. Pickering está inconsciente! É por isso que parou de atirar!* — Lois gritou ao lado dele. Ralph não achava que ―inconsciente‖ fosse uma boa descrição, mas teria de servir. — *As mulheres vão dar a volta pelo lado da casa com as mãos para o alto! Nã atirem! Confirmem que não vão atirar!*

Houve um momento de silêncio. E em seguida:

— NÃO VAMOS ATIRAR, MAS ESPERO QUE A SENHORA

SAIBA O QUE ESTÁ DIZENDO, DONA.

Ralph fez sinal para a mãe do garotinho.

— Vá, agora. Vocês dois podem abrir o desfile.

— O senhor tem certeza de que não vão machucar a gente? — Os hematomas desbotados no rosto da jovem senhora (um rosto que Ralph também achou vagamente familiar) indicavam que as perguntas sobre quem iria ou não machucar o filho e ela faziam parte vital de seu cotidiano. — O

senhor tem certeza?

— Temos — Lois falou, ainda tossindo e lacrimejando. — É só pôr as mãos para o alto. Você sabe fazer isso, não sabe, garotão?

O garoto levantou as mãos com o entusiasmo de um ator veterano de filmes de polícia e ladrão, mas seus olhos brilhantes não se despregavam do rosto de Ralph.

Cor-de-rosa, Ralph pensou. *Se eu pudesse ver a aura dele, seria essa a cor.* Não estava muito seguro se era intuição ou memória, mas sabia que tinha razão.

— E os outros dentro da casa? — uma mulher perguntou.

— E se eles atirarem? Eles tinham armas, e se atirarem?

— Ninguém mais vai atirar de dentro da casa — Ralph tranqüilizou-a.

— Agora, vão.

A mãe do menininho lançou mais um olhar hesitante a Ralph, depois olhou para o filho.

— Está pronto, Pat?

— Pronto! — Pat confirmou sorrindo.

A mãe acenou com a cabeça e ergueu uma mão. A outra, passou-a pelos ombros dele num gesto precário de proteção que enterneceu o coração de Ralph. Contornaram o lado da casa assim.

— *Não atirem em nós!* — ela gritou. — *Estamos com as mãos para o alto e meu filhinho está comigo, por isso não atirem!*

As outras aguardaram um momento e, então, a mulher que levara as mãos ao rosto seguiu-os. A que estava com a menininha juntou-se a ela (a criança ia segura no colo, mas, ainda assim, mantinha as mãos obediente-mente no alto). As outras acompanharam, a maioria tossindo, todas com as mãos desocupadas erguidas para cima. Quando Helen ia entrar no fim da fila, Ralph tocou-a no ombro. Ela o olhou, seus olhos vermelhos expressando uma tranqüila indagação.

— É a segunda vez que você está presente quando Nat e eu precisamos de ajuda. Você é o nosso anjo da guarda, Ralph?

— Talvez. Quem sabe? Olhe, Helen, não há muito tempo. Gretchen morreu.

Ela acenou com a cabeça e começou a chorar.

— Eu sabia. Não queria saber, mas sabia assim mesmo.

— Sinto muito.

— Estávamos nos divertindo tanto quando eles chegaram, quero dizer, estávamos nervosas, mas havia muitas risadas e muita conversa descontraída. Íamos passar o dia nos preparando para o discurso de hoje à noite. O

comício e o discurso de Susan Day.

— É sobre hoje à noite que quero lhe perguntar — disse Ralph, falando o mais suavemente possível. — Você acha que ainda. .

— Estávamos fazendo o café da manhã quando eles chegaram. — Ela continuou como se não o tivesse ouvido; Ralph supôs que realmente não tivesse. Nat espiava por cima do ombro de Helen e, embora ainda tossisse, parara de chorar. Segura nos braços da mãe, olhava de Ralph para Lois e de novo para Ralph com viva curiosidade.

— Helen. . — Lois começou.

— Olhe! Está vendo ali? — Helen apontou para um velho Cadillac castanho estacionado junto a um barraco desconjuntado, que fora o engenho de cidra no tempo em que Ralph e Carolyn vinham ocasionalmente ali; provavelmente servira de garagem a High Ridge. O Cadillac estava em mau estado, o pára-brisa rachado, as portas amassadas, o vidro de um farol preso com fita adesiva. O pára-choque, coberto de adesivos pró-vida.

— Aquele é o carro em que vieram. Eles contornaram a casa como se tencionassem guardar o carro na garagem. Acho que foi isso que nos enganou. Foram direto para os fundos como se *pertencessem* ao abrigo. — Ela contemplou o carro por um momento, então voltou os olhos infelizes e vermelhos de fumaça para Ralph e Lois. — Alguém devia ter prestado aten-

ção aos adesivos naquele maldito calhambeque.

Ralph de repente lembrou-se de Barbara Richards na WomanCare —

Barbie Richards, que tinha se sentido segura quando Lois se aproximara.

Não se inquietara que Lois tivesse a mão dentro da bolsa à procura de alguma coisa; só lhe interessara que Lois era mulher. Sandra Mckay estava ao volante

daquele Cadillac; Ralph nem precisava perguntar a Helen para saber.

Tinham visto uma mulher e não deram atenção aos adesivos no pára-choque. Somos uma família; todas as minhas irmãs estão comigo.

— Quando Deanie avisou que tinha gente descendo do carro com roupas de combate e armas nas mãos, pensamos que era piada. Todas nós, isto é, menos Gretchen. Ela nos mandou para o porão o mais depressa possível. Então seguiu para a sala. Para chamar a polícia, suponho. Eu devia tê-la acompanhado.

— Não — Lois falou enroscando um cacho dos finos cabelos ruivos de Natalie nos dedos. — Você tinha essa menininha para cuidar, não é mesmo? E ainda tem.

— Acho que sim — disse inexpressiva. — Acho que tenho. Mas ela era minha amiga, Lois. *Minha amiga.*

— Eu sei, querida.

O rosto de Helen torceu-se como se fosse um trapo, e ela começou a chorar. Natalie encarou a mãe por um instante, com uma expressão de cômica surpresa, e então começou a chorar também.

— Helen — Ralph falou. — Helen, escute aqui. Tenho uma coisa para lhe perguntar. É importantíssima. Você está me ouvindo?

Helen confirmou com a cabeça, mas continuou a chorar. Ralph não fazia idéia se realmente ela estava ou não ouvindo. Ele olhou para o canto da casa, perguntando-se quanto tempo a polícia ia demorar a aparecer ali, e então respirou fundo.

— Você acha que ainda há possibilidade de manterem o comício de hoje à noite? Por menor que seja? Você era a mais próxima de Gretchen.

Me dê sua opinião.

Helen parou de chorar e encarou-o com os olhos quietos, arregalados, como se não pudesse acreditar no que acabara de ouvir. Então seus olhos se inundaram de uma fúria terrível.

— Como pode perguntar uma coisa dessas? Como pode sequer *perguntar?*

— Bem.. porque... — Ralph parou, incapaz de prosseguir. Agressivi-dade era a última coisa que esperara.

— Se eles nos imobilizarem agora, ganham a parada — disse Helen.

— Você não está vendo? Gretchen está morta, Merrilee está morta. High Ridge está totalmente queimado com todos os pertences dessas mulheres, e se eles nos imobilizam agora ganharão a parada.

Uma parte da mente de Ralph — uma parte profunda — estabeleceu uma terrível comparação. Outra parte, a que amava Helen, adiantou-se para bloqueá-la, mas chegou demasiado tarde. Os olhos dela pareciam os de Charlie Pickering, sentado ao lado de Ralph na biblioteca, e não havia como argumentar com uma cabeça que podia comandar aquela expressão nos olhos.

— Se nos imobilizarem agora eles ganham a parada! — ela berrou. Em seu braços, Natalie começou a chorar com mais força. — *Você não entende?*

Porra você não ENTENDE? Não vamos deixar isso acontecer nunca! Nunca! Nunca!

Nunca!

Bruscamente ela levantou a mão que não estava ocupada carregando a neném e deu a volta no prédio. Ralph tentou detê-la, mas só conseguiu tocar as costas da blusa com as pontas dos dedos. E foi só.

— Não atirem em mim! — Helen gritava para a polícia do outro lado da casa. — *Não atirem em mim, sou uma das mulheres! Sou uma das mulheres! Sou uma das mulheres.*

Ralph precipitou-se atrás dela — sem pensar, instintivamente — e Lois agarrou-o pelo cinto.

— É melhor não ir para lá, Ralph. Você é homem e eles podem pensar. .

— Alô, Ralph! Alô, Lois!

Os dois se viraram na direção da voz. Ralph reconheceu-a imediatamente, e se sentiu ao mesmo tempo surpreso e não surpreso. Parado para além do varal com a sua carga de lençóis e roupas em chamas, estava Dorrance Marstellar, trajando calças desbotadas de flanela e um velho par de óculos emendados com fita isolante. Seus cabelos, finos como os de Natalie (mas brancos ao invés de ruivos), esvoaçavam em volta da cabeça ao vento de outubro que alisava o topo do morro. Como sempre, trazia um livro nas mãos.

— Venham, vocês dois — convidou-os, acenando sorridente. — Andem logo.

Não temos muito tempo.

4

ELE os conduziu por um caminho pouco usado e coberto de mato que se afastava da casa sinuosamente para oeste. Primeiro contornava uma horta de bom tamanho, da qual tudo fora colhido exceto as abóboras e a-bobrinhas, depois passava por um pomar carregado de maçãs quase maduras, em seguida atravessava um silvado de amoreiras cujos espinhos pareciam se esticar para todo lado para se enganchar na roupa deles. Ao saírem do silvado para as sombras de velhos pinheiros e abetos, ocorreu a Ralph que agora deviam estar na vertente de Newport.

Dorrance caminhava rápido para um homem de sua idade, e o sorriso tranqüilo jamais deixava seu rosto. O livro que carregava era *For Love, Poems* 1950-1960, de autoria de um certo Robert Creeley. Ralph nunca ouvira falar nele, mas supunha que o Sr. Creeley também nunca ouvira falar em Elmore Leonard, Ernest Haycox ou Louis L'Amour, tampouco. Só tentou falar com o velho Dor uma vez, quando os três finalmente chegaram à base da encosta que as agulhas de pinheiro tornavam escorregadia e traiçoeira. Um pouco adiante, um riachinho corria espumante e frio.

— Dorrance, que é que você está fazendo aqui? Aliás, como foi que *chegou* aqui? E aonde estamos indo?

— Ah, quase nunca respondo a perguntas — disse o velho Dor com um largo sorriso. Ele examinou o riacho, ergueu um dedo e apontou para a água. Uma pequena truta castanha saltou no ar, sacudiu gotas brilhantes da nadadeira, e tornou a mergulhar na água. Ralph e Lois se entreolharam com a mesma expressão, *Será que vi o que achei que vi?*

— Não, não — Dor continuou, passando da margem para uma pedra molhada. — Quase nunca. Difícil demais. Possibilidades demais. Níveis demais. . hein, Ralph? O mundo está cheio de níveis. Como vai, Lois?

— Ótima — ela respondeu mecanicamente, observando Dorrance atravessar o riacho pisando em algumas pedras convenientemente situadas.

Fez isso com os braços abertos para os lados, uma postura que o fazia parecer o acrobata mais velho do mundo. Assim que alcançou a outra margem, ouviram um violento deslocamento de ar no morro atrás deles — não chegou a ser uma explosão.

Lá se vão os tanques de óleo, pensou Ralph.

Na margem oposta, Dor virou-se para eles, exibindo aquele sorriso tranqüilo de Buda. Ralph subiu desta vez sem a menor consciência de fazê-lo e sem a sensação de piscadela mental. As cores inundaram o mundo, mas ele mal notou; toda a sua atenção fixara-se em Dorrance, e por um lapso de quase dez segundos esqueceu-se de respirar.

Ralph vira auras de muitas tonalidades no último mês, mas nada nem remotamente semelhante ao esplêndido envoltório do velho que Don Veazie certa vez descrevera como ―gente muito fina, mas na verdade meio bobo‖. Era como se a aura de Dorrance tivesse sido peneirada por um pris-

ma. . ou por um arco-íris. Ele irradiava luz em arcos ofuscantes: ao azul seguia-se o magenta, ao magenta, o vermelho, ao vermelho, o rosa, ao rosa, o branco amarelado e cremoso de uma banana madura.

Ralph sentiu a mão de Lois procurar a dele e segurou-a.

[— *Nossa. Ralph, você está vendo? Está vendo corno ele é bonito?*]

[— *Se estou.*]

[— *Que é que ele é? É humano?*]

[— *Não s. .*]

[— *Parem com isso, os dois. Desçam.*]

Dorrance estava sorrindo, mas a voz que ouviram mentalmente não tinha nenhuma vagueza. E antes que Ralph pudesse comandar sua descida, sentiu que o empurravam para baixo. As cores e a acuidade dos sons sumiram na mesma hora.

— Não temos tempo para isso agora — falou Dor. — Ora, já é meio-dia.

— *Meio-dia?* — Lois estranhou. — Não *pode* ser! não eram nem nove horas quando chegamos, e não pode ter passado mais de meia hora!

— O tempo passa mais depressa quando se sobe — disse o velho Dor.

Falou sério, mas seus olhos cintilavam. — Pergunte a qualquer pessoa que esteja bebendo cerveja e ouvindo música sertaneja num sábado à noite. Vamos! Apressem-se! O relógio não pára de correr! Atravessem o riacho!

Lois adiantou-se, pisando cautelosamente de pedra em pedra com os braços abertos, imitando Dor. Ralph seguiu-a com as mãos nos quadris, pronto para segurá-la se ela desse sinais de vacilar, mas foi ele quem quase acabou caindo dentro d'água. Conseguiu evitar o tombo, mas somente à custa de encharcar um pé até o tornozelo. Pareceu-lhe que, em algum ponto remoto de sua mente, ouvia o riso alegre de Carolyn.

— Não pode nos dizer alguma coisa, Dor? — perguntou quando chegaram ao outro lado. — Estamos nos sentindo bastante perdidos aqui. — *E*

não falo apenas mentalmente ou espiritualmente tampouco, pensou. Nunca estivera naquela mata em sua vida, nem mesmo para caçar perdizes ou cervos quando rapaz. Se o caminho que seguiam terminasse, ou se o velho Dor perdesse o que quer que usasse para se orientar, e aí?

— Posso — Dor respondeu prontamente. — Posso lhe dizer uma coisa, e é absolutamente verdadeira.

— O quê?

— Estes são os melhores poemas que Robert Creely já compôs — declarou o velho Dor, erguendo o exemplar de *For Love,* e antes que qualquer dos dois pudesse reagir, ele virou as costas e recomeçou a trilhar o caminho mal definido que cortava a mata para oeste.

Ralph olhou para Lois. Ela retribuiu seu olhar, igualmente perdida.

Depois, sacudiu os ombros.

— Vamos, companheiro — disse. — É melhor não perdermos Dor de vista. Eu não trouxe o meu miolo de pão.

5

ELES subiram outro morro, e, do topo, Ralph pôde ver que o caminho que trilhavam descia até uma velha estrada dividida por uma faixa de capim. Terminava numa pedreira a uns quarenta e poucos metros adiante.

Havia um carro com o motor ligado na entrada da pedreira, um modelo de Ford recente e absolutamente padronizado que, no entanto, Ralph pensou conhecer. Quando a porta se abriu e o motorista desceu, tudo se encaixou.

Claro que conhecia o carro; vira-o da janela da sala de Lois na terça-feira à

noite. Ficara um bom tempo atravessado no meio da Avenida Harris com o motorista ajoelhado à luz dos faróis. . junto ao cachorro moribundo que atropelara. Joe Wyzer ouviu-os chegando, olhou e acenou.

CAPÍTULO 23

1

— Ele disse que queria que eu dirigisse — Wyzer explicou, enquanto fazia cuidadosamente a volta na entrada da pedreira.

— Para onde? — Lois perguntou. Achava-se sentada no banco traseiro com Dorrance. Ralph, no banco dianteiro com Joe Wyzer, que não parecia muito seguro quanto ao lugar onde estava ou sequer quem era. Ralph subira de nível, um tiquinho à toa, ao apertar a mão do farmacêutico, querendo dar uma espiada na aura de Wyzer. Tanto a aura quanto o fio de balão estavam lá, e ambos pareciam perfeitamente saudáveis. . mas o amarelo-laranja vivo parecia ligeiramente neutralizado. Ralph imaginou que provavelmente isso se devia à influência do velho Dor.

— Boa pergunta — respondeu Wyzer. E deu uma risadinha, constrangida. — Realmente não faço a menor idéia. Este foi o dia mais *estranho* de toda a minha vida, não resta dúvida.

A estrada da mata terminava num entroncamento com uma estrada asfaltada de duas pistas. Wyzer parou, espiou o tráfego, em seguida virou à esquerda. Logo depois, passaram por uma placa que dizia PARA I-95, e Ralph supôs que Wyzer fosse virar para o norte assim que chegassem ao pedágio. Agora sabia onde estavam — a uns três quilômetros ao sul da estrada 33. Dali poderiam regressar a Derry em menos de meia hora e Ralph não duvidava que era para lá que se dirigiam.

Abruptamente ele começou a rir.

— Ora, ora, aqui vamos nós — disse. — Três caras felizes saindo para dar um passeio ao meio-dia. Digamos, quatro. Seja bem-vindo ao maravilhoso mundo da hiper-realidade, Joe.

Joe lhe lançou um olhar severo, depois se descontraiu num sorriso.

— É isso que é? — E antes que Ralph ou Lois pudessem responder.

— É suponho que é.

— Você leu aquele poema? — Dorrance perguntou às costas de Ralph. — Aquele que começa com ―Cada coisa que faço, faço-a depressa para poder fazer mais outra‖?

Ralph virou-se e viu que Dorrance conservava o seu sorriso largo e plácido.

— Li, sim, Dor. .

— Não é demais? É *tão* bom. Stephen Dobyns me lembra um Hart Crane despretencioso. Ou talvez eu queira dizer *Stephen* Crane, mas acho que não. Naturalmente ele não tem a musicalidade de um Dylan Thomas, mas será que isso é um defeito? Provavelmente não. A poesia moderna não fala de música. Fala de *coragem,* quem tem e quem não tem.

— Nossa! — exclamou Lois, girando os olhos.

— Ele provavelmente poderia nos dizer o que precisamos saber se subíssemos alguns níveis — falou Ralph — mas você não quer que a gente faça isso, não é, Dor? Porque o tempo passa mais depressa quando estamos mais alto.

— Bingo — respondeu Dorrance. As placas azuis que assinalavam as entradas norte e sul para o pedágio reluziram adiante. — Você terá de subir mais tarde, imagino, você e Lois, por isso é muito importante ganhar o máximo de tempo possível agora. Ganhar. . tempo. — Ele fez um gesto estranhamente evocativo, baixando o polegar e o indicador nodosos no ar, ao mesmo tempo em que os juntava, como se quisesse indicar uma passagem estreita.

Joe Wyzer ligou o pisca-pisca, virou à esquerda, e desceu a rampa que seguia para o norte em direção à Derry.

— Como foi que você se envolveu nisso, Joe? — Ralph perguntou. —

De todas as pessoas no lado oeste, porque Dorrance convocou você para servir de motorista?

Wyzer balançou a cabeça e, quando o carro alcançou o pedágio, saiu imediatamente para a pista de passagem. Ralph esticou a mão rápido e corrigiu o curso, lembrando-se que Joe provavelmente não andava dormindo muito nos últimos tempos. Ficou satisfeitíssimo ao ver que a auto-estrada estava praticamente deserta, pelo menos a essa distância da cidade. Pouparia alguma ansiedade, e Deus sabe que levaria o que encontrasse nesse departamento hoje.

— Nós estamos todos ligados pelo Desígnio — Dorrance disse abruptamente. —

Isto tem o nome *ka-tet,* ou seja, um formado por muitos. Da mesma maneira que muitos versos compõem um só poema. Entende?

— Não — Ralph, Lois e Joe disseram ao mesmo tempo, num coro perfeito, sem ensaio, e então riram juntos, nervosamente. Os *Três insones do Apocalipse,* pensou Ralph. *Deus nos acuda.*

— Tudo bem — falou o velho Dor abrindo aquele seu largo sorriso.

— Podem acreditar no que digo. Você e Lois. . Helen e a filhinha. . Bill..

Faye Chapin. . Trigger Vachon. . eu! Todos pertencemos ao Desígnio.

— Isto é ótimo, Dor — disse Lois — mas onde é que o Desígnio está nos levando agora? E o que é que espera que a gente faça quando chegar lá?

Dorrance se curvou para a frente e cochichou no ouvido de Joe Wyzer, escondendo a boca com a mão inchada e manchada de velhice. Então recostou-se novamente, parecendo imensamente satisfeito consigo mesmo.

— Ele diz que vamos ao centro cívico — anunciou Joe.

— O centro *cívico!* — Lois exclamou, parecendo alarmada. — Não, deve haver algum engano! Aqueles homenzinhos disseram..

— Esqueçam os homenzinhos no momento — disse Dorrance. —

Lembrem-se apenas do que falamos: coragem. Quem tem e quem não tem.

2

FEZ-SE silêncio no Ford de Joe Wyzer durante quase dois quilômetros. Dorrance abriu o livro de poemas de Robert Creeley e começou a ler um, acompanhando a leitura de uma linha para outra com a unha amarelada de um dedo extremamente velho. Ralph recordou-se de uma brincadeira que às vezes faziam na infância — não era muito agradável. Caça de tocaia, era o nome que lhe davam. Reuniam-se uns garotos mais novinhos e muito mais bobos, contava-se uma história absurda sobre uma caça mítica, entre-gavam-se sacos de aniagem a eles e mandava-os passar uma tarde extenuan-te nos baixios e alagados, à procura de pássaros inexistentes. A brincadeira também era chamada caça ao ganso selvagem, e subitamente ele teve a sensação inexorável de que Cloto e Láquesis tinham feito essa brincadeira com ele e Lois no telhado do hospital.

Virou-se no banco e encarou o velho Dor. Dorrance dobrou o canto superior da

página que estava lendo, fechou o livro e retribuiu o olhar de Ralph com educado interesse.

— Eles nos disseram que não devíamos nos aproximar nem de Ed Deepneau nem do Dr. n□3 — disse Ralph. Falou lentamente e com grande clareza. — Disseram especificamente que sequer devíamos *pensar* em fazer isso, porque a situação investira os dois de grande poder e era provável que fôssemos abatidos como moscas. Na realidade, acho que Láquesis disse que, se tentássemos nos aproximar de Ed ou de Átropos, poderíamos acabar recebendo uma visita de um dos chefões dos níveis superiores. . alguém que Ed chama de Rei Sanguinário. E pelo que ouvimos dizer não é um cara nada simpático.

— É — concordou Lois com uma voz fraquinha. — Foi o que nos disseram no telhado do hospital. Disseram que tínhamos de convencer as mulheres da coordenação a cancelarem a visita de Susan Day. Essa foi a razão para irmos a High Ridge.

— E vocês conseguiram convencê-las? — Wyzer perguntou.

— Não. Os malucos do Ed chegaram antes, puseram fogo no abrigo, e mataram pelo menos duas mulheres. A tiros. Uma era a mulher com quem realmente queríamos falar.

— Gretchen T illbury — falou Ralph.

— É — Lois confirmou. — Mas com certeza não precisamos mais fazer isso. . Não posso acreditar que vão prosseguir com o comício. Quero dizer, como poderiam? Deus do céu, há no mínimo quatro pessoas mortas!

Provavelmente mais! Elas *têm* que cancelar o discurso ou pelo menos adiá-lo. Não éverdade?

Nem Dorrance nem Joe responderam. Nem Ralph, tampouco — ele estava pensando nos olhos vermelhos e furiosos de Helen. *Como pode sequer perguntar? Se eles nos imobilizarem agora, ganharão a parada.*

Se nos imobilizarem agora, ganharão a parada.

Haveria alguma maneira legal da polícia *poder* detê-las? Provavelmente não. O Conselho Municipal, então? Talvez. Quem sabe pudessem convocar uma reunião especial e revogar a permissão para a WomanCare realizar o comício. Mas será que *fariam* isso? Se houvesse duas mil mulheres enraiveci-das e enlutadas se aglomerando em torno da prefeitura aos gritos de *Se nos imobilizarem agora, eles*

ganharão a parada, será que o conselho *iria* querer revogar a permissão?

Ralph começou a sentir um frio profundo no estômago.

Helen claramente considerava o comício de hoje à noite mais importante que nunca, e não seria a única. A questão já não se restringia apenas à opção e a quem tinha o direito de decidir o que a mulher fazia com o seu corpo; tratava-se agora de definir quais as causas por que valia a pena morrer e de homenagear as amigas que tinham acabado de fazer isso. Não estavam mais falando apenas de políticas mas de uma espécie de réquiem secu-lar pelas mortas.

Lois segurara seu ombro e o sacudia com força. Ralph despertou para o aqui e o agora, mas lentamente, como um homem que desperta no meio de um sonho incrivelmente real.

— Elas *vão* cancelar o comício, não vão? E mesmo se, por alguma razão idiota, não cancelarem, a maioria das pessoas não vai comparecer, certo?

Depois do que aconteceu em HighRidge, terão medo de comparecer!

Ralph considerou essa idéia e em seguida sacudiu a cabeça.

— A maioria das pessoas vai pensar que o perigo passou. O noticiário vai informar que dois radicais que atacaram High Ridge estão mortos, e o terceiro, catatônico, ou coisa parecida.

— Mas Ed! E Ed? — ela exclamou. — Foi ele que os mandou atacar, pelo amor de Deus! *Foi ele que os mandou lá, para começar!*

— Pode ser verdade, provavelmente é verdade, mas como iríamos provar isso? Você sabe o que acho que os tiras vão encontrar no lugar onde Charlie Pickering anda dormindo? Um bilhete dizendo que foi tudo idéia dele. Um bilhete isentando Ed de toda culpa, provavelmente num tom de acusação.. dizendo que Ed os desertou na hora de maior necessidade. E se não encontrarem um bilhete desses no quarto que Charlie aluga, vão encontrá-lo no de Frank Felton. Ou no de Sandra McKay.

— Mas isso. . isso é.. — Lois emudeceu, mordendo o lábio inferior.

Então olhou para Wyzer com os olhos cheios de esperança. — E Susan Day? Onde *ela* está? Alguém sabe? Você sabe? Ralph e eu vamos ligar para ela e..

— Ela já está em Derry — disse Wyzer — embora eu duvide que mesmo a polícia saiba com certeza o seu paradeiro. Mas o que ouvi no noti-

ciário, enquanto o velho e eu estávamos a caminho de High Ridge, é que o comício vai se realizar hoje à noite.. e segundo disseram a informação vinha diretamente dela.

Claro, pensou Ralph. *Claro que sim. O espetáculo continua, o espetáculo tem que continuar, e ela sabe disso. Alguém que tem cavalgado a crista do movimento feminista todos esses anos — diabos, desde a convenção de Chicago em 1968 — reconhece um verdadeiro divisor de águas quando encontra um. Ela avaliou os riscos e os considerou aceitáveis. Ou isso ou avaliou a situação e decidiu que seria inaceitável a perda de credibilidade que decorreria de uma retirada. Talvez as duas coisas. Em todo o caso, ela* é *tão prisioneira dos acontecimentos — do* ka-tet *— quanto todos nós.*

Alcançaram a periferia de Derry. Ralph divisava o centro cívico no horizonte.

Lois voltou-se para o velho Dor.

— Onde é que ela está? *Você* sabe? Não faz diferença quantos seguranças existem em volta; Ralph e eu podemos ficar invisíveis quando queremos. . e somos muito bons em fazer as pessoas mudarem de idéia.

— Mas mudar a idéia de Susan Day não mudaria nada — disse Dor.

Ele continuava a exibir aquele sorriso largo e enlouquecedor. — As pessoas irão ao centro cívico hoje à noite apesar de tudo. Se encontrarem as portas trancadas, vao arrombá-las, entrar, e fazer o comício do mesmo jeito. Para mostrar que não têm medo.

— O feito não pode ser desfeito — disse Ralph monotonamente.

— Certo, Ralph! — Dor apoiou animado, dando-lhe palmadinhas no braço.

3

CINCO minutos depois, Joe passou com seu Ford pela horrenda está-tua de plástico de Paul Bunyan erigida diante do centro cívico e virou numa entrada onde havia uma placa SEMPRE HÁ ESTACIONAMENTO

GRATUITO NO SEU CENTRO CÍVICO!

Os quatro mil metros quadrados de estacionamento situavam-se entre o prédio do centro cívico propriamente dito e o prado de corridas de Bassey Park. Se o evento daquela noite fosse um concerto de rock ou a inauguração de um salão náutico ou uma luta livre, o estacionamento seria todo deles àquela hora; mas era

evidente que o programa desta noite ia deixar um amis-toso de basquete ou uma das animadas corridas de caminhão, freqüentes no local, a anos-luz de distância. Já havia sessenta ou setenta carros estacionados, e pequenos grupos aqui e ali, observando o prédio. Na maioria, mulheres. Algumas traziam cestas de piqueniques, muitas choravam, e quase todas usavam braçadeiras de luto. Ralph viu uma mulher de meia-idade com um rosto cansado e inteligente e uma farta cabeleira grisalha, distribuindo as braçadeiras que tirava de uma saca. Usava uma camiseta com o rosto de Susan Day estampado no peito e as palavras VENCEREMOS TODOS OS

OBSTÁCULOS.

A área de circulação diante do conjunto de portas do centro cívico estava ainda mais movimentada do que o estacionamento. Nada menos que seis caminhões de TV tinham parado ali e várias equipes técnicas reuniam-se sob uma cobertura triangular de cimento em grupinhos, discutindo como iam cobrir o evento daquela noite. E pela faixa desfraldada na cobertura de cimento, que balançava levemente à brisa, ia ser um acontecimento. O

COMÍCIO JÁ COMEÇOU lia-se em grandes letras tremidas feitas com tinta spray. OITO DA NOITE. VENHA DEMONSTRAR SUA SOLIDARIEDADE EXPRESSAR SUA INDIGNAÇÃO CONSOLAR SUAS

IRMÃS.

Joe estacionou o Ford, então virou-se para o velho Dor, de sobrancelhas erguidas. Dor fez um sinal com a cabeça e Joe olhou para Ralph.

— Acho que é aqui que você e Lois desembarcam, Ralph. Boa sorte.

Ficaria com vocês se pudesse, cheguei a pedir, mas ele disse que não estou equipado.

— Tudo bem — respondeu Ralph. — Agradecemos tudo que você tem feito, não é mesmo, Lois?

— Claro — disse Lois.

Ralph levou a mão à maçaneta, e tornou a largá-la. Virou-se de frente para Dorrance.

— Afinal qual é o caso? Quero dizer, de verdade. *Não é* salvar as duas mil e tantas pessoas que Cloto e Láquesis disseram que estarão aqui hoje à noite, disso

tenho certeza. Para o tipo de forças Eternas a que *eles* se referiram, duas mil vidas provavelmente são uma gotinha de óleo na caldeira. Então qual é o caso, Alfie? Por que estamos aqui?

O sorriso de Dorrance finalmente desaparecera; e com isso ele pareceu mais jovem e estranhamente formidável.

— Jó fez a mesma pergunta a Deus — falou — e não recebeu resposta. Você também não vai receber, mas vou lhe dizer o seguinte: você se tornou o pivô de grandes acontecimentos e forças gigantescas. A obra do universo superior praticamente parou, enquanto os membros do Acaso e do Desígnio acompanham interessados o seu progresso.

— Legal, mas continuo sem entender — disse Ralph, demonstrando mais resignação do que raiva.

— E eu também, mas duas mil vidas são razão suficiente para mim —disse Lois calma. — Nunca poderia conviver com a idéia de que sequer tentei impedir o que está para acontecer. Sonharia o resto da minha vida com o saco mortuário que cobre este prédio. E mesmo que só dormisse uma hora por noite ainda sonharia com ele.

Ralph pesou o que Lois acabara de dizer e fez um gesto de concordân-cia. Abriu a porta e pôs um pé para fora.

— É um bom argumento. E Helen estará presente. Talvez até traga Natalie. Talvez, para Vidas-Curtas mixurucas como nós, isso seja suficiente.

E talvez, pensou, *eu queira uma revanche com o Dr. n□ 3.*

Ah, Ralph, Carolyn lamentou. *Clint Eastwood?* De novo?

Não, não é Clint Eastwood. Nem Sylvester Stallone nem Arnold Sch-warzenegger, tampouco. Nem mesmo John Wavne. Ele não era nenhum herói nem astro de cinema; era simplesmente Ralph Roberts da Avenida Harris. Isto porém não tornava o rancor que sentia pelo Dr. do bisturi enferrujado menos real. E agora na fatura daquele rancor havia muito mais do que um simples cachorro vira-lata e um professor de história aposentado que morara no térreo nos últimos dez anos. Ralph não conseguia esquecer a sala de High Ridge e as mulheres encostadas na parede debaixo do poster de Susan Day. Não era no ventre grávido de Merrilee que sua mente se fixava, mas nos cabelos de Gretchen Tillbury — aqueles lindos cabelos louros que foram quase todos queimados pelo tiro de rifle à queima-roupa que lhe tirara a vida. Charlie

Pickering puxara o gatilho, e talvez Ed Deepneau tivesse posto a arma em suas mãos, mas era Átropos que ele culpava, Átropos o ladrão pulador de corda, Átropos o ladrão de chapéus, Átropos o ladrão de pentes.

Átropos o ladrão de brincos.

— Vamos, Lois — disse. — Vamos. .

Mas ela pôs a mão em seu braço e sacudiu a cabeça.

— Ainda não, volte aqui e bata a porta.

Ralph fitou-a atentamente, então atendeu o pedido. Ela fez uma pausa, organizando os pensamentos e, quando falou, olhou diretamente para o velho Dor.

— Continuo sem entender por que fomos mandados para High Ridge.

Eles nunca falaram abertamente o que devíamos fazer, mas sabemos, não sabemos Ralph, que era isso que esperavam de nós. *E quero entender*. Se tí-

nhamos que vir para *cá,* por que tivemos de ir para *lá?* Quero dizer, salvamos algumas vidas, e fico muito feliz, mas acho que Ralph tem razão, um punhado de vidas não significa muito para o pessoal que está dirigindo este espetáculo.

Fez-se silêncio por um instante e então Dorrance falou:

— Cloto e Láquesis realmente lhe pareceram oniscientes e sábios, Lois?

— Bem.. eles eram inteligentes, mas não creio que fossem gênios —ela respondeu após um momento de reflexão. — Num determinado momento, eles se referiram a si mesmos como operários hierarquicamente muito inferiores aos diretores executivos que tomavam as decisões.

O velho Dor concordava e sorria.

— Cloto e Láquesis são quase Vidas-Curtas no grande esquema das coisas. Têm medos próprios e bloqueios mentais. E também são capazes de decidir mal.. mas, no fim, não faz muita diferença, porque também servem ao Desígnio. E ao *ka-tet.*

— Eles eram de opinião que levaríamos a pior se batêssemos de frente com Átropos, não é? — Ralph perguntou. — Por isso se convenceram de que poderíamos realizar o que queriam usando a porta dos fundos. . a porta dos

fundos, no caso, era High Ridge.

— É — disse Dor. — É isso.

— Legal — exclamou Ralph. — Adoro um voto de confiança. Principalmente quando. .

— Não — interrompeu Dor. — *Não* é isso.

Ralph e Lois trocaram um olhar intrigado.

— De que é que você está falando?

— São as duas coisas ao mesmo tempo. Muitas vezes é assim que as coisas são na esfera do Desígnio. Sabem.. bem... — Ele suspirou. — *Detesto* todas essas perguntas. Quase *nunca* respondo perguntas, não lhes disse isso?

— Disse — Lois confirmou. — Disse.

— Pois bem. E agora, bingo! Todas essas perguntas. Chatas! E inúteis!

Ralph olhou para Lois, e ela retribuiu seu olhar. Nenhum dos dois fez qualquer movimento para se retirar.

Dor deu um grande suspiro.

— Muito bem.. mas esta é a última coisa que vou dizer, portanto prestem atenção. Cloto e Láquesis podem ter mandado vocês a High Ridge pelas razões erradas, mas o Desígnio mandou vocês lá pelas razões certas. E

vocês cumpriram sua tarefa.

— Salvamos as mulheres — Lois disse.

Mas Dorrance sacudiu a cabeça.

— Então o que *foi* que fizemos? — ela quase gritou. — *O quê?* Será que não temos o direito de saber que parte desse maldito Desígnio realiza-mos?

— Não — Dorrance respondeu. — Pelo menos por ora. Porque vão ter que fazer isso outra vez.

— Isso é coisa de maluco — Ralph disse.

— Não é, não — Dorrance retrucou. Segurava agora o *For Love* apertado contra

o peito, dobrando-o para diante e para trás, e olhava sério para Ralph. — O *Acaso* é que é maluco. O Desígnio não.

Muito bem, pensou Ralph, *que foi que fizemos em High Ridge além de salvar as pessoas no porão? E John Leydecker, é claro — acho que Pickering o teria matado como matou Chris Nel se eu não tivesse interferido. Seria alguma coisa relacionada com Leydecker?*

Ele supunha que era, mas não parecia fazer muito sentido.

— Dorrance, será que não podia nos dar mais alguma informação?

Quero dizer. .

— Não — respondeu o velho Dor sem rispidez. — Chega de perguntas, não temos mais tempo. Faremos uma boa refeição juntos quando tudo isso terminar. . isto é, se ainda estivermos por aqui.

— Você realmente sabe animar um cara, Dor. — Ralph abriu a porta.

Lois fez o mesmo e os dois começaram a descer para o estacionamento. Ele se curvou e olhou para Joe Wyzer.

— Mais alguma coisa? Alguma coisa de que se lembre?

— Não, acho que não. .

Dor se curvou para a frente e cochichou em seu ouvido. Joe escutou franzindo a testa.

— Então? — Ralph perguntou quando Dorrance se recostou. — Que foi que ele disse?

— Ele disse para não se esquecer do meu pente — falou Joe. — Não tenho a mínima idéia do que está falando, mas isso não é novidade.

— Tudo bem — Ralph respondeu com um sorrisinho. — É uma das poucas coisas que eu *realmente* entendi. Vamos, Lois, vamos dar uma espiada no pessoal. Circular um pouco.

4

A MEIO caminho do estacionamento, Lois lhe deu uma cotovelada tão forte nas costelas, que Ralph cambaleou.

— Olhe! — ela sussurrou. — Bem ali! Aquela não é a Connie Chung?

Ralph olhou. Era, a mulher de casaco bege parada entre dois técnicos com o logo tipo da CBS nos blusões era quase com certeza Connie Chung.

Admirara seu rosto bonito e inteligente e seu sorriso simpático, durante muitos jantares, para ter muita dúvida.

— Se não é ela é uma irmã gêmea — respondeu.

Lois parecia ter esquecido tudo sobre o velho Dor, High Ridge e os doutorezinhos carecas, naquele momento era mais uma vez a mulher que Bill McGovern gostava de chamar de ―Nossa Lois‖.

— Essa não! Que é que *ela* está fazendo aqui?

— Bem — Ralph começou, e então cobriu a boca para esconder um bocejo de destroncar o queixo. — Acho que agora o que acontece em Derry é notícia de interesse nacional. Ela deve estar aqui para fazer uma tomada ao vivo no centro cívico para o noticiário da noite. Em todo o caso. .

Repentinamente, sem o menor aviso, as auras refluíram. Ralph perdeu o fôlego.

— *Caramba!* Lois, você está vendo isso?

Mas ele achava que não. Se *estivesse,* Connie Chung não teria sequer merecido uma menção honrosa no programa de atenções de Lois. Conceber sequer tal idéia era terrível e pela primeira vez Ralph compreendeu totalmente que mesmo o mundo luminoso das auras tinha o seu lado escuro, que faria uma pessoa comum cair de joelhos e agradecer a Deus por ter uma percepção reduzida.

E isso sem ter subido de nível, pensou. *Pelo menos, acho que não. Estou apenas dando uma* olhada *no mundo lá fora, como um homem que espia pela janela. Não faço realmente parte dele.*

Nem tampouco *queria.* Só olhar para uma coisa dessas era quase suficiente para uma pessoa desejar ser cega.

Lois franzia a testa para ele.

— O que, as cores? Não. Devo tentar vê-las? Há algum problema com elas?

Ele tentou responder, mas não conseguiu. Um instante depois, sentiu a mão de Lois aplicar em seu braço um doloroso beliscão acima do cotovelo e viu que não

era necessário qualquer explicação. Para melhor ou para pior, Lois agora estava vendo com os próprios olhos.

— *Nossa* — ela gemia numa vozinha engasgada que beirava as lágrimas. — *Nossa, nossa,* puxa vida.

Do telhado do hospital de Derry, a aura sobre o centro cívico parecera um vasto e frouxo guarda-chuva — o logotipo da companhia de seguros Travelers pintado de preto com um creiom infantil, talvez. Parados ali no estacionamento, era como se estivessem dentro de um enorme mosquiteiro indescritivelmente nojento, tão velho e malcuidado que o filó fora obstruído com mofo preto-esverdeado. O radioso sol de outubro transformava-se, reduzido a um turvo círculo de prata oxidada. O dia ganhava um ar sombrio, enevoado que fez Ralph pensar em imagens da Londres no fim do século dezenove. Não estavam simplesmente olhando para o saco mortuário do centro cívico, não mais; estavam enterrados vivos dentro dele. Ralph sentia-o impor-se vorazmente, tentando engolfá-lo com sentimentos de perda, desespero e tristeza.

Por que se incomodar? perguntou a si mesmo, observando, apático, o Ford de Joe Wyzer retornar à rua Principal com o velho Dor sentado no banco traseiro. *Quero dizer, no duro, de que adianta? Não podemos alterar nada, não há a menor possibilidade. Talvez tenhamos feito alguma coisa em High Ridge, mas a diferença entre o que ocorreu lá e o que está ocorrendo aqui é a mesma entre uma manchi-nha e um buraco negro. Se tentarmos nos intrometer nessa história, vamos ser esmagados.*

Ele ouviu soluços ao seu lado e se deu conta de que Lois chorava. Reunindo sua energia diminuída, ele a abraçou pelos ombros.

— Agüente firme, Lois — disse. — Podemos enfrentar esse desafio.

— Mas tinha suas dúvidas.

— *Estamos respirando esse ar!* — ela choramingou. — É como se estivés-semos chupando a morte! Ah, Ralph, vamos embora daqui! Por favor, vamos embora daqui!

A idéia lhe parecia tão boa quanto a da água devia parecer a um homem que estivesse morrendo de sede no deserto, mas ele balançou a cabeça.

— Duas mil pessoas vão morrer aqui hoje à noite, se não fizermos alguma coisa. Estou bastante confuso quanto ao resto desta história, mas pelo menos isso consegui entender sem nenhum problema.

— Está bem — ela sussurrou. — Então continue me abraçando assim, para eu não rachar a cabeça no chão se desmaiar.

Era irônico, pensou Ralph. Eles agora tinham rostos e corpos de pessoas entrando numa meia-idade vigorosa, mas se arrastaram pelo estacionamento como um casal de velhotes cujos músculos tivessem virado barbantes e cujos ossos tivessem virado vidro. Ele ouvia a respiração de Lois, rápida e ofegante, como a respiração de uma mulher que tivesse acabado de sofrer um grave ferimento.

— Levo você de volta se quiser — ofereceu-se Ralph, e estava sendo sincero. Levaria Lois de volta ao estacionamento, ele a levaria até o banco laranja do ponto de ônibus que se via dali. E quando o ônibus chegasse, embarcar e voltar à Avenida Harris seria a coisa mais simples do mundo.

Ele sentia a aura assassina que cercava o lugar comprimi-lo, tentar sufocá-lo como um plástico de tinturaria, e lembrou-se de uma coisa que McGovern dissera sobre o enfisema de May Locher — era uma doença que ocorria o tempo todo. E agora ele achava que fazia uma boa idéia do que May Locher sentira nos últimos anos. Não fazia diferença a força com que inspirava o ar negro ou a profundidade com que o tragava; o ar não satis-fazia. Seu coração e sua cabeça palpitavam, produzindo a sensação de que estava sofrendo a pior ressaca da vida.

Ia abrindo a boca para repetir que levaria Lois de volta, quando ela rompeu o silêncio, falando em pequenos ofegos.

— Acho que posso agüentar. . mas espero. . que não seja por muito tempo. Ralph, como é que podemos sentir uma coisa tão ruim, com tanta intensidade, sem nem ao menos vermos as cores? E por que *eles* não? — Ela apontou para o pessoal da imprensa circulando no centro cívico. — Será que nós Vidas-Curtas somos tão insensíveis? Detestaria que fôssemos.

Ele balançou a cabeça, indicando que não sabia, mas achou que talvez as novas equipes, os técnicos de vídeo e os seguranças que se agrupavam junto às portas e sob a faixa pintada com spray que pendia da cobertura de cimento *sentissem* alguma coisa. Observou muitas mãos segurando copos descartáveis de café, mas não via ninguém bebendo. Havia uma caixa de rosquinhas sobre o capô de uma caminhonete, mas a única de que alguém se servira encontrava-se abandonada sobre um guardanapo após uma única mordida. Ralph correu os olhos por duas dezenas de rostos sem ver um único sorriso. Os jornalistas faziam o seu trabalho — procuravam ângulos para filmar, marcavam os pontos onde as cabeças falantes dariam entrevistas, estendendo os cabos protegidos por tubos sobre o

cimento — mas faziam isso sem a animação que Ralph imaginava que acompanharia uma reportagem com a envergadura que esta assumira.

Connie Chung saiu de uma cobertura com um simpático câmera barbudo — MICHAEL ROSENBERG informava o crachá no blusão da CBS

— e então ergueu as mãos pequenas num gesto de enquadramento, mostrando-lhe como queria que filmasse a faixa pendurada ali. Rosenberg assen-tia, O rosto de Chung estava pálido e grave; num dado momento da conversa como câmera barbudo, Ralph a viu parar e levar a mão insegura à fronte, como se tivesse perdido o fio do pensamento ou talvez se sentisse tonta.

Parecia haver uma semelhança subjacente em todas as expressões que Ralph via — um acorde comum — e ele achou que sabia o que era, todos estavam sofrendo daquilo que na sua infância chamavam de melancolia, e melancolia era apenas uma palavra difícil para a depressão.

Ralph lembrou-se das vezes na vida em que atingira o equivalente emocional de uma corrente fria ao nadar, ou de uma turbulência de ar claro ao voar. A pessoa ia atravessando o dia, às vezes sentindo-se ótima, outras, apenas razoável, mas tocando para a frente e dando conta de suas tarefas. . e então, sem nenhuma razão palpável, a pessoa se incendiava e despencava do céu. Uma sensação de *Para que tudo isso, droga?* a invadia — independente de qualquer ocorrência real naquele momento mas, mesmo assim, incrivelmente forte — e a pessoa tinha vontade de voltar correndo para a cama e esconder a cabeça debaixo das cobertas.

Talvez seja isso que provoca tais sentimentos, ele pensou. *Talvez seja topar com uma coisa dessas — a iminência de muitas mortes ou de luto, aberta como um toldo de banquete feito de teias e lágrimas ao invés de lona e corda. Não o vemos, não no nosso nível Vida-Curta, mas o sentimos. Ah, isso sentimos. E agora. .*

E agora a sensação tentava lhes sugar a vida. Talvez *eles* não fossem vampiros, como ambos recearam, mas *essa* coisa era. O saco mortuário tinha uma vida viscosa, semi-sensível, e os deixaria secos se pudesse. Se eles per-mitissem.

Lois esbarrou em Ralph, que fez o impossível para impedir que os dois se estatelassem no chão. Então ela ergueu a cabeça (lentamente, como se seus cabelos estivessem embebidos em cimento), levou a mão em concha à boca e inspirou com força. Ao mesmo tempo, oscilou ligeiramente. Em outras circunstâncias, Ralph teria desprezado a oscilação como uma ilusão visual, mas não agora. Ela subira de nível. Só um tantinho. O suficiente para se alimentar.

Ralph não vira Lois mergulhar na aura da garçonete, mas desta vez tudo estava acontecendo diante de seus olhos. As auras dos jornalistas lembravam pequenas lanternas vivamente coloridas, brilhando indômitas numa enorme caverna escura. Agora um fino raio de luz violeta partiu de um deles

— na realidade, de Michael Rosenberg, o câmera barbudo de Connie Chung. Dividiu-se ao meio a um dedo do rosto de Lois. O raio superior tornou a dividir-se em dois e penetrou suavemente pelas narinas; o inferior entrou na boca pelos lábios entreabertos. Ralph viu-o luzir fracamente por dentro das faces de Lois como a luz de vela em uma abóbora de Halloween.

Ela afrouxou a mão que o segurava e, de repente, o peso de seu corpo contra o dele desapareceu. Um momento depois, o raio de luz violeta desapareceu. Ela virou o rosto para Ralph. A cor — não muita, mas alguma —voltava ao seu rosto acinzentado.

— Assim está melhor, *muito* melhor. Agora você, Ralph!

Ele relutou — continuava a achar que era furto — mas tinha que fazê-lo se não quisesse simplesmente desmontar ali; podia quase sentir o resto da energia que pedira emprestada ao Nirvana Boy esvair-se pelos poros. Fechou a mão em torno da boca como fizera no estacionamento do Dunkin'

Donuts àquela manhã e virou-se ligeiramente para a esquerda, procurando um alvo. Connie Chung recuara vários passos e se achava mais próxima deles; continuava com os olhos fixos na faixa pendurada na cobertura, conversando com Rosenberg (que não parecia nada pior em conseqüência do empréstimo que Lois fizera) sobre a tomada. Sem perder tempo, Ralph inalou com força pelo canudo formado por seus dedos.

A aura de Chung era do mesmo marfim bonito de vestido de noiva que envolvia Helen e Nat no dia em que vieram ao seu apartamento com Gretchen Tillbury. Ao invés de um raio de luz, uma espécie de fita longa e reta projetou-se da aura de Chung. Ralph sentiu a energia invadi-lo quase imediatamente, e banir o cansaço doloroso de suas juntas e músculos. Voltou a pensar claramente, como se tivessem acabado de lavar uma grande camada de lama de seu cérebro.

Connie Chung parou de falar, olhou para o céu um instante, então retomou a conversa com o câmera. Ralph olhou ao redor e viu Lois observando-o ansiosa.

— Melhorou? — ela sussurrou.

— De um modo geral, sim, mas ainda me sinto fechado num saco mortuário.

— Acho. . — começou Lois, quando seus olhos se fixaram em alguma coisa à esquerda das portas de entrada do centro cívico. Ela gritou e se encolheu contra Ralph, os olhos tão arregalados que pareciam que iam saltar das órbitas. Ele acompanhou seu olhar e sentiu a respiração prender na garganta. Os arquitetos tinham procurado suavizar as fachadas laterais do prédio feitas de tijolos aparentes, plantando folhagens a toda volta. Estas ou tinham recebido pouco trato ou as tinham intencionalmente deixado crescer, até se entrelaçarem e ameaçarem tampar completamente a estreita faixa de grama que as separava da calçadinha de concreto ao longo do caminho para carros.

Enormes insetos, que lembravam trilobites pré-históricos entravam e saíam por entre as plantas em grande quantidade, trepando uns sobre os outros, batendo as cabeças, por vezes levantando-se nas patas traseiras e golpeando-se mutuamente com as dianteiras como veados trançando os chi-fres durante a temporada de acasalamento. Não eram transparentes como o pássaro na antena parabólica, mas possuíam igualmente um ar fantasmagórico e irreal. Suas auras piscavam febrilmente (e descerebradamente, supôs Ralph) percorrendo todo o espectro de cores; eles eram tão luminosos, mas ao mesmo tempo tão etéreos, que era quase possível pensar nos insetos como estranhos bichos-relâmpago.

Só que não é o que eles são. Você sabe o que eles são.

— Ei! — Era Rosenberg, o câmera de Chung, que os chamava, mas a maioria das pessoas diante do prédio estava olhando para os dois. — Ela está bem, companheiro?

— Está — Ralph respondeu. Ainda trazia a mão enroscada em torno da boca e baixou-a depressa, sentindo-se meio idiota.

— Foi só que ela. .

— Vi um camundongo! — Lois falou, dando um sorriso débil e radioso. . um sorriso bem ―Nossa Lois‖ se é que Ralph já vira um. Teve muito orgulho dela. Ela apontou para as folhagens à esquerda da porta com um dedo quase firme. — Entrou por ali. Puxa, era bem gordinho! Você viu, Norton!

— Não, Alice.

— É só ficar por aqui — disse Michael Rosenberg — que a senhora vai ver todo tipo de fauna hoje à noite. — Ouviram-se risos desencontra-dos, quase forçados, e todos retomaram suas tarefas.

— Puxa vida, Ralph — cochichou Lois. — Aqueles. . aquelas *coisas*. .

Ele segurou sua mão e apertou-a.

— Firme, Lois.

— Eles sabem, não é? É por isso que estão aqui. São como urubus.

Ralph confirmou. Enquanto espiava, diversos insetos saíram do alto das plantas e começaram a extravasar erraticamente parede acima. Moviam-se com um lento aturdimento — como moscas contra uma vidraça em novembro — e deixavam rastros viscosos e coloridos ao caminharem. Esses esmaeciam e sumiam em seguida. Outros insetos saíam por baixo das folhagens e invadiam estreita faixa de grama.

Um dos comentaristas locais começou a andar na direção da área infestada e, quando virou a cabeça, Ralph viu que era John Kirkland. Conversava com uma mulher bonitona, vestida com um desses ―trajes de negócio‖ de executiva que Ralph achava — em circunstâncias normais, pelo menos —extremamente *sexy*. Calculou que fosse a produtora de Kirkland, e imaginou se a aura de Lisette Benson ficaria verde quando a mulher se aproximasse.

— *Eles estão indo na direção dos insetos!* — Lois sussurrou transtornada —

Temos que impedi-los, Ralph, simplesmente precisamos!

— Não vamos fazer merda nenhuma.

— Mas. .

— Lois, não podemos começar a delirar a respeito de insetos que mais ninguém vê. Vamos acabar no hospício se agirmos assim. Além do mais, os insetos não existem para eles. — Parou e acrescentou: — Espero que não.

Os dois observaram Kirkland e a colega bonitona caminharem pelo gramado. . e entrar em um bolo de trilobites que se contorciam e rastejavam. Um espécime subiu pelo mocassim reluzente de Kirkland, aguardou o rapaz parar de andar um segundo, então trepou pela perna de sua calça.

— Não ligo a mínima para a Susan Day, não sou contra nem a favor

— Kirkland ia dizendo. — A notícia aqui não é ela, é a WomanCare, criancinhas chorosas usando braçadeiras de luto.

— Cuidado John — a mulher disse secamente. — Está deixando sua sensibilidade transparecer.

— Estou? Merda. — O inseto na perna de sua calça pareceu tomar o rumo da virilha. Ocorreu a Ralph que se Kirkland adquirisse subitamente o poder de ver o que dentro de instantes estaria rastejando pelo seu saco, ele provavelmente piraria.

— Tudo bem, mas não se esqueça de falar com as mulheres que dirigem o grupo de pressão local — a produtora recomendava. — Agora que a Tillbury morreu, as que interessam são Maggie Petrowsky, Barbara Richards e a Dra. Roberta Harper. Harper *é* quem vai apresentar a Grande Feiticeira hoje à noite, acho. . — A mulher deu um passo para fora do caminho e o seu salto alto espetou um inseto colorido e pesadão. Um arco-íris de vísceras espirrou dele, e uma substância branca e cerosa que lembrava purê de batatas azedo. Ralph imaginou que a substância branca devia ser as ovas.

Lois apertou o rosto contra seu braço.

— E fique atento para uma mulher chamada Helen Deepneau — continuou a produtora, se aproximando mais um passo do prédio. O inseto grudado em seu salto se sacudia e contorcia enquanto ela andava.

— Deepneau — Kirkland repetiu. Bateu com os nós dos dedos na testa. — Tem um alarme tocando bem aqui dentro.

— Que nada, *é* só o ruído de sua última célula cerebral girando — falou a produtora. — Ela é a mulher de Ed Deepneau. Estão separados. Se você quiser lágrimas, é com ela mesma. Ela e Tillbury eram muito amigas.

Talvez *mais do que amigas,* se entende o que quero dizer.

Kirkland deu um sorriso maldoso — uma expressão tão alheia à sua máscara televisiva que Ralph se sentiu ligeiramente confuso. Entrementes, um dos insetos coloridos conseguira chegar ao bico do sapato da mulher e subia penosamente por sua perna. Em impotente fascinação, Ralph observou-o desaparecer sob a bainha da saia. Acompanhar o calombinho móvel subir pela perna dela era o mesmo que ver um gatinho andando debaixo de uma toalha de banho. E tal como antes, pareceu que a colega de Kirkland sentiu *alguma coisa;* pois enquanto discutia com ele as entrevistas a serem feitas durante o discurso de Day, ela baixou a mão e distraidamente coçou o calombinho, que por essa altura percorrera todo o caminho até o seu quadril direito. Ralph não ouviu o barulhinho seco que a coisa frágil e flácida fez ao espocar, mas pôde imaginá-lo. Aparentemente não foi capaz de refrear a imaginação. E visualizou as entranhas do bicho escorrerem como pus pela perna vestida de náilon. Permaneceria ali até o banho da noite, invisível, despercebido, insuspeitado.

Agora os dois começaram a discutir a melhor maneira de cobrirem a manifestação pró-vida daquela tarde. . isto é, presumindo que fosse realmente se realizar. A mulher era de opinião que nem mesmo os Amigos da Vida seriam suficientemente idiotas de aparecer no centro cívico depois do que acontecera em High Ridge. Kirkland respondeu que era impossível subesti-mar a idiotice dos fanáticos; gente que era capaz de usar tanto poliéster em público era sem dúvida uma força a ser respeitada. Durante todo o tempo em que conversavam, trocavam piadinhas, idéias e fofocas, mais insetos multicoloridos e inchados enxameavam por suas pernas e troncos. Um pio-neiro chegara até a gravata vermelha de Kirkland, e aparentemente rumava para o seu rosto.

Um movimento à direita atraiu o olhar de Ralph. Virou-se para as portas em tempo de ver um técnico cutucando um colega e apontando para ele e Lois. Ralph subitamente percebeu claramente o que eles estranhavam: duas pessoas sem razão aparente para estarem ali (não usavam braçadeira de luto e obviamente não pertenciam à mídia), parados a uma extremidade do estacionamento. A mulher, que já gritara uma vez, tinha o rosto escondido no braço do homem.. e o homem em questão estava boquiaberto como um tolo, não se sabia com o quê.

Ralph falou baixinho pelo canto da boca, como um prisioneiro discutindo a fuga num velho épico da Warner Bros.

— Levante a cabeça. Estamos atraindo mais atenção do que podemos.

Por um instante, não acreditou que ela pudesse realmente atender ao seu pedido. . então Lois se controlou e levantou a cabeça. Olhou para os arbustos plantados ao longo das paredes pela última vez — uma olhadela involuntária e horrorizada — e voltou sua atenção resolutamente para Ralph e *somente* para Ralph.

— Você está vendo algum sinal de Átropos, Ralph? É por *isso* que estamos aqui, não é.. para descobrir o rastro dele?

— Talvez. Quem sabe? Ainda nem olhei, para lhe dizer a verdade, coisas demais acontecendo. Acho que devíamos chegar mais perto do prédio.

— Não que quisesse fazer isso, mas lhe parecia muito importante fazer *alguma coisa*. Sentia o saco mortuário à volta deles, uma presença sinistra e su-focante que passivamente se opunha a qualquer movimento. Era contra *essa força* que precisavam lutar.

— Muito bem — disse Lois. — Vou pedir o autógrafo de Connie Chung, e vou fazer isso entre risadinhas feito uma boba. Dá para você agüentar?

— Dá.

— Ótimo. Porque isso significa que se estiverem olhando para alguém, estarão olhando para mim.

— Parece uma boa idéia.

Ralph deu uma última espiada em John Kirkland e na produtora. Dis-cutiam agora que tipo de acontecimento poderia ganhar espaço ao vivo no noticiário noturno da rede, totalmente alheios aos trilobites pesadões que rastejavam pelos seus rostos. Naquele instante, um deles contorcia-se lentamente para dentro da boca de John Kirkland.

Ralph desviou depressa os olhos e deixou Lois puxá-lo até o lugar onde a Sra. Chung parara com Rosenberg, o câmera barbudo Ele viu os dois observarem Lois, depois se entreolharem. O olhar que trocaram revelava uma parte de riso e três partes de resignação — lá vem um *deles* — e então Lois deu um apertãozinho na mão dele que dizia: *Não se importe comigo, Ralph, você cuida dos seus afazeres e eu dos meus.*

— Desculpe, mas a senhora não é Connie Chung? — Lois perguntou naquele seu tom exuberante tipo mas-não-é-mesmo-o-maior-barato. — Vi a senhora ali e na hora perguntei a Norton: ―Aquela não é a colega de Dan Rather, ou estou variando?‖ E então. .

— *Sou* Connie Chung e tenho muito prazer em conhecê-la, mas estou me preparando para o noticiário de hoje à noite, por isso se a senhora me der licença. .

— Ah, é claro, nem *sonharia* em importunar a senhora, só queria o seu autógrafo, só um rabisquinho rápido, porque sou sua fã número um, pelo menos no Maine.

A Sra. Chung olhou para Rosenberg. Ele já sacara uma caneta para lhe oferecer, como um bom instrumentador que já tem na mão o instrumento de que o cirurgião vai precisar antes mesmo que ele o peça. Ralph voltou sua atenção para a área diante do centro cívico e aumentou um tantinho a sua percepção.

O que viu diante das portas foi uma substância escura e semitransparente que a princípio o intrigou. Tinha uns dois dedos de espessura e lembrava muito uma formação geológica. Não podia ser, porém.. podia? Se o que ele estava contemplando fosse real (da maneira como os objetos são reais no mundo dos Vidas-Curtas, pelo menos), a coisa teria impedido as portas de se abrirem, o que

não acontecia. Enquanto Ralph observava, dois técnicos de TV passaram com a coisa até os tornozelos como se ela não tivesse mais concretude do que uma névoa junto ao chão.

Ralph se lembrou das pegadas de aura que as pessoas deixavam ao passar — aquelas que lembravam as lições de dança de Arthur Murray — e de repente achou que compreendia. Os rastros se dissolviam no ar como fumaça de cigarro. . só que a fumaça de cigarro realmente *não* desaparecia; deixava um resíduo nas paredes, nas janelas e nos pulmões. Aparentemente, as auras humanas deixavam um resíduo próprio. Provavelmente não o suficiente para ser observável quando as cores desbotassem, ao menos em se tratando de uma só pessoa, mas este era o maior local de reuniões públicas na quarta maior cidade do Maine. Ralph pensou em todas as pessoas que teriam entrado e saído por essas portas — todos os banquetes, convenções, espetáculos a preços populares, concertos, torneios de basquetebol — e entendeu aquele depósito semitransparente. Era o equivalente da leve depressão que por vezes se observava no meio dos degraus muito usados.

Não se preocupe com isso agora, amor — cuide do seu trabalho.

Ali perto, Connie Chung rabiscava seu nome no verso da conta de eletricidade de Lois do mês de setembro. Ralph olhou para aquele resíduo no piso de cimento diante das portas, procurando um vestígio de Átropos, algo mais perceptível como cheiro do que como imagem, um aroma carnoso e desagradável, que lembrasse o beco nos fundos do açougue do Sr. Huston quando Ralph era criança.

— Muito obrigada! — Lois borbulhava. — Bem que disse ao Norton, ela é igualzinha à imagem que aparece na televisão, igualzinha a uma boneca chinesa. Foram exatamente as minhas palavras.

— Foi um prazer — Chung respondeu — mas realmente tenho que voltar ao meu trabalho.

— Claro que sim. Por favor dê um abraço no Dan Rather por mim, sim? Diga que estou mandando uma força.

— Pode ficar tranqüila. — Chung sorria e acenava com a cabeça ao devolver a caneta a Rosenberg. — Agora se a senhora me der licença. .

Se está presente, deve estar num nível mais elevado que eu, pensou Ralph. *Vou ter que subir mais um pouquinho.*

Sim, mas teria que agir com cautela, e não somente porque o tempo se tornara uma mercadoria extremamente valiosa. O fato é que, se subisse demais,

desapareceria do mundo dos Vidas-Curtas, e este tipo de ocorrência poderia até distrair o pessoal da imprensa da iminente manifestação pró-vida. . pelo menos por algum tempo.

Ralph concentrou-se, mas, quando o espasmo indolor ocorreu em sua cabeça, desta vez, não se manifestou como uma piscadela, mas como um suave pestanejar. A cor floresceu silenciosamente no mundo; todas as coisas ganharam destaque com radiosidade exclamativa. Contudo a cor mais forte, o acorde opressivo, era o negro do saco mortuário, a negação de todas as outras. A depressão e aquela sensação de fraqueza debilitante engolfou-o de novo, penetrando em seu coração como as unhas de um martelo. Compreendeu que, se tinha alguma coisa a fazer ali, era melhor fazê-la depressa e voltar correndo para o nível dos Vidas-Curtas, antes que fosse totalmente despojado de sua força vital.

Tornou a olhar na direção das portas. Por um momento, continuou sem notar nada, exceto as auras desbotadas dos Vidas-Curtas como ele próprio. . e então o que ele procurava repentinamente tornou-se claro, visível como uma mensagem escrita com suco de limão quando exposta à luz de uma vela.

Esperara alguma coisa que tivesse o aspecto e o cheiro das tripas podres nos latões de lixo no fundo do açougue do Sr. Huston, mas a realidade foi ainda pior, possivelmente porque o pegou de surpresa. Havia leques de uma substância sangrenta e mucosa nas portas — marcas que Átropos fizera com seus dedos inquietos, talvez — e uma nojenta poça da mesma gosma que se afundava nos resíduos endurecidos diante das portas. Havia algo tão terrível nesse muco — tão estranho — que fazia os insetos coloridos parecerem, em comparação, quase normais. Era como uma poça de vômito deixada por um cão acometido de alguma espécie nova e perigosa de raiva.

Partia da poça uma trilha da substância, a princípio em coágulos e salpicos quase secos, depois em respingos menores como os de tinta derramada. *Mas é claro,* pensou Ralph. *É por isso que tínhamos que vir aqui. O sacaninha não consegue ficar longe deste lugar. É como a cocaína para um viciado.*

Podia imaginar Átropos parado bem ali onde ele, Ralph, se achava agora, olhando. . sorrindo... depois avançando e apoiando as mãos nas portas.

Acariciando-as. Criando aquelas marcas sujas e transparentes. Podia imaginar Átropos extraindo força e energia do próprio negrume que estava rou-bando a Ralph sua vitalidade.

Ele tem outros lugares para ir e outras coisas para fazer, naturalmente — cada dia é sem dúvida um dia atarefado quando se trata de um psicótico sobrenatural como

ele

— mas deve ser duro para ele se manter muito tempo afastado deste lugar, por mais ocu-

pado que esteja. E qual é a sensação que o lugar lhe traz? A de uma trepada espremidi-nha numa tarde de verão, é isso aí.

Lois puxou-o pelas costas da manga e ele se virou. Ela continuava a sorrir, mas a intensidade febril dos olhos fazia a expressão de seus lábios parecerem suspeitamente com um grito. Atrás dela, Connie Chung e Rosenberg caminhavam de volta ao prédio.

— Você tem que me tirar daqui — Lois sussurrou. — Não agüento mais. Tenho a sensação de que estou enlouquecendo.

[*— Tudo bem, não tem problema.*]

Não consigo ouvi-lo, Ralph, e acho que estou vendo o sol brilhar através do seu corpo. Nossa, e estou mesmo!

[*— Ah. . espere. .*]

Ele se concentrou e sentiu o mundo deslizar ligeiramente ao seu redor.

As cores desbotaram; a aura de Lois reintegrou-se à sua pele.

— Melhor?

— Bem, pelo menos *mais sólido*.

Ele deu um breve sorriso.

— Ótimo. Vamos.

Ralph tomou-a pelo cotovelo e começou a conduzi-la de volta ao ponto onde Joe Wyzer os deixara. Era a mesma direção dos salpicos sangrentos.

— Você encontrou o que estava procurando?

— Encontrei.

Ela se animou na mesma hora.

— Que ótimo! Vi você subir, sabe, foi muito estranho, você parecia estar se

transformando numa fotografia em sépia. E depois. . achei que estava vendo o sol atravessar o seu corpo. . que coisa *mais* esquisita. — Ela o encarou com severidade.

— Ruim, não é?

— Não. . não foi bem *ruim*. Só esquisito. Agora *aqueles* insetos. . eram péssimos. Ai!

— Sei o que quer dizer. Mas acho que ficaram todos lá.

— Talvez, mas é longa a caminhada para sair da floresta, não é?

— É . . uma longa caminhada até o Paraíso, diria Carolyn.

— Fique perto de mim, Ralph Roberts, e não se perca.

— Ralph Roberts? Nunca ouvi falar. Meu nome é Norton.

E isso, ele se alegrou de ver, fez Lois rir.

CAPÍTULO 24

1

ELES caminharam sem pressa pelo estacionamento asfaltado com a sua malha de vagas demarcadas em amarelo com tinta spray. Hoje à noite, Ralph sabia, a maioria dessas vagas estaria ocupada. Venha, veja, ouça, seja visto. . e, o mais importante, mostre à sua cidade e a todo o país que o assiste que você não se deixa intimidar pelos Charlie Pickering do mundo. Até a minoria que o medo manteria afastada do comício seria substituída pelos curiosos mórbidos.

Ao se aproximarem da pista de corridas de cavalos, chegaram também à borda do saco mortuário. Ele era mais denso ali, e Ralph percebeu uma espiral movendo-se vagarosamente, como se o saco mortuário fosse composto de partículas minúsculas de matéria carbonizada. Lembrava um pouco o ar sobre um incinerador destampado, tremeluzindo com o calor e os fragmentos queimados de papel.

Ouvia dois ruídos, um sobrepondo-se ao outro. O mais alto era um suspiro metálico. O vento poderia produzir um som igual, pensou Ralph, se aprendesse a chorar. Era um som assustador, mas o outro, o subjacente, era vivamente desagradável — um som salivoso de mastigação, como se ali perto uma gigantesca boca desdentada estivesse ingerindo uma grande quantidade de

comida pastosa.

Lois parou quando se acercaram da pele escura, salpicada de partículas do saco mortuário e lançou um olhar apavorado e contrito a Ralph. Quando falou, foi com uma vozinha infantil.

— Acho que não agüento atravessar aquilo. — Fez uma pausa, lutou consigo mesma, e finalmente desabafou o resto: — Está vivo, sabe. O saco todo. E pode vê-los. — Lois virou o polegar por cima do ombro para indicar as pessoas no estacionamento e as equipes da imprensa mais próximas do prédio — Isso é ruim, mas a coisa também vê a gente, o que é pior ainda. . porque sabe que nós o vemos. E ele não gosta de ser visto. *Sentido,* talvez, mas não visto.

Agora o som mais surdo — o de mastigação salivosa — parecia quase articular palavras e, quanto mais atenção Ralph prestava, tanto mais se con-vencia de que era realmente o caso.

[*Fora daqui. Se manda. Chispa.*]

Ralph. . — Lois cochichou. — Você ouviu?

[*Odeio você. Mato você. Como você.*]

Ele confirmou com a cabeça e segurou-a pelo cotovelo outra vez.

— Vamos, Lois.

— Vamos. .? *Onde?*

— Descer. Até embaixo.

Por um instante, ela apenas olhou para ele, sem compreender; então fez-se a luz e ela concordou com um aceno. Ralph sentiu a piscadela —mais forte do que o pestanejar de há poucos instantes — e de repente o dia à sua volta clareou. A barreira nevoenta e escura à sua frente foi-se dissolvendo e desapareceu. Ainda assim, eles fecharam os olhos e prenderam a respiração, ao se aproximarem do lugar onde sabiam estar a borda do saco mortuário. Ralph sentiu a mão de Lois apertar a sua ao cruzar rapidamente a barreira invisível e, quando ele próprio a cruzou, um nódulo escuro de memórias confusas — a morte lenta de sua mulher, a perda de um cachorro na infância, a visão de Bill McGovern curvando-se e apertando o peito com a mão — pareceu primeiro rondar levemente e, em seguida, abater-se sobre sua mente como uma garra de ferro. Seus ouvidos foram invadidos por soluços metálicos, contínuos e deprimentes em sua

inutilidade: a voz chorosa de um idiota congênito.

Então chegaram ao outro lado.

2

ASSIM que passaram sob o arco de madeira no fim do estacionamento (ESTAMOS INDO ÀS CORRIDAS DE BASSEY PARK! lia-se na curva do arco), Ralph puxou Lois para um banco e a fez sentar, embora ela insis-tisse com veemência que se sentia ótima.

— Que bom, mas eu estou precisando de uns dois segundos para me recompor.

Ela afastou uma mecha de cabelos da têmpora de Ralph e sapecou-lhe um beijinho no vinco abaixo.

— Gaste todo o tempo que precisar, coração.

Foram uns cinco minutos. Quando ele se sentiu razoavelmente confiante de que poderia se levantar sem falsear os joelhos, tomou de novo a mão de Lois e se ergueram juntos.

— Você encontrou, Ralph? Encontrou o rastro dele?

Ele acenou com a cabeça.

— A gente só consegue ver subindo uns dois níveis. No princípio, tentei subir apenas o bastante para ver as auras, porque aparentemente isto não muda a velocidade das coisas, mas não funcionou. Tem-se que subir um pouquinho mais.

— Tudo bem.

— Mas é preciso cuidado. Porque quando podemos ver. .

— Podemos ser vistos. Isso. E também não podemos perder a noção do tempo.

— De jeito nenhum. Você está pronta?

— Quase. Acho que preciso de mais um beijo primeiro. Um pequeni-ninho já serve.

Sorrindo, ele a beijou.

— Agora estou pronta.

— Muito bem, vamos lá.

Plim!

3

AS MANCHAS vermelhas que formavam o rastro levaram-nos a atravessar a área de terra batida que servia de rua central durante a semana da feira municipal, e depois a pista de corrida, onde os cavalos marchadores competiam de maio a setembro. Lois parou um instante junto à cerca que lhe chegava ao peito, deu uma espiada a sua volta para se certificar de que não havia ninguém na tribuna principal, e, em seguida, içou o corpo com os braços. Inicialmente foi o movimento gracioso e ágil de uma jovem, mas, depois que passou a perna por cima da cerca e se firmou, ela parou. Em seu rosto havia uma expressão que revelava ao mesmo tempo surpresa e desanimo.

[— *Lois? Você está bem*?]

[— *Claro. É a droga da minha roupa íntima velha! Acho que perdi peso, porque ela não quer parar no lugar! Que droga!*]

Ralph se deu conta de que podia ver não só a barra rendada da anágua de Lois como também uns dez centímetros do náilon rosa. Sufocou um sorriso ao vê-la montada na prancha larga que encimava a cerca, puxando a roupa. Pensou em lhe dizer que parecia mais fofinha do que paina mas decidiu que talvez não fosse uma boa idéia.

[— *Vire de costas enquanto conserto essa droga de anágua, Ralph. E aproveite para tirar esse sorrisinho da cara.*]

Ele deu as costas a Lois, deparando-se com o centro cívico. Se *houvera* um sorrisinho em seu rosto (achava mais provável que Lois o tivesse visto em sua aura), a visão daquele saco mortuário escuro que girava lentamente cuidou de desfazê-lo bem depressa.

[— *Lois, você talvez se sentisse bem melhor se simplesmente tirasse a anágua.*]

[— *Você vai me desculpar, Ralph Roberts, mas não fui ensinada a tirar minha roupa íntima e largá-la em prados de corridas, e se você algum dia conheceu uma moça que fizesse isso, espero que tenha sido antes de encontrar Carolyn. Eu só queria ter um. .*]

A imagem difusa de um reluzente alfinete de segurança na cabeça de Ralph.

[— *Suponho que você não tenha um, tem, Ralph?*]

Ele balançou a cabeça e enviou em resposta a imagem de areia escorrendo em uma ampulheta.

[— *Está bem, está bem, entendi a mensagem. Acho que dei um jeito para ela agüentar mais um pouquinho. Pode virar de frente agora.*]

Ele obedeceu. Lois descia pelo outro lado da cerca de madeira, inteiramente confiante, mas sua aura empalidecera consideravelmente, e Ralph reparou que havia olheiras escuras sob seus olhos outra vez. A Revolta das Roupas Essenciais, porém, fora sufocada, pelo menos por ora.

Ralph deu impulso no corpo, passou uma perna sobre a cerca, e saltou para o outro lado. Gostou da sensação produzida pelo movimento — pareceu despertar lembranças muito antigas em seus ossos.

[— *Vamos precisar recarregar e não vai demorar muito, Lois.*]

Ela concordou preocupada.

[— *Eu sei. Vamos, vamos andando.*]

4

ELES seguiram pela trilha que cruzava o prado, pularam outra cerca de madeira no extremo oposto, e desceram uma encosta coberta de mato até a rua Neibolt. Ralph viu Lois, séria, segurando a anágua por cima da saia do vestido enquanto faziam a descida acidentada, pensou mais uma vez em lhe perguntar se não se sentiria melhor jogando fora a droga da anágua, e mais uma vez decidiu não se meter onde não fora chamado. Se o problema se tornasse bastante incômodo, ela faria isso sem precisar de seus conselhos.

A maior preocupação de Ralph — que o rastro de Átropos simplesmente desaparecesse provou-se inicialmente infundada. As marcas rosadas conduziam diretamente à superfície remendada e esburacada da rua Neibolt, entre prédios descascados que deviam ter sido demolidos há anos. Roupa limpa rasgada esvoaçava em cordas bambas; crianças sujas com narizes escorrendo observavam a passagem deles pelas entradas de terra batida. Da porta de uma casa, um menino de uns três anos de idade e lindos cabelos louros lançou a Lois e Ralph um olhar cheio de desconfiança, depois meteu a mão entre as pernas e usou a outra para sacudir o pinto na direção dos dois.

A rua Neibolt terminava nos pátios da antiga ferrovia e ali Ralph e Lois perderam momentaneamente o rastro. Pararam junto a um cavalete que bloqueava uma antiga entrada retangular de portão — tudo que restava da velha estação ferroviária — e correram o olhar por um grande semicírculo de terra baldia. Trilhos de desvio, vermelhos de ferrugem, refulgiam do fundo de emaranhados de girassóis e ervas espinhosas; cacos de centenas de garrafas quebradas cintilavam ao sol da tarde. Pintado com tinta spray rosa berrante lia-se na lateral precária de um velho depósito de óleo diesel a frase SUZY CHUPOU MEU PAU. Tal declaração sentimental fora inscrita num friso de suásticas dançantes.

Ralph: [*— Diabos, para onde terá ido?*]

[*— Ali embaixo, Ralph, está vendo?*]

Ela apontava na direção do que fora a linha principal até 1963, e a única linha até 1983, e que agora não passava de mais um par de trilhos de aço enferrujados e cobertos de mato que não levavam a parte alguma. Até mesmo a maioria dos dormentes tinha desaparecido, queimada em fogueiras noturnas pelos paus-d'água locais ou pelos bóias-frias que passavam a caminho das plantações de batatas de Aroostook, ou dos pomares de maçãs e embarcações de pesca dos Maritimes. Em um dos poucos dormentes restantes, Ralph identificou salpicos do resíduo rosa. Pareciam mais frescos do que os que tinham seguido na rua Neibolt.

Seu olhar acompanhou os trilhos semicobertos, tentando lembrar-se.

Se sua memória não o enganasse, aquela linha circundava o campo municipal de golf retornando ao. . bem, retornando ao lado oeste. Ralph raciocinou que deviam ser os mesmos trilhos abandonados que corriam ao longo do aeroporto e passavam pela área de piqueniques onde Faye Chapin poderia estar agora mesmo estudando a distribuição dos competidores no Clássico da Pista 3.

Fizemos um grande círculo, pensou. *Levamos quase três dias infernais, mas acho que ao fim e ao cabo vamos retornar ao ponto de partida.. não o Paraíso, mas a Avenida Harris.*

— Ei, pessoal! Como tem passado?

Era uma voz que Ralph quase pensou ter reconhecido, e essa sensação foi reforçada pela primeira espiada que deu no homem que falava. Achava-se parado atrás deles, no trecho em que a calçada da rua Neibolt finalmente morria. Parecia ter uns cinqüenta anos, mas Ralph calculou que talvez fosse cinco ou dez anos mais jovem. Usava uma camiseta e um velho par de jeans rasgado. A aura

que o cercava era verde como um copo de cerveja no dia de São Patrício. Foi o que finalmente avivou a memória de Ralph. Era o beberrão que abordara ele e Bill no dia em que deparara com o amigo no parque Strawford, chorando pelo seu antigo colega Bob Polhurst. . que, no fim, acabara por sobreviver a ele. A vida, às vezes, era mais engraçada do que Groucho Marx.

Um estranho fatalismo começou a dominar Ralph, junto a uma compreensão intuitiva das forças que agora os envolviam. Podia ter passado sem ela. Pouco lhe importava se as forças eram benignas ou malignas, Acaso ou Desígnio; eram *gigantescas,* isso é que importava, e transformavam em piada as coisas que Cloto e Láquesis tinham dito a respeito da escolha e do livre arbítrio. Sua sensação era que ele e Lois estavam amarrados aos raios de uma imensa roda — uma roda que não parava de girá-los de volta ao ponto de origem, ao mesmo tempo em que os mergulhava cada vez mais fundo naquele túnel medonho.

— Tem uns trocados para mim, chefe?

Ralph desceu um pouco para ter certeza de que o beberrão o ouviria quando ele falasse.

— Aposto que o seu tio ligou para você de Dexter — disse Ralph. —

E disse que você poderia retomar o seu trabalho na usina. . mas só se chegasse lá hoje. Acertei?

O beberrão piscou os olhos cautelosamente surpreso.

— Bem.. é. Mais ou menos isso. — E repassou a história, em que ele próprio provavelmente acreditava mais do que outro qualquer a quem a tivesse contado nos últimos tempos, reencontrando o fio esfarrapado da me-ada. — É um bom trabalho, sabe? E posso ser contratado de novo. Tem um ônibus Aroostook-Bangor às duas horas, mas a passagem custa cinco dólares e cinqüenta e até agora só consegui dois dólares e vinte e cinco..

— Setenta e seis centavos é o que você tem — disse Lois. — Duas moedas de vinte e cinco centavos, duas de dez, uma de cinco e uma de um.

Mas, considerando o que você bebe, sua aura tem um aspecto extremamente saudável, diga-se em seu favor. Você deve ter a constituição de um cavalo.

O beberrão lançou-lhe um olhar intrigado, deu um passo para trás e limpou o nariz com a palma da mão.

— Não se preocupe — Ralph tranqüilizou-o — minha mulher vê auras em toda parte. Ela é uma pessoa muito espiritual.

— É mesmo, quem diria. .

— Hum-hum. Ela é também muito generosa, e acho que vai lhe dar bem mais do que uns trocados. Não vai, Alice?

— Ele vai beber tudo — ela respondeu. — Não tem nenhum emprego em Dexter.

— Não, provavelmente não — disse Ralph encarando-a — mas a aura dele parece de fato extremamente saudável. *Extremamente*.

— O senhor também tem o seu lado espiritual, imagino. — Os olhos do homem continuavam a se mover cautelosos de Ralph para Lois, mas havia neles um brilho de contida esperança.

— Sabe que o senhor tem razão? — concordou Ralph. — Recentemente é que a coisa se manifestou. — Contraiu os lábios, como se um pensamento interessante tivesse acabado de lhe ocorrer, e inalou. Um raio verde-vivo escapou da aura do mendigo, cruzou os dois metros e meio que o separavam de Ralph e Lois, e entrou pela boca de Ralph. O gosto foi claro e prontamente identificável: cidra Boone's Farm. Era áspera e meio ordinária, mas, mesmo assim, agradável... possuía a vitalidade do trabalhador. Com o sabor, veio a sensação da força que retornava, o que era bom, e uma clareza aguda de pensamento, o que era ainda melhor.

Entrementes, Lois estendia uma nota de vinte dólares. O beberrâo, porém, não a viu logo; olhava de cara franzida para o céu. Naquele instante, outro raio verde-vivo separou-se de sua aura. Atravessou a clareira coberta de mato rasteiro ao lado da entrada do portão como o foco de uma potente lanterna e entrou pela boca e o nariz de Lois. A nota em sua mão tremeu por um instante.

[— *Nossa*, *como é bom!*]

— Que diabo, esses caubóis da base aérea de Charleston! O beberrão exclamou em tom de censura. — Eles não têm nada que quebrar a barreira do som antes de deixarem o litoral! Quase molhei as minhas. . — Seu olho bateu na nota entre os dedos de Lois, e a carranca aumentou. — Olhe aqui, que brincadeira *é* essa que acham que estão aprontando comigo? Não bou burro não, sabiam? Pode até ser que beba umas e outras, mas burro não sou não.

É só dar tempo ao tempo, pensou Ralph. *Que logo será.*

— Ninguém está pensando que o senhor é burro — disse Lois. —

Não é nenhuma brincadeira. Tome o dinheiro, meu senhor.

O vagabundo tentou insistir na carranca desconfiada, mas depois de dar uma boa olhada em Lois (e uma mais rápida e de esguelha em Ralph), substituiu-a por um grande e simpático sorriso. Adiantou-se para Lois, estendendo a mão para apanhar o dinheiro, de que ficara credor sem sequer saber o porquê.

Lois ergueu a mão um instante antes que ele pudesse agarrar a nota.

— Não deixe de comer alguma coisa quando for beber. E poderia também se questionar se anda satisfeito com a sua maneira de viver.

— A senhora está absolutamente certa! — exclamou o beberrão entu-siasmado. Seus olhos não se desviaram da nota entre os dedos de Lois. —

Absolutamente, madame! Eles têm um programa do outro lado do rio, de-sintoxicação e reabilitação, sabe. Venho pensando nisso. Verdade. Penso nisso todo santo dia. — Mas seus olhos continuavam pregados nos vinte dólares e ele chegava quase a babar. Lois lançou a Ralph um olhar breve e cheio de dúvidas, em seguida encolheu os ombros e deixou a nota passar dos seus dedos para os do homem.

— Muito obrigado! Muito obrigado, minha senhora! — Seu olhar transferiu-se para Ralph. — A senhora é uma verdadeira dama! Só espero que o senhor saiba disso!

Ralph brindou Lois com um olhar carinhoso.

— Para falar a verdade, eu sei — respondeu.

5

MEIA hora mais tarde, os dois caminhavam entre os trilhos de aço enferrujado no trecho em que contornavam suavamente o campo municipal de golfe.. só que iam um pouco mais alto do que o mundo dos Vidas-Curtas depois do encontro com o beberrão (talvez porque ele mesmo estivesse um pouco alto), e caminhar não era bem o que estavam fazendo. Por um lado, despendiam pouco ou nenhum esforço e, embora seus pés se mo-vessem, a Ralph eles pareciam deslizar. Por outro, ele não tinha muita certeza de serem visíveis ao mundo dos Vidas-Curtas;

esquilos saltavam alegremente entre seus pés, ocupados em recolher alimentos para o inverno que se aproximava, e uma vez Ralph viu Lois se abaixar bruscamente quando uma cambaxirra quase partiu seus cabelos ao meio. O pássaro desviou-se para a esquerda e para o alto, como se percebesse, no último instante, que havia um ser humano em sua rota de vôo. Os golfistas não lhes prestaram a menor atenção, tampouco. A opinião de Ralph sobre golfistas é que eram obsessivamente absortos em si mesmos, mas, ainda assim, achou sua falta de interesse um pouco exagerada. Se ele tivesse avistado um casal de adultos bem vestidos passeando por uma linha de trem abandonada em pleno dia, achava que provavelmente faria uma breve pausa para tentar adivinhar o que estavam pretendendo fazer e onde poderiam estar indo. *Acho que sentiria particular curiosidade em descobrir por que a senhora não parava de resmungar "Fique no lugar, porcaria velha", e repuxava a saia,* Ralph pensou sorrindo. Mas os golfistas sequer olharam para eles, embora um grupo de quatro, que seguia para o nono buraco, passasse tão perto que Ralph chegou a ouvir seus comentários preocupados sobre uma debilidade crescente no mercado de títulos. A idéia de que ele e Lois tivessem se tornado de novo invisíveis — ou quase

— começou a lhe parecer cada vez mais plausível. Plausível... e inquietante.

O tempo passa mais rápido quando se está alto, dissera o velho Dor.

O rastro se tornava mais fresco à medida que caminhavam para oeste, e Ralph gostava cada vez menos dos pingos e respingos que o formavam.

Onde caíra sobre os trilhos de aço, o resíduo comera a ferrugem como ácido corrosivo. Onde caíra sobre o mato rasteiro, deixara-o negro e morto —até as espécies mais resistentes tinham morrido. Quando passaram pelo terceiro campo de golfe e se embrenharam num matagal de árvores raquíticas e capim, Lois puxou-o pela manga. Apontou mais adiante. Grandes manchas do resíduo de Átropos brilhavam como uma tinta enauseante nos troncos das árvores que agora se adensavam junto à estrada de ferro, e formara po-

ças em algumas depressões entre os velhos trilhos — onde antes houvera dormentes, supunha Ralph.

[*— Estamos chegando perto do lugar onde ele mora, Ralph.*]

[*— Acho que sim.*]

[*— E se ele voltar e nos encontra na casa dele, que faremos?*]

Ralph sacudiu os ombros. Ele não sabia nem tinha muita certeza se lhe fazia

diferença. Que as forças que os moviam como peões num tabuleiro —aquelas que o Sr. C. e o Sr. L. chamavam de Superior Desígnio — se preo-cupassem com isso. Se Átropos aparecesse, Ralph tentaria arrancar a língua do sacaninha careca e estrangulá-lo com ela. Se entornasse o caldo para al-

guém, que se danasse. Ele não podia assumir a responsabilidade de planos grandiosos nem de negócios dos Longas-Vidas; sua tarefa agora era cuidar de Lois, que estava correndo um risco, e tentar impedir a carnificina que iria ocorrer não muito longe dali dentro de algumas horas. E quem sabe? No caminho poderia até encontrar um tempinho extra para proteger a sua própria pele rejuvenescida. Era o que tinha de fazer e, se o merdinha o atrapa-lhasse, um dos dois ia sobrar. Se isso não se encaixava nos planos dos chefões, tanto pior.

Lois estava captando a maior parte desses pensamentos diretamente de sua aura — percebeu-o em sua aura quando ela tocou seu braço e ele se virou para olhar.

[— *Que quer dizer com isso, Ralph? Que vai tentar matá-lo se ele o atrapalhar?*]

Ele refletiu um instante e confirmou com a cabeça. [— *É, é* exatamente *o que quero dizer.*]

Ela pensou na resposta e em seguida concordou.

[— *Ralph?*]

Encarou-a, com as sobrancelhas erguidas.

[— *Se for preciso fazer isso, eu o ajudarei.*]

Ele ficou absurdamente comovido com esse oferecimento. . e fez o possível para lhe esconder os demais pensamentos, que a única razão por que ela estava ali era a necessidade de mantê-la sob sua vigilância e proteção.

Tal pensamento levou-o aos brincos roubados, mas ele afastou a imagem, pois não queria que ela a visse em sua aura — nem sequer desconfiasse.

Os pensamentos de Lois, entrementes, tinham tomado uma direção diferente e marginalmente mais segura.

[— *Mesmo se entrarmos e sairmos sem encontrá-lo, ele saberá que alguém esteve lá, não? E provavelmente saberá quem foi também.*]

Ralph não podia negá-lo, mas não via que diferença iria fazer; suas op-

ções tinham se afunilado para uma única, pelo menos temporariamente. Po-

diam dar um passo de cada vez e ficar torcendo para que, quando o sol se erguesse no dia seguinte, eles ainda estivessem vivos para vê-lo. *Mas, se me dessem escolha, eu provavelmente iria preferir estar dormindo,* Ralph pensou, e um sorrisinho melancólico tocou os cantos de sua boca. *Nossa, parece que faz anos que não durmo.* Sua mente passou instantaneamente dali para o ditado favorito de Carolyn, aquele deque era longa a viagem de volta ao paraíso. Parecia-lhe nesse momento que o paraíso talvez fosse simplesmente dormir até o meio-dia. . ou talvez uns minutinhos mais.

Ele tomou Lois pela mão e recomeçaram a seguir o rastro de Átropos.

6

A UNS quinze metros da cerca de tela que definia os limites do aeroporto, os trilhos enferrujados terminaram. O rastro de Átropos, no entanto, prosseguia, embora pouco além; Ralph tinha quase certeza de estar vendo o ponto onde terminava, e a imagem dos dois amarrados aos raios de uma grande roda recorreu à sua mente. Se tivesse razão, a toca de Átropos achava-se apenas à distância de uma pedrada do lugar em que Ed batera no sujeito gordo com os barris de fertilizante na caçamba da picape.

O vento soprava em rajadas, trazendo às suas narinas um cheiro ruim muito próximo, e, de mais longe, a voz de Faye Chapin, discorrendo para alguém sobre o seu assunto preferido: o que sempre digo! O *majong* é como o xadrez, o xadrez é como a vida, portanto, se você sabe jogar qualquer um dos dois. .‖ O vento amainou. Ralph ainda conseguia ouvir a voz de Faye se apurasse os ouvidos, mas não distinguia mais as palavras em si. Mas não fazia mal; já ouvira aquela palestra suficientes vezes para conhecer exatamente o seu conteúdo.

[*— Ralph, esse fedor está horrível! É ele, não é?*]

Ralph confirmou com um aceno de cabeça, mas não achava que Lois tivesse visto. Ela apertava a mão dele com força, olhando em frente com os olhos bem abertos. O rastro de respingos que começara nas portas do centro cívico terminou na base de um carvalho morto, que se inclinava ebriamente a uns sessenta metros. A causa da morte da árvore e de sua posição inclinada era evidente; um lado da venerável relíquia tinha sido descascada como uma banana por um raio. Os sulcos, rachaduras e nós de sua casca cinzenta pareciam formar, em baixo relevo, rostos que gritavam silenciosamente, e a árvore abria os galhos desfolhados contra o céu como um sinis-tro ideograma. . que apresentava — pelo

menos na imaginação de Ralph —uma desconfortável semelhança com os ideogramas japoneses para *kamikaze*. O raio que matara a árvore não tivera êxito em derrubá-la, mas certamente fizera o possível. A parte do extenso raizame virada para o aeroporto tinha sido completamente arrancada do chão. As raízes que se estendiam sob a cerca de arame tinham-na deslocado para cima e para fora dando-lhe a forma de um sino, o que fez Ralph pensar, pela primeira vez em anos, em um conhecido de infância chamado Charles Engstrom.

―Não vá brincar com Chuckie‖, a mãe de Ralph costumava recomendar. ―Ele é um menino indecente.‖ Ralph não sabia se Chuckie era ou não indecente, mas que não batia muito bem da bola, não havia dúvida. Chuckie Engstrom gostava de se esconder atrás da árvore no jardim de sua casa com uma vara comprida que ele chamava de Varinha Metida. Quando passava uma mulher de saia rodada, Chuckie acompanhava-a pé ante pé, metia a va-rinha sob a barra da saia e a levantava. Freqüentemente ele conseguia verificar a cor da roupa íntima da mulher (a cor da roupa íntima das mulheres era sua grande fascinação) antes que ela percebesse o malfeito e desse uma corrida no menino, que ria às gargalhadas, até sua casa, ameaçando fazer queixa à sua mãe. A cerca do aeroporto, puxada para fora e para o alto junto às raí-

zes do velho carvalho, lembraram a Ralph as saias das vítimas de Chuckie quando ele as erguia com a sua Varinha Metida.

[— *Ralph?*]

Ele olhou para Lois.

[— *Quem é Juan Indecente? E por que você está pensando nele agora?*]

Ralph caiu na gargalhada.

[— *Você viu isso na minha aura?*]

[— *Acho que vi.. mas não sei muito mais que isso. Quem é ele?*]

[— *Um dia desses lhe conto. Vamos.*]

Segurou-a pela mão e caminharam vagarosamente até o carvalho, onde terminava o rastro de Átropos, e aumentava o cheiro de decomposição que era o cheiro dele.

CAPÍTULO 25

1

ELES pararam junto ao tronco do carvalho, olhando para baixo. Lois mordia obsessivamente o lábio inferior.

[— *Será que temos realmente de descer aí, Ralph? Realmente?*]

[— *Temos.*]

[— *Mas por quê? Que é que vamos fazer aí? Recuperar alguma coisa que ele roubou? Matar Átro pos? O quê?*]

Além de recuperar o pente de Joe e os brincos de Lois, ele nâo sabia. .

mas tinha certeza de que, quando chegasse a hora, ele *saberia,* os dois saberi-am.

[— *Acho que por enquanto o melhor é continuarmos andando, Lois.*]

O raio agira como uma mão de ferro, empurrara a árvore violentamente para um lado e abrira um grande buraco em sua base no outro. A um homem ou mulher com a visão dos Vidas-Curtas, aquele buraco sem dúvida pareceria escuro — e talvez um tantinho assustador, com os lados desmo-ronando e as raízes mal discerníveis revirando-se nas sombras densas como cobras — mas de outro modo não tinha nada incomum.

Uma criança com uma boa imaginação veria mais, pensou Llph. *Aquele oco escuro na base da árvore poderia fazê-la pensar em tesouros de piratas.. esconderijos de bandidos. . tocas de anões malvados. .*

Mas Ralph achava que mesmo uma criança Vida-Curta imaginativa não teria sido capaz de enxergar a luz fraca e vermelha que se filtrava pelas raízes da árvore até a superfície, ou de perceber que aquelas raízes retorcidas eram na realidade degraus toscos que levavam a um lugar desconhecido (e sem dúvida desagradável).

Não, mesmo uma criança imaginativa não veria essas coisas. . mas poderia senti-las.

Certo. E em seguida, alguém dotado de cérebro daria meia-volta e correria como se todos os demônios do inferno o perseguissem. Como teriam feito ele e Lois, se tivessem um pingo de juízo. Se não fosse pelos brincos de Lois. Se não fosse pelo pente de Joe Wyzer. Se não fosse pelo lugar que ele perdera no Desígnio. E, naturalmente, se não fosse por Helen (e possivelmente por Natalie) e pelas duas mil pessoas que iriam ao centro cívico hoje à noite. Lois tinha razão.

Deviam fazer *alguma coisa* e, se recuassem agora, seria irremediável.

E assim era a vida, pensou. *A vida em que os poderes que existem amarram os pobres e confusos Vidas-Curtas na sua roda.*

Agora via Cloto e Láquesis por uma lente clara de ódio e lhe ocorreu que, se os dois estivessem ali naquele momento, teriam trocado um daqueles olhares constrangidos e em seguida se afastado alguns passos.

E estariam certos em agir assim, pensou. *Muito certos.*

[*— Ralph? Que foi que houve? Por que está tão zangado?*]

Ele levou sua mão aos lábios e beijou-a.

[*— Não é nada. Vamos. Vamos antes que a gente perca a coragem.*]

Ela o fitou por mais um instante e concordou. Quando Ralph se sentou, enfiando as pernas pela boca escancarada e forrada de raízes na base da árvore, ela estava bem ali ao lado dele.

2

RALPH escorregou sobre as costas pela árvore abaixo, protegendo o rosto com a mão livre para impedir que entrasse terra em seus olhos abertos. Tentou não se alarmar quando os nós das raízes acariciaram seu pesco-

ço e empurraram seus rins. O cheiro repugnante sob a árvore que lembrava a jaula de um macaco dava-lhe vontade de vomitar. Ainda foi capaz de prosseguir se enganando que se habituaria àquilo até chegar ao fundo do buraco sob o carvalho, mas então a brincadeira acabou. Apoiou-se sobre um cotovelo, sentindo as raízes menores espetarem seu couro cabeludo e pedaços de cortiça pendurados fazerem cócegas em suas bochechas, e pôs para fora todo o café da manhã que restava em seu estômago. Ouviu Lois fazer a mesma coisa à sua esquerda.

Uma tonteira horrível passou por sua cabeça como uma onda quebrando. O mau cheiro era tão intenso que era praticamente *mastigável,* e ele viu o resíduo vermelho que tinham rastreado até aquele lugar de pesadelo sob a árvore espalhar-se por suas mãos e braços. *Olhar* para aquela coisa já fora bastante ruim; mas ver-se mergulhado nela, meu Deus!

Alguma coisa tateou em direção à sua mão e ele quase entrou em pânico até

perceber que era Lois. Entrelaçou seus dedos nos dela.

[— *Ralph, suba um pouquinho! É melhor! Dá para respirar!*]

Ele compreendeu imediatamente o que Lois queria dizer, e teve de se refrear, puxar-se para baixo, no último instante. Caso contrário, teria subido a escala da percepção como um foguete a toda velocidade.]

O mundo oscilou e, de repente, parecia haver um pouquinho mais de luz no buraco fétido. . e um pouquinho mais de espaço também. O cheiro não desapareceu, mas se tomou tolerável. Agora era como estar numa pequena barraca fechada e apinhada de gente de pés sujos e suvacos suados —uma coisa nada agradável, mas com que se podia conviver, pelo menos por algum tempo.

Repentinamente Ralph imaginou o mostrador de um relógio de bolso com ponteiros que se moviam demasiado rápido. Melhorara sem aquele cheiro horrível tentando adentrar sua garganta e sufocá-lo, mas o lugar continuava a ser perigoso — suponha que saíssem dali na manhã seguinte, e não tivesse sobrado nada do centro cívico exceto um buraco fumegante na rua Principal? E isso podia acontecer. Manter a noção do tempo ali embaixo

— tempo vida-curta, vida-longa ou vida-eterna — era impossível. Ele deu uma espiada no relógio, mas não adiantou nada. Devia tê-lo acertado antes, mas se esquecera.

Deixa pra lá, Ralph — não há nada que você possa fazer, então deixa pra lá.

Tentou e, ao tentar, ocorreu-lhe que o velho Dor tinha estado cem por cento certo no dia em que Ed colidira com a picape da firma de jardinagem do West Side; era melhor não se intrometer em assuntos de longa data. No entanto, ali estavam, o Peter Pan mais velho do mundo e a Wendy mais velha do mundo, escorregando pelo oco de uma árvore mágica até um sub-mundo pegajoso que nenhum dos dois queria ver.

Lois olhava para ele, o rosto pálido iluminado por aquela luz vermelha doentia, os olhos expressivos cheios de medo. Ele viu fios escuros em seu queixo e se deu conta de que era sangue. Ela parara de apenas mordiscar o lábio, passara a arrancar pedacinhos dele.

[— *Ralph, você está bem?*]

[— *Consigo me enfiar no oco de um velho carvalho com uma moça bonita e você ainda pergunta? Estou ótimo, Lois. Mas acho que é melhor nos apressarmos.*]

[— *Certo.*]

Ralph tateou mais abaixo com o pé e firmou-o numa raiz nodosa. Ela agüentou seu peso e ele escorregou por uma rampa rochosa, espremendo-se sob outra raiz e trazendo Lois pela cintura. A saia subiu até as coxas e Ralph pensou mais uma vez, brevemente, em Chuckie Engstrom e sua Varinha Metida. Achou graça mas, ao mesmo tempo, se exasperou de ver Lois tentando puxar a saia para baixo.

[— *Sei que uma senhora tenta manter a saia composta sempre que possível, mas acho que a regra vai para o espaço quando se está escorregando pela escada de um anão no oco de um carvalho. Certo?*]

Ela lhe respondeu com um sorrisinho constrangido e amedrontado.

[— *Se tivesse adivinhado o que iríamos fazer, teria vestido calças compridas. Pensei que só íamos até o hospital.*]

Se eu tivesse adivinhado o que íamos fazer, pensou Ralph, *teria vendido os meus títulos, assustasse ou não o mercado, e estaríamos num avião rumando para o Rio, minha querida.*

Sentiu o caminho com o outro pé, muito consciente de que, se escorregasse, provavelmente iria acabar em algum lugar fora do alcance da defesa civil de Derry. Pouco acima de seus olhos, uma minhoca vermelha meteu a cabeça para fora da terra e deixou cair uns grãozinhos na testa de Ralph.

Por um tempo que lhe pareceu uma eternidade, ele não sentiu nada, então seu pé encontrou madeira lisa — não era uma raiz desta vez, mas algo parecido com um degrau de verdade. Ele se deixou escorregar, ainda segurando Lois pela cintura, e esperou para ver se O lugar em que firmara o pé agüentaria ou se partiria sob o peso dos dois.

Agüentou e era suficientemente largo para Lois e ele. Ralph olhou para baixo e descobriu que estavam no primeiro degrau de uma escada estreita que descia em curva para a escuridão avermelhada. Fora construída para —e talvez por — uma criatura bem mais baixa que os dois, o que os obrigava a se curvar, mas ainda era melhor do que o pesadelo dos últimos minutos.

Ralph olhou para a cunha irregular de luz solar no alto, os olhos espiando de um rosto manchado de suor e terra com uma expressão de mudo desejo. A luz do dia nunca lhe parecera tão gostosa e distante. Virou-se para Lois e fez um sinal com a cabeça. Ela apertou sua mão e retribuiu o aceno.

Curvados, encolhendo-se cada vez que uma raiz batia em seus pescoços e costas, começaram a descer a escada.

3

A DESCIDA pareceu interminável. A luz vermelha tornou-se mais clara, o mau cheiro de Átropos, mais forte, e Ralph sabia que os dois estavam ―subindo‖ enquanto desciam; ou então estavam sendo esmagados pelo cheiro. Continuou a dizer a si mesmo que estavam fazendo o que tinham de fazer, e que devia haver um apontador numa operação dessa envergadura —alguém que lhes desse um toque se e quando o tempo estivesse terminando

— mas, ainda assim, ele não parava de se preocupar. Porque talvez não houvesse um apontador, ou um juiz, ou uma equipe de banderinhas de camisas listradas. *Não se aceitam mais apostas,* dissera Cloto.

Nem bem Ralph começara a imaginar se a escada desceria até o inferno, ela terminou. Um corredorzinho revestido de pedra, que não tinha mais de um metro de altura e seis de comprimento, levava a um portal em arco.

Para além, a luz vermelha pulsava e se intensificava como o reflexo luminoso de um forno aberto.

[*—Vamos, Lois, mas prepare-se para o que der e vier. Prepare-se para ele*.]

Ela concordou com um aceno, repuxou a anágua torta, e caminhou ao seu lado pela passagem estreita. Ralph chutou algo que não era uma pedra e abaixou-se para pegá-lo. Era um cilindro vermelho de plástico, mais largo numa ponta do que na outra. Levou um instante para perceber o que era: o punho de uma corda de pular. *Three-six-nine, hon, the goose drank wine*.

Não se meta no que não é de sua conta, Vida-Curta, Átropos dissera, mas ele se *metera,* e a razão não fora apenas o que os doutorezinhos carecas chamavam de *ka,* tampouco. Deixara-se envolver porque as coisas que Átropos andava tramando eram de *sua* conta, ainda que o sacaninha pensasse o con-

trário. Derry era sua cidade, Lois Chasse era sua amiga, e Ralph descobriu em seu íntimo um sincero desejo de fazer o Dr. n□3 se arrepender de um dia ter visto os brincos de brilhantes de Lois.

Atirou longe o punho da corda de pular e recomeçou a andar. Logo em seguida, ele e Lois cruzaram o arco e simplesmente estacaram ali, contemplando o apartamento subterrâneo de Átropos. Com os olhos muito abertos e as mãos

dadas, pareciam mais que nunca crianças num conto de fadas — não Peter Pan e Wendy, mas João e Maria, diante da casa de açúcar da feiticeira, depois de passar dias vagando perdidos pela floresta.

4

[*— Ah, Ralph. Meu Deus, Ralph... você está vendo?*]

[*— Psiu, Lois. Psiu.*]

Bem à sua frente, havia um cômodo apertado que parecia ser uma combinação de cozinha e quarto de dormir. O lugar era ao mesmo tempo sórdido e arrepiante. No centro do cômodo, havia uma mesa baixa e redonda que Ralph concluiu ser a metade de um barril. Sobre a mesa, os restos de uma refeição — um mingau cinzento e azedo que lembrava miolos liquefei-tos congelando em uma sopeira. Havia uma única cadeira desmontável, suja.

A direita da mesa, um vaso sanitário primitivo formado por um tambor de aço enferrujado e um assento equilibrado em cima. O cheiro que subia da peça era incrivelmente repugnante. A única decoração do apartamento era um espelho de corpo inteiro com moldura de latão preso a uma parede, a superfície tão escurecida pelo tempo, que o Ralph e a Lois que ele refletiu pareciam boiar em uns três metros de água.

À esquerda do espelho, achava-se um leito tosco improvisado com um colchão imundo e um saco de juta cheio de palha ou penas. O travesseiro e o colchão rescendiam os suores noturnos da criatura que os usava. Os so-

nhos guardados naquele travesseiro de saco me levariam à loucura, pensou Ralph. Em algum lugar, só Deus sabia quantos metros mais para o fundo da terra, uma água pingava produzindo um ruído oco.

No extremo oposto do apartamento, havia outro arco, mais alto, pelo qual se divisava uma área surreal de armazenamento. Ralph chegou a piscar duas ou três vezes para se certificar de que realmente estava vendo o que imaginava estar vendo.

Não resta dúvida de que é aqui, Ralph pensou. Seja lá que viemos buscar, está aqui.

Lois começou a se aproximar do segundo arco como se estivesse hipnotizada. Sua boca tremia de desânimo, mas seus olhos estavam cheios de irresistível curiosidade — era a mesma expressão, não havia dúvida, que havia no rosto da

mulher do Barba-azul quando usou a chave para abrir a porta do quarto que o marido lhe proibira. Ralph subitamente teve a certeza de que Átropos se encontrava escondido logo à entrada do arco, brandindo o bisturi enferrujado. Precipitou-se atrás de Lois e a deteve antes que pudesse entrar. Agarrou-a pelo braço, depois levou um dedo aos lábios e sacudiu a cabeça negativamente antes que ela pudesse falar.

Agachou-se com os dedos de uma mão apoiados no chão de terra batida, numa pose de corredor que aguarda o tiro de partida. Então atravessou o arco de um salto (sentindo prazer na pronta resposta de seu corpo mesmo num momento como aquele), caiu sobre o ombro e rolou. Seu pé bateu numa caixa de papelão derrubando-a e despejando uma mistura de objetos: luvas e meias desencontradas, livros velhos, um par de bermudas, uma chave de fenda manchada de castanho-avermelhado — talvez tinta, talvez sangue — na haste de aço.

Ralph ficou de joelhos e olhou para Lois, às suas costas, que continuava parada no arco, observando-o com as mãos fechadas sob o queixo. Não havia ninguém do outro lado do arco, e realmente não havia espaço para mais ninguém. Havia, sim, mais caixas empilhadas de cada lado. Ralph leu os dizeres impressos com uma certa perplexidade e admiração: Jack Daniel's. Gilbey's, Smirnoff, J&B. Átropos, ao que parecia, gostava tanto de caixas de bebidas quanto qualquer pessoa que não suportava a idéia de jogar nada fora.

[*— Ralph? Estamos seguros?*]

A palavra era uma piada, mas ele confirmou com a cabeça e lhe estendeu a mão. Lois correu para ele, ao mesmo tempo repuxando a anágua com força, mais uma vez, espiando a toda volta com crescente assombro.

Parado do outro lado do arco, no apartamentinho deprimente de Átropos, o depósito parecera grande. Agora ali dentro, Ralph descobriu que se estendia muito além; áreas daquelas dimensões em geral eram chamadas armazéns. Havia corredores entre grandes pilhas precárias de sucata. Somente o material junto à porta estava em caixas; o restante fora empilhado de qualquer jeito, criando um espaço que era dois quintos labirinto e três quintos arapuca. Ralph concluiu que mesmo armazém era uma palavra demasiado restrita — isto era um subúrbio subterrâneo e Átropos podia estar escondido em qualquer lugar. . e se estivesse, provavelmente estaria à espreita. Lois não perguntou o que estavam vendo; Ralph leu em sua expressão que ela já sabia. Quando falou, foi num tom sonhador que disparou um calafrio pelas costas de Ralph.

[— *Ele deve ser muito velho, Ralph.*]

É. Muito velho.

Entrando uns vinte metros pelo armazém, que estava iluminado pela mesma luz fraca, vermelha e difusa da escada, Ralph viu uma grande roda com raios em cima de uma cadeira de espaldar de vime que, por sua vez, se assentava sobre uma velha prensa de passar roupa. A visão daquela roda produziu nele um calafrio mais profundo; era como se a metáfora para qual sua mente apelara a fim de compreender o conceito de ka tivesse se materia-

lizado. Reparou na fita de ferro enferrujado que contornava a circunferência externa da roda e percebeu que provavelmente pertencera a uma daquelas bicicletas do fim do século passado, com aparência de velocípedes exagera-damente grandes.

É uma roda de bicicleta, sim, e deve ter no mínimo uns cem anos, pensou. A c0nstatação o levou a pensar no número de pessoas — milhares ou dezenas de milhares — que morrera em Derry e arredores desde que Átropos trouxera aquela roda ali para baixo. E desses milhares, quantas teriam sido mortes do Acaso?

E até que época do passado ele remontaria? A quantas centenas de anos?

Naturalmente não havia como calcular, talvez até ao início dos tempos, quando quer que tivesse sido. Durante todo esse tempo, ele tirara uma lem-brancinha de cada pessoa com quem interferira. . e ali estavam.

Todas.

[— *Ralph!*]

Ele se virou e viu que Lois tinha as mãos estendidas. Em uma, segurava o chapéu panamá faltando uma meia-lua na aba. Na outra, o pentinho preto, do tipo que se comprava em qualquer loja de conveniências por um dólar e vinte e nove centavos. Aderia ao pente um fantasmagórico brilho laranja, o que não surpreendeu a Ralph. Cada vez que o dono o usara, o pente devia ter atraído um pouco daquela luminosidade tanto da aura quanto do fio de balão, como se fosse uma caspa. Tampouco lhe surpreendeu encontrar o pente com o chapéu de McGovern a última vez que vira os dois objetos, estavam juntos. Lembrava-se do sorriso sarcástico de Átropos ao tirar o chapéu com um gesto largo e fingir pentear a cabeça pelada.

Então ele deu um salto no ar e bateu os calcanhares.

Lois estava apontando para uma velha cadeira de balanço com o pé quebrado.

[*— O chapéu estava bem ali no assento. Com o pente por baixo. É Sr. Wyzer, não é?*]

[*É*.]

Ela o entregou imediatamente a Ralph.

[*— Fique com ele. Não sou tão amalucada quanto Bill sempre pensou, mas às vezes perco as coisas. E se perdesse isso, nunca mais me perdoaria* .]

Ralph aceitou o pente, começou a metê-lo no bolso traseiro, então lembrou-se da facilidade com que Átropos o roubara do mesmo lugar. Fora mais fácil do que escorregar no gelo. Guardou-o no bolso dianteiro das cal-

ças, e voltou-se outra vez para Lois, que contemplava o chapéu mordido de McGovern com a admiração pesarosa de um Hamlet contemplando o crânio do velho amigo Yorick. Quando ergueu a cabeça, Ralph viu lágrimas em seus olhos.

[*— Ele adorava esse chapéu. Achava que lhe dava um ar galante e jovial. Não dava — ele continuava com ar de Bill — mas ele achava que dava, e isso é o que importava. Você não concorda, Ralph?*]

[*— Concordo.*]

Ela atirou o chapéu de volta ao assento da cadeira de balanço e virou-se para examinar uma caixa de roupas com aspecto de usadas. Assim que virou as costas para Ralph, ele se agachou para espiar debaixo da cadeira, na esperança de vislumbrar um brilho facetado na obscuridade. Se o chapéu de Bill e o pente de Joe estavam ali, quem sabe os brincos de Lois. .

Não havia nada sob a cadeira de balanço, exceto poeira e uma botinha de bebê de tricô rosa.

Devia ter imaginado que seria fácil demais, pensou Ralph, pondo-se de pé outra vez.

Sentiu-se subitamente exausto. Tinham encontrado o pente de Joe sem nenhum problema, o que era bom, mais do que bom, Ralph, porém, receava que fora um caso extraordinário de sorte de principiante. Ainda tinham os brincos de Lois com que se preocupar. . e seja lá o que tinham vindo fazer ali, é claro. E o que seria?

Ele não sabia, e se alguém lá em cima estava mandando instruções, não estava captando nada.

[— *Lois, você tem alguma idéia. .*]

[— *Psiu!*]

[— *Que foi? Lois, é ele?*]

[— *Não! Fique quieto, Ralph! Fique quieto e escute!*]

Ele escutou. A princípio não ouviu nada, então a sensação de contra-

ção — a piscadela — manifestou-se em sua cabeça. Desta vez foi muito lenta, muito cautelosa. Subiu um pouquinho, leve como uma pena soprada por uma corrente morna de ar. Percebeu um gemido baixo, como uma porta que não parasse de ranger. Havia algo familiar no gemido — não no som em si, mas nas associações que provocava. Era como. .

. .um alarme contra roubos, ou um dectetor de fumaça. Está nos dizendo onde se encontra. Está nos chamando.

Lois agarrou sua mão com dedos gelados.

[— *É isso, Ralph, é isso que estamos procurando. Você está ouvindo?*]

Claro que estava. Mas, fosse o que fosse, não tinha a menor relação com os brincos de Lois. . e sem os brincos de Lois ele não abandonaria este lugar.

[— *Vamos, Ralph! Vamos! Temos que encontrá-lo.*]

Ralph deixou que ela o conduzisse mais para o fundo do armazém. As lembranças de Átropos empilhavam-se no mínimo um metro acima de suas cabeças, na maior parte dos lugares. De que maneira um molusco como ele conseguira fazer isso, Ralph não fazia idéia — talvez por levitação — mas o resultado prático é que ele não demorou a perder o senso de direção enquanto giravam, viravam e ocasionalmente pareciam retroceder. Só o que sabia ao certo é que o volume do gemido não parava de crescer em seus ouvidos; quando começaram a se aproximar de sua origem, transformou-se num zumbido de inseto que Ralph achou cada vez mais desagradável. Esperou virar um canto e deparar com um gafanhoto gigante, encarando-o com inexpressivos olhos castanho-escuros do tamanho de uma laranja.

Embora as auras individuais dos objetos que enchiam o armazém tivessem

enfraquecido como o aroma de pétalas comprimidas entre as páginas de um livro, elas continuavam presentes sob o cheiro desagradável de Átropos — e no presente nível de percepção, com todos os sentidos requin-tadamente despertos e aguçados, era impossível não sentir as auras e ser afetado por elas. Os despojos mudos dos mortos pelo Acaso eram ao mesmo tempo terríveis e patéticos. O lugar era mais do que um museu ou uma toca de ratazana, Ralph compreendeu; era uma igreja profana onde Átropos tomava sua versão da comunhão — a tristeza era o pão e, as lágrimas, o vinho.

Este percurso hesitante pelos corredores em ziguezague era uma experiência horripilante, quase destrutiva. Cada virada não de todo ao acaso apresentava uma nova centena de objetos que Ralph desejava nunca ter visto nem ter que guardar na lembrança; cada um emitia o seu gritinho de surpresa e dor. Nem precisava se perguntar se Lois sentia o mesmo — ela soluçava baixinho e continuamente ao seu lado.

Ali se encontrava o trenó danificado de uma criança, com a corda de puxar ainda pendurada no volante. O menino a quem pertencia morrera de convulsões num dia gelado de janeiro de 1953.

Ali, a batuta de uma baliza enrolada em espirais roxas e brancas de papel crepe — as cores da Grant Academy. Fora estuprada e golpeada com uma pedra até morrer no outono de 1967. Seu assassino, que jamais fora apanhado, escondera seu corpo numa pequena gruta onde seus ossos —juntamente com os ossos de outras duas infelizes — ainda jaziam.

Ali, o camafeu de uma mulher que fora atingida por um tijolo, quando seguia pela rua Principal para comprar o último número da Vogue; se tives-

se saído de casa trinta segundos antes ou depois, não teria lhe acontecido nada.

Ali, o facão de caça de um homem morto num acidente durante uma caçada em 1973.

Ali, a bússola de um escoteiro que caíra e quebrara o pescoço, quando excursionava pelo monte Katahdin.

O tênis de um garotinho chamado Gage Creed, atropelado por um caminhão-tanque que passava em alta velocidade pela Estrada 15 em Ludlow.

Anéis e revistas; chaveiros e guarda-chuvas; chapéus e óculos; choca-lhos e rádios. Pareciam objetos diversos, mas Ralph achou que na realidade se assemelhavam: a voz fraca e doída de gente que se vira cortada da peça no meio

do segundo ato, quando ainda estavam aprendendo as falas para ensaiar o terceiro; gente que fora removida antes de terminar seu trabalho ou cumprir suas obrigações; gente cujo único crime fora nascer no Acaso. .

e ter atraído o olhar de um lunático com um bisturi enferrujado.

Lois, soluçando.

[— *Tenho ódio dele! Tenho tanto ódio dele!*]

Ralph entendia o que ela queria dizer. Um coisa era ouvir Cloto e Láquesis dizer que Átropos também fazia parte do cenário geral, e podia até servir a um Desígnio Superior, outra bem diferente era ver o boné desbotado dos Boston Bruins, cujo dono, um garotinho, caíra pelo acesso coberto de mato de um porão e morrera no escuro, morrera em agonia, morrera sem voz depois de passar seis horas gritando pela mãe.

Ralph esticou o braço e tocou brevemente o boné. O nome do garoto era Billy Weatherbee. Seu último pensamento fora um sorvete.

A mão de Ralph apertou a de Lois.

[— *Ralph, que é? Posso ouvir seus pensamentos. . tenho certeza que posso. . mas é o mesmo que ouvir alguém sussurrando baixinho.*]

[— *Estava pensando na vontade que sinto de arrebentar a cara daquele filho da puta, Lois. Talvez pudéssemos lhe ensinar o que é passar a noite acordado. Que é que você acha?*]

Ela apertou com mais força a mão de Ralph. Concordou com um aceno de cabeça.

5

CHEGARAM a um lugar onde o estreito corredor por onde seguiam ramificava-se em dois caminhos. O zumbido baixo e contínuo vinha do caminho da esquerda e, pelo som, não vinha de muito longe, tampouco. Agora tornou-se impossível os dois prosseguirem lado a lado e, à medida que andavam em direção ao fim, a passagem se estreitava ainda mais. Ralph finalmente foi obrigado a andar de lado.

O resíduo avermelhado que Átropos deixava por onde passara era muito copioso ali, pingava das pilhas desordenadas de lembranças e formava pequenas poças

no chão sujo. Lois segurava a mão de Ralph num aperto quase doloroso, mas ele não se queixou.

[— *É como no centro cívico, Ralph. Ele passa muito tempo aqui.*]

Ralph assentiu. A pergunta era com quem o Sr. A. Vinha se encontrar neste corredor? Estavam quase chegando ao fim, uma sólida parede de trastes bloqueava, impedindo-o de ver o que produzia aquele ruído. O zumbido agora começava a enervá-lo; era como ter uma mutuca presa na cabeça. Ao se aproximarem do fim da passagem, sentiu uma certeza crescente de que a coisa que procuravam se achava do outro lado da barreira de trastes — portanto teriam que retroceder e procurar outro caminho, ou estourar a parede.

As duas opções talvez consumissem mais tempo do que dispunham. Ralph sentiu o desespero lhe morder o fundo da mente.

Mas o corredor não terminava; do lado esquerdo, havia uma passagem por baixo de uma mesa de jantar atulhada de pratos e pilhas de papel verde e..

Papel verde? Não era bem isso. Pilhas de *dinheiro*. Notas de dez, vinte e cinqüenta dólares empilhadas descuidada e profusamente sobre os pratos.

Havia uma maçaroca de notas de cem numa molheira rachada e um rolo de notas de quinhentos espreitando ebriamente de um empoeirado cálice de vinho.

[— *Ralph! Meu Deus, tem uma fortuna aqui!*]

Ela não estava olhando para a mesa, mas para a outra parede da passagem. O último metro e meio fora erguido com maços fechados de notas verde-cinza à guisa de tijolos. Encontravam-se numa passagem literalmente feita de dinheiro, e Ralph descobriu que agora podia responder à outra pergunta que incomodava: onde Ed arranjava grana. Era Átropos quem nadava em grana. . mas Ralph tinha a impressão de que nem assim o carequinha filho da mãe conseguia arranjar namoradas.

Curvou-se um pouco para espiar melhor a passagem sob a mesa. Aparentemente havia mais um aposento do outro lado, muito pequeno. Ali uma luz vermelha aumentava e diminuia lentamente de intensidade como o pulsar de um coração, produzindo reflexos irregulares em seus sapatos.

Ralph apontou, então olhou para Lois. Ela assentiu. Ele se ajoelhou e engatinhou por baixo da mesa carregada de dinheiro, até o santuário que Átropos erguera em torno da coisa no chão, ao centro. *Era* o que tinham vindo buscar, não restava

a menor dúvida em sua mente, mas não fazia idéia do que era. O objeto, do tamanho da bolinha de gude que as crianças chamam de bilha, encontrava-se envolto em um saco mortuário tão impe-netrável quanto o miolo de um buraco negro.

Oh, fantástico — maravilhoso. E agora?

[— *Ralph! Você está ouvindo alguém cantar? Muito baixinho.*]

Ele a olhou duvidando, depois espiou a toda volta. Já estava odiando aquele lugar apertado e, embora não fosse claustrofóbico por natureza, começava agora a sentir uma vontade desesperada de sair dali, infiltrar-se em seus pensamentos. Uma voz muito clara falou dentro de sua cabeça. *Não é só o que* quero, *Ralph; é do que* preciso. *Farei o máximo para acompanhá-lo, mas se você não terminar logo seja lá o que veio fazer aqui, não vai fazer a menor diferença o que você ou eu desejamos, vou simplesmente assumir o comando e correr feito louca.*

O terror controlado daquela voz não o surpreendeu, porque o lugar era realmente horrível — não era um aposento mas o fundo de um longo poço cujas paredes circulares eram feitas de refugos e objetos roubados, tor-radeiras, banquinhos, rádios-relógios, máquinas fotográficas, livros, engradados, sapatos, ancinhos. Balançando quase diante dos olhos de Ralph, havia um saxofone velho num tirante corroído com a palavra JAKE impressa em pedrinhas embaçadas de poeira. Ralph esticou o braço para agarrá-lo, querendo afastar aquela droga de seu rosto. Mas logo imaginou a remoçao desse único objeto provocando uma avalanche que faria as paredes desaba-rem sobre eles, soterrando-os vivos. Recolheu a mão. Ao mesmo tempo, abriu a cabeça e os sentidos *o* máximo que pôde. Por um instante, pensou ter ouvido *realmente* alguma coisa — um suspiro baixo, como um sussurro do oceano em uma concha — mas em seguida passou.

[— *Se há vozes aqui, não consigo ouvi-las, Lois. Aquela droga estd abafando tudo!*]

Ele apontou para o objeto no meio do círculo — de um negror que ultrapassava qualquer concepção anterior de negro, um saco mortuário que era a apoteose de todos os sacos mortuários. Mas Lois sacudia a cabeça.

[— *Não está abafando. Está secando tudo.*]

Ela olhou para a coisa negra e barulhenta com nojo e horror.

[— *Aquela coisa está sugando a vida de tudo que há empilhado à sua volta. . e está tentando sugar a vida da gente, também.*]

Claro que está. Agora que Lois o expressara em voz alta, Ralph podia sentir o saco mortuário — ou o objeto que ele continha — puxando algo bem no fundo de sua mente, tentando arrancá-la, torcendo-a, sacudindo-a. .

tentando extraí-la como um dente de seu alvéolo rosado.

Tentando sugar a vida deles? Chegara perto, mas ainda não era isso.

Ralph não achava que eram suas vidas que a coisa dentro do saco mortuário queria, nem suas almas. . não era bem isso. Era a sua energia vital que aquilo queria, o seu *ka*.

Os olhos de Lois se arregalaram quando ela captou este pensamento. .

e então se desviaram para um ponto pouco além do seu ombro direito. Ela se curvou para a frente de joelhos e esticou o braço.

[*— Lois eu não faria isso, você poderia desmoronar tudo à nossa...*]

Tarde demais. Ela puxou alguma coisa, contemplou-a com horror e então estendeu-a para Ralph.

[*— Ainda está vivo,* tudo *que está aqui ainda está vivo. Não sei como pode ser, mas é . . de alguma forma é. Mas debilitados. Por que estão assim?*]

O que ela lhe estendia era um pequeno tênis branco de mulher ou de criança. Quando Ralph o recebeu, ouviu-o cantar baixinho numa voz distante. O canto era solitário como o vento de novembro numa tarde nublada, mas, ao mesmo tempo, incrivelmente doce — um antídoto para o zurro interminável da coisa negra no chão.

E era uma voz conhecida. Ele tinha certeza disso.

Havia uma mancha marrom na ponta do tênis. Ralph a princípio pensou que era leite-chocolatado, então reconheceu o que realmente era: sangue seco. Naquele instante, viu-se de novo do lado de fora do mercadinho amparando Nat antes que Helen a deixasse cair. Lembrava-se do jeito com que Helen trocara os pés; como tropeçara para trás, e se apoiara na porta do mercadinho como um bêbado em um poste, estendendo as mãos para ele.

Dá meu be-ê.. dá a Na-li.

Ele conhecia a voz porque era a voz de Helen. O tênis estivera em seu pé naquele dia, e os respingos de sangue na ponta tinham caído do nariz amassado de Helen

ou de sua face dilacerada.

O objeto cantava sem parar, sua voz não chegava a desaparecer sob o zunido da coisa no saco mortuário, e agora que os ouvidos de Ralph — ou o que desempenhasse tal função no mundo das auras — estavam inteiramente abertos, ele podia ouvir as outras vozes de todos os outros objetos.

Cantavam como um coro perdido.

Vivos. Cantando.

Eles *podiam* cantar, todas as coisas que enchiam essas paredes *podiam* cantar, porque seus *donos* podiam cantar.

Seus donos continuavam vivos.

Ralph reergueu a cabeça, e desta vez reparou que, enquanto alguns objetos que via eram velhos — o saxofone, por exemplo — muitos eram novos; não havia rodas de bicicletas do fim do século nesta pequena alcova.

Viu três rádios-relógios, todos três digitalizados. Um aparelho de barbear que parecia quase sem uso. Um batom que ainda conservava a etiqueta de preço da Rite Aid.

[*— Lois, Átropos tirou essas coisas das pessoas que* vão *estar no centro cívico hoje* a *noite*. *Não foi?*]

[*— Foi. Com toda certeza.*]

Ele apontou para o casulo negro berrando no chão, quase abafando a cantoria a toda volta... abafando-as enquanto se alimentava delas.

[*— E seja qual for o conteúdo daquele saco mortuário, ele tem alguma relação com o que Cloto e Láquesis chamaram de cordão-mestre*. *É a coisa que une todos esses diferentes objetos, todas essas diferentes vidas.*]

[*— Que as torna* ka-tet. *É isso mesmo.*]

Ralph devolveu o tênis a Lois.

[*— Isto vai conosco quando formos*. *É da Helen.*]

[*— Eu sei.*]

Lois contemplou-o por um instante, então fez uma coisa que Ralph achou extremamente inteligente, desfez duas laçadas dos cordões e amarrou o tênis no pulso esquerdo como se fosse um bracelete.

Ele se aproximou um pouco mais do saquinho mortuário e se curvou.

Aproximar-se foi penoso, e se manter próximo ainda mais — era o mesmo que colocar o ouvido contra a carcaça do motor de uma perfuratriz funcionando com toda a estridência ou encarar uma luz forte sem apertar os olhos. Desta vez, o zunido pareceu encerrar palavras, as mesmas que ouvira ao se aproximarem da borda do saco mortuário em torno do centro cívico.

Fora daqui. Se manda. Chispa.

Ralph tampou os ouvidos com as mãos por um momento, o que naturalmente não adiantou nada. Os sons na realidade não vinham de fora. Ele baixou as mãos e olhou para Lois.

[— *Que é que você acha? Alguma idéia sobre o próximo passo?*]

Não sabia exatamente o que esperava dela, mas decerto não era a resposta rápida e positiva que obteve.

[— *Abra o saco e tire o que está dentro, e faça isso depressa. Essa coisa é perigosa.*

Além do mais, pode estar chamando Átropos, já pensou nisso? Dando com a língua nos dentes sobre Joãozinho, como fez a galinha na história do pé de feijão mágico.]

Ralph de fato *chegara* a considerar a possibilidade, embora não o tivesse feito em termos tão veementes. *Certo,* pensou. *Abra o saco e retire o prêmio. Só tem uma coisa: como é que se faz isso?*

Lembrou-se do raio que lançara contra Átropos quando o desgraçadi-nho tentara atrair Rosalie para o outro lado da rua. Um bom truque, mas uma coisa daquelas poderia fazer mais mal do que bem ali; e se ele volatili-zasse a coisa que deveriam levar?

Acho que você não pode fazer isso.

Certo, muito justo, aliás *ele* também não achava que o pudesse fazer. .

quando se está cercado de pertences de gente que poderia estar morta ao raiar do

sol no dia seguinte, assumir riscos parecia uma péssima idéia. Uma idéia *insensata.*

Não estou precisando de um raio mas de um bom par de tesouras, como as que Cloto e Láquesis usam para. .

Ele arregalou os olhos para Lois, admirado com a clareza da imagem.

[— *Não sei o que foi que você acabou de pensar, mas ande logo e faça isso.*]

6

RALPH baixou os olhos para a mão direita — uma mão da qual as rugas e as primeiras deformações da artrite agora tinham desaparecido; uma mão que estava envolta em uma luminosa coroa de luz azulada. Sentindo-se um pouco tolo, dobrou os dois últimos dedos contra a palma e esticou os dois primeiros, pensando numa brincadeira que costumava fazer na infância

— pedra quebra tesoura, tesoura corta papel, papel cobre pedra.

Que seja tesoura, pensou. *Preciso de uma tesoura. Me ajude.*

Nada. Olhou para Lois e viu que ela o observava com uma serenidade que por alguma razão o aterrorizava. *Ah, Lois, se você ao menos soubesse,* pensou, e então varreu o pensamento de sua mente. Porque tinha sentido alguma coisa, não tinha? Tinha. *Alguma coisa.*

Desta vez, ele não formou palavras em sua mente, mas uma imagem, não a tesoura que Cloto usara para despachar Jimmy V., mas a tesoura de aço do costureiro de sua mãe — lâminas longas e estreitas que afinam até as pontas quase tão afiadas quanto a de uma faca. Ao intensificar sua concentração, conseguiu ver até as duas palavrinhas minúsculas gravadas no metal abaixo do pino central: SHEFFIELD STEEL. E agora sentia de novo a coisa em sua mente, não era uma piscadela desta vez mas um músculo — i-

mensamente forte — flexionando-se devagarinho Ele fixou o olhar nos dedos e mentalmente fez a tesoura abrir e fechar. Ao mesmo tempo, abriu e fechou lentamente os dedos, formando um V que aumentava e diminuia.

Sentiu então a energia, que tirara do Nirvana Boy e do vagabundo nos pátios da ferrovia, primeiro convergir para sua cabeça e depois descer pelo braço direito até os dedos como uma cãibra.

A aura que envolvia os dois primeiros dedos da mão direita que ele esticara

começou a se adensar. . e a se alongar. Assumiram a forma fina de lâminas. Ralph esperou até eles crescerem uns dez centímetros além das unhas e então experimentou movimentá-los. As lâminas abriram e fecharam.

[*— Isso, Ralph! Corte!*]

Certo — não podia se dar o luxo de demorar fazendo experiências.

Sentia-se como a bateria de um carro do qual se exige que acione um motor muito maior do que a sua capacidade. Sentia toda a sua energia — a que pedira emprestada e a própria — correr pelo seu braço direito até as lâminas. Não poderia durar muito.

Ele se curvou para a frente, os dedos juntos num gesto de quem aponta, e mergulhou a ponta da tesoura no saco mortuário. Concentrara-se com tanto empenho para criar e manter a tesoura que parara de ouvir aquele zumbido rouco e constante □ pelo menos conscientemente — mas, quando a ponta da tesoura mergulhou na pele negra, o saco mortuário repentinamente reciclou-se e emitiu um som agudo em que se mesclavam a dor e o medo. Ralph viu respingos de uma gosma grossa e escura escorrer do saco para o chão. Parecia catarro de gente doente. Ao mesmo tempo, ele sentiu a demanda de energia dentro dele praticamente dobrar. Percebeu que podia *vê-la,* sua própria aura descia pelo braço direito e pelas costas da mão em ondas lentas e peristálticas. E podia senti-la enfraquecer em torno do resto do corpo, à medida que sua proteção essencial afinava.

[*— Depressa, Ralph! Ande logo!*]

Ele fez um esforço sobre-humano para abrir os dedos. As lâminas de brilho azulado também abriram, produzindo um pequeno rasgo no ovo negro. O saco berrou, e dois relâmpagos vermelhos riscaram sua superfície.

Ralph juntou os dedos e observou a tesoura fechar as lâminas e cortar um tecido denso e negro que era parte casca, parte carne. Ele soltou uma exclamação. Não era bem dor que sentia, mas uma sensação de terrível cansaço.

Sangrar até morrer deve ser assim, pensou.

Alguma coisa dentro do saco produziu um reflexo dourado.

Ralph reuniu todas suas forças e tentou abrir os dedos para fazer outro corte. A princípio pensou que não conseguiria — os dedos pareciam estar colados com araldite — então eles se afastaram, aumentando o talho. Agora ele podia quase

ver o objeto lá dentro, algo pequeno, redondo e brilhante.

Na realidade só pode ser uma coisa, ele pensou, e então repentinamente seu coração disparou no peito. As lâminas azuis piscaram.

[*— Lois! Me ajude!*]

Ela segurou seu pulso. Ralph sentiu a energia rugir dentro dele em volts renovados. Observou, perplexo, a tesoura tornar a se solidificar. Agora apenas uma das lâminas era azul. A outra era cinza-pérola.

Lois gritava dentro de sua cabeça.

[*— Corte! Corte agora!*]

Ele tornou a juntar os dedos e, desta vez, as lâminas cortaram o saco mortuário de fora a fora. O saco emitiu um último grito vacilante, ficou totalmente vermelho e desapareceu. As tesouras que se projetavam das pontas dos dedos de Ralph sumiram de vez. Ele fechou os olhos por um momento, repentinamente consciente de que grandes gotas mornas de suor escorriam pelo seu rosto como lágrimas. No campo escuro por trás de suas pálpebras, ele via imagens disparatadas que pareciam lâminas dançantes.

[*— Lois? Você está bem?*]

[*— Estou — mas esgotada. Não faço a menor idéia de como vou voltar àquela escada debaixo da árvore, e muito menos subi-la. Não tenho sequer certeza se vou conseguir ficar em pé.*]

Ralph abriu os olhos, levou as mãos às coxas acima dos joelhos, e curvou-se mais uma vez para a frente. No chão onde estivera o saco mortuário, havia a aliança de um homem. Dava para ler facilmente a gravação na parte interna: HD-ED 5.8.87.

Helen Deepneau e Edward Deepneau. Casados em 5 de agosto de 1987.

Era isso que tinham vindo buscar. Era o símbolo de Ed. Agora só faltava apanhá-la. . metê-la no bolsinho da calça. . encontrar os brincos de Lois. . e se mandar dali.

7

AO ESTENDER a mão para o anel, um poema lampejou em sua mente — desta vez o autor não era Stephen Dobyns mas J.R.R. Tolkien, que criara os hobbits, a

imagem que ocorrera a Ralph na sala pequenina e cheia de fotos de Lois. Fazia quase trinta anos que lera as histórias de Frodo, Gandalf e Sauron e do Senhor Negro, narradas por Tolkien — histórias que, pensando bem, continham um símbolo muito semelhante àquele —mas por um momento os versos surgiram tão nítidos quanto as lâminas da tesoura minutos antes:

Um Anel para dominá-los. Um Anel para encontrá-los,

Um Anel para reuni-los e nas trevas acorrentá-los.

Na Terra de Mordor onde param as Sombras.

Não serei capaz de apanhá-lo, pensou. *Está firmemente preso à roda do ka como eu e Lois, e não conseguirei apanhá-lo. Ou isso, ou será o mesmo que tocar num fio de alta-tensão, e estarei morto antes mesmo de saber o que está ocorrendo.*

Só que realmente não acreditava que qualquer das duas coisas fosse acontecer. Se o anel não estava ali à sua disposição, então por que fora protegido por um saco mortuário? Se o anel não estava ali à sua disposição por que as forças que protegiam Cloto e Láquesis — e Dorrance, não podia esquecer Dorrance tinham despachado ele e Lois nessa jornada?

Um Anel para dominá-los, Um Anel para encontrá-los, pensou Raiph, e fechou os dedos em torno da aliança de casamento de Ed. Por um momento, sentiu uma dor profunda e fina na mão, no pulso e no antebraço; simultaneamente, o canto suave dos objetos que Átropos entesourara ergueu-se num grito imenso e harmônico.

Ralph emitiu um som — talvez um grito, talvez apenas um gemido —e ergueu o anel, firmemente seguro em sua mão direita. Uma sensação de vitória vibrou em suas veias como vinho ou como. .

[— *Ralph.*]

Ele se virou para Lois, mas ela mirava o lugar onde a aliança de Ed estivera, seus olhos negros expressando medo e confusão.

Onde a aliança de Ed estivera; onde a aliança de Ed ainda estava. Continuava exatamente no mesmo lugar, um círculo de ouro reluzente — com a inscrição HD-ED 5.8.87 na parte interna.

Ralph teve um momento de desorientação e aturdimento e controlou-o com esforço. Abriu a mão, de certa forma esperando que o anel tivesse sumido, contrariando a informação dos seus sentidos, mas ele continuava na palma de sua

mão sobre a bifurcação que formavam as linhas do amor e da vida, refulgindo à triste luz vermelha desse lugar horrível. HD-ED 5.8.87.

As duas alianças eram idênticas.

8

UMA em sua mão; a outra no chão; não havia diferença. Pelo menos, nenhuma que Ralph pudesse distinguir.

Lois estendeu a mão para a aliança que substituíra a que Ralph erguera, hesitou e em seguida apanhou-a. Enquanto olhavam, um ouro fantasmático brilhou pouco acima do chão da câmara, então solidificou-se numa terceira aliança de casamento.

A semelhança das anteriores, trazia na parte interna a gravação HDED 5.8.87.

Ralph viu-se pensando em mais outra história — não a longa narrativa de Tolkien sobre o Senhor dos Anéis, mas uma história do Dr. Seuss que ele lera para os sobrinhos de Carolyn na década de cinqüenta. Fora há muito tempo, mas não a esquecera completamente, porque era mais complexa e sinistra do que as bobagens habituais do Dr. Seuss sobre ratos, morcegos e gatos travessos. Intitulava-se: ―Os quinhentos chapéus de Bartholomeu Cubbins‖, e Ralph achava que realmente não era de admirar que a história lhe ocorresse agora.

O pobre Bartholomeu era um matuto que tivera a má sorte de se encontrar em uma cidade grande quando o Rei passava por lá. As pessoas deviam tirar o chapéu diante de tão augusto personagem, e Bartholomeu bem que tentou, mas sem sucesso; cada vez que tirava o chapéu, aparecia sob aquele um outro, idêntico ao anterior.

[— *Ralph, que está acontecendo? Que significa isto?*]

Ele balançou a cabeça sem responder, os olhos correndo do anel na palma de sua mão para o outro na de Lois e para o terceiro no chão, num círculo sem fim. Três anéis, os três idênticos, como os chapéus que Bartholomeu Cubbins não parava de tirar. O coitado continuou tentando mostrar boas maneiras diante do Rei. Ralph lembrava-se que, mesmo quando o car-

rasco o fazia subir a escada curva que levava ao local da decapitação pelo crime de desrespeito. .

Só que a história não era bem assim, porque depois de algum tempo os chapéus

na cabeça do pobre Bartholomeu começaram a se *transformar*, a se tornar cada vez mais fabulosos e rococós.

É o que está acontecendo com os anéis, Ralph? Você tem certeza?

Não, ele achava que não. Quando apanhara o primeiro, sentira uma dor profunda e momentânea espalhar-se pelo seu braço como um reumatismo, mas Lois não demonstrara nenhum sinal de dor quando apanhara o segundo.

E as vozes — não as ouvira gritar quando Lois apanhara o dela.

Ralph curvou-se para a frente e agarrou o terceiro anel. Não houve espasmo de dor nem grito dos objetos que formavam as paredes da câmara —eles continuaram a cantar baixinho. Entrementes, um quarto anel se materializou onde os outros três tinham estado, exatamente como os chapéus na cabeça do infeliz Bartholomeu Cubbins, mas Ralph não lhe deu atenção.

Olhou para o primeiro anel, que segurava entre a linha da vida e a do amor na palma da mão direita.

Um Anel para dominá-los, pensou. *Um anel para acorrentá-los. E acho que é você, belezinha. Acho que os outros são apenas hábeis falsificações.*

E talvez houvesse uma maneira de verificar. Ralph levou os dois anéis aos ouvidos. O da mão esquerda era silencioso; o da mão direita, o que estivera dentro do saco mortuário quando ele o abrira, ainda emitia um eco fraco e enregelante do grito do seu invólucro.

O da mão direita estava vivo.

[*— Ralph?*]

A mão de Lois em seu braço estava fria e ansiosa. Ralph olhou-a e em seguida atirou longe o anel da mão esquerda. Ergueu o outro e espiou, por dentro dele, o rosto tenso e estranhamente jovem de Lois, como se fosse uma luneta.

[*— É este. Os outros são apenas marcadores de lugar, acho, como os zeros num complicado problema matemático.*]

[*— Você quer dizer que não contam?*]

Ele hesitou, inseguro quanto à resposta. . porque na realidade *contavam,* esse é que era o problema. Ele simplesmente não sabia como expressar sua intuição em palavras. Enquanto os falsos anéis continuassem a aparecer nessa camarazinha

horrível, como os chapéus na cabeça de Bartholomeu Cubbins, o futuro representado pelo saco mortuário sobre o centro cívico con-tinuaria a ser o único futuro verdadeiro. Mas o primeiro anel, o que Átropos roubara do dedo de Ed (talvez enquanto ele dormia ao lado de Helen no chalezinho que agora estava vazio), poderia alterar tudo.

As réplicas eram símbolos que preservavam a forma do *ka,* da mesma maneira que os raios que saíam de um cubo preservavam a forma de uma roda. O original, porém..

Ralph pensou que o original *era* o cubo. Um Anel para acorrentá-los.

Ele apertou com firmeza o anel de ouro, sentindo aquela forma dura vincar sua palma e seus dedos. Então meteu-o no bolsinho do relógio.

Havia uma coisa sobre o ka *que eles não nos contaram,* pensou. *É fugidia. Fugidia como um peixe velho que não quer sair do anzol mas continua a dar rabanadas na mão da gente.*

E lembrava também a escalada de uma duna de areia — escorregava-se um passo para trás a cada dois que se conseguia dar para a frente. Eles tinham ido até High Ridge e realizado *alguma coisa* — exatamente o quê, Ralph não sabia, mas Dorrance lhes garantira que sim; segundo ele, cumpriram sua missão no abrigo. Agora tinham vindo aqui e recuperaram a aliança de Ed, mas isso *ainda* não era suficiente, e por quê? Porque o *ka* era como um peixe, o *ka* era como uma duna de areia, o *ka* era como uma roda que não queria parar, e sim, continuar girando sempre, esmagando o que por acaso encontrasse em seu caminho. Uma roda de muitos raios.

Mas principalmente, talvez, porque o *ka* era como um anel. Como uma aliança de casamento.

Ele de repente compreendeu o que toda a conversa no telhado do hospital e todos os esforços de Dorrance não tinham conseguido explicar a condição indeterminada de Ed, somada ao fato de Átropos ter localizado o pobre sujeito confuso, concendera-lhe um tremendo poder. Abrira-se uma porta, um demônio chamado Rei Sanguinário entrara em cena, alguém mais poderoso que Cloto, Láquesis, Átropos, ou qualquer outro. E ele não pretendia ser paralisado por um velho Coroa de Derry como Ralph Roberts.

[— *Ralph?*]

[— *Um Anel para dominá-los. Lois. Um Anel para encontrá-los.*]

[— *De que* é *que você está falando? Aonde está querendo chegar?*]

Ele deu um tapinha na bolso das calças, sentindo o volume pequeno mas importante da aliança de Ed. Então estendeu os braços e segurou Lois pelos ombros.

[— *Os substitutos — os anéis falsos — são os raios, mas este é o cubo da roda.*

Tire-se o cubo e a roda não pode girar.]

[— *Você tem certeza?*]

Tinha certeza absoluta. Só não sabia como fazer isso.

[— *Tenho. Agora vamos, vamos sair daqui enquanto podemos.*]

Primeiro Ralph empurrou-a por baixo da mesa de jantar sobrecarregada, ajoelhou-se e seguiu-a. Parou a meio caminho e olhou por cima do ombro. Viu uma coisa estranha e terrível, embora o zumbido não tivesse retornado, o saco mortuário refazia-se em volta da aliança substituta. E o ouro reluzente já se embaçara transformando-se num círculo fantasmático.

Contemplou-o por alguns segundos, fascinado, quase hipnotizado, estão desviou os olhos com esforço e começou a engatinhar atrás de Lois.

9

RALPH receou que perdessem um tempo precioso tentando navegar de volta pelo labirinto de corredores que cruzavam o armazém de lembranças de Átropos, mas isso não foi problema. Suas próprias pegadas, desbotadas mas ainda visíveis, continuavam ali para guiá-los.

Ralph começou a recuperar as forças, quando deixaram o quartinho para trás, mas agora Lois estava baqueando. Na altura em que alcançaram o arco entre o armazém e o apartamento imundo de Átropos, ela estava apoiada nele. Ralph lhe perguntou se estava bem. Lois conseguiu encolher os ombros e dar um sorrisinho cansado.

[— *Meu maior problema é estar neste lugar. Não importa o nível a que subimos, continua repugnante e odioso. Depois que eu pegar um ar fresco, acho que vou melhorar.*

Sinceramente.]

Ralph torceu para que ela estivesse certa. Quando se abaixou sob o arco para atravessar o apartamento de Átropos, tentou pensar num pretexto para mandar Lois prosseguir sem ele. Isto lhe daria a oportunidade de dar uma busca rápida no lugar. Se não encontrasse os brincos, teria que presumir que Átropos continuava a usá-los.

Ele reparou que a anágua de Lois voltara a aparecer por baixo da bainha do vestido, abriu a boca para dizer-lhe, mas vislumbrou um movimento pelo canto do olho esquerdo. Compreendeu que tinham sido muito menos cautelosos na viagem de volta — em parte, porque se sentiam exaustos — e agora talvez tivessem que pagar um preço alto por terem baixado a guarda.

[*— Lois, cuidado!*]

Tarde demais. Ralph sentiu o braço dela ser violentamente puxado quando a criatura furiosa, de túnica suja, agarrou-a pela cintura e arrastou-a para trás. A cabeça de Átropos chegava apenas à axila de Lois, mas lhe per-

mitiu brandir seu bisturi enferrujado sobre sua cabeça. Quando Ralph atirou-se instintivamente contra ele, Átropos baixou a lâmina até tocar o cordão cinza-pérola que subia da cabeça de Lois. Arreganhou os dentes para Ralph num sorriso indizível.

[*Nem mais um passo, Coroa. . nem um!*]

Bem, pelo menos não precisava mais se preocupar com os brincos errantes de Lois. Eles produziam um reflexo rosa-avermelhado e sombrio nos lóbulos das orelhas de Átropos. Foi mais a visão dos brincos do que o berro que fizeram Ralph parar onde estava.

O bisturi se afastou um pouquinho — mas só um pouquinho.

[*Agora, Coroa, você acabou de tirar uma coisa minha, não foi? Não tente negar, eu sei. E vai me devolver agora mesmo.*]

O bisturi voltou para o fio de balão de Lois; Átropos acariciou-o com a face da lâmina.

[*Ou você me devolve ou essa vaca vai morrer aqui diante de seus olhos, você pode ficar aí observando o saco empretecer. Então, o que me diz Coroa? Passe para cá*.]

CAPÍTULO 26

1

O SORRISO de Átropos irradiou-se, cheio de repulsivo triunfo, e cheio de..

Cheio de medo. Ele apanhou você, Ralph, com as calças na mão, tem o bisturi encostado no fio de balão de Lois e a mão na garganta dela, no entanto, continua morto de medo. Por quê?

[*Ande logo! Pare de perder tempo, seu merdinha! Me dê esse anel!*]

Ralph levou a mão vagarosamente ao bolsinho do relógio e apertou o anel, perguntando-se por que Átropos não matara Lois de cara. Certamente não pretendia deixá-la — ou deixá-los — partir.

Está com medo que eu o ataque com um daqueles golpes de caratê telepáticos. E isso é só o aperitivo. Acho que também está com medo de estragar tudo. Com medo da coisa

— da entidade — *que lhe dá as ordens. Com medo do Rei Sanguinário. Você está com medo do chefe, não está amiguinho imundo?*

Ralph ergueu o anel entre o polegar e o indicador da mão direita e espiou por dentro dele mais uma vez.

[— *Vem buscar, por que você não vem? Não se acanhe*.]

O rosto de Átropos contraiu-se de raiva. A expressão transformou o seu sorriso insolente e exultante numa careta de desenho animado.

[*Vou matá-la, Coroa, você não me ouviu? É isso que você quer?*]

Ralph ergueu lenta e deliberadamente a mão esquerda. Fez no ar um gesto de quem serra e ficou satisfeito de ver Átropos se encolher quando o lado da mão virou momentaneamente em sua direção.

[— *Se você chegar a encostar nela com essa lâmina, vou-lhe dar tanta porrada que você vai precisar de um canivete para retirar seus dentes da parede. É uma promessa.*]

[*Me dá o anel, Coroa.*]

Eles não podem mentir, lembrou-se Ralph subitamente. *Não me lembro bem se alguém chegou a me dizer isso ou se eu mesmo intuí, mas tenho certeza de que é um fato — eles não podem mentir. Mas eu posso.*

[□ *Vou-lhe fazer a seguinte proposta, Sr. A. — o senhor faz um trato comigo e lhe entrego o anel.*]

Átropos lhe lançou um olhar apertado em que se mesclavam a dúvida e a suspeita.

[*Um trato? Que é que você chama de trato?*]

[*— Ralph, não!*]

Ralph olhou para ela, e depois para Átropos. Ele ergueu a mão esquerda para esfregar o rosto sem considerar o efeito que o seu gesto produziria no doutorzinho careca. Imediatamente ele empurrou o bisturi contra o fio de balão de Lois, desta vez com força suficiente para vincá-lo e produzir uma mancha escura no ponto de contato. Pareceu uma bolha de sangue.

Grandes gotas de suor brotaram na testa de Átropos e, quando ele falou, sua voz era um guincho de pânico.

[*E não venha com os seus raios baratos para cima de mim! A mulher morre se você fizer isso!*]

Ralph baixou depressa a mão, em seguida, escondeu as duas mãos nas costas como uma criança arrependida. A aliança de Ed continuava segura e agora, quase sem pensar, ele a meteu no bolso traseiro das calças. Foi nesse momento que teve plena certeza de que não pretendia devolver a aliança.

Mesmo que custasse a vida de Lois — a vida dos dois — não pretendia devolvê-la.

Mas talvez a coisa não chegasse a tanto.

[*— Um trato significa que cada um vai para o seu lado, Sr. A.* □ *eu lhe dou o*

anel, o senhor devolve minha amiga. E promete que vai machucá-la. O que me diz?]

[*— Não, Ralph, não!*]

Átropos não respondeu nada. Seus olhos reluziram para Ralph, revelando uma impotência temerosa e odienta. Se algum dia em sua longa vida ele tivesse desejado poder mentir, Ralph supunha que era agora. Bastaria responder *Tudo bem, trato feito,* e a bola voltaria para o campo de Ralph. Mas ele não podia dizer tal coisa, porque não *podia* cumpri-la.

Ele sabe que está numa enrascada, pensou Ralph. *Não faz a menor diferença se ele corta o cordão de Lois ou se a deixa ir — deve pensar que de toda maneira pretendo fritá-lo com um raio, e tem toda razão.*

Qual é o dano que você pode realmente causar a ele, querido? Carolyn perguntou hesitante do lugar que ocupava em sua cabeça. *Quanta energia ainda lhe resta depois de abrir o saco mortuário que envolvia a aliança?*

A resposta infelizmente era: muito pouca. Talvez o suficiente para chamuscar a careca de Átropos, mas provavelmente não seria suficiente para cozinhá-la. E..

Então Ralph viu algo que lhe desagradou, a pontinha de pânico no sorriso de Átropos começava a se transformar numa cautelosa segurança. E

sentiu seus olhos desvairados medirem-no com avidez — seu rosto, seu corpo, mas principalmente sua *aura.* Ralph teve a súbita e clara visão de um mecânico usando a vareta para verificar quanto óleo ainda havia no motor do automóvel.

Faça alguma coisa, Lois suplicou-lhe com os olhos. *Por favor, Ralph.*

Mas ele não sabia o que fazer. Estava completamente vazio de idéias.

O sorriso de Átropos assumiu novamente aquele ar desagradável e exultante.

[*Você está descarregado, Coroa, não está? Puxa, que pena.*]

[*— Machuque minha amiga e vai descobrir, seu toquinho de merda.*]

O sorriso de Átropos continuou a se alastrar.

[*Você não poderia nem esquentar as patas de um rato com o que tem aí. Por que não banca o bonzinho e me entrega o anel antes que eu..*]

[*— Seu filho da puta!*]

Era Lois. Ela não estava mais olhando para Ralph; olhava para o outro extremo do quarto, para o espelho onde Átropos sem dúvida comprovava a elegância dos seus últimos adereços. O lenço de Rosalie, digamos, ou o panamá de Bill McGovern. Tinha os olhos arregalados e enfurecidos, e Ralph percebeu exatamente o que ela descobrira.

[*— São MEUS, seu ladrãozinho infecto!*]

Ela deu um violento empurrão para trás, usando a sua vantagem de peso para

lançar Átropos contra a face do arco. Um grunhido de espanto escapou da boca do careca. A mão que segurava o bisturi voou para o alto; a lâmina arrancou escamas de sujeira da parede. Lois virou-se para ele, o rosto contorcido num trejeito de raiva — uma expressão tão alheia à *Nossa Lois* que McGovern desmaiaria se a visse. Ela agarrou Átropos pelo rosto, tentando alcançar suas orelhas. Enterrou-lhe um dedo na bochecha. Átropos ganiu como um cachorro que levasse um pisão na pata, mas logo agarrou-a de novo pela cintura e virou-a de costas.

Virou então a lâmina do bisturi para dentro, preparando-se para golpear. Ralph sacudiu o dedo indicador da mão direita para o bisturi num gesto de censura. Um relâmpago de luz tão pálido que era quase invisível projetou-se de sua unha e atingiu a ponta do bisturi, desviando-o momentaneamente do fio de balão de Lois. E foi só o que aconteceu; Ralph pressentiu que seu arsenal pessoal agora se esgotara.

Átropos arreganhou os dentes para ele por cima do ombro de Lois, enquanto ela se debatia e se contorcia em seus braços. Não estava, no entanto, procurando se soltar; tentava se desvirar para atacá-lo. Os pé de Lois saltaram no ar quando ela mais uma vez jogou todo o peso contra ele, tentando esmagá-lo contra a parede e, sem sequer pensar no que pretendia, Ralph atirou-se para a frente e caiu de joelhos com as mãos estendidas. Parecia um namorado devairado fazendo um penoso pedido de casamento, e um dos pés que Lois sacudia por pouco não lhe acerta um chute na garganta. Ele deu um puxão na barra da anágua de Lois que se soltou numa escorregadia onda de náilon rosa. Enquanto isso, Lois continuava a gritar.

[*— Ladrãozinho miserável! Olha aqui para você! Gostou?*]

Átropos soltou um guincho de dor e, quando Ralph levantou a cabeça, viu que Lois cravara os dentes em seu pulso direito. A mão erquerda, a que segurava o bisturi, golpeava às cegas o fio de balão de Lois, errando o alvo por menos de um dedo. Ralph se pôs de pé num salto e, ainda sem ter uma idéia clara do que fazia, cobriu a mão atacante de Átropos. . e sua cabeça com a anágua rosa de Lois.

[*— Afaste-se dele, Lois! Corra!*]

Ela cuspiu a pequena mão branca e cambaleou em direção à mesinha de barril que havia no centro do quarto, limpando o sangue de Átropos de sua boca com um nojo atávico. . mas a expressão dominante em seu rosto continuava a ser a fúria. O próprio Átropos, no momento apenas uma forma que berrava e se contorcia debaixo de uma anágua rosa, tentou alcançá-la com a mão livre. Ralph

desviou-a com um tapa e tornou a empurrá-lo contra a lateral do arco.

[— *Não vai, não, amizade — não vai mesmo.*]

[*Me solte! Me solte, seu filho da puta! Você não pode fazer isso!*]

E o mais curioso é que ele realmente acredita que não posso, pensou Ralph. *Ele fez o que quis durante tanto tempo que esqueceu por completo o que os Vidas-Curtas são* capazes *de fazer. Acho que posso dar um jeito nisso.*

Ralph lembrou-se de Átropos cortando o fio de balão de Rosalie depois da cachorra ter lambido a mão dele e seu ódio pela criatura arrogante, desdenhosa, demente explodiu repentinamente em sua cabeça como um sinalizador luminoso de estrada. Pegou um lado da anágua de Lois, enrolou-a duas vezes no pulso num gesto violento, e puxou-a com tanta força que as feições de Átropos saltaram modelando uma máscara mortuária de náilon rosa.

No momento em que a lâmina do bisturi atravessou o tecido e come-

çou a cortá-lo, Ralph girou Átropos rapidamente, usando a anágua, como um homem usaria uma funda para lançar uma pedra, e arremessou-o pelo arco. O dano teria sido menor se Átropos tivesse caído, mas ele não caiu; seus pés bateram um contra o outro mas não chegaram a se cruzar. Ele bateu na pedra que faceava o arco com um baque seco, soltou um grito abafado de dor e caiu de joelhos. Manchas de sangue floresceram na anágua de Lois como pétalas de flor. O bisturi desaparecera pela abertura que fizera no pano. Ralph saltou sobre Átropos na hora em que o bisturi reaparecia e aumentava o corte inicial, livrando a cara incrédula do careca. Seu nariz sangrava; e também sangravam a testa e a têmpora direita. Antes que ele pudesse começar a se levantar, Ralph agarrou os volumes rosados e escorregadios que formavam seus ombros.

[*Pare! Estou-lhe avisando, Coroa! Vou fazer você se arrepender de ter nas..*]

Ralph não ligou para a ameaça sem sentido e empurrou Átropos para a frente com toda a força. Os braços do anão continuavam enredados na anágua e ele bateu de cara no chão. Seu guincho em parte denotava surpresa, mas principalmente dor. Inacreditavelmente, Ralph sentiu Lois no fundo de sua mente, dizer-lhe que já bastava, que não o machucasse de verdade —

não machucasse o psicótico nanico que acabara de tentar matá-la. Átropos procurou rolar o corpo. Ralph deu-lhe uma joelhada no meio das costas e tornou a achatá-lo contra o chão.

[— *Não se mexa, amizade. Gosto de você assim.*]

Ergueu os olhos para Lois e viu que sua surpreendente fúria se fora tão rapidamente quanto viera — como um fenômeno meteorológico anormal.

Um tornado, talvez, que desce não se sabe de onde, arranca o telhado de um galpão e desaparece como veio.

Ela apontava para Átropos.

[— *Ele roubou meus brincos, Ralph. Esse ladrãozinho maligno roubou meus brincos. E está* usando *eles!*]

[— *Eu sei. Já vi.*]

Um lado da cara furiosa de Átropos emergiu pelo corte no náilon como se fosse o rosto do bebê mais feio do mundo na hora do nascimento.

Ralph sentiu os músculos das costas da criatura tremerem sob o joelho que o prendia, e lembrou-se de um provérbio que lera em algum lugar.. talvez na ponta do barbante de um saquinho de chá: *Quem apanhou um tigre pelo rabo, não ouse largá-lo.* Agora, nessa toca absurda debaixo do chão, sentindo-se personagem de um conto de fadas inventado por um doido, Ralph achou que chegara a uma espécie de compreensão divina do provérbio. Pela combina-

ção da fúria súbita de Lois com uma sorte filha da mãe, ele acabara, pelo menos temporariamente, por cima desse seboso. A questão — e por sinal bastante premente — era o que fazer a seguir.

A mão que segurava o bisturi subiu de repente, mas o golpe foi fraco e cego. Ralph evitou-o com facilidade. Soluçando e xingando, sem demonstrar medo ainda que dominado, mas obviamente machucado e consumido de raiva impotente, Átropos atacou-o de novo.

[*Me deixa levantar, seu Vida-Curta sacana! Velho babaca! Maracujá de gaveta!*]

[— *Minha cara não anda tão ruim assim ultimamente, amizade. Você não reparou?*]

[*Veado! Vida-Curta veado e burro! Vou fazer você se arrepender! E muito!*]

Bem, pensou Ralph, *pelo menos ele não está suplicando. Pensei que a essa altura ia começar a suplicar.*

Átropos continuou a golpear debilmente com o bisturi. Ralph evitou dois ou três desses golpes sem dificuldade, então escorregou a mão em dire-

ção à garganta da criatura debaixo dele.

[— *Ralph! Não! Não faça isso!*]

Ele sacudiu a cabeça para Lois, sem saber se estava expressando aborrecimento, confirmação ou ambos. Tocou a pele de Átropos e sentiu-o estremecer. O doutor careca soltou um grito sufocado de repugnância, e Ralph entendeu exatamente o que ele sentia. Era nojento para os dois, mas ele não retirou a mão. Ao contrário, tentou fechá-la em torno da garganta de Átropos e não se surpreendeu muito ao descobrir que não conseguia. Mas não fora Láquesis que dissera que somente os Vidas-Curtas podiam se opor à vontade de Átropos? Achava que sim. A pergunta era: como?

Debaixo dele, Átropos deu uma risada maldosa.

[— *Por favor, Ralph! Por favor, só apanhe meus brincos e vamos embora!*]

Átropos girou os olhos em direção a Lois, então virou-os para Ralph.

[*Você achou que podia me matar, Coroa? Muito bem, tente outra vez*.]

Não, não achara isso, mas precisava se certificar.

[*A vida é uma meretriz, não concorda, Coroa? Por que você não me devolve o anel?*

Eu vou recupertá-lo mais cedo ou mais tarde, posso lhe garantir.]

[*Vá tomar no cu, seu fuinha.*]

Falava grosso, mas falar era fácil. A questão mais urgente continuava sem resposta: Que diabo devia fazer com esse monstro?

Seja o que for, você não será capaz com Lois parada aí observando, uma voz objetiva que não era bem a de Carolyn aconselhou-o. *Ela foi ótima quando estava furiosa, mas não está mais furiosa agora.*

E tem o coração muito mole para o que possa acontecer a seguir, Ralph. Você precisa tirá-la daqui.

Ralph virou-se para Lois. Tinha os olhos semicerrados. Parecia prestes a desmontar ao pé do arco e dormir.

[— *Lois, quero que você saia daqui. Agora. Suba a escada e espere por mim debaixo da ár.. .*]

O bisturi subiu num movimento rápido e desta vez quase arrancou a ponta do nariz de Ralph. Ele se desviou e seu joelho escorregou no náilon.

Atropos corcoveou violentamente e por pouco não sai de debaixo de Ralph.

No último segundo, ele achatou a cabeça do homenzinho no chão com o punho — isso, pelo jeito, era permitido pelo regulamento — e tornou a firmar o joelho.

[*Aiii! Aiii! Pare! Você está me matando!*]

Ralph fingiu não ouvir e olhou para Lois.

[— *Anda, Lois! Sobe! Vou te encontrar assim que puder!*]

[— *Acho que não consigo subir sozinha — estou cansada demais!*]

[— *Claro que pode. Você precisa subir, e pode subir*.]

Átropos tornou a sossegar — pelo menos por ora — um motorzinho resfolegante sob o joelho de Ralph. Mas isso era muito pouco. O tempo estava passando lá em cima, passando depressa, e neste instante o tempo é que era o verdadeiro inimigo, e não Ed Deepneau.

[— *Meus brincos. .*]

[— *Eu levo os brincos quando subir, Lois. Prometo*.]

Parecendo fazer um esforço supremo, Lois se aprumou e encarou Ralph solenemente.

[— *Você não devia machucá-lo, Ralph, não se não for preciso. Isso não é cristão.*]

Não, não é nem um pouco cristão, uma criaturinha travessa concordou lá no fundo da cabeça de Ralph. *Não é cristão, porém. . mal posso esperar para começar.*

[— *Vamos, Lois. Deixe ele comigo.*]

Ela o fitou com tristeza.

[— *Não ia adiantar nada eu pedir para você prometer não machucá-lo, ia?*]

Ele refletiu e em seguida sacudiu negativamente a cabeça.

[— *Não, mas lhe prometo o seguinte, não será pior do que ele fizer com que seja.*

Está bem assim?]

Lois considerou demoradamente a resposta e em seguida concordou.

[— *É, acho que está bem. E talvez eu* consiga *subir, se andar devagar sem me esforçar muito. . mas e você?*]

[— *Vou ficar bem. Me espere debaixo da árvore.*]

[— *Pode deixar, Ralph.*]

Ele observou Lois atravessar o quarto imundo com o tênis de Helen balançando no pulso. Ela se abaixou para atravessar o arco entre o apartamento e a escada e vagarosamente começou a subir. Ralph esperou até que seus pés desaparecessem de vista, então voltou sua atenção para Átropos.

[— *Muito bem, amizadinha, cá estamos, dois velhos companheiros juntos. Que vamos fazer? Brincar? Você gosta de brincar, não é?*]

Átropos imediatamente renovou sua resistência, simultaneamente brandia o bisturi acima da cabeça e tentava atirar Ralph longe.

[*Chega! Tire as mãos de mim, seu veado velho!*]

Átropos se contorcia tão violentamente, que ajoelhar em cima dele era o mesmo que ajoelhar em cima de uma cobra. Ralph não se incomodou com a gritaria, nem com os sacolejões, nem tampouco com o bisturi que golpeava às cegas. A cabeça inteira de Átropos estava fora da anágua, o que facilitava muito as coisas. Ralph agarrou os brincos de Lois e puxou. Eles continuaram no mesmo lugar, mas Átropos reagiu com um forte grito de dor. Ralph inclinou-se para a frente, dando um sorrisinho.

[— *São para orelhas furadas, não é mesmo, companheiro?*]

[*São! Merda!*]

[— *Como você diz, a vida é uma meretriz, não é mesmo?*]

Ralph agarrou os brincos de novo e arrancou-os. Brotaram dois pequenos leques de sangue quando os furos das orelhas de Átropos se rasga-ram. O berro do careca foi agudo como o ruído de uma perfuratriz nova.

Ralph sentiu uma mistura inquietante de pena e desprezo.

O sacaninha está acostumado a machucar os outros, mas não a ser machucado.

Talvez nunca *tenha sido machucado. Pois bem, descubra como o outro lado vive, companheiro.*

[*Pare! Pare! Você não pode fazer isso comigo!*]

[*— Pois tenho uma novidade para você, amizadinha. . Já* estou *fazendo. Agora por que não se liga no programa?*]

[*Que é que você acha que vai conseguir com isso, Coroa? Vai acontecer de qualquer jeito, sabe. Toda aquela gente no centro cívico vai dar tchauzinho para a vida, e levar o anel não vai impedir isso.*]

E eu não sei! — pensou Ralph.

Átropos ainda resfolegava, mas parara de se debater. Ralph pôde desviar sua atenção por instantes e correr os olhos pelo apartamento. Supunha que procurava realmente uma inspiração — um simples lampejinho seria o suficiente.

[— *Posso fazer uma sugestão, Sr. A? Como seu novo companheiro de brinquedos?*

Sei que anda ocupado, mas devia arranjar um tempinho para dar um jeito em sua casa.

Não estou exigindo que a decore para sair na revista House Beautiful *nem nada do gênero, mas puts! Que chiqueiro!*]

Átropos falou, ao mesmo tempo emburrado e cauteloso:

[*Não estou nem aí para o que você acha, Coroa.*]

Ralph só conseguiu pensar em uma maneira de continuar. Não gostava muito, mas ia tocar para a frente assim mesmo. *Precisava* tocar; havia uma imagem em sua cabeça que o obrigava a isso. Era a imagem de Ed Deepneau voando do litoral para Derry num avião leve, carregando um engradado de explosivos ou um tanque de gás tóxico no nariz do avião.

[— *Que vou fazer com o senhor, Sr. A? Alguma idéia?*]

A resposta foi imediata e inequívoca.

[*Me soltar. É a resposta. A* única *resposta. Deixo você em paz, os dois. Devolvo vocês ao Desígnio. Viverão mais uns dez anos. Diabos, talvez até vinte, não é impossível.*

E a única coisa que você e a mocinha precisam fazer é dar o fora. Voltem para casa. E

quando tudo explodir, assistam pelo noticiário da TV.]

Ralph tentou aparentar que considerava sinceramente a proposta.

[— *E você vai nos deixar em paz? Você* promete *nos deixar em pa* z?]

[*Isso!*]

O rosto de Átropos assumira uma expressão esperançosa e Ralph percebeu os primeiros vestígios de uma aura surgirem em torno do desgraçadi-nho. Era o mesmo vermelho-escuro e desagradável da luz pulsante que iluminava o apartamento.

[— *Sabe de uma coisa, Sr. A?*]

Átropos, parecendo mais esperançoso que nunca.

[*Não, o quê?*]

Ralph levou a mão rapidamente à frente, agarrou o pulso esquerdo de Átropos, e torceu-o com força. Átropos berrou de dor. Seus dedos se afrouxaram no punho do bisturi, e Ralph arrancou-o de sua mão com a facilidade de um ladrão veterano ao bater uma carteira.

[— *Acredito no senhor.*]

2

[*DEVOLVE isso! Devolve isso! Devolve isso! Devolve is.* .]

Em sua histeria, Átropos teria continuado a berrar a mesmo coisa horas a fio, por isso Ralph lhe deu um basta da maneira mais direta que conhecia. Inclinou-se para a frente e deu um golpe de bisturi raso e vertical na parte de trás da grande

careca que saía pelo rasgo da anágua de Lois. Nenhuma mão invisível tentou impedi-lo, e sua própria mão moveu-se com destreza. Sangue — em quantidade chocante — vazou do corte. A aura em torno de Átropos assumiu um tom vermelho-escuro e funesto de uma ferida infectada. Ele berrou outra vez.

Ralph curvou-se mais e falou amigavelmente em seu ouvido.

[*— Talvez não possa matá-lo, mas com certeza posso ferrar você, não posso? E*

nem preciso estar carregado de fluido psíquico para fazer isso. Esta gracinha é mais do que suficiente.]

Ele usou o bisturi para cruzar o primeiro corte, riscando um tê em caixa-baixa na cabeça de Átropos. Átropos berrou e começou a se debater violentamente. Ralph sentiu desgosto ao descobrir que aquele lado dele — o diabrete travesso — estava se divertindo a valer.

[*— Se quiser que continue a cortar você, é só continuar a estrebuchar. Se quiser que pare, então é melhor você parar.*]

Átropos aquietou-se na mesma hora.

[*— Muito bem. Agora vou-lhe fazer umas perguntinhas. Acho que vai descobrir que será mais interessante para você respondê-las.*]

[*Me pergunte qualquer coisa! O que quiser saber! Só não me corte mais!*]

[*— É uma atitude muito sensata, amizadinha, mas acho que sempre há uma margem para aperfeiçoamentos, não acha? Vejamos.*]

Ralph fez um novo corte, desta vez abriu um longo sulco no lado do crânio de Átropos. Uma aba de pele soltou-se como papel de parede mal colado. Átropos urrou. Ralph sentiu uma cãibra de repugnância no fundo do estômago e chegou a se aliviar. . mas quando falou com Átropos, ou pensou, usou de extrema cautela para não demonstrar o que sentia.

[*— Muito bem, essa é a minha palestra de motivação, Doutor. Se tiver que repeti-la, o senhor vai precisar de araldite para impedir que o vento carregue o tampo de sua cabeça. Entendeu bem?*]

[*Entendi! Entendi!*]

[*— E acredita no que estou dizendo?*]

[*Acredito! Seu velho podre, ACREDITO!*]

[*— Então ótimo. Lá vai a minha primeira pergunta, Sr. A.: Se o senhor faz uma promessa, fica obrigado a cumpri-la?*]

Átropos demorou a responder, um sinal animador. Ralph encostou a lâmina do bisturi no rosto dele para apressá-lo. Foi recompensado com outro grito e instantânea cooperação.

[*Fico! Fico! Só não me corte outra vez! Por favor, não me corte outra vez!*]

Ralph afastou o bisturi. A sombra da lâmina encandescia no rosto liso da criaturinha como uma marca de nascença.

[*— Muito bem raiozinho de sol, escute aqui. Quero que prometa que vai deixar a mim e a Lois em paz até terminar o comício do centro cívico. Nada de perseguição, nada de golpes de bisturi, nada de sacanagem. Prometa.*]

[*Vá se foder! Pegue a sua promessa e enfie no cu!*]

Ralph não se aborreceu com o xingamento; seu sorriso, pelo contrário, alargou-se. Porque Átropos não dissera não prometo, e o que era ainda mais importante, Átropos não dissera não posso prometer. Dissera apenas não.

Em outras palavras, apenas um pequeno contratempo, e facilmente remedi-

ável.

Insensibilizando-se, Ralph correu o bisturi de alto a baixo pelo meio das costas de Átropos. A anágua se abriu, a túnica branca e suja sob a anágua se abriu, e o mesmo aconteceu com a pele sob a túnica. O sangue escorreu num fluxo nojento, e o berro choroso e torturado bateu forte nos ouvidos de Ralph.

Ele se inclinou e tornou a murmurar na pequena orelha, fazendo uma careta e evitando se sujar de sangue o melhor que pôde.

[*— Não estou gostando de fazer isso, amizadinha, na verdade, mais dois cortes e vou vomitar outra vez, mas quero que você saiba que posso fazer e vou continuar a fazê-lo até você me prometer o que quero ou até que a força que me impediu de esganá-lo interfira outra vez. Acho que se você ficar esperando isso acontecer, vai se transformar numa unidade de dor. Então o que me diz? Você quer me prometer ou quer que eu o descasque como se faz com uma uva?*]

Átropos debulhava-se em lágrimas. Era um som repugnante e horrível.

[*Você não compreende! Se você conseguir interromper o que foi iniciado — as chances são mínimas, mas não é impossível — serei castigado pela criatura que você chama de Rei Sanguinário!*]

Ralph cerrou os dentes e retalhou Átropos de novo, os lábios tão comprimidos, que sua boca parecia uma cicatriz há muito curada. A lâmina do bisturi encontrou uma pequena resistência ao cortar uma cartilagem, e em seguida a orelha esquerda de Átropos caiu no chão. O sangue esguichou do buraco aberto do lado de sua careca, e seu grito desta vez foi suficientemente alto para ferir os ouvidos de Ralph.

Estão muito longe de serem deuses, não estão? Pensou Ralph. Sentia-se doente de horror e desalento. *A única diferença real entre eles e nós é que vivem mais tempo e são menos visíveis. E acho que não dou para ser soldado — só de olhar para essa sangueira me dá vontade de desmaiar. Merda.*

[*Está bem, prometo! Mas pare de me cortar. Chega. Por favor, chega!*]

[*— Já é um começo, mas você vai ter que ser mais explícito. Quero ouvir você dizer que promete ficar longe de mim e da Lois, e do Ed, também, até terminar o comício do centro cívico.*]

Ele esperou mais rodeios e desmentidos, mas Átropos surpreendeu-o.

[*Prometo! Prometo ficar longe de você, e da vaca com quem você anda.* .]

[*— Lois. Diga o nome dela. Lois*.]

[*Sei, sei, dela, Lois Chasse! Concordo em ficar longe dela e de Deepneau, também.*

De todos vocês, desde que você não me corte mais. Está satisfeito? É suficiente, seu desgraçado?]

Ralph deu-se por satisfeito. . ou tão satisfeito quanto um homem pode ficar quando se sente profundamente enauseado com os próprios métodos e atos. Não acreditava que houvesse nenhuma arapuca na promessa de Átropos; o carequinha sabia que poderia pagar um preço muito alto mais tarde por ter cedido agora, mas, no final das contas, esta ameaça não sobrepujava a dor e o terror que Ralph lhe infligira.

[*— Muito bem, Sr. A., acho que é suficiente.*]

Ralph escorregou de cima de sua pequena vítima com o estômago em-brulhado

e uma sensação — tinha que ser falsa, não? — de que sua garganta se abria e fechava como a concha de um mexilhão. Contemplou o bisturi sujo de sangue por um momento, então deu um impulso com o braço e atirou-o longe com toda a força que pôde. O bisturi atravessou o arco girando e desapareceu no armazém.

Que o diabo o carregue, pensou Ralph. Pelo menos, não respingou muito em mim. E chega. Já não sentia vontade de vomitar. Agora sentia vontade de chorar.

Átropos levantou-se vagarosamente nos joelhos e olhou à volta com a expressão atordoada de um homem que sobreviveu a um furacão assassino.

Viu a orelha caída no chão e recolheu-a. Revirou-a nas mãos pequenas e examinou os fios de cartilagem que saíam por trás. Ergueu o rosto para Ralph. Seus olhos estavam marejados de lágrimas de dor e humilhação, mas havia outra coisa neles também — uma raiva tão profunda e mortal, que Ralph se encolheu. Todas as suas precauções pareciam frágeis e tolas diante daquela raiva. Ele deu um passo vacilante pera trás e apontou para Átropos com o dedo trêmulo.

[*— Lembre-se de sua promessa!*]

Átropos arreganhou os dentes num sorriso horrendo. A aba de pele pendurada de um lado do rosto balançava para lá e para cá, como uma vela frouxa, e a carne viva sob a pele dessorava e escorria.

[*Claro que vou lembrar — como poderia esquecer? Na verdade, até gostaria de lhe fazer mais uma promessa. Duas pelo preço de uma, por assim dizer.*]

Átropos fez o gesto que Ralph lembrava bem do telhado do hospital: abriu os dois primeiros dedos da mão direita em V e lançou-os para o alto, produzindo um arco no ar. Dentro dele, Ralph viu uma figura humana. Mais além, indistinto, como se fosse visto através de uma névoa sangrenta, estava o mercadinho. Ele ia perguntar quem era a figura no primeiro plano, no meio-fio da Avenida Harris. . e então, subitamente, adivinhou. Olhou para Átropos com os olhos chocados.

[*— Meu Deus, não! Você não pode!*]

O sorriso no rosto de Átropos continuou a se alargar.

[*Sabe, isso é o que vivia pensando sobre você, Vida-Curta. Só que estava enganado. E você, também. Veja.*]

Átropos abriu um pouco mais os dedos. Ralph viu alguém, usando o boné de

beisebol do Boston Red Sox, sair do mercadinho e, desta vez, ele reconheceu imediatamente quem via. A pessoa chamou outra do lado oposto da rua, e então algo horrível começou a acontecer. Ralph desviou o olhar, enauseado com a visão no arco sangrento do futuro entre os dedinhos de Átropos.

Mas ouviu o seu ruído.

[*A que lhe mostrei primeiro pertence ao Acaso, Coroa, em outras palavras, a mim.*

E agora minha promessa: se você continuar a se meter no meu caminho, o que acabei de lhe mostrar vai acontecer. Não há nada que você possa fazer, nem aviso que você possa dar, que tenha o poder de impedir o que vai acontecer. Mas se você sair de cena agora, se você e a mulher simplesmente se afastarem e deixarem os acontecimentos seguirem seu curso — então conterei minha mão.]

As vulgaridades que formavam uma parte tão grande do discurso habitual de Átropos tinham ficado para trás como uma fantasia descartada, e pela primeira vez Ralph teve uma percepção clara da idade avançada e da sabedoria malévola deste ser.

[*Lembre-se do que os viciados dizem, Coroa, morrer é fácil, viver é que é difícil. É*

um ditado verdadeiro. Ninguém sabe disso melhor que eu. Então o que acha? Está refletindo?]

Ralph permaneceu parado no apartamento imundo, com a cabeça baixa e as mãos cerradas. Os brincos de Lois queimavam em uma delas como brasas vivas. O anel de Ed também parecia queimar contra o seu corpo, e ele sabia que não havia nada nesse mundo que o impedisse de apanhá-lo e atirá-lo do outro lado do aposento como fizera com o bisturi. Lembrou-se então de uma história que lera na escola há mil anos. A dama ou o tigre? —chamava-se, e agora ele compreendia o que era possuir um poder tão terrível.. e fazer uma escolha tão terrível.

Na superfície parecia bastante fácil; o que era afinal uma vida contra duas mil?

Mas aquela vida. .

Mas, na realidade, ninguém precisaria jamais saber, pensou friamente. Ninguém exceto Lois, talvez... e Lois aceitaria minha decisão. Carolyn poderia não aceitar, mas elas são mulheres muito diferentes uma da outra.

Verdade, mas será que tinha esse direito?

Átropos também leu isso em sua aura — dava arrepios o quanto a criatura via.

[*Claro que tem, Ralph — nisso consistem essas questões de vida ou morte: quem tem o direito. Desta vez é você. Então o que me diz?*]

[*— Não sei o que dizer. Não sei o que pensar. Só o que sei é que gostaria que vocês três tivessem ME DEIXADO EM PAZ, PORRA!*]

Ralph Roberts ergueu a cabeça para o teto da toca de Átropos, juncado de raízes, e deu um berro.

CAPÍTULO 27

1

CINCO minutos mais tarde, Ralph pôs a cabeça para fora das sombras sob o velho carvalho tombado. Imediatamente viu Lois. Estava ajoelhada diante dele, e espiava, ansiosa, por entre o emaranhado de raízes, o seu rosto erguido. Ralph estendeu-lhe uma mão suja e manchada de sangue que Lois segurou com firmeza, enquanto ele galgava os últimos degraus — raízes nodosas que mais pareciam os paus de uma escada de mão.

Ralph esgueirou-se para fora da árvore e jogou o corpo para trás, aspirando o ar fresco em grandes golfadas. Achou que o ar nunca tivera um gosto tão bom em toda sua vida. Apesar de tudo, sentia uma enorme gratidão por estar ao ar livre. Por estar livre.

[*— Ralph? Você está bem?*]

Ele virou a mão de Lois e depositou um beijo na palma, depois pousou os brincos no lugar onde seus lábios tinham tocado.

[*— Estou. Ótimo. São seus*.]

Ela contemplou os brincos curiosa, como se nunca os tivesse visto —nem esses, nem outros — antes de guardá-los no bolso do vestido.

[*— Você viu os brincos pelo espelho, não foi, Lois?*]

[*— Foi e me deu raiva.., mas acho que bem lá no fundo não fiquei realmente surpresa.*]

[— *Porque já sabia.*]

[— *É, acho que sim. Talvez desde que vimos Átropos usando o chapéu de McGovern. Alguma coisa ficou registrada. . sabe. . no fundo de minha cabeça.*]

Ela o observava atentamente, como se o avaliasse.

[— *Mas vamos deixar os brincos para lá, que aconteceu lá embaixo? Como foi que você conseguiu sair?*]

Ralph receou que, se ela continuasse a observá-lo com atenção por muito tempo, veria coisas demais. E também tinha a impressão de que, se não se mexesse logo, talvez não conseguisse mais se mexer; seu cansaço era tão imenso agora que parecia um grande objeto encrustrado dentro dele —talvez um grande transatlântico naufragado — lá no fundo, chamando-o, tentando puxá-lo para baixo. Levantou-se. Não podia permitir que nenhum dos dois fosse puxado para baixo, não agora. As notícias que se liam no céu não eram tão ruins quanto poderiam ser, mas também não eram boas —eram no mínimo seis horas da tarde. Por toda Derry, gente que não tinha nenhum interesse na questão do aborto (a grande maioria, em outras palavras) sentava-se para comer a refeição quente da noite. No centro cívico, as portas já estariam abertas e iluminadas pelos refletores de TV de 1O-K; e as minicâmeras estariam transmitindo ao vivo cenas da chegada dos primeiros defensores da opção, *que* passavam diante de Dan Dalton e de seus manifestantes pró-vida agitando cartazes. Não muito longe dali, haveria gente gritando o slogan favorito de Ed Deepneau, aquele *Ei, Ei, Susan Day, assassina de bebês!* O que quer que ele e Lois fizessem, teria que ser nos próximos sessenta ou noventa minutos. O relógio não parava de correr.

[— *Vamos, Lois. Temos que ir andando.*]

[— *Vamos voltar para o centro cívico?*]

[— *Não, ainda não. Acho que para começar, devíamos. .*]

Ralph descobriu que simplesmente não conseguiria esperar pelo que ia dizer. Onde *achava* que deviam ir para começar? Voltar ao hospital Derry Home? Ao mercadinho? À casa dele? Onde se ia quando se precisava en-

contrar uns caras bem intecionados, mas nem tão oniscientes, que tinham metido você e seus poucos amigos íntimos num mundo de dor e confusão?

Ou seria razoável esperar que *eles* viessem ao *seu* encontro?

Talvez eles não queiram encontrá-lo, querido. Na verdade,talvez e *stejam se escondendo de você.*

[— *Ralph, você tem certeza que está. .*]

De repente ele pensou em Rosalie e soube a resposta.

[— *O parque, Lois, o parque Strawford. É aonde temos de ir. Mas precisamos parar um instante no caminho*.]

Eles saíram costeando a cerca do aeroporto, e não tardaram a ouvir o som de várias vozes ao mesmo tempo. Ralph sentiu também o cheiro de cachorros-quentes assando na brasa e, depois de experimentar o mau cheiro da toca de Átropos, achou o aroma divino. Uns dois minutos depois, ele e Lois chegaram ao início da área de piqueniques, próxima à Pista 3.

Dorrance achava-se lá, parado no centro de sua fantástica aura multi-colorida, observando um aviãozinho se aproximar da pista para pousar. Atrás dele, Faye Chapin e Don Veazie sentavam-se a uma mesa de piquenique com um tabuleiro de xadrez entre os dois e meia garrafa de Blue Nun à mão. Stan e Georgina Eberly bebiam cerveja e reviravam os garfos com cachorros-quentes impalados no calor tremeluzente — para Ralph aquele calor tinha um estranho tom rosa-seco, como areia cor de coral — da chur-rasqueira da área de piqueniques.

Por um momento, Ralph simplesmente estacou, extasiado com a beleza — a beleza efêmera e impressionante que era, a seu ver, a característica vital dos Vidas-Curtas.

Ocorreu-lhe o verso de uma canção, que tinha no mínimo vinte e cinco anos: *Nós somos poeira de estrelas, nós somos dourados.* A aura de Dorrance era diferente — fabulosamente diferente — mas mesmo a mais trivial entre as demais refulgia como pedras raras e infinitamente desejáveis.

[— *Ah, Ralph, você está vendo? Está vendo como são lindas?*]

[— *Estou.*]

[— *Que pena que eles não sabem.*]

Mas seria? A luz de tudo que acontecera, Ralph não tinha tanta certeza assim. E era sua impressão — uma intuição vaga mas forte, que ele nunca poderia ter expressado em palavras — que talvez a verdadeira beleza fosse algo irreconhecível pelo eu consciente, uma obra em contínuo processo de criação,

uma coisa do ser e não do ver.

— Vamos, panaca, faça o seu lance — disse uma voz. Ralph despertou bruscamente, primeiro achando que a voz se dirigia a ele, mas era Faye que falava com Don Veazie. — Você é mais mole que uma lesma.

— E daí? — respondeu Don. — Estou pensando.

— Pois pense até o inferno congelar, Sabichão, porque vai levar um cheque mate em seis lances.

Don serviu o vinho num copo de papel e revirou os olhos.

— Oh, grande mestre! — exclamou — Não tinha reparado que estava jogando xadrez com Boris Spassky! Pensei que era simplesmente o velho Faye Chapin! Mil perdões.

— Assim você me mata de rir, Don. Com um número cômico desses, se fosse você, saía excursionando pelo país e faturava bem um milhão de dólares. E não precisa nem esperar muito, não, pode embarcar daqui a seis lances.

— Você é tão sabido — Don retrucou. — Você só não sabe quando. .

— *Psiu!* — Georgina exclamou energicamente. — Que foi isso? Pareceu uma explosão!

―Isso‖ era Lois sugando um rio de vibrante verde-floresta da aura de Georgina.

Ralph ergueu a mão direita, enroscou-a formando um canudo em torno dos lábios e começou a inalar uma torrente semelhante do azul-claro vi-

vo da aura de Stan Eberly. Sentiu a energia fresca inundá-lo prontamente; como lâmpadas fluorescentes se acendendo em seu cérebro. Mas aquele enorme navio naufragado, que era nada mais nada menos que quatro meses de noites maldormidas, continuava ali e continuava tentando sugá-lo para baixo onde jazia.

A necessidade de tomar uma decisão também continuava ali — não a tomara para um lado nem para o outro, apenas a adiara.

Stan também espiava intrigado para os lados. Qualquer que tivesse sido a quantidade de aura retirada por Ralph (e pelo jeito retirara um bocado), a fonte conservava o denso colorido de sempre. Aparentemente a informa-

ção sobre os reservatórios quase inesgotáveis de energia, que cercavam cada ser

humano, fora literal e exatamente verdadeira.

— Bom — comentou Stan — eu ouvi *alguma coisa.* .

— Não ouvi nada — falou Faye.

— Claro que não, você *é* surdo como uma porta — retrucou Stan. —

Pare de interromper só por um minuto, sim? Estava começando a dizer que não foi um tanque de combustível, porque não houve nem fumaça nem fogo. Também não foi o Don peidando, porque nenhum esquilo caiu duro dos galhos das árvores com o pêlo chamuscado. Acho que deve ter sido o escape de um daqueles caminhões enormes da guarda aérea nacional. Não se preocupe, querida, eu te protejo.

— Aqui que você me protege — disse Georgina dando uma banana para ele. Mas sorria.

— Olha só, gente! — disse Faye. — Dêem uma espiada no velho Dor.

Todos se voltaram para Dorrance, que sorria e acenava em direção à Extensão da avenida Harris.

— Quem é que você está vendo, velho? — Don Veazie perguntou com um sorriso.

— Ralph e Lois — Dorrance respondeu, sorrindo radiante. — Estou vendo Ralph e Lois. Acabaram de sair de debaixo do velho carvalho!

— Sei — Stan falou. Protegeu os olhos com a mão e apontou diretamente para os dois. Isto produziu um tranco no sistema nervoso de Ralph que só diminuiu quando ele percebeu que Stan estava apontando para o mesmo ponto para o qual Dorrance estava acenando. — E olhe só pessoal!

O Glenn Miller vem saindo logo atrás deles! Pô, incrível!

Georgina deu uma cotovelada em Stan que se esquivou, ágil e sorridente.

[— *Alô, Ralph! Alô, Lois!*]

[— *Dorrance! Estamos indo para o parque Strawford! Estamos no caminho certo?*]

Dorrance, sorrindo feliz.

[— *Não sei, agora o assunto é com os Longas-Vidas, e para mim chega. Vou voltar daqui a pouco para casa e ler Walt Whitman. Vai ser uma noite ventosa, e Whitman é sempre melhor ao som do vento.*]

Lois com a voz quase frenética.

[— *Dorrance, nos ajude!*]

O sorriso de Dor vacilou, e ele a encarou sério.

[— *Não posso. Já saiu das minhas mãos. O que for feito terá de ser feito por você e Ralph agora.*]

— Hum — Georgina exclamou. — Detesto quando ele fica com o olhar parado desse jeito. A gente chega quase a acreditar que ele está realmente vendo alguém. — Apanhou o garfo comprido de churrasco e recomeçou a assar seu cachorro-quente. — Por falar nisso, alguém *tem* visto Ralph e Lois?

— Não — respondeu Don.

— Eles devem ter-se mudado para um desses motéis baratos no litoral com uma caixa de cerveja e um vidro de óleo Johnson para bebês — comentou Stan. — Tamanho econômico. Já lhe disse isso ontem.

— Velho indecente — falou Georgina, desta vez lhe dando uma cotovelada mais forte e mais certeira.

Ralph: [— *Dorrance, você não pode nos dar nenhuma ajudinha? Pelo menos nos dizer se estamos no caminho certo?*]

Por um momento, ele teve certeza de que Dor ia responder. Então ouviu-se o zunido alto e monótono de um motor que se aproximava e o velho ergueu a cabeça. Seu sorriso bonito e aluado reapareceu.

— Olhe! — exclamou! — Um velho Grumman! Que beleza! — Dor correu até a cerca de tela para observar o aviãozinho amarelo pousar, dando as costas para os dois.

Ralph tomou Lois pelo braço e tentou sorrir. Vida dura — pensou que nunca se sentira tão amedrontado e confuso em toda a vida — mas reagiu com a velha animação dos tempos de universidade.

[— *Vamos, querida. Vamos andando.*]

2

RALPH lembrou-se de ter pensado — enquanto andavam pela ferrovia abandonada que acabara por levá-los de volta ao aeroporto — que caminhar não era bem o que estavam fazendo; pareciam mais estar planando.

Foram da área de piqueniques no fim da Pista 3 até o parque Strawford do mesmo jeito, só que agora planavam mais acentuada e rapidamente. Era como se fossem transportados por uma esteira rolante invisível.

Para experimentar, ele parou. As casas e lojas continuaram a passar suavemente por ele. Olhou para os pés para conferir, é, estavam completamente imóveis. Parecia que a calçada se movia, e ele não.

Aí vinha o Sr. Dugan, chefe do departamento de empréstimos do Derry Trust, com o seu habitual terno completo e os óculos sem aros. Como sempre, pareceu a Ralph que era o único homem do mundo a nascer sem cu. Uma vez recusara um pedido de empréstimo seu, o que, Ralph imaginava, explicava alguns dos sentimentos negativos que alimentava com relação ao homem. Agora ele via que a aura de Dugan era o cinza-uniforme e fosco de um corredor de hospital de veteranos e Ralph concluiu que isto não o surpreendia muito. Apertou o nariz como um homem forçado a atravessar a nado um canal poluído e passou pelo bancário sem se deter. Dugan sequer piscou.

Era meio divertido, mas, quando Ralph olhou para Lois, seu divertimento acabou na hora. Viu a preocupação em seu rosto e as perguntas que queria lhe fazer. Perguntas para as quais não tinha respostas satisfatórias.

Adiante estava o parque Strawford. Quando Ralph olhou, as lâmpadas da rua se acenderam de repente. A área de recreação onde ele e McGovern

— e Lois, também, na maioria das vezes — paravam para ver as crianças brincarem estava quase deserta. Dois garotos de escola secundária sentavam-se lado a lado nos balanços, fumando cigarros e conversando, mas as mães e as criancinhas que freqüentavam ali durante o dia já tinham ido embora.

Ralph pensou em McGovern — na sua tagarelice incessante e mórbi-da, na sua autopiedade, tão difícil de alguém perceber logo que o conhecia, tão difícil de não perceber depois que se convivia um pouco com ele, as duas circunstâncias atenuadas e transformadas em algo melhor pelo espírito ir-reverente, pelos gestos impulsivos e surpreendentes de bondade — e sentiu uma profunda tristeza invadi-lo. Os Vidas-Curtas podiam ser poeira de estrelas, e podiam ser dourados, também, mas, quando desapareciam, lembravam as mães e os bebês que

vinham brevemente ali para brincar nas tardes ensolaradas de verão.

[— *Ralph, que é que estamos fazendo aqui? O saco mortuário está no centro cívico e não no parque Strawford!*]

Ralph levou-a até o banco do parque onde a encontrara há séculos, chorando por causa de uma briga que tivera com o filho e a nora. . e da perda dos brincos. No pé do morro, as duas portas de banheiro refletiam a luz poente.

Ralph fechou os olhos. *Estou a caminho da loucura,* pensou, *e estou viajando de trem expresso e não de trem parador. Qual é que vai ser? A dama. . ou o tigre?*

[— *Ralph, temos que fazer alguma coisa. Aquelas vidas. . aqueles milhares de vidas.* .]

Na escuridão por trás de suas pálpebras fechadas, Ralph viu alguém saindo do mercadinho. Uma figura usando calças de cotelê escuro e um boné do Red Sox. Logo a coisa terrível recomeçaria a acontecer e porque não queria vê-la, abriu os olhos e fixou-os na mulher ao lado dele.

[— *Toda vida é importante, Lois, concorda? Cada vida.*]

Não sabia o que ela via em sua aura, mas obviamente estava apavorada.

[— *Que aconteceu lá embaixo depois que sai? Que foi que ele fez com você ou lhe disse? Me conte, Ralph! Me conte logo!*]

Então qual ia ser? Uma ou muitas? A dama ou o tigre? Se ele não esco-lhesse rápido, a escolha lhe seria arrebatada pela simples passagem do tempo. Então qual era? *Qual?*

— Nenhuma. . ou ambas — disse roucamente, inconsciente, em sua terrível inquietação, de que falava alto, e em muitos níveis diferentes ao mesmo tempo. — Não vou escolher nem nem uma nem outra. *Não* vou.

Está me ouvindo?

E levantou-se do banco de um salto, olhando para os lados desvairado.

— *Está me ouvindo?* — gritou. — *Me recuso a fazer urna escolha dessas! Ou serão AS DUAS ou não será NENHUMA!*

Em uma das alamedas para o norte, um bêbado que andava catando os latões de lixo, à procura de latas e garrafas retornáveis, deu uma espiada em Ralph, virou

as costas e correu. Vira um homem que parecia em chamas.

Lois levantou e segurou seu rosto entre as mãos.

[— *Ralph, o que foi? Quem é? Eu? Você? Porque se sou eu, se está fazendo segredo por minha causa, não quero.. .*]

Ele inspirou profundamente e encostou a testa na dela, fitando-a dentro dos olhos.

[— *Não é você, Lois, nem eu. Se fosse um de nós, talvez pudesse* escolher. *Mas não é, e nem por um cacete vou continuar a bancar o peão.*]

Soltou as mãos dela e recuou. Sua aura faiscava com tanto brilho que ela teve de levar a mão aos olhos para protegê-los; como se de alguma maneira ele estivesse explodindo. Quando ele falou, sua voz ecoou na cabeça de Lois como um trovão.

[— *CLOTO! LÁQUESIS! VENHAM AQUI, POMBAS! E VENHAM JÁ!*]

3

ELE deu mais dois ou três passos e parou olhando mais abaixo no morro. Os dois meninos de escola secundária sentados nos balanços observaram-no com idênticas expressões de susto e medo. Levantaram-se e sumiram no momento em que os olhos de Ralph se voltaram para eles, correndo desabalados em direção ao sinal de tráfego da rua Witcham como dois antí-lopes, largando os cigarros acesos na vala cavada pelos pés sob os balanços.

[— *CLOTO! LÁQUESIS!*]

Ralph incandescia como um arco voltaico, e repentinamente toda a força se esvaiu das pernas de Lois como água. Ela deu um passo para trás e desmontou no banco do parque. Sua cabeça rodava, seu coração se enchia de terror — permeando tudo, havia aquela imensa exaustão. A Ralph, ela parecia um navio naufragado; Lois sentia como se houvesse um poço que era forçada a rodear em espirais sempre mais fechadas, um poço no qual finalmente cairia.

[— *CLOTO! LÁQUESIS! ÚLTIMA CHANCE! E FALO SÉRIO!*]

Por um momento, nada aconteceu, até que as portas dos banheiros ao pé do morro se abriram absolutamente ao mesmo tempo. Cloto saiu da que estava marcada HOMENS, Láquesis da que estava marcada MULHERES.

Suas auras, o auriverde brilhante das libélulas, refulgiram à luz acinzentada do

fim do dia. Eles se moveram juntos até suas auras se sobreporem, então caminharam, assim, lentamente até o topo do morro, com os ombros vestidos de branco quase se tocando. Pareciam duas crianças assustadas.

Ralph voltou-se para Lois. A aura dele continuava a queimar em laba-redas.

[— *Fique aqui*.]

[— *Está bem, Ralph.*]

Lois deixou-o descer até a metade do morro, então reuniu coragem e gritou para ele.

[— *Mas vou tentar deter Ed, se você não for. Falo sério.*]

Claro que falava, e o coração de Ralph comoveu-se com aquela coragem.. mas ela não sabia o que ele sabia. Não vira o que ele vira.

Ralph contemplou-a por um momento, depois desceu até onde os dois doutorezinhos carecas o aguardavam com olhares luminosos e assustados.

4

LÁQUESIS, nervoso: [*Nós não mentimos para você, não mentimos*.]

Cloto, ainda mais nervoso (se é que era possível): [*Deepneau está a caminho. Você precisa detê-lo, Ralph, pelo menos precisa tentar.*]

O fato é que não preciso fazer nada, está escrito em suas caras, pensou. Virou-se para Láquesis, e ficou satisfeito de ver o carequinha se constranger com seu olhar e baixar os olhos escuros, sem pupilas.

[— *É mesmo? Quando estávamos no telhado do hospital, o senhor nos disse para ficarmos longe de Ed, Sr. L. e foi bastante enfático.*]

Láquesis trocava de pés pouco à vontade e brincava com as mãos.

[*Eu.. ou melhor.. nós. . podemos cometer erros. Foi o que aconteceu desta vez.*]

Só que Ralph sabia que erro não era a melhor palavra para descrever o que tinham feito; engano seria melhor. Queria censurá-los por isso — ah, sejamos francos, queria censurá-los para começar por metê-lo nessa merda de confusão — e descobriu que não conseguia. Porque, segundo o velho Dor, até o seu engano servira ao Desígnio; o passeio a High Ridge de alguma forma não fora bem um

passeio. Ele não compreendia o porquê ou o como, mas pretendia descobrir, se fosse possível.

[— *Vamos esquecer essa parte por ora, cavalheiros, e discutir as razões por que tudo isto está acontecendo. Se querem ajudar a mim e a Lois, acho melhor me contarem*.]

Eles se entreolharam, com aqueles olhos enormes e assustados que em seguida voltaram para Ralph.

Láquesis: [*Ralph, você duvida que todas aquelas pessoas vão realmente morrer?*

Porque se for esse o caso. .]

[— *Não, mas estou cansado de me atirarem essas mortes na cara. Se tivessem programado para esta área um terremoto que servisse ao Desígnio e a fatura do carrasco chegasse a dez mil, ao invés de apenas dois mil e poucos, vocês nem piscariam um olho, não é mesmo? Então o que é que esta situação tem de especial? Me digam!*]

Cloto: [*Ralph, somos tão responsáveis pelas regras quanto você. Pensamos que tinha compreendido isso.*]

Ralph suspirou.

[— *Vocês estão se esquivando de novo, e só quem está perdendo tempo com isso são vocês*.]

Cloto, sem graça: [*Muito bem, talvez o quadro que pintamos para vocês não fosse totalmente claro, mas o tempo era curto e estávamos assustados. E você não pode deixar de entender, apesar de tudo, que aquelas pessoas vão morrer se você não detiver Ed Deepneau!*]

[— *Não vamos falar delas agora; só estou interessado em uma pessoa neste momento: a que pertence ao Desígnio e não pode ser passada adiante só porque um fulano indeterminado aparece com a cabeça cheia de parafusos frouxos e um avião carregado de explosivos. Quem é que vocês acham que não podem entregar ao Acaso? Quem? É a Day, não é? Susan Day*.]

Láquesis *:* [*Não. Susan Day faz parte do Acaso. Ela não nos interessa, não nos preocupa.*]

[— *Quem, então?*]

Cloto e Láquesis trocaram mais um olhar. Cloto acenou ligeiramente com a cabeça, e os dois voltaram a atenção para Ralph. Mais uma vez Láquesis abriu os dois dedos da mão direita para o alto, criando um leque luminoso como uma cauda de pavão. Não foi McGovern que Ralph viu desta vez, mas um menininho de cabelos louros, franja e uma cicatriz em forma de anzol na ponta do nariz. Ralph localizou-o imediatamente — o garoto do porão de High Ridge, o que tinha a mãe machucada. O que chamara ele e Lois de anjos.

E uma criancinha os conduzirá, ele pensou assombrado. *Ah meu Deus.* E

olhou incrédulo para Cloto e Láquesis.

[— *Será que estou entendendo direito? Tudo isso foi por causa do menininho?*]

Ele esperou mais evasivas, porém a resposta de Cloto foi simples e direta: [*Foi, Ralph.*]

Láquesis: [*Ele está no centro cívico agora. A mãe, cuja vida você e Lois também salvaram hoje de manhã, recebeu um telefonema da babá há menos de uma hora, dizendo que se cortou num pedaço de vidro e afinal não vai poder tomar conta do menino à noite.*

Por essa altura, é tarde demais para arranjar outra babá, claro, e a mãe já resolveu há semanas ir ver Susan Day. . apertar sua mão, lhe dar um abraço, se possível. Ela idola-tra a Day.]

Ralph, que se lembrava dos hematomas descoloridos no rosto da mo-

ça, achou que era capaz de compreender aquela idolatria. E compreendia outra coisa ainda melhor: o corte na mão da babá não fora acidental. Alguma coisa estava decidida a colocar o menininho de cachos louros, e olhos avermelhados pela fumaça, no centro cívico, e se dispunha a mover céus e terra para tanto. A mãe o levara, não por ser descuidada, mas por estar sujei-ta a uma natureza humana como todo o mundo. E por não querer perder sua única oportunidade de ver Susan Day, só isso.

Não, não é só isso, pensou Ralph. *Ela também o levou porque calculou que estaria seguro, com Pickering e os malucos do Pão-de-Cada-Dia mortos. Deve ter-lhe parecido que, na pior das hipóteses, hoje à noite só precisaria proteger o filho de um bando de manifestantes pró-vida agitando cartazes, e que não era possível que o raio fosse cair em cima deles duas vezes no mesmo dia.*

O olhar de Ralph estivera longe, na direção da rua Witcham. Agora voltou-se para Cloto e Láquesis.

[*— Vocês têm certeza de que ele está lá? Absoluta?*]

Cloto: [*Temos. Sentado no balcão superior, do lado norte, ao lado mãe, com um cartaz do McDonald's para colorir e alguns livros de historinhas. Você se surpreenderia se eu lhe dissesse que uma das historinhas é* Os quinhentos chapéus de Bartholomeu Cubbins *?*]

Ralph sacudiu a cabeça. A essa altura, nada o surpreenderia.

Láquesis: [*É no lado norte do centro cívico que o avião de Ed Deepneau vai bater.*

O menininho será morto instantaneamente caso não se tomem providências para impedir... e não se pode deixar isso acontecer. O menino não pode morrer antes da hora designada.]

5

LÁQUESIS fitava Ralph com uma expressão intensa. O leque de luz verde-azulada entre seus dedos desaparecera.

[*Não podemos continuar conversando assim, Ralph, ele já está no ar, a menos de cento e sessenta quilômetros daqui. Logo será tarde demais para im pedi-lo*.]

Isto fez Ralph se sentir muito nervoso, mas nem assim ele arredou pé.

Nervoso, afinal, era como *queriam* que ele se sentisse. Como queriam que os dois se sentissem.

[*— Estou-lhe dizendo que nada disso terá importância até compreender o que está em jogo. Não vou* permitir *que tenha importância.*]

Cloto: [*Escute, então. De tempos em tempos, surge uma pessoa cuja vida vai afetar não apenas aqueles que a cercam, ou mesmo todos aqueles que vivem no mundo dos Vidas-Curtas, mas também todos os que vivem nos muitos níveis acima e abaixo do mundo dos Vidas-Curtas. Elas são as Grandes, e suas vidas sempre servem ao Desígnio.*

Se são levados prematuramente, tudo se altera. Os pratos da balança se desequilibram.

Você pode imaginar, por exemplo, como o mundo seria diferente hoje, se Hitler tivesse se afogado na banheira quando criança? Você talvez creia que o mundo estaria mais bem servido, mas posso lhe afirmar que o mundo sequer *existiria se*

isso tivesse acontecido.

Suponha que Winston Churchill tivesse morrido de envenenamento alimentar antes de chegar a primeiro-ministro? Suponha que César Augusto tivesse nascido morto, estrangu-lado pelo cordão umbilical? Contudo a pessoa que queremos que vocês salvem é muito mais importante do que qualquer uma dessas.]

[*— Pombas, Lois e eu já salvamos esse garoto uma vez! Será que isso não encerrou a conta e o devolveu ao Desígnio?*]

Láquesis, pacientemente: [*Devolveu, mas ele não está livre de Ed Deepneau, porque Deepneau não é determinado nem pelo Acaso nem pelo Desígnio. De todas as pessoas no mundo, somente Deepneau pode fazer-lhe mal antes da hora designada. Se Deepneau falhar, o menino estará novamente seguro — cumprirá seu tempo tranqüilamente até a hora de subir ao palco e desempenhar o seu papel pequeno, mas crucial.*]

[*— Então uma vida significa tanto assim?*]

Láquesis: [*Significa. Se a criança morre, a Torre da existência desaba, e as conse-quências desse desabamento ultrapassam a sua compreensão. E a nossa, também*.]

Ralph examinou os sapatos por um momento. Sentia a cabeça pesar uma tonelada. Havia uma ironia nisso tudo, que ele pôde perceber facilmente apesar do cansaço. Átropos aparentemente pusera Ed em movimento, incensando algum complexo messiânico que talvez já existisse.. uma decorrência de sua condição indeterminada, talvez. O que Ed não percebeu —e jamais acreditaria se lhe dissessem — era que Átropos e seus chefes nos níveis superiores pretendiam usá-lo não para salvar o Messias, mas para matá-lo.

Ele tornou a encarar os rostos ansiosos dos dois doutorezinhos carecas.

[*— Tudo bem, não sei como devo deter Ed, mas vou tentar.*]

Cloto e Láquesis se entreolharam, abrindo-se em sorrisos largos e idênticos (e muito humanos) de alívio. Ralph ergueu um dedo sinalizando co-medimento.

[*— Esperem. Vocês ainda não ouviram tudo.*]

Os sorrisos desbotaram.

[*— Em troca, quero uma coisa de vocês. Uma vida. Troco a vida do seu menino de quatro anos pela de..*]

6

Lois não ouviu o fim da frase; a voz de Ralph caiu abaixo do seu nível de audição por um instante, mas, quando ela viu, primeiro Cloto, e depois Láquesis começarem a sacudir a cabeça, seu coração parou.

Láquesis: [*Entendo a sua aflição, é claro, Átropos sem dúvida pode cumprir a ameaça que fez. Mas você naturalmente compreende que essa vida não tem a mesma importância que. .*]

Ralph: [*— Mas eu acho que tem, vocês não percebem? Acho que tem. O que vocês dois precisam meter na cabeça é que para mim, as* duas *vidas são igualmente..*]

Ela perdeu a conclusão da frase de novo, mas não teve problema em escutar Cloto; no fundo de sua angústia, ele quase chorava.

[*Mas é diferente! A vida desse menino é diferente!*]

Agora ela ouviu claramente Ralph falar (se é que aquilo era falar) com uma lógica corajosa e insistente que lembrou a Lois seu pai.

[— Todas *as vidas são diferentes. Ou todas têm importância ou nenhuma tem importância. Claro que é apenas a minha opinião míope de Vida-Curta, mas acho que vocês vão ter que engoli-la, porque eu é que estou segurando o porrete. Sintetizando: faço uma troca pau a pau. A vida que interessa a vocês pela que me interessa. Basta vocês aceitarem e fechamos negócio.*]

Láquesis: [*Ralph, por favor! Por favor, compreenda que realmente não devemos!*]

Houve um longo momento de silêncio. Quando Ralph voltou a falar, sua voz estava baixa mas audível. Foi, porém, a última coisa inteiramente audível que Lois ouviu da conversa.

[*— Há um mundo de diferença entre* não podemos *e* não devemos, *vocês não concordam?*]

Cloto disse alguma coisa, mas Lois só apanhou uma frase isolada

[*troca teria possibilidade de ser*]

Láquesis sacudiu a cabeça violentamente. Ralph respondeu e Láquesis replicou fazendo um gesto de tesoura com os dedos.

Surpreendentemente, Ralph treplicou com uma gargalhada e um aceno de cabeça.

Cloto descansou a mão no braço do colega e conversou seriamente com ele antes de voltar a Ralph.

Lois apertava as mãos no colo, torcendo para que eles chegassem a algum acordo. *Qualquer* acordo que impedisse Ed Deepneau de matar toda aquela gente enquanto eles ficavam ali tagarelando.

Subitamente a encosta do morro inundou-se de uma radiosa luz branca. A princípio, Lois pensou que a luz viesse do céu, mas apenas porque a religião lhe ensinara a acreditar que o céu era a fonte de todas as emanações sobrenaturais. Na realidade, a luz parecia vir de todos os lados — das árvores, do céu, do chão, e até dela mesma, desprendendo-se de sua aura como fitas de névoa.

Ouviram uma voz, então. . ou melhor a Voz. Disse apenas três palavras, mas elas ecoaram na cabeça de Lois como sinos de ferro.

[PODE SER ASSIM.]

Ela viu Cloto, seu rosto pequeno uma máscara de assombro e terror, meter a mão no bolso traseiro e puxar a tesoura. Atrapalhou-se e quase a deixou cair, uma bobagem debitada ao nervosismo que fez Lois sentir uma real afinidade por ele. Em seguida, Cloto a empunhou com as lâminas abertas.

Ouviram-se as três palavras novamente:

[PODE SER ASSIM.]

Desta fez foram acompanhadas de um clarão tão forte, que por um instante Lois acreditou que ficara cega. Levou as mãos aos olhos mas viu —no último instante em que pôde ver alguma coisa — que a luz focalizara a tesoura que Cloto empunhava como um pára-raios bifurcado.

Não havia refúgio contra aquela luz; ela transformava suas pálpebras, e as mãos que erguera para protegê-las, em vidro. O clarão traçava os contornos dos seus dedos como lápis de raios-x ao atravessar sua carne. Vinda de muito longe, ela ouviu uma voz suspeitamente igual a de Lois Chasse, berrar em sua cabeça a plenos pulmões:

[*— Apague a luz! Deus, por favor, apague a luz antes que ela me mate!*]

Finalmente, quando lhe pareceu que não conseguia mais suportar, a luz começou

a enfraquecer. Quando desapareceu — exceto por uma forte pós-imagem azul que flutuava na nova escuridão como uma tesoura fantasma —ela reabriu devagarinho os olhos. Por alguns instantes, continuou a não ver nada, exceto aquela cruz azul brilhante e pensou que, de fato, ficara cega.

Então, a principio indistinto como uma fotografia que vai se revelando, o mundo começou a ressurgir. Ela viu Ralph, Cloto e Láquesis baixando as mãos e espiando para os lados com o assombro cego de uma ninhada de toupeiras desentocadas, espreitando pela grade de um arado.

Láquesis olhava para a tesoura nas mãos do colega como se nunca a tivesse visto antes, e Lois estava disposta a apostar que ele nunca a *vira* no estado em que estava agora. As lâminas ainda reluziam, despendendo uma luz encantada em gotículas de névoa.

Láquesis: [*Ralph! Era o. .*]

Ela perdeu o resto da frase, mas o tom era o de um camponês que atende a porta de seu casebre e descobre que o Papa parou ali para dizer uma oração e ouvir sua confissão.

Cloto continuava a olhar fixamente para as lâminas da tesoura. Ralph também, mas por fim ergueu os olhos para os doutorezinhos carecas.

Ralph: [*... a dor?*]

Láquesis falando como um homem que saísse de um sono profundo:

[*É . . não vai levar muito tempo. . a agonia é intensa. . mudou de idéia, Ralph?*]

Subitamente Lois sentiu medo da tesoura reluzente. Queria gritar para Ralph, dizer-lhe que esquecesse a vida que queria, que simplesmente desse a ele a *deles,* o menininho. Queria lhe dizer para fazer o que fosse preciso para eles guardarem aquela tesoura outra vez.

Mas as palavras não saíam de sua boca nem de sua mente.

Ralph: [— . .*pelo menos. . só queria saber o que esperar.*]

Cloto: [*...pronto?. . deve estar. .*]

Diga a eles que não, Ralph! — Lois enviou-lhe o pensamento. *Diga a eles que NÃO!*

Ralph: [. .*pronto.*]

Láquesis: [*Compreende. . termos que ele. . e o preço?*]

Ralph, impaciente agora: [*Compreendo, compreendo. Podemos esperar somente.* .]

Cloto, com imensa seriedade: [*Muito bem, Ralph. Pode ser assim*.]

Láquesis passou um braço pelos ombros de Ralph, ele e Cloto o conduziram mais para baixo do morro, até o local onde as crianças menores iniciavam a descida de trenó durante o inverno. Havia uma pequena área plana ali, de forma circular, mais ou menos do tamanho de um palco de bo-ate. Quando chegaram, Láquesis fez Ralph parar, então virou-o de modo que ele e Cloto ficassem de frente um para o outro.

Lois de repente queria fechar os olhos e descobriu que não podia. Podia apenas olhar e rezar para que Ralph soubesse o que estava fazendo.

Cloto cochichou-lhe algo. Ralph concordou com a cabeça e tirou a su-

éter de McGovern. Dobrou-a e depositou-a, sem desarrumá-la, na grama juncada de folhas. Quando se endireitou de novo, Cloto tomou o seu pulso direito e esticou seu braço para a frente. Então *fez* sinal para Láquesis, que desabotoou o punho da camisa de Ralph e enrolou sua manga até o cotovelo em três rápidas dobras. Feito isto, Cloto girou o braço de Ralph, virando a parte interna do pulso para cima. O fino rendilhado de veias azuis sob a pele de seu antebraço estava nitidamente visível, iluminado por delicados lampejos de aura. Era tudo horrivelmente familiar a Lois, era como observar um paciente num seriado hospitalar da TV, sendo preparado para uma operação.

Só que aquilo não era televisão.

Láquesis curvou-se para a frente e tornou a falar. Ainda que continuasse a não ouvir as palavras que diziam, Lois sabia que estavam dizendo a Ralph que aquela era sua última chance.

Ralph acenou com a cabeça e, embora sua aura agora denunciasse que ele estava aterrorizado com o que o aguardava, ele conseguiu até sorrir.

Quando se dirigiu a Cloto, não parecia buscar apoio mas, ao contrário, oferecia uma palavra de consolo. Cloto tentou retribuir o sorriso de Ralph, mas não conseguiu.

Láquesis segurou o pulso de Ralph com a mão, mais para firmar seu braço (ou assim pareceu a Lois) do que para imobilizá-lo. Lembrava uma enfermeira ajudando um paciente que precisa tomar uma injeção dolorosa.

Trocou então um olhar receoso com seu parceiro e deu o sinal com a cabe-

ça. Cloto imitou-o, inspirou e se inclinou sobre o braço exposto de Ralph com a sua árvore fantasmática de veias azuis refulgindo sob a pele. Parou um instante, até que lentamente abriu as mandíbulas da tesoura com que ele e seu velho amigo trocavam a vida pela morte.

7

Lois pôs-se de pé com dificuldade e ficou oscilando com a sensação de que suas pernas pesavam como troncos de madeira. Queria vencer a parali-sia que a mergulhara nesse silêncio tão cruel, gritar com Ralph e lhe dizer para parar — dizer que ele não sabia o que pretendiam fazer com ele.

Só que ele sabia. Estava estampado na palidez de seu rosto, *no* s olhos semicerrados, nos lábios dolorosamente comprimidos. E principalmente nas malhas vermelhas e negras que lampejavam por sua aura como meteoros, e na própria aura, que se reduzira a uma dura casca azul.

Ralph acenou para Cloto, que desceu a lâmina inferior da tesoura até encostar em seu antebraço, pouco abaixo da dobra do cotovelo. Por um instante, a pele apenas vincou, depois uma bolha lisa e escura de sangue formou-se no lugar do vinco. A lâmina deslizou pela bolha. Quando Cloto apertou os dedos, fechando as lâminas da tesoura, a pele de cada lado do corte abriu-se para trás com a rapidez de uma cortina de enrolar. A gordura subcutânea brilhou como gelo se derretendo ao forte brilho azul da aura de Ralph. Láquesis firmou melhor o pulso dele, mas, pelo que Lois pôde ver, ele sequer fez um movimento instintivo para puxar o braço, apenas baixou a cabeça e sacudiu no ar o punho esquerdo fechado, como se fizesse uma saudação Black Power. Ela observou os tendões em seu pescoço saltarem grossos como cabos. Ralph não deixou escapar um único som.

Agora que a operação terrível realmente começara, Cloto procedeu com uma velocidade que era ao mesmo tempo brutal e piedosa. Abriu a linha mediana do braço de Ralph até o pulso, usando a tesoura como se abrisse um embrulho fechado com um excesso de fita adesiva, orientando as lâminas com os dedos e pressionando-as com o polegar. No braço de Ralph, os tendões tinham um brilho de filé mignon. O sangue escorria como um riachinho de água doce, e um fino

borrifo vermelho espalhava-se no ar cada vez que uma artéria ou veia era seccionada. Leques de respingos não tardaram a enfeitar as túnicas brancas dos dois homenzinhos, fazendo-os parecer mais que nunca dois doutorezinhos.

Quando finalmente as lâminas cortaram os braceletes da fortuna no pulso de Ralph (a ―operação‖ levou menos de três segundos mas para Lois pareceu durar uma eternidade), Cloto retirou a tesoura pingando sangue e entregou-a a Láquesis. O braço de Ralph fora aberto do cotovelo ao pulso num sulco escuro. Cloto pinçou com as mãos o ponto de origem do sulco e Lois pensou: *Agora o outro vai apanhar a suéter de Ralph e usá-la como torniquete*.

Mas Láquesis não fez nenhum movimento nesse sentido; meramente segurava a tesoura e observava.

Por um momento, o sangue continuou a fluir por entre os dedos de Cloto, mas logo estancou. Lentamente ele correu as mãos pelo braço de Ralph, e a carne que surgiu após esse alisamento estava inteira e firme, embora marcada por um grosso cordão de cicatrização.

[*Lois. . LO-isssss...*]

A voz não vinha de dentro de sua cabeça, nem da encosta do morro; vinha de suas costas. Uma voz suave, quase bajuladora. Átropos? Não, de jeito nenhum. Ela olhou para baixo e viu uma luz verde e de certa forma baixa fluindo a sua volta — espalhava-se em raios pelos espaços entre seus braços e seu corpo, entre suas pernas, até entre seus dedos. Fazia ondear sua sombra à frente, ossuda e torta, como a sombra de uma mulher enforcada.

Acariciava-a com dedos sem calor da cor de barba de velho.

[*Vire-se,* Lo-iss. .]

Naquele momento, a última coisa na terra que Lois queria fazer era se virar e olhar para a fonte daquela luz verde.

[*Vire-Se, Lo-isss. . me veja, Lo-isss.. entre na luz, Lo-isss.. entre na luz.. me veja e entre na luz..*]

Não era uma voz que se pudesse desobedecer. Lois virou-se lentamente como uma bailarina de brinquedo cujo mecanismo enferrujou, e seus olhos pareceram se inundar de fogo-fátuo.

Lois entrou na luz.

CAPÍTULO 28

1

CLOTO: [*Você já tem o seu sinal visível, Ralph. Está satisfeito?*]

Ralph examinou o braço. A agonia que o tragara como a baleia fizera com Jonas agora lhe parecia um sonho ou uma miragem. Supunha que era esse o tipo de distanciamento que permitia às mulheres terem muitos bebês, fazendo-as esquecer a violenta dor física e o esforço do parto a cada vez que davam à luz com sucesso. A cicatriz parecia um pedaço de barbante branco, acompanhando o volume dos seus músculos magros.

[*— Estou. Vocês foram corajosos e muito rápidos. Agradeço aos dois*.]

Cloto sorriu, mas nada respondeu.

Láquesis: [*Ralph, você está pronto? O tempo agora está muito curto.*]

[*— Estou..*]

[*— Ralph! Ralph!*]

Era Lois que, parada no alto da encosta, acenava para ele. Por um momento, ele pensou que sua aura tivesse mudado do cinza-claro usual para outra cor mais escura, mas logo esta impressão, sem dúvida causada pelo choque e cansaço, passou. Ele subiu a encosta com esforço, indo ao seu encontro.

Os olhos de Lois estavam distantes e atordoados, como se tivesse acabado de ouvir uma dessas palavras surpreendentes que mudam a vida de uma pessoa.

[*— Lois, que foi? Algum problema? Foi o meu braço? Porque se é por causa dele, não se preocupe. Olhe! Está como novo!*]

Mostrou-lhe o braço para que ela pudesse ver com os próprios olhos, mas Lois nem olhou. Ao invés disso, encarou-o, e então Ralph percebeu a profundidade do seu choque.

[*— Ralph, um homem verde esteve aqui*.]

Um homem verde? Ele segurou suas mãos instantaneamente preocupado

[*— Verde? Tem certeza? Não foi Átropos ou..*]

Ele não terminou o pensamento. Não precisou.

Lois sacudiu a cabeça lentamente.

[— *Foi um homem verde. Se há lados nessa história, não sei qual era o. . dessa pessoa. Ele parecia bom, mas posso ter-me enganado. Não pude vê-lo. A aura dele era demasiado brilhante. Ele me disse para lhe devolver isso.*]

Ela estendeu a mão para Ralph, deixando cair dois objetos pequenos e brilhantes na palma da mão dele, seus brincos. Ele notou um pontinho vermelho escuro em um deles e supôs que fosse o sangue de Átropos. Começou a fechar a mão e fez uma careta ao sentir uma alfinetadinha de dor.

[— *Você esqueceu as tarraxas, Lois.*]

Ela respondeu no tom lento e irrefletido de uma mulher que sonha.

[— *Não, não esqueci, joguei-as fora. O homem verde me ordenou. Cuidado. Ele parecia.. caloroso.. mas realmente não sei, não é? O Sr. Chasse sempre me dizia que eu era a mulher mais crédula do mundo, sempre pronta a acreditar no que alguém tem de melhor. Isso com qualquer um.*]

Ela estendeu as mãos vagarosamente e segurou os pulsos de Ralph, fitando-o ansiosa todo o tempo.

— Não sei.

O ato de verbalizar um pensamento pareceu despertá-la, e Lois ficou piscando para ele. Ralph supôs que era possível — mas muito difícil — que ela tivesse dormido e sonhado com o tal homem verde. Mas talvez fosse mais sensato simplesmente aceitar os brincos. Talvez não significassem nada, mas, por outro lado, levar os brincos de Lois no bolso não poderia fazer mal.. isto é, a não ser que ele se espetasse.

Láquesis *:* [*Ralph, que foi? Algum problema?*]

Ele e Cloto tinham ficado para trás e perdido a conversa de Ralph com Lois. Ralph sacudiu a cabeça, virando a mão para esconder os brincos dos dois. Cloto apanhara a suéter de McGovern e limpara as poucas folhas coloridas que tinham agarrado na lã. Entregou-a a Ralph, que discretamente meteu os brincos sem as tarraxas em um bolso antes de tornar a vesti-la.

Era hora de ir andando, e a linha de calor que subia pelo seu braço direito — ao longo da cicatriz — lhe disse por onde começar.

[— *Lois?*]

[— *Que foi, querido?*]

[— *Preciso pedir um empréstimo de sua aura, e vai ser grande. Compreende?*]

[— *Compreendo.*]

[— *Você não se importa?*]

[— *Claro que não*]

[— *Não tenha medo, não vai demorar nada.*]

Ele passou os braços pelos seus ombros e cruzou as mãos em sua nuca. Ela copiou o gesto, e se inclinaram lentamente até suas testas se tocarem e seus lábios chegarem a menos de três dedos. Ele sentiu o perfume que ainda restara — exalando talvez da pequena e doce depressão atrás de suas orelhas.

[— *Pronta, querida?*]

Ele achou o que recebeu em troca ao mesmo tempo estranho e reconfortante.

[— *Pronta, Ralph. Me veja. Venha para a luz. Venha para a luz e receba a luz.*]

Ralph comprimiu os lábios e começou a inalar. Uma faixa de brilho esfumaçado começou a fluir da boca e do nariz de Lois para ele. Sua aura começou a clarear instantaneamente, e não parou até se transformar numa coroa ofuscante ao seu redor. Ainda assim ele continuava a inalar, inspirando de uma forma que transcendia a respiração, sentindo a cicatriz no seu braço esquentar cada vez mais até parecer um filamento elétrico enterrado em sua carne. Ele não teria conseguido parar nem que quisesse.. e não queria.

Lois oscilou. Ele viu seus olhos perderem o foco e sentiu suas mãos afrouxarem por um momento na nuca dele. Então seus olhos, grandes e brilhantes, repletos de confiança, voltaram a fixar os seus, e suas mãos se firmaram novamente. Enfim, quando aquele influxo colossal de ar atingiu o auge, Ralph percebeu que a aura de Lois empalidecera tanto, que mal conseguia discerni-la. Seu rosto estava cor de leite e o cinza voltara a pintar seus cabelos de tal forma, que quase não havia mais fios pretos. Ele tinha que parar, precisava parar, ou ia matá-la.

Ralph conseguiu descruzar as mãos, parecendo interromper algum tipo de circuito; pôde então se afastar dela. Lois cambaleou e teria caído, se Cloto e Láquesis, lembrando um pouco os liliputianos das Viagens de Gulliver, não a

tivessem amparado pelos braços e a sentado cuidadosamente no banco.

Ralph ajoelhou-se diante dela. Estava fora de si de medo e culpa e, ao mesmo tempo, sentia-se inundado por uma sensação de força tão grande, que parecia que, se alguém esbarrasse nele, poderia fazê-lo explodir, como uma garrafa cheia de nitroglicerina. Agora sentia-se capaz de derrubar um prédio com aquele golpe de caratê — talvez com uma série de golpes.

Porém, machucara Lois. Talvez seriamente.

[*— Lois! Lois, você está me ouvindo? Me desculpe!*]

Ela ergueu os olhos para Ralph ainda tonta, uma mulher que passara violentamente dos quarenta para os sessenta em questão de segundos. . e dali para os setenta, como um foguete ultrapassando o alvo programado.

Ela tentou sorrir, mas não teve muito sucesso.

[*— Lois, sinto muito. Não sabia, e depois que comecei, não consegui parar.*]

Láquesis: [*Se você pretende ter ao menos uma chance, Ralph, você precisa ir agora.*

Ele está quase chegando.]

Lois concordava com a cabeça.

[*— Vá, Ralph. Estou apenas fraca, só isso. Não se preocupe. Vou ficar sentada aqui até recobrar minhas forças.*]

Seu olhar voltou-se para a esquerda e Ralph acompanhou-o. Viu o bêbado que tinha assustado mais cedo. Voltara para inspecionar os latões de lixo no alto do morro à procura de latas e garrafas retornáveis e, embora sua aura não parecesse tão saudável quanto a do sujeito que tinham encontrado nos pátios da velha ferrovia naquela tarde, Ralph calculou que serviria numa emergência. . que, definitivamente, era a condição de Lois.

Cloto: [*Vamos fazer ele vir para cá, Ralph. Não temos muito poder sobre os aspectos físicos do mundo dos Vidas-Curtas, mas acho que podemos dar um jeito pelo menos nisso.*]

[*— Você tem certeza?*]

[*Tenho*.]

[*— Então, ótimo.*]

Ralph correu os olhos de relance pelos dois homenzinhos, reparou em sua expressão ansiosa e assustada e concordou. Curvou-se e beijou a face fria e enrugada de Lois. Seu sorriso foi o de uma vovó velha e cansada.

Fui eu quem fiz isso com ela, pensou. *Eu.*

Então é melhor garantir que não tenha feito isso à toa, ouviu a voz de Carolyn responder causticamente.

Ralph deu aos três — Cloto e Láquesis agora flanqueavam Lois prote-toramente no banco — um olhar final, e recomeçou a descer a encosta.

Quando chegou aos banheiros, parou entre os dois um instante e encostou a cabeça no que estava marcado MULHERES. Não ouviu nada.

Quando inclinou a cabeça para a parede de plástico azul dos HOMENS, porém, ouviu uma vozinha monótona, que cantava.

—Who believes that my wildest dreams

And my craziest schemes will come true?

You, baby, nobody but you.‖**9**

Puts, ele é completamente pirado.

E isso é novidade, querido?

Ralph supunha que não. Contornou o banheiro até a porta e abriu-a.

Agora podia ouvir também o zunido distante de um motor de avião, mas não havia nada à vista em que não tivesse reparado dezenas de vezes antes: a tampa do vaso rachada e posta de viés sobre o assento, um rolo de papel higiênico volumoso, estranho e agourento e, à esquerda, o mictório que parecia uma gota de lágrima plástica. As paredes eram uma floresta de picha-

ções. A maior — e mais exuberante — tinha sido impressa em letras vermelhas de trinta centímetros sobre o mictório: TONY BOYNTON TEM A BUNDINHA MAIS APERTADINHA DE DERRY! Um desodorizante com um aroma pegajoso de pinho sobrepunha-se aos odores de merda, urina e peidos de bêbados, como maquilagem no rosto de um cadáver. A voz que ele ouvia parecia vir de um buraco no meio do banco do banheiro, ou talvez se infiltrasse pelas

paredes.

—From the time I fall asleep

Until the morning comes

9 Trad. Livre: "Quem acredita que meus sonhos mais desvairados/e meus planos mais loucos podem se realizar/Você, boneca, só você e mais ninguém."

I dream about you, baby, nobody but you.‖**10**

Onde é que ele está? Ralph se perguntou. *E, diabos, como é que vou chegar até ele?*

Inesperadamente sentiu um calor contra o quadril; era como se alguém tivesse escorregado um carvão quente em seu bolsinho do relógio. Ele começou a franzir a testa e lembrou-se do que havia ali. Enfiou o dedo no bolsinho, apalpou a aliança de ouro e fisgou-a. Depositou-a na palma da mão, no ponto em que a linha do amor e da vida se bifurcavam e tocou-a desajeitado. Esfriara outra vez. Ralph descobriu que isso não o surpreendia.

HD-ED 5.8.87.

— Um Anel para dominá-los. Um Anel para acorrentá-los — Ralph murmurou, enfiando a aliança de casamento de Ed no dedo anular de sua mão esquerda. Coube perfeitamente. Empurrou-a até tilintar levemente contra a aliança de casamento que Carolyn pusera em seu dedo há quarenta e cinco anos. Então ergueu os olhos e viu que a parede dos fundos do banheiro desaparecera.

2

O QUE ele viu, emoldurado pelas paredes que sobraram, foi apenas um céu crepuscular e uma faixa campestre do Maine, dissolvendo-se contra um fundo de névoa cinza-azulada. Calculou que observava de uma altura de uns dez mil pés. Viu os lagos e poços cintilantes e vastas extensões de matas verde-escuras que chegavam até o banco do banheiro e depois desapareciam. Lá longe — na direção do teto do cubículo — Ralph viu um aglomerado de luzes brilhantes. Provavelmente era Derry, agora a menos de dez 10 Trad. Livre: "Desde a hora em que adormeço/Até o dia amanhecer/Sonho com você, boneca, com você e mais ninguém."

minutos de distância. No quadrante inferior esquerdo de seu campo de visão, Ralph identificou parte de um painel de instrumentos. Colado acima do altímetro,

havia uma pequena foto colorida que lhe tirou o fôlego. Era Helen, impossivelmente feliz e impossivelmente bela. Aninhada em seus braços Sua Majestade a Neném, com uns quatro meses de idade, profundamente adormecida.

Ele quer que as duas sejam a última imagem que vai ver deste mundo, pensou Ralph. *Ele se transformou num monstro, mas acho que nem os monstros esquecem o que é amar.*

Alguma coisa no painel de instrumentos disparou um bip. Surgiu uma mão e ligou um interruptor. Antes de tornar a sumir, Ralph notou uma linha branca no dedo anular daquela mão, pálida mas ainda visível, onde a aliança de casamento estivera no mínimo seis anos. Notou mais uma coisa: a aura que envolvia a mão era a mesma do bebê fulminado por um raio no elevador do hospital, uma membrana turbulenta que se movia rapidamente e parecia tão alienígena quanto a atmosfera de um gigantesco astro gasoso.

Ralph olhou para trás uma vez mais e ergueu a mão. Cloto e Láquesis retribuíram com acenos. Lois jogou-lhe um beijo. Ralph fez um gesto de aparar, virou-se e entrou no banheiro.

3

ELE hesitou um instante, pensando o que fazer com o banco, mas logo lembrou-se da maca hospitalar que deveria ter esmagado o crânio deles, mas não o fizera, e se dirigiu para o fundo do cubículo. Cerrou os dentes, preparando-se para bater a canela — o que sabia era uma coisa, o que acreditava após setenta anos de topadas era outra muito diferente — e atravessou o assento do banco como se fosse feito de fumaça. . ou talvez *Ralph* é que fosse. Teve uma apavorante sensação de imponderabilidade e vertigem e, por um momento, teve a certeza de que ia vomitar. Seguiu-se um *esgota-mento,* como se grande parte da energia que recebera de Lois estivesse agora se esgotando. Supunha que estava. Afinal, experimentava uma forma de te-letransporte, fenômeno fabuloso de ficção científica, e uma coisa dessas *tinha* que consumir muita energia.

A vertigem passou, mas foi substituída por uma percepção ainda pior

— a de que, por alguma razão, seu corpo se dividira na altura do pescoço.

Percebeu que agora tinha uma vista inteiramente desobstruída de uma vasta seção do mundo.

Minha nossa, que aconteceu comigo? Qual é o problema?

Seus sentidos relutantemente informavam que não havia problema algum, apenas alcançara uma posição que deveria ser impossível. Tinha mais de um metro e oitenta e cinco de altura; e a cabine de pilotagem do avião, um metro e cinqüenta do chão ao teto. Isto significava que pilotos mais altos que Cloto e Láquesis tinham que se curvar para se sentar no posto de pilotagem. Ralph, porém, entrara no avião não somente durante o vôo mas em pé, e *continuava* em pé, ligeiramente atrás e entre os dois assentos de pilotagem. O motivo por que tinha uma visão desobstruída era ao mesmo tempo simples e terrível: sua cabeça projetava-se para fora do teto do avião.

Ralph teve uma imagem de pesadelo de seu velho cachorro, Rex, que gostava de viajar com a cabeça para fora da janela do carro com o vento soprando para trás os pêlos de suas orelhas. Fechou os olhos.

E se eu cair? Se posso enfiar a cabeça por dentro da merda do teto, o que é que me impede de escorregar pelo piso abaixo e cair até o solo? Ou quem sabe atravessar *o solo, e até mesmo o globo terrestre?*

Mas isto não estava acontecendo, nem *iria* acontecer, não naquele nível

— só precisava se lembrar da facilidade com que tinham atravessado os andares do hospital e a tranqüilidade com que ficaram parados no telhado. Se mantivesse essas experiências em mente, ficaria bem. Ralph tentou se con-

centrar nessa idéia; quando sentiu que conseguira se controlar, reabriu os olhos.

Abaixo dele o pára-brisa do avião curvava-se para fora. Mais abaixo, o nariz terminava num borrão de mercúrio produzido pela hélice. O aglomerado de luzes que observara da porta dos banheiros estava mais próximo agora.

Ralph dobrou os joelhos, e sua cabeça atravessou suavemente o teto da cabine. Por um instante, sentiu um gosto de óleo na boca e os pelinhos de seu nariz pareceram se eriçar como que eletrificados; em seguida, pôde se ajoelhar entre as poltronas do piloto e do co-piloto.

Ele não sabia o que esperava sentir ao rever Ed depois de tanto tempo, e em circunstâncias tão extravagantemente estranhas, mas a pontada de mágoa — não apenas de pena, mas de mágoa — que lhe sobreveio *foi* uma surpresa. Como naquele dia do verão de 92, quando Ed colidira com a pick-up da firma de jardinagem, ele estava usando uma camiseta velha, ao invés de uma camisa social. Perdera muito peso — Ralph calculava quase uns vinte quilos — o que produzira um efeito extraordinário, pois não o deixara abatido, mas quase heróico, à maneira gótico-romântica. Ralph não pôde deixar de se lembrar do

poema que Carolyn mais gostava: *O salteador de estradas* de Alfred Noyes. A pele de Ed estava cor de papel, seus olhos verdes, ao mesmo tempo escuros e claros *(como esmeraldas ao luar,* pensou Ralph) por trás dos pequenos óculos redondos à John Lennon, os lábios tão vermelhos que pareciam ter batom. Amarrara o cachecol branco de seda com caracteres japoneses em torno da testa, de modo que a franja nas pontas caía pelas suas costas. Em meio às espirais relampejantes da aura, o rosto inteligente e expressivo de Ed estampava um terrível arrependimento e uma determina-

ção inabalável. Estava belo — belo — e Ralph foi tomado por uma sensa-

ção de *déjà vu.* Agora ele sabia o que vislumbrara no dia em que procurara apartar Ed e o homem da firma de jardinagem; via o mesmo agora. Con-

templar Ed dentro de uma aura turbulenta sem fio de balão, era como contemplar um valioso vaso Ming que alguém atirara contra a parede e se estilhaçara.

Pelo menos, ele não pode me ver neste nível. Pelo menos, acho que não pode.

Como se respondesse a tal pensamento, Ed virou-se e encarou Ralph.

Seus olhos estavam arregalados e expressavam uma cautela demente; os cantos de sua boca bem moldada tremiam e reluziam com bolhinhas de saliva. Ralph encolheu-se, momentaneamente certo de *estar* visível, mas Ed não reagiu ao seu gesto brusco de recuo. Ao contrário, lançou um olhar desconfiado à cabine de quatro lugares, como se tivesse ouvido os movimentos furtivos de um passageiro clandestino. Ao mesmo tempo, estendeu o braço para além de Ralph e pousou a mão direita numa caixa de papelão presa com o cinto na poltrona do co-piloto. Sua mão acariciou a caixa brevemente, depois subiu até sua testa e deu uma ajeitada no cachecol que lhe servia de testeira. Feito isso, retomou sua cantoria. . só que desta vez a música era diferente, e fez um tremor ziguezaguear pelas costas de Ralph:

“One pill makes you bigger,

One pill makes you small,

And the ones Mother gives you

Don’t do anything at al...‖**11**

Certo, pensou Ralph. *Pergunte só a Alice quando ela atingir três metros de altura.*

O coração disparara em seu peito. O fato de Ed ter-se virado assim inesperadamente o apavorara de um modo, que se ver voando a dez mil pés de altitude com a cabeça para fora do avião não conseguira. Ed não o vira, 11 Trad. Livre: "Uma pílula faz você crescer,/Outra faz você encolher,/E as que mamãe lhe dá,/Não fazem efeito nenhum..."

Ralph tinha quase certeza disto, mas quem dissera que os sentidos dos doidos eram mais aguçados do que os dos sãos devia saber o que dizia, porque Ed certamente sentira que havia *alguma coisa* diferente. O rádio deu sinal de vida, fazendo os dois homens pularem.

— Mensagem para o Cherokee sobrevoando South Haven. Você está se aproximando do espaço aéreo de Derry numa altitude que exige um plano de vôo aprovado. Repetimos, *você vai entrar em espaço aéreo controlado sobre uma área municipal.* Suba imediatamente para dezesseis mil pés, Cherokee, aproe para 170, uno, sete, zero. Nesse meio tempo, por favor, se identifique e declare..

Ed fechou o punho e começou a socar o rádio. Voaram cacos de vidro; logo começou a voar sangue também. Respingou no painel de instrumentos, na foto de Helen e Natalie e na camiseta cinzenta e limpa de Ed.

Ele não parou de socar até que a voz no rádio começou a sumir em meio a um ruído crescente de estática e em seguida emudeceu de vez.

— Muito bem — exclamou Ed no tom baixo e suspirante de um homem que fala muito sozinho. — Agora está *muito* melhor. Detesto todas essas perguntas. Só ser.
.

Reparou na mão que sangrava e parou. Ergueu-a no alto, examinou-a mais atentamente, e tornou a fechá-la. Havia um estilhaço de vidro espetado no dedo mindinho, pouco abaixo da terceira junta. Ed arrancou-o com os dentes, cuspiu displicentemente para um lado, e fez algo que gelou o cora-

ção de Ralph: passou o lado sangrento do punho primeiro na bochecha esquerda, depois na direita, deixando duas marcas vermelhas. Levou a mão a uma bolsa plástica na parede da esquerda, tirou um pequeno espelho, usando-o para apreciar a pintura de guerra que improvisara. O efeito pareceu tê-lo agradado, porque sorriu e balançou a cabeça antes de devolver o espelho à bolsa.

— Não se esqueça do que disse o rato — Ed aconselhou a si mesmo naquele tom baixo e suspirante, e então empurrou o manche. O nariz do Cherokee baixou e o altímetro começou lentamente a girar ao contrário.

Ralph viu Derry bem à sua frente agora. A cidade parecia um punhado de opalas espalhadas sobre veludo azul-escuro.

Havia um furo no lado da caixa presa à poltrona do co-piloto. Dele sa-

íam dois fios. Levavam a uma campainha doméstica presa ao braço da poltrona de Ed. Ralph calculou que assim que ele visse o centro cívico e iniciasse realmente sua arrancada suicida, Ed poria o dedo no botão branco no centro do retângulo de plástico marrom. Pouco antes do avião bater, ele o apertaria. Blim-blom. Avon chama!

Corte esses fios, Ralph! Corte-os!

Uma excelente idéia, mas havia um pequeno obstáculo: não seria capaz de cortar um fio de teia de aranha enquanto estivesse naquele nível. Isto significava voltar ao país dos Vidas-Curtas, e preparava-se para fazer exatamente isso quando uma voz suave e familiar à sua direita chamou-o pelo nome.

[*Ralph.*]

A sua direita? Impossível. Não havia *nada* à direita exceto a poltrona do co-piloto, a lateral do avião e quilômetros de crepúsculo nos céus da Nova Inglaterra.

A cicatriz ao longo de seu braço começou a vibrar como um filamento num aquecedor elétrico.

Ralph!

Não olhe. Não preste atenção. Não ligue.

Mas ele não conseguiu. Uma força enorme com a solidez de um tijolo pressionou-o, e sua cabeça começou a virar. Ele resistiu, consciente de que o ângulo de descida do avião aumentava o tempo todo, mas não adiantou.

[*Ralph, olhe para mim — não tenha medo.*]

Ele fez um último esforço para desobedecer à voz, mas sucumbiu. Sua cabeça continuou a girar, e Ralph subitamente se viu diante de sua mãe, que morrera de câncer no pulmão há vinte e cinco anos.

4

BERTHA Roberts encontrava-se sentada em sua cadeira de balanço, a aproximadamente um metro e meio de onde estivera a parede lateral da cabine

do Cherokee, tricotando e se balançando para lá e para cá em pleno ar, a uns dois quilômetros do solo. As chinelas que Ralph lhe dera de presente em seu qüinquagésimo aniversário — forradas de pele de marta verdadeira, imagine — estavam em seus pés. Trazia um xale rosa jogado sobre os ombros. Um velho botom político — VENÇA COM WILLKIE! — prendia as pontas do xale.

Isso mesmo, pensou Ralph. *Ela o usava como bijuteria — era sua afetaçãozi-nha. Já tinha me esquecido.*

A única nota discordante (além de que ela estava morta e aparecera se balançando a seis mil pés de altitude) era a manta vermelho-viva em seu colo. Ralph nunca vira a mãe tricotar, nem mesmo tinha certeza de que soubesse fazê-lo, mas, mesmo assim, ela estava tricotando sem parar. As agulhas reluziam e clicavam ao tecerem as malhas.

[*— Mãe? Mamãe? É você mesma?*]

As agulhas pararam quando ela ergueu os olhos da manta vermelha em seu colo. É, era sua mãe — pelo menos a versão que Ralph se lembrava da adolescência. O rosto magro, a testa alta os olhos castanhos, e um coque de cabelos grisalhos preso na nuca. Era sua boca pequena, que parecia mesqui-nha e pouco generosa. . isto é, até ela sorrir.

[*Ora, Ralph Roberts! Fico surpresa que precise fazer uma pergunta dessas!*]

Mas isso não é realmente uma resposta, é? — pensou Ralph. Ia abrindo a boca para comentar, mas decidiu que seria mais sensato — pelo menos por ora — se calar. Uma forma leitosa flutuava agora no ar à direita dela. Quando Ralph olhou, ela escureceu e se solidificou num porta-revistas cor de ce-rejeira que fizera para a mãe, no primeiro ano da escola secundária de Derry.

Estava cheia de exemplares das revistas *Reader's Digest e Life*. E agora o solo lá embaixo começou a se transformar num quadricu1ado de marrons e vermelho-escuros que se espalhavam desde a cadeira de balanço num círculo que se ampliava, como ondas em um laguinho. Ralph reconheceu-o imediatamente: o linóleo da cozinha de sua casa na rua Richmond, em Mary Mead, onde crescera. A princípio, via o solo através do linóleo, a geometria das fazendas e, não muito longe, o rio Kenduskeag correndo por dentro de Derry, mas logo a imagem se solidificou. Uma forma fantasmagórica como uma grande moita de paina-de-sapo virou o velho gato angorá de sua mãe, Futzy, enroscado no peitoril da janela, espiando as gaivotas que voavam em círculos sobre o antigo vazadouro na tundra. Futzy morrera na época em que Dean Martin e Jerry Lewis tinham parado de fazer filmes juntos.

[*Aquele velho tinha razão, moleque. Você não tinha que se meter em assuntos dos Longas-Vidas. Preste atenção à sua mãe e fique fora do que não é de sua conta. Escute bem o que digo.*]

Preste atenção à sua mãe. . escute bem o que digo. Aquelas palavras praticamente resumiam a opinião de Bertha Roberts sobre a arte e ciência de criar filhos, não era? Fosse uma ordem para esperar uma hora depois de comer para ir nadar ou ficar de olho no velho ladrão do Butch Bowers para ele não colocar um monte de batatas podres no fundo da cesta que ela mandara Ralph buscar, o prólogo *(Preste atenção à sua mãe)* e o epílogo *(Escute bem o que digo),* eram sempre os mesmos. E se você não *prestasse* atenção, se você não a *escutasse,* teria que enfrentar a Ira da Mãe, e que Deus o ajudasse.

Ela retomou as agulhas e continuou a tricotar, passando as malhas vermelhas com os dedos que pareciam levemente avermelhados também.

Ralph supunha que isso fosse apenas uma ilusão. Ou talvez a cor não fosse firme, e estivesse manchando os dedos dele.

Dedos *dele?* Que engano *mais* bobo. Os dedos *dela.*

Só que..

Bem, havia uns fios de bigode nos cantos da boca de sua mãe. E *longos.*

Que coisa feia. E estranha. Ralph lembrava-se de um buço fino que som-breava seu lábio superior, mas *bigodes?* De jeito nenhum. Isso era coisa nova.

Nova? Nova? Que é que você está pensando? Ela morreu dois dias depois do assassinato de Robert Kennedy em Los Angeles, como é que pode haver alguma coisa nova nela?

Duas paredes convergentes tinham desabrochado de cada lado de Bertha Roberts, criando o canto da cozinha onde passava tanto tempo. Numa delas havia um quadro que Ralph lembrava muito bem. Mostrava uma fami-ia à mesa — Papai, Mamãe, dois filhos. Passavam a batata e o milho e pareciam estar falando sobre o dia que tiveram. Nenhum reparava que havia uma quinta pessoa na cozinha — um homem de vestes brancas, barba loura e cabelos longos. Achava-se parado no canto observando-os. CRISTO O

VISITANTE INVISÍVEL, dizia a plaquinha sob o quadro. Só que o Cristo que Ralph lembrava parecia, ao mesmo tempo, bondoso e um tanto constrangido de estar espreitando. Nesta versão, porém, ele parecia friamente pensativo. .

avaliativo. . julgador, talvez. E muito corado, quase colérico, como se tivesse ouvido algo que o deixara furioso.

[*— Mamãe? Você está...*]

Ela descansou novamente as agulhas na manta vermelha — aquela manta vermelha estranhamente brilhante — e ergueu a mão para interrompê-lo.

[*Chega de Mamãe isso, Mamãe aquilo, Ralph, preste atenção e me escute. Fique fora disto! É tarde demais para suas confusões e intromissões. Você só pode piorar as coisas.*]

A voz estava correta, mas a cara, errada, e a cada instante ficava mais errada. Principalmente a pele. Lisa e sem rugas, a pele fora a única vaidade de Bertha Roberts. A pele da criatura da cadeira de balanço era áspera..

mais do que áspera, na verdade. Era *escamosa.* E havia dois calombos (ou seriam feridas?) dos lados do pescoço. Ao vê-los, uma lembrança horrível (*tira isso daqui Johnny ah por favor TIRA ISSO DAQUI*)

começou a acordar bem no fundo de sua mente. E..

Bem, a aura. Onde estava a aura de sua mãe?

[*Esqueça a minha aura e esqueça aquela vaca gorda com quem você tem andado. .*

embora eu seja capaz de apostar que Carolyn deve estar-se revirando na cova.]

A boca da mulher

(*mulher? aquela coisa não é uma mulher*)

na cadeira deixara de ser pequena. O lábio inferior se alargara e estufara para fora e para baixo. A boca em si adquirira esgar com os cantos caídos.

Um esgar negativo estranhamente *familiar.*

(*Johnny ele está me mordendo ele está* ME *MORDENDO!*) Algo medonhamente familiar nos bigodes nos cantos da boca também.

(*Johnny por favor os olhos pretos dele*)

[*Johnny não pode ajudá-lo, moleque. Não o ajudou naquele dia e não pode ajudá-lo agora* .]

Claro que não podia. Seu irmão mais velho, Johnny, morrera há seis anos. Ralph carregara o seu caixão no enterro. Johnny morrera de ataque cardíaco, possivelmente obra do Acaso como o que fulminara Bill McGovern, e..

Ralph olhou para a esquerda, mas o lado do piloto na cabine também desaparecera e, com ele, Ed Deepneau. Ralph viu o velho fogão de gás e lenha em que sua mãe cozinhara na casa da rua Richmond (uma tarefa que a desgostava e que toda a vida executara mal) e o arco que levava à sala de jantar. Viu a mesa de jantar em madeira de bordo. Havia uma jarra de vidro no centro. Dentro da jarra, um molho de sinistras rosas vermelhas. Cada flor parecia ter rosto. . um rosto ofegante vermelho-sangue..

Mas isto está errado, pensou. *Tudo errado. Ela jamais trazia rosas para casa —*

era alérgica à maioria das flores, e a rosas mais ainda. Costumava espirrar como louca quando chegava perto de flores. A única coisa que a vi colocar na mesa de jantar em toda a minha vida foi o que chamava de buquê indiano, e que era simplesmente um molho de capins de outono. Vejo rosas porque. .

Tornou a olhar para a criatura na cadeira de balanço, para os dedos vermelhos que agora se fundiam em apêndices que tinham quase a aparência de nadadeiras. Contemplou a manta escarlate sobre o colo da criatura, e a cicatriz ao longo de seu braço recomeçou a formigar.

Por Deus o que é que está acontecendo aqui?

Mas é claro que ele sabia; bastava comparar a coisa vermelha na cadeira de balanço com o quadro pendurado na parede, com a estampa do Jesus de rosto vermelho e malévolo observando a família jantar para confirmar sua intuição. Ralph não se encontrava na antiga casa de Mary Mead, e não se encontrava exatamente no avião que sobrevoava Derry, tampouco.

Encontrava-se na corte do Rei Sanguinário.

CAPÍTULO 29

1

SEM pensar por que fazia tal gesto, Ralph meteu a mão no bolso do suéter e segurou de leve um dos brincos de Lois. Sentia a mão distante, como se pertencesse a outra pessoa. Percebia algo interessante, nunca se sentira apavorado na vida até agora. Nem uma vez. Pensara ter sentido pavor, naturalmente, mas fora ilusão — a única vez em que chegara mais próximo fora

na biblioteca pública de Derry, quando Charlie Pickering enfiara a faca em sua axila, dizendo que espalharia suas entranhas no chão. Aquilo, porém, não passara de um momento de leve desconforto perto do que sentia agora.

Veio um homem verde. . Ele parecia bom, mas eu podia estar enganada.

Torceu para que ela não estivesse; torceu sinceramente para que não estivesse. Porque o homem verde era praticamente o que lhe restava agora.

O homem verde e os brincos de Lois.

[*Ralph! Pare de sonhar! Olhe para sua mãe quando ela está falando com você! Setenta anos na cara e ainda se comporta como se tivesse dezesseis anos e um forte comichão no pau!*]

Ralph voltou à coisa de nadadeiras vermelhas, derreada na cadeira. Ela agora apresentava apenas uma ligeira semelhança com sua finada mãe.

[— *Você não é minha mãe e eu ainda estou no avião.*]

[*Não está, moleque. E não cometa o erro de pensar que está. Dê um passo fora de minha cozinha e o que vai conseguir é uma longa queda até o solo*.]

[*— É melhor parar agora. Posso ver quem você é.*]

A coisa falou com uma voz borbulhante e sufocada que transformou a espinha de Ralph numa fina linha de gelo.

[*Não pode. Talvez até pense que pode, mas não pode. E não quer. Nem mesmo quer me ver sem os meus disfarces. Me acredite, Ralph, você não quer.*]

Ele percebeu com crescente horror que a coisa-mãe se transformara num enorme cascudo-fêmea, um peixe voraz do fundo do rio, com dentes rombudos reluzindo por entre os beiços pêndulos e os bigodes que chegavam quase à gola do vestido que ainda usava. As guelras no pescoço abriram-se e fecharam-se como cortes de navalha, revelando uma carne vermelha e turva. Os olhos se arredondaram e arroxearam e, enquanto Ralph observava, as órbitas começaram a se distanciar uma da outra. O processo continuou até os olhos se esbugalharem para os lados, ao invés de ficarem na frente da cara escamosa da criatura.

[*Não mexa sequer um músculo, Ralph. Você provavelmente vai morrer na explosão qualquer que seja o nível em que esteja, as ondas de choque se transmitem aqui como em qualquer construção, mas esta morte ainda será muito*

melhor do que a minha.]

O cascudo abriu a boca. Os dentes rodeavam uma goela sangüínea cheia de estranhas vísceras e tumores. Parecia rir-se dele.

[— *Quem* é *você?* O *Rei Sangüinário?*]

[*É o nome que Ed me dá, devíamos ter um outro só para nós, não acha? Vejamos.*

Se você não quer que eu seja a Mamãe Roberts, por que não me chama de Papa-terra?

Lembra-se do Papa-terra do rádio, não lembra?]

Naturalmente que lembrava. . mas o *verdadeiro* Papa-terra nunca estivera no programa de Amos _n' Andy, e nunca fora papa-terra nenhum. O verdadeiro Papa-terra fora *uma* papa-terra que habitava a tundra.

2

NUM dia de verão, aos sete anos de idade, Ralph fisgara um enorme cascudo no Kenduskeag, quando pescava com o irmão, John — naquela época, ainda era possível comer o que se apanhava na tundra. Ralph pedira ao irmão mais velho para tirar o bicho, que se debatia convulsivamente, do anzol e colocá-lo no balde com água que tinham deixado na beira do rio junto deles. Johnny se recusara, citando com ar de superioridade o que chamara de Credo do Pescador: o bom pescador prepara o próprio anzol, desenterra a própria minhoca, e retira do anzol o que pescou. Somente mais tarde Ralph se deu conta de que Johnny talvez estivesse tentando esconder o medo que lhe inspirava a enorme criatura, de certa forma alienígena, que o irmão mais novo guindara das águas lamacentas e, naquele dia, mornas feito pipi.

Ralph finalmente fora convencido a segurar o corpo palpitante do cascudo, que era também escorregadio, escamoso e espinhento. Johnny então aumentara o seu temor dizendo-lhe, num tom baixo e agourento, para ter cuidado com os bigodes. *São, venenosos. Bobby Therriault me disse que se a gente se espeta num espinho desses pode ficar paralítico. E passar o resto da vida numa cadeira de rodas. Por isso, cuidado, Ralphie.*

Ralph revirara o bicho para um lado e para o outro, tentando soltar sua boca escura e molhada do anzol, sem aproximar demais a mão dos bigodes (ao mesmo tempo acreditando e não acreditando de todo na história de Johnny sobre o veneno), mas estranhamente consciente das guelras, dos olhos, do cheiro

desagradável que parecia se infiltrar mais profundamente em seus pulmões cada vez que respirava.

Finalmente, ouvira uma cartilagem se romper dentro do peixe e sentiu o anzol começar a se desprender. Mais filetes de sangue escorreram dos cantos da boca flácida e moribunda. Ralph soltou um suspiro de alívio — prematuramente, conforme descobriu. O cascudo deu uma trementa rabanada, quando o anzol saiu. A mão que Ralph estivera usando para tirá-lo escorre-

gou, e de repente a boca sangrenta do cascudo fechou sobre seus dois primeiros dedos. Quanta dor sentira? Muita? Alguma? Talvez nenhuma? Ralph não conseguia se lembrar. *Lembrava-se* do berro sinceramente horrorizado de Johnny e da sua própria certeza de que o cascudo ia fazê-lo pagar com os dois dedos da mão direita por lhe arrebatar a vida.

Lembrava-se também de gritar, sacudir a mão e suplicar a Johnny que o ajudasse, mas Johnny recuava, o rosto branco, a boca contorcida de repugnância. Ralph sacudia a mão em grandes arcos, mas o cascudo aferrava-se como louco, os bigodes

(*bigodes envenenados vão me botar numa cadeira de rodas para o resto da vida*) batendo e sacudindo contra o pulso de Ralph, os olhos pretos arregalados para ele.

Finalmente Ralph brandira-o contra uma árvore próxima e lhe partira a espinha dorsal. O peixe caíra no capim, ainda rabeando, e Ralph calcara-o com um pé, provocando o horror final. Um despejo de entranhas escapou de sua boca e, do lugar que Ralph o esmagara com o calcanhar, saiu uma torrente viscosa de ovas sangrentas. Foi então que percebeu que o papa-terra era na realidade *uma* papa-terra, a dois dias da desova.

Ralph desviara a vista daquela nojeira para a própria mão, cheia de escamas e sangue, e uivara como uma alma penada. Quando Johnny tocara em seu braço numa tentativa de acalmá-lo, Ralph fugira. Não parara de correr até chegar em casa e se recusara a sair do quarto pelo resto do dia. Levara quase um ano para voltar a comer peixe, e nunca mais quisera conversa com cascudos.

Isto é, até agora.

3

[— *RALPH!*]

Era a voz de Lois. . mas longe! Tão longe!

[*— Você tem que fazer alguma coisa imediatamente! Não deixe que ele o detenha!*]

Ralph agora compreendia que o que tomara por uma manta no colo de sua mãe era na verdade um tapete de ovas sangrentas no colo do Rei Sanguinário. Ele se curvava para Ralph por cima da manta pulsante, com os beiços tremendo, numa paródia de preocupação.

[*Algum problema, Ralphie? Onde é que está doendo? Diga para Mamãe.*]

[*— Você não é minha mãe*.]

[*Não — sou a Rainha do rio! Falo alto e com altivez! Domino a fala e o movimento! Na realidade, posso ser o que quiser. Você talvez não saiba, mas em Derry o transformismo é um costume consagrado pelo tempo.*]

[*— Conhece o homem verde que Lois viu?*]

[*Naturalmente! Conheço todo o pessoal da vizinhança!*]

Mas Ralph percebeu uma expressão de momentânea perplexidade naquela cara escamosa.

O calor ao longo de seu antebraço subiu mais um risquinho na escala, e Ralph teve uma súbita percepção: se Lois estivesse ali agora, não seria capaz de vê-lo. A Rainha-cascuda estava emitindo uma luz pulsante e cada vez mais forte, que o envolvia gradualmente. A luz era vermelha ao invés de preta, mas ainda assim era um saco mortuário, e agora ele sabia o que era se sentir do lado de dentro, preso numa teia formada pelos seus piores temores e suas experiências mais traumáticas. Não havia como bater em retirada nem abrir caminho, como fizera com o saco mortuário que envolvia a alian-

ça de Ed.

Se vou escapar, pensou Ralph, será avançando com tanta força e rapidez que irrompo pelo outro lado.

O brinco continuava em sua mão. Agora ele o revirou de modo a que o pino exposto do brinco se projetasse por entre os dois dedos que, há ses-

senta e três anos anos, o cascudo tentara engolir. Então rezou uma breve oração, não à Lois mas ao homem verde de Lois.

O CASCUDO inclinou-se mais para a frente, com um esgar de desenho animado espalhando-se por sua cara sem nariz. Os dentes por trás daquele sorriso flácido pareciam mais longos e pontiagudos agora. Ralph viu gotas de um líquido incolor se acumularem nas pontas dos bigodes e pensou, *veneno. Passar o resto de sua vida numa cadeira de rodas. Cara, estou com tanto*

medo. Porra, estou morrendo de medo.

Lois gritava de muito longe.

[*Depressa, Ralph! VOCÊ TEM QUE ANDAR DEPRESSA!*]

Um menininho gritava de algum lugar bem mais próximo; e sacudia a mão direita, sacudia o peixe agarrado aos seus dedos, enterrados na garganta do monstro prenhe que não queria largá-lo.

O cascudo inclinou-se para mais perto ainda. O vestido que usava far-falhou. Ralph sentiu o perfume de sua mãe, Saint Elena, obscenamente mis-turado ao cheiro desagradável, lodoso de peixe que se alimenta de detritos no fundo do rio.

[*Eu pretendo que a missão de Ed Deepneau seja bem-sucedida, Ralph; pretendo que o menino de quem seus amigos falaram morra nos braços da mãe, e quero ver isso acontecer. Trabalhei arduamente aqui em Derry, e acho que não estou pedindo muito, mas isso significa que tenho de eliminar você já. Eu..*]

Ralph aproximou-se mais um passo do cheiro de podridão da coisa. E

começou a ver uma forma por trás da de sua mãe, por trás da forma da Rainha-peixe. Começou a ver um homem com cor, um homem *vermelho* com olhos frios e uma boca cruel. Este homem lembrava o Cristo que ele vira há poucos instantes. . mas não aquele que realmente ficava pendurado no canto de cozinha de sua mãe.

Uma expressão de surpresa surgiu nos olhos pretos e desprovidos de pálpebras da Rainha-peixe. . e nos olhos frios do homem vermelho por trás.

[*Que é que você pensa que está fazendo? Afaste-se de mim! Quer passar o resto de sua vida numa cadeira de rodas?*]

[*— Sou capaz de imaginar coisas piores, amizade — meus dias de jogador de beisebol definitivamente terminaram.*]

A voz se elevou, transformando-se na voz de sua mãe quando se zan-gava.

[*Preste atenção a mim, moleque! Preste atenção e escute o que estou dizendo!*]

Por um momento as velhas ordens, emitidas numa voz tão sobrenatu-ralmente igual à de sua mãe, levaram-no a hesitar. Então ele recomeçou a avançar. A Rainha-peixe recuou na cadeira, o rabo subindo e descendo sob a barra do velho vestido caseiro.

[*QUE É QUE VOCÊ PENSA QUE ESTÁ FAZENDO?*]

[— *Não sei; talvez só esteja querendo dar um puxão nos seus bigodes. Verificar se são verdadeiros.*]

E, usando toda a sua força de vontade para não gritar e fugir, Ralph avançou a mão direita. O brinco de Lois parecia um seixinho morno dentro dela. A própria Lois parecia estar muito próxima, e Ralph concluiu que isso não o surpreendia, considerando a quantidade de sua aura que aspirara. Talvez ela até fizesse parte dele agora. A sensação de sua presença era profundamente reconfortante.

[*Não, você não se atreveria! Ficará paralisado!*]

[— *Cascudos não são venenosos, isso foi conversa fiada de um menino de dez anos que talvez estivesse ainda mais apavorado do que eu.*]

Ralph avançou a mão para os bigodes ocultando nela o espinho de metal, e a cabeça maciça e escamosa da criatura se desviou, como em parte Ralph sabia que ela faria. Então começou a ondear, a se transformar, e sua temível aura vermelha foi-se tornando visível. *Se a doença e a dor fossem coloridas,* pensou Ralph, *seriam assim.* Antes que a metamorfose prosseguisse, antes que aquele homem que ele agora via — alto, de uma beleza fria com seus cabelos louros e olhos vermelhos rutilantes — pudesse atravessar o brilho da ilusão que produzira, Ralph enterrou o pino afiado do brinco em um de seus olhos pretos e esbugalhados de peixe.

5

O PEIXE emitiu um terrível zumbido — *como o de uma cigarra,* pensou Ralph — e tentou recuar. Seu rabo, agitando-se velozmente, produzia o ruído de um ventilador que apanhara um pedaço de papel nas pás. Ele escorregou da cadeira de balanço, que agora virava um móvel semelhante a um trono esculpido em pedra fosca cor-de-laranja. E então o rabo desapareceu, a Rainha-peixe desapareceu, e surgiu o Rei Sanguinário ali, seu rosto bonito contorcido numa careta de dor e assombro. Um olho refulgia com a verme-lhidão do a um lince à luz da fogueira; o outro fora tomado pelo brilho mul-tifacetado de diamantes.

Ralph meteu a mão esquerda na bolsa de ovas e rompeu-a, e não viu nada exceto escuridão do outro lado do aborto. O outro lado do saco mortuário. A saída.

[*Você foi avisado, seu Vida-Curta filho da mãe! Você acha que pode me fazer de idiota? Muito bem, vamos ver! Vamos só ver!*]

O Rei Sanguinário curvou-se para a frente no trono, a boca escancarada, o olho restante encandescido e vermelho. Ralph lutou contra a vontade de puxar para si a mão direita agora vazia. Ao contrário, ele a jogou contra a boca do Rei Sanguinário, que abriu-se num grande bocejo para engoli-la, como aquele cascudo de sua infância fizera um dia na tundra.

Coisas — e não carne — primeiro se retorceram e esbarraram em sua mão, então começaram a mordê-la como mutucas. Ao mesmo tempo Ralph sentiu dentes de verdade — não, *presas* — cravarem em seu braço. Em um momento, dois no máximo, o Rei Sanguinário cortaria seu pulso com os dentes e engoliria sua mão inteira.

Ralph fechou os olhos e encontrou imediatamente aquele padrão de pensamento e concentração que lhe permitia mover-se entre níveis — sua dor e seu medo não foram empecilho. Só que desta vez ele não pretendia se *mover,* mas *disparar*. Cloto e Láquesis tinham plantado uma armadilha em seu braço, e chegara a hora de acioná-la.

Ralph sentiu aquela sensação de *piscadela* dentro da cabeça. No mesmo instante, a cicatriz em seu braço ficou incomodamente em brasa. O calor não queimou Ralph, mas espalhou-se pelo seu corpo como uma onda crescente de energia. Ele teve consciência de um poderoso lampejo verde, tão brilhante que, por um momento, era como se a cidade de Esmeraldas de Oz tivesse explodido a sua volta. Alguma coisa ou alguém berrava. Aquele som agudo e irregular o teria enlouquecido se durasse muito tempo, mas não. Foi seguido de uma vasta explosão surda, que fez Ralph pensar na vez que acendera uma cabeça-de-negro e a jogara num bueiro.

Um fluxo repentino de força passou sob a forma de um golpe de vento e de luz verde em dissolução. Ele viu de relance o Rei Sanguinário, não mais belo e jovem, mas velhíssimo e encarquilhado, menos humano do que a mais estranha criatura, passar batendo as asas ou dando saltos pelo nível dos Vidas-Curtas. Algo abriu-se sobre eles, revelando uma escuridão pontilhada de espirais e raios de cor. O vento parecia impelir o Rei Sangüinário para o alto naquela direção, como uma folha por uma chaminé. As cores começaram a se avivar e Ralph virou o rosto, erguendo uma das mãos para proteger os olhos. Compreendeu que se

abrira um conduto entre o nível em que se achava e os níveis inimagináveis empilhados acima; também compre-

endeu que se olhasse por muito tempo aquela luminosidade crescente, aquelas

(clarabóias)

espirais coloridas, a morte não seria a pior coisa que poderia lhe acontecer, mas a melhor. Ele não apertou apenas os olhos para fechá-los; apertou também a *mente* para fechá-la.

Um instante depois, tudo desaparecera — a criatura que se identificara para Ed como o Rei Sanguinário, a cozinha na velha casa da rua Richmond, a cadeira de balanço de sua mãe. Ralph estava ajoelhado no ar a menos de dois metros à direita do nariz do Cherokee, as mãos erguidas como uma criança freqüentemente espancada faria ante a aproximação de um pai cruel e, quando espiou entre os joelhos, viu o centro cívico e o estacionamento anexo diretamente abaixo dele. A princípio, pensou que seus olhos se enga-navam com uma imagem ilusória, porque as lâmpadas de sódio davam a impressão de estarem se afastando umas das outras. Chegavam a parecer um ajuntamento de gente muito alta e magra começando a se dispersar porque o motivo de alvoroço, qualquer que fosse, se extinguira. E o terreno do estacionamento em si parecia estar. . bem.. se *expandindo.*

Não se expandindo mas se aproximando, Ralph pensou friamente. *Ed está descendo. Começou o seu mergulho kamikaze.*

6

POR um momento, Ralph ficou imóvel onde estava, encantado com sua assombrosa condição. Tornara-se uma criatura meio mítica, obviamente não era nenhum deus (nenhum deus poderia se sentir tão cansado e aterrorizado quanto ele naquele momento) mas obviamente tampouco era uma criatura presa à terra como um homem. Isto é que era realmente voar; ver a terra de cima, sem limites. Isto. .

[— *RALPH!*]

O grito dela foi como um tiro de espingarda disparado ao seu ouvido.

Ralph encolheu-se e, no instante em que seu olhar abandonou a imagem hipnótica da terra crescendo em sua direção, ele conseguiu se mexer. Pôs-se de pé e voltou ao avião. Fez isso com a facilidade e a normalidade com que um

homem anda pelo corredor de sua casa. Nenhum vento lhe fustigou o rosto, nem soprou seus cabelos para trás e, quando seu ombro esquerdo atravessou a hélice do Cherokee, as pás em movimento o afetaram tanto quanto teriam afetado uma fumaça.

Por um momento, observou o rosto palido e atraente de Ed — o rosto de um salteador de estrada que cavalgara até a porta da velha estalagem no poema que sempre fizera Carolyn chorar — e seu sentimento anterior de pena e mágoa foi substituído pela raiva. Era difícil ficar *realmente* enfurecido com Ed — afinal, ele era apenas mais uma peça de xadrez no tabuleiro —porém o alvo de seu avião era um prédio cheio de gente de verdade. Gente *inocente*. Ralph percebeu algo obstinado, infantil e voluntarioso na expressão de apática alienação no rosto de Ed e, quando passou pela fina parede da cabine, pensou: *Acho que em algum nível, Ed, você sabia que o diabo entrara em seu corpo. Acho que poderia até tê-lo expulsado. . o Sr. C. e o Sr. L. não disseram que sempre há uma escolha? Se há, então você* tem *que assumir sua responsabilidade nisso, seu desgraçado.*

Por um momento, a cabeça de Ralph ficou para fora do teto como acontecera antes, e ele se ajoelhou. Agora o centro cívico ocupava todo pára-brisa do avião e ele compreendeu que era demasiado tarde para impedir que Ed fizesse *alguma coisa*.

Já soltara a fita adesiva que prendia a campainha. Segurava-a na mão.

Ralph meteu a mão no bolso e agarrou o segundo brinco, firmando-o, mais uma vez, entre os dedos com o pino em riste. Fez um canudo com a outra mão envolvendo os fios que ligavam a caixa de papelão à campainha.

Fechou os olhos e se concentrou, criando aquela sensação de flexão no centro de sua mente. Seguiu-se uma repentina sensação de frio na barriga e ele ainda teve tempo de pensar: *Ôôôa! Estou num elevador expresso!*

Então chegou ao nível dos Vidas-Curtas onde não havia deuses nem demônios, nem doutores carecas com tesouras mágicas e bisturis, nem tampouco auras. Aqui embaixo onde atravessar paredes e se afastar caminhando de um acidente de avião era uma impossibilidade. Aqui embaixo no nível dos Vidas-Curtas onde podiam vê-lo. . e, Ralph percebeu, era exatamente o que Ed estava fazendo.

— Ralph? — Era a voz arrastada de um homem que acabara de despertar do sono mais saudável da vida. — Ralph Roberts? Que é que *você* está fazendo aqui?

— Ah, estava na vizinhança e pensei em dar uma passada aqui — Ralph falou. — Puxar uma pedra, por assim dizer. — Ao dizer isso, fechou a mão em canudo e

arrancou os fios da caixa.

7

— *NÃO!* — Ed gritou. — *Não, não faça isso, você vai estragar tudo!*

Com toda certeza, Ralph pensou, esticando a mão por cima do colo de Ed para lhe tomar o manche do Cherokee. O centro cívico encontrava-se agora a uns mil e duzentos pés abaixo deles, talvez menos. Ralph ainda não sabia ao certo o que havia na caixa amarrada ao assento do co-piloto, mas tinha a impressão de que provavelmente era o explosivo plástico que os ter-roristas sempre usam nos filmes de artes marciais estrelados por Chuck Norris e Steven Seagal. Era considerado razoavelmente estável — ao contrário da nitroglicerina do Salário do medo de Clouzot — mas não era hora de confiar no Evangelho da Cinelândia. Mesmo um explosivo estável pode-

ria disparar sem detonador, se o atirassem de uma altura de três quilômetros.

Ralph virou o manche para a esquerda o mais que pôde. Abaixo deles, o centro cívico começou a girar enjoativamente, como se tivesse sido montado sobre a ponta de um gigantesco pião.

— *Não, seu filho da puta!* — Ed berrou, e alguma coisa que parecia a cabeça de um pequeno martelo bateu nas costelas de Ralph, quase paralisan-do-o de dor, impossibilitando sua respiração. Quando Ed tornou a golpeá-lo, desta vez na axila, sua mão deixou escapulir o manche. Ed retomou o controle e virou o manche violentamente no sentido oposto. O centro cívico, que começara a deslizar para o lado do pára-brisa, recomeçou a voltar para o centro.

Ralph procurou agarrar o manche. Ed meteu o punho em sua testa, empurrando-o para trás.

— Por que você não ficou fora disso? — rosnou. — Por que teve de se meter? — Tinha os dentes à mostra, os lábios repuxados para trás num esgar ciumento. A aparição de Ralph na cabine deveria tê-lo paralisado pelo choque, mas tal não acontecera.

Claro que não, ele é pirado, Ralph pensou, e subitamente elevou sua voz interior num berro de pânico:

[— *Cloto! Láquesis! Pelo amor de Deus, me ajudem!*]

Nada. O grito não parecia ter chegado a *parte alguma*. E por que chegaria?

Descera ao nível dos Vidas-Curtas, o que significava estar sozinho.

O centro cívico achava-se a apenas oitocentos ou novecentos pés abaixo agora. Ralph podia distinguir cada tijolo, cada janela, cada pessoa parada do lado de fora — quase podia dizer quais as que carregavam cartazes. Elas olhavam para o alto, tentando descobrir o que aquele avião doido pretendia.

Ralph não podia ver o medo em seus rostos, ainda não, mas dentro de dois ou três segundos. .

Atirou-se contra Ed de novo, desprezando a dor no lado esquerdo, e empurrou o punho direito, usando o polegar para deslizar o pino do brinco, o máximo possível, para a ponta dos dedos.

O velho truque do brinco funcionara no Rei Sanguinário, mas Ralph estava num nível mais alto então, e tivera mais segurança escorado no elemento surpresa. Desta vez mirou no olho também, mas Ed desviou a cabe-

ça no último momento. O pino cravou-se em sua face pouco acima do ma-xilar. Ed deu um tapa no brinco como se quisesse afastar um mosquito, ao mesmo tempo em que mantinha o manche firme com a mão esquerda.

Ralph avançou para o manche outra vez. Ed atacou-o. O punho de Ed atingiu Ralph acima do olho esquerdo, empurrando-o para trás. Um som único, puro e metálico, inundou os ouvidos de Ralph. Era como se houvesse um grande diapasão entre eles, e alguém o tivesse tocado. O mundo se tornou cinza e granulado como uma foto de jornal.

[— *RALPH! DEPRESSA!*]

Era Lois, e agora estava aterrorizada. Ralph sabia a razão; o tempo praticamente se esgotara. Restavam-lhe talvez dez segundos, vinte no máximo.

Ele avançou novamente, desta vez não na direção de Ed, mas na da foto de Helen e Nat presa sobre o altímetro. Arrancou-a, segurou-a no alto. . e amassou-a entre os dedos. Não sabia muito bem que reação esperar, mas a que veio excedeu suas mais fantásticas esperanças.

— ME DÊ ELAS DE VOLTA! — Ed berrou. Esqueceu-se do man-

che e tentou alcançar a foto. Ao fazer isso, Ralph viu novamente o homem que vislumbrara no dia em que Ed espancara Helen, um homem desesperadamente infeliz e temeroso das forças que tinham se libertado dentro dele.

Havia lágrimas não somente em seus olhos, mas elas escorriam também pelo rosto, e Ralph pensou confuso: Será que ele esteve chorando o tempo todo?

— ME DÊ ELAS DE VOLTA! — berrou outra vez, mas Ralph já não tinha certeza de ser o interlocutor daquele grito; achou que seu antigo vizinho provavelmente se dirigia ao ser que entrara em sua vida, dera uma olhada em volta para se certificar se era aquilo mesmo, e então simplesmente o dominara. O brinco de Lois brilhava na face de Ed como um ornamen-to funerário bárbaro.

— ME DÊ ELAS DE VOLTA, ELAS SÃO MINHAS!

Ralph segurava a foto amassada fora do alcance das mãos que Ed agitava. Ed saltou, o cinto mordeu sua virilha, e Ralph deu-lhe um soco na garganta com toda a força, sentindo uma indescritível mistura de satisfação e repugnância quando o golpe atingiu o caroço duro e áspero do pomo de Adão de Ed. Ele bateu de costas contra a parede da cabine, os olhos esbugalhados de dor, desânimo e perplexidade, e levou as mãos à garganta. Um som engrolado saiu lá do fundo. Parecia uma peça quebrando os dentes da engrenagem.

Ralph atirou-se por cima do colo de Ed e viu o centro cívico agora saltar em direção ao avião. Virou o manche todo para a esquerda e abaixo dele

— exatamente abaixo — o centro cívico começou a girar para o canto do pára-brisa do Cherokee prestes a desaparecer. . mas o avião obedeceu com angustiante lentidão.

Ralph percebeu que havia um cheiro diferente na cabine um aroma ao mesmo tempo doce e conhecido. Antes que pudesse imaginar o que seria, viu uma coisa que o distraiu totalmente. Era o carrinho de sorvetes que as vezes passava pela avenida Harris, tocando sua alegre sineta.

Meu Deus, pensou Ralph *, sentindo mais assombro do que medo. Acho que vou acabar no congelador em companhia dos picolés e das caixinhas de sorvete.*

O cheiro gostoso ficou mais forte e, quando sentiu mãos segurarem repentinamente seus ombros, Ralph se deu conta de que era o perfume de Lois Chasse.

— Suba! — ela gritou. — Ralph, seu burro, você tem que..

Ele não raciocinou; simplesmente agiu. Tudo encaixou em sua cabeça, a piscadela ocorreu, e ele ouviu o resto do que ela tinha a dizer daquela forma estranha e penetrante que se aproximava mais do pensamento do que da fala.

[. .*Suba! Empurre com os pés!*]

Tarde demais, pensou, mas fez o que ela dizia, plantou os pés contra a base do painel de instrumentos todo inclinado e empurrou com toda a for-

ça. Sentiu Lois subindo com ele pela coluna da existência quando o Cherokee mergulhou nos últimos cem pés que o separavam do solo, e, ao subirem violentamente, ele sentiu uma explosão repentina de energia, Lois envolvê-lo e arrancá-lo para trás como um elástico de bagageiro. Teve uma breve e nauseante sensação de estar voando em duas direções ao mesmo tempo.

Ralph captou um último vislumbre de Ed Deepneau prostrado contra a parede da cabine, mas num sentido muito real não o viu. A aura cinza amarelada fulminada por um raio desaparecera. Ed também, enterrado num saco mortuário negro como a meia-noite no inferno.

Ele e Lois estavam caindo, ao mesmo tempo em que voando.

CAPÍTULO 30

1

POUCO antes de ocorrer a explosão, Susan Day, parada sob um escaldante holofote diante do centro cívico, e agora vivendo os últimos segundos de sua vida fabulosa e provocante, dizia:

— Não vim a Derry para curar vocês, nem incitar vocês, mas para prantear com vocês. . esta é uma situação que ultrapassou de muito as considerações políticas. Não há direito na violência nem refúgio no farisaísmo.

Estou aqui para pedir que deixem de lado as suas convicções e a sua retórica e ajudem uns aos outros a encontrar uma maneira de se ajudarem mutuamente. Que virem as costas às atrações. .

As janelas altas alinhadas do lado sul do auditório repentinamente se iluminaram com um clarão branco e ofuscante e estouraram para dentro.

2

O CHEROKEE errou o carrinho de sorvetes, mas isto não o poupou.

O avião deu uma última meia-volta no parafuso que descrevia no ar e mergulhou no asfalto do estacionamento a uns oito metros da cerca, onde, mais cedo, Lois

parara para repuxar a anágua incômoda. As asas se partiram. O

posto de comando entrou instantânea e violentamente na cabine de passageiros. A fuselagem explodiu com a fúria de uma garrafa de champanhe dentro de um forno microondas. Voaram estilhaços de vidro. A cauda do-

brou por cima da fuselagem como o ferrão de um escorpião moribundo e se empalou no teto de uma caminhonete Dodge com as palavras PROTEJA O

DIREITO DE ESCOLHA DAS MULHERES! pintadas na lateral. Ouviu-se um ruído de metal amassado que lembrava a queda de uma pilha de ferro-velho.

— Puta q. . — começou a exclamar um dos tiras postado na periferia do estacionamento, e então o C-4 dentro da caixa de papelão voou como um grande e viscoso catarro cinza, batendo nos restos do painel de instrumentos onde vários fios ainda ativos o espetaram como agulhas de seringas.

O explosivo plástico explodiu com um baque de estourar os tímpanos, flambando o prado de Bassey Parke transformando o estacionamento em um furacão de luz branca e estilhaços. John Leydecker que estivera parado sob a cobertura de cimento do centro cívico, conversando com um tira estadual, foi lançado pelas portas abertas do centro até o saguão. Bateu na parede do fundo e caiu inconsciente sobre os vidros partidos da caixa de troféus de montaria. Teve mais sorte do que o homem com quem conversava, o tira estadual foi atirado contra a viga entre as portas abertas e fatiado em dois.

As fileiras de carros de certa forma protegeram o centro cívico dos piores efeitos da explosão, mas tal bênção só seria reconhecida mais tarde.

Dentro, mais de duas mil pessoas a princípio permaneceram sentadas em estado de choque, incertas quanto ao que fazer e, ainda mais incertas, quanto ao que a maioria acabara de ver: a mais famosa feminista americana deca-pitada por um pedaço de vidro que voara. Sua cabeça foi parar na sexta fileira como uma estranha bola branca de boliche encimada por peruca loura.

As pessoas não entraram em pânico até as luzes se apagarem.

3

SETENTA e uma pessoas morreram pisoteadas na corrida desembestada em direção às saídas, e o *News* de Derry do dia seguinte alardearia a ocorrência com uma medonha manchete de 48 pontos, chamando-a de terrível tragédia. Ralph Roberts poderia ter-lhe esclarecido que, considerando as circunstâncias, tinham

tido sorte. Muita sorte, mesmo.

4

A MEIO caminho do balcão norte, uma mulher chamada Sonia Danville — uma mulher com o rosto marcado pelos hematomas da última surra que um homem lhe daria — sentava-se abraçando o filho Patrick pelos ombros. O poster do McDonald's que Patrick levava, mostrando Ronald e o Prefeito McCheese e o ladrão Hamburg dançando o *Boot-Scootin' Boogie* do lado de fora de um *drive-thru,* estava em seu colo, mas ele só chegara a colorir os arcos dourados antes de virar o cartaz para o lado em branco. Não porque tivesse perdido o interesse, mas simplesmente porque tivera uma idéia para um desenho, e tais idéias costumavam lhe ocorrer com a força de uma compulsão. Ele passara a maior parte do dia pensando no que acontecera no porão de High Ridge — a fumaça, o calor, as mulheres assustadas e os dois anjos que tinham aparecido para salvá-los — mas sua idéia esplêndi-da expulsara esses pensamentos perturbadores, e ele se pôs a trabalhar em silencioso entusiasmo. Não demorou muito e Patrick começou a se sentir quase como se estivesse vivendo no mundo que desenhava com os seus lápis-cera.

Ele já era um artista surpreendentemente hábil, mesmo com quatro anos (―Meu geniozinho‖, por vezes Sonia o chamava), e seu desenho era muito melhor do que o do cartaz para colorir no verso da folha. O que conseguira fazer antes das luzes se apagarem era algo que um talentoso calouro de arte teria orgulho de apresentar. No meio da folha do cartaz, uma torre de pedras escurecidas de fuligem erguia-se contra um céu azul enfeitado por gordas nuvens brancas. A toda volta havia um campo de rosas tão vermelhas que chegavam quase a berrar. Parado de um lado, encontrava-se um homem de blue jeans desbotados. Dois cinturões cruzavam sua cintura magra; um coldre pendia abaixo de cada lado dos quadris. No alto da torre, um homem de vestes vermelhas contemplava o pistoleiro com uma expressão mesclada de ódio e medo. Suas mãos, que seguravam o parapeito, pareciam também vermelhas.

Sonia estivera hipnotizada pela presença de Susan Day que, sentada atrás do pódio, escutava alguém apresentá-la, mas por acaso dera uma espiada no desenho do filho pouco antes de terminar a apresentação. Ela sabia, há dois anos, que Patrick era o que os psicólogos infantis chamavam de prodígio, e por vezes dizia a si mesma que se acostumara com os seus desenhos sofisticados e a série de esculturas de massa a que ele dera o nome de Família Barro. Talvez estivesse acostumada até certo ponto, mas este desenho lhe provocara um calafrio estranho e profundo que ela não podia debi-tar na conta das emoções daquele dia longo e tenso.

— Quem é esse? — perguntou, pondo o dedo na figura minúscula que espiava invejoso do alto da torre escura.

— O Rei Vermelho — disse Patrick.

— Ah, sim, o Rei Vermelho. E quem é o homem com as pistolas?

Quando ele abriu a boca para responder, Roberta Harper, a mulher no pódio, ergueu o braço esquerdo (que exibia uma braçadeira de luto) em direção à mulher sentada às suas costas.

— Meus amigos, a Sra. *Susan Day!* — exclamou, e a resposta de Patrick Danville à segunda pergunta da mãe se perdeu na tempestade de aplausos.

É Roland, Mamãe. Sonho com ele, às vezes. Ele é rei, também.

5

AGORA mãe e filho estavam sentados no escuro com as orelhas reti-nindo, e dois pensamentos giravam pela mente de Sonia como ratos correndo um atrás do outro numa roda de moinho: *será que o dia de hoje não vai terminar nunca, eu sabia que não devia ter trazido ele, será que o dia de hoje não vai terminar nunca, eu sabia que não devia ter trazido ele, será que o dia. .*

— Mamãe, você está amassando o meu *desenho!* — reclamou Patrick.

Parecia um pouco ofegante e Sonia percebeu que o devia estar amassando também. Afrouxou um pouco o abraço. Um fluxo fragmentado de gritos, berros e perguntas confusas subia do poço abaixo deles, onde as pessoas suficientemente abastadas para desembolsarem ―doações‖ de quinze dólares tinham se acomodado em cadeiras desmontáveis. Um urro áspero de dor cortou essa mistura de sons, sobressaltando Sonia.

O estrondo surdo que se seguiu à explosão inicial tinha comprimido dolorosamente seus tímpanos e sacudido o prédio. Por comparação, as detonações que se seguiram — provocadas pelos carros que explodiam como cabeças-de-negro no estacionamento — soavam fracas e inconseqüentes, mas Sonia sentia Patrick se encolher contra ela a cada estouro.

— Fique calminho, Pat. Alguma coisa ruim aconteceu, mas acho que foi lá fora. — Porque seu olhar fora atraído pelo clarão nas janelas, Sonia felizmente deixara de assistir à cabeça de sua heroína voar dos ombros, mas sabia que, por alguma razão, o raio *tinha* caído duas vezes no mesmo lugar.

(*não devia ter trazido ele, não devia ter trazido ele*) e que pelo menos algumas pessoas lá embaixo tinham entrado em pânico. Se *ela* entrasse em pânico, ela e o Jovem Rembrandt iam se meter em sérios apuros.

Mas não vou deixar isso acontecer. Não saí daquele túmulo hoje de manhã para entrar em pânico agora. Nem por um cacete.

Ela procurou a mão de Patrick e segurou-a — a mão que não apertava o desenho. Estava muito fria.

— Você acha que os anjos vão vir nos salvar outra vez, Mamãe? — ele perguntou com a voz ligeiramente trêmula.

— Não. Acho que desta vez teremos que nos salvar sozinhos. Mas faremos isso. Quero dizer, estamos bem agora, não estamos?

— Estamos — ele concordou, mas desabou contra o corpo dela. Sonia passou por um momento de aflição, imaginando que ele tivesse desmaiado e que teria de retirá-lo do centro cívico nos braços, mas logo ele se endireitou.

— Meus livros estavam no chão — falou. — Não queria sair sem meus livros, principalmente aquele do menino que não pode tirar o chapéu. *Estamos* indo embora, Mamãe?

— Estamos. Assim que as pessoas pararem de correr para todos os lados. Têm luzes nos corredores, dessas que funcionam com pilhas, mesmo que as daqui continuem apagadas. Quando eu disser, vamos nos levantar e andar — *ande!* — e suba as escadas até a porta. Não vou carregar você no colo, mas vou ficar bem atrás com as duas mãos nos seus ombros. Entendeu direitinho, Pat?

— Entendi, Mamãe. — Sem perguntas. Sem choro. Apenas entregou os livros, para ela guardar. Ele mesmo segurou o Cartaz. A mãe lhe deu um abraço rápido e um beijo na bochecha.

Aguardaram ainda cinco minutos nos assentos, segundo a lenta contagem de Sonia até 300. Ela sentiu que a maioria dos seus vizinhos próximos já tinham saído antes de chegar aos cento e cinqüenta, mas se controlou.

Podia agora enxergar um pouco, o suficiente para levá-la a acreditar que alguma coisa queimava furiosamente do lado de fora, mas no outro extremo do prédio. O que era muita sorte. Ela ouvia as sirenes dos carros de polícia, bombeiros e das ambulâncias.

Sonia se levantou.

— Vamos. Fique bem na minha frente.

Pat Danville saiu para o corredor com os ombros seguros firmemente nas mãos da mãe. Ele a conduziu pelas escadas que subiam em direção às fracas luzes amarelas que indicavam o corredor do balcão da ala norte, parando apenas uma vez, quando o vulto escuro de um homem passou correndo. As mãos de sua mãe apertaram seus ombros ao puxá-lo para o lado.

— Pró-vidas desgraçados! — exclamou o homem que corria. — *Porras* de donos da verdade! Gostaria de matar todos!

Ele se foi e Pat recomeçou a subir as escadas. Ela sentia o filho calmo agora, uma ausência de medo concentrada, que comoveu seu coração com amor e uma certa escuridão estranha também. Seu filho era tão diferente, tão especial.. mas o mundo não gostava de indivíduos assim. O mundo tentava erradicá-los da terra, como se fossem ervas daninhas num jardim.

Finalmente desembocaram no corredor principal. Algumas pessoas, em profundo estado de choque, iam e vinham, os olhos vidrados e as bocas abertas, como zumbis num filme de horror. Sonia mal lhes prestou atenção, continuou a empurrar Pat na direção da escadaria. Três minutos depois saíram para a noite iluminada pelas chamas, sãos e salvos e, em todos os níveis do universo, os negócios do Acaso e do Desígnio retomaram seus cursos previstos. Mundos que haviam tremido por um momento nas órbitas agora se estabilizaram, e em um desses mundos, em um deserto que era a apoteose de todos os desertos, um homem chamado Roland virou-se em seu saco de dormir e voltou a adormecer sossegado sob constelações desconhecidas.

6

DO OUTRO lado da cidade, no parque Strawford, a porta do banheiro marcada HOMENS abriu-se violentamente. Lois Chasse e Ralph Roberts passaram por ela voando de costas, mergulhados em fumaça, agarrando-se um ao outro. De dentro ouviu-se o barulho do Cherokee batendo e, depois, do explosivo plástico explodindo. Houve um clarão branco e as paredes azuis dos banheiros estufaram para fora, como se um gigante as tivesse socado com os punhos. Um segundo depois eles ouviram nova explosão; desta vez retumbou pelo céu. A segunda versão foi mais fraca, no entanto, de certa forma, mais real.

Os pés de Lois fraquejaram e ela caiu com um baque surdo no gramado na base da encosta, com um grito que em parte expressava alívio. Ralph aterrissou ao seu lado, e ergueu-se até ficar sentado. Contemplou incrédulo o centro cívico, onde

um punho de fogo se agitava no horizonte. Um calombo roxo do tamanho de uma maçaneta crescia em sua testa, no ponto em que Ed o golpeara. Seu lado esquerdo ainda latejava, mas ele achou que as costelas talvez estivessem apenas fissuradas, e não partidas.

[— *Lois, você está bem?*]

Ela fitou-o sem compreender por um momento, então começou a a-palpar o rosto, o pescoço e os ombros. Havia algo tão perfeitamente, docemente *Nossa Lois* nesse exame que Ralph soltou uma risada. Não pôde reprimi-la. Lois sorriu hesitante.

[— *Acho que estou ótima. Na verdade, tenho certeza que estou.*]

[— *Que é que você estava fazendo lá? Você poderia ter morrido!*]

Lois, parecendo mais rejuvenescida (Ralph imaginava que o beberrão do parque tinha alguma coisa a ver com isso), encarou-o nos olhos.

[— *Eu talvez seja antiquada, Ralph, mas se você acha que vou passar os próximos vinte anos desmaiando e me alvoroçando como a melhor amiga da heroína naqueles romances franceses que minha amiga Mina está sempre lendo, é melhor você escolher outra mulher para conviver.*]

Ralph ficou boquiaberto por um momento, então ajudou-a a se levantar e abraçou-a. Lois retribuiu o abraço. Estava incrivelmente quente, incrivelmente presente. Ralph refletiu por instantes nas semelhanças entre a soli-

dão e a insônia — como ambas eram traiçoeiras, acumulativas e divisórias, amigas do desespero e inimigas do amor — mas logo afastou esses pensamentos e beijou-a.

Cloto e Láquesis, parados no alto do morro, observaram os dois com a ansiedade de operários que apostaram o abono de Natal no cara que sempre perde a luta, e correram para eles que, mais uma vez, tinham as testas coladas e os olhos nos olhos como adolescentes apaixonados. No extremo da tundra, o som das sirenes ecoava como vozes que se ouvem em pesadelos.

A coluna de fogo que marcava o túmulo da obsessão de Ed Deepneau estava agora demasiado ofuscante para se observar sem apertar os olhos. Ralph ouvia o estouro distante dos carros que explodiam, e pensou no seu carro, abandonado no fim do mundo. Decidiu que não se importava. Estava velho demais para dirigir.

7

CLOTO: [*Vocês dois estão bem?*]

Ralph: [*— Estamos ótimos. Lois me puxou de volta. Ela salvou minha vida*.]

Láquesis: [— *Vimos ela entrar. Foi um ato de coragem*.]

E também muito intrigante, certo, Sr. L.? pensou Ralph. *O senhor viu e o senhor admirou... mas acho que não faz a menor idéia de como ou por que ela fez isso. Acho que, para o senhor e seu amigo, o conceito de resgate deve parecer quase tão estranho quanto a idéia de amor.*

Pela primeira vez, Ralph sentiu uma espécie de pena dos doutorezinhos carecas, e compreendeu a principal ironia de suas vidas: estavam conscientes de que os Vidas-Curtas, cuja existência tinham sido mandados po-dar, viviam vidas interiores intensas, mas não tinham a menor compreensão da realidade dessas vidas, das emoções que as impeliam, ou das ações —por vezes nobres, por vezes tolas — que delas resultavam. O Sr. C. e o Sr.

L. tinham estudado seus tutelados como certos ingleses ricos, mas tímidos, estudaram os mapas trazidos pelos exploradores da era vitoriana, exploradores que, em muitos casos, eram financiados por esses mesmos homens ricos e tímidos. Com suas unhas aparadas e seus dedos macios, os filantropos de-senharam rios de papel em que jamais navegariam e florestas de papel que jamais atravessariam num safari. Viviam em temerosa perplexidade que faziam passar por imaginação.

Cloto e Láquesis tinham convocado os dois e usaram-nos com uma certa eficiência crua, mas não compreendiam nem o prazer do risco nem a tristeza da perda — o máximo que tinham alcançado em termos de emoção era um medo persistente de que Ralph e Lois tentassem enfrentar diretamente o pesquisador favorito do Rei Sanguinário e fossem abatidos como duas moscas velhas por tentarem. Os doutorezinhos carecas tinham vidas longas, mas Ralph suspeitava que, apesar das auras brilhantes de libélulas, eram vidas sem cor. Observou seus rostos lisos e estranhamente infantis do abrigo seguro dos braços de Lois e lembrou-se do terror que sentira quando os vira, pela primeira vez, saindo da casa de May Locher de manhãzinha.

Um terror, ele descobrira desde então, que não sobreviveria ao simples convívio, quanto mais ao conhecimento e agora ele experimentara ambos.

Cloto e Láquesis retribuíram seu olhar com uma inquietação, que Ralph

descobriu que não tinha a menor vontade de aliviar. Parecia-lhe de certa maneira muito certo que eles se sentissem como ele e Lois se sentiam.

Ralph: [*— Foi, ela é muito corajosa e eu a amo muito, acho que seremos muito felizes juntos até. .*]

Ele parou, e Lois se mexeu em seus braços. Percebeu com uma mescla de graça e alívio que ela estivera semi-adormecida.

[*— Até o que, Ralph?*]

[*— Até o que você quiser. Acho que há sempre um até, quando se é um Vida-Curta, e talvez isso seja o certo.*]

Láquesis: [*Bem, acho que aqui nos despedimos.*]

Ralph riu sem querer, lembrando-se do programa de rádio *The Lone Ranger*, onde quase todo episódio terminava com uma variante desta frase.

Estendeu a mão para Láquesis e achou uma certa graça marcada de amargura ao ver o homenzinho procurar evitá-lo.

Ralph: [*— Esperem um instante... não precisamos ter tanta pressa, companheiros.*]

Cloto, com uma pontinha de apreensão: [*Há algum problema?*]

[*— Acho que não, mas depois de levar uma pancada na cabeça, outra nas costelas, e quase morrer assado, acho que tenho o direito de me certificar se tudo realmente acabou.*

Acabou? O seu menino está salvo?]

Cloto, sorrindo e visivelmente aliviado: [*Está. Você não sente? Daqui a dezoito anos, pouco antes de morrer, o menino vai salvar a vida de dois homens que do contrário morreriam. . e um desses homens não deve morrer, para que não se rompa o equilíbrio entre o Acaso e o Desígnio.*]

Lois: [*— Vamos deixar isso para lá. Só quero saber se podemos voltar a ser Vidas-Curtas normais.*]

Láquesis: [*Não só podem, Lois, como devem. Se você e Ralph continuassem aqui em cima por mais tempo, não poderiam mais descer.*]

Ralph sentiu Lois chegar mais para junto dele.

[— *Não ia gostar disso.*]

Cloto e Láquesis viraram-se um para o outro e trocaram um olhar de sutil perplexidade — como é que alguém pode não gostar daqui? perguntava o olhar — antes de voltarem para Ralph e Lois.

Láquesis: [*Realmente precisamos ir agora. Lamento, mas.* .]

Ralph: [— *Esperem aí, vizinhos, por enquanto vocês não estão indo a parte alguma.*]

Eles o olharam apreensivos, enquanto Ralph levantava lentamente a manga da suéter — o punho da manga agora endurecera com um líquido, talvez sangue de cascudo, em que nem queria pensar — e mostrou-lhes a cicatriz branca e grossa no antebraço.

[— *Podem parar de fazer cara de constipação, caras. Só quero lembrar que vocês empenharam sua palavra. Não se esqueçam.*]

Cloto, com evidente alívio: [*Pode confiar, Ralph. O que foi a sua arma agora é o nosso vínculo. A promessa não será esquecida.*]

Ralph estava começando a acreditar que tudo realmente terminara. Por mais doido que parecesse, parte dele lamentava que fosse assim. Agora era a vida real — a vida que transcorria nos andares abaixo deste nível — que parecia quase uma miragem, e ele compreendia o que Láquesis quisera dizer ao lembrar que nunca seriam capazes de retomar suas vidas normais se ficassem muito tempo ali em cima.

Láquesis: [*Precisamos realmente ir. Adeus, Ralph e Lois. Nunca esqueceremos o serviço que nos prestaram.*]

Ralph: [— *E em algum momento tivemos escolha? Realmente?*]

Láquesis, muito gentilmente: [*Nós lhe dissemos isso, não foi? Os Vidas-Curtas sempre têm escolha. Achamos assustador... mas achamos lindo, também.*]

Ralph: [— *Por falar nisso, companheiros, vocês cumprimentam ou se despedem com um aperto de mão?*]

Cloto e Láquesis se entreolharam, espantados, e Ralph sentiu um diálogo rápido disparando entre eles numa espécie de taquigrafia telepática.

Quando voltaram a encarar Ralph, tinham os mesmos sorrisos nervosos — sorrisos de meninos adolescentes que decidiram que, se neste verão não conseguirem arranjar coragem para andar na montanha-russa gigante do parque de diversões, nunca serão homens de verdade.

Cloto: [*Observamos este costume muitas vezes, naturalmente, mas não, não damos apertos de mão.*]

Ralph olhou para Lois e viu que ela sorria.. mas pensou ter visto também um brilho de lágrimas em seus olhos.

Ele ofereceu a mão a Láquesis primeiro, porque o Sr. L. parecia marginalmente menos nervoso que o seu colega.

[*— Dê a mão aqui, Sr. L.*]

Láquesis ficou olhando tanto tempo a mão de Ralph, que Ralph come-

çou a pensar que ele não ia conseguir realmente apertá-la, embora fosse visível a sua vontade de fazê-lo. Então, timidamente, ele estendeu sua mãozinha e permitiu que a mão maior de Ralph a envolvesse. Ralph sentiu um formigamento na pele quando suas auras se mesclaram e, em seguida, se fundiram.. e nessa fusão viu uma série de desenhos prateados, belos e fugazes. Lembraram-lhe os caracteres japoneses no cachecol de Ed.

Sacudiu a mão de Láquesis duas vezes, lenta e formalmente, então soltou-a. O olhar de apreensão de Láquesis fora substituído por um sorriso abobado. Virou-se para o parceiro.

[*A força dele fica quase completamente desprotegida durante esta cerimônia! Eu a senti! É maravilhoso!*]

Cloto estendeu a mão devagarinho ao encontro da de Ralph e, um instante antes de tocá-la, o Sr. C. fechou os olhos como um homem que espera uma injeção dolorosa. Entrementes, Láquesis estava apertando a mão de Lois, rindo como um sapateador de vaudeville executando um bis.

Cloto pareceu se preparar, então agarrou a mão de Ralph. Sacudiu-a uma vez com firmeza. Ralph riu.

[*— Devagar com a moça, Sr.* C.]

Cloto retirou a mão. Pareceu procurar a resposta correta.

[*Obrigado, Ralph, vou traçá-la como puder. Certo?*]

Ralph caiu na gargalhada. Cloto, virando-se para apertar a mão de Lois, sorriu intrigado para Ralph, que retribuiu com uma palmadinha nas costas.

[*— O senhor entendeu certo, Sr. C., absolutamente certo*.]

Passando o braço pelas costas de Lois, lançou aos doutorezinhos carecas um último olhar curioso.

[*— Vou ver vocês outra vez, não vou?*]

Cloto: [*Vai, Ralph*.]

Ralph: [*— Que ótimo. Daqui a uns setenta anos estaria bem para mim; por que vocês, caras, não anotam na sua agenda?*]

Eles responderam com sorrisos de políticos, o que não o surpreendeu muito. Ralph fez uma pequena reverência para os dois, abraçou Lois e observou o Sr. C. e o Sr. L. descerem lentamente o morro. Láquesis abriu a porta ligeiramente empenada marcada com HOMENS; Cloto parou à porta aberta do banheiro das MULHERES. Láquesis sorriu e acenou. Cloto ergueu suas tesouras de longas lâminas numa estranha saudação.

Ralph e Lois retribuíram o aceno.

Os doutores carecas entraram e fecharam as portas.

Lois enxugou os olhos molhados de lágrimas e virou-se para Ralph.

[*— Acabou? Acabou, não é?*]

Ralph confirmou com a cabeça. [*— Que vamos fazer agora?*]

Ele estendeu o braço.

[*— Posso levá-la em casa, minha senhora?*]

Sorrindo, ela segurou seu braço abaixo do cotovelo.

[*— Muito obrigado, meu senhor. Pode*.]

Saíram assim do parque Strawford, voltando ao nível dos Vidas-Curtas ao desembocarem na Avenida Harris, e tornarem a se encaixar em seu lugar normal no esquema das coisas, sem confusões nem incômodos — na verdade,

sem mesmo se darem conta de que faziam até o terem feito.

8

DERRY gemia de pânico e transpirava de excitação. As sirenes uiva-vam, as pessoas gritavam das janelas de segundo andar para os amigos nas calçadas em baixo, em cada esquina gente se aglomerava para apreciar o incêndio do outro lado do vale.

Ralph e Lois não deram a menor atenção ao tumulto e ao alarido. Subiram lentamente a Ladeira-Acima, cada vez mais conscientes de sua exaustão; parecia que ia se empilhando sobre eles como sacos de areia atirados de mansinho. O círculo de luz branca que marcava o estacionamento do mercadinho parecia estar a uma distância impossível, embora Ralph soubesse que eram apenas três quarteirões, e dos pequenos.

Para piorar, a temperatura caíra bem uns dez graus desde aquela manhã, o vento soprava com força, e nenhum dos dois estava vestido para enfrentar aquela mudança de tempo. Ralph desconfiou que esse fosse o bordo de ataque do primeiro grande temporal de outono e que, em Derry, tinham terminado os últimos dias quentes do ano.

Faye Chappin, Don Veazie e Stan Eberly desceram a ladeira correndo ao seu encontro, obviamente a caminho do parque Strawford. Os binóculos, que por vezes Dor usava para observar os aviões taxiarem, pousarem e decolarem, balançavam no pescoço de Faye. Com Don, que era pesadão e começava a ficar careca, no meio, a semelhança deles com um trio mais famoso era evidente. Os três patetas do apocalipse, pensou Ralph, e sorriu.

— Ralph! — Faye exclamou. Respirava depressa, quase ofegante. O

vento soprava seus cabelos nos olhos e ele os penteava para trás impacientemente.

— A droga do centro cívico explodiu! Alguém lançou uma bomba de um aviãozinho. Ouvimos falar que tem umas mil pessoas mortas!

— Ouvi mais ou menos a mesma coisa — concordou Ralph sério. —

De fato, Lois e eu estamos voltando do parque onde fomos dar uma olhada.

De lá pode-se ver todo o vale até o outro lado, sabe.

— Ora, eu sei disso, morei aqui a vida inteira, ou acha que não? Aonde é que você pensa que estamos indo? Venha com a gente!

— Lois e eu estávamos a caminho da casa dela para ver as notícias na TV. Talvez a gente vá se encontrar com vocês mais tarde.

— Tudo bem, nós. . putsgrila, Ralph, que foi que você arranjou na cabeça?

Por um momento Ralph não entendeu — o que arranjara na cabeça?

— e em seguida, numa imagem instantânea de pesadelo, ele reviu a boca distorcida e os olhos desvairados de Ed. Ah, não, não vai não, Ed gritara para ele. Você vai estragar tudo.

— Estávamos correndo à procura de uma posição melhor para ver o incêndio e Ralph bateu numa árvore — disse Lois. — Ele tem sorte de não estar no hospital.

Don riu da brincadeira, mas com o jeito distraído de um sujeito que tem coisas mais importantes a fazer. Faye não estava prestando nenhuma atenção aos dois. Mas Stan Eberly estava, e Stan não riu. Observava-os com uma curiosidade meticulosa é intrigada.

— Lois — ele falou.

— Que foi?

— Você sabia que está com um tênis amarrado no pulso?

Ela olhou para o tênis. Ralph olhou para o tênis. Então Lois ergueu a cabeça e deu a Stan um sorriso ofuscante de fritar os olhos.

— Estou! — respondeu. — Não fica interessante? Uma espécie de..

pulseira-amuleto de tamanho normal!

— É — retrucou Stan. — Claro. — Mas não estava mais olhando para o tênis; olhava agora para o rosto de Lois. Ralph se perguntou como é que iriam explicar sua aparência amanhã, quando não houvesse sombras entre lâmpadas de rua para escondê-los.

— Vamos! — Faye gritou impaciente. — Vamos de uma vez!

Eles se apressaram (e Stan ainda lançou a Ralph e Lois um último olhar desconfiado). Ralph procurou escutar o que diziam, esperando Don Veazie fazer

algum comentário.

— Nossa, dei uma explicação tão idiota — disse Lois — mas precisava dizer alguma coisa, não é mesmo?

— Você esteve ótima.

— Bom, quando abro a boca, parece que sempre deixo cair alguma coisa — justificou. — É um dos meus dois grandes talentos, o outro é a capacidade de comer uma caixa inteira de bombons enquanto assisto a um filme de duas horas na TV — Ela desamarrou o tênis de Helen e examinou-o. — Ela está segura, não está?

— Está — Ralph confirmou, estendendo a mão para o tênis. Só então percebeu que já tinha uma coisa na mão esquerda. Seus dedos tinham passado tanto tempo fechados que estavam endurecidos e relutavam em abrir.

Quando finalmente se abriram, ele viu as marcas das unhas na palma da mão. A primeira coisa que percebeu foi que, enquanto a sua aliança de casamento continuava no lugar de sempre, a de Ed desaparecera. Ajustara-se perfeitamente, mas pelo visto escorregara do dedo em algum momento, durante a última meia hora.

Talvez não, uma voz sussurrou, e Ralph achou graça ao perceber que não era a de Carolyn. Desta vez a voz em sua cabeça pertencia a Bill McGovern. *Talvez tenha apenas desaparecido. Sabe, puf.*

Mas ele achava que não. Tinha a impressão de que a aliança de Ed talvez tivesse sido investida com poderes que não morreriam necessariamente com Ed. O Anel que Bilbo Baggins encontrara e entregara com relutância ao seu neto, Frodo, tinha um jeito de ir onde queria. . e quando queria. Talvez a aliança de Ed não fosse muito diferente.

Antes que pudesse aprofundar tal idéia, Lois trocou o tênis de Helen pelo que ele segurava na mão: uma bolinha amassada de papel. Lois alisou-a para ver o que era. A curiosidade foi cedendo lugar à seriedade.

— Lembro-me desta foto — disse. — A grande ficava no console da lareira na sala de estar deles, numa moldura dourada. Num lugar de destaque.

Ralph assentiu com a cabeça.

— Esta deve ser a que ele carregava na carteira. Estava presa no painel de

instrumentos do avião. Até eu tirá-la, ele estava me batendo, sem sequer alterar a respiração. Arrancar a foto foi a única coisa em que consegui pensar. Quando fiz isso, a atenção dele mudou do centro cívico para a mulher e a filha.

A última coisa que ouvi Ed dizer foi ―Me dê elas de volta, elas são minhas‖.

— E estava falando com você quando disse isso?

Ralph meteu o tênis no bolso traseiro das calças e sacudiu a cabeça.

— Não. Acho que não.

— Helen foi ao centro cívico esta noite, não foi?

— Foi. — Ralph pensou na aparência de Helen em High Ridge, o rosto pálido e queimado de fumaça, os olhos lacrimejantes. *Se nos imobilizarem agora, eles ganham a parada, dissera. Você não entende isso?*

E agora ele entendia.

Tirou a foto da mão de Lois, amassou-a de novo, e foi até a lixeira instalada na esquina da Avenida Harris com a travessa Kossuth.

— Arranjaremos outra foto deles depois, uma que a gente possa pôr em cima do nosso console. Uma coisa menos formal. Mas essa daí.. eu não quero.

E atirou a bolinha de papel na lixeira, uma cesta fácil, no máximo a meio metro de distância, mas o vento escolheu aquele instante para soprar e a foto amassada de Helen e Natalie, que estivera presa ao altímetro do avião de Ed, foi carregada pelo sopro frio. Os dois a observaram subir rodopian-do para o céu, quase hipnotizados. Foi Lois quem desviou o olhar primeiro.

Olhou para Ralph com um vestígio de sorriso curvando seus lábios.

— Ouvi de passagem uma proposta de casamento sua, ou estou apenas cansada? — perguntou.

Ele abriu a boca para responder, mas outra rajada de vento fustigou-os com tanta força que os fez se contraírem e fecharem os olhos. Quando Ralph reabriu os dele, Lois já começara a subir a ladeira de novo.

— Tudo é possível, Lois — ele respondeu. — Agora sei disso.

CINCO minutos depois, a chave de Lois retiniu na fecha dura de sua porta de entrada. Ela fez Ralph entrar e fechou-a com firmeza, deixando de fora a noite controversa e ventosa. Ele a acompanhou até a sala de estar e teria parado ali, mas Lois nem hesitou. Ainda segurando-o pela mão, embora não chegasse a puxá-lo (mas talvez essa fosse a intenção, se ele começasse a remanchar), ela o levou até seu quarto de dormir.

Ralph olhou para ela. Lois retribuiu calmamente o seu olhar. . e de repente ele sentiu a piscadela acontecer de novo. Viu a aura de Lois desabro-char à sua volta como uma rosa cinzenta. Ainda estava reduzida, mas já crescendo, tecendo-se, curando-se.

[— *Lois, você tem certeza de que é o que você quer?*]

[— *Claro que é! Você achou que ia lhe dar um tapinha na cabeça e mandá-lo para casa depois de tudo que passamos juntos?*]

Inesperadamente ela sorriu — um sorriso muito maroto.

[— *Além do mais, Ralph — você acha que realmente está a fim de transar hoje à noite? Me diga a verdade. Melhor ainda, não me lisonjeie.*]

Ele pensou um pouco, então deu uma risada e puxou-a para seus bra-

ços. A boca de Lois era doce e ligeiramente úmida como a pele de um pêssego maduro. Aquele beijo pareceu vibrar por todo o seu corpo, mas a sensação concentrava-se mais na boca, onde era quase um choque elétrico.

Quando seus lábios se separaram, sentiu-se mais excitado que nunca. . mas também estranhamente esgotado.

[— *E se disser que estou, Lois? E se disser que estou a fim de transar?*]

Ela recuou, examinando-o criticamente, como se quisesse decidir se ele pensava realmente o que dissera ou se era apenas o costumeiro blefe masculino. Ao mesmo tempo suas mãos procuraram os botões de seu vestido.

Quando Lois começou a desabotoá-los, Ralph reparou em algo maravilhoso, ela parecia jovem outra vez. Não chegava aos quarenta nem forçando a imaginação, mas certamente não ultrapassava os cinqüenta. . e uns cinqüenta bem jovens. Fora o beijo, naturalmente, e o engraçado é que ele achava que Lois não fazia a menor idéia de que acrescentara um reforço dele ao reforço anterior tirado do beberrão. E que mal havia nisso?

Ela terminou a inspeção, curvou-se para a frente e beijou seu rosto.

[— *Acho que teremos muito tempo para transar mais tarde, Ralph, hoje a noite é para dormir*.]

Ele achava que Lois tinha razão. Há cinco minutos sentira-se mais do que disposto — sempre apreciara o amor físico, e já fazia muito tempo. No momento, porém, a centelha se apagara. Ralph não lamentava nem um pouco. Sabia, afinal, *aonde* tinha ido parar.

[— *Muito bem, Lois, hoje a noite é para dormir*.]

Ela entrou no banheiro e abriu o chuveiro. Alguns minutos mais tarde, Ralph ouvi-a escovar os dentes. Era bom saber que ainda os possuía. Durante os dez minutos em que ela se ausentou, ele conseguiu despir parte da roupa, embora as costelas latejassem, tornando a tarefa vagarosa. Finalmente conseguiu se desvencilhar da suéter de McGovern e sacudir fora os sapa-

tos. Em seguida, foi a vez da camisa, e ainda lutava sem sucesso com a fivela do cinto, quando Lois saiu com os cabelos presos na nuca e o rosto brilhando. Ralph ficou atordoado com sua beleza, e de repente sentiu-se demasiado grande e idiota (e ainda por cima velho) para seu gosto. Ela vestia uma longa camisola de seda rosa e dava para sentir o cheiro da loção que usara nas mãos. Era gostoso.

— Deixe que eu faço isso — ela se ofereceu e desafivelou o cinto antes que ele pudesse dizer qualquer coisa a favor ou contra. O gesto não teve nada de erótico; ela se movimentava com a eficiência de uma mulher que muitas vezes ajudara o marido a se vestir e a se despir em seu último ano de vida.

— Descemos outra vez — ele falou. — Desta vez, nem senti quando aconteceu.

— Eu desci no chuveiro. Fiquei até satisfeita. Tentar lavar os cabelos através da aura é uma operação complicada.

O vento soprava lá fora, fazendo estremecer a casa e tirando uma nota longa e trêmula ao passar pela boca de uma calha. Os dois olharam na dire-

ção da janela e, embora estivessem de volta ao nível dos Vidas-Curtas, Ralph teve a súbita certeza de que Lois pensava no mesmo que ele. Neste momento, Átropos estava lá fora em algum lugar, desapontado com o rumo dos acontecimentos, mas não se sentia vencido; sangrava, mas mantinha a cabeça erguida, caíra, mas não estava fora de combate. *De agora em diante, vão poder chamá-lo de O velho Orelheta,* pensou Ralph com um arrepio. Imaginou Átropos

balançando-se imprevisível em meio à população excitada e receosa da cidade, como um asteróide errante, espreitando e se ocultando, furtando lembranças e cortando fios de balão. .em outras palavras, procurando consolo em seu trabalho. Ralph achava quase impossível acreditar que estivera montado naquela criatura, cortando-o com o seu próprio bisturi, não fazia muito tempo. *Onde fui buscar coragem?* perguntou-se, mas achava que sabia.

Os brincos de diamantes que o monstrinho usava forneceram a maior parte.

Será que Átropos sabia que aqueles brincos tinham sido o seu maior erro?

Provavelmente não. A seu modo, o Dr. n□3 se provara ainda mais ignorante a respeito das motivações dos Vidas-Curtas do que Cloto e Láquesis.

Ralph se virou para Lois e segurou-lhe as mãos.

— Perdi seus brincos novamente. Desta vez, acho que se foram para sempre. Sinto muito.

— Não se desculpe. Eles já estavam perdidos, lembra-se? E não estou mais preocupada com Harold e Jan, porque agora tenho um amigo para me ajudar, quando as pessoas não me tratarem direito, ou quando estiver com medo. Não tenho?

— Tem. Claro que tem.

Ela passou os braços em torno dele, abraçou-o e beijou-o mais uma vez. Aparentemente Lois não esquecera nadinha do que aprendera em matéria de beijos, e Ralph teve a impressão de que ela aprendera um bocado.

— Agora vá para o chuveiro. — Ele começou a dizer que achava que iria dormir no momento em que metesse a cabeça debaixo de uma corrente de água morna, mas ela acrescentou uma coisa que o fez mudar de idéia bem depressa. — Não fique ofendido, mas você está com um cheiro esquisito, principalmente nas mãos. É o mesmo cheiro com que meu irmão Vic chegava em casa depois de passar o dia limpando peixe.

Dois minutos depois, Ralph estava no chuveiro ensaboado até a cabe-

ça.

10

QUANDO ele saiu, Lois estava submersa em dois fofos edredons. Só deixara

fora o rosto, e assim mesmo do nariz para cima. Ralph atravessou o quarto rápido, só de cuecas e penosamente consciente de suas pernas finas e da barriguinha estufada. Puxou as cobertas e entrou rápido debaixo delas, ofegando um pouquinho quando os lençóis frios deslizaram por sua pele aquecida.

Lois escorregou na mesma hora para o seu lado, abraçando-se com ele.

Ralph encostou o rosto nos cabelos dela e deixou-se descansar assim. Era muito bom estar com Lois debaixo das cobertas, enquanto o vento uivava e soprava em rajadas do lado de fora, por vezes com tanta força que sacudia as telas de tempestade nas molduras. Era, na verdade, o paraíso.

— Graças a Deus tem um homem na minha cama — Lois disse sonolenta.

— Graças a Deus sou eu — respondeu Ralph, e ela riu.

— Suas costelas estão bem? Você quer que vá buscar uma aspirina para você?

— Não. Tenho certeza de que vão voltar a doer amanhã de manhã, mas no momento a água quente parece ter descontraído todos os meus músculos. — A menção do que poderia ou não acontecer pela manhã levantou uma pergunta em sua mente.. que provavelmente estivera ali todo o tempo à espera. — Lois?

— Hummmm?

Mentalmente Ralph se viu despertando no escuro, profundamente cansado mas sem um pingo de sono (o que era sem dúvida um dos paradoxos mais cruéis do mundo), enquanto os números do relógio digital muda-vam tediosamente de 3h47 para 3h48. A noite escura da alma, de F. Scott Fitzgerald, em que cada hora era bastante longa para se construir a grande pirâmide de Quéops.

— Você acha que vamos dormir até amanhã? — ele perguntou.

— Acho — ela respondeu sem hesitar. — Vamos dormir otimamente.

Um instante depois era o que Lois estava fazendo.

11

RALPH continuou acordado, talvez mais uns cinco minutos, apertando-a em seus braços, aspirando a mistura de perfumes que se desprendia de sua pele morna, regalando-se com o acetinado macio e sensual sob suas mãos, maravilhando-se mais com o estar ali do que com os acontecimentos que o tinham trazido ali. Estava mergulhado em uma emoção simples e profunda, que reconhecia mas

não conseguia nomear de pronto, talvez porque estivesse ausente de sua vida há tanto tempo.

O vento soprava em rajadas e gemia do lado de fora, produzindo outra vez aquele som cavo de pio de coruja, na ponta da calha — como se o maior Nirvana Boy do mundo estivesse soprando na boca da maior garrafa de refrigerante do mundo — e ocorreu a Ralph que talvez não houvesse nada melhor na vida do que deitar numa cama macia com uma mulher dormindo em seus braços, enquanto o vento de outono rugia do lado de fora do seu abrigo seguro.

Só que *havia* uma coisa melhor — pelo menos uma coisa — e era a sensação de adormecer, de entrar suavemente por aquela boa noite, sair deslizando pelo desconhecido do jeito que uma canoa se afasta do ancoradouro e desliza pela corrente de um rio largo e manso num claro dia de verão.

De todas as coisas que compõem a nossa existência de Vidas-Curtas, o sono é certamente a melhor, pensou Ralph.

O vento tornou a soprar do lado de fora (o seu ruído agora parecia vir de uma grande distância) e, quando sentiu a correnteza do grande rio levá-lo, ele finalmente foi capaz de identificar a emoção que vinha experimen-tando desde que Lois pusera seus braços em volta dele e adormecera com a facilidade de uma criança confiante. Era conhecida por muitos nomes —paz, serenidade, satisfação — mas agora, quando o vento soprava e Lois fazia algum ruído surdo de satisfação onírica no fundo da garganta, parecia a Ralph que era uma das raras coisas que são conhecidas mas essencialmente indizíveis: uma textura, uma aura, talvez um nível inteiro do ser naquela coluna de existência.

Era o castanho-avermelhado suave do descanso; era o silêncio que se segue à realização de alguma tarefa árdua mas necessária.

Quando o vento soprou de novo, trazendo no bojo o som de sirenes distantes, Ralph não o ouviu. Adormecera. Uma vez sonhou que se levantara para usar o banheiro, e supunha que isto talvez não tivesse sido sonho.

Outra vez sonhou que ele e Lois tinham feito amor, lenta e docemente, e isto talvez não tivesse sido sonho, tampouco. Se tinha havido outros sonhos ou momentos de vigília, ele não se lembrava, e desta vez não houve nenhum despertar brusco às três nem às quatro horas da manhã. Eles dormiram —por vezes separados, mas a maior parte do tempo juntinhos — até pouco depois das sete horas da noite de sábado; umas vinte e duas horas ao todo.

Lois preparou um café da manhã ao pôr-do-sol — waffles esplendidamente fofos, bacon e batatas fritas. Enquanto ela cozinhava, Ralph tentava exercitar aquele músculo enterrado no fundo de sua mente — criar aquela sensação de *piscadela.* Não conseguiu. Quando Lois tentou, também não foi capaz, embora Ralph pudesse jurar que, por um instante, ela piscara, e ele vira o fogão através dela.

— Tanto melhor — declarou ela, trazendo os pratos para a mesa.

— Também acho — concordou Ralph, mas ainda sentia que teria preferido perder a aliança que Carolyn lhe dera ao invés da que tirara de Átropos, como se um objeto pequeno mas essencial tivesse rolado para fora de sua vida com uma piscadela e um reflexo de luz.

12

APÓS mais duas noites de sono saudável e ininterrupto, as auras tinha começado a esmaecer, também. Na semana seguinte, tinham desaparecido, e Ralph começou a questionar se talvez a coisa toda não fosse apenas um sonho estranho. Ele sabia que não fora, mas ficava cada vez mais difícil acreditar no que realmente sabia. É claro que havia a cicatriz entre o cotovelo e o pulso do seu braço direito, mas ele chegou a se perguntar se não a teria feito há muito tempo, naquela época de sua vida em que não havia fios brancos em seus cabelos e ele ainda acreditava, no fundo do coração, que a velhice era um mito, ou um sonho, ou uma coisa reservada às pessoas menos especiais que ele.

EPÍLOGO:

DANDO CORDA NO RELÓGIO DA MORTE

(II)

Se espio por cima do ombro vejo seu vulto

e sigo caminhando, como alguém no mato

ouve à noite o som de passos que se aproximam

e pára para escutar: então, ao invés do silêncio

ouve uma criatura que tenta ser silente.

Que mais pode fazer senão correr? Foge às cegas

pelo caminho, tropeça, bate-se contra os galhos secos;

e o outro sempre mais próximo, mas realmente não chega

a acelerar nem perde o fôlego, apenas acossa a presa.

— Stephen Dobyns

Caça

Se eu tivesse asas, te levaria a voar;

Se eu tivesse dinheiro, te daria a porra da cidade

Se eu tivesse força, te ajudaria na necessidade;

Se eu tivesse uma lanterna, iluminaria teu caminhar,

Se eu tivesse uma lanterna, iluminaria teu caminhar.

— Michael McDermott

Lanterna

1

EM 2 de janeiro de 1994, Lois Chasse tornou-se Lois Roberts. Seu filho, Harold, levou-a ao altar. A mulher de Harold não compareceu à cerimônia; ficou em Bangor pretextando, na opinião de Ralph, um suspeitíssi-mo caso de bronquite. Mas guardou as suspeitas para si, pois não sentia o menor desapontamento com a ausência de Jan Chasse. O padrinho do noivo foi o detetive John Leydecker, que

ainda trazia o braço direito engessado mas não exibia outras marcas da missão que quase o matara. Tinha passado quatro dias em coma, mas sabia a sorte que tivera; além do polícia estadual ao seu lado na hora da explosão, mais seis tiras haviam morrido, dois deles membros da equipe que Leydecker escolhera a dedo.

A madrinha da noiva foi sua amiga Simone Castonguay e, na recepção, quem fez o primeiro brinde foi um sujeito que gostava de dizer que antigamente se chamava Joe Wyze, mas agora estava mais velho e mais sábio, portanto, Wyzer. Trigger Vachon secundou-o com um brinde em inglês estropiado, mas sincero, que concluía fazendo votos de que ―Esses dois vivam até cento e cinqüenta anos, sem ter um só dia de reumatismo ou prisão de ventre!‖

Quando Ralph e Lois deixaram o salão de recepção, com os cabelos ainda cheios de grãos de arroz atirados principalmente por Faye Chapin e os outros velhos Coroas da Avenida Harris, um velho com um livro na mão e uma tênue nuvem de cabelos brancos flutuando em torno de sua cabeça veio ao encontro dos noivos. Tinha um largo sorriso no rosto.

— Felicidades, Ralph — falou. — Felicidades, Lois.

— Obrigado, Dor — respondeu Ralph.

— Sentimos sua falta — comentou Lois. — Você não recebeu nosso

convite? Faye prometeu que o entregaria.

— Ah, ele entregou, sim. Claro que sim, entregou, mas não vou a festas em lugares fechados. Muito abafado. Os enterros são ainda piores. Tome, trouxe isso para vocês. Não embrulhei para presente, porque a artrite nos dedos está muito forte agora para fazer isso.

Ralph recebeu o presente. Era um livro de poemas chamado *Concurring Beasts*. O nome do poeta, Stephen Dobyns, provocou-lhe um friozinho estranho, mas ele não teve muita certeza do porquê.

— Obrigado — agradeceu a Dorrance.

— Não é tão bom quanto suas últimas obras, mas é bom. Dobyns é muito bom.

— Vamos lê-lo um para o outro na lua-de-mel — disse Lois.

— É um bom momento para se ler poemas — concordou Dorrance.

— Talvez o melhor momento. Tenho certeza de que os dois serão muito felizes

juntos.

Ele começou a se afastar, então olhou para trás.

— Vocês fizeram um grande trabalho. Os Longas-Vidas ficaram muito satisfeitos.

E foi-se embora.

Lois olhou para Ralph.

— De que é que ele estava falando? Você sabe?

Ralph sacudiu a cabeça. Não sabia, não com certeza, embora sentisse que *devia* saber. A cicatriz em seu braço começou a formigar como às vezes fazia, uma sensação que era quase como um comichão antigo.

— Vidas-Longas — ela falou pensativa. — Talvez estivesse se referindo a nós, Ralph, afinal de contas não somos nenhum franguinho, não é mesmo?

— É, provavelmente é o que ele *quis* dizer — concordou Ralph, mas sabia que não. . e os olhos de Lois diziam que, lá no fundo, ela também sabia que não.

2

NAQUELE mesmo dia, e no mesmo instante em que Ralph e Lois diziam o sim, um certo beberrão de aura verde-viva — que realmente tinha um tio em Dexter, embora o tio não visse esse sobrinho imprestável, há cinco anos ou mais — andava perambulando pelo parque Strawford, apertando os olhos para se proteger do formidável reflexo do sol na neve. Procurava latas e garrafas retomáveis. Suficientes para comprar meio litro de uísque seria legal, mas meio litro de vinho Night Train também servia.

Não muito longe do banheiro marcado HOMENS, ele divisou um forte brilho metálico. Provavelmente era apenas o sol refletindo-se numa tam-pinha de garrafa, mas tais coisas precisavam ser verificadas. Poderia ser uma moeda de dez centavos. . embora para um beberrão a coisa realmente parecesse ter um brilho de ouro. Ela. .

— Caramba! — exclamou, apanhando a aliança de ouro caída misteri-osamente sobre a neve. Era um anel largo, certamente de ouro. Inclinou-o para ler a gravação do lado de dentro: HD-ED 5.8.87.

Meio litro? Que nada. Esta gracinha ia lhe garantir um litro. Muitos litros.

Possivelmente uma *semana* de litros.

Quando atravessou correndo o cruzamento da Witcham com a Jackson, a mesma em que uma vez Ralph Roberts quase desmaiara, o beberrão não chegou a ver o ônibus que se aproximava. O motorista o viu, meteu o pé no freio, mas o ônibus deslizou numa placa de gelo.

O beberrão jamais soube o que o atingiu. Num momento debatia se devia comprar Old Crow ou Old Grand-Dad; no momento seguinte, fizera a passagem para as trevas que aguardam todos nós. O anel rolou para dentro de um bueiro, e lá permaneceu durante muito, muito tempo. Mas não para sempre. Em Derry, as coisas que desaparecem pelo sistema de esgotos têm um jeito — muitas vezes inoportuno — de reaparecer.

3

RALPH e Lois não viveram felizes para sempre.

Na realidade não há ―para sempre‖ no mundo dos Vidas-Curtas, sejam felizes ou não, um fato que Cloto e Láquesis, sem dúvida, conheciam muito bem. Mas o casal realmente viveu feliz por muito tempo. Nenhum dos dois queria declarar francamente que aqueles eram os anos mais felizes de suas vidas, porque se lembravam dos primeiros cônjuges com amor e afeição, mas, no íntimo, ambos consideravam aqueles os mais felizes. Ralph não tinha muita certeza se o amor de outono seria o mais rico, mas acabou acreditando piamente que era o mais ameno e satisfatório.

Nossa Lois, ele dizia muitas vezes, e dava risadas. Lois fingia se irritar com a frase, mas tal irritação nunca passou de fingimento; ela via a expressão dos olhos de Ralph quando dizia aquilo.

Na primeira manhã de Natal como marido e mulher (ele se mudou para a casinha ordeira de Lois e pôs o seu rinoceronte branco à venda), Lois deu a Ralph uma cachorrinha beagle.

— Gostou? — perguntou apreensiva. — Por pouco não a comprei, Dear Abby diz que *jamais* se deve dar bichos de presente, mas a bichinha tinha um ar tão meigo na vitrine.. e tão *triste*. . se você não gostar dela, ou não quiser passar o resto do inverno tentando treinar um filhote a não fazer pipi no chão, é só dizer. Arranjaremos alguém..

— Lois — ele respondeu, tentando dar à sobrancelha aquele arqueado irônico especial de Bill McGovern — você está se atropelando.

— Estou?

— Está. É uma coisa que faz quando está nervosa, mas pode parar de se sentir nervosa agora. Adorei essa mocinha. — E não era exagero; apaixonara-se pela cadelinha beagle, preta e conhaque, quase à primeira vista.

— Que nome vai dar a ela? — Lois perguntou. — Já tem idéia?

— Claro que tenho. Rosalie.

4

OS QUATRO anos seguintes foram, de um modo geral, bons para Helen e Nat Deepneau, também. Moraram modestamente num apartamento do lado leste da cidade durante algum tempo, sobrevivendo com o salário de bibliotecária de Helen, mas sem fazerem muito mais que isto. O chalezinho na rua de Ralph fora vendido, mas ela gastara a maior parte do dinheiro no pagamento de contas atrasadas. Então, em junho de 1994, recebeu uma dádiva inesperada da companhia de seguros. . só que o promotor dessa dádiva foi John Leydecker.

Primeiramente a companhia de seguros recusara-se a pagar a apólice de seguro de vida de Ed Deepneau, alegando que ele se suicidara. Depois de muito palavrório e reclamação, a companhia ofereceu um bom acordo. Foram convencidos por um companheiro de pôquer de John Leydecker, chamado Howard Hayman. Quando não estava jogando variantes do pôquer, Hayman era um advogado que gostava de comer às custas das companhias de seguros.

Leydecker reencontrara Helen na casa de Ralph e Lois em fevereiro de 1994, ficara absolutamente fascinado por ela (―Nunca foi realmente amor,‖

ele confessou a Ralph e Lois depois, ―o que provavelmente foi uma sorte, considerando-se o rumo que as coisas tomaram‖), e a apresentara a Hayman, porque achou que a companhia de seguros estava tentando passá-la para trás. ―Ele era louco e não, suicida‖ — Leydecker falou e manteve essa opinião até muito depois de Helen ter-lhe entregado o chapéu e apontado a porta da rua.

Confrontada com um processo judicial em que Howard Hayman ameaçava fazer a companhia de seguros parecer o vilão Snidely Whiplash amar-rando Little Nell aos trilhos do trem, Helen recebeu um cheque de setenta mil dólares. Em fins do outono de 1994, ela usou a maior parte do dinheiro para comprar uma casa na avenida Harris, um pouco acima de sua casa antiga e bem defronte da de Harriet Benningan.

— Nunca fui realmente feliz no lado leste — ela comentou com Lois num dia de novembro daquele ano. As duas voltavam de um passeio no parque e Natalie desmontara profundamente adormecida no carrinho; sua presença era pouco mais que a pontinha cor-de-rosa do nariz e o vapor da respiração sob uma grande touca de esquiar que a própria Lois tricotara. —

Costumava sonhar com a avenida Harris. Não é uma maluquice?

— Acho que os sonhos *nunca* são maluquices — respondeu Lois.

Helen e John Leydecker namoraram quase todo aquele verão, mas nem Ralph nem Lois ficaram particularmente surpresos quando o namoro terminou abruptamente, depois do feriado de setembro, ou quando Helen começou a usar um discreto alfinete com um triângulo rosa nas blusas discretas de bibliotecária. Talvez não se surpreendessem porque eram suficientemente velhos para terem visto de tudo pelo menos uma vez, ou talvez, em algum nível mais profundo, continuassem a vislumbrar as auras que rodeavam as coisas, o portal colorido que dava acesso a uma cidade secreta de significados ocultos, motivações encobertas e agendas dissimuladas.

5

RALPH e Lois serviam de babá para Natalie, com freqüência, depois que Helen voltara para a avenida Harris, e apreciavam imensamente tais o-

portunidades. Nat era a criança que seu casamento poderia ter produzido se tivesse ocorrido trinta anos antes; o dia de inverno mais frio e escuro se a-quecia e clareava quando Natalie entrava com seus passinhos inseguros, parecendo uma versão anã do dirigível da Goodyear no seu macacão cor-de-rosa, acolchoado para neve, com as luvas penduradas nos punhos, e gritava alegremente: ―Oi, Walf! Oi, Roliss! Vim bisitar ocês!‖

Em junho de 1995, Helen comprou um Volvo recondicionado. Na traseira, colou um adesivo com os dizeres: UMA MULHER PRECISA DE

HOMEM COMO UM PEIXE PRECISA DE BICICLETA. Tal sentimen-

to tampouco surpreendeu particularmente a Ralph, mas a visão do adesivo sempre o fazia infeliz. Às vezes, ele pensava que a pior herança que Ed deixara à sua viúva estava resumida nessa idéia amargurada que não chegava a ter graça e, quando a via, Ralph freqüentemente se lembrava da aparência de Ed naquela tarde de verão, em que ele saíra do mercadinho para enfrentá-lo.

Ed estava sentado, sem camisa, sob a chuva produzida pelo regador automático de jardim. Havia uma gota de sangue em uma lente dos seus óculos.

Ele se curvara para a frente, encarando Ralph com seus olhos sérios e inteligentes, e dissera que, quando a burrice atingia determinado nível, tornava-se difícil conviver com ela.

Depois daquilo, começaram a acontecer coisas, Ralph por vezes pensava. Que coisas exatamente, ele já não conseguia lembrar, e talvez fosse melhor assim.

Mas este lapso de memória (se é que era isso) não mudava sua crença de que Helen fora tapeada, que de uma forma pouco clara. . um destino mal-humorado amarrara uma lata em seu rabo e ela nem sabia disso.

6

UM mês depois que Helen comprou o Volvo, Faye Chappin sofreu um ataque cardíaco enquanto compunha uma lista preliminar de competidores para o Clássico de Xadrez da Pista 3. Foi levado para o Derry Home, onde faleceu sete horas mais tarde. Ralph visitou-o pouco antes do fim e, quando viu os números na porta — 315 — foi engolfado por uma forte sensação de *déjà vu.* Primeiro pensou que fosse porque CaroLyn terminara sua última doença logo adiante naquele corredor, e então se lembrou que Jimmy V. morrera naquele mesmo quarto. Ele e Lois tinham-no visitado pouco antes do fim e Ralph achava que Jimmy reconhecera os dois, embora não tivesse certeza; suas lembranças da época em que realmente começara a prestar atenção em Lois eram confusas e vagas em sua mente. Supunha que parte disso se devia ao amor, e outro tanto provalmente à passagem dos anos, mas a maior parte provavelmente se devia à insônia — passara por um grande sofrimento nos meses que se seguiram à morte de Carolyn, embora o problema se resolvesse com o tempo, como tantas vezes acontece. Contudo, parecia-lhe que alguma coisa

([*alô mulher alô homem estávamos à sua espera*])

muito extraordinária acontecera naquele quarto, e quando tomou a mão seca e mole de Faye e sorriu para seus olhos atemorizados e confusos, ocorreu-lhe um estranho pensamento: *Eles estão parados bem ali no canto nos observando.*

Então espiou. Não havia ninguém no canto, naturalmente, mas por um instante.. apenas por um instante..

7

A VIDA entre os anos de 1993 e 1998 transcorreu como transcorre a vida em lugares como Derry; a brotação de abril se transformou nas folhas quebradiças e esvoaçantes de outubro; as árvores de Natal foram levadas para casa em meados de dezembro e despejadas nas caçambas de lixo, com os fios de papel prateado ainda pendurados tristemente em seus galhos, durante a primeira semana de janeiro; os bebês chegaram pela porta de entrada e os velhos foram embora pela porta de saída. Por vezes gente no auge da vida ia embora pela porta de saída, também.

Em Derry houve cinco anos de cortes de cabelos e permanentes, tempestades e festas de formatura, cafés e cigarros, jantares de filé mignon no Parker‘s Cove e cachorros-quentes no campo da Liga Mirim. Moças e rapazes se apaixonaram, bêbados caíram dos carros, as saias curtas caíram de moda. As pessoas renovaram seus telhados e recimentaram as entradas das garagens. Velhos vagabundos perderam as eleições para cargos públicos; novos vagabundos os substituíram. Foi a vida, muitas vezes insatisfatória, freqüentemente cruel, em geral chata, por vezes linda, ocasionalmente estimulante. As coisas fundamentais continuaram a vigorar durante o tempo que passou.

No início do outono de 1996, Ralph se convenceu de que tinha um câncer no colo do intestino. Começara a encontrar mais do que vestígios de sangue em suas fezes e, quando finalmente foi consultar o Dr. Pickard (o substituto alegre e descabelado do Dr. Litchfield) foi com visões de camas de hospital e sessões de quimioterapia dançando sombriamente na cabeça.

Ao invés de câncer, o problema era uma hemorróida que na frase memorá-vel do Dr. Pickard tinha ―dado a louca‖. Ele prescreveu supositórios, que Ralph levou à Rite Aid mais abaixo na rua. Joe Wyzer leu a receita, e sorriu animado para Ralph.

— Que merda — falou — mas acaba com o câncer de colo, você não concorda?

— A idéia de um câncer jamais passou pela minha cabeça — Ralph respondeu secamente.

Um dia, durante o inverno de 1997, Lois resolveu que queria escorregar por sua encosta preferida no parque Strawford, no trenó de plástico, tipo disco voador, de Nat Deepneau. Ela ―desceu mais rápido do que porco besuntado em calha de transporte‖ (a frase foi de Don Veazie; por acaso estava lá naquele dia, apreciando o movimento) e colidiu com a lateral do banheiro marcado MULHERES. Lois contundiu o joelho e torceu a coluna e, embora Ralph soubesse que isso não se faz — porque é, no mínimo, antipático — rolou de rir

durante quase todo o trajeto até o pronto-socorro. O

fato de Lois também rir às gargalhadas apesar da dor não ajudou Ralph a se controlar. Riu até as lágrimas rolarem de seus olhos e chegou a pensar que ia ter um enfarto. Ela parecera tão *Nossa Lois* descendo a encosta naquela coisa, girando sem parar de pernas cruzadas, como aqueles iogues do Misterioso Oriente, e quase derrubara o banheiro na colisão. Estava inteiramente curada na altura em que a primavera chegou, embora aquele joelho sempre doesse nas noites chuvosas e ela se *agastasse* ao ouvir Don Veazie perguntar, quase sempre que a via, se tinha mergulhado em mais alguma latrina ultimamente.

8

APENAS a vida, transcorrendo como sempre — ou seja, principalmente nas entrelinhas e nas margens. É o que acontece enquanto fazemos nossos planos, segundo um sábio desses, e se a vida foi excepcionalmente boa para Ralph Roberts naqueles anos, talvez fosse porque ele não fizera outros planos. Cultivou a amizade de Joe Wyzer e John Leydecker, mas seu melhor amigo durante aqueles anos foi sua mulher. Iam a quase toda parte juntos, não tinham segredos um para o outro, e brigavam tão raramente, que se poderia dizer que nunca brigavam. Ele também tinha Rosalie, a beagle, a cadeira de balanço que herdara do Sr. Chasse, e as visitas quase diárias de Natalie (que passara a chamá-los de Ralph e Lois ao invés de Walf e Roliss, uma mudança que nenhum dos dois considerara um progresso). E go-zava de boa saúde, o que talvez fosse o melhor de tudo. Era apenas a vida, cheia dos prêmios e percalços Vidas-Curtas, e Ralph viveu-a com satisfação e serenidade até meados de maio de 1998, quando acordou certa madrugada, olhou para o relógio digital ao lado da cama e viu que eram 5h49.

Continuou deitado quieto, junto de Lois, sem querer levantar-se para não perturbá-la, intrigado com o que o teria acordado.

Então ouviu.

Você sabe o quê, Ralph.

Não, não sei.

Sabe, sim. Escute.

Então ele escutou. Escutou com toda a atenção. E, decorrido algum tempo, começou a ouvir a coisa nas paredes: o tiquetaquear baixo e suave do relógio da morte.

9

RALPH acordou às 5h47 na manhã seguinte, e às 5h44 na seguinte àquela. Seu sono foi sendo desbastado, minuto por minuto, enquanto o inverno lentamente afrouxava sua garra sobre Derry e permitia à primavera encontrar o caminho de retorno. Pela altura de maio, ele estava ouvindo o tiquetaquear do relógio da morte por toda parte, mas compreendia que vinha de um único lugar, de onde apenas se projetava, como um bom ventrí-loquo é capaz de projetar a voz. Antes, vinha de Carolyn. Agora, vinha dele mesmo.

Não sentiu o terror que o assaltara quando teve a certeza de estar com câncer, nem tampouco o desespero que vagamente lembrava ter sentido no período anterior de insônia. Cansava-se mais depressa e começava a achar difícil se concentrar e se lembrar das coisas mais simples, mas aceitava calmamente o que estava lhe acontecendo.

— Você está dormindo bem, Ralph? — Lois perguntou-lhe um dia. —

Está com olheiras enormes debaixo dos olhos.

— São as drogas — respondeu Ralph.

— Muito engraçado, seu velho paspalho.

Ralph tomou Lois nos braços, e abraçou-a.

— Não se preocupe comigo, querida, estou dormindo tudo que preciso.

Uma semana depois, ele acordou às 4h02, com um fio de calor profundo latejando no braço — latejando em perfeita sincronia com o som do relógio da morte que era, é claro, nada mais nada menos que as batidas do seu próprio coração. Mas a coisa não era o seu coração, ou pelo menos Ralph achava que não era; dava a impressão de um filamento elétrico embutido na carne de seu antebraço.

É a cicatriz, ele pensou, e em seguida: *Não, é a promessa. Chegou a hora de cumprir a promessa.*

Que promessa, Ralph? Que promessa?

Ele não sabia.

10

UM dia, no início de junho, Helen e Nat apareceram para fazer uma visita e para contar a Ralph e Lois a visita que tinham feito a Boston com a

―tia Melanie‖, uma caixa de banco de quem Helen se tornara amiga íntima.

Helen e tia Melanie tinham ido a uma espécie de convenção feminista, enquanto Natalie entrava em rede com um bilhão de amiguinhos novos na creche diurna, depois tia Melanie viajara para outras atividades feministas em Nova Iorque e Washington. Helen e Nat continuaram em Boston mais uns dias, fazendo turismo.

— Fomos ao cinema ver um desenho animado — contou Natalie.

— Era uma história de bichos na floresta. E eles falavam! — Pronunciou esta última palavra com uma grandiosidade shakespeariana.

— Filmes em que os bichos falam são legais, não são? — Lois perguntou.

— São! E também ganhei este vestido novo!

— É um vestido muito bonito! — Lois comentou.

Helen observava Ralph.

— Você está bem, amigo velho? Parece abatido e até agora não disse nenhuma palavra.

— Nunca me senti melhor — ele respondeu. — Só estava aqui admirando como vocês duas ficam engraçadinhas com esses bonés. Compraram em Fenway Park?

Helen e Nat estavam usando bonés do Boston Red Sox. Eram muito comuns na Nova Inglaterra durante o calor (―mais comum que titica de gato‖, diria Lois), mas a visão dos bonés na cabeça das duas evocou em Ralph um sentimento ressonante, profundo. . e ligado a uma certa imagem, que ele não conseguiu compreender, a frente do mercadinho.

Nesse meio tempo, Helen tinha tirado o boné e o examinava.

— Compramos — respondeu. — Fomos até lá, mas só assistimos a três tempos. Homens lançavam bolas e apanhavam bolas. Acho que ultimamente não ando com muita paciência para os homens e suas bolas. . mas gostamos desses bonés Bosox, maneiros, não é, Natalie?

— É! — Nat concordou com vivacidade, e quando Ralph acordou na manhã

seguinte às 4h01, a cicatriz vibrava seu fiozinho de calor dentro do seu braço e o relógio da morte quase parecia ter adquirido voz, uma voz que sussurava sem parar um nome estranho, de som alienígena: *Átropos. . Átropos. . Átropos.*

Conheço esse nome.

Conhece mesmo, Ralph?

Era um cara com um bisturi enferrujado e um tremendo mau caráter, um cara que me chamava de Coroa, um cara que levou. . levou. .

Levou o quê, Ralph?

Ralph estava se habituando a essas discussões silenciosas; pareciam ocorrer em alguma faixa de rádio mental, uma freqüência pirata que operava somente de madrugada, nas horas em que ele ficava acordado ao lado da mulher adormecida, esperando o sol se levantar.

Levou o quê? Você se lembra?

Ele não *esperava* se lembrar; as perguntas que aquela voz lhe fazia quase sempre ficavam sem resposta mas, desta vez, inesperadamente a resposta não tardou.

O chapéu de Bil McGovern, naturalmente. Átropos levou o chapéu de Bill McGovern, e uma vez deixei-o tão enfurecido que ele arrancou às dentadas um pedaço da aba do chapéu.

Quem é ele? Quem é Átropos?

Disso não tinha muita certeza. Só sabia que havia alguma ligação entre Átropos e Helen, que agora possuía um boné do Boston Red Sox, de que parecia gostar muito, e que ele era dono de um bisturi enferrujado.

Em breve, pensou Ralph Roberts deitado no escuro, escutando o tiquetaquear leve e constante do relógio da morte nas paredes. *Em breve saberei.*

11

DURANTE a terceira semana daquele junho de assar os miolos, Ralph recomeçou a ver as auras.

12

QUANDO junho escorregou para julho, Ralph viu-se tendo acessos de choro com freqüência e, em geral, sem nenhuma razão discernível. Era estranho, não

se sentia deprimido nem insatisfeito mas, às vezes, olhava para alguma coisa — talvez um pássaro voando solitário no céu — e seu cora-

ção vibrava *com* um sentimento de tristeza e perda.

Está quase no fim, a voz interior disse. Já não pertencia a Carolyn nem a Bill, nem mesmo a um Ralph mais jovem; tornara-se independente, a voz de um estranho, embora não fosse necessariamente má. *É por isso que você está triste, Ralph.*

É perfeitamente normal se entristecer quando as coisas começam a descambar.

Não está nada no fim! — Ralph gritou em resposta. *Por que estaria? No meu último check-up médico, o Dr. Pickard disse que eu estava vendendo saúde! Estou ótimo! Nunca estive melhor na vida!*

A voz interior silenciou. Mas era um silêncio de quem *sabe* das coisas.

13

— MUITO bem — Ralph exclamou em voz alta, certa tarde quente de fins de julho. Achava-se sentado em um banco, não longe do lugar onde se erguera a velha chaminé de Derry até 1985, quando aquele grande temporal a derrubara. Na base do morro, junto ao banho dos passarinhos, um rapaz (um sério observador de pássaros, a julgar pelos binóculos que usava e a grossa pilha de livros que havia ao seu lado na grama) fazia anotações meticulosas no que parecia uma espécie de diário. — Muito bem, me diga *por que* está quase no fim. Me diga apenas isso.

Não houve resposta imediata, mas Ralph não se importou; estava disposto a esperar. Fizera uma boa caminhada até ali, o dia estava quente e ele, cansado. Agora andava acordando por volta das três e meia todos os dias.

Recomeçara a fazer longas caminhadas, mas sem esperar que o ajudassem a dormir melhor ou por um tempo maior; imaginava-se fazendo peregrina-

ções, visitando todos os lugares de Derry de que gostava, pela última vez.

Despedindo-se.

Porque chegou a hora de cumprir a promessa, a voz respondeu, e a cicatriz recomeçou a vibrar com o seu calor fino e profundo. *A que foi feita a você e a que você fez em troca.*

— Qual foi? — ele perguntou agitado. — Por favor, se fiz uma promessa, *por que*

não consigo me lembrar dela?

O sério observador de pássaros escutou isso e olhou para o alto do morro. O que viu foi um homem sentado num banco de jardim, aparentemente falando sozinho. Os cantos da boca do sério observador de pássaros despencaram de desgosto e ele pensou: *Espero morrer antes de ficar velho assim.*

Juro que espero. Então voltou sua atenção para o banho de passarinhos e retomou suas anotações.

Lá no fundo da cabeça de Ralph, de repente, sobreveio aquela sensa-

ção de aperto — aquela *piscadela* — e embora ele não se mexesse no banco, sentiu-se impulsionado velozmente para o alto. . mais depressa e mais longe que nunca.

De jeito nenhum — a voz disse. *Uma vez você esteve muito mais alto que isso, Ralph, e Lois, também. Mas falta pouco para chegar lá. Logo você estará pronto.*

O observador de pássaros, que vivia, sem sequer saber, no centro de uma linda aura dourada, espiou cautelosamente a toda volta, talvez para se certificar de que o velho senil, sentado no banco no alto do morro, não estaria se aproximando dele furtivamente com um instrumento rombudo na mão. O que ele viu, fez a linha contraída e afetada de sua boca suavizar-se de assombro. Seus olhos se arregalaram. Ralph percebeu repentinos raios azul-anil na aura do sério observador de pássaros e concluiu que estava diante de um efeito de choque.

Que aconteceu com ele? Que é que está vendo?

Mas a pergunta estava errada. Não era o que o observador de pássaros *via;* era o que ele *não* via. Ele não via *Ralph,* porque Ralph subira suficientemente alto para desaparecer do seu nível de percepção — tornara-se o equivalente visual de uma nota soprada num apito de cachorro.

Se eles estivessem aqui agora, poderia vê-los facilmente.

Quem, Ralph? Se quem estivesse aqui?

Cloto, Láquesis. E Átropos.

Instantaneamente as peças começaram a se juntar em sua mente, como peças de um quebra-cabeça que parecera muito mais complicado do que realmente era.

Ralph, sussurando: [*— Ah meu Deus. Ah meu Deus. Ah meu Deus.*]

14

SEIS dias depois, Ralph acordou às três e quinze da manhã e soube que chegara a hora de cumprir sua promessa.

15

— ACHO que vou dar uma saída até o mercadinho e comprar uma caixa de sorvete — Ralph anunciou.

Eram quase dez horas da manhã. Seu coração batia acelerado demais e seus pensamentos estavam difíceis de localizar sob o ruído branco e constante de terror que o invadira. Nunca sentira menos vontade de comprar sorvete na vida, mas era uma desculpa razoável para uma ida ao mercadi-

nho; era a primeira semana de agosto, e a meteorologia previra que a coluna de mercúrio provavelmente atingiria trinta e dois graus no início da tarde, com aguaceiros ao anoitecer.

Ralph pensou que não teria de se preocupar com os aguaceiros.

Havia uma estante apoiada sobre folhas de jornal junto à porta da cozinha. Lois pintava-a de vermelho-galpão. Agora levantou-se, apoiou as mãos nos rins e se espreguiçou. Ralph ouviu os estalinhos minúsculos de sua coluna alongando-se.

— Vou com você. Minha cabeça vai doer hoje à noite, se eu não me afastar dessa tinta um pouco. Nem sei por que inventei de pintar num dia tão feio, para começar.

A última coisa que Ralph queria era a companhia de Lois para ir ao mercadinho.

— Não precisa, querida; trago um daqueles picolés de coco de que você gosta. Não pretendo nem levar Rosalie, está tão abafado. Por que não descansa um pouco na varanda dos fundos?

— Qualquer picolé que você trouxer de uma loja num dia como hoje estará despencando do pauzinho quando chegar aqui — Lois argumentou.

— Vamos, vamos logo, enquanto ainda tem sombra deste lado da. .

Mas não terminou. O sorriso estampado em seu rosto desapareceu.

Foi substituído por um ar de desalento, e o cinza de sua aura, que só escurecera ligeiramente durante os anos em que Ralph não a via, agora começou a refulgir com fiapos incandescentes rosa-rubros.

— Ralph, que está acontecendo? Que é que você vai realmente fazer lá?

— Nada — ele respondeu, mas a cicatriz refulgia dentro de seu braço e o tiquetaquear do relógio da morte estava por toda parte, alto e onipresen-te. Dizia-lhe que tinha um encontro marcado. Uma promessa a cumprir.

— Está, e está acontecendo nos últimos dois ou três meses, talvez há mais tempo. Sou uma mulher boba, sabia que havia alguma coisa, mas não consegui me decidir a encará-la de frente. Porque tive medo. E tinha razão para ter medo, não tinha? Eu estava certa.

— Lois. .

De repente ela cruzou a sala até ele, depressa, quase aos *pulos,* sem que o velho problema da coluna a retardasse em nada, e antes que Ralph pudesse impedi-la, ela agarrou seu braço direito, e o estendeu, olhando-o fixamente.

A cicatriz tinha um brilho forte e vermelho.

Ralph teve apenas um instante para torcer que aquilo fosse um brilho estritamente da aura e que ela não pudesse vê-lo. Então Lois ergueu os olhos arregalados e cheios de terror. Terror e mais alguma coisa. Ralph achou que essa mais alguma coisa era reconhecimento.

— Ah meu Deus — ela susssurrou. — Os homens no parque. Aqueles de nomes engraçados. . Cloro e Lascas ou qualquer coisa assim.. e um deles abriu o seu braço. Ah Ralph, ah meu Deus, *que é que você tem que fazer?*

— Vamos, Lois, não fique assim..

— *Não se atreva a me dizer para não ficar assim!* — ela gritou na cara dele.

— *Não se atreva! Não se ATREVA!*

Depressa, a voz interior sussurrou. *Não há tempo para você ficar aqui discutindo; em algum lugar a coisa já começou a acontecer, e o relógio da morte que você ouve talvez não bata só para você.*

— Tenho que ir. — Virou-se e saiu desatinado em direção à porta. Na agitação, nem reparou num certo detalhe sherlockiano que compunha a cena: o cachorro

que devia ter latido — um cachorro que sempre latia em se-vera censura quando ouvia vozes se altercando em casa — não se manifestara. Rosalie não se achava em seu posto habitual junto à porta de tela. . e a porta estava entreaberta.

Rosalie não podia estar mais distante do pensamento de Ralph naquele momento. Sentia-se como que mergulhado em melado até os joelhos, e achou que seria um feito chegar até a varanda, e outro ainda maior até o mercadinho na subida da rua. Seu coração socava e derrapava no peito; seus olhos ardiam.

— *Não!* — Lois berrou. — *Não, Ralph, por favor! Por favor não me deixe!*

Correu atrás dele, agarrou-o pelo braço.. Ainda trazia na mão o pincel, e os borrifos vermelhos que caíram em sua camisa pareceram sangue. Ela chorava agora, e sua expressão de absoluta e abjeta tristeza quase partiu o coração de Ralph. Ele não queria deixá-la naquele estado; não tinha certeza de *poder* deixá-la naquele estado.

Virou-se e segurou-a pelos braços.

— Lois, eu *tenho* que ir.

— Você não tem dormido bem — ela balbuciou. — Eu sabia, e sabia que só podia significar problemas, mas não faz diferença, vamos embora, podemos partir agora mesmo, é só apanhar a Rosalie e as escovas de dentes e ir. .

Ralph apertou seus braços e ela parou, erguendo para ele os olhos lacrimejantes. Seus lábios tremiam.

— Lois, escute aqui. *Eu tenho que fazer isso.*

— *Eu perdi Paul, não posso perder você também!* — ela choramingou. —

Não poderia suportar mais isso! Ah Ralph, eu não poderia suportar!

Você arranjará forças, ele pensou. *Os Vidas-Curtas são bem mais fortes do que parecem. Têm que ser.*

Ralph sentiu lágrimas escorrerem pelo rosto de Lois. Suspeitou que brotassem mais do cansaço do que do pesar. Se ele conseguisse fazê-la ver que sua revolta não mudaria nada, apenas tornaria mais penoso o que ele tinha de fazer. .

Afastou-a à distância dos braços. A cicatriz latejava com maior intensidade que nunca, e a sensação do tempo a se esgotar inapelavelmente se tornara avassaladora.

— Me acompanhe uma parte do caminho, se quiser — falou. — Talvez você possa até me ajudar a fazer o que preciso fazer. Eu *vivi* minha vida, Lois, e foi uma boa vida. Mas *ela* realmente ainda não viveu nada, e por nada no mundo vou deixar aquele filho da puta *levá-la* só porque tem uma conta a acertar comigo.

— Que filho da puta, Ralph, de quem é que você está falando?

— Estou falando de Natalie Deepneau. Ela deverá morrer esta manhã, só que não vou deixar isso acontecer.

— *Nat?* Ralph, por que alguém iria querer fazer mal a Nat?

Ela encarava-o perplexa, muito *Nossa Lois.* . mas será que não haveria algo mais sob aquele exterior abobado? Algo cauteloso e calculista? Ralph achava que sim. Ralph tinha a impressão de que Lois não sentia nem metade da perplexidade que fingia. Enganara Bill McGovern durante anos com aquele número — e ele também, pelo menos parte do tempo — e essa era apenas mais uma variação (e até brilhante) do velho golpe.

O que estava *realmente* tentando fazer era segurá-lo ali. Amava Nat profundamente, mas, para Lois, escolher entre o marido e a menininha que morava ali adiante não era uma escolha. Ela não achava que fosse uma questão de idade ou de justiça. Ralph era seu homem, e para Lois só isso importava.

— Não vai *funcionar* — ele falou, sem dureza. Desembaraçou-se dela e recomeçou a andar em direção à porta. — Fiz uma promessa, e estou em cima da hora.

— Quebre a promessa, então! — ela gritou, e a mescla de terror e fúria em sua voz chocou-o. — Não me lembro muito bem daquele tempo, mas me lembro que nos envolvemos com coisas que quase nos mataram, e por motivos que sequer conseguíamos compreender. Portanto, quebre-a, Ralph!

Antes a sua promessa do que o meu coração!

— E a menina? E *Helen?* Nat é a vida dela. Será que Helen não merece de mim nada melhor que uma promessa quebrada?

— Não me *interessa* o que ela merece! O que *qualquer* das duas merece!

— gritou, e então seu rosto enrugou. — Está bem, suponho que me interessa. Mas e *nós,* Ralph? Nós não contamos? — Seus olhos ibéricos, escuros e eloqüentes,

suplicaram. Se os fitasse muito tempo, tudo terminaria em choro, por isso Ralph virou o rosto.

— Pretendo cumprir a promessa, querida. Nat vai receber o que você e eu já tivemos. . outros setenta e tantos anos de dias e noites.

Ela olhou para ele desamparada, mas não fez nenhuma tentativa de detê-lo. Ao invés disso, começou a chorar.

— Velho tolo! — murmurou. — Velho tolo e voluntarioso!

— Acho que sou — respondeu, erguendo o queixo de Lois.— Mas sou um velho tolo e voluntarioso de palavra. Venha comigo. Eu gostaria que viesse.

— Está bem, Ralph. — Ela mal conseguia ouvir a própria voz, e sua pele estava fria como argila. Sua aura avermelhara quase inteiramente. — O

que é? O que vai acontecer com ela?

— Ela vai ser atropelada por um Ford sedan verde. A não ser que eu a substitua, seu corpo vai se espalhar por toda a Avenida Harris. . e Helen vai presenciar isso.

16

QUANDO subiam a avenida em direção ao mercadinho (a princípio Lois ficava para trás, depois dava uma corridinha para alcançá-lo, mas parou de fazer isso quando viu que não iria retardá-lo com um expediente tão simples), Ralph lhe contou o pouco mais que podia. Lois lembrava vagamente de ter estado sob a árvore atingida pelo raio, junto à Extensão —uma lembrança que acreditara, pelo menos até esta manhã, fazer parte de um sonho — mas naturalmente ela não estivera presente durante o confronto final de Ralph com Átropos. Ralph contou-lhe agora da morte acidental que Átropos pretendia que Nat sofresse se ele continuasse a atrapalhar seus planos. Contou-lhe que extraíra uma promessa de Cloto e Láquesis para que a ameaça de Átropos fosse anulada e Nat salva.

— Tenho a impressão de que.. a decisão foi tomada. . muito perto do topo desse edifício doido. . dessa Torre.. a que eles não paravam de se referir. Talvez... no *topo* mesmo. — Ofegava ao falar e seu coração batia mais acelerado que nunca, mas ele achou que isso se devia principalmente à caminhada rápida e ao dia escaldante; seu medo acalmara um pouco. Conversar com Lois produzira esse efeito.

Agora ele já podia ver o mercadinho. A Sra. Perrine estava no ponto do ônibus,

meio quarteirão acima, empertigada como um general passando em revista as tropas. Trazia a sacola de compras pendurada no braço. Havia um abrigo no ponto, e sombra debaixo dele, mas a Sra. Perrine, imperturbá-vel, desprezava sua existência. Mesmo com um sol ofuscante, Ralph podia ver que sua aura era o mesmo cinza-academia-militar daquela noite de outubro em 1993. De Helen e Nat ainda não havia sinal.

17

— CLARO que sabia quem ele era — Esther Perrine conta depois ao repórter do *News* de Derry. — Eu lhe pareço incompetente, rapazinho? Ou senil? Conheço Ralph Roberts há mais de vinte anos. Um bom homem.

Não era da mesma classe que sua primeira esposa, é claro — Carolyn era uma Satterwaite, dos Satterwaites de Bangor — mas um homem correto.

Reconheci o motorista daquele carro Ford, também, na hora. Pete Sullivan entregou jornal na minha porta durante seis anos, e trabalhava bem. O novo, o menino dos Morrison, sempre atira o jornal nos meus canteiros ou no telhado da varanda. Pete estava ao volante em companhia da mãe, tinha uma carteira de aprendiz, pelo que entendi. Espero que ele não vá ficar muito traumatizado com o que aconteceu, porque é um bom menino, e realmente não foi culpa dele. Vi tudo o que aconteceu e posso jurar.

— Suponho que você pense que estou fugindo do assunto. Não precisa negar; posso ler em sua cara como se estivesse impresso no seu jornal.

Mas não me importo, já disse praticamente tudo que queria dizer. Soube que foi Ralph na hora, mas tem uma coisa que você não vai entender mesmo que publique em sua reportagem. . o que provavelmente não fará. Ninguém viu de onde ele surgiu para salvar aquela menininha.

Esther Perrine *fixa* o jovem repórter respeitosamente calado com um olhar formidável — fixa-o como um lepidopterista fixaria uma borboleta com um alfinete depois de lhe dar clorofórmio.

— Não estou dizendo que *parece* que ninguém viu de onde ele surgiu, rapazinho, embora possa apostar que é isso que você vai escrever.

Ela se inclina para o repórter, sem tirar os olhos de seu rosto, e repete.

— Ninguém viu de onde ele surgiu para salvar aquela menininha. Você está me entendendo? Ninguém viu.

18

O ACIDENTE foi parar na primeira página do *News* de Derry na manhã seguinte. Esther Perrine fez comentários suficientemente pitorescos para merecer um box e, Tom Matthews, o fotógrafo da equipe, bateu uma foto para ilustrar o texto, que a fazia parecer a Ma Joad no filme *Vinhas da Ira.* A chamada do box era: ―PARECE QUE NINGUÉM VIU DE ONDE

ELE SURGIU‖INFORMA TESTEMUNHA OCULAR DA TRAGÉ-

DIA.

Quando a Sra. Perrine leu a notícia, não se surpreendeu nem um pouco.

19

— NO fim consegui o que queria — disse Ralph — mas somente porque Cloto e Láquesis, e seja lá quem for o patrão deles nos níveis superiores, estavam desesperados para deter Ed.

— Níveis superiores? Que níveis superiores? Que *edifício?*

— Não faz diferença. Você já se esqueceu, mas lembrar não vai mudar nada. A questão é justamente esta, Lois, eles não queriam deter Ed porque milhares de pessoas iam morrer se ele batesse em cheio no centro cívico.

Queriam detê-lo porque havia uma pessoa cuja vida queriam preservar a qualquer preço. . pelo menos, nos cálculos *deles.* Quando finalmente consegui convencê-los que eu sentia pela minha criança o mesmo que eles sentiam pela deles, tomaram providências.

— Foi aí que lhe cortaram, não foi? E você fez a promessa. Aquela de que você costumava falar quando dormia.

Ralph lançou a Lois um olhar arregalado, cheio de espanto, e dolorosamente infantil. Ela apenas retribuiu o seu olhar.

— Foi — respondeu enxugando a testa. — Acho que foi. — O ar em seus pulmões parecia limalha de metal. — Uma vida por uma vida, foi esse o trato: a de Natalie pela minha. E..

[*Ei! Pare de querer escapar! Pare com isso, Rover, ou vou lhe dar um chute de deixar seu cu quadrado!*]

Ralph se interrompeu ao ouvir aquela voz aguda, fanfarrona e horrivelmente familiar — uma voz que nenhum ser humano na avenida Harris conseguia ouvir a não ser ele — e olhou para o outro lado da rua.

— Ralph? Que..

— Psssiu!

Ralph puxou Lois para trás contra a cerca queimada pelo sol de verão da casa dos Applebaums. Ele não transpirava educadamente agora; seu corpo inteiro formigava com um suor malcheiroso, pesado como óleo de máquina, e sentia cada glândula de seu corpo injetando uma carga quente em seu sangue. Sua roupa de baixo estava tentando entrar pela racha das nádegas e desaparecer pelo cu a dentro. Sua língua tinha gosto de fusível queimado.

Lois acompanhou a direção do seu olhar.

— Rosalie! — ela chamou. — Rosalie, sua cachorrinha feia! Que é que *você* está fazendo aí?

A beagle preta e conhaque que ela dera de presente a Ralph em seu primeiro Natal juntos estava do outro lado da rua, parada (só que *encolhida* era realmente uma palavra mais própria) na calçada diante da casa onde Helen e Nat tinham morado até Ed endoidar. Pela primeira vez em todo o tempo que a tinham, a beagle lembrou Lois de Rosalie n□1. Rosalie n□2 parecia estar completamente sozinha ali, mas isso não afastou o súbito terror de Lois.

Ah, que foi que eu fiz? ela pensou. *Que foi que eu fiz?*

— *Rosalie!* — ela gritou. — *Rosalie, passe já para aqui!*

A cachorra ouviu, Lois percebeu que ouvira, mas não se mexeu.

— Ralph? Que está acontecendo do outro lado?

— *Psssiu!* — ele repetiu e, então, um pouco acima na avenida, Lois viu uma coisa que lhe tirou o fôlego. Sua última esperança muda de que tudo aquilo estivesse acontecendo apenas na imaginação de Ralph, de que fosse apenas uma espécie de *flashback* de suas experiências anteriores, desapareceu, porque agora a cachorrinha tinha companhia.

Segurando uma corda de pular enrolada no braço direito, Nat Deepneau, com seus seis aninhos, parou de caminhar e olhou para uma casa em que sequer lembrava de ter morado, para o gramado em que seu pai sem camisa, um

jogador indeterminado por nome Ed Deepneau, certa vez se sentara entre arcos-íris que se entrecruzavam, ouvindo o conjunto Jefferson Airplane, enquanto um gota de sangue secava em seus pequenos óculos à John Lennon. Natalie espiou rua abaixo e sorriu alegremente para Rosalie, que resfolegava e a observava com o olhar medroso e infeliz.

20

ÁTROPOS não está me vendo, pensou Ralph. Está absorto em Rosie. . e em Natalie, é claro.. e não me vê.

Tudo evoluíra com uma espécie de horrenda perfeição. A casa estava ali, Rosalie estava ali, e Átropos também estava ali, usando um chapéu puxado para trás, com aquele ar de repórter sabichão de filmes B da década de 50 — talvez algo dirigido por Ida Lupino. Só que desta vez não era um panamá a que faltava um pedaço na aba; desta vez era um boné do Boston Red Sox e era demasiado pequeno até para Átropos, porque a tira de ajuste tinha sido puxada até o último furo. Só assim pôde assentar direito na cabe-

ça da menininha, sua dona.

Só precisamos agora de Pete, o entregador de jornais e o espetáculo estará perfeito, pensou Ralph. A cena final de Insônia, ou Vidas-Curtas na avenida Harris, uma tragicomédia em três atos. Todos se despedem com uma reverência e saem pela coxia direita.

A cachorra tinha medo de Átropos, exatamente como a Rosalie n□1, e a razão principal do doutorzinho careca não ter notado Ralph nem Lois era que estava tentando impedir que Rosalie fugisse antes que ele estivesse preparado. E lá veio Nat, descendo pela calçada em direção ao cachorro que mais gostava no mundo, a Rosie de Ralph e Lois. Trazia a corda de pular (*three-six-nine hon the goose drank wine*)

pendurada no braço. Parecia impossivelmente linda e impossivelmente frágil com sua camisa marinheira e seus shorts azuis. As marias-chiquinhas balançando.

Está acontecendo depressa demais, pensou Ralph. Tudo está acontecendo depressa demais.

[*De jeito nenhum, Ralph! Você se saiu esplendidamente há cinco anos; e se sairá esplendidamente agora.*]

Parecia a voz de Cloto, mas não havia tempo para olhar. Um carro verde descia lentamente a Avenida Harris vindo do aeroporto, e deslocava-se com uma espécie de cuidado angustiante, que em geral indicava um motorista muito velho ou muito jovem. Cuidado angustiante ou não, era sem dúvida o carro; uma membrana suja cobria-o como uma mortalha.

A vida é uma roda, pensou Ralph, e ocorreu-lhe que não era a primeira vez que tal idéia lhe surgia. Mais cedo ou mais tarde tudo que você pensou ter deixado para trás torna a aparecer. Para o bem ou para o mal, torna a aparecer.

Rosie fez uma nova tentativa frustrada de recuperar a liberdade e, quando Átropos a reteve com violência deixando cair o chapéu, Nat ajoelhou-se diante dela e a acariciou.

— Você se perdeu, garota? Saiu sozinha? Não faz mal, levo você para casa. — Abraçou Rosie, entrelaçando seus bracinhos nos braços de Átropos, o rostinho bonito a menos de um palmo daquela careta sorridente. Então ela se levantou. — Vamos, Rosie! Vamos, fofa.

Rosalie começou a descer a calçada nos calcanhares de Nat, deu uma espiada no homenzinho sorridente atrás dela e ganiu inquieta. Do outro la-

do da avenida Harris, Helen saiu do mercadinho, e o último lance da visão que Átropos mostrara a Ralph se completou. Helen trazia uma fôrma de pão na mão. O boné Red Sox na cabeça.

Ralph arrebatou Lois nos braços e beijou-a com ardor. — Eu a amo de todo o coração. Lembre-se disto, Lois.

— Sei que ama — ela respondeu calmamente. — E eu também o amo.

Por isso, não posso deixar você prosseguir.

Ela o agarrou pelo pescoço, seus braços parecendo tiras de ferro, e Ralph sentiu seus seios pressionarem-no com força quando ela inspirou todo o ar que seus pulmões podiam conter.

— Vá embora, seu filho da puta nojento! — ela berrou. — Não posso vê-lo, mas sei que está aí! Vá embora! Vá embora e nos deixe em paz!

Natalie parou instantaneamente e olhou para Lois com os olhos arregalados de surpresa. Rosalie parou ao seu lado, as orelhas em pé.

— Não atravesse a rua, Nat! — Lois berrou para ela. — Não. .

Então suas mãos que tinham estado cruzadas na nuca de Ralph, não seguravam mais nada; seus braços, que prendiam os ombros dele num aperto mortal, estavam vazios.

Ele desaparecera como fumaça.

21

ÁTROPOS olhou na direção do grito de alerta e viu Ralph e Lois parados, do outro lado da avenida Harris. E, mais importante, viu que Ralph o via. Seus olhos se arregalaram; seus lábios se entreabriram num rosnado odioso. Levou uma mão à careca — riscada de velhas cicatrizes, vestígios dos cortes feitos com seu próprio bisturi — num gesto instintivo de defesa com um atraso de cinco anos.

[*Foda-se, Coroa! A cadelinha é minha!*]

Ralph viu Nat, observando Lois incerta e surpresa. Ouviu Lois gritando para a menina, dizendo-lhe para não atravessar a rua. Então ouviu a voz de Láquesis, falando de muito perto.

[*Suba, Ralph! O mais que puder! Depressa!*]

Ele sentiu o aperto no centro da cabeça, sentiu a breve vertigem no estômago e, de repente, o mundo inteiro clareou e se encheu de cores. Ele viu ao mesmo tempo que sentiu os braços e as mãos de Lois caírem no vazio, onde seu corpo estivera momentos antes, e, então, estava se afastando dela

— não, estava sendo *afastado* dela. Sentiu-se atraído por uma forte torrente e compreendeu, de maneira vaga, que, se havia o tal Superior Desígnio, acabara de juntar-se a ele e logo seria arrebatado em seu bojo rio abaixo.

Natalie e Rosalie encontravam-se agora bem em frente à casa que um dia Ralph dividira com Bill McGovern, antes de vendê-la e se mudar para a casa de Lois. Nat olhou indecisa para Lois, então lhe acenou insegura.

— Ela está bem, Lois, olhe, está bem aqui. — Acariciou a cabeça de Rosalie. — Vou atravessar ela direitinho, não se preocupe. — Então, quando desceu para a rua, gritou para a mãe. — Não consigo encontrar o meu boné de beisebol! Acho que alguém roubou ele!

Rosalie continuou na calçada. Nat virou-se para ela impaciente.

— *Vamos,* garota!

O carro verde deslocava-se em direção à menina mas muito lentamente. A princípio, não parecia lhe oferecer muito perigo. Ralph reconheceu o motorista, imediatamente, e não duvidou de seus sentidos nem suspeitou que estivesse delirando. Naquele instante, parecia muito certo de que o sedan que se aproximava fosse dirigido pelo seu antigo entregador de jornais.

— *Natalie!* — Lois berrou. — *Natalie, não!*

Átropos precipitou-se para a frente e deu uma palmada na anca de Rosalie n□2.

[*Fora daqui, vira-lata! Chispa! Antes que eu mude de idéia!*]

Átropos lançou a Ralph um último esgar quando Rosie latiu e disparou pela rua. . no caminho do Ford dirigido por Pete Sullivan de apenas dezesseis anos.

Natalie não viu o carro; olhava para Lois, cujo rosto estava vermelho e apavorado. Finalmente ocorrera a Nat que Lois não estava gritando por causa de Rosalie, mas por outra razão completamente diferente.

Pete registrou o beagle correndo; foi a menininha que ele não viu. Deu uma guinada para evitar Rosalie, uma manobra que deixou o Ford apontado diretamente para Natalie. Ralph viu dois rostos amedrontados por trás do pára-brisas quando o carro se desviou, e achou que a Sra. Sullivan estava gritando.

Átropos pulava para cima e para baixo, numa dança de marinheiros, obscenamente alegre.

[*Taí, Vida-Curta! Velho idiota! Eu disse que te ferrava!*]

Em câmera lenta, Helen largou a fôrma de pão que segurava.

— *Natalie, CUIDAAAAAAADO!* — berrou.

Ralph correu. Mais uma vez teve a clara sensação de se mover em pensamento apenas. Ao se aproximar de Nat, mergulhou com as mãos estendidas, consciente do carro que avultava além da menina, e disparava de dentro do escuro saco mortuário, flexas brilhantes de sol em seus olhos, ele apertou a mente e se transportou de volta ao mundo dos Vidas-Curtas pela última vez.

Caiu num cenário que ressoava de gritos entrecortados, os de Helen mesclados com os de Lois mesclados com os dos pneus do Ford. Entremeando-os como uma trepadeira desgrenhada, o som dos apupos de Átropos.

Ralph teve um breve vislumbre dos grandes olhos azuis de Nat, então empurrou-a

no peito e na barriga com toda a força, arremessando-a de costas com as mãos e os pés estirados para a frente. Ela aterrissou sentada na sarje-

ta, esfolando o bumbum no meio-fio, mas inteira. De algum lugar distante, Ralph ouviu Átropos grasnir de fúria e incredulidade.

As duas toneladas de Ford, ainda se deslocando a trinta e poucos quilômetros por hora, chocaram-se contra Ralph e a trilha sonora emudeceu.

Ele foi atirado para cima e para trás descrevendo um arco raso e lento —pelo menos visto de dentro *parecia* lento — e levou o enfeite do capô do Ford impresso na bochecha como uma tatuagem e uma perna fraturada arrastando-se atrás do corpo. Teve tempo para ver sua sombra escorregar abaixo dele pela rua, formando um X; teve tempo para ver um borrifo vermelho se erguer no ar e pensar que Lois devia ter respingado mais tinta nele do que pensara. E teve tempo de ver Natalie sentada na beira da rua, chorando mas sã e salva. . e de sentir Átropos, na calçada atrás dela, sacudindo os punhos no ar e sapateando de raiva.

Acho que foi um tremendo desempenho para um velhote como eu, Ralph pensou, *mas agora acho que realmente gostaria de tirar um cochilo.*

Então voltou à terra com uma pancada terrível e fatal e rolou — o crânio rachou, as costas se partiram, os pulmões foram perfurados pelos estilhaços dos ossos quando a caixa toráxica explodiu, o fígado se transformou em polpa, os intestinos deslizaram para fora e em seguida se romperam.

E nada doeu.

Nadinha.

22

LOIS jamais esqueceu o medonho baque que foi a volta de Ralph à Avenida Harris, nem as manchas de sangue que ele deixou pelo caminho até parar de rolar. Queria gritar mas não se atrevia; alguma voz profunda e verdadeira lhe dizia que se fizesse isso, a combinação do choque, horror e calor de verão a derrubariam inconsciente na calçada e, quando recuperasse os sentidos, Ralph estaria fora do seu alcance.

Correu ao invés de gritar, perdeu sapato, meio consciente de que Pete Sullivan estava desembarcando do Ford, que tinham parado exatamente no mesmo ponto em que o carro de Joe Wyzer — também um Ford — parara no dia em que Joe

atropelara Rosalie n□1 há alguns anos. Estava também meio consciente de que Pete gritava.

Ela alcançou Ralph e caiu de joelhos ao lado dele, registrando que seus contornos tinham sido de alguma forma alterados pelo Ford verde, que o corpo dentro das calças de sarja e da camisa respingada de tinta era funda-mentalmente diferente do corpo que tivera contra o seu, há menos de um minuto atrás. Mas os olhos dele estavam abertos, estavam brilhantes e conscientes.

— Ralph?

— Que foi? — Sua voz respondeu clara e forte, intocada pelo atordoamento ou pela dor. — Que foi, estou lhe ouvindo, Lois.

Ela começou a passar os braços em torno dele mas hesitou, lembrando que não se devia mexer com uma pessoa que tivesse sofrido lesões graves, porque se podia fazê-la piorar ou até matá-la. Tornou a olhá-lo, o sangue escorrendo dos cantos de sua boca e o jeito com que a parte inferior de seu corpo parecia ter desengonçado da parte superior, e concluiu que seria impossível fazer Ralph piorar mais do que já estava. Abraçou-o, então, inclinando-se sobre ele, sobre os cheiros do desastre; o do sangue e o de acetona, agridoce, que a queima da adrenalina libera na expiração.

— Desta vez você conseguiu, não foi? — Lois perguntou. Beijou o rosto de RaLph, as sobrancelhas empapadas de sangue, a testa sangrenta onde uma aba de pele pendia arrancada do crânio. E começou a chorar. —

Olhe só para você! A camisa rasgada, as calças rasgadas. . você acha que roupa dá em árvores?

— Ele está bem? — Helen perguntou às suas costas. Lois não se virou, mas viu as sombras na rua, Helen com o braço em torno dos ombros da filha em lágrimas, e Rosie parada junto à perna direita de Helen. — Ele salvou a vida de Nat e nem vi de onde ele saiu. Por favor, Lois, diga que ele está b. .

Então as sombras se mexeram quando Helen trocou de lugar para ver Ralph melhor, e puxou o rosto de Nat contra a blusa e começou a chorar.

Lois achegou-se para junto de Ralph, acariciando seu rosto com as palmas das mãos, querendo lhe dizer que pretendera acompanhá-lo — pretendera, sim, mas afinal ele fora demasiado rápido para ela. Afinal deixara-a para trás.

— Te amo, querida — Ralph disse. Ergueu o braço e imitou o gesto dela com a

mão. Tentou erguer a mão esquerda também, mas ela continuou caída na rua e apenas mexeu.

Lois apanhou sua mão e beijou-a.

— Te amo também, Ralph. Sempre. Tanto!

— Eu precisava fazer isso. Entende?

— Entendo. — Não sabia se entendia, não sabia se *jamais* entenderia. .

mas sabia que ele estava morrendo. — Entendo, sim.

Ele suspirou roucamente — o cheiro adocicado de acetona subiu até as narinas dela outra vez — e sorriu.

— Sra. Chasse? Sra. Roberts, quero dizer? — Era Pete falando aos ga-guejos. — O Sr. Roberts está bem? Por favor, me diga que não machuquei ele!

— Se afaste, Pete — ela respondeu, sem se virar. — Ralph está ótimo.

Só rasgou um pouco as calças e a camisa. . não foi, Ralph?

— Foi — ele confirmou. — Isso aí. Você só vai ter que me bater para. .

Interrompeu o que ia dizendo e olhou para a esquerda de Lois havia ninguém ali, mas Ralph sorriu mesmo assim.

— Láquesis! — exclamou.

Estendeu a mão direita trêmula e suja de sangue e, enquanto Lois, Helen e Pete Sullivan observavam, a mão se ergueu e desceu duas vezes no ar.

Os olhos de Ralph se mexeram de novo, desta vez para a direita. Devagar, muito devagarinho, ele estendeu a mão naquela direção. Quando falou, sua voz estava começando a sumir.

— Oi, Cloto. Agora se lembrem: isto. . não. . dói. Certo?

Ralph pareceu escutar e em seguida sorriu.

— É — murmurou — do jeito que você puder traçar.

A mão subiu e desceu no ar outra vez, então caiu sobre o seu peito.

Ele olhou para Lois, com seus olhos azuis-clarinhos.

— Escute — ele começou, falando com grande esforço. Seus olhos porém reluziam e retinham os dela. — Todo dia em que acordei ao seu lado foi como acordar jovem e ver. . tudo renovado. — Tentou levar a mão até o rosto dela, mas não conseguiu. — Todo dia.

— Para mim também foi assim, Ralph, como acordar jovem.

— Lois?

— Que foi?

— O tique-taque — ele falou. Engoliu em seco e repetiu, enunciando as palavras com grande esforço. — O tique-taque.

— Que tique-taque?

— Não importa, parou — disse com um sorriso radioso. Então Ralph parou, também.

23

CLOTO e Láquesis ficaram parados, vendo Lois chorar o homem que jazia morto na rua. Em uma das mãos, Cloto segurava a tesoura; levou a outra até o nível dos olhos e examinou-a pensativo.

Ela brilhava e refulgia com a aura de Ralph.

Cloto: [*Ele está aqui.. aqui dentro.. que coisa maravilhosa!*]

Láquesis ergueu a mão direita. Como a esquerda de Cloto, parecia que alguém tinha vestido uma luva azul sobre a aura auriverde normal que a envolvia.

Láquesis: [*É. Ele era um homem maravilhoso.*]

Cloto: [*Vamos dá-lo para ela?*]

Láquesis: [*E podemos?*]

Cloto: [*Há uma maneira de descobrir.*]

Eles se aproximaram de Lois. Cada um colocou a mão que Ralph apertara em uma face de Lois.

24

— MAMÃE! — Natalie Deepneau chamou. Em sua agitação, reverteu ao tatibitate da primeira infância. — Quem são os anõezinhos? Por que estão tocando Roliss?

— Quietinha, querida — falou Helen, e enterrou o rosto de Nat contra seu peito outra vez. Não havia homens, nem pequenos nem grandes, junto a Lois Roberts; ela estava ajoelhada sozinha na rua, ao lado do homem que salvara a vida de sua filha.

25

Lois ergueu os olhos de repente, arregalou-os surpresa, sua tristeza esquecida enquanto uma sensação fantástica de

(*luz azul luz*)

Calma e paz a invadiam. Por um instante, a Avenida Harris desapareceu. Encontrou-se num lugar escuro, impregnado com cheiros campestres de feno e vacas, um lugar escuro cortado por centenas de raios de luz. Ela jamais esqueceu

a violenta alegria que explodiu dentro dela naquele momento, nem a certeza de que estava vendo a representação de um universo que Ralph queria que ela visse, um universo onde havia luz ofuscante por trás das trevas. . não é o que ela estava vendo pelas frestas?

— Será que a senhora vai poder me perdoar? — Pete soluçava. — Ah meu Deus, será que a senhora vai poder me perdoar?

— Vou sim, acho que sim — respondeu Lois calmamente.

Ela passou a mão pelo rosto de Ralph, fechando seus olhos, e então apoiou sua cabeça no colo, esperando a polícia chegar. . Parecia a Lois que Ralph tinha adormecido. E, reparou, a longa cicatriz branca em seu antebra-

ço direito sumira.

—10 de setembro de 1990 — 10 de novembro de 1993.

Digitalização:

Deise

Revisão:

Sayuri

STEPHEN KING nos leva em INSÔNIA a uma impressionante viagem por planos inimagináveis da existência humana.

O que há para além do que nossos olhos são capazes de ver? Quem está ao nosso lado à espreita, quando temos a certeza de solidão absoluta? Até que ponto somos donos de nosso destino diante de poderosas forças invisíveis?

Estas e outras perguntas nos assaltam a cada segundo desta leitura de tirar o fôlego, em INSÔNIA - o maior sucesso do grande mestre do terror.

Fenômenos de hiper-realidade. Uma cidade violentamente dividida pela questão do aborto. Viagens astrais. Estas e outras emoções têm encontro com você neste livro. INSÔNIA - *um romance que deixará você de olhos bem abertos.*

ISBN 85-7302-052-0
9 788573 020525